

ANUÁRIO
da
FACULDADE de FILOSOFIA
CIÊNCIAS e LETRAS

1939-1949

Volume I

V. 1

ANUÁRIO

DA

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS

(Universidade de São Paulo)

1939 - 1949

Volume I



SECÇÃO DE PUBLICAÇÕES

1953

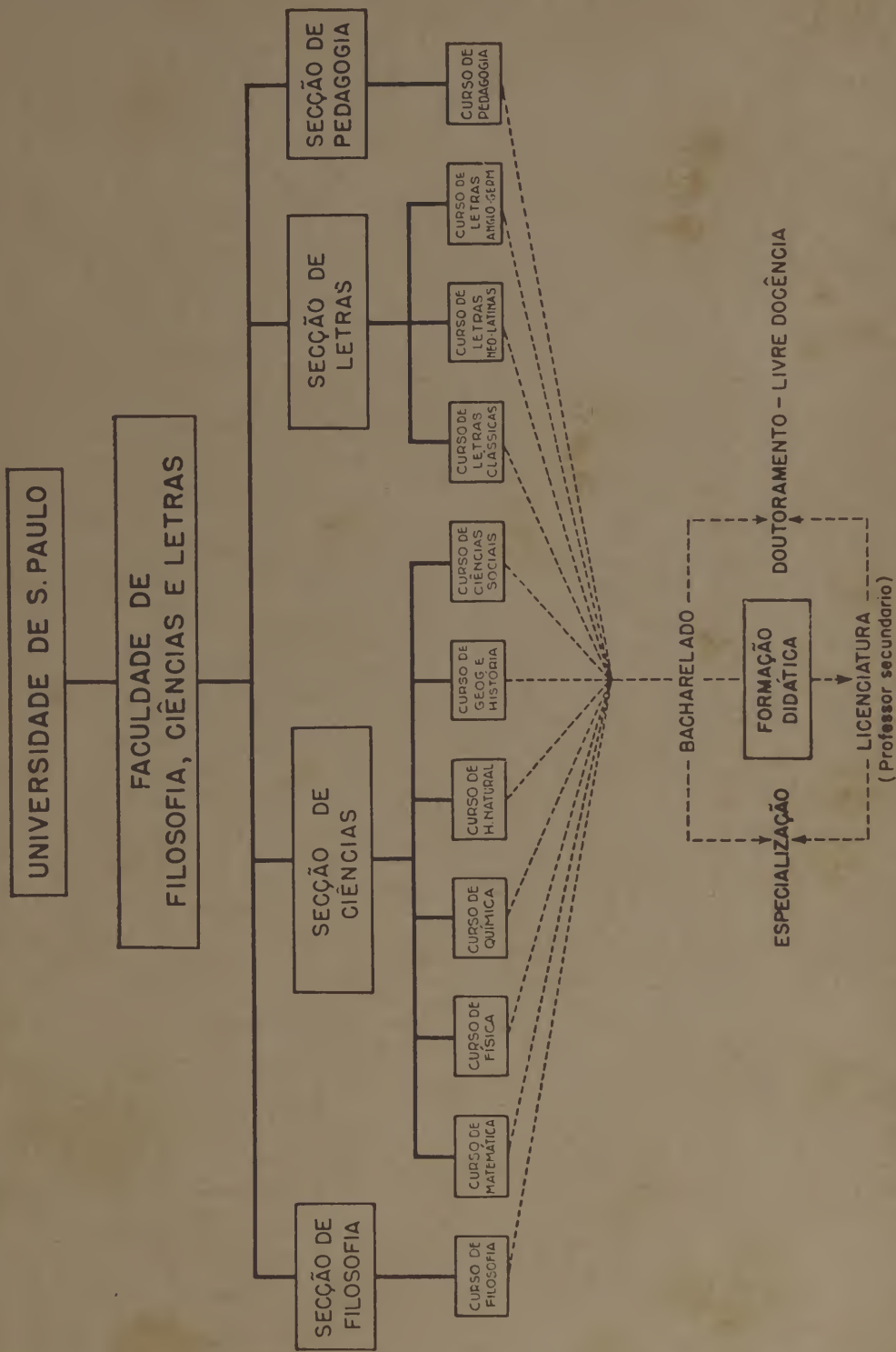
APRESENTAÇÃO

Cumprindo determinações do Exmo. Sr. Diretor, Professor Doutor Eurípedes Simões de Paula, a **SECÇÃO DE PUBLICAÇÕES** tem a satisfação de apresentar o Anuário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, relativo ao período compreendido entre os anos de 1939 a 1949.

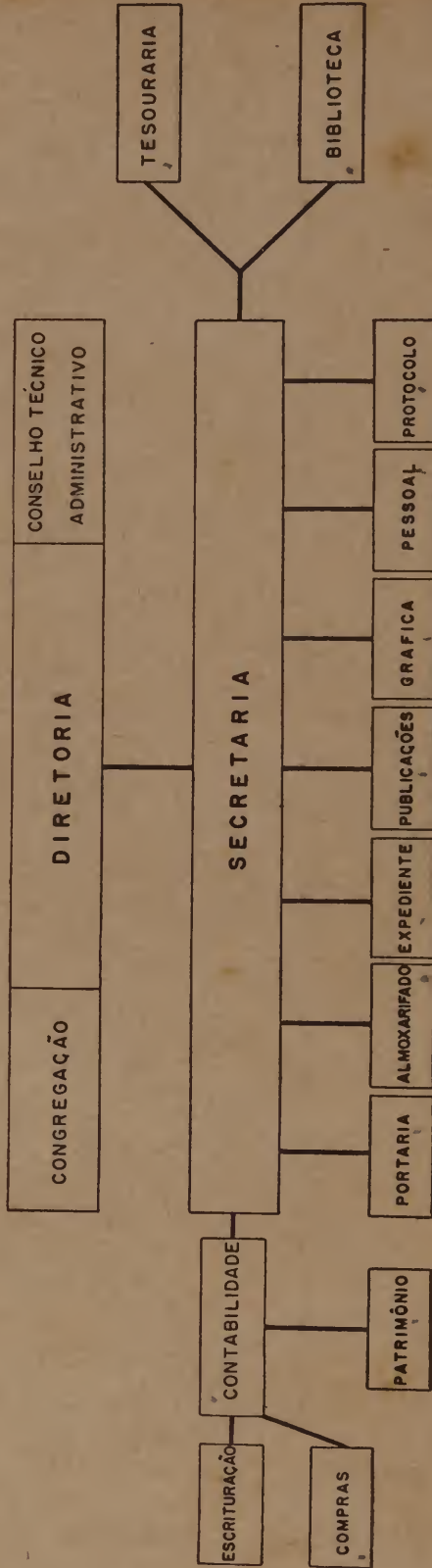
Este Anuário é muito mais incompleto do que os publicados anteriormente pela **SECÇÃO DE PUBLICAÇÕES** (referentes aos anos de 1950 e 1951), pela simples razão de que é um Anuário retrospectivo. Ele abrange mais de um decênio (1939-1949) e só foi compilado agora. Assim, muitos dados estão incompletos e alguns não foram mais encontrados; daí as falhas que desde já reconhecemos. Os nossos Arquivos só tiveram uma boa organização a partir de 1946, quando diversas secções administrativas da Faculdade foram reorganizadas. Portanto, desde já, nos desculpamos perante os nossos possíveis leitores pelas imperfeições que, sem dúvida, encontrarão. Enfim, foi êsse o trabalho que pudemos apresentar, depois de muito tempo de buscas e elaborações. Que nos perdoem os defeitos e ressaltem a nossa boa vontade.

Finalizando, a **SECÇÃO DE PUBLICAÇÕES** sente-se no dever de testemunhar muitos agradecimentos ao Senhor Diretor, sem cujo apôio, compreensão e colaboração, jamais teria sido possível êste trabalho; aos Senhores Professôres, Assistentes e Auxiliares de Ensino, pelas informações prestadas para a parte mais importante do Anuário — as atividades das Cadeiras e Departamentos — na qual vão transcritos os relatórios enviados; por fim, a tôdas às Secções Administrativas da Faculdade que facilitaram a coleta de dados indispensáveis à elaboração dêste Anuário.

ORGANIZAÇÃO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS



FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
ADMINISTRAÇÃO



I. — Organização da Faculdade. Secções e Cursos.

RESUMO HISTÓRICO

Criada pelo decreto n.º 6.283, de 25 de janeiro de 1934, como parte integrante da Universidade de São Paulo, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras teve o seu primeiro regulamento aprovado pelo decreto n.º 7.069, de 6 de abril de 1935. Nos termos desse regulamento, elaborado, aliás, de acôrdo com os estatutos da Universidade, aprovados pelos decretos n.ºs 6.533, de 4 de julho de 1934 do Govêrno do Estado, e n.º 39, de 3 de setembro do mesmo ano, do Govêrno Federal, compreendia ela três secções: Filosofia, Ciências e Letras, dividindo-se estas duas últimas nas seguintes sub-secções: Ciências Matemáticas, Ciências Físicas, Ciências Químicas, Ciências Naturais, Geografia e História, Ciências Sociais e Políticas, Letras Clássicas e Português e Línguas Estrangeiras.

Já ao iniciar-se o ano letivo de 1935, todos os cursos previstos pelo decreto 7.069 começaram a funcionar regularmente, com exceção do de Línguas Estrangeiras que, prevendo a existência das Cadeiras de Línguas e Literaturas Francesa, Italiana, Espanhola, Inglêsa e Alemã, teve em funcionamento apenas as duas primeiras, iniciando as outras as suas atividades somente em 1940.

A nova Faculdade foi criada com as seguintes finalidades, que até agora conserva:

- a) preparar trabalhadores intelectuais para o exercício de altas atividades culturais de ordem desinteressada ou técnica;
- b) preparar candidatos ao magistério do ensino secundário, normal e superior;
- c) realizar pesquisas nos vários domínios da cultura que constituem o objeto do seu ensino.

*

Sendo a primeira a funcionar no Brasil como instituto oficial de alta cultura (1), de caráter não profissional, o ante-projeto de sua estruturação exigiu dos seus idealizadores longos e minuciosos estudos e recebeu, de notáveis cientistas e educadores, sugestões tendentes a situá-la no mesmo plano das célebres instituições congêneres do estrangeiro.

Fugindo sistematicamente à improvisação e à rotina, os Governos sucessivos puderam dar à nova Faculdade orientação absolutamente original, de inteiro acôrdo com os anseios dos estudiosos e pesquisadores, garantindo-lhes a sempre necessária independência para enfrentar todos os problemas filosóficos, científicos e literários sem idéias preconcebidas e sem preocupações de ordem material. Além disso, numerosas cátedras foram incluídas no quadro amplo de seus cursos com a única preocupação de dar aos jovens estudantes possibilidades de des-

(1). — A primeira Faculdade de Filosofia regularmente organizada foi a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Sedes Sapientiae", fundada em 1933.

vendar setores interessantíssimos dos conhecimentos humanos, inteiramente esquecidos até então no Brasil.

Fixadas as suas diretrizes principais pelo decreto citado e contando com a indispensável colaboração de grandes professôres estrangeiros e nacionais, iniciou a Faculdade as suas atividades aos 11 de março de 1934, sob a direção do saudoso Prof. Theodoro Ramos. Dessa data histórica até hoje, embora várias reformas de fundo didático se tenham imposto para atender às necessidades de seu próprio desenvolvimento e para ajustá-la às exigências da legislação federal, continua a Faculdade, fiel à sua orientação inicial, a trabalhar e a produzir intensamente com o justo orgulho de saber que o seu renome já ultrapassou as fronteiras nacionais e com a alegria de verificar que a sua organização estimulou e propiciou a criação de várias outras Faculdades, que tantos serviços prestam aos moços de muitos Estados do Brasil.

A relação dos professôres estrangeiros e nacionais que colaboraram e colaboram com a Faculdade na divulgação da alta cultura; a relação dos boletins publicados até êste momento pelas diversas Cátedras; a influência evidente da Faculdade no levantamento do nível do ensino secundário e do público em geral, graças à ação dos seus licenciados e dos cursos de extensão universitária; o reconhecimento, por parte do Govêrno Federal, dos valiosos serviços prestados ao país durante a última guerra, outorgando à Faculdade a Cruz de Mérito Naval; a concessão de numerosas bolsas de estudos a seus alunos e professôres por instituições e Governos estrangeiros e a presença de muitos de seus representantes em congressos científicos internacionais, são alguns traços honrosos de sua vida, curta ainda, a provar, insofismavelmente que é útil e profícua a sua orientação no campo do ensino universitário.

*

Pouco, depois de publicado o decreto de sua fundação e organização, incumbiu o Govêrno do Estado o seu primeiro diretor, Prof. Theodoro Ramos, de importantíssima missão cultural, qual seja a de contratar para as diversas cadeiras da nova instituição eminentes professôres, algumas das maiores notabilidades nos diversos ramos do ensino. Da França vieram os Profs. Émile Coornaert, Arbousse-Bastide, Robert Garric, Deffontaines, Berveiller e Etienne Borne; da Itália, os Profs. Fantappié, Piccolo, Onorato e Wataghin; da Alemanha, os Profs. Breslau, Rheinboldt, Hauptmann e Rawitscher. Todos êsses professôres, logo chegados a São Paulo, iniciaram suas atividades, constituindo verdadeira renovação intelectual as sessões de estudos e conferências e os cursos de extensão universitária que realizaram na recém-fundada Faculdade e em outras instituições de nossa Capital. Além dos professôres integrantes dessa primeira missão européia, muitos dos quais radicaram-se entre nós, permanecendo até hoje à frente das Cátedras para as quais foram convidados, emprestando-lhes o brilho de sua cultura e inteligência, foram contratados naquele mesmo ano de 1934 os seguintes pro-

fessôres nacionais: André Dreyfus, para a Cadeira de Biologia; Luiz Cintra do Prado, para a de Física, correspondente ao curso de Ciências Naturais e Plínio Ayrosa, para a de Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani.

Iniciaram-se os cursos ainda em 1934, funcionando, contudo, apenas algumas secções: as de Filosofia, Ciências Sociais e Políticas, Matemática, Geografia e História e Letras. A não ser a secção de Matemática, que funcionou na Escola Politécnica, tôdas as demais funcionaram no edifício da Faculdade de Medicina. Enquanto isto, completavam-se as instalações destinadas às demais secções, isto é, às de Ciências Naturais, Química e Física, de maneira a poder, já no ano seguinte, apresentar a Faculdade todos os seus cursos em pleno funcionamento.

Em 1935 contou a Faculdade com a colaboração de novos professôres, ou para os novos cursos que nesse ano começaram a funcionar, ou em substituição a outros professôres da primeira turma que, em virtude de seus compromissos na Europa, não puderam permanecer por mais tempo à frente de suas Cátedras. Assim, passou a Faculdade a contar com a colaboração dos Profs. Monbeig, Braudel, Hourcade, Levi-Strauss, Rebelo Gonçalves, Edgard Gotsch e Afonso de Taunay e, no ano seguinte, em 1936, ao completar-se a organização da Faculdade com o funcionamento do 3.º ano, dos Profs. Albanese, Galvani, Perroux, Vardonlen Shaw, Otoniel Mota, Sampaio Dória e Ernest Marcus, êste em substituição ao eminente Prof. Breslau, falecido no ano anterior. Muitos dêstes professôres foram, por sua vez, substituídos posteriormente por outros nomes ilustres nos domínios de sua especialidade, brasileiros e estrangeiros, decorrendo dêste intercâmbio com os países do Velho Mundo e com os Estados Unidos os resultados mais salutares, de maneira que, até hoje, julga a Faculdade de tôda a conveniência não prescindir desta colaboração estrangeira, como o atestam eminentes mestres que, ainda agora, como professôres regulares ou como professôres visitantes trazem as luzes de sua cultura e de sua experiência aos diversos setores de estudos da Faculdade.

Após os três primeiros anos de funcionamento, teve a Faculdade a satisfação de ver diplomada a sua primeira turma, composta de 26 licenciados, assim distribuídos pelas diferentes secções: Filosofia, 10; Ciências Matemáticas, 5; Ciências Físicas, 1; Geografia e História, 7; Ciências Sociais e Políticas, 1; Letras Clássicas, 2.

Desde então, nesse período de quinze anos de sua existência, tem visto a Faculdade cada vez mais firme a sua reputação e o renome que alcançou projetar-se além das fronteiras do país. Catorze turmas, num total de cêrca de dois mil graduados — muitos dos quais ocupando hoje cargos de projeção no magistério oficial e particular e em funções técnicas de alta responsabilidade na indústria e em institutos técnicos e científicos de relevante importância — atestam, mais do que qualquer outra coisa, a influência que, através de seus cursos está exercendo a Faculdade na vida de São Paulo e do Brasil.

Das suas verdadeiras finalidades têm-se compenetrado todos aquê-

les que, chamados a dirigí-la pelo Govêrno do Estado, dedicaram-lhe os melhores de seus esforços, quase sempre com sacrificio de suas atividades profissionais ou científicas, desde o saudoso Theodoro Ramos (1934), espírito do mais alto valor tão prematuramente roubado à vida, e através de tôdas as administrações que se têm sucedido e cujos titulares convém sejam aqui lembrados: os Professôres Antônio de Almeida Prado (1935-1937), Ernesto de Souza Campos (1937-1938), Alexandre Corrêa (1938-1939), Alfredo Ellis Júnior (1939-1941), Luiz de Anhaia Melo (1941), Fernando de Azevedo (1941-1943), André Dreyfus (1943-1947), e desde junho de 1947, a direção da Faculdade esteve entregue ao Prof. Astrogildo Rodrigues de Melo, o primeiro diretor licenciado pela própria Faculdade.

*

A criação dos Cursos de Didática e de Pedagogia.

Com o objetivo de ministrar a formação pedagógica em nível universitário, o decreto n.º 6.583, de 25 de janeiro de 1934, incorporou à Universidade os cursos superiores do Instituto de Educação, em que se transformara, após uma série de reformas, a velha e tradicional Escola Normal da Praça da República. Eram os seguintes os cursos englobados na organização universitária: a Escola de Professôres, criada pela reforma Fernando de Azevedo de 1933, o Curso de Aperfeiçoamento do Professor Primário, o Curso de Administradores Escolares, aos quais foi acrescentado mais um: o Curso de Formação Pedagógica do Professor Secundário, destinado exclusivamente à formação didática dos licenciandos da Faculdade de Filosofia.

Assim, nos anos de 1936, 1937 e no primeiro semestre de 1938, foi das mais intensas a colaboração entre a Faculdade e o Instituto de Educação, onde os licenciandos, simultâneamente com o último ano de curso da Faculdade, freqüentavam as aulas que lhes dariam o diploma de professor secundário. As cadeiras constantes do currículo do Instituto de Educação e destinadas à formação de professôres secundários eram as seguintes: Biologia Educacional, Psicologia Educacional, Sociologia Educacional, História e Filosofia da Educação, Educação Comparada e Metodologia do Ensino Secundário.

Em 1938, o Govêrno do Estado, "considerando que a preparação do magistério secundário é um dos objetivos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras", deliberou, pelo decreto 9.268-A, de 25 de junho, extinguir o Instituto de Educação e atribuir à Faculdade de Filosofia a formação pedagógica em nível universitário, criando, assim, a Secção de Educação que funcionou até a reforma federal de 1940. O mesmo dispositivo legal determinou a transferência para a Faculdade de Filosofia dos professôres efetivos do extinto Instituto de Educação, bem como a de muitos de seus assistentes. Passou, pois, a Faculdade de Filosofia a contar, no segundo semestre de 1938, com a colaboração dos Professôres Antônio de Almeida Júnior (Biologia Educacional), Noemy da Silveira Rudolfer (Psicologia Educacional), Fernando de Azevedo (So-

ciologia Educacional, transformada depois em segunda cadeira de Sociologia), Roldão Lopes de Barros (História e Filosofia da Educação), e Milton da Silva Rodrigues (Estatística e Educação Comparada). A Cadeira de Metodologia do Ensino Secundário não chegou a ser provida em caráter efetivo no Instituto de Educação, tendo sido, em 1936 e 1937, regida pelo Prof. Paul Arbousse Bastide e, em 1938, interinamente pelo Prof. Ramiro de Almeida, até que, por transferência de cadeira afim (Metodologia do Ensino Primário), foi provida efetivamente pelo Prof. Onofre de Arruda Penteado Júnior. A Cadeira de Biologia Educacional foi extinta com a nomeação do respectivo titular para catedrático de Medicina Legal da Faculdade de Direito, passando seus cursos a serem ministrados pela Cadeira de Biologia Geral, já nessa época provida efetivamente pelo Prof. André Dreyfus.

Criada, assim, a Secção de Educação, nos termos do decreto estadual n.º 9.268-A, de 25 de junho de 1938, destinou-se ela contudo inicialmente apenas à formação pedagógica que os licenciandos vinham fazendo antes no Instituto de Educação. Ao terminar o ano letivo de 1938, puderam os licenciados receber, pela primeira vez, o diploma de “professor secundário” expedido pela própria Faculdade de Filosofia. Só em 1940 começou a funcionar regularmente o Curso de Pedagogia, adaptado já ao novo padrão federal. Desta maneira, em 1942, diplomaram-se os primeiros licenciados em Pedagogia.

*

A adaptação ao padrão federal.

A Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, como já dissemos, foi o primeiro estabelecimento oficial a funcionar no país. Em 1936 foi criada no Rio de Janeiro a Universidade do Distrito Federal e, com ela, a segunda Faculdade de Filosofia oficial do Brasil. Teve, porém, vida efêmera, desaparecendo em 1938. Embora prevista desde a reforma Francisco de Campos, de 1931, só em 1939 foi que o Governo Federal instituiu a sua primeira Faculdade de Filosofia, estabelecendo, ao mesmo tempo, o padrão oficial para a organização das escolas destinadas à formação do magistério secundário. Criada a Faculdade Nacional de Filosofia pelo decreto 1.190, de 4 de abril daquele ano, a ela tiveram de adaptar-se tôdas as outras Faculdades de Filosofia do país e, com elas, a da Universidade de São Paulo.

Dentro do padrão estabelecido pelo citado decreto, diversas modificações foram feitas na organização da Faculdade. Às secções de Filosofia, Ciências e Letras foi acrescentada a de Pedagogia. As secções de Ciências e Letras passaram a dividir-se nos seguintes cursos: Matemática, Física, Química, História Natural, Geografia e História, Ciências Sociais, Letras Clássicas, Letras Neolatinas, Letras Anglo-germânicas. Manteve-se a duração de 3 anos para os cursos, porém, reservou-se um ano especialmente para a formação pedagógica, num total, portanto, de

quatro anos. Estabeleceu-se a distinção entre bacharel e licenciado, destinando-se êste título apenas para aquêles que realizassem o Curso de Didática e aquêle para os que apenas fizessem o curso fundamental de três anos.

Diversas cadeiras e disciplinas, algumas já previstas no primitivo regulamento, foram criadas com o novo regime: Política, Crítica dos Princípios e Complementos de Matemática, Geometria Superior, Física Teórica e Matemática, Física Superior, Geografia do Brasil, Filologia Românica, Línguas e Literaturas Espanhola, Inglêsa e Alemã. Outras cadeiras foram desdobradas, como as de Geografia (Física e Humana) e de História da Civilização (Antiga e Medieval e Moderna e Contemporânea), Geologia e Mineralogia. Na secção de Pedagogia, a Cadeira de Estatística, que na primitiva organização estava aliada à Educação Comparada, passou a constituir uma Cadeira isolada, criando-se a de Administração Escolar e Educação Comparada.

Também a distribuição das matérias por cursos foi alterada, o que levou a Diretoria da Faculdade a determinar que a adaptação dos cursos ao padrão federal se fizesse progressivamente a partir de 1940. Desta maneira, os alunos que em 1940 estavam matriculados nos 2.º e 3.º anos tiveram direito de concluir o curso pelo regime estabelecido pelo decreto 7.069.

Diante da organização instituída pelo decreto federal 1.190, surgiu a necessidade da elaboração de um novo regulamento para a Faculdade. Primeiramente foi baixado novo regulamento pelo decreto n.º 12.038 de 1 de julho de 1941, que foi posteriormente revogado pelo decreto 12.511 de 21 de janeiro de 1942. Êste último decreto deu à Faculdade de Filosofia uma organização bem mais ampla que a estabelecida pelo primitivo regulamento e que é, salvo ligeiras modificações, a que ainda possui êste Instituto Universitário.

Organização dos cursos, de acôrdo com o decreto n.º 12.511.

Assim ficaram constituídos os cursos da Faculdade pelo decreto 12.511.

I. — SECÇÃO DE FILOSOFIA.

Curso de Filosofia.

1.º ano.

Introdução à Filosofia.
Psicologia.
Lógica.
História da Filosofia.

2.º ano.

Psicologia.
Sociologia.
História da Filosofia.

3.º ano.

Psicologia.
Ética.
Estética.
Filosofia Geral.

II. — SECÇÃO DE CIÊNCIAS.

1. Curso de Matemática.

1.º ano.

Análise Matemática.
Geometria Analítica e Projetiva.
Física Geral e Experimental.
Cálculo Vetorial.

2.º ano.

Análise Matemática.
Geometria Descritiva e Complementos de Geometria.
Mecânica Racional.
Física Geral e Experimental.
Crítica dos Princípios de Matemática.

3.º ano.

Análise Superior.
Geometria Superior.
Física Matemática.
Mecânica Celeste.
Crítica dos Princípios.

2. Curso de Física.

1.º ano.

Análise Matemática.
Geometria Analítica e Projetiva.
Física Geral e Experimental.
Cálculo Vetorial.

2.º ano.

Análise Matemática.
Geometria Descritiva e Complementos de Geometria.
Mecânica Racional.
Física Geral e Experimental.

3.º ano.

Análise Superior.
Física Superior.
Física Matemática.
Física Teórica.

3. Curso de Química.

1.º ano.

Complementos de Matemática.
Física Geral e Experimental.
Química Geral e Inorgânica.
Química Analítica Qualitativa.

2.º ano.

Físico-Química.
Química Orgânica.
Química Analítica Quantitativa.

3.º ano.

Química Superior.
Química Biológica.
Mineralogia.

4. Curso de História Natural.

1.º ano.

Biologia Geral.
Zoologia.
Botânica.
Mineralogia.

2.º ano.

Biologia Geral.
Zoologia.
Botânica.
Petrografia.

3.º ano.

Fisiologia Geral e Animal.
Botânica.
Geologia.
Paleontologia.

5. Curso de Geografia e História.

1.º ano.

Geografia Física.
Geografia Humana.
Antropologia.
História da Civilização Antiga e Medieval.
Elementos de Geologia.

2.º ano.

Geografia Física.
Geografia Humana.
História da Civilização Moderna.
História da Civilização Brasileira.
Etnografia.

3.º ano.

Geografia do Brasil.
História da Civilização Contemporânea.
História da Civilização Brasileira.
História da Civilização Americana.
Etnografia do Brasil e Língua Tupi-Guarani.

6. Curso de Ciências Sociais.

1.º ano.

Complementos de Matemática.
Sociologia.
Economia Política.
História da Filosofia.

2.º ano.

Estadística Geral.
Sociologia.
Economia Política.
Ética.
Antropologia.

3.º ano.

Sociologia.
História das Doutrinas Económicas.
Política.
Etnografia.
Estatística Aplicada.

III. — SECÇÃO DE LETRAS.

1. Curso de Letras Clássicas.

1.º ano.

Língua Latina.
Língua Grega.
Filologia e Língua Portuguesa.
Literatura Portuguesa.
Literatura Brasileira.
História da Antiguidade Greco-Romana.

2.º ano.

Língua Latina.
Língua Grega.
Filologia e Língua Portuguesa.
Literatura Latina.
Literatura Grega.

3.º ano.

Língua Latina.
Língua Grega.
Filologia e Língua Portuguesa.
Literatura Grega.
Literatura Latina.
Filologia Românica.

2. Curso de Letras Neolatinas.

1.º ano.

Língua Latina.
Língua e Literatura Francesa.
Língua e Literatura Italiana.
Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana.
Filologia e Língua Portuguesa.

2.º ano.

Língua Latina.
Filologia e Língua Portuguesa.
Língua e Literatura Francesa.
Língua e Literatura Italiana.
Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana

3.º ano.

Filologia Românica.
Filologia e Língua Portuguesa.
Literatura Portuguesa e Brasileira.
Língua e Literatura Francesa.
Língua e Literatura Italiana.
Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana.

3. Curso de Letras Anglo-Germânicas.

1.º ano.

Língua Latina.
Filologia e Língua Portuguesa.
Língua Inglesa e Literatura Inglesa e Anglo-Americana.
Língua e Literatura Alemã.

2.º ano.

Língua Latina.
Filologia e Língua Portuguesa.
Língua Inglesa e Literatura Inglesa e Anglo-Americana.
Língua e Literatura Alemã.

3.º ano.

Língua Portuguesa.
Língua Inglesa e Literatura Inglesa e Anglo-Americana.
Língua e Literatura Alemã.

IV. — PEDAGOGIA.

1. Curso de Pedagogia.

1.º ano.

Complementos de Matemática.
 História da Filosofia.
 Sociologia.
 Fundamentos Biológicos da Educação.
 Psicologia Educacional.

2.º ano.

Estatística Educacional.
 História da Educação.
 Fundamentos Sociológicos da Educação.
 Psicologia Educacional.
 Administração Escolar.
 Higiene Escolar.

3.º ano.

História da Educação.
 Psicologia Educacional.
 Administração Escolar.
 Educação Comparada.
 Filosofia da Educação.

CURSO DE DIDÁTICA (2).

Didática Geral.
 Didática Especial.
 Psicologia Educacional.
 Administração Escolar e Educação Comparada.
 Fundamentos Biológicos da Educação.
 Fundamentos Sociológicos da Educação (2).

*

A reforma de 1946.

Em 1946, pelo decreto federal n.º 9.092, passou a Faculdade por nova modificação em seus cursos, no sentido de adaptá-la mais convenientemente aos interesses do ensino e da pesquisa científica, sendo-lhe acrescentado em todos os seus cursos mais um ano de carácter obrigatório e criados os cursos de especialização que vieram permitir aos bacharéis e licenciados um contacto maior com a Faculdade, em cursos de natureza optativa, feitos após a conclusão dos cursos normais. Além disso, diversas alterações do currículo escolar foram feitas, devidamente

(2). — Aos candidatos ao Curso de Didática era exigido o diploma de Bacharel obtido nas três séries dos diversos cursos da Faculdade. Aos que terminassem o Curso de Didática era fornecido o diploma de Licenciado no Curso em que o candidato se bacharelara.

autorizadas pela Congregação e pelo Conselho Universitário, como se poderá ver mais adiante.

Conseqüentemente, os Cursos Ordinários da Faculdade passaram a ser ministrados com a seguinte seriação:

*

A. — OS TRÊS PRIMEIROS ANOS.

Curso de Filosofia.

1.º ano.

Introdução à Filosofia.
Psicologia.
Lógica.
História da Filosofia.

2.º ano.

Psicologia.
Sociologia.
História da Filosofia.

3.º ano.

Psicologia.
Ética.
Estética.
Filosofia Geral.

Curso de Matemática.

1.º ano.

Análise Matemática.
Geometria Analítica e Projetiva.
Física Geral e Experimental.
Cálculo Vetorial.
Complementos de Matemática.

2.º ano.

Análise Matemática.
Geometria Descritiva, Analítica e Projetiva.
Mecânica Racional.
Física Geral e Experimental.
Crítica dos Princípios e Complementos de Matemática.
Complementos de Geometria.

3.º ano.

Análise Superior.
Geometria Superior.
Física Matemática.
Mecânica Celeste.
Crítica dos Princípios.
Álgebra (Topologia Plana).
Análise Matemática.

Curso de Física.

1.º ano.

Análise Matemática.
Geometria Analítica e Projetiva.
Física Geral e Experimental.
Cálculo Vetorial.

2.º ano.

Análise Matemática.
Geometria Descritiva e Complementos de Geometria.
Mecânica Racional.
Física Geral e Experimental.

3.º ano.

Física Superior.
Física Teórica.
Análise Matemática.
Mecânica Analítica.
Física Matemática.

Curso de Química.

1.º ano.

Complementos de Matemática.
Física Geral e Experimental.
Química Geral e Inorgânica.
Química Analítica Qualitativa.

2.º ano.

Físico-Química.
Química Orgânica.
Química Analítica Quantitativa.

3.º ano.

Química Superior.
Química Biológica.
Mineralogia.

Curso de História Natural.

1.º ano.

Biologia Geral.
Zoologia.
Botânica.
Mineralogia.

2.º ano.

Biologia Geral.
Zoologia.
Botânica.
Petrografia.
Fisiologia Geral e Animal.

3.º ano.

Fisiologia Geral e Animal.
Botânica (Fisiologia Vegetal).
Geologia.
Paleontologia.
Biologia Geral.

Curso de Geografia e História.

1.º ano.

Geografia Física.
Geografia Humana.
Antropologia.
História da Civilização Antiga e Medieval.
Elementos de Geologia.
Elementos de Cartografia.

2.º ano.

Geografia Física.
Geografia Humana.
História da Civilização Moderna.
História da Civilização Brasileira.
Etnografia.
História da Civilização Americana.
Geografia do Brasil.

3.º ano.

Geografia do Brasil.
História da Civilização Contemporânea.
História da Civilização Brasileira.
História da Civilização Americana.
Etnografia do Brasil e Língua Tupi-Guarani.
Geografia Física.
Geografia Humana.

Curso de Ciências Sociais.

1.º ano.

Complementos de Matemática.
Sociologia.
Economia Política.
História da Filosofia.
Geografia Humana.

2.º ano.

Estatística Geral.
Sociologia.
Economia Política.
Psicologia Social.
Antropologia.

3.º ano.

Sociologia.
História das Doutrinas Económicas.
Política.
Etnografia.
Estatística Aplicada.
Ética.

Curso de Letras Clássicas.

1.º ano.

Língua Latina.
Língua Grega.
Filologia e Língua Portuguesa.
Literatura Portuguesa.
História da Antiguidade Greco-Romana.

2.º ano.

Língua Latina.
Língua Grega.
Filologia e Língua Portuguesa.
Literatura Grega.
Literatura Latina.
Literatura Portuguesa.
Literatura Brasileira.

3.º ano.

Língua Latina.
Língua Grega.
Filologia e Língua Portuguesa.
Literatura Grega.
Literatura Latina.
Filologia Românica.
Literatura Brasileira.
Glotologia Clássica.

Curso de Letras Neolatinas.

1.º ano.

Língua Latina.
Língua e Literatura Francesa.
Língua e Literatura Italiana.
Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana.
Filologia e Língua Portuguesa.
Literatura Portuguesa.

2.º ano.

Língua Latina.
Filologia e Língua Portuguêsa.
Língua e Literatura Francesa.
Língua e Literatura Italiana.
Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana.
Literatura Portuguêsa.
Literatura Brasileira.

3.º ano.

Filologia Românica.
Filologia e Língua Portuguêsa.
Literatura Brasileira.
Língua e Literatura Francesa.
Língua e Literatura Italiana.
Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana.

Curso de Letras Anglo-Germânicas.

1.º ano.

Língua Latina.
Filologia e Língua Portuguêsa.
Língua Inglesa e Literatura Inglesa e Anglo-Americana.
Língua e Literatura Alemã.
História da Civilização Medieval.

2.º ano.

Língua Latina.
Filologia e Língua Portuguêsa.
Língua Inglesa e Literatura Inglesa e Anglo-Americana.
Língua e Literatura Alemã.

3.º ano.

Filologia e Língua Portuguêsa.
Língua Inglesa e Literatura Inglesa e Anglo-Americana.
Língua e Literatura Alemã.

Curso de Pedagogia.

1.º ano.

Complementos de Matemática.
História da Filosofia.
Sociologia.
Fundamentos Biológicos da Educação.
Psicologia Educacional.

2.º ano.

Estatística.
História da Educação.
Fundamentos Sociológicos da Educação.
Psicologia Educacional.
Administração Escolar.
Higiene Escolar.

3.º ano.

História da Educação.
Psicologia Educacional.
Pedagogia.
Educação Comparada.
Filosofia da Educação.
Estatística.
Administração Escolar.

B. — O QUARTO ANO.

Na quarta série, os alunos optarão, livremente, por duas ou três Cadeiras ou Cursos, dentre os ministrados pela Faculdade; quando aprovados, terão direito ao diploma de Bacharel.

Além disto, poderão cursar as Cadeiras de Psicologia Educacional, Didática Geral e Didática Especial; neste caso, terão direito ao diploma de Licenciado.

No quarto ano de Anglo-Germânicas será obrigatória a Cadeira de Linguagem Germânica.

C. — CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO.

Os Cursos de Especialização destinam-se aos alunos que, tendo concluído um dos Cursos Ordinários, desejam obter o diploma de Especialista, em uma das matérias constantes das Portarias Ministeriais n.ºs 328, de 13 de maio de 1946 e 497, de 15 de outubro de 1947.

As condições para a obtenção deste diploma são as seguintes:

a). — CONDIÇÕES DA PORTARIA N.º 328.

1). — **Psicologia:** Aprovação nos três primeiros anos do Curso de Filosofia, bem como em Cursos de Biologia, Fisiologia, Antropologia, Estatística, em Cursos especializados de Psicologia. Finalmente, estágio em serviços psicológicos, a juízo dos professores da Secção.

2). — **Física:** Aprovação nos três primeiros anos do Curso de Física, e em três Cadeiras ou Cursos de Especialização, um dos quais terá de ser, obrigatoriamente, o de Física Aplicada.

3). — **Química:** Aprovação nos três primeiros anos do Curso de Química, bem como nos dois cursos seguintes: Química Preparativa e Química Industrial (ou matéria congênere).

4). — **Biologia:** Aprovação nos três primeiros anos do Curso de História Natural, bem como em três Cadeiras ou Cursos livremente escolhidos, entre os seguintes: Estatística, Química Analítica, Química Biológica, Psicologia, Antropologia ou qualquer dos Cursos de Especialização de Zoologia, Botânica, Fisiologia Animal, Fisiologia Vegetal, Biologia Geral, Paleontologia.

5). — **Geologia:** Aprovação nos três primeiros anos do Curso de História Natural, bem como nos seguintes Cursos de Especialização: Petrologia, Geologia Estrutural, Estratigrafia, Metamorfismo, Geologia Econômica, Cartografia e Métodos de Campo, Geomorfologia, e ainda em dois Cursos livremente escolhidos, entre os seguintes: Geologia do Petróleo, Geofísica, Paleontologia Superior, Geologia do Brasil, Geologia Regional Estrangeira, Sedimentação, Mineralogênese (depósitos minerais), Cristalografia, Pedologia, Geoquímica.

6). — **Geografia:** Aprovação nos três primeiros anos do Curso de Geografia e História, e mais em três Cursos livremente escolhidos, entre os seguintes: Cursos especializados em Geografia Física, Geografia Humana, Geografia do Brasil, Geologia, Etnografia, Cartografia ou ainda em Cursos de Sociologia, Estatística

tica, Topografia, Geodésia, Economia Política. Ter, finalmente estagiado em Departamento especializado, a juízo dos professores de Geografia.

7). — **História:** Aprovação nos três primeiros anos do Curso de Geografia e História, e mais em três Cursos livremente escolhidos, entre os seguintes: Cursos Especializados de História Antiga, História Medieval, História Moderna, História Contemporânea, História do Brasil, História da América, Etnografia Geral, Etnografia do Brasil, ou ainda em Cursos de História da Filosofia, História das Doutrinas Econômicas, Sociologia, Latim, Grego, Arqueologia, Epigrafia, Paleografia, Pré-história, História Diplomática. Ter, finalmente, estagiado em Departamento especializado, a juízo dos professores de História.

8). — **Etnografia:** Aprovação nos três primeiros anos do Curso de Geografia e História, e mais em três Cursos livremente escolhidos, entre os seguintes: Cursos de Especialização em Etnografia Geral, Etnografia do Brasil, Geografia Humana, Tupi-Guarani, Antropologia Geral, ou ainda em Cursos de Sociologia, Linguística Geral, Pré-história. Ter, finalmente, estagiado em Departamento especializado, a juízo dos professores de Etnografia.

9). — **Administração Escolar:** Aprovação nos três primeiros anos do Curso de Pedagogia e nos seguintes Cursos: Educação Comparada, Orientação Educacional, Administração Escolar.

10). — **Pedagogia:** Ter sido aprovado nos três primeiros anos do Curso de Pedagogia, bem como em Filosofia da Educação (curso especial), Metodologia Geral e Especial, Prática do Ensino.

11). — **Sociologia Educacional:** Ter sido aprovado nos três primeiros anos do Curso de Pedagogia, bem como em Sociologia (curso especial), Antropologia, Educação Comparada; ou ter sido aprovado nos três primeiros anos do Curso de Ciências Sociais e Políticas, bem como em Sociologia Educacional, História da Educação e Educação Comparada.

12). — **Psicologia Educacional:** Ter sido aprovado nos três primeiros anos do Curso de Pedagogia e mais nos seguintes: Psicologia da Criança e do Adolescente, Psicologia do Anormal, Psicologia da Aprendizagem e das Matérias Especiais, Psicologia da Personalidade, bem como ter estagiado em serviços de Psicologia Aplicada e ter freqüentado seminários de métodos de pesquisas psicológicas.

13). — **Estatística Analítica: I** — Ter sido aprovado nos três primeiros anos do Curso de Ciências Sociais e Políticas ou de Pedagogia, e mais nos seguintes Cursos: Análise Matemática, Matrizes e Formas quadráticas, Complementos de Análise, Teoria da Indução Estatística, bem como em um dos seguintes Cursos: Seleção de Amostras, Análise Fatorial, Planejamento Eficiente dos Experimentos, ou outros do mesmo gênero;

II. — ou ter sido aprovado nos três primeiros anos do Curso de Matemática e mais nos seguintes: Estatística Descritiva, Teoria da Indução Estatística, bem como em um dos seguintes Cursos: Seleção de Amostras, Análise Fatorial, Planejamento Eficiente dos Experimentos ou outros do mesmo gênero, e ainda em um dos seguintes Cursos de um ano: Biologia, Sociologia, Psicologia, ou outra disciplina científica, a cujo campo se aplique a Metodologia Estatística;

III. — ou ter sido aprovado nos três primeiros anos de qualquer dos outros Cursos da Faculdade, e provar um conhecimento de Estatística equivalente ao atualmente exigido no Curso básico de Ciências Sociais ou de Pedagogia, e mais nos seguintes Cursos: Análise Matemática, Matrizes e Formas Quadráticas, Complementos de Análise, Teoria da Indução Estatística, e ainda em um dos seguintes Cursos: Seleção de Amostras, Análise Fatorial, Planejamento Eficiente dos Experimentos, ou outros do mesmo gênero.

14). — **Letras:** Ter sido aprovado nos três primeiros anos de um dos Cursos de Letras (Clássicas, Neolatinas ou Anglo-Germânicas) e mais em três Cursos

especiais das Disciplinas da Secção cursada nos três anos anteriores, bem como em trabalhos práticos de bibliografia e crítica, determinados pelos professôres d'esses vários Cursos, devendo a respeito d'êles elaborar uma dissertação ou monografia, que será argüida em exame oral. No diploma de especialista em Letras, especificar-se-ão as cadeiras em que o bacharel ou licenciado se especializou.

B. — CONDIÇÕES DA PORTARIA N.º 497.

De acôrdo com está, o candidato ao diploma de especialização em Política, Antropologia e Sociologia, deve satisfazer às seguintes condições:

- 1). — ter sido aprovado nos três primeiros anos do Curso de Ciências Sociais e apresentar um currículo escolar que o habilite, a juízo do professor da especialidade, aos novos cursos;
- 2). — cumprir dois anos de cursos teóricos especiais e trabalhos de pesquisas, segundo as exigências fixadas, quando da inscrição no curso de especialização, pelo professor da especialidade, e neles obter aprovação;
- 3). — apresentar, entre seus trabalhos, uma dissertação ou monografia que será argüida em exame oral por três ou mais professôres do Curso de Ciências Sociais.

II. — Corpo Docente (*).

(*) . — Relação correspondente ao período de 1-1-1939 a 31-12-1940.

PROFESSORES

ABRAHÃO DE MORAES — Licenciado em Física e Matemática; Livre-docente da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo — Prof. designado para reger o curso de Física para a Sub-Secção de Química de 1/1 a 31/12/41 e de 1/3/42 a 31/12/43; Prof. contratado de Física, para o curso de Química de 1/1/44 até a presente data.

ALFRED BONZON — Licenciado em Letras; Bacharel em Teologia; Diploma de Estudos Superiores de Letras; “Agrége” de Letras — Prof. contratado da cadeira de Língua e Literatura Francesa de 15/3/38 a 31/12/46. Novamente contratado para a mesma cadeira de 1/8/49 até a presente data.

ALFREDO ELLIS JÚNIOR — Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. interino da cadeira de História da Civilização Brasileira de 20/7/38 a 11/4/39; Prof. catedrático da mesma cadeira de 12/4/39 até a presente data.

ALUÍSIO DE FARIA COIMBRA — Licenciado em Letras Clássicas; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. interino da cadeira de Língua e Literatura Grega de 15/3/45 a 25/2/48; contratado da mesma cadeira de 26/2/48 até a presente data.

ANDRÉ DREYFUS — Doutor em Medicina — Prof. catedrático de Biologia Geral.

ANDRÉ WEIL — Doutor em Ciências — Prof. contratado da disciplina de Análise Superior de 1/1/45 a 30/9/47.

ANNITA DE CASTILHO E MARCONDES CABRAL — Licenciada em Filosofia e em Ciências Sociais; Mestre em Ciências Sociais; Doutora em Filosofia — Prof. contratada da cadeira de Psicologia de 28/4/43 a 21/8/45. Prof. interina da mesma cadeira de 5/10/47 até a presente data.

ANTÔNIO AUGUSTO SOARES AMÓRA — Licenciado em Letras Clássicas; Doutor em Letras. Livre-docente de Literatura Portuguesa — Prof. substituto da cadeira de Literatura Portuguesa de 1/1/44 a 27/8/45.

ANTÔNIO CÂNDIDO DE MELIÃO E SOUZA — Licenciado em Ciências Sociais; Livre-docente de Literatura Brasileira — Prof. substituto da cadeira de Sociologia II de 31/3/ a 15/7/43.

ANTÔNIO FERREIRA DE ALMEIDA JÚNIOR — Doutor em Medicina — Prof. catedrático da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo — Prof. catedrático de Biologia Educacional de 18/8/38 a 1/9/39.

- AROLDO EDGARD DE AZEVEDO** — Licenciado em Geografia e História; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. interino da cadeira de Geografia do Brasil de 1/3/42 a 6/12/45; Prof. catedrático da mesma cadeira de 7/12/45 até a presente data.
- ARY FRANÇA** — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências — Prof. substituto da cadeira de Geografia Humana de 16/3 a 14/8/48.
- ASTROGILDO RODRIGUES DE MELLO** — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. comissionado, para reger o curso de História da Civilização Ibérica da cadeira de História da Civilização de 28/8/39 a 31/12/41; Prof. em comissão, para reger a cadeira de História da Civilização Americana de 1/1/42 a 28/8/46; Prof. catedrático da mesma cadeira de 29/8/46 até a presente data.
- BENEDITO CASTRUCCI** — Licenciado em Matemática; Doutor em Ciências; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. em comissão da cadeira de Geometria Analítica, Projetiva e Descritiva de 24/4/42 a 10/6/47; Prof. interino da mesma cadeira de 11/6/47 a 25/2/48; Prof. contratado de 26/2/48 até a presente data.
- BERNARD LOUIS GUINEZ** — Licenciado em Letras; “Agrége de Grammaire” — Prof. contratado da cadeira de Língua e Literatura Francesa de 20/4/47 a 19/4/49.
- BRAULIO SANCHEZ SAEZ** — Prof. contratado da cadeira de Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana de 1/4/40 a 31/12/42.
- CÂNDIDO LIMA DA SILVA DIAS** — Licenciado em Matemática; Doutor em Ciências — Prof. contratado da cadeira de Análise Matemática de 1/1 a 31/12/39; Prof. interino da cadeira de Análise Matemática Superior de 1/1/42 a 20/9/44; Prof. interino da cadeira de Complementos de Geometria e Geometria Superior de 21/9/44 a 25/2/48; Prof. contratado da mesma cadeira de 26/2/48 até a presente data.
- CARLO TAGLIACOZZO** — Doutor em Matemática — Prof. contratado para ministrar curso de extensão universitária sobre Teoria Matemática da Eletricidade de 1/3 a 31/12/44.
- CARLOS DRUMOND** — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências — Prof. substituto da cadeira de Etnografia e Língua Tupi-Guarani de 20/7/47 a 19/1/48.
- CESARE MANSUETTO GIULIO LATTES** — Licenciado em Física — Prof. contratado para reger curso de Física anexo à cadeira de Física Teórica e Matemática de 22/12/48 a 1/5/49.

CHARLES MORAZE' — Licenciado em Letras; "Agrége" de História — Prof. contratado da cadeira de Política de 10/8/49 até a presente data.

ÉDISON FARAH — Licenciado em Ciências Matemáticas — Prof. interino da cadeira de Análise Superior de 21/4/39 até a presente data.

EDGARDO BIZZARRO — Prof. substituto da cadeira de Língua e Literatura Italiana de 16/5/50 a 29/4/51; Idem da mesma cadeira de 15/4 a 26/5/52.

EDUARDO ALCANTARA DE OLIVEIRA — Licenciado em Filosofia e Ciências Sociais; Doutor em Ciências — Prof. em comissão da cadeira de Estatística Geral e Aplicada de 15/3/43 a 21/2/46; Prof. contratado para cooperar com o Prof. catedrático no ensino de Estatística Geral e Aplicada, desta Faculdade, de 22/2/46 a 21/2/48; Prof. contratado, para reger a VI cadeira, Estatística Geral e Aplicada, de 1/3/48 até a presente data.

EDUARDO D'OLIVEIRA FRANÇA — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. designado para reger o curso de História da Antiguidade Greco-Romana em 24/9/42; Prof. substituto da cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval de 15/3/43 a 21/7/45; Prof. interino da cadeira de História da Civilização Moderna e Contemporânea de 16/3 a 12/5/48.

ÉMILE COORNAERT — "Agrége" de História; Doutor em Letras — Prof. visitante para ministrar cursos de extensão universitária de História da Civilização de 22/8 a 21/11/49.

ÉMILE-GUILLAUME JULES LÉONARD — Doutor em Letras — Prof. contratado da cadeira de História da Civilização Moderna e Contemporânea de 12/5/48 até a presente data.

EMÍLIO WILLEMS — Doutor em Filosofia, Livre-docente em Sociologia — Prof. substituto da cadeira de Sociologia Educacional; designado para reger a disciplina de Antropologia de 17/7 a 31/12/41; Prof. interino da mesma disciplina de 1/1/42 a 31/12/47; Prof. contratado da mesma disciplina de 1/1/48 até a presente data.

ERASMO GARCIA MENDES — Licenciado em Ciências Naturais; Doutor em Ciências — Prof. substituto da cadeira de Fisiologia Geral e Animal de 4/6 a 31/10/47.

ERNESTINA GIORDANO — Licenciada em Pedagogia — Prof. contratada da cadeira de Administração Escolar e Educação Comparada de 17/7/44 a 31/12/46.

ERNEST GUSTAV GOTTHELF MARCUS — Doutor em Filosofia — Prof. contratado da cadeira de Zoologia Geral até 31/12/41;

Prof. interino da cadeira de Zoologia de 1/1/42 a 18/10/44;
Prof. contratado da mesma cadeira de 19/10/44 a 12/3/45;
Prof. catedrático da mesma cadeira de 13/9/45 até a presente data.

EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. contratado da cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval de 19/4/39 a 14/8/46; Prof. catedrático da mesma cadeira de 15/8/46 até a presente data.

FELIX RAWITSCHER — Doutor em Filosofia — Prof. contratado da cadeira de Botânica até a presente data.

FERNAND PAUL BRAUDEL — Licenciado em Letras; “Agrége” de História — Prof. contratado da cadeira de História da Civilização Moderna e Contemporânea de 4/5 a 31/12/47.

FERNANDO DE AZEVEDO — Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais; Curso Superior de Línguas e Literaturas Clássicas — Prof. catedrático de Sociologia Educacional da Secção de Educação até 19/1/43; Professor catedrático da cadeira de Sociologia II de 20/1/43 até a presente data.

FERNANDO FURQUIM DE ALMEIDA — Licenciado em Ciências Matemáticas — Prof. contratado para a regência das aulas de Matemática da Sub-Secção de Ciências Químicas de 1/3/37 a 31/12/41; Prof. interino da cadeira de Crítica dos Princípios e Complementos de Matemática de 1/1/42 a 25/2/48; Prof. contratado da mesma cadeira de 26/2/48 até a presente data.

FIDELINO DE FIGUEIREDO — Diploma de Estudos Superiores de Letras — Prof. contratado da cadeira de Literatura Luso-Brasileira de 1/1/38 a 1/9/39; Prof. contratado da cadeira de Literatura Portuguesa de 1/1/42 a 31/12/43; Prof. contratado da mesma cadeira de 28/8/45 até a presente data.

FRANCISCO DA SILVEIRA BUENO — Doutor em Filosofia e Bacharel em Direito Canônico e Teologia — Prof. catedrático da cadeira de Filologia e Língua Portuguesa de 22/2/40 até a presente data.

GEOFFREY WILE — “Bachelor of Arts” (Manchester) — Prof. contratado da cadeira de Língua Inglesa e Literatura Inglesa e Anglo-Americana de 1/3/48 até a presente data.

GEORGES GURVITCH — Doutor em Letras — Prof. contratado da cadeira de Política de 10/6/47 a 14/3/48.

GIACOMO ALBANESE — Licenciado em Matemática. Professor de Universidade Italiana. Prof. contratado para o curso mono-

gráfico de Geometria até 31/12/40; Prof. contratado da cadeira de Geometria Analítica, Projetiva e Descritiva de 1/1/41 a 31/12/42; foi também Prof. contratado da cadeira de Complementos de Geometria e Geometria Superior.

GILLES GASTON GRANGER — Licenciado em Filosofia; Diploma de Estudos Superiores de Filosofia, “Agrége” de Filosofia — Prof. contratado junto à cadeira de Filosofia de 1/6/47 até a presente data.

GIUSEPPE UNGARETTI — Licenciado em Letras; Professor de Universidade na Itália — Prof. contratado da cadeira de Língua e Literatura Italiana até 24/4/42.

GLEB WATAGHIN — Licenciado em Física. Livre-docente de Física Teórica. Professor de Universidade na Itália — Prof. contratado da cadeira de Física Geral e Experimental e Física Teórica até 31/12/42; Idem da cadeira de Física Teórica e Física Matemática de 1/1/43 até a presente data; Prof. contratado da cadeira de Mecânica Racional e Mecânica Celeste de 1/1/41 a 31/12/42; Prof. da disciplina de Física Superior de 1/6/43 a 29/4/44.

HANS STAMMREICH — Doutor em Filosofia — Prof. da disciplina de Física Superior de 8/5/47 a 31/12/48; Prof. contratado da cadeira de Física Superior de 1/1/49 até a presente data.

HEINRICH HAUPTMANN — Doutor em Filosofia — Prof. do curso de Físico-Química e de Química para a sub-seção de Ciências Naturais de 1/1/38 a 30/4/41; Prof. contratado da cadeira de Química Orgânica e Química Biológica de 1/5/41 a 30/9/46; Prof. catedrático da mesma cadeira de 1/10/46 até a presente data.

HEINRICH RHEINBOLDT — Doutor em Filosofia — Prof. contratado da cadeira de Química Geral e Inorgânica e Química Analítica até a presente data.

ÍTALO BONFIM BETARELLO — Licenciado em Línguas Estrangeiras — Prof. interino da cadeira de Língua e Literatura Italiana de 15/3/43 a 25/2/48; Prof. contratado da mesma cadeira de 26/2/48 até a presente data.

JEAN ALEXANDRE EUGÈNE DIEUDONNÉ — Doutor em Ciências — Prof. contratado para o curso de especialização sobre Álgebra Moderna de 22/4/46 a 31/12/47.

JEAN FRÉDÉRIC AUGUSTE DELSARTE — “Agrége” de Matemática. Doutor em Ciências Matemáticas — Prof. contratado para a disciplina de Análise Superior de 15/7 a 31/12/48.

JEAN GAGE' — Licenciado em Letras. “Agrége de l'Université” — Prof. contratado da cadeira de História da Civilização da Sub-

Secção de Geografia e História até 31/12/40; Prof. contratado da cadeira de História da Civilização Moderna e Contemporânea de 1/1/41 a 31/5/46.

JEAN MAUGÛE' — "Agrége" em Filosofia — Prof. contratado da cadeira de Filosofia de 1/1/38 a 31/12/43; Prof. contratado da cadeira de História da Filosofia de 1/1 a 31/7/44; Prof. contratado da mesma cadeira de 1/3/47 a 26/5/48.

JOÃO CRUZ COSTA — Licenciado em Filosofia; Doutor em Filosofia — Prof. contratado da cadeira de Psicologia e Lógica da Secção de Filosofia de 11/5/39 a 22/7/41; Prof. contratado da cadeira de Filosofia de 23/7/41 até a presente data.

JOÃO DIAS DA SILVEIRA — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências — Prof. contratado da cadeira de Geografia Física de 11/5/39 até a presente data.

JOSE' LAZZARINI JÚNIOR — Licenciado em Letras Clássicas — Prof. substituto da cadeira de Língua e Literatura Grega de 1/4 a 31/8/48.

JOSE' MARIA MARQUES DA CRUZ — Bacharel em Direito — Prof. contratado da cadeira de Literatura Luso-Brasileira de 9/9/39 a 31/12/41.

JOSE' QUERINO RIBEIRO — Licenciado em Ciências Sociais; Doutor em Ciências — Prof. substituto da cadeira de História e Filosofia da Educação de 21/7 a 31/12/46; Prof. contratado da cadeira de Administração Escolar e Educação Comparada de 3/3/48 até a presente data.

JOSUE' CAMARGO MENDES — Licenciado em Ciências Naturais; Doutor em Ciências — Prof. substituto da cadeira de Geologia e Paleontologia de 14/8 a 13/10/48.

KENNETH E. CASTER — Doutor em Filosofia — Prof. contratado para o Curso de Extensão Universitária de Paleontologia de 1/1 a 25/4/45; Prof. contratado da cadeira de Geologia e Paleontologia de 26/4/45 a 1/3/48.

KENNETH JOHN SWANN — "Bachelor of Arts" (Cambridge) — Prof. contratado da cadeira de Língua Inglesa e Literatura Inglesa e Anglo-Americana de 1/1/42 a 31/12/47.

LAERTE RAMOS DE CARVALHO — Licenciado em Filosofia — Prof. substituto da cadeira de História e Filosofia da Educação de 3/9/48 a 3/12/48.

Pe. LEOPOLDO AYRES — Prof. contratado da cadeira de Direito Político de 17/5/39 até 31/7/39.

LINDO FAVA — Licenciado em Ciências Sociais; Doutor em Ciências — Prof. substituto da cadeira de Estatística Educacional de 1/5/44 a 1/5/45 e de 28/8 a 28/9/47.

- LIVIO TEIXEIRA — Licenciado em Filosofia; Doutor em Filosofia; Bacharel em Teologia e em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. contratado da cadeira de História da Filosofia de 1/8/44 a 14/7/48; Prof. interino da mesma cadeira de 21/4/49 até a presente data.
- LOURIVAL GOMES MACHADO — Licenciado em Ciências Sociais; Doutor em Ciências; Livre-docente de Política; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. substituto da cadeira de Política de 1/1/44 a 31/12/45; Idem da mesma cadeira de 15/3 a 31/12/46 e de 15/3 a 10/6/48; Prof. interino da mesma cadeira de 11/6/48 a 10/8/49.
- LUCIANO JACQUES DE MORAES — Engenheiro de Minas e Engenheiro Civil — Prof. contratado da cadeira de Geologia e Paleontologia de 21/3/43 a 26/9/45.
- LUIGI GALVANI — Licenciado em Matemática. Professor de Universidade Italiana. — Prof. contratado da cadeira de Estatística até 31/12/40; Idem da cadeira de Estatística Geral e Aplicada de 1/1/41 a 24/4/42.
- LUIS AMADOR SANCHEZ Y FERNANDEZ — Bacharel em Direito — Prof. contratado da cadeira de Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana de 1/3/44 até a presente data.
- Pe. LUIZ FERNANDES DE ABREU — Prof. contratado da cadeira de Direito Político de 1/9/39 a 1/7/41.
- MARCELO DAMY DE SOUZA SANTOS — Licenciado em Física — Prof. contratado de Física da Sub-Secção de Ciências Naturais de 15/3/38 a 31/12/39; Prof. contratado de Física Geral e Experimental de 1/1/41 até a presente data.
- MÁRIO PEREIRA DE SOUZA LIMA — Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. designado em comissão para a cadeira de Literatura Nacional de 14/7/39 a 31/12/41; Prof. designado em comissão para a cadeira de Literatura Brasileira de 1/1/42 a 22/8/45; Prof. catedrático da mesma cadeira de 23/8/45 até a presente data.
- MÁRIO SCHENBERG — Licenciado em Física; Engenheiro Civil — Prof. interino da disciplina de Física Superior de 1/8 a 31/12/42; Prof. interino da cadeira de Mecânica Racional e Mecânica Celeste de 1/1/43 a 25/6/44; Prof. catedrático da mesma cadeira de 26/6/44 até à presente data.
- MARTIAL GUÉROULT — “Agrége” em Filosofia; Doutor em Letras — Prof. contratado da cadeira de História da Filosofia de 15/7/ a 31/12/48; Prof. visitante da mesma cadeira de 1/8 a 30/11/49.

- MILTON CAMARGO DA SILVA RODRIGUES** — Engenheiro Civil — Prof. catedrático da cadeira de Estatística II até a presente data; Prof. interino da cadeira de Administração Escolar e Educação Comparada de 28/5/42 a 1/3/44.
- NOEMY DA SILVEIRA RUDOLFER** — Professôra normalista; Diploma de Especialização em Psicologia Educacional — Prof. catedrática da cadeira de Psicologia Educacional até a presente data.
- OLGA PANTALEÃO** — Licenciada em Geografia e História; Doutora em Ciências — Prof. interina da cadeira de História da Civilização Moderna e Contemporânea de 26/7/46 a 4/5/47.
- OMAR CATUNDA** — Engenheiro Civil — Prof. contratado da cadeira de Análise Matemática de 1/1/40 a 30/4/42; Prof. interino da cadeira de Geometria Superior e Complementos de Geometria de 1/5/42 a 31/8/42; Prof. interino da cadeira de Complementos de Geometria e Geometria Superior de 1/9/42 a 26/10/44. Prof. catedrático da cadeira de Análise Matemática de 27/10/44 até a presente data.
- ONOFRE DE ARRUDA PENTEADO JÚNIOR** — Professor normalista — Prof. de Metodologia do Ensino Secundário até 31/12/41; Prof. catedrático da cadeira de Didática Geral e Especial de 1/1/42 até a presente data.
- OSCAR SALA** — Licenciado em Física — Prof. contratado de Física Nuclear de 22/12/48 até a presente data.
- OTONIEL MOTA** — Bacharel em Teologia — Prof. contratado da cadeira de Filologia Portuguesa de 1/1/38 a 31/12/39.
- OTTO KLINEBERG** — Doutor em Medicina e em Filosofia — Prof. contratado da cadeira de Psicologia de 22/8/45 a 22/8/47.
- OTTORINO DE FIORE DI CROPANI** — Doutor em Ciências e Professor de Universidade Italiana — Prof. contratado da cadeira de Geologia e Mineralogia até 31/12/39; Prof. contratado da cadeira de Geologia e Paleontologia de 1/1/40 a 28/8/42.
- PAUL ARBOUSSE BASTIDE** — “Agrége” em Filosofia — Prof. contratado da cadeira de Sociologia I de 1/1/38 a 31/12/40; Prof. contratado da cadeira de Política de 1/1/41 a 26/5/48.
- PAUL HUGON** — Doutor em Direito — Prof. contratado da cadeira de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas de 1/1/39 até a presente data.
- PAULO SARAIVA DE TOLEDO** — Licenciado em Física — Prof. substituto da cadeira de Física Teórica e Física Matemática de 1/3 a 28/6/49.

- PAULO SAWAYA — Doutor em Medicina; Livre-docente de Zoologia — Prof. contratado da cadeira de Fisiologia Geral e Animal até 3/10/39; Prof. catedrático da mesma cadeira de 4/10/39 até a presente data.
- PAULUS AULUS POMPÊIA — Licenciado em Física; Doutor em Ciências — Prof. contratado de Física da Sub-Secção de Ciências Químicas e Ciências Naturais de 1/2/39 a 30/6/41; Prof. interino da disciplina de Física Superior de 1/1 a 31/5/43; Prof. contratado da disciplina de Física Superior de 1/7/44 a 31/12/46.
- PEDRO DE ALMEIDA MOURA — Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. contratado da cadeira de Língua e Literatura Alemã do Curso de Letras Anglo-Germânicas de 26/12/40 a 31/12/41; Prof. interino da cadeira de Língua e Literatura Alemã de 1/1/42 a 17/3/50; Prof. contratado da mesma cadeira de 18/3/50 até a presente data.
- PIERRE GOUROU — “Agrége” de História e Geografia; Doutor em Letras — Prof. contratado da cadeira de Geografia Humana de 15/5 a 27/10/48.
- PIERRE MONBEIG — Licenciado em Geografia e História; “Agrége” de Geografia e História — Prof. contratado da cadeira de Geografia Física e Humana até 31/12/43; Prof. contratado da cadeira de Geografia Humana de 1/1/44 a 1/3/47.
- PLÍNIO MARQUES DA SILVA AYROSA — Engenheiro Civil — Prof. contratado da cadeira de Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani até 11/4/39; Prof. catedrático da mesma cadeira de 12/4/39 até a presente data.
- REYNALDO RAMOS DE SALDANHA DA GAMA — Engenheiro Civil — Prof. em comissão da cadeira de Mineralogia e Petrografia de 16/4/41 a 25/6/46; Prof. catedrático da mesma cadeira de 26/7/46 até a presente data.
- ROGER BASTIDE — Licenciado em Filosofia; “Agrége” de Filosofia — Prof. contratado da cadeira de Sociologia I até a presente data.
- ROGER DION — “Agrége” de História e Geografia; Doutor em Letras — Prof. contratado da cadeira de Geografia Humana de 20/4/47 a 19/4/48.
- ROLDÃO LOPES DE BARROS — Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Prof. catedrático de História da Educação de 18/8/38 a 31/12/41; Prof. catedrático de História e Filosofia da Educação de 1/1/42 até a presente data; Prof. interino da cadeira de Administração Escolar e Educação Comparada de 27/3/47 a 3/3/48 cumulativamente.

ROSINA DE BARROS — Licenciada em História Natural; Doutora em Ciências — Prof. substituta da cadeira de Biologia de 15/3 a 14/9/48.

RUI RIBEIRO FRANCO — Licenciado em História Natural; Doutor em Ciências — Prof. substituto contratado da cadeira de Mineralogia e Petrografia de 10/9/42 a 10/9/45; Prof. substituto da mesma cadeira de 1/9/47 a 31/1/48.

SIMÃO MATHIAS — Licenciado em Química; Doutor em Ciências — Prof. interino da cadeira de Físico-Química e Química Superior de 1/1/43 a 2/6/45; Prof. contratado da mesma cadeira de 2/6/45 até a presente data.

THECDORO HENRIQUE MAURER JÚNIOR — Licenciado em Letras Clássicas; Doutor em Letras; Livre-docente da cadeira de Filologia Românica; Bacharel em Teologia — Prof. contratado da cadeira de Filologia Românica de 1/1/47 até a presente data.

THEODOSIUS DOBZANSKY — Doutor em Filosofia — Prof. visitante contratado para prestar serviços didáticos e científicos junto ao Departamento de Biologia de 20/8/48 a 19/8/49.

URBANO CANUTO SOARES — Doutor em Letras — Prof. contratado da cadeira de Filologia Latina de 1/3/39 a 31/12/42; Prof. contratado da cadeira de Filologia Românica de 1/3/42 a 14/11/42; Prof. contratado da cadeira de Língua e Literatura Latina de 1/1/43 até a presente data.

VIKTOR LEINZ — Doutor em Filosofia — Prof. contratado da cadeira de Geologia e Paleontologia de 1/3/48 até a presente data.

VITTORIO DE FALCO — Doutor em Letras — Prof. contratado da cadeira de Língua e Literatura Grega de 1/3/39 a 24/4/42.

WILLIAM G. MADOW — Doutor em Filosofia — Prof. contratado da cadeira de Estatística Geral e Aplicada de 22/2/46 a 1/2/48.

*

*

*

DOCENTES LIVRES

ANTÔNIO CÂNDIDO DE MELLO E SOUZA — de Literatura Brasileira.

ANTÔNIO SALLES CAMPOS — de Literatura Brasileira.

ANTÔNIO AUGUSTO SOARES AMÓRA — de Literatura Portuguesa.

DORA CALDEIRA DE BARROS — de Didática Geral e Especial.

DORIVAL TEIXEIRA VIEIRA — de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas.

EMÍLIO WILLEMS — de Sociologia.
JAMIL ALMANSUR HADDAD — de Literatura Brasileira.
JOSE' OSWALD DE SOUZA ANDRADE — de Literatura Brasileira.
JOSE' DE SA' NUNES — de Filologia e Língua Portuguesa.
LOURIVAL GOMES MACHAO — de Política.
MANOEL CERQUEIRA LEITE — de Literatura Brasileira.
ODILON ARAUJO GRELLET — de História da Civilização Americana.
PAULO SAWAYA — de Zoologia.
THEODORO HENRIQUE MAURER JÚNIOR — de Filologia Ro-
mânica.

* *
*

ASSISTENTES

ABRAHÃO DE MORAES — Licenciado em Física e Matemática; Li-
vre-docente da Escola Politécnica da Universidade de S. Paulo
— Assistente científico contratado de primeira categoria da
cadeira de Mecânica Racional precedida de Cálculo Vetorial
de 1/1/39 a 31/12/41; 1.º assistente da cadeira de Mecânica
Racional e Mecânica Celeste de 1/1/42 a 31/12/43.

ACHILLES ARCHERO JÚNIOR — Licenciado em Filosofia — 1.º as-
sistente, em comissão, da cadeira de Sociologia Educacional da
Secção de Educação até 16/5/39.

ALAÍDE TAVEIROS — Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais —
3.º assistente interino da Secção de Educação de 19/10/38 a
31/12/41 (Sociologia Educacional).

ALFREDO GOMES — Licenciado em Geografia e História — 1.º as-
sistente, em comissão, da cadeira de Metodologia do Ensino
Secundário de 21/2/40 a 31/12/41; 2.º assistente da ca-
deira de Didática Geral e Especial de 1/1/42 a 28/5/47.

ALICE PIFFER CANNABRAVA — Licenciada em Geografia e His-
tória; Doutora em Ciências — Assistente adjunta de 2.ª ca-
tegoria da cadeira de História da Civilização Americana de
7/4 a 31/12/38; assistente adjunta de 1.ª categoria da mes-
ma cadeira de 1/1 a 31/12/39; 1.º assistente da mesma ca-
deira de 1/1/42 a 13/8/46.

AMÉLIA AMERICANO FRANCO DOMINGUES DE CASTRO —
Licenciada em Geografia e História — 1.º assistente substi-
tuta da cadeira de Metodologia do Ensino Secundário de
18/4/41; 1.º assistente substituta da cadeira de Didática Ge-
ral e Especial de 1/1/42 a 31/8/43; Idem da mesma cadeira
de 1/9/43 a 30/6/46; 2.º assistente da mesma cadeira de
1/7/46 até a presente data.

ANNITA DE CASTILHO E MARCONDES CABRAL — Licenciada
em Filosofia e em Ciências Sociais, Mestre em Ciências So-

ciais; Doutora em Filosofia — 3.º assistente efetiva da cadeira de Psicologia até 27/4/45; 1.º assistente da mesma cadeira de 21/10/45 a 4/10/47.

ANTÔNIO BRITO CUNHA — Licenciado em História Natural; Doutor em Ciências — 3.º assistente da cadeira de Biologia Geral de 6/7/45 até a presente data.

ANTÔNIO AUGUSTO SOARES AMÓRA — Licenciado em Letras Clássicas; Doutor em Letras; Livre-docente de Literatura Portuguesa — 1.º assistente da cadeira de Literatura Portuguesa de 6/3/42 até a presente data.

ANTÔNIO CÂNDIDO DE MELLO E SOUZA — Licenciado em Ciências Sociais, Livre-docente de Literatura Brasileira — 1.º assistente substituto da cadeira de Sociologia Educacional de 1/3/42 a 13/1/43; 1.ª assistente substituto da cadeira de Sociologia II de 14/3/43 a 19/5/48; 1.º assistente da mesma cadeira de 20/5/48 até a presente data.

ARMANDO TONIOLI — Licenciado em Letras Clássicas — Assistente contratado da cadeira de Língua e Literatura Latina de 1/9 31/12/44; assistente contratado da mesma cadeira de 16/3/45 a 14/4/47; 1.º assistente da mesma cadeira de 18/6/48 até a presente data.

ARRIGO LEONARDO ANGELINI — Licenciado em Pedagogia — 1.º assistente da cadeira de Psicologia Educacional de 21/3/49 até a presente data.

ARY FRANÇA — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências — Assistente contratado da cadeira de Geografia Humana de 19/4/44 a 28/2/46; 1.º assistente da mesma cadeira de 1/3/46 até a presente data.

ASTRÉA MENUCCI GIESBRECHT — Licenciada em Química — 2.º assistente da cadeira de Físico-Química e Química Superior de 6/7/45 até a presente data.

ASTROGILDO RODRIGUES DE MELLO — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Assistente extranumerário sem vencimentos da cadeira de História da Civilização de 4/5/39 a 3/5/40.

AYLTHON BRANDÃO JOLY — Licenciado em Ciências Naturais — 2.º assistente da cadeira de Botânica de 1/3 a 30/6/46; 3.º assistente da mesma cadeira de 1/7/46 até a presente data.

BEATRIZ DE FREITAS WEY — Professôra normalista — 3.º assistente efetiva da cadeira de Psicologia Educacional de 23/10/39 até a presente data.

BENEDITO CASTRUCCI — Licenciado em Matemática; Doutor em Ciências; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Assistente científico de Geometria, em comissão, de 18/3 a 9/4/40;

assistente científico contratado da cadeira de Geometria Projetiva e Analítica de 10/4/40 a 23/4/42; 1.º assistente da cadeira de Geometria Analítica, Projetiva e Descritiva de 18/6/42 a 5/7/45.

BETTI KATZENSTEIN — Doutora em Filosofia — 1.º assistente substituta da cadeira de Psicologia Educacional da Secção de Educação de 5/9/39 a 19/1/40.

CARLOS DRUMOND — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências — 3.º assistente contratado da cadeira de Etnografia e Língua Tupi-Guarani de 1/1 a 31/12/42; 1.º assistente contratado da mesma cadeira de 1/1 a 31/12/43; 1.º assistente da mesma cadeira de 1/1/44 até a presente data.

CAROLINA MARTUSCELLI — Licenciada em Pedagogia — 1.º assistente da cadeira de Psicologia de 21/11/47 até a presente data.

CECÍLIA ELISA SILVA DE OLMEDO — Licenciada em Ciências Sociais — 1.º assistente da cadeira de Psicologia Educacional de 10/6/43 a 25/1/49.

CELINA CRISTIANO DE SOUZA — Licenciada em Ciências Sociais — 2.º assistente da cadeira de Estatística Geral e Aplicada de 24/10/47 até a presente data.

CELISA RIBEIRO ARRUDA — Diploma de Curso de Aperfeiçoamento do Instituto de Educação da Universidade de São Paulo — 3.º assistente da cadeira de Psicologia Educacional de 25/8/38 a 6/9/39.

CESARE MANSUETO GIULIO LATTES — Licenciado em Física — 3.º assistente da cadeira de Física Teórica e Física Matemática de 1/1/44 a 11/7/45; 2.º assistente da mesma cadeira de 12/7/45 a 21/12/48.

CÍCERO CRISTIANO DE SOUZA — Licenciado em Filosofia; Doutor em Filosofia e em Medicina — 1.º assistente em comissão da cadeira de Psicologia de 1/1 a 21/8/43.

CRODOWALDO PAVAN — Licenciado em História Natural; Doutor em Ciências — 3.º assistente da cadeira de Biologia Geral de 1/3/42 a 31/12/43; 2.º assistente da mesma cadeira de 1/1/44 até a presente data.

DEUSDA' MAGALHÃES MOTTA — Licenciado em Geografia e História — 1.º assistente da cadeira de História da Civilização Americana de 12/10/46 até a presente data.

DINORAH DA SILVEIRA CAMPOS PECORARO — Licenciada em Letras Neolatinas — 1.º assistente da cadeira de Filologia e Língua Portuguesa de 16/7/46 até a presente data.

- DIVA DINIZ CORRÊA** — Licenciada em História Natural; Doutora em Ciências — 3.º assistente da cadeira de Zoologia de 6/6/45 até a presente data.
- DOMINGOS VALENTE** — Licenciado em História Natural; Doutor em Ciências — 2.º assistente da cadeira de Fisiologia Geral e Animal de 1/1/44 até a presente data.
- DORA CALDEIRA DE BARROS** — Livre-docente de Didática Geral e Especial — Assistente de Metodologia do Ensino Secundário da Secção de Educação até 31/12/41; 1.º assistente da cadeira de Didática Geral e Especial de 1/1/42 a 31/8/43.
- DORIVAL TEIXEIRA VIEIRA** — Licenciado em Ciências Sociais; Doutor em Ciências; Livre-docente de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas — 1.º assistente da cadeira de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas de 20/5 a 31/12/42; 1.º assistente da mesma cadeira de 15/12/43 a 6/5/46.
- EDGARD BARROSO DO AMARAL** — Doutor em Medicina — Assistente científico contratado de 1.ª categoria da cadeira de Biologia Geral de 1/4/39 a 15/5/40.
- ÉDISON FARAH** — Licenciado em Matemática — 1.º assistente da cadeira de Análise Matemática de 1/5/42 a 22/6/45; 1.º assistente contratado junto à disciplina de Análise Superior de 5/7/46 a 19/12/48; 1.º assistente da cadeira de Análise Superior de 20/12/48 a 20/4/49.
- EDUARDO ALCÂNTARA DE OLIVEIRA** — Licenciado em Filosofia e em Ciências Sociais; Doutor em Ciências — Assistente adjunto contratado de 1.ª categoria da cadeira de Estatística de 1/2 a 31/12/39; Idem da mesma cadeira de 1/1/40 a 31/12/41; 1.º assistente da cadeira de Estatística Geral e Aplicada de 1/1/42 a 14/3/43.
- EDUARDO D'OLIVEIRA FRANÇA** — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Assistente adjunto de 1.ª categoria, em comissão, da cadeira de História da Civilização de 22/7/39 a 31/12/41; 1.º assistente da cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval de 1/1/42 a 25/6/47; 1.º assistente da cadeira de História da Civilização Moderna e Contemporânea de 26/6/47 até a presente data.
- EGON SCHADEN** — Licenciado em Filosofia; Doutor em Ciências — 1.º assistente da cadeira de Antropologia de 1/1/43 até a presente data.
- ELINA DE OLIVEIRA SANTOS** — Licenciada em Geografia e História — 3.º assistente contratada da cadeira de Geografia Física de 1/1 a 4/11/44; 1.º assistente contratada da mesma cadeira de 5/11 a 31/12/44; 1.º assistente da mesma cadeira de 1/1/45 até a presente data.

ELZA FURTADO GOMIDE — Licenciada em Matemática — 1.º assistente da cadeira de Análise Matemática de 13/9/45 até a presente data.

EMÍLIO WILLEMS — Doutor em Filosofia; Livre-docente de Sociologia — 1.º assistente da cadeira de Filosofia e História da Educação da Secção de Educação até 16/5/39; 1.º assistente da cadeira de Sociologia Educacional da Secção de Educação de 17/5/39 a 31/12/41; 1.º assistente da cadeira de Sociologia Educacional de 1/1/42 a 13/1/43; 1.º assistente da cadeira de Sociologia II de 14/1/43 a 19/5/48.

ENIO SANDOVAL PEIXOTO — Licenciado em Letras Neolatinas; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — 1.º assistente da cadeira de Filologia e Língua Portuguesa de 1/1/44 a 15/7/46; 1.º assistente da cadeira de Língua e Literatura Espanhola e Hispano-Americana de 16/7/46 até a presente data.

ERASMO GARCIA MENDES — Licenciado em História Natural; Doutor em Ciências — Assistente extranumerário sem vencimentos da cadeira de Fisiologia Geral e Animal de 13/4/40 a 12/4/41; assistente científico contratado da mesma cadeira de 9/5 a 31/12/41; 1.º assistente da mesma cadeira de 1/1/42 até a presente data.

ERNESTINA GIORDANO — Licenciada em Pedagogia — 1.º assistente, em comissão, da cadeira de Estatística e Educação Comparada da Secção de Educação de 1/8/38 a 31/12/41; 1.º assistente da cadeira de Administração Escolar e Educação Comparada de 1/1/42 a 16/7/44.

ERNESTO GIESBRECHT — Licenciado em Química; Doutor em Ciências — 2.º assistente da cadeira de Química Geral e Inorgânica e Química Analítica de 1/7/44 até a presente data.

ERNESTO LUIZ DE OLIVEIRA JÚNIOR — Engenheiro Civil — Assistente científico contratado da cadeira de Geometria até 28/9/39.

EULÁLIA ALVES SIQUEIRA — Diploma do Curso de Aperfeiçoamento do Instituto de Educação da Universidade de São Paulo — 3.º assistente efetiva da cadeira de Psicologia Educacional de 23/10/39 até a presente data.

EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Assistente-adjunto de 1.ª categoria da cadeira de História da Civilização até 18/4/39.

FLÁVIO AURÉLIO JOSE' PUCCI — Licenciado em Química — 2.º assistente da cadeira de Física Geral e Experimental de 28/9/49 até a presente data.

- FLORESTAN FERNANDES — Licenciado em Ciências Sociais; Mestre em Ciências Sociais — 2.º assistente da cadeira de Sociologia II de 1/3/45 até a presente data.
- FRANCISCO BERTI — Licenciado em Química; Doutor em Ciências — Assistente extranumerário da cadeira de Química de 13/4/40 a 13/4/41.
- FREDERICO LANGE DE MORRETES — Licenciado em Anatomia, Embriologia e Biologia — Assistente científico contratado de 1.ª categoria da cadeira de Geologia e Paleontologia de 27/10/38 a 30/4/41.
- GEORGE RENATO LEVI — Doutor em Química; Professor de Universidade na Itália — 1.º assistente contratado da cadeira de Físico-Química e Química Superior de 1/1 a 30/9/42.
- GERALDO DE ALMEIDA VIDAL — Licenciado em Letras Clássicas e Neolatinas — Assistente contratado da cadeira de Língua e Literatura Francesa de 1/9 a 31/12/44; 1.º assistente da mesma cadeira de 1/3/45 até a presente data.
- GERALDO DOS SANTOS LIMA FILHO — Licenciado em Matemática — 1.º assistente da cadeira de Geometria Analítica, Projetiva e Descritiva de 8/5/47 até a presente data; 1.º assistente da cadeira de Estatística Geral e Aplicada de 17/6/48 até a presente data (cumulativamente).
- GILDA ROCHA DE MELLO E SOUZA — Licenciada em Ciências Sociais — Assistente extranumerária sem vencimentos da cadeira de Sociologia de 23/2/40 a 22/2/41; 3.º assistente contratada da mesma cadeira de 22/3 a 31/12/43; 2.º assistente da cadeira de Sociologia I de 22/2/45 até a presente data.
- GIUSEPPE OCCHIALINI — Licenciado em Física — Assistente científico contratado de 1.ª categoria da cadeira de Física Geral e Experimental até 24/4/42.
- HAYDÉE BUENO DE CAMARGO — Licenciada em Letras Neolatinas — 3.º assistente, em comissão, do Laboratório de Psicologia Educacional da Seção de Educação de 26/9/39 a 31/12/42.
- HÉLIO SCHLITTLER SILVA — Licenciado em Ciências Sociais — 2.º assistente da cadeira de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas de 12/4/45 a 30/6/46; 1.º assistente da mesma cadeira de 1/7/46 até a presente data.
- HIGINO ALIANDRO — Licenciado em Línguas Estrangeiras — 1.º assistente da cadeira de Língua Inglesa, Literatura Inglesa e Anglo-Americana de 1/3/45 até a presente data.
- ISAAC NICOLAU SALUM — Licenciado em Letras Clássicas e em Línguas Estrangeiras; Bacharel em Teologia — 1.º assistente da cadeira de Filologia Românica de 6/3/47 até a presente data.

ISABEL BOTELHO CAMARGO SCHÜTZER — Licenciada em Ciências Sociais — Assistente adjunta contratada da cadeira de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas de 21/9/39 a 31/12/41; 2.^o assistente da mesma cadeira de 1/1/42 a 15/3/45.

ÍTALO BONFIM BETARELLO — Licenciado em Línguas Estrangeiras — Assistente extranumerário sem vencimentos da cadeira de Língua e Literatura Italiana de 5/9/39 a 4/9/40; 1.^o assistente da mesma cadeira de 13/3/42 até 15/3/43.

JANDIRA FRANÇA BARZAGHI — Licenciada em Química; Doutora em Ciências — Assistente adjunta de 1.^a categoria da cadeira de Físico-Química e Química para Ciências Naturais de 1/1/39 a 30/6/41; 1.^o assistente designada, em comissão, da cadeira de Química Orgânica e Química Biológica de 1/7 a 31/12/41; 1.^o assistente da mesma cadeira de 1/1/42 até a presente data.

JAYME TIOMNO — Licenciado em Física; “Master of Arts” — 3.^o assistente da cadeira de Física Teórica e Física Matemática de 20/8/47 a 20/1/48; 1.^o assistente da mesma cadeira de 21/1/48 até a presente data.

JOÃO BATISTA CASTANHO — Licenciado em Matemática — 1.^o assistente da cadeira de Crítica dos Princípios e Complementos de Matemática de 25/8/43 até a presente data.

JOÃO CRUZ COSTA — Licenciado em Filosofia; Doutor em Filosofia — Assistente adjunto de 1.^a categoria da cadeira de Filosofia Geral até 10/3/39.

JOÃO CUNHA ANDRADE — Licenciado em Filosofia — Assistente extranumerário sem vencimentos da cadeira de História da Filosofia de 16/1/41 a 16/1/42; assistente substituto da mesma cadeira de 1/2/45 a 14/7/48; assistente contratado da cadeira de História e Filosofia da Educação de 16/8 a 31/12/48; assistente substituto da cadeira de História da Filosofia de 21/4/49 até a presente data.

JOÃO DIAS DA SILVEIRA — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências — Assistente adjunto de 1.^a categoria da cadeira de Geografia Física e Humana até 10/5/39.

JOSE' ADERALDO CASTELLO — Licenciado em Letras Clássicas — 1.^o assistente da cadeira de Literatura Brasileira de 13/10/45 até a presente data.

JOSE' FRANCISCO DE CAMARGO — Licenciado em Filosofia e em Ciências Sociais — 2.^o assistente da cadeira de Sociologia Educacional de 17/4/42 a 13/1/43; 2.^o assistente da cadeira de Sociologia II de 14/1/43 a 10/7/46; 2.^o assistente da cadeira de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas de 11/7/46 até a presente data.

JOSE' LAZZARINI JÚNIOR — Licenciado em Letras Clássicas —
1.º assistente da cadeira de Língua e Literatura Grega de
1/7/46 até a presente data.

JOSE' MOACYR VIANNA COUTINHO — Licenciado em História
Natural — 3.º assistente da cadeira de Mineralogia e Petro-
grafia de 13/2/46 até a presente data.

JOSE' QUERINO RIBEIRO — Licenciado em Ciências Sociais —
1.º assistente, em comissão, da cadeira de História e Filosofia
da Educação, da Secção de Educação, até 31/12/41; assistente
extranumerário sem vencimentos da cadeira de Administração
Escolar de 23/4/41 a 22/4/42; 1.º assistente da cadeira de
História e Filosofia da Educação de 1/1/42 a 1/5/47; 1.º
assistente da cadeira de Administração Escolar e Educação
Comparada de 2/5/47 a 2/3/48.

JOSE' RIBEIRO DE ARAÚJO FILHO — Licenciado em Geografia
e História — 1.º assistente da cadeira de Geografia do Brasil
de 1/1/44 até a presente data.

JOSE' SEVERO DE CAMARGO PEREIRA — Licenciado em Pedago-
gia — 2.º assistente contratado da cadeira de Estatística
Educativa de 1/1/44 a 21/2/45; 2.º assistente da Cadeira
de Estatística II de 22/2/45 até a presente data.

JOSEFINA DE SOUZA TALMADGE — Professôra normalista —
3.º assistente efetiva da cadeira de Estatística II de 4/12/38
até a presente data.

JOSUE' CAMARGO MENDES — Licenciado em História Natural;
Doutor em Ciências — Assistente científico contratado da ca-
deira de Geologia e Paleontologia de 1/4 a 31/12/41; 2.º
assistente da mesma cadeira de 1/1/42 a 31/12/43; 1.º assis-
tente da mesma cadeira de 1/1/44 até a presente data.

JOVINO GUEDES DE MACEDO — Diploma do Curso de Aperfei-
çoamento do Instituto de Educação da Universidade de São
Paulo — 3.º assistente da cadeira de Psicologia Educativa
da Secção de Educação de 18/4/39 a 31/12/41.

JUDITH HALLIER — Diploma do Curso de Aperfeiçoamento do Ins-
tituto de Educação da Universidade de São Paulo — 3.º as-
sistente efetiva da cadeira de Estatística II de 3/4/47 até
a presente data.

JUVENTINA PATRÍCIA SANTANA — Professôra normalista —
1.º assistente do Laboratório de Psicologia anexo à cadeira
de Psicologia Educativa da Secção de Educação de 25/1/40
a 31/12/41.

LAERTE RAMOS DE CARVALHO — Licenciado em Filosofia — Assistente extranumerário sem vencimentos da cadeira de Filosofia de 15/1/43 a 14/1/44; 1.º assistente da mesma cadeira de 1/3/44 até a presente data; 1.º assistente da cadeira de História e Filosofia da Educação de 3/3/48 até a presente data, cumulativamente.

LAVÍNIA DA COSTA VILELA — Licenciada em Ciências Sociais — Assistente adjunta contratada de 1.ª categoria da cadeira de Sociologia de 5/4/39 a 31/12/41; 1.º assistente da mesma cadeira de 1/1/42 a 10/5/45; 1.º assistente da cadeira de Sociologia I de 24/8/45 a 27/10/48.

LINDO FAVA — Licenciado em Ciências Sociais; Doutor em Ciências — 1.º assistente da cadeira de Estatística II de 1/1/43 até a presente data.

LÍVIO TEIXEIRA — Licenciado em Filosofia, Doutor em Filosofia; Bacharel em Teologia e Ciências Jurídicas e Sociais — Assistente extranumerário sem vencimentos da cadeira de Filosofia Geral de 1/4/38 a 31/3/41; 1.º assistente da cadeira de História da Filosofia de 1/3/42 a 31/7/44 e de 15/7/48 a 20/4/49.

LOURIVAL GOMES MACHADO — Licenciado em Ciências Sociais; Doutor em Ciências; Livre-docente de Política; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Assistente adjunto contratado de 1.ª categoria da cadeira de Sociologia de 5/5/39 a 31/12/41; 1.º assistente da cadeira de Política de 1/1/42 até a presente data.

LUCILA HERRMANN — Licenciada em Ciências Sociais; Doutora em Ciências — 2.º assistente adjunta da cadeira de Sociologia da Sub-Secção de Ciências Sociais de 15/3/39 a 30/10/46.

LUCY LACERDA NAZÁRIO — Licenciada em Química; Doutora em Ciências — 3.º assistente da cadeira de Química Orgânica e Química Biológica de 30/4/45 até a presente data.

LUIZ HENRIQUE JACY MONTEIRO — Licenciado em Matemática — 1.º assistente contratado da disciplina da Análise Superior de 1/1 a 31/12/44; 1.º assistente da cadeira de Complementos de Geometria e Geometria Superior de 2/5/49 até a presente data.

MADELEINE PERRIER — Licenciada em Química; Doutora em Ciências — 3.º assistente da cadeira de Química Orgânica e Química Biológica de 27/9/45 até a presente data.

MAFALDA P. ZEMELLA — Licenciada em Geografia e História — 1.º assistente da cadeira de História da Civilização Brasileira de 6/12/47 até a presente data.

- MARCELO DAMY DE SOUZA SANTOS — Licenciado em Física — assistente científico contratado da cadeira de Física Geral e Experimental de 1/1 a 31/12/40.
- MARCELO DE MOURA CAMPOS — Licenciado em Química — 2.º assistente da cadeira de Química Orgânica e Biológica de 6/7/45 até a presente data.
- MARIA CELESTINA TEIXEIRA MENDES — Licenciada em Geografia e História — 3.º assistente da cadeira de Psicologia Educacional de 29/11/39 a 24/9/47.
- MARIA DA CONCEIÇÃO ALMEIDA DIAS BAPTISTA — Professora normalista — 3.º assistente efetiva da cadeira de Estatística II de 1/1/42 até a presente data.
- MARIA CONCEIÇÃO MARTINS RIBEIRO — Licenciada em Geografia e História — Assistente adjunta contratada de 2.ª categoria da cadeira de História da Civilização Brasileira de 15/8/39 a 30/6/41.
- MARIA CONCEIÇÃO VICENTE DE CARVALHO — Licenciada em Geografia e História; Química Industrial — Assistente adjunta de 2.ª categoria contratada da cadeira de Geografia de 16/4 a 13/6/39; assistente adjunta de 1.ª categoria contratada de 14/6 a 31/12/39; assistente adjunta contratada de 1.ª categoria da cadeira de Geografia Humana de 1/1/40 a 31/12/41; 1.ª assistente da mesma cadeira de 1/1/42 a 28/2/46.
- MARIA DOLORES UNGARETTI — Licenciada em História Natural; Doutora em Ciências — 3.º assistente da cadeira de Fisiologia Geral e Animal de 6/7/45 até a presente data.
- MARIA DULCE NOGUEIRA GARCEZ — Licenciada em Pedagogia e Filosofia — 1.º assistente, em comissão, da cadeira de Administração Escolar e Educação Comparada de 21/5/45 a 30/4/47; 1.º assistente substituta da cadeira de Psicologia Educacional de 2/5/47 a 20/3/49.
- MARIA JOSE' DE BARROS FORNARI AGUIRRE — Licenciada em Pedagogia — 3.º assistente da cadeira de Psicologia Educacional de 1/1/44 a 30/12/47; 2.º assistente da mesma cadeira de 31/12/47 até a presente data.
- MARIA JOSE' GARCIA — Licenciada em Pedagogia — 1.º assistente da cadeira de Administração Escolar e Educação Comparada de 6/3/48 até a presente data.
- MARIA DE LOURDES VERDERESE — Licenciada em Pedagogia — 2.º assistente da cadeira de Psicologia Educacional de 24/10/43 a 16/4/47.
- MARIA DA PENHA POMPEU DE TOLEDO — Diploma do Curso de Aperfeiçoamento do Instituto de Educação da Universidade de São Paulo — 3.º assistente efetiva da cadeira de Psicologia de 21/10/39 até a presente data.

- MARIA RICARDINA MENDES GONÇALVES — Licenciada em Letras Clássicas — Assistente, em comissão, da cadeira de Língua e Literatura Grega de 1/3/42 a 21/3/43.
- MARIA STELA CASTRO GUIMARÃES — Licenciada em História Natural — 3.^a assistente substituta de cadeira de Sociologia Educacional da Secção de Educação de 15/5/39 a 31/12/41; 3.^a auxiliar técnica de 1/1/42 a 18/3/46.
- MÁRIO ALVES GUIMARÃES — Licenciado em Física — 1.^o assistente junto à disciplina de Física Superior de 6/7/45 a 31/12/48; 1.^o assistente da mesma cadeira de 1/1/49 até a presente data.
- MÁRIO GUIMARÃES FERRI — Licenciado em História Natural; Doutor em Ciências — 3.^o assistente técnico contratado da cadeira de Botânica Geral de 1/9 a 31/12/39; assistente contratado adjunto da mesma cadeira de 1/1/40 a 2/4/41; assistente científico da mesma cadeira de 3/4/41 a 31/12/41; 1.^o assistente da mesma cadeira de 1/1/42 até a presente data.
- MÁRIO SCHENBERG — Licenciado em Física; Engenheiro Civil — Assistente científico contratado da cadeira de Teorias Físicas e História da Física até 31/12/41; 1.^o assistente da cadeira de Física Geral e Experimental de 1/1/ a 31/12/42.
- MARTHA VANUCCI — Licenciada em História Natural; Doutora em Ciências — 3.^o assistente contratada da cadeira de Zoologia de 1/7/44 a 5/6/45; 2.^o assistente da mesma cadeira de 6/6/45 até a presente data.
- MERCEDES RACHID — Licenciada em História Natural; Doutora em Ciências — 3.^o assistente da cadeira de Botânica de 1/1/43 a 30/6/46; 2.^o assistente da mesma cadeira de 1/7/46 até a presente data.
- MICHEL PEDRO SAWAYA — Licenciado em História Natural; Doutor em Ciências — Assistente científico contratado de 1.^a categoria da cadeira de Zoologia Geral de 1/1/39 a 31/12/41; 1.^o assistente da cadeira de Zoologia de 1/1/42 até a presente data.
- MYRIAN ELLIS — Licenciada em Letras Neolatinas — Assistente extranumerária sem vencimentos da cadeira de História da Civilização Brasileira de 9/8/47 a 8/8/48.
- NARCISO MENSIASCI LUPI — Assistente científico contratado de 2.^a categoria da cadeira de Geometria de 1/4/38 a 31/12/41.
- NELSON DA CUNHA AZEVEDO — Professor normalista — 1.^o assistente designado em comissão da cadeira de Metodologia do Ensino Secundário da Secção de Educação de 20/8/38 a 21/2/40.

NICE LECOQ MÜLLER — Licenciada em Geografia e História; Doutora em Ciências — 3.º assistente contratada da cadeira de Geografia Humana de 1/1/43 a 12/2/47.

NILONTINA GONÇALVES GOLANDA — Professôra normalista — 3.º assistente efetiva da cadeira de Psicologia Educacional até a presente data.

OLGA PANTALEÃO — Licenciada em Geografia e História; Doutora em Ciências — Assistente adjunta contratada de 1.ª categoria da cadeira de História da Civilização de 1/9 a 31/12/39; assistente adjunta da mesma cadeira de 1/1/40 a 31/12/41; 1.º assistente da cadeira de História da Civilização Moderna e Contemporânea de 1/1/42 a 26/7/46.

OLGA STREHLNEEK — 1.º assistente interina da cadeira de Psicologia Educacional da Secção de Educação de 25/8/38 a 31/12/41; 1.º assistente da cadeira de Psicologia Educacional de 1/1 a 31/12/42.

OMAR CATUNDA — Engenheiro Civil — Assistente científico de 1.ª categoria contratado da cadeira de Análise Matemática até 31/12/39.

PALMIRA AMAZONAS SAMPAIO — Licenciada em Matemática e Física — 3.º assistente da cadeira de Física Geral e Experimental de 12/7/45 a 31/1/49.

PASCHOAL ERNESTO AMÉRICO SENISE — Licenciado em Química; Doutor em Ciências — Assistente extranumerário sem vencimentos da cadeira de Química até 18/3/39; assistente adjunto de 1.ª categoria contratado da mesma cadeira de 1/1 a 31/12/39; assistente técnico de 2.ª categoria contratado da mesma cadeira de 1/1/40 a 30/6/41; 1.º assistente contratado da mesma cadeira de 1/7 a 31/12/41; 1.º assistente da cadeira de Química Inorgânica e Química Analítica de 1/1/42 até a presente data.

PAULO LEAL FERREIRA — Licenciado em Física — 1.º assistente substituto da cadeira de Física Teórica e Física Matemática de 5/3 a 31/10/47; 2.º assistente da mesma cadeira de 18/12/48 até a presente data.

PAULO SARAIVA DE TOLEDO — Licenciado em Física — 3.º assistente da cadeira de Física Teórica e Física Matemática de 21/2 a 6/12/48; 2.º assistente da mesma cadeira de 7/12/48 até a presente data.

PAULO SÉRGIO DE MAGALHÃES MACEDO — Licenciado em Física — 2.º assistente da cadeira de Mecânica Racional e Mecânica Celeste de 12/5/48 até a presente data.

- PAULO TAQUES BITTENCCURT — Licenciado em Física — 2.^o assistente da cadeira de Física Geral e Experimental de 1/1 a 31/12/42; 1.^o assistente da mesma cadeira de 1/1/43 a 28/2/49.
- PAULUS AULUS POMPÉIA — Licenciado em Física; Doutor em Ciências — 1.^o assistente da cadeira de Física Teórica e Física Matemática de 1/7/41 a 31/12/42.
- PEDRO MOACYR CAMPOS — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências; Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais — Assistente extranumerário sem vencimentos da cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval de 16/3/43 a 1/1/44; 1.^o assistente substituto da mesma cadeira de 1/1/44 a 12/2/46; contratado para prestar serviços junto a mesma cadeira de 13/2/46 a 24/5/47; 1.^o assistente da mesma cadeira de 25/6/47 até a presente data.
- RAFAEL GRISI — Licenciado em Filosofia — 1.^o assistente da cadeira de Didática Geral e Especial de 25/6/47 até a presente data.
- REYNALDO RAMOS DE SALDANHA DA GAMA — Engenheiro Civil — Assistente científico, em comissão, de 1.^a categoria da cadeira de Mineralogia até 10/3/39.
- RITA DE FREITAS — Licenciada em Ciências Sociais — 2.^o assistente, em comissão, da cadeira de Estatística Geral e Aplicada de 1/1/42 a 17/3/46.
- RÔMULO RIBEIRO PIERONI — Licenciado em Física; Doutor em Medicina — 2.^o assistente da cadeira de Mecânica Racional e Mecânica Celeste de 25/6/47 a 11/5/48; 1.^o assistente da cadeira de Física Geral e Experimental de 17/6/49 até a presente data.
- ROSINA DE BARROS — Licenciada em História Natural; Doutora em Ciências — Assistente designada de 3.^a categoria, em comissão, da cadeira de Biologia Geral de 15/5/40 a 31/12/41; 2.^o assistente da mesma cadeira de 1/1 a 28/2/42; 1.^o assistente de 1/3/42 até a presente data.
- ROZENDO SAMPAIO GARCIA — Licenciado em Geografia e História — Assistente adjunto contratado de 1.^a categoria da cadeira de Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani até 31/12/39; assistente extranumerário sem vencimentos da cadeira de História da Civilização Americana de 12/8/47 a 11/8/48.

RUI RIBEIRO FRANCO — Licenciado em História Natural; Doutor em Ciências — Assistente adjunto de 1.^a categoria contratado da cadeira de Mineralogia de 1/4/39 a 15/4/41; assistente científico contratado da cadeira de Mineralogia e Petrografia 16/4 a 1/7/41; 1.^o assistente contratado da mesma cadeira de 2/7 a 31/12/41; 1.^o assistente da mesma cadeira de 1/1/42 até a presente data.

RUTH DE ALCÂNTARA — Licenciada em Geografia e História — Assistente adjunta contratada de 3.^a categoria, em comissão, da cadeira de Etnografia e Língua Tupi-Guarani de 12/7/39 a 5/8/41.

RUY OSÓRIO DE FREITAS — Licenciado em Geografia e História e em História Natural; Doutor em Ciências — 2.^o assistente da cadeira de Mineralogia e Petrografia de 6/8/42 a 31/7/44; 2.^o assistente da cadeira de Geologia e Paleontologia de 1/8/44 até a presente data.

SETEMBRINO PETRI — Licenciado em História Natural; Doutor em Ciências — 3.^o assistente da cadeira de Geologia e Paleontologia de 12/7/45 até a presente data.

SIMÃO MATHIAS — Licenciado em Química; Doutor em Ciências — Assistente adjunto de 1.^a categoria contratado da cadeira de Físico-Química para Ciências Naturais de 1/1 a 31/12/39; assistente técnico de 2.^a categoria da mesma cadeira de 1/1/40 a 30/6/41; assistente contratado da cadeira de Química de 1/7 a 31/12/41; 1.^o assistente da cadeira de Química Inorgânica e Química Analítica de 1/1 a 31/12/42.

SONJA ASHAUER — Licenciada em Física; Doutora em Ciências — 1.^o assistente contratada da cadeira de Física Teórica e Física Matemática de 1/1/44 a 21/2/45; 1.^o assistente da mesma cadeira de 22/2/45 a 30/3/48; 2.^o assistente da mesma cadeira 31/3/48 a 21/8/48.

STELLA MIRANDA DE AZEVEDO — Professôra normalista — 3.^o assistente efetiva de 1/7/46 a 15/3/49.

SYLVIA BARBOSA FERRÁZ DIRICKSON — Licenciada em Letras Anglo-Germânicas — 1.^o assistente da cadeira de Língua e Literatura Alemã de 12/7/45 até a presente data.

THEODORO HENRIQUE MAURER JÚNIOR — Licenciado em Letras Clássicas; Doutor em Letras; Livre-docente de Filologia Românica; Bacharel em Teologia — Assistente adjunto das cadeiras de Filologia e Literatura Grega e Filologia e Literatura Latina de 10/4/40 a 31/12/41; 1.^o assistente da cadeira de Literatura Latina de 1/1/42 a 31/12/46.

- VERA TONETTI — Licenciada em Letras Neolatinas — 1.^o assistente da cadeira de Língua e Literatura Italiana de 16/6/48 até a presente data.
- VERA ATTAYDE PEREIRA — Licenciada em Geografia e História — 3.^o assistente contratada da cadeira de História da Civilização Brasileira de 8/10/41 até fins de 1944.
- WALTER DE CAMARGO SCHÜTZER — Licenciado em Física — 1.^o assistente da cadeira de Mecânica Racional e Mecânica Celeste de 1/1/44 a 30/6/46; 3.^o assistente da mesma cadeira de 1/7/46 até a presente data.
- WALTER LOEWENSTEIN — Licenciado em História Natural; Doutor em Ciências — Assistente extranumerário da cadeira de Mineralogia e Petrografia de 16/4/44 a 16/4/45.
- WILLIAM GERSON ROLIM DE CAMARGO — Licenciado em História Natural; Doutor em Ciências — Assistente extranumerário sem vencimentos da cadeira de Mineralogia e Petrografia de 1/6/40 a 31/5/41; assistente adjunto contratado da mesma cadeira de 1/1 a 31/12/41; 3.^o assistente da mesma cadeira de 1/1/42 a 21/2/45; 2.^o assistente da mesma cadeira de 22/2/45 até a presente data.
- YOLANDA MONTEUX — Licenciada em Física — Assistente científica contratada da cadeira de Física Geral e Experimental de 1/1 a 31/12/41; 2.^o assistente da cadeira de Física Teórica e Física Matemática de 1/1 a 31/12/42.
- ZENITH MENDES DA SILVEIRA — Licenciada em Ciências Sociais — Assistente efetiva da cadeira de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas de 1/7/46 até a presente data.

*

* * *

AUXILIARES DE ENSINO

- ANTÔNIA FERNANDA PACCA DE ALMEIDA — Licenciada em Geografia e História — Auxiliar de Ensino contratada da cadeira de História da Civilização Brasileira de 23/2 a 30/9/49.
- ANTÔNIO ROCHA PENTEADO — Licenciado em Geografia e História — Auxiliar de Ensino contratado da cadeira de Geografia do Brasil de 8/4/49 até a presente data.
- ANTÔNIO MORAES REGO — Auxiliar de Ensino efetivo da cadeira de Mineralogia e Petrografia de 1/7/46 até a presente data.

- ARISTÓTELES ORSINI — Doutor em Medicina; Professor catedrático da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Universidade de São Paulo — Auxiliar de Ensino contratado da cadeira de Física Geral e Experimental de 9/7/49 até a presente data.
- BERTA LANGE DE MORRETES — Licenciada em História Natural; Doutora em Ciências — Auxiliar de Ensino efetivo da cadeira de Botânica de 1/7/46 até a presente data.
- ELISA DO NASCIMENTO PEREIRA — Licenciada em História Natural — Auxiliar de Ensino contratada da cadeira de Biologia Geral de 23/2/48 até a presente data.
- ELVIRA BERTHOLDT — Auxiliar de Ensino efetiva da cadeira de Química Orgânica e Química Biológica de 1/7/46 a 28/1/49.
- ELZA FARAH — Auxiliar de Ensino efetiva da cadeira de Fisiologia Geral e Animal de 1/7/46 até a presente data.
- FRANCISCO BENTIVOGLIO — Auxiliar de Ensino efetivo da cadeira de Física Geral e Experimental de 1/7/47 até a presente data.
- GEORGE SCHWACHEIN — Licenciado em Física — Auxiliar de Ensino contratado da cadeira de Física Teórica e Física Matemática de 12/4/49 até a presente data.
- GERTRUD SIEGEL ALTERTHUM — Auxiliar de Ensino efetivo da cadeira de Fisiologia Geral e Animal de 9/4/47 até a presente data.
- GILDA REALE — Licenciada em Letras Clássicas — Auxiliar de Ensino contratada da cadeira de Língua e Literatura Grega de 19/10/49 até a presente data.
- JOÃO EUFROSINO — Auxiliar de Ensino efetivo da cadeira de Fisiologia Geral e Animal de 19/12/46 até a presente data.
- JÜRN JACOB PHILIPSON — Licenciado em Letras Neolatinas — Auxiliar de Ensino contratado da cadeira de Etnografia e Língua Tupi-Guarani de 8/4/49 até a presente data.
- MARIA DULCE NOGUEIRA GARCEZ — Licenciada em Pedagogia e Filosofia — Auxiliar de Ensino contratada da cadeira de Psicologia Educacional de 30/6/49 até a presente data.
- MARIA IGNEZ ROCHA E SILVA — Auxiliar de Ensino efetiva da cadeira de Botânica de 1/7/46 até a presente data.

- MARIA DE LOURDES DOS SANTOS MACHADO — Diploma do Curso de Aperfeiçoamento do Instituto de Educação da Universidade de São Paulo — Auxiliar de Ensino efetiva da cadeira de História e Filosofia da Educação de 1/7/46 até a presente data.
- MARIA SUZANA ELIEZER DE BARROS — Licenciada em Ciências Sociais — Auxiliar de Ensino efetiva da cadeira de Economia Política e História das Doutrinas Econômicas de 12/4/45 até a presente data.
- MARLISE MADELEINE MEYER — Licenciada em Letras Neolatinas — Auxiliar de Ensino contratada da cadeira de Língua e Literatura Francesa de 8/4/49 até a presente data.
- MARTA MAGDALENA ELISABETH ERPS BREUER — Auxiliar de Ensino efetiva da cadeira de Biologia Geral de 1/7/46 até a presente data.
- MAXIM TOLSTOI CARONE — Licenciado em Geografia e História — Auxiliar de Ensino contratado da cadeira de História da Civilização Brasileira de 1/9 a 31/12/44.
- RENATO SILVEIRA MENDES — Licenciado em Geografia e História; Doutor em Ciências — Auxiliar de Ensino contratado da cadeira de Geografia Humana de 8/4/49 até a presente data.
- ROBERTO DE FREITAS — Auxiliar de Ensino efetivo da cadeira de Geologia e Paleontologia de 19/12/46 até a presente data.
- ROZENDO SAMPAIO GARCIA — Licenciado em Geografia e História — Auxiliar de Ensino contratado da cadeira de História da Civilização Americana de 16/2/49 até a presente data.
- RUY W. TIBIRIÇA' — Auxiliar de Ensino efetivo do Departamento de Matemática de 1/7/46 até a presente data.

III. — Abertura dos Cursos. Aulas Inaugurais (*).

(*) . — A seguir são publicadas as aulas inaugurais que puderam ser obtidas pela *Secção de Publicações*. Em 1939 não houve aula inaugural, assim como em 1943. Os professores Plínio Ayrosa e Reynaldo Ramos de Saldanha da Gama, que proferiram as aulas inaugurais dos cursos em 1941 e 1947, respectivamente, o fizeram oralmente e o seu texto não foi reconstituído. Também publicamos a aula inaugural do Prof. André Dreyfus em 1938, por não ter sido estampada, como o deveria ter sido, no *Anuário* referente a esse ano.

AULA INAUGURAL DO PROFESSOR ANDRÉ DREYFUS EM 16 DE MARÇO DE 1938.

O VALOR DA FACULDADE DE FILOSOFIA E A CIÊNCIA PURA.

O meu profundo agradecimento a S. Exa. o dr. Ernesto de Souza Campos, incansável diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, pela honra insigne que me concede, convidando-me para realizar esta aula inaugural.

Parecerá certamente estranho, a primeira vista, que, contando uma Escola com vultos nacionais e estrangeiros do porte dos da Faculdade de Filosofia, tenha sido eu o escolhido para tão grande tarefa. Cabe-me portanto de início fazer a defesa de nosso dedicado diretor, defesa como vereis, fácil. Acontece, com efeito, que em fins do ano passado tive ensejo de tomar parte no primeiro concurso realizado na Faculdade de Ciências. E se o acaso determinou que a vitória, a cujo preparo dediquei os esforços destes últimos anos de minha vida profissional, me fôsse particularmente grata por não me ter custado a derrota de adversários ou a substituição de um predecessor desaparecido, determinou também que vos causasse o desprazer de me terdes ocupando neste momento vossa atenção, a qual mereceria por certo, melhor sorte.

A cátedra que tive a fortuna de conquistar apresenta para mim uma significação toda especial. Como membro que fui, da Comissão encarregada de elaborar o anteprojeto da fundação da Universidade de São Paulo, tenho o dever de dar o melhor de minha atividade à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e particularmente à sua cadeira de Biologia Geral, responsável que sou em parte, embora pequena, pela criação de uma e outra.

I

O TRÍPLICE VALOR DA FACULDADE.

A necessidade da fundação da Universidade de São Paulo e particularmente de sua Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, criadas ambas pelo governo Armando Sales há muito se vinha impondo. Outras vozes mais autorizadas que a minha já fizeram o histórico da questão. Não me deterei portanto neste ponto.

Desejo, todavia, ocupar por alguns instantes vossa atenção com a importância que apresenta para o futuro de nossa pátria, a criação de uma tal Escola. A primeira grande função que cabe à nova Faculdade é dotar nossa terra de um corpo especializado de professôres secundários.

A Faculdade e o ensino secundário.

Não vos quero tomar o tempo analisando as falhas dêsse ensino. Quero apenas chamar vossa atenção para o fato notável de, apesar das numerosas reformas por que tem passado, continuar o mesmo nas precárias condições que tanto nos entristecem. A razão dêsse estado de coisas é simples. De nada adianta fazer reformas desde que, os verdadeiros males do ensino — professor incompetente, ou mal remunerado ou sobrecarregado de horas de trabalho — não sejam removidos.

Até hoje tem faltado à nossa terra um corpo de professôres secundários de carreira. Ninguém se pode dedicar ao ensino primário, sem ter prèviamente feito, em escolas normais, um curso visando êsse fim; todavia qualquer pessoa pode, mediante simples registro, dedicar-se ao ensino secundário. Isso se deve a não existirem entre nós, Escolas Normais superiores ou Faculdades de Ciências e Letras visando precisamente a formação de um professorado secundário competente. Sabemos todos que, salvo honrosas exceções, é o professorado secundário recrutado, entre os falidos das profissões liberais. Médicos a ensinarem uma história natural consistindo essencialmente em rudimentos de Anatomia e Fisiologia humana, naquilo que tais conhecimentos têm de mais abcmínável, por exemplo, decorar os nomes dos ossos e músculos do corpo humano. Agora: mostrar que o osso é uma peça construída de modo a se prestar da melhor maneira às funções que lhe cabe realizar, que a presença de um canal medular num osso longo não diminui a resistência do osso e aumenta sua leveza, que a trama orgânica confere ao osso propriedades de elasticidade inexistentes sem ela, estudar, numa palavra, as coisas realmente interessantes e capazes de formar a cultura do aluno é coisa que em absoluto não se faz.

A verdadeira história natural, conhecer a natureza que nos cerca, interpretá-la, analisar a biologia dos animais e das plantas é deixada quase completamente de lado. O que foi dito da história natural, poderia ser repetido da história universal ensinada por advogados, da química ou da física por farmacêuticos, engenheiros, etc., etc. À Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras cabe a função de preparar os futuros professôres secundários de carreira e de, resolvendo assim êsse ponto capital, criar um professorado competente.

Não é fácil avaliar com precisão o mal que nos tem causado a falta de um ensino secundário bem orientado. E' êle o principal responsável pelo autodidatismo da maioria de todos nós. Nas faculdades técnicas o ensino tem que, forççsamente, ser especializado. A medicina, a engenharia, o direito, tornaram-se hoje tão complexos que o tempo que se dispõe nessas faculdades basta apenas para que se possa dar aos alunos que as cursam a formação técnica de que necessitam em sua vida profissional. Se ao cabo de 6 anos de estudos médicos tiver uma Faculdade de Medicina formado médicos capazes de agir conscientemente diante de um caso clínico, ter-se-á a mesma tornada digna de nossa mais calorosa admiração. Por isso aquêles que tem aspirações no campo da pesquisa e só possuem a bagagem fornecida pela faculdade técni-

ca onde se formaram, lutam com as maiores dificuldades para adquirir conhecimentos que deveriam ter sido fornecidos pelo curso secundário e completados pelo curso superior numa Faculdade de Ciências.

E' obrigação nossa aplainar essas dificuldades em relação às futuras gerações de brasileiros e aproveitar as vocações que, posso dar disso testemunho, são numerosas em nosso meio. Estou convencido, baseado numa prática de muitos anos de ensino, que, em geral, nosso estudante, já pela maneabilidade de sua inteligência, já pelo interesse pela Ciência e capacidade de trabalho, é um ótimo material. Nós, os professores, tanto secundários como superiores, é que não temos estado, em parte por culpa que não nos cabe, à altura de nossos alunos. Conseguimos assim transformar toda boa vontade e o interesse do jovem estudante, graças às decepções que vai acumulando no decurso de seus estudos, numa indiferença pela ciência e correlativamente na preocupação exclusiva de solver os problemas da vida material, destruindo assim os sonhos com que ingressou na Faculdade. Cabe-nos, a nós professores, o dever sagrado de alimentar essa chama que nem por ser a tradução de um ideal poderoso, é inextinguível. Poucos serão aqueles estudantes capazes de resistir ao sopro desalentador de um ensino mal conduzido, de aulas tornadas desinteressantes, da indiferença dos mestres pelo entusiasmo dos moços, das injustiças no julgamento das provas; enfim, de toda essa tragédia de que sobrenadam apenas aqueles cuja tenacidade chega a parecer uma forma de insânia ou um milagre.

Aos professores cabe, dizia a pouco, uma desculpa. Também eles passaram por toda essa triste história que é em muitas cadeiras de nossas escolas e faculdades o ensino sob diversas formas. Não quero dizer que atualmente ninguém saiba ensinar ou que no futuro todos os professores serão ótimos. Há os que nascem sabendo ensinar e os que jamais aprenderão esta arte. Acredito, porém, que a maioria dos professores não se encontra em nenhuma dessas duas categorias excepcionais e que a formação de professores secundários e superiores verdadeiramente competentes e aptos para o ensino, função que há de realizar nossa Faculdade, será um passo decisivo para a solução de um problema, cuja importância não pode ser exagerada.

Há um ponto que ainda desejo assinalar. Quero me referir à situação econômica do nosso professor secundário. Se quiserdes ter uma idéia do quanto temos sido injustos com nossos educadores, fazei uma comparação entre o que ganham entre nós os professores dos ginásios e a remuneração que recebem nos países europeus. Não vos quero cansar com números. Há fatos que falarão mais claramente que eles. O primeiro é ser o professor, nesses países, equiparado ao magistrado, um jovem professor secundário ganhando em média o mesmo que um juiz, no início de sua carreira. O segundo é que, à proporção que decorre o tempo, a situação econômica do professor vai como a do magistrado, melhorando, para no fim da carreira terem ambos quase triplicado os vencimentos iniciais. Entre nós um professor secundário ganha, aos 60 anos, o mesmo que aos 40 ou aos 25.

A adoção dêsse excelente método, que é igualmente aplicável aos professores universitários, impõe-se entre nós, pois também aqui um professor de Faculdade, uma vez atingida a cátedra, nunca mais encontra possibilidades de melhorar sua situação financeira. Vencimentos progressivamente aumentados em função do tempo e da qualidade do trabalho, representarão excelente estímulo para atraírmos ao magistério espíritos privilegiados e por isso mesmo dignos de uma posição social que até hoje não tem sido dada aos formadores de nossa cultura básica.

Professores mal pagos, e o que é pior, pagos a tanto por aula, são homens que chegam a dar, para poder viver, 6, 8 e mais horas de aula por dia. Este fato é um dos que mais tem surpreendido os meus colegas estrangeiros da Faculdade de Filosofia. Dêle decorre que o professor secundário não pode acompanhar o progresso das ciências, não pode completar e ampliar sua cultura literária ou filosófica, condenado por força de uma situação que não se sabe bem como qualificar, à mais completa estagnação intelectual.

Não nos iludamos. Não basta que nossa Faculdade, em colaboração com o Instituto de Educação forme um professorado secundário competente. É indispensável à altíssima dignidade da profissão de educador, que sejam criadas situações econômicas tais, que o professor não se transforme, para poder viver, numa máquina de dar aulas e que seu trabalho receba uma compensação financeira razoável. Até hoje, pelo que sei, o ensino secundário tem servido para enriquecer alguns proprietários de Ginásios. Que amanhã as coisas mudem e que se dê aos professores um pagamento justo, são medidas que se impõem como das mais urgentes para a solução dêsse magno problema.

A Faculdade e as pesquisas científicas.

Não é apenas contribuindo para a formação do professorado secundário de carreira que a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras está chamada a realizar em nosso meio uma obra grandiosa de utilidade prática imediata. Cabe-lhe em verdade outra função de significação ainda mais alta e da qual me quero agora ocupar sumariamente.

À Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras incumbe o dever de produzir uma elite de pesquisadores nos vários departamentos do saber humano.

O Brasil, como país novo que é, teve que resolver em primeiro lugar um problema de significação imediata muito maior, o de possuir um corpo de técnicos de categoria elevada: médicos, engenheiros, advogados, dentistas, agrônimos, veterinários, farmacêuticos, etc. São as exigências da vida cotidiana que reclamam seus serviços e sem êles a vida de uma sociedade civilizada é praticamente impossível. Dado, porém, a natureza dos estudos exigidos para que se possam formar êsses técnicos, ocorre que muitos dêles não quiseram se restringir à condição de simples aplicadores de processos já determinados pelos que os precederam e assim resolveram contribuir também com uma parcela na aquisição de novos dados, novas teorias que constituem a ciência, isto

é, aquela forma de atividade humana que ao lado da arte define uma alta civilização.

Olhemos, meus senhores, para os povos espalhados pela superfície da terra. Veremos que não é pela extensão territorial ou pela população que se conhecem os países que ocupam as posições de destaque na humanidade. Não vos cansarei com exemplos que temos todos presente. De passagem peço-vos para que nos detenhamos por um instante neste pequeno país do norte da Europa, a Bélgica, com pouco menos de 30.000 km. quadrados. Contemplemos a civilização belga. Eis que se nos apresentam o cosmógrafo Ortelius, o botânico Dodoneus, o anatomista André Vesálio, o químico Van Helmont, o matemático Quelelet, os biólogos Van Beneden e Bordet, o escritor Maeterlinck; a incomparável escola flamenga de pintura com os van Eyck, van der Weyden, Memling, Rubens, Jordaens, van Dick, os Breughel, os Teniers; os grandes arquitetos autores dos maravilhosos monumentos do gótico flamejante, enfim uma plêiade de valores que fariam o orgulho de qualquer povo. E logo na vizinhança da Bélgica, vamos encontrar a Holanda, a Noruega, a Suécia, a Suíça, tôdas pequenas na extensão territorial ou na população ou em ambas, mas grandes, imensas em sua significação como países que contribuem poderosamente na construção da humanidade contemporânea e dignas de serem invejadas por qualquer outro povo.

Nada mais razoável portanto do que êsse desêjo que de há muito, se havia instalado no espírito dos brasileiros que pensam, o de também elevarem sua pátria, concedendo-lhe uma ciência e uma arte autônomas e colaborando com as demais nações na libertação progressiva do homem do império das forças naturais, na elevação do *standard* médio da vida e na sublimação do espírito pela contemplação do belo.

Incontestavelmente devemos reconhecer que nossos predecessores fizeram o que era em seu tempo possível e para só falar no ramo das ciências biológicas, aí estão, entre outros, atestando êsse esforço, o Museu Nacional, o Museu do Ipiranga, o Instituto Butantã, o Instituto de Higiene, a Escola Fisiológica dos irmãos Osório de Almeida, e particularmente a obra monumental de Oswaldo Cruz.

Foi ainda sob idêntica orientação, a de despertar o gôsto pela pesquisa científica e dar ao pesquisador os recursos sem os quais o fracasso será inevitável, permitindo que o professor seja, como convém, um pesquisador, que sãbiamente São Paulo ergueu a sua Faculdade de Medicina, verdadeiro padrão de institutos semelhantes em nosso meio.

Faltava o coroamento dessa obra tão necessária, coroamento indispensável para que pudéssemos ter uma ciência e uma arte autônomas, tão desenvolvidas quanto a dos países que por sua situação privilegiada ou por outras causas nos precederam na elaboração da civilização humana. Ora, a criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras vem permitir que tôdas essas formas superiores da atividade humana possam ser cultivadas com uma intensidade e uma harmonia, anteriormente não atingidas. Harmonia, pois, os institutos a que nos referimos, ou

outros do mesmo gênero, visam sempre um fim particular determinado, ao passo que as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras abrangem a totalidade das formas da ciência humana e por isso atividades intelectuais que até à presente data não haviam podido ser abordadas em nossa terra. Intensidade, pois o fim principal, fundamental, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras é desenvolver o gôsto pela pesquisa.

Quem atentar para as dificuldades técnicas da pesquisa científica em nossos dias compreenderá imediatamente que só excepcionalmente alguém que não tenha tôdas as horas de suas atividade dirigidas para êsse fim possa a vir realizar alguma descoberta de grande valor. Nada mais instrutivo a êsse respeito do que a análise dos prêmios Nobel de medicina e fisiologia. Dos quarenta titulares dêsse prêmio, a maior honra a que pode aspirar um homem de ciência, há 16 clínicos e 24 não clínicos, dos quais 6 nem são médicos.

Cabe repetir aqui o que já foi dito há pouco. Não há nenhum desdouro para os clínicos na constatação que acabamos de fazer. A eles já incumbe tarefa suficientemente árdua, a de defender a vida de seus doentes, para que lhes possa sobrar tempo para essa outra obra não menos necessária, mas exigindo outras formas de atividade. A criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, o contrato de professôres estrangeiros para aquelas especialidades que ainda não são suficientemente cultivadas entre nós; professôres aos quais incumbe o dever não só de ensinar, mas principalmente de, utilizando os elementos mais capazes, formar uma escola brasileira de pesquisadores; a facilitação de viagens de aperfeiçoamento aos melhores alunos, aos assistentes e aos professôres brasileiros — hão de de permitir que o Brasil possa realizar obra semelhante a que, utilizando tais métodos, fizeram o Japão e os Estados Unidos.

São Paulo deu o exemplo criando não só uma faculdade de Filosofia, Ciências e Letras à altura de nossas necessidades, mas ainda instituindo para professôres das cadeiras de laboratório de várias de suas especialidades o regime do tempo integral, condição indispensável à possibilidade de uma verdadeira especialização. Graças ao atual governo, representado por Suas Excelências, os srs. Governador do Estado e Secretário da Educação e Saúde Pública, foi sãbiamente mantida na Universidade essa instituição que é a verdadeira garantia do progresso da pesquisa científica em São Paulo.

Ciência pura e ciência aplicada.

Eis que estou a ouvir vozes discordantes a dizerem:

Quantos dêstes especialistas farão realmente obras de valor para a humanidade? E ainda: O de que precisamos é de homens práticos, de teóricos estamos fartos. Basta de pesquisa de ciência pura, o que interessa são as descobertas úteis, de aplicação imediata.

Ao que responderei: 1.º) — Ainda que um entre mil realize uma descoberta notável, estaremos pagos pelos sacrifícios feitos. Também em países, onde a pesquisa científica está organizada, numerosos cien-

tistas limitam-se a transmitir os conhecimentos que possuem a seus alunos, e fazem apenas trabalhos sem maior repercussão. Pouco importa. O valor econômico-social de um cientista e sua significação para o engrandecimento da pátria que o viu nascer não tem preço. Nesse dia, todos os sacrifícios feitos com seus colegas menos capazes, ou menos felizes, estarão compensados. 2.º) — Só uma ignorância palmar das coisas da ciência pode criticar pesquisas desinteressadas, supondo formarem elas algo diferente das investigações visando fins práticos. Acredito que muitas das críticas que, nesse sentido, temos ouvido, provêm da oposição que entre nós se tem feito ao chamado ensino teórico. Tem-se com efeito, dito e repetido, que um dos grandes males de nosso ensino superior é ser demasiado teórico. Na verdade êsse ensino dito teórico não é nem teórico, nem prático, mas apenas pedantesco. Não se compreende, por exemplo, que um médico possa deixar de receber um ensino prático, técnico, completo, das cadeiras cuja conhecimento lhe permitirá precisamente exercer sua profissão. Quem poderá ser médico sem saber palpar, percutir, auscultar? E realmente nem sempre tais noções têm sido ministradas como convém. Agora, supor que o conhecimento de tais técnicas seja "todo" o ensino é cometer erro imperdoável. E' sobre os dados fornecidos pela palpação, percussão, auscultação que se há de exercer o raciocínio, a fim de compará-lo com outros e tirar as conclusões que o caso comporta.

Devemos notar que tomei intencionalmente um exemplo, onde a prática é particularmente importante. Em outros numerosos casos o papel da teoria é ainda muito mais notável. Faça o estudante tôdas as fístulas gástricas que quiser, analise as substâncias contidas na cavidade do estômago, e duvido que com isso fique ao corrente da fisiologia gástrica. Poderá ser um ótimo técnico de laboratório, nunca um fisiologista. Enfim é inútil multiplicar os exemplos. Notemos novamente que busquei exemplos nos domínios mais acessíveis das ciências naturais. Se passarmos para a química, a física e a matemática não poderemos penetrar na análise do que quer que seja, sem um estudo teórico consciencioso. O ensino exclusivamente prático formará técnicos, nunca homens capazes de interpretar os fenômenos que estudam. O mal provém de termos chamado ensino teórico a uma coisa que não é nem ensino, nem teoria.

E agora liquidemos de vez com a afirmação já irritante de que o que se deve é promover somente aquelas pesquisas que visem fins práticos imediatos. A ciência está repleta de exemplos de pesquisas feitas sem a menor finalidade prática e cujas aplicações foram do maior porte. Quase que se pode afirmar que não houve nenhuma grande descoberta de alcance prático que não tivesse sido feita desinteressadamente, sem visar algum resultado imediato.

Quando os dois Curie descobriram o rádio, jamais supuseram estar fornecendo à humanidade o mais poderoso dos processos terapêuticos até hoje conhecido para o tratamento dos tumores malignos.

As descobertas de Hertz, Branly e outros físicos nem um só momento visaram resultados práticos e foi graças a elas que Marconi pôde

pôr em prática uma técnica capaz de permitir a radiotelegrafia. Num país onde só se fizessem pesquisas visando fins práticos, nem os Curie, nem Hertz, nem Branly poderiam viver e como as descobertas práticas imensas que resultaram de suas investigações, dependeram de tais trabalhos, jamais essas descobertas utilíssimas teriam sido feitas. Aliás é o que ocorre com a maioria das descobertas úteis, pois dependem de outras que não pareciam de início apresentar a menor vantagem prática e ninguém pode decidir se uma descoberta de ciência pura virá ou não a ter importância.

Um dos homens a quem mais deve a humanidade pelas descobertas de alcance prático que realizou é Pasteur. Salvou a indústria sericícola da França. Salvou os vinhos e as cervejas franceses. Curou a raiva. Curou o carbúnculo. Deu as bases para a profilaxia das doenças infecciosas. Tornou possível a cirurgia moderna. Pois bem, senhores, quem era Pasteur? Pasteur, o maior dos médicos, não era médico. Era *normalien*, isto é, professor com um título equivalente aos dos nossos licenciados em ciências, que começou sua vida de pesquisas fazendo um trabalho notável sobre o ácido tartárico, trabalho de grande alcance teórico, mas sem aplicação prática. Vemos assim, êsse grandíssimo espírito, honra da latinidade, benfeitor da humanidade, realizar trabalhos de ciência pura, antes de fazer suas descobertas de aplicação prática. Mal estaria o jovem Pasteur, num país onde se acreditasse que só as pesquisas visando fins práticos devem ser permitidas. Repito-o, afirmar isso é o mesmo que condenar a ciência à mais estéril das estagnações, matando o principal estímulo que a ciência conhece: o prazer e glória de desvendar os segredos da natureza, tenham ou não tais descobertas aplicações práticas, remotas ou imediatas.

A Faculdade e a cooperação na Universidade.

Finalmente acredito que à nossa Faculdade cabe uma função de alta significação para a maior cooperação entre os membros de que se compõem nossa Universidade. E' incontestável que até agora temos vivido, professôres e alunos, demasiados afastados uns dos outros. Seria da maior utilidade para todos, um intercâmbio que nos levasse a nos conhecermos melhor, a compararmos nossos métodos de ensino, de estudo e os resultados a que chegamos e assim a nos compreendermos e nos estimarmos mais. Acredito que desde já duas soluções poderiam ser adotadas para facilitar êsse intercâmbio. Uma delas seria a criação de uma grande biblioteca central da Universidade. O problema bibliográfico é, para quem faz pesquisas, o grande tormento em nossa cidade. Faltam-nos as coleções da maioria das revistas especializadas e, em relação a outras, nem os anos atuais são assinados. E, todavia, acredito que, com o que se despende em São Paulo na compra de revistas para tôdas as Faculdades da Universidade e Institutos Científicos, revistas que por vêzes são assinadas por vários institutos, poder-se-ia resolver o problema. A unificação de tôdas as bibliotecas, já em estudo pelo Conselho Bibliotecário, muito embora diminuisse o confôrto de termos

as revistas que mais nos interessam diretamente à nossa disposição, seria fartamente compensada pelas vantagens resultantes de podermos consultar tudo aquilo de que necessitamos para nossos trabalhos. Por outro lado, as revistas especializadas poderiam permanecer nos respectivos Institutos ou laboratórios, bastando que delas ficasse uma ficha na biblioteca central.

A Faculdade e o curso complementar.

A segunda solução que me parece dever também ser um grande fator na aproximação desejada é entregarmos direta ou indiretamente a orientação do Colégio Universitário à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Estamos em relação aos cursos complementares em um período de ensaio. A lei federal os havia anexado aos Ginásios, solução da qual o menos que se pode dizer é ser um paradoxo, pois se dos Ginásios se afirma que têm fracassado no ensino secundário, como poderão ser bem sucedidos na empresa muito mais difícil e onerosa pela instalação e manutenção de laboratórios para prover o ensino complementar?

Entregar a regência dos cursos complementares aos professores das faculdades superiores, cada uma das quais dirigiria o curso correspondente, parece também pouco aconselhável, já que os resultados obtidos no Rio de Janeiro levaram o governo federal a criar, na Capital Federal, um Colégio Universitário autônomo. Por que não ensaiarmos aqui um método que parece perfeitamente racional? Se à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras cabe o dever de formar o professorado secundário de carreira, possuindo ela tôdas as cadeiras que se ensinam no curso secundário e no complementar, se lhe cumpre manter em alto nível, tal ensino e possuir amplos laboratórios de tôdas as cadeiras que os reclamam, por que não lhe entregarmos a direção ou pelo menos a orientação do curso complementar, cujos professores trabalhariam de comum acôrdo com os da Faculdade, utilizando também seus laboratórios?

Assim sendo, os futuros alunos de tôdas as Faculdades começariam seu aprendizado em comum, no Colégio Universitário, que já existe aqui, mas que poderia ser ligado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Assim, o intercâmbio tão desejado ficaria assegurado.

Melhor ainda, se entre as cadeiras básicas das Faculdades de que se compõe a Universidade, algumas fôsem julgadas suficientemente afins para poderem ser lecionadas, a exemplo do que ocorre em outros países, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Deixarei, no entanto, tão melindrosa questão para ser discutida pelos que, melhor do que eu, o possam fazer.

O espírito universitário.

Criar o verdadeiro espírito universitário, aproximando alunos e professores de tôdas as Faculdades da Universidade, criar um corpo de professores secundários realmente competentes e finalmente colocar o Brasil entre os países que ocupam a vanguarda da civilização, pela

criação de pesquisadores em todos os domínios da cultura humana, tais são os fins nobilíssimos que nossa Faculdade visa. Para sua realização ousamos contar com a colaboração de todos os alunos que hoje aqui ingressam, e que, estou certo, não medirão esforços para cooperar em obra tão notável.

Ciência da guerra.

Há uma acusação que em nossos dias se tem feito à Ciência e que pode ser rebatida com a maior facilidade. Tem-se dito que grande parte do mal-estar social do momento que atravessamos e principalmente que a violência, a crueldade e a potência destruidora das guerras de hoje, devem-se aos progressos científicos.

Permiti que eu faça uma comparação: para fabricar um sôro terapêutico é preciso isolar o germe causador da doença, injetá-lo num animal adequâdo, retirar-lhe o sangue, separar o sôro e injetá-lo finalmente no doente. O homem poderá injetar em seu semelhante o germe virulento ou o sôro curativo. Até hoje tem-se preferido essa última alternativa, mas se amanhã surgir a guerra bacteriológica, será da microbiologia a culpa? Não, meus senhores, a culpa será do homem que empregou indevidamente os conhecimentos que a Ciência lhe forneceu. Querer entrar o desenvolvimento da Ciência porque algumas de suas descobertas tanto podem servir a causa do bem, como a do mal, privando a humanidade dos maiores benefícios que ela tem recebido, é equiparar o homem a uma criança, à qual não se entrega um objeto perigoso, porém útil, porque em sua ignorância poderia prejudicar-se ou prejudicar a outrem, é admitir que devemos voltar ao homem da idade da pedra, pois onde iremos parar neste retrospecto?

As descobertas científicas dando poder ao homem, dão-lhe, por isso mesmo a possibilidade de fazer o mal e assim se a microbiologia e a química hão de ser desde logo condenadas, pois a guerra química já existe e a bacteriológica, ao que parece, virá breve, os demais departamentos da Ciência também forneceram, fornecem ou fornecerão armas mortíferas. Assim sendo, nenhum instrumento, nenhuma técnica deveria ser entregue à eterna criança que é o homem, pois tão depressa dêles se apoderar, os utilizará contra seus semelhantes.

Não me cabe discutir o aspecto social dêste problema, mas apenas afirmar, que sôbre a ciência não pode recair a culpa do mau emprêgo que, infelizmente, se tem tão largamente feito de suas descobertas.

II

CIÊNCIA E REALIDADE.

Senhores alunos da Faculdade de Ciências.

Vossa vida entra hoje em nova fase. Ides contemplar de perto e travar relações diretas com uma forma de atividade humana, a pesquisa científica, que tem sido não apenas a fonte principal do progresso

da humanidade, mas que, para aquêles que vivem ao seu contacto, representa alguma coisa de mais precioso.

A ciência não é apenas respeitável pelas descobertas úteis que fornece ao homem. E' principalmente digna de admiração pelo que representa na organização de nossa cultura pessoal, na disciplina de nosso espírito, na obrigação a que nos leva de dobrarmos nossos preconceitos à realidade do mundo que nos cerca, infinitamente mais complexo e imprevisito do que a mais descabelada imaginação humana jamais supusera.

Qual o romancista de aventuras, capaz de imaginar coisas que se possam aproximar das maravilhas e dos imprevisitos que diàriamente nos são fornecidos pela matemática criando geometrias não-euclidianas ou não-arquimedeanas; pela física analisando a dança dos protons, electrons e neutrons, dentro do átomo; pela astrofísica desvendando os mistérios das nebulcsas espirais, pela química mostrando que as substâncias mais disparatadas na aparência, o veneno do sapo, a vitamina D, a digitalina, os ácidos biliares, os vários hormônios femininos e masculinos, a substância organizadora descrita por Spemann no embrião são corpos que pertencem à mesma família; pela biologia, revelando o mecanismo da herança e localizando com precisão seus fatores dentro dos cromosomas?

E' dêsse aspecto particular que a Ciência pura assume para os que a cultivam, do prazer insuperável que ela representa para nosso espírito, que vos quero agora dizer duas palavras.

A ciência, pela grande variedade de aspectos que assume, nos mais diversos campos da atividade humana, tem com que satisfazer as mais diversas formas de espíritos. Quem quer que seja, encontrará nela campo para dar expansão às preferências de seu temperamento.

Eu, para mim, quero confessar-vos muito em segrêdo, que só me senti realmente escravo dela, quando pude verificar que graças à ciência a inteligência humana havia sido capaz de superar os próprios sentidos do homem e, mais tarde, quando cheguei a conclusão de que a realidade que nos cerca se rege por lógica diversa da que desde os gregos havia sido considerada como peculiar ao espírito humano.

Concedei-me alguns momentos para que vos dê uns poucos exemplos do que acabo de afirmar.

Raciocínio versus sentidos: as geometrias não euclidianas.

Que o raciocínio nos possa conduzir a aceitar coisa diversa do que revelam nossos sentidos grosseiros é o que desde muito foi estabelecido pelos estudiosos. Basta que vos lembre a esfericidade da terra e o seu movimento em tórno do sol, proposições ambas aparentemente absurdas e por isso longamente debatidas. Não é, porém, com exemplos dêste gênero que me quero ocupar, pois tais casos são relativamente fáceis de fazer entrar no quadro geral da nossa representação do mundo real. Quero me ocupar de casos mais sutis, onde o problema tomou

aspectos imprevistos. Consideremos, por exemplo, a criação das geometrias não-euclidianas.

Sabeis que o postulado de Euclides que diz: por um ponto num plano só é possível se fazer passar uma paralela a uma reta dada, não apresentara para os geométricos gregos o mesmo grau de evidência que as outras proposições primitivas ou axiomas que serviram de fundamento à geometria clássica. Assim sendo, numerosas foram as tentativas feitas para transformar o postulado em teorema, isto é, para demonstrá-lo, ou seja, deduzi-lo das proposições primitivas. Sabeis que tais tentativas, embora numerosas, sempre fracassaram até que Lobatchevsky, no comêço do século passado, demonstrou que o postulado de Euclides é indemonstrável. Indemonstrável, pois não é dedutível das outras proposições primitivas da geometria euclidiana, já que é possível criar uma geometria perfeitamente lógica, isto é, isenta de contradições, aceitando-se tôdas proposições primitivas da geometria de Euclides e substituindo-se o postulado por esta outra afirmação: “por um ponto num plano podemos passar um número infinito de paralelas a uma reta dada”. E’ claro que as imagens da geometria de Lobatchevsky não são representáveis para o espírito humano. Uma tal geometria é, no entanto, tão legítima quanto a de Euclides, no que diz respeito ao seu conteúdo lógico, pois por mais que se tivessem prolongado as deduções de seus teoremas, jamais se chegou a uma contradição.

E’ claro que os teoremas da geometria euclidiana estão em contradição com os da geometria de Lobatchevsky, mas cada uma dessas construções é impecável e isso é o que, matematicamente falando, importa. Outras geometrias puderam ser criadas. Riemann, conta a sua, dizendo: “por um ponto, num plano, não é permitido passar nenhuma paralela à uma reta dada”, de onde a existência de um espaço que se distingue do de Euclides por ser finito.

Sabeis que numerosos cientistas consideravam tais geometrias não-euclidianas como construções arbitrárias do espírito humano e não faltou quem dissesse: não vale a pena perder tempo com tais brincadeiras, pois sabemos todos que o espaço real é euclidiano, que só há uma paralela e que a soma dos ângulos internos de um triângulo é igual a dois ângulos retos e não a outros valores, como se deduz das geometrias não-euclidianas. Diziam ainda: o espaço euclidiano é aquêlê de que temos idéia intuitiva, suas figuras são as únicas que podemos “ver”, é o único dos espaços geométricos que corresponde ao nosso espaço representativo, logo é o espaço verdadeiro.

Ora, como saberemos, se o espaço real, o espaço físico é ou não euclidiano? Por medidas diretas, nunca; pois os nossos instrumentos de medida têm uma precisão limitada, além da qual nada nos dizem. O único meio de resolvermos a contenda é verificarmos se fenômenos reais, observáveis com os nossos recursos experimentais, são interpretáveis na concepção segundo a qual o espaço é euclidiano. Sabeis perfeitamente que tudo correu muito bem até o ano de 1887, em que Michelson e Morley fizeram sua célebre experiência. De acôrdo com as concepções clássicas a experiência em questão conduzia a conclusões sôbre as re-

lações entre a luz e o eter, inconciliáveis com outras experiências anteriormente feitas. Foi fartamente verificado que, em nenhum dos casos, se tratava de erro de experiência. E assim os físicos, profundamente perturbados se encontraram durante cerca de 20 anos, num beco sem saída. A solução era aceitar que nas 2as., 4as. e 6as. o eter era arrastado pelo movimento da terra e nas 3as., 5as. e sábados não o era, solução como é fácil de se compreender, muito pouco satisfatória.

Realidade versus raciocínio: a relatividade.

As dificuldades foram aplainadas quando Einstein teve a coragem de propor que se considerassem o tempo e o espaço como grandezas relativas. Assim sendo, é perfeitamente possível dar conta da experiência de Michelson, Morley e também das outras experiências, anteriormente feitas.

Para que possais representar bem o que significa uma tal modificação da nossa maneira de medir o tempo e o espaço, utilizarei um exemplo imitando o de Eddington: imaginemos que um dos estudantes aqui presentes mede com um cronômetro, o tempo que eu levo para dar essa aula e encontra, digamos, 60 minutos. Imaginemos, por outro lado, que este prédio seja transparente e que um aviador, deslocando-se com uma velocidade de cerca de 260.000 km. por segundo, passe sobre o prédio exatamente no momento em que eu me levantei para começar a aula e graças a aparelhos óticos especiais, possa, afastando-se em linha reta, continuar a me acompanhar durante a aula toda. O aviador usa um cronômetro igual ao do aluno e age com a mesma precisão que ele na determinação de suas medidas. Num certo momento eu me sento. Algum tempo depois o aviador registou o fenômeno. Algum tempo depois, já que a luz viaja a razão de 300.000 km. por segundo e o aviador se afasta de nós a 260.000 km. por segundo. O aviador desconta o tempo que a luz levou para ir desta sala, no momento em que eu me sentei, até o avião, no momento em que o fenômeno foi por ele percebido. Assim está ele em ótimas condições para, por uma simples subtração, saber quanto tempo levei falando. Faz a conta e encontra 120 minutos.

O aluno achou 60 minutos e o aviador 120. À primeira vista concluiríamos: um dos dois pelo menos deve estar errado. A aula pode não ter durado nem 60, nem 120 minutos, mas o que é "evidente" é que tendo durado 60, não poderá ter durado 120. Einstein responde: "não senhores, ambos estão certos. O sr. falou 60 minutos para um observador solidário ao sistema a que o sr. pertence e 120 para outro observador, que se move em relação ao sistema a que o sr. pertence". Como pode um fenômeno levar 60 minutos e também 120? Muito simples: é que a velocidade com que se escoo o tempo, depende da velocidade com que o observador se move em relação ao sistema em que se passa o fenômeno medido. Já sabíamos que o tempo psicológico é variável. Os 60 minutos desta aula parecem aos senhores infinitos, ao passo, que outros 60 minutos em alegre companhia, passarão sem sentir. O

mesmo ocorre com o tempo físico. Sua velocidade de escoamento varia com as circunstâncias em que se colocarem os observadores que o hão de medir.

Ora, entre as numerosas conseqüências da teoria da relatividade conta-se também esta: o espaço físico não é euclidiano, muito embora seja êsse o único espaço de que nossos sentidos nos dêem uma representação. Vemos assim como o raciocínio humano criando as geometrias não-euclidianas superou os próprios sentidos, substituindo um espaço intuitivo, por outro puramente racional, mas sem representação sensorial e todavia mais verdadeiro, pois mais adaptável ao mundo físico.

O exemplo que acabamos de analisar e muitos outros de que a física moderna está cheia, têm ainda outra virtude: o de nos mostrar que a organização da natureza segue processos diversos daqueles que à primeira vista se impõem a nosso espírito como lógicos. A melhor prova disso está em que o conceito de um tempo se escoando com velocidade dependente da do observador nunca se tinha imposto aos homens que anteriormente a Einstein haviam refletido e raciocinado sôbre a natureza do tempo. Nem os filósofos gregos que praticamente disseram tudo quanto se podia dizer em metafísica, nem ninguém depois dêles chegou a tal conclusão. Foi necessário que experiências contraditórias, desde que se admitissem as idéias clássicas sôbre o tempo físico se escoando com velocidade uniforme, obrigassem os maiores físicos da terra durante quase 20 anos a refletir sôbre o assunto, para que alguém tivesse a coragem de propor uma nova maneira de se contar o tempo. Antes de abandonar tão interessante problema, deixai que eu vos mostre que a matemática e a física, não têm o privilégio de se basearem em pontos de vista aparentemente absurdos. Felizmente a biologia já se tornou suficientemente científica para agir do mesmo modo. Se não, vejamos:

Ilogismo da biologia: o mecanismo da evolução das espécies.

Aqui estão dois bagres provenientes das cavernas do Iporanga. Um dêles mostra-nos pequenos rudimentos de olhos, no outro os olhos desapareceram. Os naturalistas ao fazerem achados como êste afirmam, aparentemente com tôda a lógica: "Aqui está o caminho seguido pela natureza ao fazer desaparecer os olhos, tornados inúteis nas cavernas; fê-los diminuir progressivamente, de tal maneira que devemos considerar os dois tipos aqui presentes como derivados, da forma comum provida de olhos, forma que os foi perdendo pouco a pouco como se pode ver ainda nos exemplares que têm olhos rudimentares.

Ora, o ilustre geneticista americano Morgan, nas suas gigantescas culturas de *drosófilas*, observou que, com relativa freqüência, nasciam da forma silvestre de que êle partiu, alguns indivíduos mutantes, isto é, com alterações bem definidas e perfeitamente transmissíveis por herança. Dessas mutações algumas diziam respeito aos olhos. Assim obteve mutantes infrabar, bar e ultrabar nas quais os olhos eram cada vez menores e ainda mutantes *eyeless* completamente desprovidos de

olhos. Independentemente do fato notável e que aqui não desejo analisar, de terem tôdas essas formas surgido em culturas perfeitamente iluminadas, quero salientar a observação capital por êle feita, de derivarem todos os mutantes da forma primitiva com olhos normais e absolutamente não uns dos outros, por atrofia progressiva dos olhos. Incontestavelmente se um paleontologista encontrasse fósseis, ou um zoologista raças, com olhos de vários tamanhos, indo do olho normal à sua ausência, concluiria que a natureza teria feito derivar essas formas umas das outras, indo da normal à sem olhos ou inversamente. Pois bem, o experimentador que assistiu ao nascimento das várias formas sabe que isso é falso e que tôdas as formas encontradas derivam por mutações bruscas da forma com olhos normais, nenhum elo de parentesco existindo entre êles.

Assim sendo, que vale a minha conclusão sôbre a origem dos bagres sem olhos das cavernas do Iporanga? Evidentemente, absolutamente nada.

Numerosos outros exemplos semelhantes foram também fornecidos pelo mesmo material, a *drosófila*, em relação ao tamanho das asas, cor dos olhos, etc., etc.. Todos os tamanhos de asas, desde a asa normal, até a raça *ápteros*, passando entre outros tipos intermediários por certo, *beaded*, *stumpy*, *vestigial*, tôdas as cores de olho desde a raça silvestre *red*, até a raça *white*, passando por mais de trinta tons intermediários; e no entanto, todos êstes mutantes derivaram diretamente do tipo silvestre e nenhum elo genético apresentaram entre si. Tal é a ciência, maculada pela pecha do pecado original de sua origem humana e portanto limitada por nossos sentidos e por nossa inteligência, corrigidos uma ou outra vez pela força das circunstâncias, isto é, pela observação e pela experiência.

O valor da ciência.

Condenada à imperfeição, nem por isso é ela, menos digna de nossa admiração. Não desejo alongar demais essa dissertação e por isso não discutirei o problema do conhecimento, da coisa em si. Pouco importa que a essência das coisas nos escape para sempre. O que do mundo real nos é revelado pela ciência, chega para que possamos construir teorias científicas, isto é, convenções suficientemente concordantes com o mundo real, para podermos dar conta dos fenômenos relativos aos domínios que estudamos, e prever o que há de suceder em certas e determinadas circunstâncias. A ciência confere assim poder ao seu possuidor. Permite que nos transportemos com todo o conforto por terra, por mar e pelo ar, graças a ela podemos construir arranha-céus, curar doenças, transformar a noite em dia, comunicar à distância a voz e a imagem.

E' êsse o caráter que dá às teorias científicas tôda sua força: a faculdade de prever, de onde emana o poder. Até pouco só em física

e em certos domínios da química isso era possível. Os fenômenos biológicos, mais complexos só se prestavam a descrições e classificações. Felizmente *tempora mutantur*, e não vos quero deixar sem dar, particularmente aos meus futuros alunos da sub-seção de Ciências Naturais, um exemplo disso.

As teorias na biologia moderna: a hereditariedade.

Mostrarei o mais brevemente possível, a que estado chegaram hoje nossas concepções sobre o mecanismo da hereditariedade.

Explicar como podem os filhos se parecer com os pais e também como podem por vezes dêle diferir, é coisa que sempre preocupou o homem capaz de raciocinar. Foi, porém, só nos fins do século passado que o genial monge checo Gregório Mendel, pôde, graças a pesquisas experimentais dar uma explicação satisfatória da essência do mecanismo em questão. As conclusões fundamentais de Mendel foram: “os fatores hereditários existem em dose dupla nas células corporais e singela nas células reprodutores”; e ainda: “os diversos pares de fatores hereditários presentes nas células corporais, ao se distribuírem às células sexuais, comportam-se como unidades que se podem separar e recombinar de todos os modos possíveis, de acordo com as leis do acaso”. Que fossem esses fatores hereditários e onde estivessem eles situados nas células, foram coisas com as quais Mendel não se importou.

Como é sabido, o labor de Mendel permaneceu completamente ignorado e foi precisamente durante os 35 anos em que ninguém se preocupou com suas pesquisas que os citologistas e especialmente van Beneden e Boveri, estudaram o modo pelo qual a cromatina, essa substância presente no núcleo de toda célula, se comporta nas divisões celulares, das células sexuais e das células corporais. Foi visto que os fragmentos de cromatina, os cromosomas são duas vezes mais abundantes nas células do corpo onde formam pares, do que nas células sexuais que possuem um só constituinte de cada par.

Logo depois da redescoberta das leis de Mendel, em 1902, Sutton mostrou que o modo pelo qual se distribuem os fatores mendelianos é perfeitamente superponível ao modo pelo qual se distribuem os cromosomas e portanto que a mesma linguagem pode servir para descrever os dois processos. Assim sendo, nada mais razoável do que imaginarmos, como fez Sutton, que os cromosomas são os portadores dos fatores da herança mendeliana. Estava assim criada a teoria cromosômica da hereditariedade.

Seguem-se agora os numerosos trabalhos que fundaram a genética moderna, salientando-se particularmente os de Morgan e seus colaboradores na *drosófila*. Graças aos estudos de dois fenômenos genéticos que foram observados nos numerosos cruzamentos feitos, a associação entre fatores (*linkage*) e a recombinação de grupos de fatores (*crossig-over*) foi possível estabelecer quais os fatores contidos em cada cromosoma, qual a ordem em que se acham distribuídos linearmente ao longo dos cromosomas e até certo ponto, qual a distância relativa entre eles. A unidade de distância foi designada *morgan* ou morganídeo e o mapa

com a distribuição dos fatores ao longo dos cromosomas da *drosófila* tornou-se conhecido no mundo inteiro. A muitos citologistas ou geneticistas, porém, pareceram altamente duvidosas tais concepções e durante longos anos, fizeram-se assim críticas, por vêzes severíssimas, às idéias de Morgan.

Acontece, porém, que Müller e Painter e também Dobzhansky estudaram o que ocorre quando certas anomalias, consistindo principalmente em fragmentação ou trocas de segmentos não homólogos de cromosomas são realizadas anomalias (*sic*) cuja taxa é fortemente aumentada pela irradiação com raios X. Foi assim possível iniciar-se a construção de mapas não mais genéticos, mas sim citológicos. Assim sendo, um pequeno segmento de cromosomas, onde os processos genéticos tinham permitido a localização de determinados fatores, se tendo despreendido do cromosoma originário para fixar-se noutro, viu-se que certas modificações nas ligações, entre fatores, eram observadas e precisamente as que podiam ser previstas de acôrdo com os mapas genéticos.

Começou-se assim a possuir uma prova direta da teoria de Morgan, já que se podia ver o pedaço de cromosoma que se havia deslocado e causado as modificações previsíveis teoricamente.

A conclusão desses trabalhos, feitos entre 1929 e 1932, foi, pois, a primeira confirmação direta da teoria, segundo a qual os fatores hereditários ou *gens*, estão distribuídos linearmente ao longo dos cromosomas.

Heitz e Baur, em 1933, e logo a seguir vários autores, mostram que os cromosomas nas glândulas salivares da larva da *drosófila* são gigantesco, cem ou mais vêzes maiores do que as células comuns. Tais cromosomas são formados por séries de faixas fortemente coráveis pelo carmim acético, separados por regiões acromáticas.

A distribuição de tais faixas é absolutamente constante e sua descrição minuciosa foi feita por Painter e particularmente por Bridges, ao qual devemos a publicação, em fevereiro de 1935, de um mapa já bem completo, com a sede de 2.650 faixas.

Novos trabalhos se seguiram e o mais recente é o mapa do cromosoma X, publicado pelo mesmo Bridges, em janeiro dêste ano, e onde se acham descritas 1.024 faixas, contra 725 no mapa de 1935.

Ora, Painter e seus colaboradores mostraram que certas moscas, nas quais se havia podido estabelecer que determinados gens haviam sido perdidos (deficiência), apresentavam correlativamente a ausência de certas faixas (delecção), o que pôde ser visto por observação direta. Estabeleceu-se, assim, uma concordância impressionante entre a localização dos fatores baseada na genética e aquela que a observação direta havia fornecido.

Aqui tendes um dos mais belos exemplos de previsão no campo da Biologia Geral, a saber, a determinação da sede e a ordenação dos fatores da herança ao longo dos cromosomas, feita sobre a base de experiências de cruzamento, brilhantemente confirmada muitos anos mais tarde pela verificação direta. Nada mais justo, portanto, do que a atri-

buição do prêmio Nobel de medicina e fisiologia de 1933 ao ilustre biólogo americano Thomas Hunt Morgan.

O problema dos mapas cromosômicos da *drosófila* e alguns outros seres vivos, cujo patrimônio hereditário pôde ser estudado com certo cuidado (milho, outras espécies de *drosófila*), é uma das questões mais apaixonantes e que mais trabalhos suscita na genética contemporânea.

Vêdes, assim, meus caros alunos da sub-seção de Ciências Naturais que o tempo da biologia, puramente descritiva, felizmente passou.

Isto posto, quero crer que vos convenci e que pensais comigo que a Ciência está entre as formas de atividade humana mais dignas de serem cultivadas e que não vos arrependereis dando por ela o melhor de vossa capacidade.

Resta fazer calar os cétricos e agnósticos com os quais é muito difícil discutir.

Ciência e realidade.

Dizem êles coisas assim: a Ciência com a qual vocês se embevecem, na ordem prática, cura, é verdade, a difetéria e outras doenças, não impede, porém, que todo o homem morra; na ordem teórica, pior ainda, pois as teorias científicas são apenas representações tão simples quanto possível, de grupos de fenômenos, representações que são substituídas por outras, desde que mais simples, mais gerais ou mais concordantes com os fatos. A realidade mesma, essa nos escapará eternamente. E' muito difícil, dizia, discutir com tais homens. Creio que o que lhes podemos responder de melhor é: não importa. O resultado final da luta não nos interessa. Sabemos que jamais alcançaremos a vitória definitiva. Há, porém, um desêjo de aventura que nos salva e em nome dêle é que nos atiramos à pesquisa. E' certo que nunca diremos a última palavra sobre coisa alguma. Todavia, sabemos também que a Ciência guarda com a realidade um número suficientemente grande de pontos de contacto para que nossas previsões científicas dêem certo, para que nossos processos de evitar doenças, curá-las, construir edifícios, transatlânticos, aviões, aparelhos de rádio, cinemas, funcionem de modo seguro e para que nossas teorias científicas, por transitórias que sejam, nos alegrem o espírito e nos embelezem a alma, e isto nos basta.

Ciência e civilização.

Meus caros alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Antes de vos deixar, creio não vos poder dizer nada de mais sincero do que repetir algumas palavras que proferi há alguns dias, falando do papel da cultura científica: "Graças ao desenvolvimento de suas Universidade e à organização da pesquisa científica, pôde, em cêrca de 50 anos, o Japão transformar-se de um país feudal, numa das primeiras potências do mundo.

Estamos certos de que, dada a inteligência do estudante brasileiro e a índole pacífica do nosso povo, a transformação que aqui se há de

operar será no sentido em que se deu na grande república norte-americana, a de engrandecer a nossa pátria, elevando-a no conceito dos outros povos e estreitando os laços de amizade e o respeito mútuo entre os países da América.

Só a alta cultura, bem orientada, poderá resolver os angustiosos problemas da hora que passa. Vivemos horas tristes, onde os ódios entre povos, ódios incompreensíveis com o conhecimento mútuo que as facilidades de comunicação trouxeram, só são mantidos à custa de afirmações dogmáticas de princípios, que a mais elementar observação desmente. E' certo que de todos os povos humanos, desde os sumerianos, hititas, minoanos, até os atuais, têm nascido homens superiores, aos quais muito devemos.

Os entrelaçamentos entre povos colaboraram desde séculos na mistura das raças humanas e a pujança de um país como o Brasil, que sabe acolher, como nenhum outro, os homens das mais diversas origens, permitindo que seus patrimônios hereditários se justapusessem no mais complicado dos emaranhados antropológicos é uma das mais brilhantes provas de que a tese da supremacia de uma determinada raça pode ser decisivamente refutada. E' dos países da América e particularmente do Brasil que há de vir o grande desmentido a tais idéias. E com o desmentido, o advento de uma nova era de melhor compreensão entre os povos, de paz e de prosperidade".

AULA INAUGURAL DO PROFESSOR FRANCISCO DA SILVEIRA BUENO EM 1940.

OBJETIVO E MÉTODO DA FILOLOGIA.

Ao iniciar as minhas atividades de catedrático desta escola, desejo chamar a vossa atenção, srs. alunos, para o título da Faculdade a que pertencemos: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Não foi o acaso que associou neste conjunto universitário as letras às ciências sob a cúpola final da filosofia. Foi a experiência dos séculos e dos homens, foi o próprio estudo das exigências do espírito humano que assim determinou. As ciências, o conhecimento das coisas pelas suas causas imediatas, tendo por objetivo essencial a verdade, dirigem-se de maneira principal à inteligência, ao que de mais alto recebemos ao nascer. As letras, as artes, a percepção e a expressão da beleza surgem não só como o adorno da vida, como a parte mais agradável da existência mortal, mas também como a aptidão prática que serve, muitas vezes, de meio exteriorizador das ciências, como expressão cuidada e estética do pensamento filosófico. Se em todos êstes campos, que respondem ao bem alto desêjo de aperfeiçoamento que a todos nos anima, procurarmos situar a Filologia, onde a colocaremos? Incluí-la-emos entre as ciências ou lhe daremos a grata companhia das letras?

Não vos admire, srs. alunos, que vos ponha, logo de início, êste problema de classificação porque, no vasto domínio dos estudos filológicos, esta há sido um das questões mais discutidas e ainda hoje existe quem se bata por Filologia simplesmente arte e quem não a admita senão como ciência pura. A classificação de uma disciplina é problema de grande relevância, mas de nenhuma solução possível se primeiro não fôr solucionado êste outro ainda mais importante: o problema do objeto próprio, específico dessa disciplina. Como poderemos dizer que tal e tal é ciência ou arte se não soubermos qual seja o seu campo próprio de ação, aquilo sôbre que deve versar e a maneira caracteristicamente sua de atingir tais objetivos? Antes de tudo, portanto, antes de tentarmos colocar a nossa cadeira entre as ciências ou entre as artes, procuremos, nesta conversação preliminar, qual seja o seu objeto próprio, aquilo por que se distingue das outras cátedras, aquilo que lhe dá a razão de ser disciplina à parte, com fisionomia inconfundível.

Numa Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras qual será a nossa dentro de alguns anos, porque só o tempo conseguirá alargar os âmbitos da nossa instituição, encontraremos determinadas matérias que manterão entre si certas afinidades, mercê do objeto material que lhes é comum, se bem que cada qual se distinga pelo seu modo próprio de estudar êsse objeto comum, graças ao objeto formal, segundo se costuma dizer. Veremos, por exemplo, as cátedras de língua e literatura grega e latina; de história da civilização dêsses povos ilustres; de história da arte clássica e, conjuntas ou separadas, a mitologia, a arqueologia, a epigrafia, a numismática, a escultura, a arquitetura. Na cadeira das antiguidades clássicas estudarão os alunos as instituições civis, militares e religiosas e poderão descer aos conhecimentos da vida doméstica dessas gerações, até, v. g., aos cardápios das casas romanas. Qual o objeto material de tôdas essas cátedras? O mundo clássico de outrora. Mas cada qual trata apenas de uma porção dêsse mundo, de uma das manifestações dêsses povos. Quem percorresse todos êsses setores, ficaria conhecendo a antiguidade greco-romana de modo fragmentário, sem aquela unidade que faria de tantos conhecimentos dispersos uma síntese perfeita. E não haveria uma cátedra que, valendo-se de tôdas as demais dêsse grupo, nos pusesse à altura de abrangermos, numa só concepção, tão variado quão maravilhoso mundo clássico? Sim, essa disciplina coordenadora, essa cátedra sintetizadora é a Filologia.

Aproximando-nos cada vez mais da nossa finalidade, da cadeira que nos cumpre estudar — a Filologia Portuguêsa — deve esta disciplina ser para nós a coordenadora de tôdas as demais que, separadamente e de modo fragmentário, estudam a civilização de Portugal. Todos os alunos, ao atingirem a Faculdade, devem ter estudado a língua e a literatura portuguêsas, conhecendo-lhe a matéria, a poesia, a oratória, a estilística, a história dêsse povo. Todos êsses conhecimentos estão dispersos, sem talvez possuírem finalidade clara, meio vagos e imprecisos. A Filologia Portuguêsa vai coordená-los agora, vai aplicá-los aos monumentos literários do povo lusitano e dessa aplicação fazer surgir a consciência do conjunto para que cada qual possa ter o seu juízo da civilização lusa, inteirando-se completamente do que foi êsse passado tão estreitamente ligado ao nosso presente.

Que é, pois, Filologia? Eu a definirei com Augusto Böckh: “E’ o conhecimento científico da completa atividade e da vida inteira de um determinado povo, em um dado período de sua existência”. Ou então, com Otfried-Müller: “A percepção plena e inteira da vida intelectual antiga”, e, mais explicitamente explicado pelo mesmo autor: “A Filologia não se propõe nem estabelecer fatos particulares, nem conhecer formas abstratas, mas abraçar o espírito antigo todo inteiro nas obras da inteligência, do sentimento e da imaginação”. A Filologia é, por conseguinte, a disciplina que tem por objeto próprio o conhecimento perfeito e completo da vida intelectual de um povo através de todos os seus monumentos literários. A Filologia Portuguêsa há de ser, por-

tanto, o estudo da civilização, do espírito, da inteira vida intelectual do povo lusitano através dos monumentos que nos legaram as suas gerações passadas.

Eis aqui, srs. alunos, um ponto que desejo fique bem claro a todos vós: a finalidade de Filologia — o conhecimento inteiro e perfeito da civilização de um povo, numa determinada época de sua existência — será obtido unicamente e unicamente conseguido pela aplicação de todos os ensinamentos que as demais disciplinas histórico-literárias nos ministrarem, aos documentos, às obras, aos textos que esse mesmo povo nos deixou. Onde não houver textos, onde não houver obras escritas, não poderá haver Filologia. Estudar Filologia sem a aplicação dos textos não é estudar Filologia, é ignorar o que seja Filologia. Max Bonnet diz claramente: “Os textos são, ao mesmo tempo, o ponto de partida e o final, a razão de ser e, por assim dizer, o coração dos estudos filológicos”. (*La Philologie Classique, première leçon*). “Os filólogos, escreveu Laurand, estudam antes de tudo os textos antigos; é para melhor compreendê-los que procuram conhecimento cada vez mais exato das línguas, da história, das instituições ou das literaturas”. (*Manuel des Études Grecques et Latines*, III, 37). Este é, justamente, o ponto diferenciador, por excelência, da Filologia e da Lingüística; em face de um texto seguem direção diversa o lingüista e o filólogo. Para o primeiro só tem valor a língua em que está escrito o documento; para o segundo a língua é apenas um instrumento, um auxiliar que o ajuda a criticar o escrito, a avaliar da sua época, das suas qualidades de estilo, da veracidade ou não das suas idéias. Para o lingüista, as qualidades literárias do texto pouco ou nada valem. Ele quer descobrir aí a confirmação de alguma lei fonética, de algum problema de morfologia. A sintaxe, a expressão do pensamento já não lhe interessa. Para o filólogo, ao contrário, é a sintaxe que o atrai, porque é na expressão do pensamento que se encontram as demonstrações culturais de um povo, o seu adiantamento literário, o grau de civilização a que já tenha atingido. As idéias contidas no texto não despertam a atenção do lingüista; o que ele procura é a própria língua em si mesma e quanto mais primitiva, quanto mais rude, tanto mais rica de observações porque pode descobrir nela a atuação livre e espontânea das leis fisiológicas e psicológicas dos povos. A língua literária, policiada pela gramática e pelas academias, ornada pelos estilistas, não merece a menor fadiga dos lingüistas. Justamente ao revés procedem os filólogos: o seu objetivo último — o conhecimento completo e perfeito da civilização de uma nacionalidade — não se encontra senão nos escritos literários, nos textos exarados em língua culta e trabalhada pelos seus homens de maior valor. O filólogo, prêso que está aos textos, tem as suas fronteiras no tempo, não indo além dos limites das primeiras manifestações da cultura literária de uma nação. O lingüista, que só se prende às manifestações de linguagem humana, não conhece tais barreiras: qualquer inscrição, por mais rude que seja, lhe serve de estudos e até mesmo entre povos incultos, sem a menor manifestação al-

fabética onde nem sequer se sonha com uma língua padrão e os dialetos se emaranham na mais completa liberdade, até aí penetra o linguísta sem que o possa seguir o filólogo.

Se o texto é a condição essencial dos estudos filológicos, de tal modo que se não houver textos, não haverá também Filologia, segue-se que só possuirão tal disciplina aquêles povos que puderem apresentar, em seu passado, obras e monumentos escritos. Por isto foi que os antigos puderam unicamente aplicar tais estudos aos documentos da Grécia e de Roma, fundando a Filologia Clássica. Dado, porém, o exemplo, fácil foi criar a Filologia Românica desde que os povos neolatinos ministraram aos estudiosos as suas obras de arte e de pensamento. Ora, entre os povos neolatinos encontramos o português, que, desde os primeiros tempos da sua existência política, imediatamente, começou a compor em verso e em prosa, a documentar assim o seu grau de povo culto e civil, tendo à frente os seus próprios monarcas e para êmulos dêles tôda a legião enamorada dos seus trovadores inspirados. Era já o bastante para que nascesse a Filologia Portuguêsa, bem vasta hoje e das mais interessantes em todo o grupo românico, para a qual se voltam tôdas as vistas cultas da Europa e da América.

De tudo o que até agora ficou dito concluimos, srs. alunos, que o objeto principal da Filologia é o conhecimento completo e perfeito da civilização de um povo, numa determinada época de sua vida civil, através das suas obras de razão, de sentimento e de fantasia. De que meios, porém, se serve o filólogo para conseguir tão vasto objetivo? Em primeiro lugar, da língua. E' o veículo principal para o entendimento dos textos. Como estabelecer, como reconstituir, como comentar, como criticar os escritos desta ou daquela época sem o conhecimento profundo da língua dêsse tempo, das suas particularidades, dos seus meios de expressão então vigentes? Como distinguir entre o que é nacional e o que é adventício, como solucionar os casos duvidosos de autenticidade para não aceitar como sendo de éras remotas o que não passa de hábil imitação moderna, se não se possui o manêjo da língua, o conhecimento perfeito da sua história, das suas fases evolutivas? Os textos, porém, são em prosa e verso, abrangem o domínio da retórica e da poética; será necessário ter bem na ponta dos dedos os ensinamentos de tais disciplinas, conhecer muito bem todos os problemas da matéria, pois não poucas dificuldades são solvidas com a ajuda de tais regras da composição dos versos. A literatura, quer estilística, quer histórica, exige do filólogo trato contínuo e aperfeiçoamento para que êle saiba das correntes literárias daquelas épocas, das influências que poderiam ter vindo do estrangeiro e assim determinar as vias pelas quais penetraram as fôrças civilizadoras no país. No estudo dos textos, encontra o filólogo inúmeras referências a costumes, a danças, a devoções, a lugares já totalmente desaparecidos ou transformados, a usos desconhecidos, a personalidades já apagadas pela distância do tempo, a batalhas, a capitães que foram famosos, a acontecimentos que tiveram largos comentários em sua época. Como

dar conta de todo êste mundo já tão afastado dos nossos tempos e, por isso mesmo, tão cheio de curiosidades, de lendas e de encantos? Não poderá o filólogo deixar de recorrer à vasta enciclopédia das disciplinas históricas: ao estudo das antiguidades, das instituições, do passado, à história das religiões professadas na região, à arqueologia, à numismática e até à geografia bem como à história geral dêsse povo. E assim, muitas vêzes, do estudo de uma simples canção medieval reponta vivo e ressurrecto o quadro magnífico de tôda uma cidade na lufa-lufa de sua faina diária, com as correntes opostas de seus grupos políticos, com os comentários do povo aos atos dos monarcas, com as mil intrigas das facções turbulentas daquelas épocas, com os mais apaixonados dos trovadores mal correspondidos ou com as queixas sentidas das donas virgos que se torturaram e padeceram entre o apêlo irresistível do amado, à espera, na igreja ou sob as avelaneiras floridas, e a vigilância cruel das mães experientes e precavidas contra as ciladas do coração desvairado pelo amor.

*

Da necessidade que tem a Filologia de recorrer constantemente a tôdas estas disciplinas, mas, em primeiro lugar à língua e à literatura dos povos, surgiu na mente de muitos e ilustres tratadistas a convicção de que a Filologia não era senão uma arte e como tal classificaram em seus manuais. Tais autores, entretanto, confundiram duas coisas bem distintas: o instrumento e o objeto, o meio e o fim e falsearam, dessa forma, a finalidade tôda dos estudos filológicos. A língua e a literatura não são os objetivos finais da Filologia; são apenas os meios indispensáveis para que tal disciplina atinja a sua finalidade: o conhecimento perfeito e completo da civilização de um povo através dos seus monumentos escritos. A Filologia não forma artistas, não forma literatos no sentido em que hoje os compreendemos e muito menos críticos literários, críticos de estética para os quais a beleza é a qualidade primordial dos textos estudados. A Filologia busca a verdade, prepara o estudante para a crítica reconstrutora das obras de pensamento e de imaginação, mas sempre sob o critério da verdade, da autenticidade. Podem os textos ser belos ou feios, em poesia ou em prosa; isto não importa ao filólogo. Importa-lhe unicamente que sejam verdadeiros, da época e do autor a que são atribuídos, que estejam na sua forma perfeita e para isto deve estar preparado em paleografia, em hermenêutica, em epigrafia, em todos os conhecimentos que forem necessários para restabelecer os pontos falhos, para esclarecer as passagens obscuras, para elucidar os lugares difíceis, para reconstruir o texto em tôda a sua verdadeira fisionomia de documento do passado. Os filólogos não são homens que buscam a inspiração ao luar, ao som de um piano, de uma serenata ou que, impressionados pela formosura de um rosto ou pela beleza de um gesto, correm imediatamente a fazer um soneto ou uma canção. À semelhança dos homens de laboratório, que são capazes de esquecer as horas debruçados sôbre um microscó-

pio, os filólogos cobrem-se da poeira dos arquivos, desaparecem nas sombras das bibliotecas e empalidecem sôbre as amareladas folhas dos velhos códigos medievais. A Filologia, quer pelo seu objeto próprio, quer pelo seu método de crítica, quer pelas disciplinas históricas de que se serve, é ciência e não arte. Já agora podemos responder à primeira pergunta desta palestra: em que grupo deveremos colocar a nossa cadeira, entre as ciências ou entre as artes? Há quase um século já Augusto Böckh nos havia respondido, com o enorme pêso da sua enorme sabedoria: a Filologia é ciência e é ciência histórica.

Não haverá, porém, qualquer ponto em que possamos basear-nos para considerar a Filologia uma arte? Sim, com o trato contínuo da língua literária, dos monumentos do espírito humano em que o que de mais forte brilha é o cunho artístico, naturalmente, o filólogo afina o seu gôsto literário, apura o seu poder de crítica e, mais do que outro qualquer, será capaz de avaliar o grau de perfeição artística de tais obras, de tal época, de tal povo. Isto, porém, não é o objetivo primário da Filologia: o aluno que, estudando afincadamente a Filologia Portuguesa, os grandes monumentos dos Cancioneiros, da prosa clássica, dos grandes poemas do povo, saísse consumado prosador ou consumado poeta, mas com isto apenas, sem os conhecimentos históricos completos que lhe permitissem ampla síntese da civilização de Portugal em tais períodos, segura crítica científica de tais documentos, não seria filólogo, mas simplesmente literato. Ao contrário, se, dado um texto qualquer, pudesse criticá-lo, classificá-lo, comentando-o e até mesmo corrigindo-lhe as falhas pela aplicação dos seus conhecimentos literários e históricos, pelas referências nele contidas, então, sim, seria filólogo ainda que o seu gôsto artístico fôsse quando muito medíocre.

Se a Filologia é ciência, poderíamos perguntar-nos ainda se é ciência pura ou aplicada, isto é, se há alguma finalidade prática e utilitária no estudo da Filologia ou se se trata apenas de um conhecimento puramente científico. Muito excelente seria se pudéssemos estudar a Filologia pela Filologia, sem pensar em tirar dela o menor proveito prático no sentido de utilitário! Alguns, felizardos assim poderão fazer, êsses que nasceram amparados pela sorte, que tiveram antes de si alguém que por êles olhou, que lhes preparou fartamente a existência. Alheios a tôdas as preocupações de ordem material, encerram-se em suas bibliotecas e aí, revolvendo velhos documentos, verificando e comprovando, produzem essas obras de fino gôsto científico e literário que fazem o encanto e a inveja da grande maioria dos que lutam na poeira da vida e, apenas, de vez em quando, podem levantar os olhos para tão altas regiões de felicidade. Em geral, porém, e muito especialmente nas condições da nossa pátria, onde tudo está por fazer e só agora começamos a lançar as bases da futura vida intelectual do país, pensar em Filologia pela Filologia é pensar numa quimera que os mais adiantados povos da Europa, nem êles mesmos, já conseguiram. No Brasil, a Filologia é ciência eminentemente prática, eminentemente utilitária; possui a finalidade de preparar os futuros professôres de língua e de lite-

ratura portugêsa. Há muita diferença entre ser um mero transmissor de conhecimentos já recebidos, preparados, já feitos, e um verdadeiro professor que elabora os seus próprios conhecimentos e, assim, os transmite como coisa sua, com a marca especial de sua individualidade científica. “Para bem ensinar nas classes não é suficiente saber o que se deve ensinar. E’ necessário ainda saber melhor e, muitas vêzes, saber outras coisas além daquelas que se devem transmitir. Saber melhor, quer dizer, não ter sòmente aprendido, mas sim, ter descoberto por seus próprios esforços, ou pelo menos saber descobrir, saber onde encontrar as informações seguras, saber verificá-las, saber se são dignas de confiança ainda que o autor seja de nome; saber formar a sua própria opinião sôbre os assuntos controvertidos; saber esclarecer os pontos ainda obscuros; saber julgar os livros que vão ser entregues aos alunos; saber, numa palavra, ser professor de si mesmo antes de ser o mestre dos discípulos. Saber outra coisa é saber, por exemplo, decifrar os manuscritos, não tanto para neles descobrir a melhor lição numa determinada passagem, mas sobretudo para ser capaz de preferir a melhor dentre as variantes dos manuscritos já decifrados ou a de adivinhar pelos vestígios aí deixados. E’ saber ler as inscrições, não já para publicar novas coleções, mas, ao menos, para saber tirar das já publicadas os necessários esclarecimentos para os textos clássicos. E’ conhecer as obras de arte antiga, não unicamente para nelas seguir o desenvolvimento das idéias e das crenças, cujos vestígios encontramos nos monumentos escritos ou para observar mil pormenores dos costumes e da vida particular, que servem para o entendimento dos textos, mas especialmente a fim de poder observar com os próprios olhos, por assim dizer, e melhor compreender a vida dos povos antigos através de uma das suas manifestações mais importantes”. (Max Bonnet, *La Philologie Classique* 23-23).

O estudo da Filologia tem aqui outra aplicação não menos valiosa: nem todos os professôres de língua e de literatura portugêsa poderão fazer o seu próprio ensino, obter por si mesmos os conhecimentos que deverão transmitir aos alunos. Será necessário que exista no país um certo número de especialistas que preparem êstes conhecimentos de que os outros serão apenas veículos mais ou menos conscientes. Donde deverão sair tais mentores dêste ensino de língua e de literatura? Da classe de Filologia — a ciência coordenadora das demais que lhe servem de ancilas.

Por estas poucas palavras já podemos entrever a enorme utilidade e as grandes consequências que o nosso estudo vai produzir, dentro de alguns anos, para o ensino do Brasil. Só esta perspectiva deve ser suficiente para encher de patriótico entusiasmo a todos nós, deve ser suficiente para compensar-nos das fadigas dos trabalhos que iremos ter, pois, do nosso sacrifício, dos nossos suores se beneficiará a nossa pátria, se beneficiará o nosso povo. Certamente os nossos nomes serão esquecidos, certamente os nossos esforços serão criticados, mas lembremo-nos, srs. alunos, de que somos uns pequenos soldados da ciência e que foi sempre destino de todos êsses soldados serem olvidados nos grandes mo-

mentos da vitória, nas grandes horas dos triunfos. Não nos esqueçamos de que vamos ser as raízes desta planta que começa a germinar no solo da nossa pátria e de que é próprio das raízes o descer, o aprofundar-se cada vez mais no interior da terra para que mais alto suba o tronco, para que mais largamente se expandam os ramos e para que nos mais elevado das frondes pompeie a flôr que os olhos dos vindouros hão de admirar, ou para que reponte o fruto que as mãos dos discípulos hão de colher com alegria, certamente e, talvez, com gratidão. Esta leve e remota esperança seja bastante forte para todos vós, srs. alunos, suficiente para encher-vos de coragem nesta caminhada que hoje se inicia e que só terminará para todos nós quando nos faltar nos olhos o brilho da vida e a nossa inteligência já se banhar, então, na luz de outras esferas.

AULA INAUGURAL DO PROFESSOR ANDRÉ DREYFUS EM 1942.

A FUNÇÃO DE UMA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS.

Quis o nosso ilustre Diretor, Prof. Fernando de Azevedo, fôsse a abertura das aulas do presente ano realizada em solenidade especial, honrando-me com um convite para dirigir algumas palavras aos alunos.

A condição de professor mais antigo explica a escôlha, que, precisamente por ser injusta, ganha, a meus olhos, em importância.

Há um segundo e último fato, *the last but not the least*, que vem dar a esta reunião uma importância excepcional. É a presença, em nossa Congregação, das mais altas autoridades administrativas e culturais do Estado e da Universidade de São Paulo. Assim, ainda mais flagrante se torna a impropriedade de minha escôlha para interpretar o júbilo de todos nós, professôres, assistentes, alunos e demais auxiliares desta Faculdade.

*

*

*

Nossa Faculdade, por ser nova e também pela complexidade de seus fins, ainda não foi compreendida por todos. Se é verdade que algumas vezes, e aqui desejamos expressar-lhes o nosso reconhecimento, têm sabido pôr em evidência a alta significação, para o Brasil, da Faculdade de Filosofia, é também incontestável que o grande público ainda ignora o alcance dos fins a que ela se propõe.

Dois são os objetivos fundamentais de nossa Escola: a formação de um professorado secundário de carreira e a criação de investigadores, nos vários ramos do saber humano. Ora, se no Brasil não foi até hoje bem compreendida a verdadeira significação do professor secundário, fácil será imaginarmos que esta *avis rara*, o pesquisador, apareça ainda aos olhos do vulgo, como a girafa da anedota: um animal que não existe.

Muitos de vós, Senhores estudantes, ireis seguir a trilha do ensino secundário. Quanto se tem dito e escrito sôbre suas falhas, em nossa terra! Nem o presente momento comportaria análise mais aprofundada do assunto. No entanto, a magnitude do problema e a presença de tantos interessados em sua solução, justificam, parece-me, as considerações que se seguem.

A importância do ensino secundário é dessas coisas que não aparecem desde logo com clareza, e isso por várias razões. A grande maioria dentre nós, não teve um curso secundário bem feito. Mais tarde, foi mister que o completássemos ou retocássemos à nossa própria custa.

Finalmente nos esquecemos, ou não temos mais a coragem de reconhecer os graves defeitos adquiridos e só parcialmente corrigidos. Houvesse sido bem conduzido êsse ensino, e mais fácil se teria certamente tornado, não só a realização de nossos cursos superiores, mas, principalmente, a solução de tantos problemas cotidianos, intimamente ligados à cultura que depende do curso secundário.

Atentai nos acontecimentos mais corriqueiros de vossa vida corrente. A cada passo, desde os problemas utilitários, até as atividades requintadas da vida social, uma palestra sôbre música ou literatura, estamos dependendo da formação mental que deveríamos ter trazido do Ginásio.

Nada mais paradoxal do que os resultados de nossos cursos secundários, quando confrontados com os seus respectivos programas. Além de demasiado complexos, são servidos por livros freqüentemente defeituosos. Há apenas algumas semanas, fui levado a explicar a jovem aluno do 1.º ano de um dos nossos mais afamados Ginásios, alguns pontos de seu exame de "Ciências". Entre êles, figurava a função clorofiliana. Estranho era o texto pelo qual êste infeliz tinha que preparar seu exame. Não posso crer que um menino de 11 a 12 anos (falo de um indivíduo médio), seja capaz de compreender o sentido de uma exposição cheia de palavras técnicas e envolvendo conhecimentos sôbre: seiva bruta, seiva elaborada, assimilação do carbono (*sic*), saprofitismo, parasitismo, simbiose, redução, oxidação, substâncias orgânicas, etc., etc., e, o que é mais grave, um texto obscuro.

Cheguei à conclusão que só havia duas maneiras dêste estudante realizar seus exames. Decorar o capítulo sem o entender ou recorrer a uma cola. E' fácil nos inteirarmos dos sentimentos dêsse colegial pelo estudo das Ciências Naturais. Os reflexos condicionados, em consequência, se hão de formar e só poderão criar um sentimento de revolta por estudos que nenhuma significação parecem ter.

No entanto, como a escola freqüentada por êste estudante figura entre as melhores de São Paulo, acredito que a escôlha de tal livro só se explica por falta de melhor.

Pergunto a vós, que ides ingressar no ensino secundário: não é uma de vossas obrigações imediatas redigir livros bem feitos para nossa mocidade?

Em tais obras deveréis tomar por base o preceito que há muito venho defendendo: ensinar pouco e bem, isto é, claramente. Conheço livros escolares onde tudo quanto é autor ou nome técnico é citado, sem outra preocupação aparente senão a exposição de uma erudição superficial. Explicar de modo claro, o que quer que seja, é o que não está nos planos e talvez mesmo nas possibilidades do autor.

O estudo das Ciências Naturais deveria começar por ser inteiramente objetivo, pondo o aluno em contacto com a natureza que o cerca e com a qual já está familiarizado, mostrando como é possível interpretá-la. Isso não é feito. Seu ensino ganharia, inspirando-se o professor nos métodos correntes nos romances policiaes. Existe um fenômeno

(um crime); como encontrar-lhe as causas (os autores do crime)? Assim se poderia despertar o gôsto no aluno por um estudo que é, realmente, a mais maravilhosa das aventuras. No entanto, tenho a impressão que o colegial não percebe o menor elo entre o que lhe é ensinado e o meio no qual se acha mergulhado. Uma de suas maiores surpresas é verificar, o que geralmente só ocorre muito tarde, às vêzes na própria Universidade, que a ciência é, realmente, uma interpretação da realidade e não um castigo com o qual deve pagar as horas divertidas que passa fora da aula!

Perguntareis, então: qual o remédio para êsse estado de coisas?

Além de um programa bem orientado, sem as demasias, que caracterizam o ensino secundário na maioria dos países europeus (demasias compreensíveis, se não justificáveis, em tais centros, onde a fôrça da tradição impera), muito mais importantes se nos afigura a criação, em nossa terra, de um corpo de professôres secundários competentes, inteiramente dedicados à sua profissão e recebendo remuneração compatível, já com a alta significação da obra social que lhes cabe realizar, já com a necessidade de viver num nível de vida razoável.

Paradoxo dos mais revoltantes não é, Senhores, o contraste entre a miséria da maioria dos nossos professôres, alguns dos quais recebendo por suas aulas somas que me envergonho de referir e a opulência, a riqueza de alguns proprietários de Ginásios?

Verdade é que o Govêrno de São Paulo remediou, em grande parte, essa situação, assegurando aos professôres de Ginásios uma remuneração razoável. Cabe agora, pela determinação de salários mínimos bem estudados, obrigar os ginásios particulares à adoção de solução análoga.

Acabo de pôr em destaque a necessidade inadiável de criarmos um professorado de carreira, ponto que reputo o mais importante para a solução do problema.

Reformas de ensino poderão ser úteis, simplificando, como dissemos, os programas. Na Europa, o ensino secundário luta ainda contra a rotina medieval, que o sobrecarrega com estudos aprofundados de certas disciplinas, como o Latim. Um tal conhecimento foi utilíssimo, pois era essa a única língua usada pelos eruditos. O estudo das ciências, cujo magnífico desenvolvimento começou na Renascença, só recentemente, pelos progressos realizados, se tornou digno de figurar como centro de formação cultural do adolescente. Convém, no entanto, salientar que reformas não terão fôrça para dar qualidades didáticas e cultura a quem fôr desprovido de tais predicados.

O Govêrno de nossa terra já reconheceu a importância da questão, determinando, com alta sabedoria, que, a partir de 1943, só possam ingressar no magistério secundário os licenciados pelas Faculdades de Filosofia.

Até hoje o ensino secundário esteve praticamente aberto a quem quer que a êle se quisesse dedicar. Por meio de simples registro, criava-se um professor secundário.

E quem se refugiava nesse ensino? Salvo honrosas exceções, os falidos das profissões liberais: médicos sem clínica, ensinando História Natural transformada nas noções pouco interessantes de Anatomia, como, por exemplo, a nomenclatura de ossos e músculos. E tais noções são geralmente limitadas à espécie humana, como se a multiplicidade que caracteriza os animais e as plantas, devesse ser desprezada de modo mais ou menos completo. O mesmo se diga de engenheiros ensinando Matemática, Física e Química; advogados transformados em professores de História, Latim, Português e assim por diante.

Como já foi dito, eram os falidos das profissões liberais que se abrigavam no ensino secundário, por serem os vitoriosos inteiramente absorvidos pelo exercício de sua própria atividade profissional. Insisto em que sempre houve honrosas exceções, e sempre existiram professores que tiveram vocação para o magistério e a êle deram o melhor de sua atividade. Eram, porém, exceções. Ora, se se compreende perfeitamente que o exercício da Medicina, Odontologia ou qualquer outra atividade dêse gênero, esteja aberto apenas àquêles que realizaram estudos especializados, compreende-se, ainda melhor, que a prática delicadíssima das funções exigidas para o ensino secundário só deva ser permitida aos que, para tanto, tiverem feito cursos especializados.

Percebe-se então porque, não havendo, salvo exceções, professores competentes, fôssem mal pagos e, por outro lado, mal pagos, dedicassem ao ensino secundário, refúgio para o seu insucesso profissional, uma atenção descuidada. E que esperar dêses homens, obrigados para sua simples sobrevivência a seis, oito ou mais horas de aulas diárias? Como exigir que tais máquinas de ensinar possam completar conhecimentos em livros e revistas, adquirindo gôsto pela sua profissão?

A Faculdade de Filosofia tem como um de seus objetivos, formar professores secundários de carreira. Nas Ciências Naturais, por exemplo, o estudante faz, durante três anos, cursos de Mineralogia, Petrografia, Paleontologia, Geologia, Zoologia, Fisiologia, Botânica, Biologia; cursos essencialmente objetivos, onde tudo quanto é exposto na chamada aula teórica, já ilustrada pela projeção de figuras, preparados, observações de peças, é; a seguir, realizado e observado pessoalmente pelo aluno nos exercícios práticos, feitos em nossos já razoáveis laboratórios, abertos o dia todo ao aluno. Tudo isso é seguido de um ano para a sua formação pedagógica e treinamento didático. Os nossos licenciados se acham, assim, em situação bem diferente daquela em que se encontra um professor improvisado de Ciências Naturais.

Aqui chegado, estou a ouvir outra crítica, que será fácil rebater. “Basta de ensino teórico, dizem. O ensino das ciências há de ser exclusivamente prático.”

Não compreendo bem o que se pretende dizer com tal afirmação. Parece-me que há uma lamentável confusão entre ensino teórico e ensino mal feito. O ensino bem feito há de ser, é claro, um ensino prático, mas também um ensino teórico.

Como transmitiremos, por exemplo, o conhecimento das duas leis de Mendel, das quais derivou a Genética, com o seu magnífico cortêjo de aplicações práticas, salientando-se todos os progressos que fazem o orgulho dos melhoristas, quer na Agricultura, quer na Zootecnia?

Por numerosos cruzamentos que façam os estudantes, já de plantas, já de animais, abrangendo um, dois ou mais caracteres diferentes e seguidos por uma, duas ou mais gerações, jamais chegarão às duas leis básicas.

Para tanto, é indispensável uma exposição, na qual serão introduzidas as hipóteses necessárias e induzidas as leis em questão. E isso só poderá ser feito num estudo teórico.

Ainda mesmo em domínio aparentemente menos abstrato, como seja o conhecimento do tubo renal ou do lóbulo hepático, não será apenas o exame dos cortes de rim ou de fígado, exame, é claro, indispensável, que há de bastar. Só uma síntese do aspecto oferecido pelos cortes feitos em várias direções, segundo técnicas diferentes, tudo isso completado pelo método das reconstruções, poderá permitir que o estudante forme uma idéia clara de tais arquiteturas. A associação judiciosa de demonstrações práticas, experiências, aulas de técnica e diagnóstico a lições teóricas ilustradas com projeções, destinadas a preparar a observação em aulas práticas, parece-me o único método realmente eficiente para o ensino das ciências, método que, por isso, venho já há vários anos seguindo e, parece-me, com bons resultados.

Acredito que alunos assim orientados, quando elevados à condição de professores secundários, hão de acabar com o ensino puramente livresco, agravado pelos excessos de uma terminologia rebarbativa e uma sinonímia desnecessária, ensino que caracteriza tantos de nossos atuais cursos.

Não me posso esquecer de um jovem candidato à nossa secção de Pedagogia, que fôra obrigado a decorar um tão grande número de nomes de fermentos digestivos e de autores por êles responsáveis, que certamente ultrapassava de muito o de tais produtos. Infelizmente, a única noção que êle ignorava era o que fôsse um fermento. . .

A culpa disso não cabia, evidentemente, ao estudante e sim a seus mestres e aos livros onde estudara.

Em resumo: a verdadeira reforma do ensino, aquela capaz de dar frutos, é a criação de um corpo de professores secundários competentes, amando a sua profissão, recebendo honorários compatíveis com a sua alta função social e tendo, horas suficientes de lazer para poderem completar e aperfeiçoar seus conhecimentos. Estamos convencidos de que esta reforma, a única eficiente, será realizada quando os professores secundários forem recrutados entre os licenciados das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras.

Todos os trabalhos modernos concordam, Senhores alunos, em dar à adolescência e à infância, uma importância cada vez maior na formação psicológica do indivíduo. Quaisquer que sejam as restrições que se queria fazer aos métodos psico-analíticos, behavioristas ou outros, gran-

de parte de verdade existe neles, e é por todos reconhecida. Em um ponto tais escolas estão de pleno acôrdo: é na infância e adolescência que ocorrem os traumas capazes de criar complexos, ou os acontecimentos capazes de formar reflexos condicionados que, uns e outros, irão marcar indelêvelmente o indivíduo pelo resto de sua vida. Compreendereis, assim, a altíssima responsabilidade que pesa sôbre vossos ombros.

Riscos consideráveis existirão, se o educador não souber pôr seus alunos em guarda contra o perigo da propaganda desenfreada que caracteriza nossa época. Despertar a capacidade crítica do aluno é seu dever. Um dos mais notáveis pensadores de nossa época aconselha, para a solução do problema, que o professor exponha ou faça expor, por advogados de cada doutrina, pontos de vista opostos. Em seguida, os alunos serão convidados a resumir e comparar, com simplicidade, os argumentos ouvidos, pois a eloquência costuma ser inversamente proporcional à solidez dos argumentos.

A educação deveria ser orientada no sentido de se combater a natural credulidade, e a não menos incredulidade natural dos incultos. Assim, já no jardim da infância, a criança teria de escolher entre os dois doces: um muito gostoso, mas acompanhado somente de uma fria enumeração de seus ingredientes e, outro, muito ruim, mas recomendado com a máxima técnica pelos melhores anunciadores. Mais tarde, a escôlha se faria entrê passar as férias num lugar bonito, porém, anunciado por um simples mapa, ou num lugar feio, apregoado em cartazes ber-rantes. A criança, depois, levada a ambos os lugares, formaria seu próprio juízo.

O método se aplica a outras disciplinas. Vejamos quanto à História. No passado, oradores eminentes e escritores diversos defenderam, com aparência de grande sabedoria, opiniões que hoje ninguém aceita: a realidade da bruxaria, a necessidade da escravatura, e outras tais. Seria conveniente que os jovens estudantes lessem êsses trabalhos para avaliarem, a um tempo, a retórica e o êrro dêsses autores.

Vossa função, Senhores futuros professôres, não será apenas ensinar coisas aos alunos, mas lhes formar, antes de tudo, a mentalidade, especialmente no sentido de desenvolver o espírito crítico, baseado no livre e imparcial exame dos dados.

Certo estou que, graças aos fundamentos aqui recebidos, sabereis cumpri-la integralmente, elevando o nome de nossa Faculdade e prestando um serviço ao Brasil.

* * *

*

À nossa Faculdade está ainda reservada, Senhoras e Senhores, outra função, cuja importância, embora menos aparente, não é, por isso, menos significativa.

Quero referir-me a seu papel como fonte de produção científica, no sentido mais amplo, seja dando origem a professôres universitários, seja, principalmente, como centro de formação de pesquisadores.

Cada professor de nossa Faculdade tem o dever de cercar-se de um grupo de auxiliares, aos quais orientará para a investigação nos vários domínios da sua especialidade.

Com efeito, o bem-estar e o conforto característicos de nossa época, são frutos da ciência: o cinema falado e os soros terapêuticos, o automóvel e as vacinas, o arranha-céu e a quimioterapia, o avião e as regras dietéticas, o rádio e os animais e plantas selecionados, a geladeira automática, a vitrola e os transatlânticos, tudo, tudo isso foi obra da ciência.

E' particularmente notável que, na base de quase tôdas essas e tantas outras descobertas úteis, estejam pesquisas científicas desinteressadas, feitas sem nenhuma preocupação de ordem prática. Pode-se mesmo afirmar: nenhuma grande descoberta existe que não tenha tido suas raízes em pesquisas de ciência pura.

Não é possível separar a ciência pura da aplicada. Seria fácil, porém, injusto para com o douto auditório, insistir no assunto. Ninguém pode prever, ao ser feita uma descoberta científica, se algum dia virá ou não a ter valor prático. O físico Faraday interrogado: "Para que serve esta experiência?", respondeu: "Para que serve a criança que acaba de nascer?"

Não há despesas inúteis e esforços a desprezar, quando se trata de estimular a formação de grandes pesquisadores. Os maiores progressos científicos dependem do aparecimento, num século, de uma dezena de indivíduos dentre os 2 bilhões que formam a população da terra, o que significa 5 décimos milionésimos por cento. E se levarmos em conta que há de 3 a 4 gerações por século, caberá dividir por 4 esta porcentagem, para termos uma idéia do valor de um grande cientista.

De há muito, os leigos inteligentes compreenderam o valor prático do homem de ciência. Podemos estar certos de que a razão mais forte pela qual o mundo deixou de acreditar que Josué tivesse feito parar o sol, foi êle ser útil à navegação, à astronomia de Copérnico, que prova o contrário. Se a concepção de Galileu sôbre a queda dos corpos prevaleceu sôbre a de Aristóteles, foi porque, partindo dela, se tornou possível calcular a trajetória dos canhões. Hoje, bem poucos acreditam no dilúvio universal, principalmente porque a Geologia moderna é indispensável aos trabalhos de mineração. O grande êxito da ciência provém do poder que confere a seus possuidores, donde seu prestígio, mesmo diante dos que, aparentemente, lhe são adversos. Quando acendo a lâmpada elétrica, ou evito a varíola, ou faço andar o meu automóvel, estou manifestando poder e o devo à ciência.

As Faculdades de Ciências, repito, têm, como uma de suas finalidades capitais, o desenvolvimento da pesquisa científica, cabendo-lhe fazer progredir o conhecimento humano em geral e, especialmente, o dos problemas nacionais. E' esta uma obra gigantesca para a qual já estamos dando nossos melhores esforços, e cujos frutos já estão representados pelas publicações da Faculdade e prêmios com que foram contemplados alguns de nossos colaboradores. Sábia foi a atitude do Govêrno de São

Paulo, que houve por bem fundar a Faculdade, como sábia foi a dos que lhe sucederam, indo buscar, fora de nossa terra, um grupo de professores estrangeiros, cuja responsabilidade principal é, precisamente, a de saberem se cercar de jovens brasileiros capazes de continuar a obra por êles iniciada.

Resultado previsível, uma vez que nosso saudoso patricio Teodoro Ramos, ilustre matemático e pensador, foi o homem escolhido para selecionar os professores encarregados de colaborar conosco.

A investigação científica exige, ainda, além do pesquisador, laboratórios e bibliotecas dispendiosos e auxiliares técnicos especializados, porém, indispensáveis. Seria loucura imaginarmos que um professor, sem contar com tais recursos, pudesse realizar o que dêle esperamos. Conforta-nos sobremodo ver como o atual Governo de São Paulo, a quem neste momento estamos homenageando, mostrou compreender o alcance do que cabe à nossa Faculdade empreender, e estamos certos de que continuaremos a ser ouvidos e atendidos, pois, se muito já foi realizado, bastante ainda resta a fazer para que a Faculdade possa cumprir integralmente suas finalidades.

Voltaire, analisando a constituição chinesa, considera-a a mais sábia de todo o Universo, pois castiga o administrador que ao deixar o cargo, não fôr aplaudido pelo grande público. O que já tendes feito, Senhores administradores aqui presentes, é uma garantia de que ainda quando nos regesse a constituição chinesa dos bons tempos, nada teríeis a temer!

Não será demais salientar que, nos países onde a cultura atingiu seu pleno desenvolvimento, é das Faculdades de Ciências que saiu a maioria daqueles que fazem progredir os conhecimentos humanos.

Ao leigo, poderá parecer estranho que as grandes descobertas de Medicina ou de Engenharia sejam, de regra, feitas por biólogos, físicos ou químicos e não por médicos ou engenheiros.

No entanto, é natural que assim seja.

Os médicos, advogados, engenheiros são como os agrônomos, dentistas, veterinários ou farmacêuticos, técnicos de categoria, indispensáveis à vida de uma sociedade civilizada. Formá-los é dever inadiável, a que o Brasil já atendeu há muito tempo.

A função essencial de tais técnicos, é resolver os problemas práticos, para os quais seus estudos especializados os deviam ter capacitados. Se uma Faculdade de Medicina conseguir, ao cabo de seis anos, formar médicos conscientes de sua alta função social e capazes de atender, com eficiência, a seus doentes, terá feito obra notável, pela qual todos nós lhe ficaremos gratos.

Agora, a criação científica, que é o coroamento de uma civilização, só acidentalmente poderá ser feita por um técnico do gênero dos indicados. Assim, percebe-se com facilidade que a um clínico, ocupado várias horas por dia, no tratamento de seus doentes, não sobrarão nem tempo, nem principalmente recursos para realizar tais pesquisas, pois as grandes descobertas são freqüentemente feitas em laboratórios e não diretamente na clínica.

Quem atentar para as dificuldades técnicas da pesquisa científica atual, compreenderá porque, por exceção, alguém que não tenha todas as horas de suas atividades dirigidas para êsse fim, poderá vir a realizar alguma descoberta de grande valor. Nada mais instrutivo a êsse respeito, do que a análise dos prêmios Nobel de Medicina e Fisiologia. Dentre 40 titulares dêsse prêmio, a maior honra científica que possa aspirar um pesquisador, há 16 clínicos contra 24 não clínicos, dos quais 6 não são formados em Medicina.

Lembrai-vos de Pasteur, o maior dos médicos.

Quem era Pasteur? Era um *normalien*, o que equivale a um licenciado. Seu primeiro trabalho versou sobre o ácido tartárico, trabalho químico de grande alcance teórico, porém sem aplicação prática. Mais tarde, Pasteur fez trabalhos de grande valor prático: salvou a indústria sericícola na França, seus vinhos e cervejas. Evitou a raiva, curou o carbúnculo. Lançou as bases da profilaxia das doenças infecciosas. Tornou possível a cirurgia moderna.

Pois bem, Pasteur ilustra, de modo particularmente brilhante, a nossa tese: Pasteur, que começou sua atividade científica com trabalho de ciência pura, mal estaria num país onde só se desse valor a trabalhos de aplicação prática. Além disso, Pasteur o maior dos médicos, não era médico. Era doutor em ciências.

Fiz a apologia da Ciência. Lembrar-vos-ei, porém, que detratores também os há. Dirão êsses: à Ciência também devemos metralhadoras e canhões, encouraçados e tanques, aviões de bombardeio, gases asfixiantes e explosivos de todo o gênero.

Ao que responderei: a Ciência em si não é nem boa, nem má. E' neutra. Cabe ao homem utilizá-la no bom sentido. Ninguém condenará a faca, pela simples razão de cortar-se, com ela, a criança, ou usá-la para o crime, o tarado. Cabe à humanidade não teimar em permanecer em um desses dois estados.

*

*

*

Senhores alunos da Faculdade:

Nos vários cursos que ireis seguir, diversos serão os assuntos a estudar.

Há, no entanto, pontos comuns que nos unem a todos. Assim, de uma coisa — o espírito científico — vos deveis impregnar, e por êles tereis de moldar a vossa mentalidade.

James M. Mavor começa a sua *Biologia Geral* nos seguintes termos: "Os métodos que permitem ao astrônomo medir o tamanho de uma estrêla distante, ao físico pintar o interior de um átomo; ao paleontologista reconstruir um dinossauro pré-histórico e ao biologista descobrir e investigar a causa da malária, diferem dos métodos que empregamos nos negócios ordinários de nossa vida cotidiana, principalmente quanto ao caminho exato e livre de preconceitos pelo qual são conduzidos. A

ciência se distingue do conhecimento comum, especialmente pela sua precisão de observação e precisão de raciocínio. As partes mais interessantes da Ciência, para muitos de nós, e as partes que fazem maior apêlo à imaginação, são as conclusões em forma de hipóteses, teorias e princípios a que chegamos, graças aos métodos científicos. Representam a grande sinfonia que brota de uma orquestra, depois de anos de treino de cada um dos músicos, e longas horas de prática do conjunto. No entanto, enquanto muita gente pode ter, pelo menos, uma sensação de beleza em relação a uma sinfonia sem conhecimentos técnicos de música, pois sua função primordial é agradar, o leigo é, geralmente, incapaz de apreender o sentido de uma conclusão ou generalização científica, a qual não cabe agradar a quem quer que seja, mas, simplesmente, representar os fatos tal como são determinados pela observação e experiência.”

Na verdade, todos vós procurais a causa dos fatos com que vos tendes que haver, bem como associar êsses fatos por meio de hipóteses ou teorias.

Não é fácil, no entanto, estabelecer com clareza até onde deve ir êsse inquérito.

Sem querer entrar em análises que não caberiam neste momento, entre as quais, a dos limites do princípio de causalidades, gostaria de vos mostrar com exemplos singelos, as dificuldades que muitas vêzes se nos deparam.

Conta-nos Leconte du Noüy, em seu livro *L'homme devant la science*, que perguntara um dia ao barbeiro, porque alisava sempre a navalha na palma da mão, depois de a ter passado sôbre o couro. — “E’ para retirar o corte cego”, respondeu. — “E que é corte cego, e por que é necessário tirá-lo?”, perguntou novamente Leconte du Noüy. O barbeiro não respondeu, dando, porém, mostras de grande irritação. Naturalmente, pensou: se eu, que sou barbeiro, me satisfaço com tal explicação, como compreender que êste senhor queira saber mais do que eu?

Poderíamos traduzir para o português a anedota, lembrando a do empregado de estrada de ferro que batia com um martelo nas rodas dos vagões, durante uma parada do trem. Interrogado sôbre a significação de seu gesto, respondeu: — “Ora, há 30 anos bato nas rodas várias vêzes por dia, sem saber porque, e o senhor, que não tem nada com isso, quer uma explicação! Que curiosidade absurda!”

Pois bem, Senhores, o cientista deseja ardentemente saber que é corte cego, porque deve ser destruído e porque se há de bater nas rodas. No entanto, não vos iludais, as respostas nunca esgotam o assunto. Na verdade, o cientista investigando as causas, mesmo no sentido grosseiro da palavra, não faz mais do que deslocar uma barreira para mais longe.

Voltemos a Leconte du Noüy: “E’ evidente, escreve, que cada acontecimento tem uma causa, ou geralmente, várias. Se tomarmos, como exemplo, um tiro de canhão, diremos que a causa da partida do obús

é a explosão da pequena espoleta ou o movimento da mão que puxou o barbante. Ou, mais possivelmente, a carga da pólvora. Mas, sem o movimento da mão do atirador, tal carga ficaria inerte durante séculos. Por outro lado, a combustão da espoleta poderia ter sido desencadeada, graças a aparelhos especiais e análogamente ao que aconteceu na exposição de Chicago, em 1933, por um raio de luz emitido 40 anos antes pela estrêla Arcturus. Seria êste astro responsável pelos estragos causados pelo obús? E os operários que fabricaram a pólvora, ou os engenheiros químicos, ou o fundador da usina, ou o inventor da fórmula, ou o pai dêle, ou a mãe dêle e seus antepassados serão os responsáveis?" Na verdade, tal é o encadeamento de tudo, que, muitas vêzes, só com dificuldade podemos responder à pergunta aparentemente ingênua: qual a causa de tal fenômeno?

O homem de ciência sabe que, tanto na investigação das causas, como das correlações que se estabelecem entre fatos, graças a hipóteses reunidas em teorias, a verdade, no sentido popular da palavra, a verdade com V maiúsculo, não está em jôgo. O que interessa, é termos conseguido uma penetração suficiente do assunto, para que uma representação satisfatória do mesmo seja possível, no momento considerado.

Hipóteses e teorias serão sempre provisórias, uma suficiente aproximação da verdade, para que possam dar conta dos fatos observados e, o que é muito mais importante, prever novos fatos. Embora a verdadeira natureza das coisas escape ao domínio da ciência, a possibilidade de prever com acêrto, pelo poder que confere ao cientista é, como já vimos, sua grande arma. No entanto, hipóteses e teorias serão sempre provisórias. No momento considerado, descobertos novos fatos, pode perfeitamente acontecer que as hipóteses anteriormente feitas não enquadrem com êsses novos fatos. Caberá, então, substituí-las por outras.

Com tôda a razão escreveu o famoso zoologista Thomas Huxley: "Mais de uma bela hipótese foi destruída por um fato feio."

Hipóteses e teorias são, porém, indispensáveis. Um cientista que não as sabe emitir, será apenas um registrador de fenômenos.

Concordemos, porém, com Goethe: "Ao homem cabe agitar e não resolver os problemas."

*

*

*

Senhores estudantes.

Acredito haver na ciência o germe de uma filosofia da vida, de alta moralidade: diante da relatividade de todo o conhecimento científico, diante da grandeza do Universo, da pequenez da terra, da fragilidade de nossas possibilidades, diante da dúvida, da incerteza que, apesar do muito realizado pela ciência, muito mais representa, quem não se sentirá impellido a adotar atitudes tolerantes e moderadas?

Tolerância e moderação tanto mais necessárias, quanto mais raras nos dias que correm.

A ciência nos ensina que, sem cooperação, nenhuma de suas grandes obras teria sido possível; cooperação dos mais diversos cientistas, de várias épocas e países.

Melhor exemplo não vos poderia dar que o de minha especialidade: a Genética.

Para só falar dos cientistas que tiveram um papel decisivo em sua criação, deveria partir de 1866, com o genial fundador da nova ciência, o abade checo Gregório Mendel, e prosseguir através de toda a Europa: van Beneden, belga; Boveri, suíço; Navashin, russo; de Vries, holandês; Correns, alemão; Von Tschermak, austríaco; Cuénot, francês; Bateson, inglês. Agora, já em 1902, intervém o continente americano, com Sutton e Mac Clung, seguidos do dinamarquês Johansen, do sueco Nielsson-Ehle, do belga Janssen, do alemão Goldschmidt e, finalmente, dos americanos Morgan, Wilson e Sturtevant.

Citei apenas os autores a quem devemos descobertas capitais no período que poderíamos chamar de “clássico”, compreendido entre 1866 e 1913.

Falar do desenvolvimento ulterior da Genética, seria inteiramente impossível neste momento. O novo ramo da Biologia toma um incremento diàriamente crescente e é em todos os países da terra, o nosso incluído, que iremos encontrar seus cultores, empenhados todos na tarefa magnífica de melhorar animais, plantas, e quem sabe, o próprio homem.

Não vos quero fatigar demais. Qualquer grande descoberta científica traz êsse mesmo sêlo de colaboração internacional. Que seria do telégrafo sem fio, sem os trabalhos do inglês Faraday, de seu patrício Maxwell, do alemão Hertz, do francês Branley e do italiano Marconi? Fácil seria multiplicar os exemplos.

São de Bertrand Russell, em sua obra *O Poder*, as seguintes luminosas palavras que não me quero furtar ao prazer de citar:

“O fim último de todos os que têm poder (e todos nós temos algum) deveria ser a promoção da cooperação social, não de grupo contra grupo, mas de toda a raça humana.

Se eu tivesse de nomear os quatro homens que maior poder tiveram, escolheria Buda, Cristo, Pitágoras e Galileu.

Nenhum dêles teve o apóio de um Govêrno, senão depois de já ter obtido, sòzinho, a maior parte de seu sucesso. Nenhum dêles teria afetado, como afetou, a vida humana, se seu objetivo primordial tivesse sido o poder. Nenhum dêles procurava o poder que escraviza, mas sim o poder que liberta. Os dois primeiros, mostrando como dominar as fôrças, que levam à luta, e, portanto, como vencer a escravidão e a sujeição; os dois últimos, indicando o caminho do contrôle das fôrças naturais. No fim das contas, não é a violência que domina os homens, mas a sabedoria dos que apelam para as inspirações comuns da humanidade, para a felicidade, para a paz interna e externa, e para

a compreensão dêste mundo em que fomos postos e no qual, queiramos ou não, temos que viver.”

Incerto, duvidoso, duro, talvez, é o futuro que a todos nos espera, nós que vivemos em 1942.

Embora concordantes na necessidade da paz universal, sabemos que muito caro teremos que pagá-la. As fôrças do mal, que se desencadeiam sôbre a terra, terão que ser primeiramente derrotadas, quaisquer que sejam os sacrifícios para tanto. Se, no entanto, as agruras do presente permitirem que êsse ideal de paz seja conseguido, recompensados estarão os sacrifícios de nossa geração pelo bem-estar assegurado às futuras.

Como cientista, não nos atemoriza olhar para as épocas muito distantes. Os milhares e milhões de anos ou mesmo séculos correntes em Geologia ou Astronomia já nos habituaram, pela prática do passado, a encarar futuros remotos com serenidade. Eis porque me apraz lembrar-vos as palavras otimistas do grande americano Cordell Hull, pronunciadas em recente discurso:

“A segurança do mundo representa o que há de mais caro nos corações dos homens e mulheres espalhados em tôdas as regiões do globo. Seja uma segurança contra bombardeios aéreos ou destruições em massa, seja uma segurança contra enfermidade ou fome, seja uma segurança para o gôzo dêsse direito inalienável que todo o ser humano deveria possuir, o direito de viver sua vida em paz”.

Senhores alunos!

Estou pessoalmente convencido que a generalização dos métodos correntes em ciência: livre exame de todos os problemas; respeito à liberdade de opinião alheia, fora de assuntos em relação aos quais possuímos dados seguros; certeza de que a infalibilidade não é atributo humano; aceitação de novos pontos de vista, desde que nos pareçam mais razoáveis, isto é, mais simples ou mais gerais; finalmente, espírito de cooperação e tolerância terão um papel importantíssimo na solução dos problemas com os quais se defronta nossa civilização. Como futuros orientadores da mocidade brasileira, muito podereis fazer e muito fareis, estou certo, nesse sentido.

AULA INAUGURAL DO PROFESSOR PAULO SAWAYA EM 20 DE MARÇO DE 1944.

FISIOLOGIA E ZOOLOGIA – NOVOS RUMOS.

A incumbência de inaugurar, no dia de hoje, os cursos normais de nossa Faculdade, é-me sobremaneira honrosa, maximé em se tratando do ano em que se comemora o décimo aniversário de sua fundação. Dez anos antes, êstes cursos não tinham sido ainda sistematizados no ensino superior do país. A filosofia e as letras eram geralmente estudadas em instituições particulares e cultivadas como adôrno às profissões liberais. As indagações das ciências chamadas puras faziam-se nos institutos técnicos profissionais. O estudo de muitas delas não ia além do currículo dos cursos secundários de então. Num gesto de inteligência e de alta compreensão dos governantes de 1934, misto de audácia e de coragem, foi lançada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, passo agigantado e indispensável para a corporificação das Faculdades existentes em uma Universidade. E' muito cêdo ainda para se escrever a história da instituição agora decana. Ainda estão bem vivas, na memória dos presentes, as lutas travadas para que ela firmasse pé ao lado dos demais institutos componentes da Universidade. As simpatias dos primeiros momentos, decorrentes mais da inovação que do entendimento das finalidades de tão agigantada emprêsa, sucederam-se dificuldades sem conta, naturais a um instituto de tão alta significação, que haveria de projetar-se profundamente em todos os setores de nossa vida educativa. Entusiasmo e compreensão dos governantes daquela época, e dos que se lhes seguiram, ao lado da dedicação dos dirigentes da própria Faculdade, da cooperação valiosa dos professôres nacionais e dos estrangeiros, e da disciplina, muitas vêzes posta à prova, do corpo discente, foram fatores que pesaram, com eficácia, no desenvolvimento desta instituição, para a conquista do posto que lhe compete no conjunto dos institutos universitários. Ao iniciarmos êste ano de vida da Faculdade, sentimos que alguma coisa foi feita nestes dez anos passados. Até aqui não chegámos de mãos vazias. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras é uma realidade. As sombras que empanam as perspectivas do futuro, a incerteza dos dias que vão chegar, a tarefa gigantesca da reconstrução de um mundo que se esboroa no fragor de uma tormenta aniquiladora, não tiram de nós a certeza de que relevante será o papel da Faculdade na solução dos problemas de após-guerra. A luta dêstes dez anos temperou os ânimos, fortificou-os para concorrerem com maior eficiência no trabalho de reconstrução.

Não é êste o lugar para se apresentarem os resultados dêsse decênio de trabalho. Não compete a mim esta tarefa. Dentro em breve, quando se comemorar a efeméride da primeira aula aqui proferida, vezes mais autorizadas hão de mostrar que não foram vãos os sacrifícios e os esforços dispendidos! O patrimônio espiritual e intelectual conquistado durante êsse tempo, ver-se-á, é uma compensação do árduo trabalho realizado. Os professôres que daqui saíram para o magistério secundário, a produção dos diversos departamentos no domínio da investigação desinteressada, o corpo de pesquisadores que labora ininterruptamente em laboratórios, em sua maioria improvisados, na adaptação de edifícios impróprios, o espírito de disciplina, a harmonia entre professôres, assistentes e alunos, são a melhor garantia para a consolidação da Faculdade.

Como disse, não trouxe o encargo de traçar a história da Faculdade. Aqui estou, tão somente para proferir a aula inaugural dêste ano auspicioso de 1944. A cátedra que tenho a honra de reger faz parte de um dos cursos mais complexos dos onze que compõem a Faculdade. Data de pouco mais de 4 anos a sua instituição, mas extensas são as suas relações, quer com as cadeiras do mesmo curso, quer com as disciplinas congêneres de outros institutos de nossa Universidade.

Antes de tratar das relações que a Fisiologia Geral e Animal mantém com outras disciplinas, e de situar a sua posição entre as ciências chamadas naturais, gizando em traços rápidos os novos rumos que lhe marcaram os progressos científicos dêstes últimos tempos, cumpre-me agradecer ao Conselho Técnico e Administrativo da Faculdade e ao ilustre diretor em exercício a nobre delegação a mim conferida, de proferir esta aula inaugural.

*

Embora considerada ciência recente entre as que constituem o quadro da Biologia, a Fisiologia ocupa um dos primeiros lugares dentre aquelas que alcançaram grau de progresso neste século.

Parece que o primeiro compêndio de Fisiologia data de 1801, no qual Anthelme Balthazar Richerand (1779-1840), jovem cirurgião francês, reuniu os dados da Fisiologia, até então conhecidos. Editado 13 vezes na França e 17 vezes em línguas estrangeiras, o pequeno volume continha a síntese das descobertas famosas dos sábios do século anterior, tais como Harvey (1578-1657), Marcellus Malpighi (1628-1694), Albrecht von Haller (1708-1777), Spallanzani (1729-1799) e muitos outros. O aparecimento de tratados que resumem e compendiam os trabalhos esparsos em determinado setor é um dos indícios positivos da independência dêsse ramo científico. Outro sinal bastante expressivo de tal corporificação da Fisiologia como ciência à parte foi o aparecimento, precisamente vinte anos depois, de um periódico exclusivamente dedicado aos assuntos fisiológicos. Em 1821 veio à lume o primeiro número do "Journal de la Physiologie expérimentale". Coube à França a primazia desta auspiciosa instituição. E não poderia deixar de ser assim num país marcado desde muito cedo com a genialidade de homens como François Magendie (1783-1855), o iniciador da fisiologia experimental; Xavier Bichat (1771-1802), cuja carreira meteórica teve repercussões profundas em tôda a biologia; J. J. C. Legallois (1770-1814); M. J. P. Flourens (1798-1867); Toiseuille (1789-1869),

e, o maior de todos, Claude Bernard (1815-1878), figura de renome universal, autor da teoria do "mili u-intérieur", que veio revolucionar a concepção do funcionamento dos organismos. A separação da Fisiologia da Anatomia iniciou-se propriamente com os notáveis trabalhos do grande sábio francês, que no dizer de Fulton (1931, p. 95); "como Newton, se distanciou de seus contemporâneos pelo seu gênio inato". Insistiu em que a Fisiologia deveria ser cultivada pelos seus próprios fins.

Ao mesmo tempo que Claude Bernard elevava, na França, os estudos fisiológicos a um grau superlativo, na Alemanha, Johannes Müller (1801-1858) dominava o ambiente científico que já vinha preparado desde Albrecht von Haller com a sua "Elementa Physiologiae corporis humani". Entre as diretrizes de Claude Bernard e as de Johannes Müller podemos distinguir diferenças bem acentuadas. Para Claude Bernard, "o fim da Fisiologia geral experimental é conquistar a natureza viva e agir cientificamente sobre os fenômenos da vida" (1867, p. 230). Para Johannes Müller, "a Fisiologia é a ciência que estuda os fenômenos orgânicos dos animais e das plantas e as leis segundo as quais se relacionam as suas atividades (1835, p. 1). Nos estudos do sábio francês, a Fisiologia designada geral teve a sua expressão mais notável. Nas pesquisas de Johannes Müller, que versou vários assuntos, mas cada qual, sem exceção, marcado com aquela peculiaridade da minúcia e da exatidão germânica, podemos distinguir o precursor da Fisiologia comparativa. Em seu livro "Handbuch der Physiologie des Menschen", editado a partir de 1834, o manual básico que serviu a várias gerações, não compendia apenas os conhecimentos de então sobre a fisiologia do organismo humano. Integra o segundo volume extenso capítulo sobre a embriologia dos Vertebrados, dos peixes ao homem, numa época ainda bem distante daquela do aparecimento do primeiro tratado sistemático da embriologia comparativa de Balfour. O capítulo referente aos órgãos dos sentidos, em especial aquele que trata do sentido da visão, é um repositório notável de noções da Fisiologia comparativa que, um século após, ainda tem sua atualidade. Dêsse livro diz Milne-Edwards: "não só está sempre nas mãos de todos; não só é considerado o canon da fisiologia nova, mas também tem deixado na história da ciência um traço mais profundo que as obras congêneres mais recentemente editadas. Pelo que se pode prever, iniciará uma obra nova, porque se distingue dos tratados antigos muito mais do que estes entre si", (ap. Du Bois-Reymond, Reden, II, p. 197).

Em meados desse século, Berlim reuniu quatro luminares da Fisiologia, Hermann von Helmholtz (1821-1894); Carl Ludwig (1816-1895); Émile Du Bois-Reymond (1818-1897) e von Brücke (1819-1892), todos eles de rara habilidade, e a se estimularem mutuamente, marcando um período áureo desta ciência, de tão fecunda e expressiva repercussão. Sintoma evidente do êxito enorme alcançado por tais estudos é a edição, em 1868, de uma das mais importantes revistas de fisiologia, o famoso Pflüger's Archiv, que se publica ainda em nossos dias.

Entre os dois grandes centros de investigações fisiológicas, Paris e Berlim, outros de não menor importância se desenvolveram extraordinariamente. As tradições fisiológicas na Itália vinham de longa data com Malpighi, Spallanzani, Borelli e acentuaram-se com Luciani, Botazzi e muitos outros. Na Inglaterra diz-se que a Fisiologia nasceu na Escócia e foi criada em Londres. William Sharpey (1802-1880), Richard Quain (1816-1887), Michael Foster (1836-1917), John Newport Langley (1852-1925) e Charles Scott Sherrington, ainda vivo, foram os expoentes das famosas escolas de Edimburgo e de Londres.

Nas Américas foram marcantes as influências das escolas inglesas nos Estados Unidos, e da francesa, no Brasil e na Argentina.

Como vemos, no século transacto a Fisiologia foi elevada à categoria de ciência. Como muitas outras ciências naturais, a origem, o crescimento e a nutrição deram-se sob as asas protetoras da medicina. "Os fisiólogos dos primeiros anos, diz-nos Lee (1909, p. 29), quando a ciência se havia cristalizado da massa comum do conhecimento científico, aqueles que primeiro formularam seus princípios, e os que, nos

últimos anos, o desenvolveram, eram, com algumas exceções, homens de treino médico, que estavam sob a influência das tradições médicas e eram guiados pelo espírito médico”.

Assim também aconteceu com a Zoologia. A maioria dos grandes zoológicos do século XIX e do presente abeberou-se nas fontes que promanavam das escolas médicas. Owen, Thomas-Henry Huxley, Henri-Milne-Edwards e outros passaram da medicina para a Zoologia. Já no início do presente século afrouxaram-se os laços das velhas tradições. A Zoologia deixou de ser a “*ancilla medicinae*”, tornando-se ciência independente, e, para isto, muito contribuíram as Faculdades de Filosofia.

O considerável alargamento das ciências biológicas criou novos campos de interesse que cada vez mais distanciam a Fisiologia da Medicina. Por outro lado, a quantidade de trabalhos de experimentadores não médicos, que versaram os mesmos temas, com objetivos não ligados direta e imediatamente à medicina, tende a superar os primeiros. Esta situação já foi entrevista por Lee em 1909. Na própria Fisiologia médica introduziram-se tendências nas pesquisas que alargaram consideravelmente os horizontes da própria Fisiologia. E isto sucedeu com tal rapidez que, há muito tempo, tem sido a Fisiologia, com seus métodos e suas teorias, uma das alavancas mais poderosas a serviço do progresso da Biologia. Investigadores numerosíssimos adotaram em suas pesquisas os métodos físicos e químicos, os quais proporcionaram recursos incalculáveis ainda não aplicados na sua expressão mais extensa e, com isso, deram aos estudos fisiológicos uma amplitude até hoje não superada.

John F. Fulton, professor de Fisiologia da Universidade de Yale (1931, p. 110), refere que, entre os fisiologistas reunidos no Congresso Internacional, em Boston, em 1929, era possível distinguir dois grupos principais de investigadores, de objetivos e hábitos de pensamento fundamentalmente diferentes, e, sob alguns aspectos, opostos. Havia aqueles que desejavam, por vezes ardentemente, a independência da Fisiologia como uma ciência separada. Tendem a se considerar à parte, sob a designação de “fisiologistas-gerais”, na crença incorreta de que seguem a definição de Claude Bernard dada a este termo. Seus pontos de vista são quantitativo e físico. Procuram investigar os processos “vitais” restringindo-se aos métodos da física e da electroquímica. Em muitos casos, têm o interesse centralizado mais sobre os fluidos e substâncias derivadas dos seres vivos que sobre os próprios organismos. A contribuição para a física e para a química, deste relativamente pequeno grupo de pesquisadores, tem sido grande e, em alguns casos, marcou época, como, por exemplo, a descoberta da osmose e da pressão osmótica das proteínas. Seu trabalho, tomado em conjunto, representa uma das maiores contribuições que a Fisiologia deu para a Ciência.

“O outro grupo de fisiologistas conta com maior número. São aqueles que acham, conscientemente, ser o verdadeiro objetivo de sua ciência o corpo humano, o mais elevado produto do Grande Artífice da Natureza. Desejam compreender suas funções antes que as dos sapos, ou

as dos gatos, ou as dos macacos. Quando analisam as atividades dos seus elementos constituintes, separadamente, não olvidam o organismo humano total, e seu objetivo máximo é entender o trabalho normal desta unidade altamente integralizada. O problema das perturbações funcionais está, também, constantemente diante dêles e, sem justificativa, êles expressam a esperança de que lhes será concedido lançar novas luzes sôbre as necessidades dos campos clínico e operativo”.

Com tal diversidade de objetivos, comenta Fulton (l.c., p. 111), é impossível crer permaneça a Fisiologia ainda por muito tempo uma entidade. Seria talvez melhor para a ciência, que muitos dos chamados “fisiologistas-gerais” reconhecessem não serem fisiologistas, e que lhes seria preferível denominarem-se por têrmos mais acuradamente descritivos, tais como, “biofísicos”, “proteíno-químicos” ou “eletro-químicos”, conforme os casos. Não há dúvida que uma sociedade de biofísicos um dia ocupará posição tão importante na comunidade do ensino, como as sociedades formadas por outros cultores do distinto ramo da Fisiologia, os bioquímicos.

Biofísicos e bioquímicos inclinam-se, sem razão, a menosprezar o que chamam de Fisiologia clássica. A Biofísica e a Bioquímica poderão ser consideradas a hiperanálise da Fisiologia. Com tôdas as vantagens de seus métodos que os recursos técnicos elevaram a um grau extraordinariamente alto de aperfeiçoamento, apresentam, porém, o perigo de distanciarem os estudiosos das funções vitais. E o resultado é o estudo dos grandes sistemas funcionais, como a circulação, a respiração, a excreção, como em compartimentos estanques, com lamentáveis descuidos às correlações funcionais. Desvendar os segredos das coisas vivas, ainda argumenta Fulton (l.c.), requer aptidão especial, alguma coisa além da técnica da ciência física, e a natureza impõe severas restrições àquêles que perseguem seus mistérios. Quando isto não é atendido, a coisa viva prontamente escapa à compreensão, e os fenômenos vivos, às vêzes, dissolvem-se, sem aviso prévio, em um processo de desintegração e morte.

Estas interrelações que levam à consideração do organismo vivo como um todo não são novidades. O conceito do “milieu-intérieur”, enunciado em 1878 por Claude Bernard, foi o ponto de partida para o movimento de unificação, para a concepção do organismo como simples unidade funcional. E Johannes Müller, com seu vitalismo, jamais abandonou êste ponto de vista.

Se considerarmos a composição dos fluidos internos do corpo, vemos que ela é notavelmente constante nos animais superiores, e qualquer desvio da normalidade afeta todo o organismo de uma vez. Quando se pensa em têrmos desta larga generalização, pensa-se numa unidade coordenada, antes que em órgãos isolados.

Na opinião de um dos mais eminentes fisiólogos da atualidade, aguarda-se, no futuro, que a Fisiologia trate do organismo como um todo. Êste aspecto é um dos pontos cardiais da Fisiologia Animal, que estuda as funções dos organismos animais segundo o método comparativo. E'

verdade que constitui um dos ramos mais novos da Fisiologia, mais ligado à Zoologia, mas, como esta, também independente da Medicina.

No último conclave internacional de zoólogos, reunido em 1935, em Lisboa, encontramos neste ramo das ciências naturais diversificação de seus representantes em três grupos. Distinguimos os sistematistas, os morfólogos e os fisiologistas. Outros sub-grupos ocorrem, como os ecologistas, os geneticistas, os biometristas, etc., os quais, porém, se enquadram entre um ou outro dos três grupos citados.

Como a Fisiologia, a Zoologia acha-se em pleno desenvolvimento procurando ajustar-se ao intenso progresso das ciências biológicas em geral. Já se foi o tempo em que os zoólogos se limitavam aos catálogos dos nomes dos animais. O advento da Genética, de um lado e o da Fisiologia causal do desenvolvimento, de outro, provocaram profunda revolução no estudo dos animais. Especialmente o progresso da Genética, no dizer de Mayr (1942, p. 5), nestes últimos 30 anos, afetou o prestígio da Sistemática. Havia uma tendência entre os laboratoristas de considerar desdenhosamente um homem de museu, que gastou o tempo contando pêlos ou desenhando cerdas, e cujo objetivo final parecia ser unicamente a enumeração correta de seus espécimes. O desprestígio da Sistemática, porém, é mais aparente que real. O desenvolvimento desta parte da Zoologia, depois de Darwin, foi enorme, e incalculável o trabalho realizado. Ingrata é a tarefa do sistematista. Constitui o seu trabalho o ponto de apôio indispensável para início de qualquer pesquisa na biologia. A situação precária da sistemática, a meu ver, proveio antes da falta de um ponto de vista uniforme entre os seus estudiosos mais representativos, que do valor de suas investigações. Adveio mais de a considerarem como finalidade científica, quando na realidade é apenas um dos meios indispensáveis para se chegar a ela. As tentativas de aproximação entre taxonomistas, geneticistas e fisiologistas são auspiciosas. Disto hão de resultar benefícios inúmeros para a ciência em geral. Já se menciona hoje uma nova sistemática que se opõe à velha sistemática (Huxley 1940, p. 38). A distinção entre ambas opera-se no terreno movediço do conceito da espécie.

Na chamada velha sistemática, o indivíduo é a unidade taxonômica básica, e seu centro de interesse permanece em redor das questões puramente técnicas de nomenclatura e de "tipos". Os problemas maiores são mais os de um catalogador ou bibliógrafo, que os de um biólogo.

Na nova sistemática, é a "série" a unidade taxonômica básica. A definição puramente morfológica da espécie foi substituída por uma biológica, que toma em consideração os fatores ecológicos, geográficos, genéticos, fisiológicos e outros. A escolha do nome correto para a unidade taxonômica analisada não ocupa mais a posição central de todo o trabalho sistemático e, às vezes, não é assunto essencial para argumento entre os pesquisadores. O material disponível para as revisões genéricas freqüentemente sobe a muitas centenas ou mesmo milhares de espécimes, número suficiente para permitir um estudo pormenorizado da

extensão da variação individual (Mayr l.c., p. 6-7). Ninguém poderá prever, declara Mayr, que afinamento de técnica e que alterações no ponto de vista podem ocorrer no futuro. O que nós hoje consideramos como nova sistemática, no ano de 1941, poderá, realmente, ser sistemática muito velha, 50 anos mais tarde (p. 7).

Como são profundas as modificações neste ramo básico da Zoologia! Nessas transformações que se têm em mira, estou certo, a Fisiologia tomará parte saliente. O próprio Mayr já anota este pormenor, lembrando (p. 45) que recentes trabalhos provaram, abundantemente, que os limiares fisiológicos e a capacidade de reação aos estímulos externos são tão determinados pelos fatores genéticos como o são os caracteres estruturais. Espera-se, portanto, que as espécies e as sub-espécies difiram em suas características fisiológicas, em complemento às morfológicas. A técnica do taxonomista, que geralmente trabalha com material morto, é, no conjunto, não apropriada para registrar tais caracteres, mas, ambos, o naturalista e o experimentador do laboratório, reunirão material valioso. Pequenas diferenças fisiológicas entre populações, sub-espécies e espécies são, às vezes, mais importantes, biologicamente, que as diferenças estruturais. Assim, por exemplo, a tolerância e a preferência à temperatura, a fisiologia do sexo e da reprodução, a fisiologia da plumagem e a troca de penas nas aves, os hábitos, a mudança de côr são, entre outros, índices de valia para caracterização taxnômica.

Verificou-se recentissimamente, apenas para citar um exemplo, que os venenos de cascavel provenientes de espécimes da Argentina, do Brasil meridional, do nordeste do Brasil e da Venezuela mostram variações biológicas mais pronunciadas que a diferenciação dos caracteres morfológicos externos destas perigosas cobras. (J. Vellard 1943, p. 85).

São, como se vê, outras maneiras de se encararem as questões fisiológicas, diferentes daquelas até agora mais comumente empregadas. É uma Fisiologia mais próxima da Zoologia. Participa ela das características da chamada Fisiologia geral, mas, o seu método de estudo é, antes, o comparativo. Como tal, revela-se de alta importância, seja como fundamento para a Fisiologia médica, seja como complemento à Zoologia. Superpôs-se à Anatomia comparativa, a qual ainda desfruta do prestígio conquistado no período áureo, ao tempo das especulações da teoria de Darwin. A Anatomia comparativa restringiu-se, por isso mesmo, à estrutura dos Vertebrados. A Fisiologia comparativa, porém, adiantou-se muito mais estudando as funções desde os Protozoos aos Mamíferos, tomando os organismos mais como um todo harmônico, no qual se perscrutam as reações da totalidade, antes que as de um simples órgão. Ao analisar, por exemplo, os órgãos tangoreceptores dos animais, isto é, aqueles destinados às percepções tácteis, a Fisiologia animal ou comparativa considera tanto os Infusórios ciliados, como os Vermes marinhos ou terrestres, os Artrópodos, os Vertebrados, inclusive os Mamíferos e o Homem. Nesse exame comparativo, os animais são vistos como uma totalidade. À parte qualquer dedução filogenética, especialmen-

te sem sentido nesse terreno, o interessado no entendimento da vida de tais animais poderá adquirir, em indagação, uma vista do conjunto da função táctil, a sua graduação nos diversos filis da escala animal. Além disso, o que é especialmente importante, estará apto a estabelecer as correlações funcionais ao mesmo tempo que o faz entre estruturas dos órgãos e sistemas respectivos. Não pode haver, é claro, uma Fisiologia Comparativa sem uma base sólida na morfologia. Esta, como a Sistemática, fundamenta aquela.

Aqui temos alguns exemplos expressivos dentre os muitos que poderiam ser citados. O grau de conhecimento a que se chegou no estudo da digestão já permite uma síntese bastante significativa. Em vez da consideração clássica do funcionamento das diferentes partes do tubo digestivo, prefere-se estudar o fenômeno segundo o modo pelo qual o processo se realiza, por via mecânica e dos fermentos. Assim, a Fisiologia comparativa estuda primeiramente a digestão extra-plasmática, que se opera dentro de um tubo e a intraplasmática, dentro da célula, nos vacúolos. Também costuma-se considerar esta função de acôrdo com o mecanismo pela qual são tomados os alimentos. Assim, distinguem-se primeiramente os chamados micrófagos, isto é, devoradores de pequenas partículas, com representantes aquáticos entre os Crustáceos, os Rotatórios, as larvas de mosquitos, os Moluscos, os Equinodermas. Contam-se aqui as ostras que se alimentam auxiliando-se com os cílios das brânquias; as esponjas que captam as partículas pelos flagelos dos canais radiais. Uma esponja marinha, do mar Mediterrâneo, de 26 mm. de altura (*Leucandra aspera*), filtra 22 litros d'água por dia. Digestão extraplasmática possuem também os animais sugadores, como os pernilongos e os carrapatos entre os Artrópodos, as sanguessugas entre os Anelídeos, o ancilóstoma entre os Nemátodes. Entre os macrófagos contam-se, os deglutidores, como os Beroes, tão comuns no litoral brasileiro, animais com cêrca de 98% de água na estrutura do corpo; as estrêlas do mar, que extrofletam o estômago e capturam pequenos moluscos, peixes, etc.; os Anelídeos de rapina, como as Nereis; os turbelários; as hidras. Deglutidores são, também, certas lesmas marinhas (*Pleurobranchaea*) entre os Gastrópodes, que engolem, em 10 a 20 minutos, massa alimentar igual à metade do seu próprio pêso. Pertencem a êste grupo muitos Vertebrados.

Um outro tipo é o dos mastigadores. A mastigação é uma peculiaridade acentuada dos Mamíferos, embora nem todos a façam. As focas, por exemplo, não são capazes de reter o alimento na boça e não mastigam. Abocanham a presa e engolem-na imediatamente. Entre os Cetáceos, o Delfim (*Orca*), dotado de grande número de dentes, duzentos e mais, um dos maiores, com 7½ m., devora inteiros 13 delfins e 15 focas. O nosso peixe-Boi deglute grandes quantidades de vegetais, mas não mastiga e não ruma. Algumas baleias, como o Narval (*Monodon monoceros*) e a Baleia Branca (*Delphinapterus leucas*), não possuem dentes próprios para a mastigação, alimentando-se de animais mari-

nhos planctônicos. Entre os diversos animais, a mastigação pode dar-se na boca, no esôfago ou no estômago. Muitos Mamíferos são mastigadores bucais, ao passo que, entre os invertebrados, outros há, como, por exemplo, as lagartas das borboletas, que são mastigadores pré-bucais e pertencem a outro tipo. A mastigação bucal é muito rara nos peixes, nos Anfíbios, nos Répteis e nas Aves. Encontrâ-mo-la excepcionalmente em peixes ósseos providos de dentes pavimentosos, como o *Labrus* e o *Sargus*, e em certos lagartos com dentes achatados. Muitos animais possuem um esôfago triturador. Fala-se mesmo em “dentes esofágicos” de certas serpentes (*Dasypeltis*) (*). Mastigadores esofágicos típicos encontramos entre os Rotatórios e os caranguejos dos rios. Como se alimentam de artrópodos, regeitam pela boca, após a digestão os fragmentos de quitina. A mastigação dá-se no estômago, em vários animais, como no pangolin, nas aves, no jacaré, e na minhoca. Todos estes animais possuem estômago dotado de fortes paredes musculares. Ainda há o tipo raspador peculiar aos ouriços marinhos, aos caracóis, às larvas de muitos insetos.

A digestão externa ou, também, chamada extraintestinal, opera-se em característicos invertebrados. Primeiramente paralisam a presa, injetando-lhe líquido venenoso ou segurando-a com tentáculos, tal como se dá com as larvas de certos besouros, com a barata d'água, com as aranhas e os polvos. Uma vez imobilizada a presa, vertem sobre ela as enzimas digestivas, que a preparam para a assimilação. Entre os dois grupos fundamentais, os macrófagos e os micrófagos, conta-se um intermediário, o tipo da alimentação parenteral. É o caso da conhecida *Bonellia*, de alguns Cirripodes, de vários parasitos que infestam o homem e que são desprovidos de intestino.

Se passarmos para a digestão química, veremos que o esquema bastante conhecido da digestão no organismo humano está longe de se repetir nos outros animais. Alguns exemplos dar-nos-ão indicações expressivas. O succo do estômago do caranguejo europeu, do gênero *Astacus*, e o mesmo parece dar-se com o correspondente aqui do rio Tietê, não contém uma protease e nem ácido livre. O succo gástrico das holotúrias é desprovido de albumina e caracterizado por conter numerosos leucócitos que efetuam bôa parte da resorpcção. Na cavidade gástrica das anêmonas do mar nunca se encontram enzimas livres dissolvidas. As porções de alimento são aderidas fortemente às margens dos septos gástricos e a digestão propriamente dita opera-se dentro das células que fagocitaram as partículas alimentares. Em muitos invertebrados inferiores, até agora pesquisados, não se encontrou uma amilase.

Êstes poucos exemplos não resultam de observações ocasionais por amadores interessados em assuntos naturalísticos. Provêm do labor ininterrupto das famosas escolas da Fisiologia comparativa, como as de Utrecht, de Kiel, de Munich, de Cambridge, fecundas em numerosíssi-

(*) . — Funcionam, ai, como dentes, os 27 primeiros processos espinhosos inferiores das vértebras cervicais que atravessam o esôfago, abrindo os ovos das aves comidas pela cobra.

mas aquisições para a ciência (Jordan & Hirsch 1927). Por aí se pode perceber quão extenso é o campo dos estudos desta Fisiologia. Suas relações com a química e com a física são íntimas. E' uma outra face da Fisiologia, caracterizada pelo seu cunho naturalístico. Estudando os animais sob êstes pontos de vista, a Fisiologia está muito mais perto daquêle ideal acenado por Fulton. Isto poderemos ver mais claramente no estudo dos órgãos dos sentidos. Já foram mencionados os órgãos tangoreceptores. Que dizer, então, dos sentidos mais complexos? A fala das abelhas, transmitindo impressões uma às outras, a audição dos peixes, a percepção das fôrmas são capítulos interessantíssimos da Fisiologia animal, pesquisados extensa e intensamente nestes últimos anos. Neste particular, a contribuição da Fisiologia comparativa tem sido valioso subsídio para a psicologia animal. O método do adextramento aplicado por von Frisch, de Munich, abriu perspectivas novas para os fisiologistas e, não obstante a massa considerável de pesquisas realizadas neste setor, ainda muito falta para se esgotarem êstes veios prolíficos.

O estudo do comportamento dos animais, por exemplo, cobre um campo muito vasto. De um modo geral, a posição normalmente adotada por um animal em relação ao ambiente não é completamente casual. Há uma postura e orientação que podem ser tomadas pròpriamente como normais. Incluem-se no térmo orientação não sòmente as reações que guiam o animal à atitude normal, mas, também aquelas que o levam ao seu "habitat" normal ou o guiam a outras situações de importância para êle.

Assim, por exemplo, a posição habitual da maioria dos peixes é a de terem o dorso para cima e o eixo longitudinal horizontal. Esta posição pode ser abandonada no momento dos mergulhos, nas contorsões, e em todos os movimentos acrobáticos nágua. Mas, sempre há uma volta à orientação primitiva, à posição adotada pelo peixe quando está quieto, isto é, à atitude da qual se iniciam os movimentos ativos. A isto denomina-se "orientação primária" do animal. Os peixes mortos geralmente flutuam com a superfície do ventre voltada para cima; isto indica que a manutenção da orientação primária é um processo ativo de equilíbrio. E' uma reação normalmente regulada de modo especial pela atividade dos órgãos dos sentidos de equilíbrio, que se encontram no ouvido interno. Quando, porém, observamos os peixes dentro das correntes d'água dos rios, aí movendo-se com rapidez, notamos que êles guardam uma posição relacionada com as margens. O peixe orienta-se dentro da corrente, e, de certo modo, a direção que êle toma está em relação com a direção dessa corrente. Aqui está uma orientação secundária que se superpõe à primária. A manutenção da posição em uma corrente não é necessariamente uma reação simples, mas, é, com certeza, guiada pelos olhos (cf. Frankel & Gurn 1940, p. 2).

Ainda mais um ponto que se me afigura de importância.

A Fisiologia comparativa preocupa-se também com o desenvolvimento dos animais. Child (1941, p. 1) define o desenvolvimento do

organismo do indivíduo como uma série de acontecimentos que se opera no espaço e no tempo. O estudo de tais acontecimentos é peculiar à chamada Fisiologia causal do desenvolvimento. E' um ramo da Fisiologia comparativa que já alcançou progresso considerável. Para o Prof. da Universidade de Chicago o "organismo como um todo" não é meramente a soma de suas partes, mas, também, as relações entre elas, as suas ações e os efeitos de umas sôbre as outras. Estas relações são comumente chamadas "correlações fisiológicas", e de seu estudo aprofundado, no desenvolvimento dos animais, resultou a famosa teoria do gradiente. Os métodos aqui empregados para a análise de cada uma das partes do organismo são puramente fisiológicos.

Pelo exposto, vemos que, às duas categorias de fisiologistas mencionados por Fulton, uma terceira se acrescenta, a dos pesquisadores da Fisiologia comparativa. O método comparativo trouxe-lhe a vantagem de, mesmo descendo a uma análise minuciosa, não perder de vista o organismo como um conjunto. Aplicando os métodos da chamada Fisiologia geral, que é analítica, não se desinteressando das conquistas da Biofísica e da Bioquímica, permanecem tais pesquisadores sempre ligados ao tronco comum, que é a Zoologia.

Se a chamada Fisiologia clássica se abriga sob as asas da medicina, a Fisiologia animal ou comparativa permaneceu dentro do quadro da História Natural.

Meismo a Fisiologia médica vai tomando novos rumos. Não poucos são aquêles que advogam uma transformação radical no ensino dessa Fisiologia. Krogh, por exemplo, nesse setor, declara que os cursos práticos não deveriam introduzir os alunos nas intrincadas experimentações fisiológicas, mas, além de ilustrar alguns princípios básicos, deveriam familiarizar os estudantes com os métodos atualmente usados na medicina. Outras proposições que êle advoga teriam como resultado desencorajar os estudantes de se dedicarem à pesquisa fisiológica. Minha resposta, afirma o eminente fisiologista de Copenhague, seria: tanto melhor. Os estudantes deveriam ser desencorajados na escôlha de uma carreira que exija a pesquisa, e seríamos felizes sômente com aquêles em que o estímulo teria sido bastante forte para sobrepujarem o desencorajamento e as dificuldades. (1939, p. 547).

Não compete a mim tratar dêste tema. Aqui apenas menciono uma das inúmeras opiniões sôbre o mesmô. Aliás, a bibliografia mais recente sôbre o ensino da Fisiologia médica demonstra que novos rumos lhe são traçados. Os tratados fundamentais de Samson Wright, de Best & Taylor e a última edição do de Starling são bem mostra dêste asserto.

No século XIX, pois, a Fisiologia firmou-se como entidade científica. O assombroso progresso manteve-a na primeira linha das ciências positivas. No século atual vemos traçados seus novos rumos. Dentre êles a Fisiologia comparativa ou Fisiologia animal constitui um dos ramos

mais robustos da velha árvore. O que Johannes Müller entreviu no segundo quartel do século passado é hoje uma exuberante realidade. Os periódicos dedicados exclusivamente ao assunto, que se publicam, tanto na Alemanha, como na Inglaterra e nos Estados Unidos, condensam uma quantidade incalculável de trabalhos de alto nível científico, que assinalam o progresso desta ciência.

A Fisiologia comparativa, no quadro das Ciências Naturais, como vimos, já possui uma posição definida. Seu estudo faz-se principalmente em laboratórios, onde são mantidos os animais vivos, o que requer cuidados constantes e atenção permanente por parte de professores, estudantes e auxiliares de ensino. Aí os estudantes entrarão em contacto com os objetos vivos. Exercitar-se-á a observação, e serão levados a realizar experiências que lhes mostrarão que os animais não são meras máquinas. Deverão apreender a técnica da manutenção dos vivários, que mais tarde irão também empregar nos seus cursos, no ensino secundário. Essa fisiologia viva é bem diferente da fisiologia química, que se diz ser uma fisiologia morta. Os animais são sensíveis e reagem como todos os seres vivos. Muito se aprende numa experiência em que se alimenta uma pulga d'água observada à lupa, registrando-se a direção das correntes do fluído que conduz o alimento à boca, a sua passagem por todo o trato digestivo, as modificações do ritmo dos batimentos cardíacos sob a influência de estímulos mecânicos ou químicos. Nestas experiências, ao alcance de qualquer estudante do curso de História Natural, adquire-se noção bem clara sobre o funcionamento de todo o organismo do animal. E, assim, o professor terá cumprido uma das tarefas mais importantes numa Faculdade de Filosofia, a de ensinar a aprender. Os alunos aprendem deste modo a adquirir os fundamentos da ciência. Consolidam as noções básicas, completam o estudo essencial, no primeiro passo que os levará à aquisição de outros conhecimentos, especialmente daquêles que deverão ser transmitidos aos seus futuros discípulos. Chegamos, assim, à segunda tarefa do professor da Faculdade, a de ensinar a ensinar. Neste ponto, dentro das Ciências Naturais, a Fisiologia comparativa oferece vantagens excepcionais. Já na própria conservação dos vivários e na escolha de material para o ensino o aluno é levado a conhecer bem de perto os animais, estudar-lhes os hábitos, as reações, o comportamento dentro do ambiente que se lhes oferece.

Não se trata, é bem de ver, de construir jardins zoológicos, mas, tão somente, pequenos terrários e aquários onde se poderão manter vivos, por longo tempo, os representantes de quase tôdas as classes do reino animal. E não somente isto; aprenderão, também, a trabalhar intelectualmente. A elaboração dos relatórios das experiências demanda atenção no registro dos protocolos, na medida das reações, na feitura dos gráficos que sintetizam os resultados conseguidos. E, se lembrarmos que êstes trabalhos devem ser repetidos duas e mais vezes, até se conseguirem bons resultados, desenvolvendo-se, assim, o gosto pela investigação, isto é, a criação de alguma coisa própria de si mesmo, uma

modalidade de modificar a rotina, e percorrer uma via nova. E é indispensável que os alunos aqui formados não sejam apenas repetidores rotineiros dos manuais que se encontram a granel no comércio. Que não se interpretem, porém, estas minhas palavras no sentido de que os professores que aqui formamos devem realizar pesquisas nos ginásios. Ali, é claro, não é o lugar adequado para isso. Meu desejo é que os alunos levem da Faculdade êsse espírito de iniciativa e o gosto pela pesquisa que virão desenvolver nos laboratórios de onde saíram, ou, pelo menos, que não percam o contacto com a casa-mãe. Que de tempos em tempos, conforme lhes permitam suas obrigações, procurem os nossos institutos e as nossas bibliotecas, para renovarem seus conhecimentos, e, quem sabe, colaborar com seus antigos mestres na solução dos muitos problemas que tiverem oportunidade de entrever durante o seu tirocínio professoral. Nada mais útil que essa vinculação dos alunos à Faculdade.

Seja-me permitido aqui um reparo especial.

Às Faculdades de Filosofia compete em primeiro lugar a formação de professores para os cursos secundários. E é imprescindível que êstes professores sejam de primeira classe. Mas, para isso, é preciso que êles adquiram o espírito de investigação em laboratórios onde a ciência é pesquisada. Não poderá haver professores de primeira classe na ciência, a menos que se empenhem na investigação. Os professores não podem ficar aquém dos progressos dos conhecimentos científicos e é preciso muito esforço e muita dedicação para que tais fronteiras não os deixem rapidamente distanciados. Professores de primeira classe serão aquêles que hão de descobrir como modificar a apresentação dos velhos fatos em perspectiva dos novos conhecimentos. Manter êsse equilíbrio entre os fundamentos científicos e as recentes aquisições da ciência, sem exagerar estas e desprezar aquêles, sòmente o pode fazer quem conquistou o hábito da investigação. Só o fazem aquêles que treinaram o pensamento na crítica severa dos fatos, e forem dotados dêsse senso de equilíbrio, tão necessário para separar o joio do trigo, para distinguir entre o bom, o mau e o melhor, para discernir entre o importante e o supérfluo, para enfim, ter uma personalidade bem definida. Nossa tarefa não é apenas a de formar instrutores hábeis, expositores brilhantes, mas temos de ir um pouco além. Devemos instruir, sim, mas educar também. Os nossos alunos têm um mundo a conquistar onde forte é a concorrência. Após a licenciatura, só lhes resta o magistério nos cursos secundários ou a assistência nas Faculdades. Poucos os que poderão alcançar os laboratórios industriais ou os institutos da ciência aplicada. Os cargos destas duas últimas categorias logo se esgotam e a êles podem ter acesso unicamente os bacharéis de algumas secções da Faculdade. A grande massa destinar-se-á ao magistério secundário. Nessa via têm de lutar com os seus concorrentes, desde o professor primário até o médico, com escala pelo veterinário, o dentista, o farmacêutico, o engenheiro e o advogado. Temos assistido a essa luta e dela não nos

podemos desinteressar. Ali estão os nossos próprios alunos que são como nossos filhos, e é dever nosso acompanhá-los nessa porfia. Aquêles profissionais, com poucas exceções, têm o cargo no magistério secundário como um achêgo ao seu ofício, mas o nosso discípulo dêle fará sua própria vida. E para vencer nessa luta é necessário que os lidadores sejam de alta competência. E esta êles adquirem com os nossos ensinamentos. Grave, pois, é nossa responsabilidade. O êxito ou o fracasso dos nossos alunos lá fora serão a nossa vitória ou a nossa derrota. Após três rapidíssimos anos de convivência diária, sentimos os nossos estudantes como nossos amigos e do seu destino não nos poderemos desinteressar. Iniciamos o décimo primeiro ano de vida da Faculdade com uma reforma em perspectiva. Possuímos elementos, adquiridos nestes 10 anos de trabalho, que nos habilitam a colaborar com as autoridades governamentais, a fim de aperfeiçoarmos o ensino e correspondermos aos sacrifícios do Estado na manutenção de um estabelecimento como uma Faculdade de Filosofia.

Vamos, pois, começar a nova década conjugando nossos esforços para o engrandecimento de nossa Faculdade. Vamos continuar o nosso trabalho certos de que o "primeiro dever de um professor não é fazer conferências ou exhibir erudição, mas fornecer aos estudantes o estímulo; dar-lhes o exemplo e transmitir-lhes os conhecimentos fundamentais. Inspiração, iluminação e informação são as obrigações importantes. O objetivo principal de todo o ensino é a formação do caráter e o primeiro objetivo dos professôres nas ciências biológicas é o de cultivar nos estudantes hábitos para que saibam abrir os olhos e o espírito, tenham sinceridade e amor à verdade, simpatia e reverência aos sêres vivos. Êstes hábitos são essenciais para a paz e o progresso e o seu cultivo será a principal esperança do futuro". Faço minhas estas palavras do grande professor emérito da Universidade de Princeton, Edwin Grant Conklin (1940, p. 167). Iniciemos pois os nossos trabalhos.

R E F E R Ê N C I A S .

- Bernard, C. 1867, Rapport sur les Progrès et la Marche de la Physiologie Générale en France. (Recueil de Rapports sur les Progrès des Lettres et des Sciences en France) ap. Fulton l. c., p. 114. Du Bois-Reymond, E. 1887, Reden v. 2, VIII + 589 pp., Leipzig. Child, C. M. 1941 Patterns and Problems of Development. VII + 811 pp., Chicago. Conklin, E. G. 1940, Living versus Dead Biology. The Amer. Biol. Teacher, v. 2, n. 7, pp. 165-168, Ohio. Fraenkel, G. S. & Gunn, D. L. 1940, The Orientation of Animals. VI + 352 pp., London. Fulton, J. F. 1931, Physiology. XII + 141 pp. New York. Huxley, J. 1940, The New systematics. VIII + 583 pp. Oxford. Jordan, H. J. & Hirsch, G. Ch. 1927, Einige vergleichend-physiologische Probleme der Verdauung bei Metazoen, em: Bethe, A.; Bergmann, G. V. etc.: Hand. d. normalen u. path. Physiologie., v. 3 f. 2, pp. 24-101, Berlin. Krogh, A. 1939, The Teaching of Physiology. Science, N. S., v. 89, n. 2320, pp. 543-547. New York. Lee, F. S. 1909, Physiology, 30 pp. New York, Mayr, E. 1942, Systematics and the Origin of Species. XIV+334 pp., New York. Müller, J. 1935. Had. d. Physiologie des Menschen v. 1, 2.a ed. IV+856 pp., Coblenz. Vellard, J. 1943, Diferenciación Biologica de la Cascabel Sudamericana, Acta Zool. Lilloana, v. 1, pp. 55-88, 13 t. Tucuman.

AULA INAUGURAL DO PROFESSOR OMAR CATUNDA EM 1945.

A POSIÇÃO DA MATEMÁTICA NA CULTURA GERAL.

Meus Senhores.

Deve-se à sabedoria do nosso diretor, professor André Dreyfus, a idéia de confiar a aula inaugural desta Faculdade ao mais recente dos seus professôres catedráticos. Torna-se assim esta aula um complemento à prova didática do concurso realizado em setembro último, complemento êsse ao qual me submeto de bom grado, com a consciência da sua dificuldade, pois devendo falar a uma classe heterogênea, dificilmente poderia, sem cansar o auditório, preencher o tempo exclusivamente com assuntos de minha especialidade. Assim, antes de abordar o assunto principal desta dissertação, e atendendo às circunstâncias especiais do momento que atravessa a humanidade e o nosso país em particular, julgo que a ocasião é propícia para fazer um pequeno "cavaco", expondo as minhas idéias sobre a função que esta Faculdade e a Universidade, da qual ela tende a ser o núcleo central, estão destinadas a exercer na vida desta nação. Servirão estas considerações gerais de introdução aos estudos a que se vão dedicar os alunos que acabam de ingressar nesta escola. Mas aviso desde já que as esperanças que alimento nos frutos desta Faculdade são para um futuro bastante remoto, pois o hábito de encarar de frente a dura realidade conduz inevitavelmente a um ceticismo que só um ideal muito forte consegue contrabalançar.

É fato conhecido de todos que o Brasil foi por alguns séculos enfeitado externamente por uma cultura de empréstimo, que lhe ornava a faixa litorânea; foi aí, com efeito, que viveram, no tempo do Brasil-Colônia, do Vice-Reinado e do Império, os nossos maiores estadistas, poetas, romancistas e historiadores. Sòmente nessa faixa, com uma excepcional penetração no Estado de Minas Gerais, é que foram fundadas as Escolas de Belas Artes, os Conservatórios de Música, as Faculdades de Direito e, mais tarde, as escolas de Engenharia e de Medicina; mas apesar da existência de algumas escolas superiores no tempo do Império, pode-se dizer que a base de nossa cultura esteve sempre no velho continente, para onde se dirigia grande parte dos filhos dos ricos daquela época, quando aspiravam a um aperfeiçoamento maior nos seus estudos. E mesmo os que daqui não saíram e fizeram os cursos nas escolas militares e nas Faculdades de Direito de Recife e de São Paulo, formaram tôda a sua cultura superior em livros e revistas estrangeiros, de tal maneira que os poucos valores reais que o Brasil pro-

duziu no passado, se nos entusiasma como realizações nossas e são grandes dentro das fronteiras, vistos no cenário internacional pouca figura podem fazer, pois são quase sempre reflexos, em geral retardados, do modo de pensar e do estilo dominantes na França, na Inglaterra ou na Alemanha.

Ao lado dessa cultura de faixa, privilégio da elite dominante, aí pelo interior, nas povoações semeadas pelas bandeiras, nas casas grandes e nas senzalas das antigas fazendas, nos subúrbios das cidade ou no vilarejos do litoral, de mistura com índios e negros, aos quais se juntaram mais tarde elementos de quase tôdas as raças, formou-se o que já se pode chamar uma nacionalidade, o povo brasileiro, êsse povo falador e esperto, mas ignorante e preguiçoso, acolhedor e amável, mas esquentado e briguento, sentimental até à pieguice mas, por outro lado, irreverente e cético até o cinismo, serviçal, embora brioso e susceptível, que apesar do imenso atraso cultural e material em que vive, constitui um todo de uma reserva espiritual valiosíssima, preciosa matéria prima de uma grande nação.

Desta massa é que foram feitos os que expulsaram os holandeses; os que desbravaram o sertão em busca de fortuna, os que esmagaram Solano Lopez, os que colonizaram o Amazonas; nesta terra nasceram Tiradentes, o Tenente Antônio João, o Guia Lopes, os defensores de Canudos e os 18 do Forte, todos êsses exemplos de idealismo e firmeza de caráter que prenunciam a grandeza futura de uma nação que ainda não se achou a si mesma.

Foi êsse, pois, o panorama cultural do Brasil até os princípios do século vinte: a imensa maioria de um povo inculto e semi-bárbaro, mas de uma unidade invejável, dominada pela cultura de uma elite, localizada numa faixa ao longo do Atlântico, quase sem raízes nesse mesmo povo. Mas esta cultura, que nos deu os saudosos estadistas do Império e princípios da República, os Rio Branco, os Ouro Preto, Mauá, Ruy Barbosa, sofreu um golpe de morte com o advento do novo regime. Pode parecer um contrasenso a minha afirmação; mas estou convencido de que a instituição das escolas profissionais nos moldes em que foram criadas e mantidas nos quarenta anos de República, provocaram neste país a enorme queda de nível da alta cultura, da qual subsistem apenas vestígios que a tradição das antigas famílias ainda consegue manter, em certos meios de elite cada vez mais restritos e que transparecem num certo refinamento de educação que possuem os brasileiros em geral. Não desconheço, evidentemente, o muito que fizeram as escolas de Medicina e Engenharia, no campo profissional. Mas acontece que uma vez criadas aqui essas escolas superiores, algumas das quais com excelente organização, cujos diplomas eram quase uma garantia de sucesso, para elas se dirigiu a grande maioria dos rapazes que tinham desejos e possibilidades para continuar os seus estudos e que, em outras circunstâncias teriam ido estudar no estrangeiro. Muitos desses rapazes preferiram dedicar-se à ciência pura, ou ao estudo aprofundado das Letras, da História ou da Filosofia; mas a natureza dos cursos, a falta de estímulo, a

pressão do meio ambiente e principalmente a ausência de uma faculdade onde fôsse regra, e não exceção, o hábito da pesquisa científica, afogaram essas vocações, e muitas vêzes o próprio gôsto pela carreira que escolheram. Ao mesmo tempo, muitos dos professôres dos novos estabelecimentos de ensino superior, com o hábito de repetir, ano após ano, as mesmas lições, sem o estímulo de um centro de pesquisa e de debates (fonte de idéias novas em todos os ramos do saber), pouco a pouco, insensivelmente e a contragosto, foram-se fossilizando, limitando as suas preleções ao que haviam aprendido no início da carreira, sorvendo novas idéias, quando isto se tornava necessário, em revistas e livros de vulgarização.

Ora, enquanto assim se estagnava a cultura brasileira, reduzida em muitos setores a um academismo pedante e invulnerável, lá pela Europa o desequilíbrio provocado pela revolução industrial iniciada no século passado chegava ao auge, com o delírio dos *ismos*. Os formidáveis choques de interesses dos capitalismos e imperialismos desencadearam a catástrofe de 14, em conseqüência da qual as concepções filosóficas de comunismo, fascismo e racismo se concretizaram em diversos regimes mais ou menos estáveis, enquanto que, nas artes, o impressionismo e o realismo cediam lugar ao expressionismo, ao cubismo, ao futurismo, ao surrealismo, neo-classicismo, nacionalismo, etc. E' interessante notar que foi justamente nesse campo das artes que houve a primeira grande sacudidela na cultura do Brasil: não sei se nesse campo há mais direta ressonância dos seus cultores com o ambiente universal ou se era aí que o academismo do nosso meio era mais irritante. O fato indiscutível foi que os brasileiros acordaram um dia, cem anos depois da Independência, sobressaltados com versos brancos e de pés quebrados, com pinturas de borrões e figuras disformes, com músicas cheias de dessonâncias que, por muito tempo e com admirável leviandade, foram atribuídos à decadência, ao comunismo, ao hábito de entorpecentes ou a simples cabotinismo. Mas a semente estava lançada e, com ela, a atualização de nosso gôsto artístico, até então habituado às telas bucólicas de Corot e embalado pelas melodias de Chopin. Como resultado dessa renovação artística, foram incentivados a pesquisa e o estudo sistemático de todos os elementos espirituais com que conta o nosso povo; e deve-se principalmente àquela Semana de Arte Moderna o aparecimento das primeiras grandes produções artísticas fortemente impregnadas do espírito da terra que, portanto, podemos legitimamente chamar de Brasileiras, como as músicas de Vila-Lobos e as telas e murais de Portinari, muito embora êstes valores artísticos não seja ainda totalmente aceitos em nosso meio e apesar de não terem tido, como alicerce, uma formação em ambiente cultural superior, como o que deu à França um Debussy e à Rússia um Stravinsky.

Assim, pondo de parte a revolução artística, cuja aceitação demoradíssima ainda não se processou completamente, o ambiente cultural do Brasil arrastava-se em lento declínio quando, com reflexo da crise internacional de 29-30, houve uma reviravolta na política brasileira e a

fôrça das armas elevou ao poder um novo govêrno. Mas êsse govêrno devia ser formado por brasileiros e o Brasil, graças à estagnação cultural em que se achava, já era o grande deserto de homens e de idéias que os novos chefes encontraram. E êsse deserto foi carinhosamente conservado e ampliado pelos que tomaram o poder, os quais, não contentes em incentivar a decadência do ensino superior, reduziram quase a zero o nível do ensino secundário. O regime de passagem por decreto ou por média, com os quais pretenderam comprar a adesão dos estudantes, as constantes reformas dos programas, as facilitações inqualificáveis para a criação de novos ginásios e para a nomeação de novos professôres deram como resultado essa ignorância generalizada, em tôdas as disciplinas, com que os estudantes se apresentam às escolas superiores.

E até hoje as Faculdades de Ciências, criadas pelos raros oasis culturais daquele deserto, ainda não obtiveram a plena compreensão e não conseguiram tôda a eficiência que seria de desejar.

E quando, há uns sete anos, a extraordinária eficiência demonstrada na organização do Estado-Penitenciária de Hitler encheu de entusiasmo os nossos homens públicos, que foram contaminados pelas novas idéias fascistas de maneira muito mais extensa do que poderá aparecer nas futuras autobiografias, o Brasil foi transformado também em Estado fascista, com todo o aparato de suas organizações policiais e de auto-propaganda. Mas um Estado totalitário, embora baseado na fôrça de seus órgãos de repressão, requer para o seu funcionamento eficiente uma enorme quantidade de colaboradores cultos e dotados de grande competência técnica, que só se poderia encontrar em povos de cultura muito desenvolvida. E graças à regressão processada na segunda república e acelerada no regime oscilante que perdurou de 30 a 37, o nosso Estado Forte, com a sua horda de funcionários, técnicos e administradores de uma inépcia espantosa, apesar da incontestável boa vontade de muitos de seus chefes, quase que só revelou eficiência no sadismo organizado a que confiou a fôrça bruta das metralhadoras e dos cárceres e na influência negativa da censura prévia à imprensa e ao rádio.

Peço perdão aos meus ouvintes por essa digressão que julguei necessária para expor meu ponto de vista sôbre a futura influência da Faculdade de Filosofia. Não vou falar da pesquisa científica, que já se faz aqui em quase tôdas as secções e que certamente tende a se desenvolver num ritmo cada vez maior; a minha esperança, que alguns podem chamar de utópica, está na formação de um meio cultural elevado, em harmonia com a matéria prima, que é o povo brasileiro. A minha confiança em nossa gente tem crescido muito, nestes últimos tempos, pois, como aquêlê judeu de um conto de Bocaccio, que se converteu ao cristianismo justamente por ver que a religião católica resistia a todos os desregramentos e a todos os crimes cometidos pelo papa e seus cortezãos, posso também dizer: se, apesar da influência da repressão e da propaganda oficial, êste povo ainda tem vitalidade e esta juventude ainda tem ideais, é que esta é realmente uma grande nação!

Esta cultura em harmonia com o meio é condição essencial para que apareçam aqui os grandes valores culturais comparáveis aos maiores da humanidade. Só uma cultura profundíssima, aliada ao conhecimento íntimo de Florença, é que poderia ter produzido um Dante Alighieri; só uma vastíssima cultura e a plena compreensão do seu povo é que poderiam ter produzido um Cervantes, um Goethe, um Tolstoi. E se todo o entrechoque das idéias do Renascimento, avivadas com a expansão do mundo civilizado pelas viagens dos navegadores e com as excursões do espírito humano através da antiguidade clássica, não tivesse sido absorvido pelo gênio de um autor, ator e empresário teatral impregnado da vida da plebe de Londres, nós não teríamos a estupenda série dos maiores dramas da idade moderna.

Mas é também somente em um meio cultural muito desenvolvido que se podem selecionar os homens necessários para os altos cargos do govêrno, seja qual fôr o regime vigorante. Nenhum govêrno pode funcionar a contento se as finanças do país não forem dirigidas por economistas competentes, se o seu corpo diplomático não fôr constituído por diplomatas no mais alto sentido do palavra, se não tiver um ministro da Justiça com profundos conhecimentos de Direito. E a minha maior esperança em um futuro talvez remoto, é que a orientação geral do ensino em nossa terra seja confiada a pessoas que efetivamente conheçam os problemas da educação, que compreendem a importância da Universidade na vida do país e que se tenham capacitado da inutilidade das grandes reformas planificadas e das portarias contraditórias...

Noto aqui explicitamente que não considero essa cultura uma panacéia para todos os nossos males, nem creio que ela resolva os nossos problemas políticos e econômicos. Mas quer o Brasil volte a ser uma República Democrática, quer se transforme num regime socialista ou comunista, quer volte a ser um Império, só um meio culto dará força e estabilidade a qualquer desses regimes. O meu ceticismo vai mesmo a tal ponto que não creio que a cultura melhore o nível moral do indivíduo. Apenas confio em que a influência de um meio cultural estimule uma certa compostura, uma coerência de atitudes e um senso de responsabilidade que, infelizmente, não têm sido muito comuns em nosso meio.

Até aqui tenho cometido um grande pecado do ponto de vista matemático: tenho empregado o termo *cultura* sem um prévia definição, sem saber se os meus ouvintes entendem por este termo o mesmo que eu. E mesmo não sei se esses ouvintes fazem bem idéia de como esta Faculdade e outras congêneres, que certamente serão criadas por este Brasil afora, poderão influir na formação do meio cultural. A esta última dúvida é mais fácil responder: esta influência se fará sentir em primeiro lugar pela constante publicação de novos estudos realizados em nossos laboratórios e em nossos seminários, assim como em livros e compêndios elaborados aqui; em segundo lugar, pela formação de um número cada vez maior de professores secundários, cuja mentalidade mais esclarecida pelo contacto com um ambiente de estudos sérios terá, por

sua vez, influência cultural e moral sôbre os futuros estudantes; em terceiro lugar, por todos aquêles que, tendo passado por êstes bancos escolares e tendo adquirido uma cultura geral e especializada, resolvam entregar-se a outras atividades em que possam influir no meio ambiente, como o jornalismo, o rádio, as letras e as artes em geral, ou a política e os cargos governamentais.

Quanto ao que se entende por cultura, julgo que a própria complexidade do conceito repele uma definição de caráter científico. E creio mesmo que só pode ter uma idéia clara aquêle que tem essa cultura, razão pela qual, reconhecendo em mim mesmo certas lacunas lamentáveis, eu prefiro desistir da pretensão de dar essa idéia aos meus ouvintes. Apenas direi que, no meu modo de ver, no estado atual da Civilização, só se pode dizer de um homem que êle é culto quando tem:

1) Um conhecimento bastante completo e um domínio efetivo do idioma que deve usar na vida, devendo êsse conhecimento compreender um estudo profundo das origens e da evolução assim como da estrutura da linguagem comum, atual, do povo.

2) Um desenvolvimento bastante grande da faculdade de raciocínio puro e abstrato e da intuição espacial, e ao menos um conhecimento elementar dos algoritmos da matemática.

3) Um suficiente conhecimento de Geografia e Cosmografia para ter uma idéia da sua situação no Universo e também da posição que ocupa seu país entre as nações civilizadas, assim como um suficiente conhecimento da História Universal para se compenetrar da importância relativa que pode ter sua época dentro dessa História.

4) Uma idéia geral, com possível exclusão da parte técnica e da terminologia especializada, da estrutura do mundo físico e do estado atual das Ciências Puras: Física, Química, História Natural.

5) Um conhecimento, quanto possível completo, da história do pensamento humano, isto é, dos mais importantes sistemas filosóficos e das grandes obras da literatura; e finalmente, condição que eu julgo quase uma consequência das anteriores;

6) Um gosto artístico mais ou menos apurado, hábito de leitura e interesse pela música e pelas belas artes.

Sôbre êsse esquema vou fazer duas afirmações sem caráter científico, pois a experiência que tenho nem de longe permite uma conclusão definitiva; constituirão essas afirmações uma profissão de fé, que tenho esperança de ver confirmada quando, no tal futuro remoto de que vos falei, houver no Brasil um meio cultural desenvolvido:

A primeira é que êsse esquema cultural pode ser atingido, pela grande maioria dos estudantes, nos sete anos de ensino secundário, com a condição evidentemente, que existam professores de formação universitária em número suficiente, e que as leis e programas oficiais deixem de constituir o obstáculo que têm sido até agora.

A segunda afirmação é que, seja para a vida prática, seja para qualquer especialização científica ou carreira profissional, êsse esque-

ma é muito mais eficiente que a especialização prematura ou o aprendizado de grande número de disciplinas chamadas utilitárias.

Sobre isto eu posso apresentar minha observação pessoal de que em quase todos os melhores alunos de matemática tenho encontrado, em conversas particulares, uma cultura literária e histórica e um gosto artístico mais apurados que a média. Isto, evidentemente, não é prova indiscutível de que a cultura geral seja indispensável para um pesquisador; mas espero que daqui a alguns anos, quando o número de casos justificar uma estatística que hoje não teria significação, essa correlação entre a capacidade de pesquisa e a cultura geral venha a ser confirmada integralmente.

Há ainda uma outra razão, e esta atualíssima, pela qual eu desejaria ver todos os alunos das nossas escolas superiores entregarem-se à leitura de bons livros, ao culto das artes e a estudos e debates de caráter geral, num afã de recuperar o tempo perdido em um ensino mal orientado, ainda que essa atividade lhes custe, uma vez por outra, o sacrifício de um cinema, de um baile ou de uma sessão de anedotas. E' que um dos assuntos palpitantes do momento brasileiro é o tema da liberdade de pensamento e de palavra; não é concebível, realmente, que só tenham o direito de expor e de imprimir a sua opinião sobre os problemas brasileiros, os partidários da situação dominante, já que nenhum argumento, nem mesmo a experiência, nos convence de que é com eles que está a razão. E' justo, pois, que os brasileiros sejam livres. Livres para falar, para escrever, para dar o seu voto e escolher seus dirigentes de acôrdo com a sua opinião. Mas... e essa opinião? Será lícito a alguém, cuja cultura rudimentar não permita formar uma idéia clara de tôdas as subtilezas da política e das concepções filosóficas em que elas se baseiam, falar em "liberdade de opinião"? Pode-se dizer que é "livre" aquêle que se filia e que se entrega incondicionalmente a um partido somente porque a *priori* reconhece a sua incapacidade de julgar e renuncia ao direito e ao dever de votar estritamente de acôrdo com a sua consciência? Se os brasileiros, e em particular os estudantes, querem ser livres para essas atividades exteriores, será da máxima conveniência que conquistem quanto antes a sua liberdade interior, com a aquisição de mais profundos conhecimentos de história, de filosofia e de literatura, e que os seus espíritos adquiram aquela riqueza imponderável que só é obtida pelo culto das artes em geral. Enquanto não tivermos aqui uma porcentagem suficiente de pessoas cultas, enquanto a elite cultural do Brasil não abranja uma parte ponderável da população, o regime vigorante será sempre de indecisões, de jôgo de interesses, de constituições e decretos calcados nos mais desencontrados moldes da política internacional e, muito provavelmente, aparecerão em chusma os saudosistas do marasmo espiritual, pacífico mas deprimente, do regime dominante até agora.

No esquēma que delinieei anteriormente e no qual expuz a idéia que faço de cultura, coloquei em primeiro lugar o estudo da própria língua; e na verdade, sendo a palavra ao mesmo tempo a matéria prima e

o instrumento da inteligência, deve ela ser conhecida e cultivada com o máximo carinho, para que não traia o pensamento; e tanto mais necessário se torna o estudo do idioma quanto mais subtil e complexo se torna o seu campo de ação.

O hábito de falar e escrever com precisão deve ser cultivado não somente nas aulas de portugûes, mas em tôdas as matérias e mesmo nas conversas dos alunos entre si. Recordo aqui um fato muito significativo: todos sabem que por muito tempo a cidade de S. Luiz do Maranhão foi considerada como um dos lugares do Brasil onde melhor se falava o portugûes. Pois bem: disse-me uma vez um maranhense que em um dos melhores colégios daquela capital havia, entre os alunos, uma convenção: tôda vez em que um dêles surpreendesse um outro em flagrante erro de linguagem, êste era obrigado a pagar ao primeiro uma multa de um tostão; naturalmente, mais do que a multa, calava dolorosamente a vaia em que incorria o fãltoso, que daí em diante apurava quanto possível sua maneira de se exprimir, para evitar reincidência. Esta convenção, só por si, não explica a fama de que gozava tôda a cidade, mas há sem dúvida entre os dois fatos uma correlação digna de nota. Entre parêntesis: tendo ouvido esta história há mais de vinte anos, não respondo pela sua exatidão; mas, como dizem os italianos: “se non è vero, è bene trovato” . . .

Puz em segundo lugar o estudo da matemática, da qual costûmo dizer aos meus alunos que o primeiro capítulo se constitui da gramática; e com efeito, só mesmo o absoluto descaso a que foi abandonado o ensino secundário é que explica que muitos alunos pretendem expor, oralmente ou por escrito, um raciocínio matemático em linguagem imprecisa ou incorreta. Evidentemente não pretendo que os alunos conheçam tôdas as questiúnculas da ortografia e da pureza da linguagem, sobre as quais nem os gramáticos estão de acôrdo. Mas não posso admitir que o aluno comece uma definição dizendo, por exemplo, erro dos mais comuns: o tronco de pirâmide “é quando” a pirâmide está cortada por um plano que encontre tôdas as arestas laterais (note-se que aqui está admitida a hipótese de que o aluno saiba o que é um tronco de pirâmide, o que nem sempre acontece).

Passemos agora ao ensino da Matemática, pròpriamente dito, e à posição que ela deve ocupar no curso secundário.

Nessa fase elementar, a Matemática se divide em três ramos distintos: Aritmética, Álgebra e Geometria, que, embora com freqüência se auxiliem e se entrossem mutuamente, têm profundas diferenças nos tipos de raciocínio empregado. De uma maneira geral, pode-se dizer que a Aritmética é a ciência dos números, a Álgebra é o estudo das relações e dos algoritmos, e a Geometria é a ciência da forma e do espaço. Como as nossas relações com o mundo exterior, dadas pelos nossos sentidos, nos fornecem a noção de número e as noções de ponto e de configuração, vemos que a Aritmética e a Geometria têm fundamento na intuição, razão pela qual os seus elementos são introduzidos na escola elementar sob forma de tabuada, de regras de operações e de nomenclatu-

ra, assim como de raciocínios elementares para resolução de problemas e execução de desenhos geométricos simples. Só da Álgebra se pode dizer que é pura criação do espírito humano que, para condensar os raciocínios da aritmética, foi levado a criar um simbolismo, cujas regras pouco a pouco se foram liberando de sua função primordial até formarem uma nova disciplina. E com efeito, enquanto as duas outras têm origens, por assim dizer, pré-históricas, e foram estudadas profundamente pelos gregos, os primeiros vestígios de um modo de pensar algébrico aparecem em Diofanto de Alexandria, no século III; e a criação pròpriamente dita da Álgebra deve-se ao árabe Alchwarizmi, no século IX, que aproveitou os métodos empíricos dos matemáticos indianos.

Assim, esquemàticamente, o ensino da Matemática no curso secundário tem por função primordial fazer passar o aluno do estado rudimentar do conhecimento de regras e nomenclatura aprendidas de cór, no curso primário, para o estado mais desenvolvido de uma capacidade de raciocínio puro sôbre entes abstratos e de uma intuição geométrica espacial bastante adiantada. Essa evolução já é facilitada pelo próprio amadurecimento devido à idade e pode-se afirmar que se o ensino de matemática nos ginásios se limitasse a não deixar esquecer aquelas regras e nomenclaturas, ao fim de 7 anos, sem aprender nada de novo, o aluno já saberia raciocinar melhor que no início. E, ainda que pareça absurdo, os exames de habilitação já nos tem revelado casos em que os 5 ou 7 anos de ginásio tiveram como único resultado fazer esquecer aquêles elementos, pois alguns dos candidatos, além de não saberem raciocinar, são incapazes de somar frações heterogêneas ou de dizer o que é um prisma ou uma zona esférica.

A passagem do modo de pensar primitivo e do conhecimento de regras e definições decradas, à aquisição de um raciocínio rigoroso, oferece problemas didáticos cuja solução não é fácil, pois além de ser necessário levar em conta a evolução da inteligência do adolescente, é preciso também não perder de vista a questão prática da organização dos programas. A dificuldade consiste principalmente no fato de que, para cada apuração do raciocínio, é preciso voltar novamente às bases fundamentais das disciplinas e eliminar os pontos em que essas bases se apoiam na intuição, até conseguir, no fim do curso, o esquema ideal da matemática: um conjunto orgânico de conseqüências lógicas dos postulados fundamentais, que são proposições não demonstradas sôbre entes que constituem as noções primitivas, não definidas.

O primeiro retôrno às bases deve-se dar logo no início do curso, quando o aluno, que já conhece as tabuadas e as regras para efetuar as operações, vem aprender que um número é um certo atributo de um conjunto de objetos, de tal modo que dois conjuntos cujos objetos que estão em correspondência biunívoca têm sempre o mesmo número, que a soma de dois números é o número que corresponde ao conjunto de todos os objetos contidos nos dois conjuntos dados, etc.. Com tal base podem-se justificar as propriedades fundamentais das operações arit-

méticas, que são as propriedades comutativa e associativa da soma e do produto ($5 + 3 = 3 + 5$, $(5 + 3) + 7 = 5 + (3 + 7)$, etc.) e a propriedade distributiva do produto:

$$(4 + 6) \cdot 8 = 4 \cdot 8 + 6 \cdot 8.$$

E' preciso, porém, que o professor saiba que essas justificações não constituem ainda demonstrações matemáticas. Essas propriedades, junto com a definição de desigualdade e as operações inversas de subtração e divisão é que formam a base do raciocínio absolutamente rigoroso da Aritmética. Com elas é que se explicam tôdas aquelas regras usadas desde a Escola Primária — a disposição das operações soma e subtração, a disposição em escada das operações de multiplicação e divisão, etc..

As noções de fator, de múltiplo, de divisibilidade, conduzem também, por aquelas mesmas propriedades, a tôda a teoria do máximo divisor comum e à noção dos números primos, êsses números que ocupam uma posição completamente à parte e que até hoje constituem um dos maiores quebra-cabeças de Matemática; basta dizer que ainda não existe um processo geral para calcular quantos são os números primos menores que um número dado, embora se saiba, desde Euclides, que não existe um último número primo. Tôdas essas conseqüências das propriedades fundamentais devem ser dadas com uma sucessão lógica impecável e demonstradas rigorosamente, pois é justamente nesse rigor de demonstração que reside o valor cultural da Matemática.

Simultaneamente com êsse desenvolvimento da Aritmética deve ser introduzido o ensino das noções fundamentais de Geometria; esta tem um ponto de partida muito mais delicado que aquela, pois os seus conceitos fundamentais — ponto, reta, plano, são sempre entes que a rigor não existem, pois não passam de esquematizações de objetos reais que, pelas leis da Física, devem sempre ocupar parte do espaço e, portanto, para usar a linguagem da própria Geometria, não podem deixar de ter três dimensões. Mas é sempre possível, usando a intuição, estabelecer certas propriedades fundamentais que se aceitam como base para outro encadeamento de teoremas e novas noções cujo valor cultural reside, como sempre, mais no raciocínio em si do que nos resultados obtidos. E com efeito, que importa a um historiador, a um filólogo ou a um advogado, que as três alturas de um triângulo sejam concorrentes, ou que por três pontos não alinhados passe uma única circunferência? Se o ensino foi bem ministrado, mesmo depois de esquecidos todos êsses resultados, fica sempre como resíduo uma capacidade de raciocínio puro que é uma riqueza incalculável; mas se o professor só se preocupa com ensinar fórmulas e regras, se o aluno é obrigado a aprender os processos práticos como quem aprende a lidar com uma ferramenta, que nunca mais utilizará, então seria melhor que ocupasse êsse tempo assim perdido em coisas mais úteis como jogar futebol, ir ao cinema, ou namorar, e que o ensino da matemática fôsse limitado aos

engenheiros e arquitetos e aos que se destinassem ao estudo das ciências matemáticas e físicas.

O prosseguimento do estudo da Geometria conduz aos conceitos fundamentais de sistemas de grandezas, de grandezas equivalentes, de somas de grandezas, de razão e proporção e de sentido, para certos tipos de grandeza. Dessa teoria se deriva então um novo conceito intuitivo de número, considerado como resultado da comparação de duas grandezas; assim se obtêm, além dos números inteiros, os números fracionários, os negativos e os irracionais, para os quais valem as mesmas propriedades acima mencionadas. Só então existe o material apropriado para a introdução de um sistema de símbolos que é o ponto de partida para o estudo da Álgebra. Depois da decadência do ensino secundário muitos alunos têm os seus conhecimentos limitados a uma certa prática do algoritmo algébrico, sendo incapazes de resolver geomêtricamente um problema de construção, de imaginar uma configuração no espaço ou de fazer um raciocínio aritmético. E êste fato é lamentável, porque dá aos alunos, que apenas são capazes de resolver equações e sistemas e sabem de cór grande número de fórmulas, a convicção de que sabem matemática e merecem passar nos exames. E a realidade é que a Álgebra Elementar se resume em um mecanismo, aliás, tão indispensável como o são os aparelhos de medida usados na Física.

A fim de mostrar a diferença entre o raciocínio aritmético e o raciocínio algébrico, vamos considerar um problema já bastante conhecido que é o seguinte: “Um tijolo pesa um quilo e mais meio tijolo. Quanto pesa um tijolo e meio?” O aluno que tiver adquirido, com o estudo, ao menos um rudimento de raciocínio aritmético, dirá: um tijolo se compõe de dois meios tijolos; ora, se meio tijolo mais meio tijolo pesam tanto quanto meio tijolo mais um quilo, é claro que meio tijolo pesa um quilo; logo um tijolo pesa o dôbro, dois quilos, e um tijolo e meio pesa, pois, três quilos. Mas se a capacidade de raciocínio do aluno se limita à álgebra, êle designará com x o pêso de um tijolo, e seguindo o enunciado, escreverá:

$$x = 1 + \frac{x}{2}$$

e passando para o primeiro membro o têrmo $x/2$, segundo a regra aprendida de cór,

$$x - \frac{x}{2} = \frac{x}{2} = 1, \text{ ou } x = 2, \text{ e portanto } x + \frac{x}{2} = 3;$$

se não errar no cálculo, êsse tal aluno chegará ao mesmo resultado e com grande economia para a matéria cinzenta. Apenas eu não estou convencido de que esta economia seja de grande vantagem para a inteli-

gência, assim como não creio que o hábito de andar de automóvel seja um grande benefício para o desenvolvimento dos músculos. A mesma observação se pode fazer em relação às aplicações da Álgebra à Geometria, pois atualmente é difícil encontrar um aluno que seja capaz de resolver um problema geométrico por métodos sintéticos. Tornou-se hábito entre os professores, com frequência dotados de muito maior preguiça mental que os seus alunos, insistir nos problemas que se traduzem facilmente por equações algébricas, em lugar de ensinar os métodos de construção com régua e compasso, de muito maior eficiência no desenvolvimento do raciocínio. Essa eficiência cresce ainda quando se passa à Geometria no espaço, onde a intuição se exercita nos teoremas sobre planos e retas, em que o aluno é obrigado a imaginar a forma real das figuras de três dimensões desenhadas no plano do papel ou do quadro negro.

Penso, portanto, que a introdução do ensino da Álgebra deve ser retardada o mais possível, permitindo o desenvolvimento do raciocínio aritmético e geométrico; a função cultural do raciocínio algébrico só aparece muito mais tarde, quando esta ciência perde o caráter de puro mecanismo.

Nos últimos anos do curso secundário, se algum dia êste vier a ser reformado no sentido que preconizei nas considerações anteriores, é possível e conveniente fazer uma nova revisão das noções fundamentais, mostrando como se podem estabelecer tanto a Aritmética como a Geometria em bases lógicas inteiramente abstratas, com absoluta independência do mundo exterior. No que se refere à Aritmética, isto se obtém substituindo as noções de número como atributo de conjuntos ou número como medida de grandezas por uma noção não definida, completada com noções de um e sucessor, impondo-se para êsses três entes o seguinte sistema de postulados de Peano:

- 1) 1 é um número.
- 2) Todo número tem um sucessor, que é um outro número.
- 3) 1 não é sucessor de nenhum número.
- 4) Dois números que têm sucessores iguais são iguais.
- 5) Se uma certa classe contém o número 1 e se, do fato dela conter um número, se deduz que ela contém o seu sucessor, esta classe contém todos os números.

As propriedades expressas por êsses postulados são suficientes para deduzir rigorosamente tôdas as outras propriedades dos três entes lógicos assim introduzidos de maneira abstrata: Uma classe — a dos números (subentende-se números naturais); um indivíduo — o número um; e uma relação — sucessor. Por meio de definições convenientes, introduzem-se depois as operações aritméticas, e sucessivamente, as várias extensões do campo dos números, até obter os conceitos de números reais e complexos, que são a matéria prima da Análise Matemática. Os entes lógicos assim introduzidos podem ter várias interpretações, entre as quais as mais importantes são, para os números natu-

rais, aquêles mesmos números introduzidos no início do curso como atributos de conjuntos, e para os números racionais e reais, as medidas de grandezas geométricas.

A mesma estrutura lógica pode ser dada à Geometria, tomando certos entes como noções não definidas sôbre as quais se aceitam certas afirmações não demonstradas, que são os postulados fundamentais.

Assim, chegados ao fim do curso secundário, os alunos não só terão adquirido uma acuidade maior de raciocínio, quando êste for dirigido para questões esquematizáveis, como terão visto exemplos de edifícios lógicos de uma arquitetura impecável, tendo como alicerces conceitos abstratos, e que subsistem qualquer que seja a estrutura real dessa eterna incógnita que é o mundo em que vivemos.

E tendo chegado à parte mais abstrata e mais puramente matemática desta aula inaugural, temo que os espíritos de alguns dos meus ouvintes já parem nas regiões do sonho ou do devaneio. Para lhes amenizar o choque doloroso da volta à realidade, tenho a satisfação de lhes anunciar que dou por finda esta dissertação, considerando-me satisfeito se tiver conseguido por em evidência não só a importância da cultura geral no futuro de nossa terra, como também a posição que a Matemática deve ocupar nessa cultura.

AULA INAUGURAL DO PROFESSOR AROLDO DE AZEVEDO
EM 15 DE MARÇO DE 1946.

CONSIDERAÇÕES EM TÔRNO DA GEOGRAFIA E DO SEU ENSINO.

SUMÁRIO. — Palavras iniciais. Retrato de uma geração. Representando os ex-alunos. A Geografia tem um método próprio. Falta de base geográfica. Ensino secundário e ensino superior. Pesquisas geográficas. Didática da Geografia. Concluindo.

Excelentíssimo Senhor Diretor da Faculdade

Senhores professôres, meus prezados colegas

Senhores alunos:

Minha presença, hoje, nesta tribuna e nesta solenidade da inauguração oficial dos cursos, explica-se, unicamente, pela circunstância casual de ser eu o mais novo dos professôres catedráticos de nossa Faculdade.

De início, desejo aproveitar esta grata oportunidade para, em público, confessar aos que me ouvem a grande honra de me ver colocado entre os professôres efetivos desta Escola, onde tantas figuras ilustres elevam o nome de São Paulo e do Brasil perante os meios culturais do país e do estrangeiro. Para quem há quinze anos vem se dedicando ao magistério e para quem há onze anos não tem feito outra coisa senão trabalhar pela Geografia, não poderia haver prêmio mais alto nem consolação maior do que a que tive a felicidade de receber. Considero-me règeiramente recompensado no meu esforço honesto e desinteressado, e só peço a Deus que me torne digno dessa investidura, trabalhando ainda mais pela elevação de nossa Faculdade e de nossa cultura.

Aceitando a ordem-convite de nosso preclaro Diretor, procurei bem avaliar a responsabilidade do encargo. E ao fazer a análise do papel que, neste momento, represento, verifiquei que ia bastante além do que, a princípio, poderia supor. Quem vos fala não é apenas o catedrático mais novo de nossa Faculdade. Represento, em minha obscuridade, alguma coisa a mais; e não me furtarei ao prazer de lembrá-lo aqui.

Retrato de uma geração

Represento a geração menos velha, dos que, tendo deixado a casa dos 30 anos, ainda não atingiram a casa dos 40. Uma geração que, no conceito daquele livro famoso, não começou ainda a viver... No entanto, talvez seja difícil encontrar uma geração que tenha vivido fase mais agitada da História da Humanidade.

Pertenço à geração dos que, na infância, rezavam tôdas as noites para que a Guerra se acabasse e os brasileiros não sofressem suas conseqüências. Dos que brincavam com soldadinhos de chumbo e que, mesmo sem compreender, viam nas figuras de Foch e Pershing, de Clemenceau e Wilson, algo como se fôssem apóstolos ou salvadores da Humanidade. Nossa adolescência se processou no ambiente agitado do após-guerra, que não foi mais tranqüilo no interior de nossas fronteiras, onde as lutas políticas acumulavam ódios profundos entre irmãos. Nossa juventude teve lugar naqueles anos críticos da crise econômica mundial, quando parecia que tudo estava perdido e quando, no Brasil, a revolução conseguiu vencer a autoridade legal, iniciando um longo (mas, para alguns, curto) período, cheio de incertezas, de monopólio do bem público, de ilusionismos, de consciências dirigidas, de ausência de liberdade. Foi a época em que o mundo parecia estar dividido em dois campos opostos, onde não havia lugar para o meio-térmo: ou se deveria ser fascista, ou se deveria ser comunista. Geração que, num país que se proclamava democrático, quase não teve oportunidade de exercer o seu direito de voto e por pouco não se esqueceu de como exercitá-lo.

Como se não bastasse tudo isso, em plena mocidade, essa mesma geração viu iniciar-se uma nova Guerra Mundial. Suas reminiscências da infância e os livros que lera haviam mostrado o que de horrores não vinha escondido nesse simples vocábulo de apenas duas sílabas: guerra. Encarou os acontecimentos sem entusiasmos ridículos nem cantorias descabeladas pelas ruas da cidade, com a frieza dos que, mesmo sem ter sofrido, bem sabiam o que poderia acontecer. Quase seis anos se passaram e a nova conflagração excedeu a tudo o que de perverso e de terrível poderia ter concebido a imaginação humana. O Brasil também foi alcançado pela avalanche de sangue e de morte; e a minha geração contribuiu com alguns daqueles heróis anônimos que brilharam nas montanhas da Itália e que lá tombaram para sempre.

Hoje, essa mesma geração assiste novamente aos dias agitados do após-guerra, com suas massas insatisfeitas e seus mil-e-um problemas a exigir solução. Nos dias em que vivemos, a Humanidade que logrou sobreviver à pavorosa hecatombe, deblatera-se para querer vencer seus males íntimos. Faz o papel do homem que, após haver conseguido vencer moléstia gravíssima, numa luta de vida e de morte, ao invés de levantar as mãos para o Céu e agradecer a graça da cura recebida, entrega-se ao desespero porque lhe doem os dentes, a miopia está aumentando ou a calvície continua...

Vivemos dias sombrios, em que as esperanças de uma Democracia legítima e verdadeira vêm-se ameaçadas pela insinceridade dos homens, pela ambição dos imperialismos, pela ausência de um freio de ordem moral. Triste época esta em que, mal saídos de uma carnificina hedionda, já se fala novamente em guerra, recrudescem as antigas dissensões, desaparecem os escrúpulos, não se deseja outra coisa senão agitar e exacerbar os ânimos, esquecidos uns de que a paciência humana tem os seus limites, esquecidos outros de que nada se constrói pelo negativismo e pela destruição sistemática.

Por isso tudo, pertença a uma geração que é e não poderia deixar de ser uma geração triste; mas que, dentro dessa tristeza, não é desanimada nem desiludida. Tem esperanças de dias melhores, de dias mais felizes, sem predomínios nem sujeições, sem abusos nem restrições. Sabe, entretanto, pela experiência dos anos que viveu, que, para isso tudo conseguir, torna-se preciso que a Humanidade tenha um pouco mais de juízo e de bom-senso. Há princípios e verdades, que são eternos e que andam no esquecimento. Há noções bastante comensuráveis e que sabemos aplicar à nossa vida particular, que bem poderiam ser aplicadas na administração da coisa pública e às relações entre os povos. Tem faltado à Humanidade uma boa dose de princípios morais; se me permitirem, dos princípios da moral cristã. Diria, ainda: o que tem faltado é *educação*.

Não me parece este o momento azado para tratar de tal assunto. Mas, raciocinemos: sem cogitar do aspecto patológico, o fenômeno-Mussolini ou o fenômeno-Hitler não poderão ser explicados, pelo menos em grande parte, pela falta de uma adequada educação? Vimo-los, ambos, tratar seus semelhantes como se não tivessem personalidade, realizar suas vontades sem consideração de nenhuma espécie, extravasar seus sentimentos sem peias nem cerimônias. Foram, em última análise, uns mal-educados.

Apliquemos o mesmo raciocínio aos que abusam da posição em que se acham ou do instante em que vivem para multiplicar sua fortuna, praticando a mesma ação que o larápio que nos entra pela janela, apenas com a diferença que a fazem cercar de aparências legais ou dos subterfúgios da burocracia. Façamos o mesmo aos que, pela violência e pela brutalidade, pretendem convencer os outros. Tivessem todos um pouco mais de educação e, estou certo, nada disso aconteceria e a vida seria bem melhor.

Não estou aqui, porém, para dar soluções a problemas de tão alta importância, nem pretendo sugerir remédios para males seculares de nossa pobre Humanidade...

Representando os ex-alunos

Gostaria, isto sim, de lembrar aos que me ouvem que também represento, neste instante, os alunos de nossa Faculdade. Realmente, também tive a honra de cursar as aulas desta Escola, de sentar em

seus bancos, de sentir as emoções inesquecíveis de um exame, de guardar carinhosamente os ensinamentos de mestres consumados, como Pierre Monbeig, Plínio Ayrosa, Jean Gagé, Alfredo Ellis Júnior, Vanorden Shaw, e os daqueles, então dedicados assistentes, hoje meus colegas: João Dias da Silveira, Simões de Paula, Eduardo França.

Fazendo parte da Congregação, como professor efetivo, não me esqueço desta minha condição de ex-aluno. Ao contrário, orgulho-me dela. A presença de um ex-aluno no quadro de professores de uma Faculdade tão jovem, como a nossa, constitui um estímulo a todos quantos, pretendendo vê-la cada vez mais conceituada, desejam, com desinterêsse, colaborar nessa ascensão.

A Geografia tem um método próprio

Represento, enfim, o mais novo dos departamentos da Faculdade de Filosofia: quero me referir ao Departamento de Geografia, que vem de ser definitivamente organizado em nossa Escola.

Há quinze anos seria um fato verdadeiramente extraordinário o que hoje se presencia nesta sala: um professor de Geografia dando aula inaugural em uma Faculdade superior!

Seria extraordinário — convém logo ressaltar — para a grande maioria dos brasileiros, mas, não, para a maioria dos europeus ou dos norte-americanos. E' que a penetração da moderna Geografia, em nosso país, apesar dos elogiáveis esforços de uns poucos "pioneiros" (entre os quais é de justiça colocar o nome do Prof. Delgado de Carvalho), fêz-se com lamentável lentidão e foi uma consequência direta da criação de nossa Faculdade de Filosofia.

Quando se estuda a história da Geografia, um fato logo se evidencia: suas origens são bastante remotas, perdem-se nos aluviões da Caldéia e nos areais do Egito, tomam vulto na Grécia antiga; mas a Geografia como ciência tem apenas um século de existência.

Mas a Geografia é uma ciência? — perguntarão, quem sabe, alguns dos que me ouvem. Eis aqui um ponto sôbre o qual gostaria de conversar, nesta aula tão especial, na certeza de que, com ouvintes heterogêneos, a dúvida há de aparecer, forçosamente.

Não me vou perder em considerações acadêmicas, nem me deixarei levar por uma dialética vazia. Focalizarei fatos.

Suponhamos que temos ante os olhos uma região qualquer, que tanto pode ser um trecho do planalto paulista, como uma porção da Amazônia ou um recanto da bacia do São Francisco. Nela põe seus pés um geógrafo no moderno sentido da palavra. Qual deve ser sua tarefa?

Se estivéssemos há quinze anos atrás, a resposta da maioria dos brasileiros seria muito simples: começaria o tal geógrafo por dar os limites municipais, com todos os detalhes fronteiriços; deveria, depois, encher seu caderno de notas com os nomes dos acidentes do relêvo, dos rios e dos ribeirões, das árvores e dos arbustos, dos exemplares da fau-

na; anotar-la as riquezas minerais, sem esquecer uma só; diria qual o clima da região — quente ou frio, hostil ou ameno; consultaria as estatísticas para saber quantas “almas” viveriam no lugar; daria uma relação completa das cidades, vilas e povoados, não se esquecendo de anotar o número exato de seus habitantes e os principais edifícios públicos (a Matriz, a Câmara Municipal, a Santa Casa, a Cadeia, o Mercado...); citaria as culturas existentes, os vegetais e minerais explorados, tôdas as vias-férreas (inclusive as estações), estradas e caminhos; e completaria seu estudo com a história da região, sem esquecer o nome de nenhum capitão-mór doutras éras, nem o de nenhum prefeito ou chefão político dos nossos dias. Depois, iria dormir com a consciência perfeitamente tranqüila...

Nos dias que correm, talvez ainda muita gente esteja convencida de que é esta, realmente, a verdadeira Geografia. Não nos deveremos surpreender com o fato, pois, não faz muito tempo, em publicação de uma de nossas tradicionais associações geográficas, um ilustre cidadão escreveu violento artigo, no qual rebela-se contra a “concepção moderna da Geografia” (e tôdas as vêzes que escreve esta expressão, fá-la acompanhada por três ou quatro pontos de exclamação...), para concluir, em pleno século XX e cem anos depois de haver uma plêiade de mestres escrito exaustivamente em contrário, que a Geografia foi, é e deve continuar a ser um simples catálogo de nomes e de números!

Quem, pelo menos, já manuseiou os modernos compêndios publicados em nosso país e, sobretudo, quem já cursou uma Faculdade de Filosofia, não pode, porém, pensar assim. Seria demonstrar completa ignorância acêrca da obra realizada pelos geógrafos alemães, franceses e norte-americanos, notadamente, a partir da primeira metade do século XIX.

Com efeito, teria sido em vão que Humboldt, Ritter, Ratzel e Vidal de la Blache criaram os fundamentos da Geografia moderna, quando estabeleceram os seus três grandes princípios: o da extensão, o da analogia e o da causalidade? Teriam pregado no deserto todos quantos, depois dêles, deram bases sólidas à Geografia Física e à Geografia Humana e descreveram, explicando, as paisagens terrestres, em trabalhos que figuram, sem nenhum favor, entre os melhores estudos da bibliografia universal?

Não, certamente. A Geografia não pode ser um simples catálogo de nomes e de números, privilégio dos que possuem boa memória e martírio dos que a devem estudar.

O moderno geógrafo procura dar uma interpretação viva da paisagem. Preocupa-se com o estudo do relêvo e da estrutura, procurando explicar-lhe as formas e reconstituindo sua evolução. Tenta distinguir as paisagens botânicas, correlacionando-as com os característicos do clima e com a natureza do solo. Examina os fatores climáticos, para tentar fixar o tipo de clima da região. Estuda a hidrografia, sem esquecer suas relações com o relêvo, a estrutura, o clima e a própria

vegetação. Refere-se à fauna, quando tiver algo de característico, examinando-a sob o ponto de vista de sua repartição. Ao passar ao estudo do homem, observa com cuidado como se distribui a população, com suas áreas de maior ou de menor densidade, procurando explicar os contrastes; verifica as diferenças étnicas, encarando-as naquilo que repercute na paisagem: tipos de habitação, gêneros de vida. Observa os aglomerados urbanos — sua localização, sua evolução, suas funções. Estuda a vida econômica, através da multiplicidade de suas manifestações e de seus problemas. Dá, enfim, uma idéia viva e falante da região estudada. Faz a verdadeira Geografia. E, no final, não vai dormir tranqüilo, pois sabe muito bem que poderá sempre melhorar suas observações, tem sobre a região dúvidas que não resolveu satisfatoriamente, não ignora que a paisagem estudada evolui e fica ansioso por voltar ao campo, a fim de notar as diferenças e encontrar novos motivos de satisfação intelectual. . .

Assim é o geógrafo moderno. Sua tarefa — sua grande tarefa — não se confunde com a de nenhum outro. Convidemos um geólogo, um botânico, um climatologista, um etnólogo, um sociólogo, um economista a visitar a mesmíssima região e esperemos os resultados de suas pesquisas: serão, certamente, muito valiosos, mas tão só para o setor isolado em que se especializaram.

Há, por conseguinte, um método próprio, que caracteriza a Geografia. O moderno geógrafo vê coisas que outros não podem ver, interpreta fatos que outros dificilmente poderiam interpretar; leva consigo uma visão de conjunto, que outros especialistas não podem levar.

Tudo isso explica que esteja, neste momento, ocupando esta tribuna, um professor de Geografia, como aqui poderia estar, com a mesma convicção, um professor de Matemática ou de Sociologia, um professor de Química ou de Mineralogia.

Representando o Departamento de Geografia de nossa Faculdade, sinto-me feliz pela oportunidade, que se me oferece, de dizer do nosso orgulho em contribuir, na modéstia de nosso setor, para o maior brilho da cultura de São Paulo e do Brasil.

Falta de base geográfica

Onze anos a lidar com a Geografia, em contacto permanente com a nossa mocidade estudiosa, do curso secundário como do curso superior, constituem lapso de tempo suficiente para que se possa tirar algumas conclusões. E' o que vou tentar fazer, limitando-me, como é justo, ao campo do ensino superior.

Um dos primeiros tropeços, com que se luta, é a lamentável falta de base de muitos dos que aqui vêm ter. Os que me ouvem vão perdoar-me a franqueza com que passo a falar; assim agindo, desejo apenas abrir os olhos dos que estiverem nas condições apontadas e tento evitar que a mesma situação persista, de futuro.

Esta falta de base diz respeito, em primeiro lugar, ao conhecimento da própria Geografia. Têm batido às portas de nossa Faculdade —

e, acredito, posso generalizar — têm batido às portas das Faculdades de Filosofia muitos espíritos desejosos de saber e conhecer, em grau superior, as ciências que fazem parte de nosso curso, ignorando, porém, noções gerais, às vêzes rudimentares, sem as quais todo estudo se torna difícil, senão impraticável.

Na verdade, como fazer um estudo aprofundado de qualquer das cadeiras de Geografia, se há alunos que desconhecem, por exemplo, as diferenças essenciais entre as rochas, não sabem distinguir a imigração da emigração, têm dúvidas quanto à localização da Mata Atlântica? . . . Seria o mesmo que um candidato ao curso de Matemática aqui chegasse ignorando como se dividem frações ou se um destinado ao curso de Letras Clássicas não conhecesse as declinações latinas.

Bem sei que o grande responsável, o eterno responsável, é justamente o ensino secundário, que todos são unânimes em considerar deficiente, embora contínuo, pacatamente, distribuindo seus frutos maus. . .

Mas o que se não compreende é que um jovem de mais de 17 ou 18 anos, com uma certa dose de discernimento, uma vez escolhida sua especialidade, não tome a iniciativa de sanar tais lacunas, realizando por sua própria conta ou com o auxílio de alguém, uma revisão das matérias básicas, um novo e proveitoso passeio por alguns dos compêndios que lhe serviram nos bancos ginasianos. E' claro que esta revisão não deverá ser feita de afogadilho, em algumas poucas semanas antes da realização dos exames de habilitação. Seria aconselhável um ano de preparo consciencioso, dentro dos rumos já traçados; um ano que poderia valer mais que os cinco ou os sete de estudo anterior, feitos no meio dos vai-vens de nossos cursos fundamentais e sem nenhuma idéia de especialização. O Grêmio desta Faculdade, que já teve a feliz e elogiável iniciativa de criar os cursos de preparatórios para o vestibular, bem poderia prestar um novo e magnífico serviço aos que pretendem ingressar em nossa Escola, dando um caráter permanente àquêles cursos e ampliando suas finalidades. Haveria de merecer os aplausos de todos nós.

Entretanto, essa falta de conhecimentos geográficos vem a se agravar sèriamente com uma deplorável ausência de cultura geral. Não pretendo me referir à inexistência de uma certa orientação filosófica, nem à falta de conhecimento literário ou artístico — fatos que, por muitos motivos, podem ser justificados. Quero falar da ignorância relativamente à História da Civilização e à História do Brasil, por exemplo; ou dos princípios básicos das ciências físicas e naturais; ou, ainda, da incapacidade em escrever razoavelmente a nossa própria língua. . .

São verdades amargas, mas que precisam ser ditas pelo bem dos que hoje aqui se acham e dos que, um dia, aqui haverão de estar. Enquanto o nosso ensino secundário fôr o que tem sido, cumpre resolver a situação com realismo e honestidade: tenha-se a coragem necessária para reconhecer tais falhas e a fôrça de vontade indispensável para removê-las ou, pelo menos, para diminuir os seus inconvenientes. Pelo

bem dos próprios alunos, pela maior eficiência do ensino. Não se constata sôbre areia.

Ensino secundário e ensino superior

Outro ponto que me parece útil focalizar é a dificuldade que encontram muitos alunos em compreender que, ao transporem as portas desta Faculdade, não vão realizar um curso secundário “mais adiantado” e, sim, um curso superior, com suas características inteiramente particulares. Desejo me referir, por exemplo, às diferenças existentes entre o método de trabalho de um e de outro dos cursos citados.

Na verdade, sente-se que a grande maioria dos alunos que entram para a Faculdade lamenta, de início, muito sinceramente, a falta de um compêndio, onde as preleções do mestre aparecessem bem arrumadinhas, prontas para serem digeridas...

Desiludidos a êste respeito, lançam-se furiosamente às anotações ou às apostilas, coisas que nada teriam de censuráveis não fôra o destino que se lhes dá: reproduzi-las mais ou menos literalmente nas provas de exame, na convicção de que, agindo dêsse modo, estão dando ao professor uma imensa alegria...

Efetivamente, acostumados ao regime ginasiano, julgam que cumpram rigorosamente com suas obrigações fazendo gravar na memória as palavras do mestre, inclusive certas referências que só poderiam interessar no momento em que foram incidentalmente mencionadas... Resultado: se o professor, ao chegar o dia do exame, formula um tema que exija um pouco de raciocínio e mais ampla leitura, ou questão que não corresponda exatamente a uma de suas preleções, desejoso de ver os alunos trazer sua contribuição pessoal, muitas vêzes preciosa — é um Deus-nos-acuda! São lamentações e suspiros, são fisionomias ansiosas que fazem lembrar naufragos ao sabor das ondas, são lencinhos amarfanhados em dedos trêmulos ou cigarros que se sucedem uns após outros, — criando situações de constrangimento e de embaraço para o professor, embora nunca o levem a modificar a questão formulada...

Seria útil que todos procurassem compreender que é da própria natureza de um curso superior êsse constante apêlo ao raciocínio e à contribuição pessoal. Cabe ao mestre orientar, ensinar as linhas básicas, mostrar o caminho aos seus alunos; para isso, dá-lhes o que considera essencial, de maneira metódica e com a necessária clareza, além de lhes indicar uma pequena bibliografia, que lhes servirá de guia para atingir mais largos horizontes. Aos alunos compete aproveitar-se de tudo isso, realizando um trabalho que muito poderá ter de seu, ao mesmo tempo que dispõem da oportunidade de conhecer outros aspectos, inúmeras vêzes não abordados em classe. Terão o prazer de, conscienciosamente, aprender mais; e darão ao professor a satisfação de, no dia do exame, ler ou ouvir coisas novas e saber que seus alunos possuem cérebros que trabalham e não são simples autômatos.

Mas o problema é ainda mais grave, pois apresenta uma outra faceta: qual o comportamento de nossos licenciados ao iniciarem sua carreira no magistério? De que maneira irão utilizar o material recolhido nos seus anos de estudo entre as paredes desta Faculdade?

Infelizmente, dá-se muitas vêzes um fenômeno inverso ao que, de início, fizemos referência: levando debaixo do braço sua pequena bagagem de saber, o jovem professor instala-se numa classe de um colégio qualquer e põe-se, mui gloriosamente, a vender a mercadoria tal como a comprou... Registram-se, então, absurdos como êste: alunos de curso ginásial ou de curso colegial a receber ensinamentos que, em certos casos, são exatamente, rigorosamente, os mesmos que o zeloso licenciado colheu nas aulas desta Faculdade. Alguns, demonstrando santa ingenuidade, chegam ao cúmulo de vir dizer a nós professores: “Estou dando o seu curso, sôbre tal assunto, para os meus alunos do Ginásio. E êles estão apreciando muito...”

Seria útil, por conseguinte, que o aluno desta Faculdade procurasse compreender com exatidão a natureza do curso superior, aqui ministrado. Não é absolutamente um curso secundário “mais adiantado”, porque tem um método e uma finalidade que lhe são próprios. Por idênticas razões, não pode ser aplicado ao curso fundamental, de torna-viagem.

Pesquisas geográficas

Desejo ainda abordar um outro aspecto do ensino, que diz respeito particularmente à Geografia. Trata-se da pouca disposição às pesquisas e à observação pessoal.

Nada mais fácil do que justificá-la: foi esta, sempre, uma das mais graves falhas do nosso ensino geográfico. Isto não impede, porém, que a focalizemos aqui, a fim de tentar atenuar seus efeitos.

E' muito comum ouvir de nossos alunos a afirmativa de que não sabem o que dizer a respeito de uma região que conhecem ou que acabaram de percorrer. Às nossas perguntas: “Conseguiu tomar suas notas? Observou muitas coisas?...” — seguem-se respostas desalentadoras, como estas: “Não encontrei nada para ver, professor. Lá, nada existe que possa interessar...”

Tais respostas refletem muito bem um ponto de vista que se generalizou e persiste ainda hoje. Como os alunos, visitando, por exemplo, a região da Penha, não encontram ali nenhum Himalaia, nem tão pouco uma floresta como a da Amazônia, a paisagem passa a ser sem interêsse para a Geografia...

Ora, como tive ocasião de acentuar em minha tese de concurso, já se foi o tempo em que a Geografia só se interessava pelos grandes assuntos e pelos aspectos sensacionais do nosso planeta. Quando dominava a Geografia descritiva pura e simples, só o que era belo, exótico ou inacreditável merecia a atenção dos geógrafos. Daí o caráter pitoresco de muitas obras de outrora. Daí o encontrar-se alunos e (porque não dizê-lo?) também professores conhecendo mais ou menos bem

o fenômeno da pororoca, a cachoeira de Paulo Afonso, o salto das Sete Quedas, mas incapazes de dizer algo sobre a criação de gado em Marajó, os contrastes do clima nordestino ou a exploração da erva-mate.

Neste, como noutros aspectos, a Geografia moderna é uma Geografia muito mais real e exata. Depois de localizar, descreve e interpreta a paisagem, com tudo quanto a caracteriza, por mais simples que seja. Interessa-se por detalhes do relêvo ou da vegetação, mesmo que não se trate da cordilheira dos Andes ou da floresta do Congo. Focaliza o homem na sua vida rotineira e naquilo que a luta pela existência o levou a construir, mesmo que não habite num “igloo” groelandês ou não trabalhe na mina mais profunda do globo. Em duas palavras: realiza um estudo real da vida sobre a Terra.

Outras vezes, trabalhando em pesquisas, nossos alunos costumam formular perguntas, anotam cuidadosamente as respostas e as fazem chegar ao professor como se fôssem meros transmissores mecânicos, incapazes de pensar por si. Têm olhos, mas dêles não fazem uso. Têm cérebro, mas o deixam a descansar...

Tais defeitos vêm de longe, bem o sei: nascem no curso primário, onde a Geografia foi sempre uma desprezada, bastando para ensiná-la reler as páginas do venerando compêndio do Dr. Joaquim Maria de Lacerda; fortalecem-se no curso fundamental, quando os professores, por falta de tempo ou por outro motivo qualquer, não se lembram de apelar para a observação pessoal do aluno, nem estimulam sua natural curiosidade. Tudo isso diminui, senão serve para perdoar totalmente a culpa de muitos dos que me ouvem, neste momento.

Na realidade, quantos de vós tiveram a atenção chamada, nos bancos do ginásio, para a marcha aparente do Sol, por exemplo? Ou para as diferenças de vegetação natural e para os tipos de “habitat” rural em uma determinada região?... Quantos de vós teriam ido observar, no ribeirão que passa pelas terras da Fazenda, o trabalho destrutivo de suas águas, a formação de meandros, as etapas do ciclo de erosão? Quantos de vós já teriam tido ocasião, antes de aqui chegar, de indagar de onde provém o trigo com que se faz o pão nosso de cada dia ou a carne e o leite que consumimos?...

Ora, torna-se preciso justamente provocar o mais possível a curiosidade (que, em Geografia, deixa de constituir defeito...), aguçar a vista, trazer nos lábios constantemente as palavras — “Por que?”, a fim de corresponder plenamente a uma das finalidades das Faculdades de Filosofia: a formação de pesquisadores. Sem êles, a Geografia ficará marcando passo, deixará de evoluir, tornar-se-á “fóssil”.

Didática da Geografia

Mas as Faculdades de Filosofia também devem formar professores de ensino secundário; é esta, no momento atual, uma de suas mais importantes finalidades, o que me leva a dizer duas palavras sobre o tema.

Sem desejar invadir a seara alheia, os professôres do Departamento de Geografia (assim como outros colegas do curso de Geografia e História) têm tido ocasião de oferecer algumas oportunidades para o treinamento de nossos alunos na agradável mas difícil arte de dar aulas. Fazêmo-los preparar com cuidado alguns planos de aulas e levâmo-los a sentir as emoções de enfrentar uma classe, constituída de seus próprios colegas — tudo acompanhado por uma crítica construtiva, feita pelo professor e, com o tempo, pelos próprios colegas do futuro professor de ginásio.

A experiência tem dado bons resultados. Serve, por exemplo, para demonstrar que muitos de nossos distintos alunos deveriam ter escolhido outra especialização, salvo se teimarem em ser maus professôres... Tem servido, também, para evidenciar que não basta conhecer a matéria para ministrar uma boa aula: torna-se preciso dar-lhe vida, dar-lhe animação e entusiasmo, “sentir” a aula que está sendo trans-

Costumo reclamar de meus alunos, em casos tais, pela ausência de “alma” na exposição; e assim é, realmente.

Não se esqueçam os futuros professôres, que ora me ouvem, dêses conselhos desprezenciosos, que aqui vou deixando. Quando tiverem as responsabilidades de uma classe e se Deus não lhes concedeu o dom de ensinar (porque, convém não esquecer também, ensinar é uma arte, que exige, para sua perfeição, a mesma inclinação que exigimos para um pintor ou um musicista) — cumpre tornar a tarefa menos pesada para aquêles que os irão ouvir, expondo com clareza e com vida o que tiver de ser transmitido; procurando tornar mais agradável o tema a ser exposto, deixando de lado as complicações desnecessárias.

Enganam-se os que julgam demonstrar grande ciência utilizando abundante terminologia técnica ou pairando acima de seus alunos, em teorias mais ou menos estratosféricas... Ou espantarão, de uma vez, os seus pobres ouvintes, o que poderá significar a perda de um Emanuel de Martonne em formação...; ou serão um dia por êles censurados, quando o estudo lhes houver demonstrado que tudo aquilo era dispensável, não passando de pura encenação.

Agindo daquela maneira, podem obter satisfações íntimas, consolações realmente confortadoras, que muito servem de estímulo e de encorajamento, inesquecíveis prêmios na árdua mas belíssima carreira do magistério.

Concluindo

E' tempo de dar por finda esta aula. Sinto que ela foi cheia de verdades duras, por vêzes talvez amarga em demasia.

Quem faz parte de uma geração triste não poderia, de certo, ser mais alegre em suas palavras. Não foi, porém, sòmente essa tristeza

que as ditou: falei sempre com a sinceridade que me caracteriza, porque desejo que todos saibam que aqui têm um verdadeiro amigo da mocidade estudiosa e desta Faculdade. E um amigo não esconde a verdade, por mais amarga que ela pareça ser.

Que assim sejam interpretadas as observações de quem não aspira outra coisa senão ser um simples professor de Geografia.

AULA INAUGURAL DO PROFESSOR HEINRICH HAUPTMANN EM 1948.

INTERPRETAÇÕES BIOQUÍMICAS DA AÇÃO ANTIMICROBIANA.

Diz-se que um dos característicos de nossa época é que o homem culto, hoje, sabe cada vez menos sobre um maior número de assuntos, enquanto o pesquisador conhece sempre mais sobre cada vez menos. Tem, portanto, um significado especial êste hábito verdadeiramente acadêmico de obrigar, pelo menos uma vez por ano, um dos professores a falar públicamente sobre assuntos da sua disciplina, de uma maneira acessível a todos. E' a êsse hábito que eu devo o honroso convite do Excelentíssimo Diretor, Prof. Dr. Astrogildo Rodrigues de Mello, a quem sinceramente agradeço. Quis êle, certamente, pôr em destaque a ciência que tenho a honra de ensinar nesta Faculdade, a Química Orgânica e Biológica, pelas inúmeras e decisivas contribuições que dela provieram para o progresso da cultura e civilização humanas.

Pretendo falar-vos, hoje, de algumas idéias modernas sobre a ação dos agentes antimicrobianos e, de antemão, peço desculpas pelas fórmulas químicas que, apesar de tôda a boa vontade, não consegui evitar.

A procura de remédios contra as doenças infecciosas e as tentativas para reconhecer sua maneira de ação, desde há muito, constituíram uma das tarefas mais nobres e prementes da Química. Quando a Renascença, no início do século XV, deu um grande impulso ao desenvolvimento das ciências, foi na Iatroquímica que, pela primeira vez, se manifestaram idéias fecundas, capazes de futuro desenvolvimento. Assim, as raízes de certas idéias da quimioterapia moderna brotaram no cérebro do grande Paracelso, iniciador e representante mais eminente daquela corrente. Êle não somente criou a noção da dose e da sua importância, como também estabeleceu, claramente, que os remédios devem ser "arcana", isto é, dirigidos contra as causas das doenças, em lugar de ser contra os sintomas. Essa exigência, porém, com exceção de pouquíssimos casos, por exemplo, o da casca de quina, não foi satisfeita e, durante séculos, não se fizeram progressos nesse sentido. Tornava-se imprescindível o conhecimento de uma porção de fatos: primeiramente, estudar o funcionamento do organismo normal, tarefa esta que a Fisiologia atacou com enorme sucesso nos primeiros três quartos do século passado. Impôs-se, ao mesmo tempo, o estudo pormenorizado da estrutura dos organismos, dos "estados de células" como foi chamado e das suas conseqüências fisiológicas e patológicas. Depois, era necessário chegar-se a um idéia clara e certa sobre as cau-

sas das doenças infecciosas e sua transmissão, idéia essa que foi obtida pelos imortais trabalhos de Louis Pasteur e Robert Koch. Com êstes conhecimentos resolveram-se os problemas biológicos básicos, mas era necessário ainda um grande progresso, tanto teórico quanto metódico, da Química Orgânica, que só se deu, realmente, na segunda metade do século passado e de que resultou a descoberta de grande número de substâncias e de muitas e interessantes sínteses. Não é de admirar que se tenha tentado aproveitar todo êsse material para encontrar substâncias sintéticas capazes de combater as doenças infecciosas.

O primeiro grande sucesso dêstes esforços foram os arsenicais, especialmente o Salvarsan, cuja síntese e introdução na terapia devemos a Paul Ehrlich. Aqui, pela primeira vez, aplicaram-se sistematicamente substâncias químicas para fins terapêuticos, método êste com que Ehrlich se tornou o fundador da Quimioterapia moderna. Quais as idéias sôbre a maneira de ação dos seus remédios que o guiaram em suas experiências? Ehrlich postulou que qualquer substância tem que ser fixada na célula microbiana, antes que possa exercer qualquer ação quimioterapêutica: "corpora non agunt nisi fixata". Essa fixação seria realizada por grupos especiais da célula viva e do remédio: êste teria um grupo haptofórico, quer dizer, um grupo capaz de grudá-lo à célula que, por seu lado, teria químio-receptores, ou sejam, grupos que especificamente ligar-se-iam aos diversos grupos haptofóricos. Lembremos que já Paracelso postulara que os remédios deveriam ter "spicula", isto é, pequenos ganchos com cujo auxílio êles se fixariam aos órgãos. Ehrlich tentou especificar esta idéia, estipulando que um quimioterapêutico eficaz deveria possuir, além do grupo haptofórico, com cujo auxílio se grudaria ao micróbio, um grupo toxofórico, capaz de matá-lo. Êstes dois grupos fariam parte da mesma molécula, de maneira que estariam fixados num mesmo "suporte".

O que dificulta tôda e qualquer quimioterapia, é que, entrè as células dos micróbios e as dos organismos, existem sòmente diferenças de grau; o remédio ideal seria o que atacasse e matasse sòmente os micróbios, sem afetar as células do organismo. Na linguagem de Ehrlich: que possuísse um grupo haptofórico capaz de se ligar sòmente aos químio-receptores dos micróbios. Na realidade, um tal remédio só existe em casos raríssimos. O esfôrço dos pesquisadores é inteiramente dirigido no sentido de encontrar remédios com uma proporção favorável entre a dose curativa, isto é, a menor quantidade capaz de matar os micróbios, e a dose tolerada, isto é, a maior quantidade que não chegue a provocar distúrbios no organismo do doente.

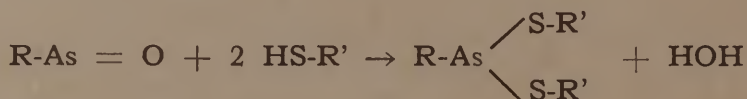
Sinto não poder lhes dar uma idéia sôbre quantas experiências químicas e microbiológicas foram necessárias para que Ehrlich pudessem elaborar essa sua teoria, cujos aspectos principais, em largos traços, acabo de expor. Quem não esteja bastante familiarizado com os trabalhos experimentais, pode-se inclinar a imaginar que as idéias fecundas nasçam da cabeça do pesquisador, tão prontas como Minerva da

de Júpiter; deixa então de contar os meses e anos de paciente observação e experimentação, necessários à colheita dos dados e resultados indispensáveis à edificação da teoria.

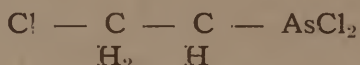
O ponto fraco da teoria de Ehrlich — e com isso não quero diminuir de maneira alguma a sua importância — é que ela, necessariamente, tem que ser vaga em relação aos químioreceptores e sua ação na célula viva. Embora no seu tempo já fôsse possível sintetizar substâncias com os mais diversos agrupamentos, supostos haptofóricos ou toxofóricos, quase nada se sabia sobre o metabolismo das células. Como era possível compreender a ação de qualquer substância tóxica sobre uma célula, se não se conheciam os processos químicos normais, nela operantes, em que essa substância deveria interferir? Desta maneira, tornou-se indispensável o desenvolvimento dos conhecimentos do metabolismo celular, das substâncias e reações nele envolvidas, antes de se poder pormenorizar as idéias sobre a ação dos remédios. Sabemos, hoje, que a célula viva é capaz de executar reações à temperatura normal, em meio neutro ou fracamente básico ou ácido, reações que nós, no laboratório, ou não conseguimos de maneira alguma, ou somente realizamos com a aplicação de altas temperaturas, ácidos, bases e outros reagentes de ação enérgica. Essa capacidade celular provém da ação dos enzimas, cuja existência foi provada em 1897 por H. Büchner, 10 anos antes, portanto, de Ehrlich formular pela primeira vez sua teoria. Enzimas são substâncias que, mesmo quando presentes em quantidade ínfima, facilitam ou mais precisamente aceleram o desenrolar de certas reações; êles as catalizam, como dizem os químicos. É grande o número de reações que se desenrolam na célula viva, uma parte paralelamente, outra em seqüência: há oxidações e reduções, hidrólises e esterificações, degradações e sínteses, tôdas elas coordenadas entre si, de maneira a, no seu conjunto, fornecerem a energia necessária para a manutenção e o funcionamento do organismo vivo. Os enzimas só podem aproveitar substâncias determinadas: os seus correspondentes substratos. Dizemos que cada enzima é específico em relação a seu substrato. A Emil Fischer devemos a famosa metáfora: “enzima e substrato devem ser relacionados com chave e fechadura”. Os enzimas são substâncias protéicas, moléculas grandes, que contêm agrupamentos ativos ligados de diversas maneiras. É óbvio que são substâncias muito sensíveis e que modificações relativamente pequenas as impossibilitam de exercer as suas funções.

Não há dúvida que certas substâncias antimicrobianas exercem sua ação por êste caminho, isto é, modificando e assim inativando os enzimas. Já Ehrlich, em 1909, havia dirigido sua atenção para a possibilidade de os arsenicais e outros compostos de metais pesados reagirem com os grupos sulfidríla -SH, cuja existência na célula viva era conhecida. A importância desses agrupamentos se destacou de então para cá, e sabemos hoje que êles são indispensáveis ao desenrolar normal de muitos processos enzimáticos. Encontram-se tanto em enzimas como em

substratos. Quando oxidados, ou quando substituído o seu hidrogênio por outros átomos, a reação enzimática é inibida, o metabolismo transformado. Hoje está fora de dúvida que a ação dos compostos de Arsênico consiste na reação desse metal com os grupos sulfidrílica, como está exemplificado na fórmula:



Uma das contra-provas mais interessantes deste mecanismo é que podemos, *in vitro*, anular o efeito bactericida dos arsenicais, juntando uma grande quantidade de substâncias com grupos sulfidrílica muito reativos, como glutathiona, cisteína, etc. Então o composto de Arsênico se combina com essas substâncias e não com os grupos sulfidrílica existentes no micróbio. Seja dito, entre parêntesis, que o Arsênico, exerce a sua ação tóxica sobre o organismo humano da mesma maneira, reagindo, também, com grupos sulfidrílica de enzimas ou substratos das suas células. A injeção de quantidades suficientes de compostos sulfidrílicos bastante reativos protege o organismo contra doses mesmo letais de Arsênico; este, então, reage com os injetados, em vez de se ligar com os grupos sulfidrílica do organismo, fato em que se baseia a eficiência do B. A. L. (*British Anti Lewisite*) contra o Lewisite, terrível gás de combate cuja ação sinistra é motivada pelo seu conteúdo em clorovinil-dicloroarsina,

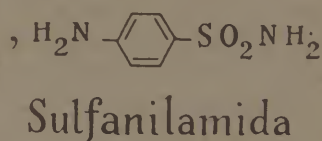
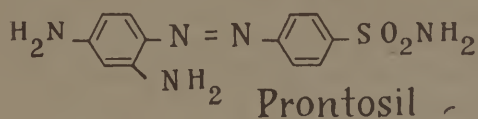


Se o esclarecimento do mecanismo da ação dos compostos de Arsênico nada mais fôsse que uma especificação química das idéias de Ehrlich, pelo qual, pelo menos neste caso, os químioreceptores teriam sido determinados, já poderíamos considerá-lo um grande passo para a frente. Existem, porém, indícios de que a interferência com os grupos sulfidrílica seja um mecanismo de ordem mais geral, e por isso quero mencionar aqui algumas observações que, embora necessitem ainda de confirmação e generalização, parecem indicar um importante trilho para o esclarecimento da ação antimicrobiana de grande grupo de substâncias. É de conhecimento geral que uma série de substâncias, chamadas antibióticas, foram preparadas a partir de fungos, por exemplo, bolores e outros micro-organismos. A mais famosa, a que teve mais vasta aplicação terapêutica, é a penicilina. Foi provado que a adição de compostos com grupos sulfidrílica, *in vitro*, diminui, ou previne a ação antimicrobiana de muitas dessas substâncias. Como, de outro lado, se tornou possível provar que as substâncias antibióticas em questão reagem, realmente, no tubo de ensaio com compostos sulfidrílicos, acharam vários pesquisadores que o mecanismo pelo qual elas exercem a sua ação antimicrobiana é, provavelmente, o do bloqueio de grupos sulfidrílica indispensável ao

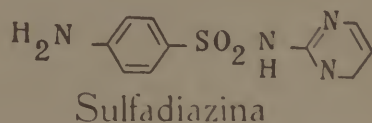
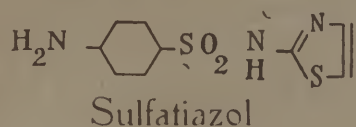
funcionamento de enzimas vitais. Naturalmente, teremos que esperar mais resultados experimentais, antes que possamos decidir se êste caminho é realmente possível na célula viva, e muito mais ainda, antes de podermos aceitá-lo como seguramente provado.

Sem dúvida, existem, porém, outros e mais importantes mecanismos pelos quais se exerce a ação antimicrobiana. Isso ficou patente pelas observações feitas nas sulfas. E' conhecido que estas drogas possuem um grande poder bacteriostático, isto é, elas retêm e impedem o crescimento das bactérias, sem todavia matá-las. Em 1940 Woods constatou que a ação bacteriostática da sulfanilamida pode ser completamente contrabalançada por extratos de levedura: quando misturou às células de bactérias, por exemplo, streptococcus, a sulfanilamida só, não se observou crescimento dos micróbios; juntando, além da sulfanilamida, extrato de levedura, as bactérias cresceram muito bem, apesar da presença da sulfa. Intrigado com esta observação, concluiu que devia existir no extrato de levedura uma substância que fôsse capaz de anular o efeito da sulfanilamida. Por meio de uma série de provas químicas, chegou Woods à conclusão de que esta substância poderia ser o ácido p-amino-benzóico (APAB) e, repetindo as suas experiências, agora com soluções dêste ácido, observou de fato o mesmo efeito.

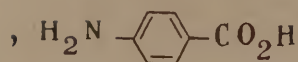
Talvez seja difícil avaliar a importância da descoberta e a surpresa que deveria causar: uma substância simples, de peso molecular baixo, sem considerável influência sôbre o crescimento dos micróbios quando sôzinha, repentinamente se mostrou capaz de anular a ação bacteriostática da sulfanilamida. Antes, porém, de considerar as possíveis explicações para êste fenômeno, serão proveitosas algumas palavras sôbre as sulfas. E' sabido que a ação antibacteriana do Prontosil, o primeiro composto ligado à grande família das assim chamadas sulfas, foi descoberto por Domagk em 1934. Logo depois, Tréfuel e seus colaboradores provaram que a atividade do Prontosil e de tôdas as sulfas, até então conhecidas, provinha de sua transformação no organismo em sulfanilamida.



Os remédios como sulfatiazol, sulfadiazina, etc., derivam-se desta sulfanilamida pela introdução de radicais no amidogruppo, em substituição a um hidrogênio. Êles têm as fórmulas:



de onde se pode ver que neles o núcleo da sulfanilamida está inalterado. A ação de todos os compostos com êste agrupamento ainda intacto é anulada pelo A.P.A.B.



Ac. p. aminobenzóico

A explicação que Woods deu é uma aplicação de idéias de Fildes, que se baseiam nos seguintes fatos: é conhecida a existência de inibidores de enzimas, substâncias que de várias maneiras diminuem a sua eficiência catalítica, medida pela velocidade de reação. Uma dessas maneiras que foi observada, é a competição do inibidor e do substrato pelos grupos ativos do enzima. Durante a reação enzimática, as moléculas do substrato se fixam nos agrupamentos ativos do enzima, e são libertadas depois de terem sofrido a modificação química. Qualquer substância que ocupe agrupamentos ativos no enzima diminui o número dos que estão à disposição do substrato. Assim, um menor número de moléculas do substrato se fixará e reagirá no mesmo intervalo de tempo e com isso diminuirá a velocidade da reação. Se todos os agrupamentos ativos forem ocupados pelo inibidor, não haverá nenhum à disposição das moléculas do substrato e, portanto, não haverá reação nenhuma; o enzima terá sido completamente inativado. Na realidade a distribuição dos agrupamentos ativos entre as moléculas do substrato e as do inibidor dependerá das concentrações das duas substâncias e será regulada pela conhecida lei da ação das massas.

Woods admitiu que o A.P.A.B. fôsse um metabolito essencial, isto é, um substrato, indispensável para uma reação enzimática qualquer, da qual dependesse o metabolismo da célula, seu crescimento e multiplicação. A sulfanilamida seria, então, o seu antagonista, quer dizer o inibidor que compete com o A.P.A.B. pelos lugares ativos do enzima. Sob condições normais (naturais) os micróbios, por exemplo, streptococcus, produzem o A.P.A.B. em quantidade suficiente para manter a velocidade normal do crescimento. Quando se junta, porém, a sulfanilamida em quantidade grande os lugares ativos do enzima ficam ocupados e assim impossibilitados de reagir com o metabolito essencial, ou seja o A.P.A.B. Desta maneira se explicaria o efeito bacteriostático da sulfanilamida. A anulação do efeito bacteriostático pela adição do A.P.A.B. se explicaria pelo que esboçamos, à base da lei da ação das massas, pois com o aumento da concentração do metabolismo essencial o equilíbrio entre os compostos sulfa-enzima e ácido p-aminobenzóico-enzima se deslocaria a favor dêsse último; um número definido de grupos ativos fixaria o metabolito e a reação enzimática se poderia desenvolver, iniciando-se o crescimento.

Citemos algumas observações que são favoráveis à esta teoria de Fildes:

1. O ácido p-aminobenzóico existe não só no streptococcus, mas também em muitas outras bactérias. Foram, também, obtidas mutantes de Neurospora crasse e de Escherischia coli, que são incapazes de o sinte-

tizar, e a cujas culturas deve-se juntá-lo para que o crescimento seja normal. E', portanto, lícito considerá-lo um metabólito essencial.

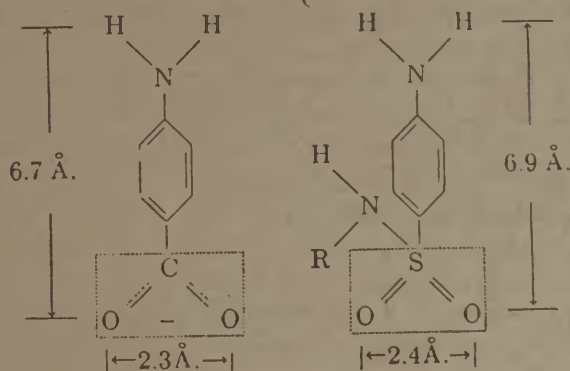
2. O ácido p-aminobenzóico é capaz de anular quantitativamente o efeito bacteriostático da sulfanilamida, quando juntado em quantidades suficientes.

3. Quando se empregam as diversas sulfas na sua concentração efetiva mínima, que varia cêrca de 500 vêzes ($2,5 \times 10^3$ molar para sulfanilamida, para 4×10^6 molar para sulfatiazol) é necessária a mesma concentração mínima de A.P.A.B. (5×10^7 molar) para anular o efeito bacteriostático.

4. A aplicação quantitativa da lei da ação das massas ao cálculo dos equilíbrios entre os complexos do enzima com A.P.A.B. de um lado e com as sulfas de outro, conduziu a resultados que concordaram muito bem com os dados observados e permitiram, no caso de *Escherischia coli*, a descrição quantitativa da reação entre a célula microbiana, as sulfas e o ácido p-aminobenzóico, bem como a correlação da atividade biológica com o comportamento físico-químico das sulfas, especialmente as constantes de dissociação eletrolítica.

Poderíamos enumerar, ainda, muitos outros fatos, que falam a favor da teoria, mas preferimos perguntar: qual a razão para a facilidade com que a sulfanilamida compete com o ácido p-aminobenzóico? A resposta que Woods e Fildes deram a essa pergunta foi uma das mais fecundas descobertas da Bioquímica nos últimos anos.

A Sulfanilamida pode competir tão facilmente com o ácido p-aminobenzóico devido à grande semelhança que as duas moléculas possuem quanto à forma e ao tamanho. Para nos convenceremos disso, basta um olhar na seguinte figura, onde estão indicadas as medidas das moléculas:



Em conseqüência desta grande semelhança, a sulfanilamida se encaixa nos lugares ativos na superfície dos enzimas, que devem ser complementares à molécula do A.P.A.B. Devemos admitir que as moléculas do A.P.A.B. se juntam ao enzima como as partículas entram num cristal, ou como pedrinhas colocadas num mosaico. Há um lugar, uma cavidade para êles, que lhes é complementar quanto à sua forma. Mas, como na formação de cristais mistos, outras partículas não muito diferen-

tes em forma e tamanho se colocam nestas cavidades do cristal, também nas cavidades dos enzimas complementares ao A.P.A.B. entra a sulfanilamida, que lhe é tão semelhante em forma e tamanho. Existem fortes indícios de que seja o aminogruppo aromático o responsável pela fixação da molécula no enzima. Uma vez fixada a sulfanilamida, ela não é metabolizada como o A.P.A.B., do qual difere quimicamente. Precisamos imaginar somente que no metabolismo normal o A.P.A.B. sofre uma modificação para a qual seja indispensável um grupo carboxila $-CO_2H$ livre para compreendermos a impossibilidade do aproveitamento da sulfanilamida. Para a fixação, forma e tamanho da molécula são fatores decisivos; para o aproveitamento metabólico é o caráter químico que importa. Assim, a sulfanilamida bloqueia o metabolismo. Podemos aplicar a comparação da chave e fechadura de Emil Fischer e dizer que a sulfanilamida é uma chave falsa, que entra na fechadura, pois tem o tamanho da verdadeira, mas não pode ser virada por ter dentes diferentes. Dêste modo, ela serve para bloquear, mas não para abrir a fechadura.

Naturalmente, não faltam observações que as idéias de Woods e Fildes ainda conseguem interpretar satisfatoriamente, nem é a teoria exposta a única tentativa feita para explicar a ação bacteriostática das sulfas. Mas, como diz Robin, um dos melhores conhecedores do assunto e que ativamente o pesquisou, as outras teorias são incapazes de explicar uma considerável fração das observações, tão satisfatoriamente quanto a de Woods e Fildes. Mesmo assim, não teria ela tido uma aceitação tão geral, se não se tivesse mostrado que o princípio do antagonismo biológico, que se demonstra na competição de duas substâncias em certas reações biológicas, é um fenômeno geral, não somente observável nas sulfas, mas também nas mais variadas classes de compostos, ou sejam, vitaminas, hormônios, etc.

Mal haviam Woods e Fildes publicado os seus resultados, quando vários laboratórios lançaram trabalhos em que se descreviam pares de substâncias antagonicas, uma do reino natural, com certa ação fisiológica, a outra sintética, artificial, muito semelhante à primeira quanto a forma e tamanho, e que, devido a pequenas diferenças na estrutura química, inibia a ação da substância natural. Vitamina B₁, Biotina, ácido nicotínico, ácido ascórbico, a histamina, encontraram assim os seus antagonistas. Mas também para outros metabólitos de micróbios, como o ácido pantotênico, sintetizaram-se antagonistas que, in vitro, inibiram o crescimento de micróbios e cuja ação bacteriostática foi anulada pelo metabólito natural. Por causas secundárias, como solubilidade, toxidez geral, etc., os antagonistas ainda não encontraram aplicação terapêutica.

Não é este o lugar para enumerar os triunfos que as sulfas alcançaram na sua aplicação terapêutica, nem isto seria necessário. Mas, talvez seja interessante dirigir a atenção para a enorme mudança que a teoria de Fildes-Woods provocou na maneira de raciocinar dos que pretendem sintetizar agentes quimioterápicos novos. Ehrlich e todos os que o seguiram até 1940, escolheram uma substância tóxica qualquer, por exemplo, compostos inorgânicos de arsênico, mercúrio, bismuto, etc., ou

também corantes orgânicos e começaram a integrá-los nas mais diversas estruturas químico-orgânicas e ligar-lhes todos os substituintes possíveis, na esperança de diminuir a sua toxidez contra o organismo humano, isto é, na esperança de imprimir-lhes uma especificidade contra certas células. Nenhum guia teórico existia para isso, nem mesmo regras empíricas seguras. À base do conceito do antagonismo biológico, procurar-se-á sintetizar substâncias cujas moléculas mostrem a necessária semelhança com os supostos metabólitos essenciais. Desta maneira, chegar-se-á a um toxidez específica para o micróbio que se pretenda combater. Que este programa é mais facilmente esboçável do que executável, mostram-no os insucessos que a literatura científica relata, por exemplo, no caso da malária. Aí, por várias razões, admitiu-se que a vitamina B₂ fôsse um metabólito essencial do micróbio causador da doença e que a Atebrina agisse como seu antagonista. Sintetizou-se uma série de substâncias que pela sua fórmula eram semelhantes à vitamina B₂, augurando-se um grande sucesso terapêutico à sua aplicação; mas, quanto mais semelhantes pareciam as substâncias ao suposto metabólito essencial, tanto menos se mostraram antagonistas. Isso demonstra que desconhecemos ainda muitos fatos básicos sobre os metabólitos essenciais e a relação estrutural, entre êles e os antagonistas, embora já se comecem a delinear certas regularidades. A enorme vantagem do novo ponto de vista é que êle dá uma base para a experimentação científica racional, que certamente nos fornecerá, mais cedo ou mais tarde, os fatos de que precisamos para estabelecer regras seguras e reconhecer as leis que regem o fenômeno do antagonismo biológico.

Os compostos até agora considerados exerceram em princípio a sua ação antimicrobiana pelo processo bacteriostático. Êles inibiram o crescimento dos micróbios e dessa maneira os organismos podiam se livrar dêles pelos seus sistemas naturais de defesa. Seja-me permitido, para finalizar esta aula, tratar de um grande grupo de compostos que, por sua ação, matam os micróbios, isto é, que são bactericidas. Êles inibem o metabolismo dos micróbios de maneira irreversível. Em primeiro lugar deve ser mencionado aqui o fenol, o primeiro composto usado contra micróbios, nos tempos heróicos da cirurgia, quando Lister introduziu a antiseptia. Hoje em dia conhecemos compostos muito mais ativos que o fenol. Êles pertencem a diversas classes; entre êles encontram-se produtos de substituição do próprio fenol; sais de ácidos e aminas, e outros tipos de compostos. Não há um parentesco químico pronunciado entre êles, mas sim, alguns princípios estruturais e propriedades físicas que os unem. Destas propriedades físicas queria citar uma, que parece, até certo ponto, ligada com a sua atividade: todos êsses compostos provocam uma diminuição da tensão superficial em solução aquosa. Todos vós conheceis substâncias que possuem tal propriedade. São os sabões. Reconhecem-se as substâncias que diminuem a tensão superficial pela grande facilidade com que suas soluções aquosas humedecem e emulsionam outros corpos, e sua tendência para formar espuma. Os químicos prepararam muitas substâncias com tais propriedades por cau-

sa das suas propriedades de emulsionadores e facilitadores do humedecimento e usam-nos onde os sabões, por motivos diversos, são inadequados; chamâmo-los de detergentes. Nem todos os detergentes são bactericidas e, entre os que são, existem grandes diferenças quanto à intensidade de sua ação.

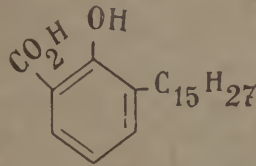
Considerando a estrutura d'esses detergentes, nota-se que êles possuem um grupo hidrófilo, quer dizer, um grupo que facilmente se envolve com as moléculas da água, por exemplo, o grupo hidroxila, carboxila, sulfonila, nos detergentes aniônicos, ou o nitrôgenio quaternário, nos detergentes catiônicos; em combinação com êsse grupo existe sempre um grupo fortemente hidrófobo, quer dizer, um que não possui nenhuma tendência para se dissolver na água, mas sim, em dissolventes de lípidos, como benzeno, éter de petróleo, clorofórmio, etc.. Tais grupos são, por exemplo radicais alquila com um número de carbonos acima de dez. Poucas são as relações que podemos observar entre a sua estrutura e sua ação, uma vez que esta varia quando usamos germes diferentes como objeto de nossos testes. Todavia, parece que as bactérias, cujo material celular é mais ácido (os assim chamados gram-positivos) são mais sensíveis à ação dos detergentes do que os de reação mais básica (os assim chamados gram-negativos.) Notamos êste fato pelos resultados das experiências, mas estamos longe de compreendê-lo.

Também sôbre o mecanismo de ação d'esses detergentes temos somente idéias relativamente gerais. Todavia, parece que é exatamente a sua "atividade à superfície" a responsável pela atividade bactericida, facilitando-lhes a fixação na parede da célula; parece ainda que êles modificam a permeabilidade da membrana celular, de maneira a permitir que certos compostos saiam da célula. Isto foi observado, por exemplo, para as enzimas que catalizam a formação e hidrólise dos ésteres fosfóricos, muito importantes para os processos vitais.

E' provável, também, que os próprios detergentes entrem na célula, uma vez estragada a parede celular, e ajam diretamente sôbre as proteínas e enzimas celulares, pois sabemos, por experiência, in vitro, que êles têm capacidade de inativar enzimas e desnaturar proteínas.

O reino da aplicação dos detergentes é, em primeiro lugar, a desinfecção de instrumentos cirúrgicos, salas, roupas de doentes, etc.. Aí, já se obtiveram resultados dos mais satisfatórios. O seu emprêgo como medicamento é um tanto limitado, pelo fato de provocarem hemólise. Isso é perfeitamente compreensível, pois da mesma maneira por que estragam a parede celular dos micróbios, destróem a dos glóbulos vermelhos. Portanto, podem ser usados somente para tratamentos locais, quando a sua entrada na circulação sanguínea se torna impossível.

E' muito interessante que se encontrem, na natureza, substâncias d'êste tipo. E não só em micróbios, como a gramicidina e tirocidrina, dois polipeptidos que foram isolados do *bacilos brevis*, muito comum no solo, e que exercem forte ação bactericida do tipo da dos detergentes, mas também em plantas superiores, onde se encontram substâncias que são legítimos detergentes aniônicos como o ácido anacárdico da



Ac. anarcádico

casca de cajú, cuja forte ação bactericida Eichbaum descobriu nos laboratórios da Escola Paulista de Medicina.

Estudamos esta interessante substância em colaboração com H. Rothschild e procuramos saber quais os agrupamentos essenciais para a ação bactericida. Verificamos que o grupo carboxila é indispensável e que também o grupo hidroxila fenólico tem importância, se bem que menor. No momento, estamos continuando os nossos estudos pela síntese de substâncias semelhantes, que nos permitam tirar maiores informações sobre os elementos estruturais da molécula, que influenciam definitivamente a ação bactericida. Eichbaum tentou também o ácido anacárdico e seus derivados para fins terapêuticos, e tivemos a satisfação de saber que substâncias preparadas no nosso laboratório tiveram na sua mão resultados promissores, no combate a certas infecções locais, por exemplo, a sarna.

O que tive a honra de vos expor foram as conclusões tiradas de centenas de publicações científicas, que relatam os resultados de milhares de experiências. Muito mais ainda serão necessárias antes que o problema do mecanismo da ação dos remédios esteja definitivamente resolvido. E não vos esqueçais que se trata de um único entre inúmeros problemas que a ciência experimental ataca hoje em dia. Talvez tenhais desta maneira uma idéia da enorme extensão das pesquisas científicas e da sua importância para a vida moderna.

As Universidades contribuem para o desenvolvimento das pesquisas científicas de dupla maneira: de um lado porque nelas se executa uma grande, senão a maior parte dos trabalhos científicos; de outro lado porque são o lugar onde se preparam as futuras gerações de pesquisadores. O ensino universitário transmite-lhes, nos cursos básicos, os conhecimentos gerais indispensáveis ao futuro pesquisador; nos cursos de especialização e de doutoramento se ensinam os métodos da pesquisa científica. Não vos deixeis iludir! É indispensável que se aprendam os métodos da pesquisa científica, hoje em dia mais do que nunca. Há quem assegure que qualquer pessoa de inteligência média precisa somente pegar no tubo de ensaio para ser um pesquisador; mas acreditai-me: os dias dos autodidatas, dos improvisadores, se foram definitivamente, em consequência da complexidade dos problemas, das enormes exigências técnicas, e das complicações espirituais da ciência experimental moderna.

Essa função dupla de alta importância, que cabe às Universidades, foi excelentemente esboçada há pouco pelo Dr. Roy Newton, Vice-Presidente da Companhia Swift, numa solenidade da Cornell University.

Não poderia finalizar melhor esta minha palestra do que citando algumas frases do seu discurso: “São dois os objetivos primordiais de uma Universidade: um é ensinar, o outro aprender. A função mais antiga de uma Universidade é ensinar os conhecimentos acumulados da Humanidade às gerações futuras. A segunda é expandir as fronteiras do conhecimento por uma constante procura da verdade. Êstes dois objetivos estão tão intimamente relacionados no conceito moderno da vida acadêmica, que qualquer Universidade que falhe num, tem que falhar necessariamente no outro.”

Iniciemos êste ano letivo com o firme propósito de fazer tudo que estiver ao nosso alcance para que a nossa Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras tenha pleno sucesso, tanto no ensino quanto na pesquisa científica.

AULA INAUGURAL DO PROFESSOR EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA EM 11 DE MARÇO DE 1949.

A HISTÓRIA E O SEU ENSINO NA FACULDADE.

O professor de História da Civilização Antiga e Medieval que vos fala neste momento, aqui se encontra apenas em virtude de uma praxe que já se tornou tradição nesta Faculdade: é ao professor catedrático mais novo que ainda não proferiu sua aula inaugural, que cabe ministrá-la.

Ao receber a ordem-convite do Exmo. Sr. Diretor, imediatamente entrevimos uma dificuldade: organizar uma aula que pudesse interessar a um auditório tão heterogêneo como êste, composto de professores e alunos das mais diversas disciplinas desta Faculdade, desde a Filosofia até à Química. Entretanto, em todos os cursos desta casa existe um denominador comum: a *história* do desenvolvimento das idéias e práticas que atualmente são aqui ministradas. Foi pois, pensando nisso, que tivemos a idéia de, rapidamente, sem pretensões, discorrer sobre um tema que, se não agrada inteiramente, pelo menos poderá ser objeto de crítica e de debate geral: *a História e o seu ensino nesta Faculdade*.

À guisa de modelo inspiramos-nos na magnífica aula inaugural que o mestre Lucien Febvre (1) pronunciou em 1941, durante a feroz ocupação do solo de França pelo invasor nazista, aos alunos da "École Normale Supérieure" de Paris. Muitas de suas idéias aqui estarão consubstanciadas.

Começa Lucien Febvre afirmando que a História é uma. Realmente, só para efeitos didáticos é que costumamos dividi-la; daí, expressões como estas: História Econômica, História Social, História das Ciências, etc. Que será, pois, a História? Como a compreendermos? Para nós, História é o estudo cientificamente organizado das diversas atividades e das diversas criações dos homens de outrora, examinadas no tempo e no espaço. A definição é um pouco longa, entretanto, é útil porque afasta, pelos seus próprios termos, falsos problemas.

Primeiramente, falamos de *estudo cientificamente organizado* e não de ciência, porque falar de ciência seria evocar a idéia de uma soma de resultados adquiridos e não acentuar o que há de mais interessante no historiador — a inquietação — motor que o faz dedicar-se apaixonadamente a um problema e tentar examiná-lo de um ângulo sempre diferente.

(1). — Cr. Lucien Febvre, *Propos d'Initiation — Vivre l'Histoire*, in *Mélanges d'Histoire Sociale*, III, 1943, p. 5-18.

Em segundo lugar, falamos de *homens*, o único objeto da História. Assim, colocamos a História no grupo das disciplinas humanas — ao lado da Antropologia, da Psicologia, da Lingüística, etc. Mas a História não se interessa pelo Homem abstrato, eterno, imutável no seu fundo e perpétuamente idêntico a si próprio, mas, sim, pelo Homem membro de uma sociedade de uma época bem determinada. Homem dotado de funções múltiplas, de atividade diversas, de preocupações e aptidões variadas, tôdas se misturando, se chocando, se contrariando, e acabando por concluir entre elas uma paz de compromisso, um *modus vivendi* que se chama Vida.

Esse Homem, que é tirado pelo historiador do passado, é um todo, não pode ser dividido. O historiador estuda a vida passada e é, como dizia o grande mestre belga Henri Pirenne, “um homem que ama a vida e que a sabe examinar”. O historiador pode interessar-se mais particularmente por uma das atividades desse homem do passado; as atividades econômicas, por exemplo. Mas com uma condição: a de não esquecer nunca que se trata inteiramente de um homem dentro da sociedade que êle forjou e que foi por ela moldado. E’ por isso que o epíteto *social* sempre se encontra junto ao de *econômico*, indicando que não é um fragmento do real, um dos aspectos da atividade humana — mas o próprio Homem, tirado da sociedade de que êle é membro.

Dito isso, passemos a uma outra questão: como deve se comportar o historiador perante a História? Antes de mais nada deve êle formular um problema, pois se não houver um problema não haverá História, mas sim, narrações, e meras compilações. Após o problema formulado deve êle elaborar hipóteses. Foi por isso que em nossa definição de História, não falamos em *Ciência*, mas, si, em *estudo cientificamente organizado*. Outrora, os historiadores viviam num respeito pueril e devoto ao *fato histórico*. Quanto mais fatos soubessem, mais adiantados estariam nos seus estudos.

Os colegas de laboratório sabem melhor que nós que não basta olhar pela ocular do microscópio e ver uma preparação de histologia, é necessário interpretá-la. Com os historiadores acontece o mesmo. Eles devem examinar os fatos, recorrer aos testemunhos os mais variados possíveis e às vêzes contraditórios. Depois do exame crítico terminado, então podem reconstruir o mais perfeitamente possível o acontecimento em causa. Quando o historiador não formular problemas e elaborar hipóteses, podemos ter a certeza de que êle está atrasado em relação aos modernos estudiosos de nossa disciplina. Quando compulsamos grossos in-fólios, cuja redação levou anos de trabalho árduos a muitos historiadores, ou então manuais cuidadosamente preparados, bem redigidos, cheios de fatos, algarismos, datas, enumerações, ilustrações, ou ainda livros premiados por institutos de cultura, e neles encontramos pelo menos uma idéia nova e a marca de sua continuidade através dos tempos, damo-nos por satisfeitos. Mas, muitos espíritos ridicularizam a História pelo gasto de papel, de tempo, de dinheiro, apenas por uma idéia central. Daí, certas campanhas virulentas que a História tem so-

frido; daí, a desafeição de jovens estudantes; daí, a crise por que passou a História. Há cinquenta anos, em França, a História saiu vencedora de violento combate, pois conseguiu conquistar tôdas as disciplinas humanas: a crítica literária transformou-se em História Literária depois de Gustave Lanson: a crítica estética mudou-se em História da Arte com André Michel e até as velhas controvérsias religiosas transmutaram-se em História das Religiões.

Entretanto, novas disciplinas se formaram. A Psicologia renovou seus métodos e seu objeto sob o impulso de Ribot, Janet e Dumas; a Sociologia se constituiu em ciência a parte com Durkheim, Simiand e Mauss. A Geografia Humana desenvolveu-se com Vidal de la Blache, Demangeon e Jean Brunhes. Para a História ficava apenas a parte enfadonha da História Diplomática, da História Política, da História "batalha". Por isso, muitos espíritos acharam que dedicar-se à História seria pura perda de tempo. Contra essa História "historizante" levantaram-se Lucien Febvre e Marc Bloch, seguidos de esplêndida pléiade de discípulos, colaboradores e colegas de ensino superior, como: Joseph Cuvelier, Albert Demangeon, Georges Espinas, Maurice Halbwachs, Henri Hauser, André Piganiol; Charles Rist, Paul Rivet, André Siegfried, Gaetan Pirou. Foram êles mais tarde completados por Fernand Braudel, Henri Brunschwig, Georges Friedman, Jean Gagé, C. E. Labrousse, Georges Lefebvre, Charles Morazé e outros. São êles que se insurgem em França contra êsse velho modo de ver a História e, em consequência, enveredam pela História Econômica e Social. Êsse movimento francês é idêntico e paralelo a outros em diversos países da Europa Ocidental.

A crise da História não foi apenas um fenômeno exclusivamente histórico. Ela foi antes um dos aspectos da grande crise do espírito humano, ou melhor, ela foi um dos sinais, ao mesmo tempo que uma das consequências de uma transformação muito nítida e tôda recente, da atitude dos cientistas e dos sábios em face da Ciência. Temos de um lado o progresso espantoso da Física e do outro, a não menos interessante revolução no domínio da Biologia, com a Microbiologia e suas consequências. Assim o Homem, bruscamente, mudou de mundo. Via agora, diante de si, organismos semelhantes ao seu, visíveis a olho nú, em oposição a organismos só vislumbrados através da ocular do microscópio. Do outro lado, a teoria dos "quanta", a teoria da relatividade transformando tôda a ciência clássica, elaborada por gerações dos sábios, durante séculos de árdua e agitada vida. Tôdas as antigas teorias deveriam ser substituídas, todos os conhecimentos revistos.

Essa revisão foi total. Dela saiu o clima da Ciência dos nossos dias, que estamos acostumados a sentir na nossa Faculdade. Novos postulados foram formulados; eram êles completamente diferentes daquilo que se tinha como certo dez lustros antes. Deveria ficar somente a História fiel aos conhecimentos de outrora? Evidentemente, não. Deveríamos tomar por empréstimo aos homens de laboratório o espírito que dominava suas pesquisas há dezenas de anos? Evidentemente, sim. Co-

mo? Examinando os fatos históricos, confrontando os documentos e procurando explicar os acontecimentos e não nos atermos irracionalmente ao que está grafado, pois não poderemos, talvez nunca, saber com que intuito foram escritos certos textos que chegaram até aos nossos dias. Evidentemente, não podemos nos apoiar em conhecimentos que reconhecemos como tendo sido ultrapassados. Resolver inteiramente êsse problema, seria resolver a crise da História, essa verdadeira Tragédia do Progresso.

A História, atualmente, não é uma disciplina isolada, ela está intimamente ligada a outras ciências — como a geografia, a sociologia, a economia política, a filosofia, etc. Essa necessidade de colaboração nós a podemos ver aqui mesmo na nossa Faculdade, onde muitos assistentes de outras cadeiras ao elaborarem suas teses de doutoramento, inconscientemente ou não, apoiaram-se decididamente na História. Isso vem provar que estamos certos e que a orientação por nós seguida é a moderna. Êsse é precisamente o espírito dominante no grupo aglutinado por Lucien Febvre e Marc Bloch onde, ao lado de historiadores, aparecem geógrafos, sociólogos, etnógrafos, economistas, etc.

História, Ciência do Homem. Postulado que não devemos esquecer jamais. Ciência da mudança perpétua das sociedades humanas, do seu perpétuo e necessário reajustamento a condições novas de existência material, política, moral, religiosa e intelectual. Ciência dêsse acôrdo que se negocia, dessa harmonia que restabelece perpétua e espontaneamente, em tôdas as épocas, entre as condições materiais, condições técnicas, condições espirituais. E' por aí que a História torna a encontrar a Vida. E' por aí que ela cessa de ser acusada de *mestra da vida*, de impor aos vivos a lei dos mortos.

* * *

Tôdas essas idéias nós as ouvimos dos nossos mestres franceses, que, desde 1934, estão colaborando com as nossas autoridades universitárias na ereção de uma verdadeira Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Assim, em 1934, tivemos a honra insigne de sermos discípulos do professor do "Collège de France", Émile Coornaert, grande especialista em História Econômica da Idade Média, principalmente do interessante problema das corporações de ofícios.

De 1935 a 1937 e, ainda, em 1947, tivemos entre nós o professor Fernand Paul Braudel, da "École des Hautes Études" da Sorbonne, grande conhecedor de História Moderna, principalmente do século XVI na Península Ibérica, e que há pouco mais de dois anos defendeu brilhante tese de doutoramento, depois de permanecer cinco anos num campo de prisioneiros de guerra e ter aí, como Henri Pirenne na 1.^a Guerra Mundial, organizado uma verdadeira universidade — muito semelhante às universidades medievais pela impossibilidade da experimentação — de que foi reitor.

De 1938 a 1945 esteve entre nós o professor Jean Gagé, da Faculdade de Letras da Universidade de Estrasburgo, não menos notável que os seus antecessores. Só os que se dedicam ao estudo da Antiguidade, principalmente ao período de Augusto, é que podem fazer uma idéia do valor dêsse professor no campo da epigrafia e da arqueologia romana.

Atualmente, está regendo a cátedra de História da Civilização Moderna e Contemporânea o professor Émile-Guillaume Léonard, da Faculdade de Aix-Provence, grande conhecedor da História Social da França e da Itália na época moderna.

Ora, todos êsses professôres pertencem ao célebre círculo da revista fundada em 1929, *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, dirigida magistralmente por Lucien Febvre e pelo malogrado medievalista Marc Bloch, herói da Resistência francesa, fuzilado pelos nazistas de forma dramática em 1944. Assim, tivemos desde 1934 até hoje, durante 14 anos, um ensino de História orientado mais para os estudos econômicos e sociais do que para outros setores, formando, pois, uma bela unidade, responsável sem dúvida pela homogeneidade que se nota entre os jovens professôres de História formados pela nossa Faculdade.

As outras cadeiras de História da Faculdade orientam-se no mesmo sentido. A de História da Civilização Americana, regida pelo nosso amigo e colega dos bancos escolares desta Faculdade e da Faculdade de Direito, o licenciado Astrogildo Rodrigues de Mello, tem procurado desenvolver o ensino recebido de seus mestres e, se tivesse de fazer sua aula inaugural sôbre êste assunto, fá-la-ia, estamos certos, bem semelhantes à nossa.

A cátedra de História da Civilização Brasileira, regida primeiramente por Afonso d'Escragnolle Taunay e atualmente pelo professor Alfredo Ellis Júnior, tomou também o mesmo rumo que as outras suas companheiras.

Aqui pedimos nos seja permitido ressaltar mais uma vez — sem deixar de reconhecer o valor de nossos mestres nacionais — o alto papel desempenhado pelos professôres franceses na formação de nossa cultura e na formação de verdadeiras escolas de suas especialidades. Assim, os licenciados em Geografia e História, Filosofia, Ciências Sociais, Letras e Matemática, muito lhes são devedores. E, se no futuro, êles forem passando suas cátedras aos discípulos que formaram, como é natural que aconteça, nunca deveremos deixar de fazê-los vir até nós como professôres visitantes, trazendo-nos sempre os últimos ensinamentos e as experiências da impar cultura francesa. Sem isso, se permanecerem as atuais condições de ensino, não teremos uma verdadeira Faculdade, onde ao lado da pesquisa deve existir a investigação e a transmissão de conhecimentos científicos.

*

*

*

Ao vê-los hoje reunidos, colegas e alunos das diversas secções desta Faculdade, não podemos deixar de falar sôbre um dos problemas máximos da nossa Universidade: a falta de um espírito universitário que se nota, em geral, nos alunos dos diversos Institutos Universitários e, em particular, nos alunos dos diversos departamentos de nossa Faculdade. Isso se explica, em grande parte, pela falta de um edifício próprio, o que nos tem conduzido a um verdadeiro nomadismo através de prédios dos mais diversos.

Na verdade, fundada em 1934 a nossa Faculdade teve os seus cursos iniciados na Faculdade de Medicina, de onde fomos desalojados em 1938. Depois, a parte de Letras instalou-se no local onde se erige hoje a Biblioteca Municipal. Em 1939, as secções de Letras localizaram-se na Alameda Glette, de onde logo saíram para aí serem instaladas as secções de Química e História Natural, vindas da Faculdade de Medicina. As secções de Letras, continuando a sua peregrinação, instalaram-se aqui, na Praça da República, no 3.º andar do extinto Instituto de Educação da Universidade de São Paulo. Com as secções de Matemática e Física deu-se o mesmo. Elas foram desalojadas da Escola Politécnica e acabaram em prédios alugados, absolutamente impróprios para o ensino e a pesquisa. Como vemos, a Faculdade teve as suas secções completamente espalhadas, com os cursos de Matemática, Física, Química, Ciências Naturais afastados das secções chamadas de Letras e da Administração. O malefício que isso acarretou para a própria vida da Faculdade ninguém em sã consciência poderá deixar de reconhecer. Os alunos de diversas secções e até professores e assistentes se ignoram, formando verdadeiras ilhas culturais, quando tudo indica que a maior convivência traria mais vantagens para a formação de um verdadeiro e são "esprit de corps". Como está anunciada a compra de dois prédios para a Faculdade esperamos que talvez seja possível reunir alguns dos cursos até hoje dispersos. Pelo menos estaremos em casa própria e poderemos encarar o futuro com mais confiança, a espera dos edifícios definitivos da Faculdade na Cidade Universitária.

Essa instabilidade e insuficiência de instalações tem se refletido no aproveitamento de nossos alunos. Sem falarmos da impossibilidade da ampliação de nossos laboratórios, nas próprias secções de Letras notamos que a capacidade didática de certos cursos já se acha esgotada. Os nossos professores e assistentes muita vêzes tem desejos de ampliar o número de suas aulas e vêm seus esforços baldados pela falta absoluta de espaço. Os serviços administrativos por outro lado hipertrofiaram-se, cresceram desmesuradamente em comparação com o aumento de número de salas de aula, nestes últimos 14 anos de vida da nossa Faculdade. Essa situação foi apenas melhorada em 1948 com as novas instalações dos cursos de Filosofia, Pedagogia e Letras na rua São Luiz. Fazemos votos para que nas novas instalações a parte destinada ao ensino e à pesquisa — aliás a única que justifica a manutenção da Faculdade — seja melhor aquinhoadada.

Ao lado da precariedade e insuficiência das instalações, as dotações orçamentárias tem sido ridículamente pequenas. Não se compreende instituição universitária sem uma biblioteca bem dotada. Ora, a nossa biblioteca central absolutamente não vem preenchendo os fins para que foi criada. Por falta de funcionários e material ou não, o certo é que ela não se acha fichada, sendo, portanto, inútil. Aliás, a doação de livros feita pelo govêrno francês em 1938, dez anos depois não está ainda completamente catalogada. Os papirófagos ameaçam a preciosa “Coleção Lamego”. E’ preciso fazer-se, com urgência, alguma coisa por ela, sob pena de a perdermos definitivamente. E’ devido à completa separação de porções da Faculdade que assistimos ao espetáculo bizarro de departamentos possuírem verdadeiras bibliotecas próprias — algumas muito bem organizadas e conservadas — quando devia ser a biblioteca central a detentora de boa porção dos livros aí existentes, ficando nos gabinetes e departamentos apenas obras de consulta imediata e os manuais mais indicados. Mas com a atual dispersão da Faculdade, paradoxalmente, são as bibliotecas departamentais que possibilitam aos nossos alunos a bibliografia indicada nos cursos.

As próprias bibliotecas departamentais, em 1948, nada ou pelo menos muito pouca coisa puderam adquirir, estando muitas delas desfalcadas das novidades aparecidas sôbre a sua especialidade, e talvez nunca mais se encontrarão êsses livros em nosso mercado. Tôda essa instabilidade é que explica porque muitos professôres — pelo menos os dos cursos de Letras, no sentido amplo da palavra — possuem em casa verdadeiras bibliotecas particulares e em dia com a matéria que lecionam. Essas bibliotecas, em face da situação, são transformadas em bibliotecas circulantes, ante a falta de livros na biblioteca central e nas bibliotecas departamentais. Êsse é pelo menos o nosso caso. A penúria de livros e material didático em 1948 foi tal que muitas cadeiras de Letras se viram reduzidas a contar apenas com “giz e apagador de lousa”, e em 1949 a situação talvez permanecerá a mesma. Oxalá que a situação financeira do Estado melhore, para que a Universidade possa ter verbas mais substanciosas.

Ao lado dessas deficiências bibliográficas notamos uma grande lacuna nas nossas bibliotecas: a falta de coleções de textos. Muito pouca coisa possuímos nesse sentido, mesmo na Cadeira de História da Civilização Brasileira. E sem a cópia ou reprodução de documentos não podemos fazer os nossos alunos compreenderem bem o valor das fontes primárias da História. Pensamos que, através do serviço de microfilmes da Reitoria, talvez nos seja possível ter aqui reproduções exatas de textos, inscrições, documentos interessantes, portulanos, incunábulos, etc.

Notamos também que se faz necessária uma nova cadeira ou pelo menos uma disciplina — a de História Ibérica — no grupo das cadeiras de História da Faculdade. Servirá ela de introdução às Cadeiras de História da Civilização Americana e Brasileira, porque a História de Península Ibérica é sempre posta em segundo plano na Cadeira de História da Civilização Moderna e Contemporânea, em face do

seu alentado programa. Esse curso já existiu em nossa Faculdade e foi regido pelo prof. Astrogildo Rodrigues de Mello e inexplicavelmente desapareceu do currículo do Curso de Geografia e História.

O nível dos candidatos que se apresentaram ao exame vestibular decresceu bastante, não obstante existirem honrosas exceções. A culpa dêsse fato evidentemente não é deles, mas sim do ensino de grau médio que receberam nos ginásios e colégios existentes no país. A prova de que esse ensino é falho a tivemos nos chamados “exames de suficiência”, que, desde 1946, vêm sendo realizados na nossa Faculdade. A média de reprovação dêsses professôres com registro provisório é apavorante. E são eles que ministram o ensino por esse interior a fóra... Quanto aos professôres do ensino oficial estamos assistindo a idêntico espetáculo. Aos nossos licenciados muitas vêzes foram negadas cadeiras para regência interina no interior do Estado e aqui na Capital, para serem entregues a pessoas completamente incapazes, mas possuidoras de boas recomendações políticas. Os resultados do concurso de ingresso ao magistério secundário e normal já publicados, evidenciam de sobejo que, apesar da legislação deliberadamente organizada para beneficiar os professôres leigos, sem formação universitária, os nossos licenciados tem levado a melhor, classificando-se nos primeiros lugares. E se tivéssemos tido mais apôio, teríamos tido muito mais licenciados a se submeterem a concurso. Estudar na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo tem sido um verdadeiro sacrifício. Não importa, apesar de todos os percalços, a nossa Faculdade acabará vencendo, quer queiram, quer não, pela massa e pela qualidade de seus licenciados regularmente formados nos princípios universitários. E' mister apenas que se amiudem os concursos, que os transformem no excelente sistema de “agrégation” que tão úteis serviços tem prestado ao ensino secundário e superior em França.

Meus senhores.

Se resolvido for, como esperamos, o problema da “casa própria” para a Faculdade, muitos dos males que aqui apontamos poderão ser atenuados, senão sanados definitivamente.

E, sendo a História, como realmente o é, o estudo cientificamente organizado das diversas atividades e das diversas criações dos homens d'antanho, como acentuamos atrás, o futuro historiador que tratar da História da Faculdade, estudando cientificamente as diversas atividades e criações do Homem de “hoje”, certamente concluirá que o ano de 1949 terá sido um ano crucial, que marcará em todos os setores uma ascensão mais rápida no sentido do progresso, da pujança e da vitalidade da nossa Faculdade.

IV. — Encerramento dos Cursos. Relação dos Diplomados pela Faculdade de 1939 a 1949.

DIPLOMADOS PELA FACULDADE DE 1939 A 1949 (*)

F I L O S O F I A

TURMA DE 1939:

- 1 — ALMEIDA, Benedicto Setéro Dias e
- 2 — ARCHERO Júnior, Achilles
- 3 — BARRETO, An'encr Romano
- 4 — CABRAL, Anita de C. e Marcondes
- 5 — CAMPELLO, Jorge Freire
- 6 — PAIVA, Cecília P. de Castro
- 7 — PRADO, Decio de Almeida
- 8 — SILVEIRA, Z nith Mendes da
- 9 — ROCHA, Gilda de Moraes
- 10 — SOUSA, Cicero Christiano de
- 11 — TELLES, Luiz Xavier
- 12 — YAZIGI Neto, Abrahão

TURMA DE 1940:

- 1 — ANDRADE, João Cunha
- 2 — ARRUDA, Maria do Carmo
- 3 — COSTA, Luella Leonel
- 4 — PENHA, João Baptista Damasco
- 5 — ORTIZ, Nair
- 6 — ROCHA, Gilda de Moraes
- 7 — SOUSA, Cicero Christiano de
- 8 — XIDIEH, Oswaldo Elias

TURMA DE 1941:

- 1 — ABREU, Cecília de
- 2 — ALOISI, Irene
- 3 — BONILHA, José Fernando Martins
- 4 — CABRAL, Danton Castilho
- 5 — CAMARGO, José Francisco de
- 6 — COELHO, Ruy Galvão de Andrada
- 7 — COUTINHO, Silas G. deão
- 8 — FERRER, Manoel Cebrian
- 9 — LIMA, Geraldo Pereira
- 10 — LOBO Neto, Roberto J. Haddock
- 11 — LOPES, Paulo Fernando
- 12 — MARTIRANI, Stella Anita
- 13 — PENHA, João Baptista Damasco
- 14 — PINTO, José de Barros
- 15 — RANGEL, Wellman Galvão de França
- 16 — ROQUE, Maria Dulce
- 17 — SCHADEN, Egon
- 18 — TOLEDO, Olga Franco de

TURMA DE 1942:

- 1 — CARVALHO, Laerte Ramos de
- 2 — COELHO, Ruy Galvão de Andrada

- 3 — DUVA, Maria Aparecida
- 4 — FERRARI, Norma Electa
- 5 — LOFES, Cid
- 6 — MOREIRA, Gladys Abrantes
- 7 — STERMAN, Manoel

TURMA DE 1943:

- 1 — CARVALHO, Laerte Ramos de
- 2 — FERRARI, Norma Electa
- 3 — CAYOTTO, Adelaide Maria
- 4 — LOPES, Cid
- 5 — STERMAN, Manoel

TURMA DE 1944:

- 1 — BAZARIAN, Jacob Sagh
- 2 — BUCCO Ne'ô, Miguel
- 3 — GOMES, Paulo Emilio de Salles

TURMA DE 1945:

- 1 — BARONI, Rubens
- 2 — BAZARIAN, Jacob Sagh
- 3 — BUCCO Neto, Miguel
- 4 — CURY, Nassib
- 5 — LEVY, Reine Ruth

TURMA DE 1946:

- 1 — CURY, Nassib
- 2 — LEVY, Reine Ruth
- 3 — MARTINI, Antonio

TURMA DE 1947:

- 1 — ANTUNHA, Heladio Cesar Gonçaves
- 2 — CINTRA, Isabel de Ulhoa
- 3 — FONSECA, Romulo
- 4 — MENDONÇA, Paulo Mesquita
- 5 — MORAL, Armando
- 6 — NUNES, Trajano
- 7 — IZA, Domingos Palmeiro de Toledo
- 8 — SCHÜTZER, Linneu de Camargo
- 9 — VERGUEIRO, Carlos Pereira de Campos

TURMA DE 1948:

- 1 — ANTUNHA, Heladio Cesar Gonçaves

(*) . — De acôrdo com a legislação em vigor, os diplomados pela Faculdade podem receber os titulos de bacharel e licenciado e durante alguns anos receberam o de professor secundário. Isso explica as repetições de nomes que se notam em turmas sucessivas.

- | | |
|---|--|
| 2 — BARROS, Roque Spencer Maciel de | 5 — LEITE, Antonio Guimarães |
| 3 — CASELLA, Zelinda | 6 — MELLO, Benedicto Martins de |
| 4 — FONSECA, Romulo | 7 — NOGUEIRA, Maria Aparecida de Camargo |
| 5 — JUNQUEIRA Filho, Aguinaldo de Mello | 8 — PEZZOLO, Antonio |
| 6 — LIMA, Maria José Abbade Araujo | 9 — REGINATO, Jordão |
| 7 — MACHADO, Carmen Villas-Bôas | 10 — RODRIGUES, Antonio |
| 8 — MARCHI, Herminia Scarati | 11 — TIETBOHL, Ary Nunes |
| 9 — MESQUITA Neto, Julio de | |
| 10 — MIZUKI, João | |
| 11 — MORAL, Armando | |
| 12 — NUNES, Trajano | |
| 13 — PACHECO, José da Silva | |
| 14 — ROGANO, Orlando Severino | |
| 15 — SANTOS, Hebe Penteadó | |
| 16 — SCHÖNFELDER, Edgard | |
| 17 — VOINOFF, Nathalia | |

TURMA DE 1949:

- 1 — ALVES, Evaldo
- 2 — BARROS, Roque Spencer Maciel de
- 3 — JUNQUEIRA Filho, Aguinaldo de Mello
- 4 — MARCHI, Herminia Scarati
- 5 — MIZUKI, João
- 6 — NOVINSKI, Anita Waingort
- 7 — PINHO, Clemente Segundo
- 8 — ROGANO, Orlando Severino
- 9 — SANTOS, Hebe Penteadó
- 10 — SCHÖNFELDER, Edgard

M A T E M Á T I C A

TURMA DE 1939:

- 1 — ABDELHAY, José
- 2 — CASTRUCCI, Benedicto
- 3 — MESQUITA, Zillah Barreto de

TURMA DE 1940:

- 1 — CORRÊA, Celia Alvares
- 2 — MAURER, Willie Alfredo
- 3 — SOUZA Filho, Arthur de
- 4 — ZION, Hermann

TURMA DE 1941:

- 1 — CASTANHO, João Baptista
- 2 — FARAH, Edison
- 3 — MELLO, Alberto de
- 4 — MELLO, Benedicto Martins de
- 5 — SANGIORGI, Oswaldo

TURMA DE 1942:

- 1 — BLOH, Abrahão
- 2 — CARVALHO, Orlando Arantes de
- 3 — FEITOSA, Miguel Oliva
- 4 — KLEIN, Paulo

TURMA DE 1943:

- 1 — DAMATO, Dirce da Silva
- 2 — FEITOSA, Miguel Oliva
- 3 — MOLINA, João Trivino
- 4 — MONTEIRO, Luiz Henrique Jacy
- 5 — NOGUEIRA, Maria Aparecida de Camargo
- 6 — PEZZOLO, Antonio
- 7 — REGINATO, Jordão
- 8 — RODRIGUES, Antonio
- 9 — SILVA, Ondina Conceição
- 10 — SILVA, Wanda

TURMA DE 1944:

- 1 — BAUR, Franz
- 2 — CARVALHO, Marina M. Rebouças de
- 3 — GALANTE, Carlos
- 4 — ROCHA, Luiz Mauro
- 5 — SAMPAIO, Galmyra Amazonas
- 6 — SANTOS, Oswaldo Marcondes dos
- 7 — SILVA, Ondina Conceição
- 8 — SILVA, Eunice Pinho de Castro
- 9 — SILVA, Wanda
- 10 — VENEZIANI, Oldarico

TURMA DE 1945:

- 1 — CARVALHO, Marina M. Rebouças de
- 2 — FRANCO, Lea de Vasconcellos
- 3 — FRISCH, Rodolpho Arnaldo
- 4 — GALANTE, Carlos
- 5 — GOMES, Ruth
- 6 — GOMIDE, Elza Furtado
- 7 — MAITINO, Cybelle
- 8 — MORALES, Antônio
- 9 — OLIVEIRA, Eneida Leme de
- 10 — PIRES, Virgolina Murça
- 11 — PISANELLI, Domingos
- 12 — RIZZI, Maria Antonietta Belford de Mattos
- 13 — ROCHA, Luiz Mauro
- 14 — SANTOS, Oswaldo Marcondes dos
- 15 — SENNA, José Moreira
- 16 — SILVA, Eunice Pinho de Castro
- 17 — TAVARES, Arahay Baddini
- 18 — TEIXEIRA Junior, Antonio de Souza

TURMA DE 1946:

- 1 — CAMERINI, Hugo
- 2 — CAMPOS, Loseny da Rocha
- 3 — DAMATO, Dirce da Silva
- 4 — LIMA Filho, Geraldo dos Santos
- 5 — MAITINO, Cybelle
- 6 — MORAES, Guiomar Rodrigues de
- 7 — OLIVEIRA, Eneida Leme de
- 8 — PIRES, Virgolina Murça
- 9 — RESNIK, Esther
- 10 — RIZZI, Maria Antonietta Belfort de Mattos
- 11 — TABORDA, Clarisse Salgado
- 12 — TAVARES, Arahly Baddini
- 13 — TEIXEIRA Jr., Antonio de Souza

TURMA DE 1947:

- 1 — CAMPOS, Loseny da Rocha
- 2 — CARVALHO, Zilah Schultz
- 3 — LIMA Filho, Geraldo dos Santos
- 4 — RESNIK, Esther
- 5 — SIQUEIRA Neto, Martha Lima de

TURMA DE 1948:

- 1 — BOTELHO, Junia Borges
- 2 — CARVALHO, Antonio de Assiz
- 3 — CARVALHO, Zilah Schultz
- 4 — CASTELLANI, Olga Young
- 5 — FRANÇA, Marina
- 6 — GONÇALVES, Berenice Corrêa
- 7 — GORSKI, Nevil
- 8 — HONIG, Chaim Samuel
- 9 — OLIVEIRA, Maria Alves Barcelos de
- 10 — RITTER, Orlando Rubem

TURMA DE 1949:

- 1 — HONIG, Chaim Samuel
- 2 — PISANELLI, Domingos
- 3 — IORTO, Maria José
- 4 — RAWITSCHER, Georg Heinrich Ludwig
- 5 — REGO, Germano Braga

F Í S I C A

TURMA DE 1939:

- 1 — BITTENCOURT, Paulo Taques
- 2 — CAMPOS, Moacyr Santos de
- 3 — CASTRUCCI, Benedicto
- 4 — MESQUITA, Zillah Barretto de
- 5 — POMPEIA, Paulus Aulus

TURMA DE 1940:

- 1 — ANDRADE, João Velloso

- 2 — CRUZ, Lauro Montiro da
- 3 — SABOYA, José Astrogildo Ribeiro

TURMA DE 1941:

- 1 — ALVES, Maria H. Gomes Rodrigues
- 2 — GOMES, Maria Izabel Fagundes
- 3 — GUIMARÃES, Mario Alves
- 4 — LAURINDO, Oswaldo
- 5 — MESQUITA, Zillah Barreto de
- 6 — OLIVEIRA, Roberto Xavier de
- 7 — ROUBAUD, Paulo
- 8 — SILVA, Walter Cristalino Toledo
- 9 — OLIVEIRA, Roberto Xavier
- 10 — ROUBAUD, Paulo
- 11 — SILVA, Walter Cristalino Toledo

TURMA DE 1942:

- 1 — ASHAUER, Sonja
- 2 — RAWITSCHER, Georg Heinrich Ludwig
- 3 — ROUBAUD, Paulo
- 4 — SCHUTZER, Walter de Camargo

TURMA DE 1943:

- 1 — ASHAUER, Sonja
- 2 — LATTES, Cesare Mansueto Giulio

TURMA DE 1944:

- 1 — GOMIDE, Elza Furtado
- 2 — SALA, Oscar
- 3 — SCHÜTZER, Walter de Camargo

TURMA DE 1945:

- 1 — FRISCH, Rodolpho Arnaldo
- 2 — NEPOMUCENO, Paulo Xavier
- 3 — PIERONI, Romulo Ribeiro
- 4 — SAMPAIO, Galmyra Amazonas
- 5 — TOLEDO, Paulo Saraiva de

TURMA DE 1946:

- 1 — CAMERINI, Hugo
- 2 — FERREIRA, Paulo Leal
- 3 — WATANABE, Shigeco

TURMA DE 1947:

- 1 — SCHWACHHEIM, Georges
- 2 — WATAGHIN, André Carlos Jorge
- 3 — WATANABE, Shigeco

TURMA DE 1948:

- 1 — GONÇALVES, Berenice Corrêa
- 2 — HONIG, Chaim Samuel
- 3 — SALA, Oswaldo

TURMA DE 1949:

- 1 - CASTELLANI, Olga Young
- 2 - CEBRIAN, Amalia Ferrer
- 3 - HONIG, Chaim Samuel
- 4 - RAWITSCHER, Georg Heinrich Ludwig
- 5 - REGO, Germano Braga

Q U Í M I C A

TURMA DE 1939:

- 1 - BERTI, Francisco Antonio
- 2 - CAMPOS, Hercules Vieira de
- 3 - MARIUTTI, Domingos
- 4 - MAZZEI, Francisco Mattos
- 5 - MELLO, José Alves de
- 6 - PREGNOLATTO, Hugo

TURMA DE 1940:

- 1 - BOTELHO, Renato Cabral
- 2 - CASPARI, Frederico Luiz
- 3 - FREITAS Filho, Paulo A. de Almeida
- 4 - GUTIERREZ, Heitor
- 5 - KERTZER, Rosa
- 6 - LERNER, Leonidas
- 7 - ROTHSCCHILD, Walter
- 8 - SILVA, Celio Doraldo
- 9 - VIEGAS, Olga de Campos
- 10 - WALTZBERG, Salomon
- 11 - WOHLERS, Maria Elisa

TURMA DE 1941:

- 1 - ANDRADE, Sylvia de Oliveira
- 2 - ANGULO, Iris
- 3 - FAIGUENBOIM, Simão
- 4 - FIKER, Leão
- 5 - GLASSER, Maria Carmelita
- 6 - JAROSLAVSKY, Salomão
- 7 - LACERDA, Lucy Bruck
- 8 - MARCHETTI, Francisca
- 9 - NAZARIO, Germinio
- 10 - NUNES Filho, Gualter
- 11 - PAVAN, Lauro
- 12 - PREGNOLATTO, Waldomiro
- 13 - SPICUEL, Efraim Alfredo
- 14 - TAVARES, Yolanda
- 15 - WLADISLAW, Blanka

TURMA DE 1942:

- 1 - AISIC, Salamita
- 2 - AMARAL, Luciano Francisco Pa-
checo do

- 3 - CAMARGO, Paulo Ferreira
- 4 - CAMPOS, Marcello de Moura
- 5 - COSTANTINI, Roberto
- 6 - DIRICKSON, Thomaz Henrique
- 7 - GHERARDI, Irene Giordano
- 8 - KOGAN, Rosa
- 9 - LEVY, Alfredo
- 10 - MARCHETTI, Francisca
- 11 - MORS, Walter Baptist
- 12 - PERRIER, Madeleine
- 13 - FONTES, José Mauro
- 14 - ROTHSCCHILD, Hanna Augusta
- 15 - SAFFIOTI, Waldemar
- 16 - SANT'ANNA, Eline Michelet
- 17 - SCHECHTMANN, Fanny
- 18 - SCHVARTZAID, Bertha
- 19 - SCHOTT, Hans

TURMA DE 1943:

- 1 - AGOSTI, Geraldo
- 2 - BRUNO, Antonia
- 3 - BURATTI, Ernando
- 4 - CILENTO, José
- 5 - GIESBRECHT, Ernest'o
- 6 - GIULIANI, Giovanni
- 7 - KAGAN, Anatole
- 8 - LEVY, Alfredo
- 9 - LOEWENSTEIN, Walter
- 10 - MANGE, Gitla de Carvalho
- 11 - MANTCHOUK, Jorge
- 12 - PEREGO, Carlos
- 13 - PERRIER, Madeleine
- 14 - PONTES, José Mauro

TURMA DE 1944:

- 1 - ANDREATINI, Mario
- 2 - AMARAL, Helena Estanislau do
- 3 - AQUINO, Rubens Teixeira de
- 4 - BUENO, Anna Galvão
- 5 - CAMARGO, Paulo Ferreira
- 6 - CANCELLA, José Francisco
- 7 - CARVALHO, Geraldo Camargo de
- 8 - GIESBRECHT, Astréa Mennucci
- 9 - KUCZYNSKY, Simon
- 10 - LOEWENSTEIN, Walter
- 11 - NAZARETH, Elza de Oliveira
- 12 - PETRI, Milton Gustavo
- 13 - SANT'AGOSTINHO, Lilia Rosario
- 14 - SCHENKMAN, Regina
- 15 - SILVA, Darcy Machado
- 16 - SILVA, Ney Galvão da
- 17 - TEIXEIRA, Cecy Mello
- 18 - TEPERMAN, Mindel
- 19 - WENDEL, Lucy Sayão

TURMA DE 1945:

- 1 — ALMEIDA, Aldo Duarte de
- 2 — AZEVEDO, Dulce Soares d'
- 3 — BARROSO, Maria Stella
- 4 — CAMPOS, Marcello de Moura
- 5 — CANDIDO, Antonio Manoel da Silva
- 6 — CARDIA, Antonio Alberto
- 7 — CORREIA, Edwane F. de França
- 8 — FERRI, Rubens Guimarães
- 9 — FORNASARO, Eloy
- 10 — FRIED, Rainer
- 11 — LERNER, Walter
- 12 — MANGE, Gitla de Carvalho
- 13 — MUCHER, Iska
- 14 — NOGUEIRA, Celso Fleury
- 15 — OLIVEIRA, Maria de Lourdes Vaz
- 16 — PADRON, Consuelo
- 17 — PINTO, Maria de Lourdes Pimentel
- 18 — RABINOWICZ, Debora
- 19 — REZENDE, Marina Soares
- 20 — ROBBA, Eduardo
- 21 — SANT'AGOSTINHO, Lilia Rosario
- 22 — SANTOS, José Imbassaby da Silva
- 23 — SILVA, Ana
- 24 — SILVA, Celia Machado
- 25 — TEPERMAN, Mindel
- 26 — ZNAIDE, Samuel

TURMA de 1946:

- 1 — ALIBERTI, Lydia
- 2 — BARROSO, Maria Stella
- 3 — LANCMAN, Motula
- 4 — LERNER, Walter
- 5 — OLIVEIRA, Maria de Lourdes Vaz
- 6 — PADRON, Consuelo
- 7 — REZENDE, Marina Soares
- 8 — SAFFIOTI Waldemar
- 9 — SILVA, Celia Machado

TURMA DE 1947:

- 1 — ROBBIO, Paulo Anna
- 2 — BOVINO, Aldo
- 3 — BUTRICO, Armando
- 4 — CARVALHO, Geraldo Camargo de
- 5 — CECCHINI, Marco Antonio Guglielmo
- 6 — FALZONI, Jandyr Guilherme João
- 7 — GIESBRECHT, Guilherme
- 8 — HUNOLD, Adelaide Bertha Walkyria
- 9 — MAMMANA, Maria
- 10 — MELLO, Ary Ferraz de
- 11 — MUCHER, Iska
- 12 — OLIVEIRA, Myriam Lacerda V. de

- 13 — ORSATTI, Flerinda
- 14 — PIMENTEI, Cicero de Barros
- 15 — PINHEIRO, Luiz de Souza
- 16 — RABINOWICZ, Debora
- 17 — RAIIN, Erwin Paul Günther
- 18 — ROTHSCHILD, Adolpho Max
- 19 — SEBASTIANY, Aloysio Taaffe

TURMA DE 1948:

- 1 — BOVINO, Aldo
- 2 — CESAR, Hermogenas O. de Jesus
- 3 — CIOLA, Remolo
- 4 — CARBOGGINI, Tharcisio do Amaral
- 5 — GIORA, Aurora Catharina
- 6 — MAMMANA, Maria
- 7 — MATTOS, Leda Ulson
- 8 — MELLO, Ary Ferraz de
- 9 — OLIVEIRA, Marilda Mirelles de
- 10 — OLIVEIRA, Ruth Leme de
- 11 — PERRACINI, Aldo
- 12 — PINHEIRO, Luiz de Souza
- 13 — SALOMÃO, Olga
- 14 — SANTOCHI, Adriano Abilio
- 15 — VILLAÇA, Celia Capellini
- 16 — YAZAKI, Maria de Lourdes Lima

TURMA DE 1949:

- 1 — AMARAL, Láciano Francisco Pacheco
- 2 — ANGELIS, Rebeca Carlota de
- 3 — BRANDI, Catharina Maria Wilma
- 4 — CECCHINI, Renato Giovanni
- 5 — CESAR, Hermogenas O. de Jesus
- 6 — GHERARDI, Irene Giordano
- 7 — KUCZYNSKA, Myriam
- 8 — MATTOS, Leda Ulson
- 9 — PICARELLI, Zuleika Pentone
- 10 — PITOMBO, Luiz R. de Moraes
- 11 — VIANNA, Regina Carrão
- 12 — YAZAKI, Maria de Lourdes Lima

HISTÓRIA NATURAL

TURMA DE 1939:

- 1 — CAMPOS, João Ernesto de Souza
- 2 — FERRI, Mario Guimarães
- 3 — MENDES, Erasmo Garcia

TURMA DE 1940:

- 1 — ANDERAOs, Annibal
- 2 — BARROS, Wilma de Toledo
- 3 — BORGES, Helio de Ornellas
- 4 — CAMARGO, William Gerson Rolim de

- 5 — FERRI, Mario Guimarães
- 6 — FRANCO, Rui Ribeiro
- 7 — GRISI, Decio
- 8 — GUIMARÃES, Maria Stella Castro
- 9 — MENDES Josué Camargo
- 10 — MORRETES, Bertha Lange
- 11 — MORRETES, Ruth Lange
- 12 — PEREIRA, Lucia M. Ruy Barboza
- 13 — SIMI, Adelia Ferri

TURMA DE 1941:

- 1 — BASTOS, Dario de Oliveira
- 2 — CORRÊA, Gilda Alvares
- 3 — CORREIA, Diva Diniz
- 4 — GRISI, Decio
- 5 — MANIERO, Jordão
- 6 — MARQUES, João Queiroz
- 7 — MENDES, Josué de Camargo
- 8 — MOREIRA, Maria Helena Matoso
- 9 — MORRETES, Bertha Lange de
- 10 — MORRETES, Ruth Lange de
- 11 — PAVAN, Crodowaldo
- 12 — FERREIRA, Lucilla M. Ruy Barboza Baptista
- 13 — RACHID, Mercedes
- 14 — SIMI, Adelia Ferri
- 15 — TEIXEIRA, Raquel Mello
- 16 — VALENTE, Domingos

TURMA DE 1942:

- 1 — ARAUJO, Heloisa de
- 2 — CASTRO, Maria Pereira de
- 3 — GEBARA, Rail
- 4 — MENDES, Erasmo Garcia
- 5 — MENDES, Martha Vannucci
- 6 — MORS, Haydée Machado
- 7 — NONATO, Edmundo Ferraz
- 8 — ULSON, Cecilia Mattos

TURMA DE 1943:

- 1 — ARAUJO, Heloisa de
- 2 — BORELLI, Nelly
- 3 — GEBARA, Rail
- 4 — MENDES, Martha Vannucci
- 5 — MOREIRA, Maria Helena Matoso
- 6 — MORS, Haydée Machado
- 7 — NONATO, Edmundo Ferraz
- 8 — TEIXEIRA, Raquel Mello

TURMA DE 1944:

- 1 — BELLUZZO, Dirce
- 2 — BORELLI, Nelly
- 3 — CUNHA, Antonio Brito da
- 4 — GOMIDE, Clotilde Isabel Furtado
- 5 — KUNTZ, Leomar Lima

- 6 — LARA, Francisco Jeronimo Sales
- 7 — LOPEZ, Ana Amelia Ancona
- 8 — PAVAN, Ida
- 9 — PETRI, Setembrino
- 10 — RAWITSCHER, Erika Anna Luíse
- 11 — SILVA, Ruth Chagas da
- 12 — UNGARETTI, Maria Dolores
- 13 — ZUCCARI, Gabriella

TURMA DE 1945:

- 1 — COUTINHO, José Moacyr Vianna
- 2 — CUNHA, Antonio Brito da
- 3 — FRANCO, Antonia Ribeiro
- 4 — GOMIDE, Clotilde Isabel Furtado
- 5 — JOLY, Aylthon Brandão
- 6 — KUNTZ, Leomar Lima
- 7 — LARA, Francisco Jeronimo Sales
- 8 — PAVAN, Ida
- 9 — PEREIRA, Elisa do Nascimento
- 10 — PETRECHEN, Maria Aparecida
- 11 — PONTES, Maria Aparecida
- 12 — RAWITSCHER, Erika Anna Luise
- 13 — SILVA, Ruth Chagas da
- 14 — SIQUEIRA, Maria
- 15 — UNGARETTI, Maria Dolores
- 16 — ZUCCARI, Gabriella

TURMA DE 1946:

- 1 — GALEOTTI, Yole
- 2 — LEMKE, Gladys
- 3 — PEREIRA, Elisa do Nascimento
- 4 — PONTES, Maria Aparecida
- 5 — SIQUEIRA, Maria

TURMA DE 1947:

- 1 — BJORNBERG, Tagea Kristina Simon
- 2 — GALEOTTI, Yole
- 3 — GASPAR, Lygia Freire
- 4 — GOMES, Odila Palomo
- 5 — MARTINS, Alda Torres
- 6 — PETRECHEN, Maria Aparecida
- 7 — SANTOS, Napoleão Nelson Salgado dos

TURMA DE 1948:

- 1 — CALEFFI, Maria Neves
- 2 — CAMPOS, Maria L. Bitancourt Martins
- 3 — CASTANHO, Maria do Carmo Pires
- 4 — DIERBERGER, Renata
- 5 — GORDINHO, Maria de Lourdes F.
- 6 — GRINKRAUT, Chaim Nusyn
- 7 — OLIVEIRA, Lais
- 8 — SIQUEIRA Neto, Maria Lucia Lima

TURMA DE 1949:

- 1 — AMARAL, Sergio Estanislau do
- 2 — CAMARGO, Lucia Soares Vieira de
- 3 — CARVALHO, Anna Maria Vieira de
- 4 — LEX, Aurea

GEOGRAFIA E HISTÓRIA

TURMA DE 1939:

- 1 — ALCANTARA, Ruth
- 2 — AZEVEDO, Arelde Edgard de
- 3 — BUCHHOLZ, Bernardo
- 4 — CARVALHO, Maria C. Vicente de
- 5 — FAGUNDES, Yvonne
- 6 — FEDERICI, Hilton
- 7 — FONSECA, Joaquim Alfredo da
- 8 — GOMES, Alfredo
- 9 — MATTOS, Odilon Nogueira de
- 10 — MORAES, Nelly
- 11 — OLIVEIRA, Maria Edith Leme de
- 12 — RAMOS, Beatriz L. de Carvalho
- 13 — RIBEIRO, Maria da Conceição
- 14 — SOUZA, C.ey de

TURMA DE 1940:

- 1 — ARAUJO, Maria Lysia Rebouças de
- 2 — BARROS, Maria Aparecida de Oliveira
- 3 — BERNARDINI, Olga
- 4 — BROSCH, Maria José Dias
- 5 — CAMPOS, Pedro Moacyr
- 6 — CARONE, Maxim Tolstoi
- 7 — CASTRO, Amelia Americano Franco Domingues de
- 8 — CASTRO, Paulo Pereira de
- 9 — CESAR, Mozart
- 10 — FRANÇA, Eduardo D'Oliveira
- 11 — JUNQUEIRA, Lucilia
- 12 — MACHADO, Maria Eunice Rebello
- 13 — MALAMAN, Antonio de Freitas
- 14 — MORGADO, Maria Barros
- 15 — MULLER, Nice Lecocq
- 16 — PANTOJA, Maria Aparecida
- 17 — PASCHOALICK, Romen
- 18 — PEREIRA, Vera Athayde
- 19 — PINTO, Maria Thereza Henriques
- 20 — SILVA, Raul de Andrade
- 21 — SOUZA, Cinira Christiano de
- 22 — SOUZA, Maria de Lourdes Pereira
- 23 — TOLEDO, Lourdes de Andrade

TURMA DE 1941:

- 1 — ANDRADE, Maria Cecilia Ortiz de
- 2 — ARANHA, Maria Amelia de Campos
- 3 — ARAUJO, Dinah Villalva de
- 4 — ARAUJO Filho, José Ribeiro de
- 5 — BARROS, Maria Aparecida de Oliveira
- 6 — BERGO, Maria Stella de Abreu
- 7 — BERNARDINI, Olga
- 8 — BRANCO, Luiza Marcelina
- 9 — CESAR, Mozart
- 10 — CINTRA, Maria Alice
- 11 — COSTA, Antonie'a
- 12 — DIAS, Octacilio
- 13 — DRUMOND, Carlos
- 14 — FREITAS, Zulena Ferreira de
- 15 — GOMES, Cecilia
- 16 — GONÇALVES, José Teixeira
- 17 — GONÇALVES, Lucila
- 18 — GUIMARÃES, Maria Stella
- 19 — LAVIERI, Maria Aparecida
- 20 — LIMA, Eunice de Oliveira
- 21 — MASELLA, Ophelia
- 22 — MULLER, Nice Lecocq
- 23 — NOVAES, Ruth Daraia
- 24 — PEREIRA, Igeez Fon'es
- 25 — PEREIRA, Maria José Baptista
- 26 — PEREIRA, Vera Athayde
- 27 — PINTO, Maria Thereza Henriques
- 28 — ROSSI, Bruna
- 29 — SANTOS, Elina de Oliveira
- 30 — SILVA, José
- 31 — TAMARO, Adel Nicoló
- 32 — VIEIRA, Maria Aparecida

TURMA DE 1942:

- 1 — ARAUJO, Dinah Vilalva de
- 2 — BATALHA, Jair Rocha
- 3 — BASTOS, Uacury Ribeiro de Assis
- 4 — CECCONI, Marina Dora
- 5 — FAVA, Tercilia
- 6 — FERREIRA, Athos da Silva
- 7 — LUZ, Nicia Villela
- 8 — MATTOS, Dirceu Lino de
- 9 — PINHO, Maria Luzia Pires do Rio
- 10 — ROSSI, Bruna
- 11 — STEIN, Lais de Camargo
- 12 — ZEMELLA, Mafalda

TURMA DE 1943:

- 1 — BUFFULIN, Waldemar
- 2 — CECCONI, Marina Dora
- 3 — CONSOLO, Roque

- 4 — FAVA, Helena
- 5 — FAVA, Tercilia
- 6 — FERREIRA, Helena F. de Queiroz
- 7 — FLESSATI, Maria Luiza
- 8 — LUZ, Nícia Villela
- 9 — MARTINEZ, Blás Berlanga
- 10 — OBERG, Renato Emir
- 11 — PANADÉS, Waldemar
- 12 — PINHO, Maria Luzia Pires do Rio
- 13 — ROSSI, Oswaldo
- 14 — SILVA, Wilma da
- 15 — SIQUEIRA, Inez Cunha de
- 16 — STEIN, Lais de Camargo
- 17 — XAVIER, Maria Galdina de Azevedo
- 18 — ZANOTTI, Nelson
- 19 — ZEMELLA, Mafalda

TURMA DE 1944:

- 1 — AB'SÁBER, Aziz Nacib
- 2 — AMARAL, Maria Isabel
- 3 — AQUINO, Lucia Teixeira de
- 4 — CARVALHO, Maria José de
- 5 — COSTA, Gerson
- 6 — CRISTOFARO, Helio Antonio
- 7 — DIAS, Manoel Nunes
- 8 — FAVA, Helena
- 9 — FERREIRA, Athos da Silva
- 10 — FERREIRA, Helena F. de Queiroz
- 11 — FLESSATTI, Maria Luiza
- 12 — GALENDER, Bertha
- 13 — HANZE, Latife
- 14 — MARIGO, Marise Marchione
- 15 — OBERG, Renato Emir
- 16 — OLIVEIRA, Wanda Matheus de
- 17 — ORIO, Edna Barison
- 18 — PENTEADO, Antonio Rocha
- 19 — PICCOLO, Eli
- 20 — PINHEIRO, Geny da Silva
- 21 — RAMIRES, Dalia Novaes
- 22 — RAMOS, Norberto Soares
- 23 — SAAD, Evelina Marcella
- 24 — SANTOS, Alfredo Dias dos
- 25 — SHAMMASS, Alberto
- 26 — SILVA, Antonio C. R. de Andrada Machado e
- 27 — SILVA, Wilma da
- 28 — SIQUEIRA, Inez Cunha de
- 29 — VILELA, Lucia Junqueira
- 30 — ZANOTTI, Nelson

TURMA DE 1945:

- 1 — AB'SÁBER, Aziz Nacib
- 2 — ALMEIDA, Antonia Fernanda Pacca de
- 3 — AMARAL, Maria Isabel
- 4 — BONOLDI, Octavio
- 5 — CARVALHO, Maria José de
- 6 — CASTRO, Maria Aparecida de

- 7 — CASTRO, Paulo Pereira de
- 8 — CESAR, Daphne
- 9 — CONSOLO, Roque
- 10 — COSTA, Gerson
- 11 — CRISTOFARO, Helio Antonio
- 12 — DIAS, Manoel Nunes
- 13 — EUSTACHIO, Dirce Guimarães
- 14 — FINHANE, Dolores
- 15 — FRANÇA, Maria A. da Fonseca
- 16 — GALANDER, Bertha
- 17 — GIOSO, Alfredo
- 18 — HANZE, Latife
- 19 — LACERDA, Ilka Bruck
- 20 — LEGASPE, Ignez Moraes
- 21 — MACEDO, Cecilia Rodrigues
- 22 — MARÇAL, Haydée
- 23 — MARIGO, Marise Marchione
- 24 — MERICHI, Elda
- 25 — MOTA, Deusdâ Magalhães
- 26 — OLIVEIRA, Wanda Matheus de
- 27 — ORIO, Edna Barison
- 28 — PENTEADO, Antonio Rocha
- 29 — PEREIRA, Ely Goulart
- 30 — PICCOLO, Eli
- 31 — PIMENTEL, Eloisa Rolim
- 32 — PINHEIRO, Geny da Silva
- 33 — RAMOS, Wolny Carvalho
- 34 — RAMIRES, Dalia Novaes
- 35 — RIBI, Graciette
- 36 — SAAD, Evelina Marcella
- 37 — SANTOS, Alfredo Dias dos
- 38 — SHAMMASS, Alberto
- 39 — SILVA, Antonio C. R. de Andrada Machado e
- 40 — SOARES, Maria José Santos
- 41 — STEMPNIEWSKI, Renato
- 42 — TOURINHO, Wanda da Silva
- 43 — WERNER, Wally Carmen Franco

TURMA DE 1946:

- 1 — ALMEIDA, Antonia Fernanda Pacca de
- 2 — BONOLDI, Octavio
- 3 — CESAR, Daphne
- 4 — FRANÇA, Maria H. da Fonseca
- 5 — GATTAS, Lili
- 6 — GODOY, Daisy Lacerda de
- 7 — MACEDO, Cecilia Rodrigues
- 8 — MOTA, Deusdâ Magalhães
- 9 — PADILHA, Paulo
- 10 — PEREIRA, Ely Goulart
- 11 — PIMENTEL, Eloisa Rolim
- 12 — RAMOS, Wolny Carvalho
- 13 — SANTIAGO, Olga
- 14 — TOURINHO, Wanda da Silva
- 15 — WERNER, Wally Carmen Franco

TURMA DE 1947:

- 1 - ABRAHÃO, Martha
- 2 - ALVES, Elisa
- 3 - AQUINO, Zoheth de
- 4 - CASTRO, Maria Aparecida de
- 5 - COCCARO, Celia
- 6 - GIAQUINTO, Ariosto
- 7 - GUIMARÃES, Lucy Lima
- 8 - JOYCE, Maria de Lourdes
- 9 - LEONARDI, Irma
- 10 - MARCHETTI, Alfredo
- 11 - MESQUITA, Eunice
- 12 - OLIVEIRA, Nair Betti de
- 13 - PETRONE, Pasquale
- 14 - RAMOS, Horacina
- 15 - RANGEL, Jovira
- 16 - RUFINO, Julieta
- 17 - SAFADY, Jamil Selim
- 18 - SELLAN, Nirce
- 19 - SPICACCI, Victoria Leda
- 20 - VALENTINI, Yara

TURMA DE 1948:

- 1 - CELLI, Neride Therezinha
- 2 - CUNHA, Pedro Ferreira da
- 3 - ESTEVES, Lourdes Guimarães
- 4 - ROCHA, Hoolt Gibson de Freitas
- 5 - SILVA, Margarida Amyr
- 6 - TADEI, Maria Antonieta

TURMA DE 1949:

- 1 - COSTA Junior, Miguel
- 2 - GARCIA, Emanoel Soares Veiga
- 3 - LACERDA, Ilka Bruck
- 4 - LEITE, Maria Helena Pereira
- 5 - MARIANO, Oswaldo
- 6 - VIDAL, Maria do Carmo

CIÊNCIAS SOCIAIS

TURMA DE 1939:

- 1 - CABRAL, Annita de C. e Marcondes
- 2 - MARCONDES, José V. de Freitas
- 3 - PAIVA, Cecília P. de Castro
- 4 - PAIVA, Yolanda A. Cunha de
- 5 - PRADO, Décio de Almeida
- 6 - RODRIGUES, Silvio
- 7 - SILVEIRA, Zenith Mendes da

TURMA DE 1940:

- 1 - ALMEIDA, Benedicto Sotero Dias de
- 2 - ANDRADE, João Cunha
- 3 - ARRUDA, Maria do Carmo
- 4 - BUCK, Dirceu
- 5 - HERMANN, Lucilla
- 6 - ORTIZ, Nair

TURMA DE 1941:

- 1 - BONILHA, José Fernando Martins
- 2 - BRANDÃO, Geraldo I. de S. Plácido
- 3 - CAMARGO, José Francisco de
- 4 - COUTINHO, Silas Gedeão
- 5 - FAVA, Lindo
- 6 - FERRER, Manoel Cebrian
- 7 - FINEBERG, Dorothy
- 8 - INTTO, José de Barros
- 9 - RADESCA, Edgard
- 10 - SERRA, David Fonseca
- 11 - SOUZA, Antonio C. de Mello e
- 12 - SOUZA, Roberto Pinto de
- 13 - VIEIRA, Dorival Teixeira

TURMA DE 1942:

- 1 - ARRUDA, Democrito Cavalcanti
- 2 - ARRUDA, Lucia Mazzei
- 3 - AYROSA, Eduardo Marques da Silva
- 4 - BARROS, Maria S. Elizer de
- 5 - COELHO, Ruy Galvão de Andrada
- 6 - FERES, Nagib Lima
- 7 - MICHALANY, Douglas
- 8 - MORAES, Sarah Escorel de
- 9 - MORI, Walkiria Siqueira
- 10 - NOGUEIRA, Yvette Carneiro
- 11 - OLIVEIRA, Nyza Yvonne de
- 12 - PEREIRA, Wladimir
- 13 - SILVA, Helio Schlittler
- 14 - TEIXEIRA, Maria Candelaria
- 15 - VIOTTI, Frederico P. de Abran-ches

TURMA DE 1943:

- 1 - ARRUDA, Lucia Mazzei
- 2 - BARROS, B'nedito Ferri de
- 3 - BARROS, Maria S. Eliezer de
- 4 - CHAGAS, Maria de L. Rocha
- 5 - FERNANDES, Florestan
- 6 - MICHALANY, Douglas
- 7 - MORI, Walkiria Siqueira
- 8 - OLIVEIRA, Nilza Yvonne de
- 9 - PRETTO, Hermelina Maria
- 10 - SILVA, Helio Schlittler
- 11 - SOUZA, Celina Cristiano de
- 15 - VIOTTI, Frederico P. de Abran-ches

TURMA DE 1944:

- 1 - BARROS, B'nedito Ferri de
- 2 - BEIGUELMAM, Paula
- 3 - CAMARGO, Lenita Corrêa
- 4 - CHAGAS, Maria de L. Rocha
- 5 - CRETELLA, Paulo Sobrinho

- 6 — FERNANDES, Florestan
- 7 — KLOVRZA, Francisca
- 8 — MONTEIRO, Lila Nogueira
- 9 — PEREIRA, Maria C. S. de Camar-go
- 10 — PRETTO, Hermelina Maria
- 11 — QUAGLIA, Vicente Celso
- 12 — RAMOS, Leila Montanari
- 13 — SCHÜTZER, Yvonne de Camar-go
- 14 — SETTI, Eva
- 15 — SILVA, Eddy de M. P. da Gama e
- 16 — SOUZA, Celina Christiano de
- 17 — TEIXEIRA, Maria Candelaria
- 18 — VIEIRA, Rosa Tedeschi V. Manso

TURMA DE 1945:

- 1 — ATZINGEM, Moema Quadros von
- 2 — BEIGUELMAN, Paula
- 3 — BUCK, Dirceu
- 4 — CAMARGO, Lenita Corrêa
- 5 — CARETTE, Maria L. de A. Freire
- 6 — COUTO, Vivaldo Luiz Garcia do
- 7 — FANGANIELLO, Helena
- 8 — KLOVRZA, Francisca
- 9 — MACHADO, Guiomar Guaranha
- 10 — MARCHI, Wilson
- 11 — NOGUEIRA, Yvette Carneiro
- 12 — PEREIRA, Maria C. S. de Camar-go
- 13 — QUAGLIA, Vicente Celso
- 14 — SILVA, Eddy de M. P. da Gama e
- 15 — VIEIRA, Rosa Tedeschi V. Manso
- 16 — VILLAÇA, Maria José

TURMA DE 1946:

- 1 — CARETTE, Maria L. de A. Freire
- 2 — FANGANIELLO, Helena
- 3 — MACHADO, Guiomar Guaranha
- 4 — MARCHI, Wilson
- 5 — VILLAÇA, Maria José

TURMA DE 1947:

- 1 — BECKER, Salomão
- 2 — BICHELS, Helio Oswaldo
- 3 — CRUZ, Leticia Sampaio
- 4 — DI DIO, Dulce Carmen Philomena
- 5 — FERRAUTO, Anna Lorelay
- 6 — LEITE, Miriam L. Moreira
- 7 — MASCARENHAS, Ireneu Grick
- 8 — RIBEIRO, Augusta B. de Carvalho
- 9 — WENDEL, Zilah Altair Sayão

TURMA DE 1948:

- 1 — JORGE, Edna Clemente
- 2 — MAGALHÃES, Lucia Pereira de
- 3 — RIBEIRO, Augusta B. de Carvalho
- 4 — VEIGA, Regina Helena da Graça
- 5 — VELLOSO, Cleuza Ferreira

TURMA DE 1949:

- 1 — BRILHANTE, Nida Thomé
- 2 — CANTONI, Wilson
- 3 — FERES, Nabig Lima
- 4 — GUEDES, Carmen Sylvia
- 5 — PENTEADO, José de Aruda
- 6 — PINHO, Diva Benevides
- 7 — QUEIROZ, Maria I. Pereira de
- 8 — RAMOS, Leila Montanari
- 9 — TENORIO, Celisa de Ulhôa

LETRAS CLÁSSICAS

TURMA DE 1939:

- 1 — AMORA, Antonio Augusto Soares
- 2 — BETTARELLO, Italo Bomfim
- 3 — IPPOLITO, Ernestina
- 4 — LOMBARDI, Adail
- 5 — PAULINO Neto, José
- 6 — RIBEIRO, Mercedes Leite
- 7 — SALUM, Isaac Nicolau
- 8 — SILVA, José Moura Leopoldo
- 9 — TURELLI, Philomena

TURMA DE 1940:

- 1 — AMARAL, Maria José Dantas do
- 2 — ARAUJO, Sarah Saboya de
- 3 — COIMBRA, Aluisio de Faria
- 4 — IPPOLITO, Ernestina
- 5 — LOURES, Neusa Ribeiro
- 6 — MAURER Junior, T. Henrique
- 7 — IINA, Celestino Correia
- 8 — REZENDE, Maria P. de Vasconcellos
- 9 — RIBEIRO, Mercedes Leite
- 10 — ROVNER, Moyses

TURMA DE 1941:

- 1 — ALIANDRO, Higino
- 2 — BAPTISTA Junior, Eurico Dias
- 3 — BRAGA, Luci de Mello
- 4 — CHEDICK, Janette Miguel
- 5 — CRETELLA Junior, José
- 6 — FAGNANI, Virginia
- 7 — FERRAZ, Benedicta de Araujo
- 8 — FERRAZ, Giselda Stella Morelli
- 9 — FERREIRA, Herti Hoepner
- 10 — FREITAS, Manoel Luciano

- 11 — GONÇALVES, Maria R. Mendes
- 12 — GUIMARÃES, Luzia
- 13 — JORGE, Filipe
- 14 — LOURENÇO, José
- 15 — MACEDO, Maria Fia Bri'o
- 16 — MELCHERT, Maria Luiza Proost
- 17 — PAIVA, Dulce de Faria
- 18 — PEREIRA, Maria de Lourdes
- 19 — PINHO, Clemente Segundo
- 20 — RIBEIRO, Plinio
- 21 — SALUM, Isaac Nicolau
- 22 — SCHONMANN, Leonore Hanna
- 23 — SEIXAS, Teresa Alves de
- 24 — SOARES, Yvonne Galvão
- 25 — TUCUNDUVA, Maria S. C. de Mello
- 26 — VIDAL, Geraldo de Almeida
- 27 — VITA, Dant Alighieri
- 28 — WEY, Walter

TURMA DE 1942:

- 1 — AMADO, Maria do Carmo
- 2 — BRITO, Jacintho Elias Rocha
- 3 — CAIUBY, Caio Eduardo Brandão
- 4 — CARVALHO, Maria E. Camargo
- 5 — CHALUPPE Filho, Antonio
- 6 — COSTA, Hildegarda Fontoura
- 7 — CREADO, Maria Guimarães
- 8 — CUNHA, Elza Motta da
- 9 — DANTAS, Izabel
- 10 — DOLES, Deolinda Fratini
- 11 — FERRAZ, Julieta de Figueiredo
- 12 — GOLFARB, Mathilde
- 13 — HAWRYSZ, Waldomiro Constantino
- 14 — HENRIQUE, Mercedes
- 15 — IZAR, Louriz
- 16 — LAMBERT, Lucia de Almeida
- 17 — MALTA, Ivan Cardoso
- 18 — MORAES, Maria Lucia Lima
- 19 — PEDROSO, Maria Alves
- 20 — REALE, Gilda Maria
- 21 — REID, Helena Arluzia
- 22 — SODERO, Francisco Carlos

TURMA DE 1943:

- 1 — AMADO, Maria do Carmo
- 2 — BRITO, Jacintho Elias Rocha
- 3 — CAIUBY, Caio Eduardo Brandão
- 4 — CAMARGO, Daisy Santos Cruz
- 5 — CARDOSO, Candida de Itapema
- 6 — CARVALHO, Maria E. Camargo
- 7 — CASTELO, José Adraldo
- 8 — COSTA, Aida
- 9 — COSTA, Elisa Jorge
- 10 — COSTA, Hildegarda Fontoura
- 11 — CREADO, Maria Guimarães

- 12 — CUNHA, Elza Motta da
- 13 — DANTAS, Izabel
- 14 — DOLES, Deolinda Fratini
- 15 — FERREIRA, Ary Bonchristiani
- 16 — FERREIRA, Herti Hoepner
- 17 — GILIOLI, Aldo
- 18 — GOLFARB, Mathilde
- 19 — IZAR, Louriz
- 20 — MARTINS, Celia de Paula
- 21 — OLIVEIRA, Nivaldo Candido
- 22 — PINTO, Edith Timentel
- 23 — REALE, Gilda Maria
- 24 — ROSA, Araceli De La
- 25 — SANT'ANNA, Nilce Michelet
- 26 — TONIOLI, Armando

TURMA DE 1944:

- 1 — BARROS, Flavia de
- 2 — BUFARAH, Maria Elisa
- 3 — BUONADUCE, Fernando
- 4 — CAMARGO, Daisy Santos Cruz
- 5 — CAMARGO, Doracy
- 6 — CANEVARI, Lelio
- 7 — CARDOSO, Candida de Itapema
- 8 — CASTELO, José Aderaldo
- 9 — CESAR, Zina Machado
- 10 — CORRÊA, Lygia Alvarés
- 11 — COSTA, Aida
- 12 — COSTA, Alcides Jorge
- 13 — CRESSONI, Rosa Irma
- 14 — FERNANDES, Antonio Alberto
- 15 — FERREIRA, Ary Bonchristiani
- 16 — HAWRYSZ, Waldomiro Constantino
- 17 — LAMBERT, Lucia de Almeida
- 18 — MARTINS, Celia de Paula
- 19 — MELLI, Elisa Prestes de
- 20 — NOGUEIRA, Lucie de Marmontel
- 21 — OHNO, Fstiva
- 22 — PIANTINO, Mussolina de Araujo
- 23 — PINTO, Edith Pimentel
- 24 — PINTO, Rolando Marel
- 25 — REALE, Elvira Josephina
- 26 — RIBEIRO Filho, Nicolau
- 27 — ROSA, Araceli De La
- 28 — SALEM, Nazira
- 29 — SANT'ANNA, Nilce Michelet
- 30 — SANTOS, C sar Lourenço dos
- 31 — SCAIRATO, João
- 32 — STIEGER, Rudolf
- 33 — TONIOLI, Armando
- 34 — TORCIONE, Luciana M. Josephina

TURMA DE 1945:

- 1 — BARROS, Daisy Tomaz de
- 2 — BARROS, Flavia de
- 3 — CAMARGO, Doracy
- 4 — CANEVARI, Lelio
- 5 — CHALUPPE Filho, Antonio

- 6 — CORRÊA, Lygia Alvares
- 7 — COSTA, Alcides Jorge
- 8 — COSTA, Elisa Jorge
- 9 — FERNANDES, Antonio Alberto
- 10 — FERRAZ, Julieta de Figueiredo
- 11 — LAZZARINI Junior, José
- 12 — MACEDO, Ruy
- 13 — MAIA, Braz Campos
- 14 — MELLO, Elisa Pres'es de
- 15 — NAPOLES, Tarcilla Ferraz
- 16 — OHNO, Tsuya
- 17 — OLIVEIRA, Florianete de
- 18 — OLIVEIRA, Florinda de
- 19 — PERREIRA Filho, Floriano
- 20 — PIANINO, Mussolina de Araujo
- 21 — PINTO, Rolando Morel
- 22 — PRADO, Maria C. Azevedo
- 23 — REALE, Elvira Josephina
- 24 — SALEM, Nazira
- 25 — SANTOS, Cesar Lourenço dos
- 26 — SIQUEIRA, Ignez Trondi
- 27 — SOUZA, Clelia de
- 28 — SPINA, Segismundo
- 29 — TORCIONE, Laciara M. Josephina
- 30 — TORTELLO, João
- 31 — VIANNA, Adyr Ferraz

TURMA DE 1946:

- 1 — BARROS, Daisy Tomaz de
- 2 — CARVALHO, Heloisa M. Rebouças
- 3 — FARAH, Alice
- 4 — FRANCINI, Walter Augusto
- 5 — LAZZARINI Junior, José
- 6 — NAPOLES, Tarcilla Ferraz
- 7 — NEVES, Graciema De Domenico
- 8 — OLIVEIRA, Florianete de
- 9 — OLIVEIRA, Florinda de
- 10 — SIQUEIRA, Ignez Trondi
- 11 — SOUZA, Clelia de
- 12 — SPINA, Segismundo
- 13 — TAVEIRA, Geraldo Alves
- 14 — TORTELLO, João
- 15 — VIANNA, Adyr Ferraz

TURMA DE 1947:

- 1 — BAPTISTA, Lucinda
- 2 — CASTILHO, Maria Nair de
- 3 — CIELO, Ondina Del
- 4 — CORRÊA, Sergio
- 5 — DIAS, Reynaldo
- 6 — FRANCINI, Walter Augusto
- 7 — LEMOS, Sevigñe de Souza
- 8 — MARTINS, Lygia
- 9 — MELLO, Norah Fr. itas de
- 10 — NARDY, Maria Antonieta Pompe
- 11 — NASSAR, Rca
- 12 — NEVES, Graciema De Domenico

- 13 — PARREIRA Filho, Floriano
- 14 — ROSSI, Alzira
- 15 — SANT'ANNA, Luci Amaral

TURMA DE 1948:

- 1 — CAPUTO, Lais de L. de Almeida
- 2 — DUARTE, Zuma de Carvalho
- 3 — FIORENTINI, Vando
- 4 — PIAISON, Albertino
- 5 — ROLLEMBERG, Daisy Valle
- 6 — SANTOS, Vera H. M. de Souza
- 7 — SCHWINDEN, Raul

TURMA DE 1949:

- 1 — APPOLINARIO, Pedro
- 2 — CARVALHO, Dilza Almeida
- 3 — MELLO, Maria Luiza Homem de
- 4 — MIRANDA Junior, Darcy Arruda de
- 5 — MIRANDA, Eduardo Regos Sá de
- 6 — TALLARICO, Mildred Bruno
- 7 — VIEIRA, Paulo

LETRAS NEOLATINAS

TURMA DE 1939:

- 1 — BETTARELLO, Italo Bonfim
- 2 — IPPOLITO, Ernestina
- 3 — LOMBARDI, Denise
- 4 — PALERMO, Alfredo
- 5 — RIBEIRO, Mercedes Leite
- 6 — SALUM, Isaac Nicolau

TURMA DE 1940:

- 1 — RIBEIRO, Mercedes Leite
- 2 — ROVNER, Moysés
- 3 — VASCONCELLOS, Maria P. de

TURMA DE 1941:

- 1 — ALBUQUERQUE, Maria A. Mesquita
- 2 — ALENCAR, Idé
- 3 — ALIANDRO, Higino
- 4 — BANWART, Frida
- 5 — CAIXE, Norma
- 6 — CAMARGO, Haydée Bueno de
- 7 — CAMARGO, Ism. ria C. Ferreira de
- 8 — COSTA, Cecilia Lobo da
- 9 — FERRAZ, Giselda Stella Morelli
- 10 — FITTIPALDI, Carmella Rosario
- 11 — FONSECA, João
- 12 — HUBBARD, Patience Stroud
- 13 — LEITE, Cid de Oliveira
- 14 — LOURENÇO, José
- 15 — MAC KNIGHT, Rober'a E.
- 16 — MORAES, Ivone de T. Leite

- 17 — MOTTA, Maria R. de Oliveira
- 18 — PEREIRA, Maria de Lourdes
- 19 — PINTO, Lucia M. Gomes
- 20 — IZA, Sonia M. Penteado
- 21 — PIZZOLI, Irene
- 22 — SALUM, Isaac Nicolau
- 23 — TANCREDI, José D. Antonio
- 24 — TARANTO, Margarida J. Rosa
- 25 — TEIXEIRA, Orminda Lopes
- 26 — VIDAL, Geraldo de Almeida
- 27 — VITA, Dante Alighieri

TURMA DE 1942:

- 1 — ALBUQUERQUE, Maria A. Mesquita
- 2 — AMBROSIS, Sylvia de
- 3 — ANDREUCCI, Amalia
- 4 — BANWART, Frida
- 5 — CABRAL, Maria A. Reck
- 6 — CAMARGO, Edith M. Cintra de
- 7 — CAMARGO, Haydée Bueno de
- 8 — CAMARGO, Ismeria C. Ferreira de
- 9 — CIOCCHI, Anna Quattro
- 10 — CUNHA, Olga Egh de Souza
- 11 — FIORONI, Lucia
- 12 — FONSECA, João
- 13 — GIANNATTASIO, Wilda
- 14 — HELCER, Mira
- 15 — LEME, Suzana Dias
- 16 — MAC KNIGHT, Roberta E.
- 17 — NOGUEIRA, Decio Mattos
- 18 — OHNO, Toyoko
- 19 — OLIVEIRA, Maria Hel na M. de
- 20 — PEIXOTO, Ennio Sandoval
- 21 — RASTELLI, Adriana
- 22 — TANCREDI, José D. Antonio
- 23 — TEIXEIRA, Orminda Lopes

TURMA DE 1943:

- 1 — AMBROSIS, Sylvia de
- 2 — ANDREUCCI, Amalia
- 3 — ANGERAMI, Maria A. Monago
- 4 — ARRUDA, Ruth Monteiro de
- 5 — BERRETINI, Celia
- 6 — BRUNO, Julieta
- 7 — CABRAL, Maria A. Reck
- 8 — CAMPOS, Hamilton Oliveira
- 9 — CARDOSO, Maria Zilda Prado
- 10 — CUNHA, Olga Egh de Souza
- 11 — GIANNATTASIO, Wilda
- 12 — GUIMARO, Adelina
- 13 — LEO, Iacy Lopes de
- 14 — LEME, Suzana Dias
- 15 — LOEWENBERG, Werner J.
- 16 — MARQUES, Olga Ribeiro
- 17 — MONTES, Maria de L. Danso
- 18 — NOGUEIRA, Decio Mattos
- 19 — PEIXOTO, Ennio Sandoval

- 20 — PETRELLIS, Maisa
- 21 — RASTELLI, Adriana
- 22 — SILVA, Yvette Hasselmann da
- 23 — SILVA, Zaide Hasselmann da
- 24 — TADA, Yoriko

TURMA DE 1944:

- 1 — ANGERAMI, Maria A. Monago
- 2 — ARRUDA, Ruth Monteiro de
- 3 — BARBOSA, Luiz de Moura
- 4 — BARCELLOS, Maria Stella
- 5 — BERRETINI, Celia
- 6 — CAMPOS, Hamilton Oliveira
- 7 — CARAM, Guiomar
- 8 — CARDOSO, Maria Zilda Prado
- 9 — CASSANHA, Leonette Barbuy
- 10 — CASELLA, Marina Julia
- 11 — CECCONI, Maria Viviana
- 12 — CIROTA, Carmella
- 13 — COSI, Dinorah Flavia
- 14 — ELLIS, Myriam
- 15 — GUIMARO, Adelina
- 16 — JABUR, Ignez
- 17 — KUHLMANN, Margarida
- 18 — LEÃO, Iacy Lopes de
- 19 — LEME, Eunice Prado
- 20 — MACEDO, Maria A. Nogueira
- 21 — MARCHETTI, Julia
- 22 — MARQUES, Olga Ribeiro
- 23 — MENEZES, Moyselina B. de
- 24 — MONTES, Maria de L. Danso
- 25 — OLIVEIRA, Aracy Camargo de
- 26 — OLIVEIRA, Maria Helena M. de
- 27 — PALERMO, Elza
- 28 — PEREIRA, Nelly Burgos
- 29 — PETRELLIS, Maisa
- 30 — PHILIPSON, Jurn Jacob
- 31 — PINTO, Maria José
- 32 — SILVA, Zaide Hasselmann da
- 33 — SOUSA, May Nunes de
- 34 — TADA Yoriko

TURMA DE 1945:

- 1 — ACCORSI, Elza
- 2 — BARCELLOS, Maria Stella
- 3 — CAPASSO, Clotild Wanda
- 4 — CARAM, Guiomar
- 5 — CARVALHO, Diva Camargo de
- 6 — CASELLA, Mariana Julia
- 7 — CECCONI, Maria Viviana
- 8 — CIROTA, Carmella
- 9 — CORDIOLI, Isaura
- 10 — COSENZA, Olivia
- 11 — COSI, Dinorah Flavia
- 12 — FONSECA, Leonor Paiva da
- 13 — FOZ, Dirce Alvarenga
- 14 — GORI, Anna

- 15 — JABUR, Ignez
- 16 — KAHN, Marlyse Madeleine
- 17 — KUHLMANN, Margarida
- 18 — LALONI, Yole
- 19 — LEME, Eunice Prado
- 20 — MARCHETTI, Julia
- 21 — MENEZES, Almeirinda R. M. de
- 22 — MOURA, Maria C. A. Cursino de
- 23 — MUNHOZ, Esmeralda
- 24 — PALERMO, Elza
- 25 — PEREIRA, Nelly Burgos
- 26 — PINTO, Maria José
- 27 — RAMOS, Carmen Peres
- 28 — SAAD, Mercedes
- 29 — SOUSA, May Nunes de
- 30 — TONETTI, Vera

TURMA DE 1946:

- 1 — ACCORSI, Elza
- 2 — BERNARDI, Flora
- 3 — CAPASSO, Clotilde Wanda
- 4 — COSENZA, Olivia
- 5 — DIX, Helena de Carvalho
- 6 — FONSECA, Leonor Paiva da
- 7 — FOZ, Dirce Alvarenga
- 8 — GOMES, Dinah Spinola
- 9 — GORI, Anna
- 10 — KAHN, Marlyse Madeleine
- 11 — LALONI, Yole
- 12 — MENEZES, Almerinda R. M. de
- 13 — MOURA, Maria C. A. Cursino de
- 14 — MUNHOZ, Esmeralda
- 15 — PAULA, Aparecida Ribeiro de
- 16 — RAMOS, Carmen Peres
- 17 — TONETTI, Vera
- 18 — TRIVINHO, Francisco Daniel

TURMA DE 1947:

- 1 — BERNARDI, Flora
- 2 — CAGELLI, Josephina
- 3 — CAMAS, Luzia Zapata
- 4 — DELPECH, Ivana M. Trussardi
- 5 — FEDERICO, Licia
- 6 — FUSER, Liede
- 7 — GOMES, Dinah Spinola
- 8 — GRILLI, Helena Maria
- 9 — LAXE, Lais Cortines
- 10 — LAURITO, Ilka Brunilda Gallo
- 11 — MANTOVANINI, Wilma
- 12 — MARETTI, Vilma
- 13 — MIRAGLIA, Ermelinda
- 14 — MOURA, Clarise de
- 15 — MOURA, Lucy Ribeiro de
- 16 — PEREIRA, Maria C. de L. Nunes
- 17 — PICCHI, Zelinda A. Maria
- 18 — SALINAS, Luzia
- 19 — SANT'ANNA, Carmen Michelet

- 20 — SIMONE, Celia Virginia de
- 21 — VELOSO, Tereza de Oliveira

TURMA DE 1948:

- 1 — ANAWATE, Norman
- 2 — CASSANHA, Leonette Barbuy
- 3 — COSTA, Leda Gaya
- 4 — MOURA, Clarise de
- 5 — NOGUEIRA, Neyde Póvoa
- 6 — PAULA, Aparecida Ribeiro de
- 7 — SIQUEIRA, Maria V. Lombardi

TURMA DE 1949:

- 1 — ALBERTINI, Helena
- 2 — AMORIM, Consuelo Banducci de
- 3 — ANAWATE, Norman
- 4 — ANTONACCI, Maria Laetitia
- 5 — BELMONTE, Euridice
- 6 — BRAGA, Maria Luiza Tross
- 7 — COSTA, Dora Ignez Anna
- 8 — FREITAS, Norma de
- 9 — MAGNOLI, Lydia
- 10 — MAIA, Alza
- 11 — MAROTE, João Theodoro D'Olim
- 12 — MINGUINI, Maria Odette
- 13 — MORAES, Edith Rodrigues de
- 14 — NOVAZZI Junior, José
- 15 — SANTOS, Alzira dos
- 16 — SILVA, Nilza Coelho da
- 17 — TUNDISI, Carmine Biagio
- 18 — VIANNA, Celina Corga
- 19 — ZUIANI, Candida

LETRAS ANGLO-GERMÂNICAS

TURMA DE 1941:

- 1 — SCHONMANN, Leonore Hanna

TURMA DE 1942:

- 1 — ALBUQUERQUE, João Ferreira de
- 2 — KAIRALLA, Waldomiro
- 3 — KULLNIG, Elza
- 4 — LAGE, Cecilia

TURMA DE 1943:

- 1 — COGAN, Francisca
- 2 — KAIRALLA, Waldomiro
- 3 — KULLNIG, Elza
- 4 — OLIVEIRA, Beatriz de
- 5 — PIEDADE, Niobe
- 6 — RIBEIRO, Maria H. de Barros
- 7 — ZAMBIANCHI, Gladys

TURMA DE 1944:

- 1 — BAMBINI, Norma
- 2 — BARROS, Lília de
- 3 — CAMPOS, Leda Machado de
- 4 — CANTO, Yolanda de Ulhôa
- 5 — COGAN, Francisca
- 6 — COIFMAN, Malca
- 7 — CUNHA, Maria de C. W. Vieira da
- 8 — FAVERO, Percy Ferraz
- 9 — FERRAZ, Sílvia Barbosa
- 10 — GALVÃO, Sílvia
- 11 — LEGASPE, Carmen
- 12 — MARTINS, Nise Corrêa
- 13 — OLIVEIRA, Beatriz de
- 14 — PAULA, Camilo Marques
- 15 — PEIXOTO, Maria José
- 16 — FERES, Maria H. Figueiredo
- 17 — PIEDADE, Niobe
- 18 — PIMENTEL, Maria I. S. C. Sacramento
- 19 — PINTO, Gilda Cesar
- 20 — RIBEIRO, Maria H. de Barros
- 21 — ROSSI, Maria Ophelia
- 22 — SAMPAIO, Vera P. A. Ferraz
- 23 — SCALA, Serena
- 24 — VAL, Nilce Borges do
- 25 — ZAMBIANCHI, Gladys

TURMA DE 1945:

- 1 — BAMBINI, Norma
- 2 — BARROS, Lília de
- 3 — CARVALHO, Adazir Almeida
- 4 — CARVALHO, Izabel Barros de
- 5 — COIFMAN, Malca
- 6 — FAVERO, Percy Ferraz
- 7 — FERRAZ, Sílvia Barbosa
- 8 — FERRARI, Maria Chechetti
- 9 — GALVÃO, Sílvia
- 10 — GOMES, Helena Lourenço
- 11 — LEGASPE, Carmen
- 12 — MARQUES, Maria
- 13 — MARTINS, Elvira do Céu
- 14 — PERES, Maria H. Figueiredo
- 15 — PINTO, Gilda Cesar
- 16 — ROSSI, Maria Ophelia
- 17 — SALLES, Maria Lygia
- 18 — SCALA, Serena
- 19 — SCHECHTER, Geny Chansky
- 20 — THUT, Gilberta da Costa e S.
- 21 — VAL, Nilce Borges do
- 22 — VIEIRA, Stella

TURMA DE 1946:

- 1 — ALBUQUERQUE, João Ferreira de
- 2 — BRANDO, Maria A. de Campos

- 3 — CARVALHO, Adazir Almeida
- 4 — CARVALHO, Izabel Barros de
- 5 — FELINTO, Celia Brando
- 6 — GOMES, Helena Lourenço
- 7 — MACUCO, Maria A. Salles
- 8 — MOREIRA, Maria F. da Rocha
- 9 — NOGUEIRA, Priscilla Kerr
- 10 — PAULA, Camilo Marques
- 11 — REIS, Clestenes dos
- 12 — SALES, Celia M. Saboya
- 13 — SALLES, Maria Lygia
- 14 — SOUZA, Myriam D. Villela de
- 15 — VIEIRA, Stella

TURMA DE 1947:

- 1 — ANDRADE, Judith F. de
- 2 — BARBOSA, Onedia C. de Carvalho
- 3 — CERQUEIRA, Leda Leite
- 4 — CRUZ, Edna Chagas
- 5 — FRANÇA, Leda
- 6 — HEINRICH, Sonia Orietta
- 7 — MONTESANTI, Lília
- 8 — NOGUEIRA, Branca Cesar
- 9 — NOGUEIRA, Priscilla Kerr
- 10 — REIS, Clestenes dos
- 11 — SALES, Celia M. Saboya
- 12 — SCHECHTER, Geny Chansky
- 13 — SOUZA, Célia Luiz de
- 14 — YARED, Iolanda

TURMA DE 1948:

- 1 — CERQUEIRA, Leda Leite
- 2 — FADUL, Ivette
- 3 — FERREIRA, Therezinha F. Queiroz
- 4 — FROEHLICH, Paulo Aroz Adalberto
- 5 — LANDAHL, Beatriz Lobo da Costa
- 6 — MOTTA, Dione Lemke
- 7 — RAMEH, Cléa Abdon Salomão
- 8 — TEANI, Maria Florinda Justo

TURMA DE 1949:

- 1 — BARROSO, Mariana Cabral
- 2 — BRAGA, Maria Helena Ferraz
- 3 — FALZONI, Yedda Borges
- 4 — FONSECA, Ida de Souza
- 5 — GDANSKY, Mary
- 6 — GUGLIELMO, Ciselda P. Di
- 7 — LAMBERTI, Thereza
- 8 — OLIVEIRA, Norma Machado
- 9 — PINTO, Lucia P. da Costa
- 10 — PINTO, Nadyr Pereira
- 11 — ROSENBERG, Freda Perla
- 12 — TEANI, Maria Florinda Justo

P E D A G O G I A

TURMA DE 1942:

- 1 - BUCHALA, Anita
- 2 - CAMARGO, Hebe Rolim de
- 3 - PEREIRA, José Severo de C.
- 4 - VERDERESE, Maria de Lourdes

TURMA DE 1943:

- 1 - BUCHALA, Anita
- 2 - CAMARGO, Hebe Rolim de
- 3 - FORNARI, Maria José de Barros
- 4 - MARTINS, Ewalda Carneiro de
- 5 - FELLEGRINI, Norah Joanna
- 6 - PEREIRA, José Severo de C.
- 7 - SILVA, Yvonne Camargo

TURMA DE 1944:

- 1 - ANGELINI, Arrigo Leonardo
- 2 - BARIONI, Nice Camargo
- 3 - CAMARGO, Hebe Rolim de
- 4 - CARCHEDI, Delma da Conceição
- 5 - CHAVES, Aretusa
- 6 - GALEOTTI, Yone
- 7 - LOURENÇÃO, Odette
- 8 - MARTINS, Joel
- 9 - PELLEGRINI, Norah Joanna
- 10 - ROGICH, Constância
- 11 - SILVA, Celia Paes Fernandes
- 12 - SILVA, Yvonne Camargo
- 13 - VIEIRA, José A. do Amaral

TURMA DE 1945:

- 1 - ACHÔA, Helena Rocha de
- 2 - ALVARENGA, Carlos
- 3 - ALVAREZ, Daisy
- 4 - ANDERI, Daisy
- 5 - ANDREUCCI, Rosiris Maria
- 6 - ANGELINI, Arrigo Leonardo
- 7 - BAPTISTA, Idalina
- 8 - BARIONI, Nice Camargo
- 9 - CARCHEDI, Delma da Conceição
- 10 - CHAVES, Aretusa
- 11 - CORBETT, Elisa Macedo
- 12 - ESPINOLA, Ivonne
- 13 - FALLEIROS, Benedito de Sousa
- 14 - GALEOTTI, Yone
- 15 - LOPES, Ilza Silva
- 16 - LOURENÇÃO, Odette
- 17 - MAGDALENA, Norma Rocha

- 18 - MARTINS, Joel
- 19 - MOTTA, Flavio
- 20 - NEDER, Mathilde
- 21 - OLIVEIRA, Ada Laloni de
- 22 - PEREIRA, Eliana A. de França
- 23 - PINHO, Carlos Marques
- 24 - PIRES, Nelson de Campos
- 25 - POLLASTRINI, Ilda
- 26 - PONTUAL, Marcos
- 27 - QUEIROZ, Aidyl Macedo
- 28 - ROGICH, Constância
- 29 - SILVA, Celia Paes Fernandes
- 30 - VERGUEIRO, Maria T. Teixeira
- 31 - VIEIRA, José A. do Amaral
- 32 - VIEIRA, Maria Luiza

TURMA DE 1946:

- 1 - ACHÔA, Helena Rocha de
- 2 - ALVARENGA, Carlos
- 3 - AMARAL, Maria Bordini do
- 4 - ANDERI, Daisy
- 5 - ANDREUCCI, Rosiris Maria
- 6 - BELTRÃO, Vera M. Fontana (só Especialização)
- 7 - BERTUCCELLI, Dalva
- 8 - CASELLA, Iracema Judith
- 9 - GARCIA, Maria José
- 10 - COUTO, Maria Celisa Costa
- 11 - CUNHA, Antonieta de Araujo
- 12 - LESSA, Adelaide Pet'ers
- 13 - MARTUSCELLI, Carolina
- 14 - MIRANDA, Maud Regos Sá de
- 15 - NASCIMENTO, José Camarinha do
- 16 - NASCIMENTO, Maria L. Aranha
- 17 - NEDER, Mathilde
- 18 - PEREIRA, Eliana A. de França
- 19 - PINHO, Carlos Marques
- 20 - PIRES, Nelson de Campos
- 21 - POLLASTRINI, Ilda
- 22 - PONTUAL, Marcos
- 23 - PORTO, Maria José Alves
- 24 - QUEIROZ, Aidyl Macedo
- 25 - SECCHI, Renata
- 26 - SECCHI, Yvonne
- 27 - TOLEDO, Vera C. Viotti Campos
- 28 - VAL, Maria Aparecida do
- 29 - VERGUEIRO, Maria T. Teixeira

TURMA DE 1947:

- 1 - ALMEIDA, Lavinia
- 2 - CASELLA, Iracema Judith
- 3 - COUTO, Maria Celisa Costa

- 4 - CUNHA, Antonieta de Araujo
- 5 - GALVAO, Yolanda
- 6 - GARCIA, Maria José
- 7 - LESSA, Adelaide Petters
- 8 - MARTUSCELLI, Carolina
- 9 - MIRANDA, Maud Regos Sá de
- 10 - MOTTA, Flavio
- 11 - NASCIMENTO, José Camarinha do
- 12 - OLIVEIRA, Maria M. Antunes de
- 13 - PORTO, Maria José Alves
- 14 - SANTOS, Celia Hummel
- 15 - TOLEDO, Vera C. Viotti Campos
- 16 - VAL, Maria Aparecida do

TURMA DE 1948:

- 1 - BOA-VIAGEM, Hebe Canuto da
- 2 - BUENO, Leticia de Godoy
- 3 - OLIVEIRA, Maria M. Antunes de
- 4 - SANTOS, Celia Hummel
- 5 - SIQUEIRA, Maria A. Flaquer de

TURMA DE 1949:

- 1 - ARRUDA, Dirce Ribeiro de

- 2 - BARBANTE, Odila
- 3 - BARROS, Maria José de M.
- 4 - BRAGA, Maria Eunice Tross
- 5 - BRAGA, Maria Eunice Tross
- 6 - BUENO, Leticia de Godoy
- 7 - CARREIRA, Maria de Jesus
- 8 - CUNHA, Margarida L. Vieira
- 9 - FERREIRA, Francisco de P.
- 10 - FLETCHER, Maria José
- 11 - FRANCO, Angelica
- 12 - KUCHENBUCK, Carmen Ferreira
- 13 - MEDEIROS, Francisca
- 14 - POMPEIA, Stella Marinho
- 15 - SALVATORI, Dina
- 16 - SANIOTO, Cecilia M. Dom nica
- 17 - SANTIAGO, Maria Thereza B.
- 18 - SANTOS, Oswaldo de Barros
- 19 - VEIGA, Maria Ferri Soares
- 20 - VIANNA, Jandyra

CERTIFICADO DE CAMBRIDGE

TURMA DE 1949:

- 1 - TEALDI, Jacob

DIPLOMADOS PELA FACULDADE, DE 1939 a 1949.

C U R S O S	Lic. Bach.	Prof. Sec.	1939	1940	1941	1942	1943	1944	1945	1946	1947	1948	1949	Total
Filosofia	38	7	29	10	7	17	3	5	1	3	3	5	10	74
Matemática	46	13	8	3	4	4	6	7	5	10	10	4	9	67
Física	21	12	4	4	3	7	1	2	3	5	2	3	2	37
Química	49	64	17	6	11	13	11	12	15	18	9	13	12	130
História Natural	41	9	19	1	7	14	3	7	3	11	4	7	8	69
Geografia e História ..	96	11	56	14	16	30	5	10	11	30	15	20	6	163
Ciências Sociais	53	11	21	7	6	13	5	7	10	11	5	8	5	86
Letras Clássicas	94	15	36	6	10	27	6	14	20	21	13	15	6	145
Letras Neolatinas	103	16	27	5	3	19	12	12	19	17	14	20	6	146
Letras Anglo-Germânicas	61	14	—	—	—	—	1	2	12	16	12	13	8	75
Pedagogia	62	6	—	—	—	—	1	4	3	18	18	14	3	68
T O T A I S	665	178	217	56	67	144	54	82	102	160	105	122	75	1060

NOTA: As cifras desta tabela correspondem ao número de diplomados e não ao de títulos obtidos.

V. — Encerramento dos Cursos. Discursos dos Paraninfos (*).

(°). — A seguir são publicados os Discursos dos Paraninfos das diversas turmas de Diplomandos da Faculdade, com exceção do de 1941, de autoria do Prof. Fernando de Azevedo, que a *Secção de Publicações* não conseguiu encontrar. Por outro lado, aí figura o discurso do Prof. Ernesto de Souza Campos, Paraninfo da turma de 1938, que deixou de ser publicado, como deveria ter sido, no *Anuário* dêsse ano. Deixa de figurar também o de 1946, porque nesse ano não houve formatura solene na Faculdade em virtude da reforma de ensino por que ela passou.

GRAÇÃO DO PROFESSOR ERNESTO DE SOUZA CAMPOS,
PARANINHO DA TURMA DE 1938.

Trazido pela mão dos licenciados desta Faculdade, ocupo hoje esta tribuna de honra no cerimonial em que recebem a sua investidura os novos graduados em filosofia, ciências e letras. E' uma das mais altas distinções a que podem aspirar os que se dedicam ao magistério. No caso é ainda mais expressiva por recair em quem não tem a ventura de pertencer ao egrégio corpo professoral dêste grande centro de estudos. Confesso, porém, que esperava êste gesto, de elegância e fidalguia, dos que me elegeram para o paraninfado de hoje. Era uma recompensa natural e ambicionável. Assistia-me êsse direito pela dedicação exclusiva a esta casa de ensino quando tive a honra de sua direção. Aos olhos dos que aqui vivem houve desta época um aprêço lisongeiro.

Não quero entrar no exame dêste julgamento em que sobejou a generosidade tão peculiar à nossa gente. Longe estou, porém, de negar os esforços por mim desenvolvidos na diretriz que lhe procurei imprimir dentro da escassez dos meus méritos e da exigüidade da minha ação administrativa. Era lógica essa minha atitude. Tendo sempre clamado pela criação desta Faculdade, empenhei-me em justificar, pelo devotamento, a estima originada desde os primeiros aplausos com que festejei, na minha intimidade, a data memorável do seu nascedouro. Aplausos redobrados porque nascia, com a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, a Universidade de São Paulo, forjada de tôdas as suas peças, em uma harmonia de conjunto jamais observada em nosso país. Foi justo, pois, o vosso chamamento. Chegou-me na capital da República onde me fiz obreiro na admirável faina educativa do Sr. Ministro da Educação e Saúde. Êste apêlo permitiu-me a felicidade dêste convívio e o prazer desta alocução.

Contava com a segurança da vossa amizade. Dezoito anos de lides no ensino superior, aqui e no estrangeiro, habituaram-me a auscultar o pensamento e a sentir a expressão de simpatia dos moços para os que se consagram, com desprendimento, aos problemas da educação. E' o que tenho verificado na campanha a que me atirei, há quase duas décadas, por vocação natural e deliberada.

*

A propaganda.

Desde 1920, quando tive oportunidade de observar, de perto, as grandes universidades de outros países, procurei conjugar os meus esfor-

ços aos dos poucos brasileiros que se inscreveram neste apostolado. Na minha profissão de fé, escrita há mais de dois lustros, assim exprimi êste pensamento:

“E porque êsse empêño assim pertinaz, assim obstinado nesta campanha de onde há de surgir um dia — um grande dia — cujo sol já começa a apontar, a Universidade de São Paulo, consti-tuída de tôdas as peças indispensáveis para formar o seu arcabouço inteiriço e harmônico? E’ que se nos cristalizou no espírito a idéia de que só por meio dessas grandes oficinas intelectuais será possível aperfeiçoar o nosso ensino, difundindo os estudos de alto valor educativo, criando, multiplicando, propagando e divulgando a aprendizagem dos assuntos desinteressados, assim como os cursos de aperfeiçoamento e os laboratórios de investigação original que são, em essência, o elemento criador a se desdobrar em novas fontes de saber. Só nesses grandes centros é possível fazer, com a máxima eficiência, o aproveitamento integral e harmônico de tôdas as faculdades, disciplinando a inteligência, modelando o caráter e robustecendo o corpo, na ansia de atingir a perfeição, o que só se consegue cultivando o amor pela ciência e despertando e dignificando os sentimentos pela arte, que imprimem na alma a verdadeira percepção do belo, em tôda sua plenitude.”

Esta pregação tem de ser continuada e persistente. Produz uma reação salutar que por ser lenta não deixa de dar frutos compensadores. Por sedimentação, um ou outro ponto se vai consolidando com o passar dos tempos.

Por pouco que dela resulte — na ocasião — ficarão sempre caminhos desbravados, programas retificados, assuntos esclarecidos, projetos delineados. Os missionários que nela perseveram não têm o seu tempo perdido. Por humilde que seja a palavra ela sempre se avoluma, se multiplica, se propaga, para um efeito atual ou potencial. A sementeira tem de ser larga para que dela aponte um rebento. Vêde um carvalho imenso, frondejante, robusto: êle cresceu de uma frágil semente quase imperceptível. Entretanto, de milhares provindas da abundante floração raras são as que medram.

Eis pois a natureza nos ensinando que não são inúteis estas demasias. Como a luz do Evangelho é preciso que a palavra de fé seja levada para tôda parte e para tôda a gente. As ocasiões são preciosas e eu não perderia esta que me põe em contacto com mestres de hoje e de amanhã.

A tarefa é imensa e não são muitos os que nesta cruzada se alistaram. E’ preciso, pois, reacender e revigorar sempre a chama para que não fiquemos debruçados sôbre as muralhas já erguidas na contemplação embevecida e enaltecedora da obra do passado.

Só assim conseguiremos dar um novo ritmo ao nosso sistema educativo, integrando-o definitivamente no regime universitário, como êle deve ser compreendido à luz da época em que vivemos.

Os debates.

Nas questões educativas os debates são imprescindíveis. Por sua ação poderá ser colimada uma zona de interferência que permita juntar uma pedra na obra edificadora dos séculos. Nesse cadinho purificador, tôdas as energias são aproveitáveis quando não se escudam na obstinação de não querer dar um passo para a conquista de novos horizontes. A única condição exigível em tais torneios é a sinceridade. Que não haja intuítos secundários e sim obra construtiva. A vida tem de ser vivida pelos contrastes. O seu encanto está nos claros-escuros. A sua beleza na diversidade das obras em que se entremeiam as meias tintas, na gama infinita das tonalidades. Que monotonia se fôsem tôdas as coisas iguais e se para tudo houvesse um único pensamento!

Teve razão Antônio Vieira fazendo a apologia da lágrima no torneio em que ao seu adversário coube por tema o riso. Vivemos pela continuidade de um luta que ninguém sabe como começou e todos ignoram como acabará.

Nocivos são os indiferentes ou os interessados apenas em acobertar suas conveniências sob o manto espesso do egoismo.

*

O estímulo.

Não há indiferença entre os moços e ainda que o prêmio destas obras nelas mesmas esteja (*Rerum honestarum pretium in ipsis est*) dêles vem sempre um estímulo confortador.

Ainda ecoam na minha alma as emoções da acolhida festiva da mocidade acadêmica da Bahia e Rio Grande e a recordação das recepções solenes da tradicional Faculdade de Medicina daquele Estado e na Universidade de Pôrto-Alegre. Conclamaram docentes e alunos, sob a égide das mais altas autoridades de educação, não para prestar homenagem individual ao professor que ali se achava, senão para significar seu apôio ao técnico do Ministério da Educação e universitário de São Paulo, integrado na realização de obras construtivas nas suas escolas. O mesmo espírito de ativa cooperação existe na Universidade do Brasil, cujos trabalhos da Comissão do Plano da Universidade compartilho com o reitor daquela Universidade e com ilustre professor da Escola Nacional de Engenharia.

Destarte tem sido facilitadas as missões que, por confiança do governo da República, tenho tido a oportunidade de tomar parte no norte, no sul e no centro do País.

*

Os frutos.

Na Bahia, a escola primaz do Brasil pela sua fundação, já se er-

gue o primeiro monumento construtivo posto em obra pelo govêrno federal depois que se plantou, no planalto do Araçá, o marco inicial desta nova fase da nossa vida educacional. A escola médica de Salvador — o primeiro núcleo de ensino superior que se organizou no país em 1808, com a chegada de D. João VI à Terra de Santa Cruz — lançou os alicerces da sua nova casa. Ela já se vai esboçando na rigidez do arcabouço de cimento armado. Em escala mais ampla continuará a escola baiana a desenvolver os esplêndidos ensinamentos que tornaram gloriosa a sua tradição. Acham-se traçados os planos do centro médico de Pôrto-Alegre. Foi estabelecido o magnífico anteprojeto da Universidade do Brasil, cujas *maquettes* figuraram na exposição das realizações do govêrno, efetuada na Esplanada do Castelo. Os projetos definitivos dêste grande centro de estudos estão sendo agora ativamente elaborados pela Comissão do Plano da Universidade, nomeada pelo Sr. Presidente da República, com as suas duas secções, de Arquitetura e Engenharia. Esta Faculdade conseguiu instalar muitos dos seus departamentos em casa própria; a de Direito vai concluindo a sua nova sede; a de Medicina amplia suas instalações com o hospital. A seleção de professôres ganhou com o restabelecimento da obrigatoriedade da defesa de tese, nos concursos. As Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras vão preparando professôres para o magistério secundário. A limitação de alunos e o regime integral vão ganhando terreno. As associações científicas são hoje mais numerosas e mais florescentes do que há uma dezena ou uma vintena de anos. Compulsando-se os atos destas instituições é fácil formar um juízo, neste particular. Os periódicos científicos melhoraram em número, no conteúdo e na feitura material. Cresceu o trabalho de investigação original. A produção de obras didáticas e culturais (a *Brasiliana*, já com 144 volumes) vai se firmando. Os nossos professôres e alunos na obra de intercâmbio científico com o estrangeiro, têm tido boa acolhida e êxito na sua atuação.

Não é vã, pois, a propaganda em proveito do melhoramento dos nossos métodos educativos. Tem produzido os seus frutos. A Universidade de São Paulo é um belo exemplo desta afirmação. Ela se constituiu em 1934. Não é a mais antiga, mas ocupa excelente posição entre as suas congêneres brasileiras. E' que ela não se limitou, na sua formação, a um simples agrupamento de escolas superiores. Com ela se criou o núcleo fundamental que é esta Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Uma orientação segura que ficará registada como um dos mais notáveis acontecimentos na história da educação nacional. Foi realmente notável a ação do seu fundador — da Faculdade e da Universidade — a quem, pela iniciativa e vigoroso impulso que lhe deu, esta Universidade muito justamente conferiu a dignidade de doutor *honoris causa*. Outros intelectuais paulistas que cooperaram eficientemente e dedicadamente nesta grande obra foram também assim premiados pela Universidade de São Paulo.

Quadro comparativo.

Até recente data nenhuma Universidade possuía o Brasil. Estávamos, pois, em posição de inferioridade, em relação aos outros países civilizados. O primeiro centro de estudos que, entre nós, tomou esta denominação, reunindo, sob uma reitoria, suas escolas superiores, foi o da metrópole brasileira.

Data de 1920. Com as reservas sôbre a estrutura da sua organização e sôbre os motivos que determinaram êste ato não se pode negar que houve vantagem nesta criação. Obrigando a um melhor exame da questão universitária, o decreto de 1920 forçou um passo para a renovação do nosso sistema educativo.

Pôs em equação novamente o assunto tantas vêzes protelado nas tentativas que homens eminentes fizeram para que se criasse esta instituição, desde os tempos coloniais. Entretanto, as Universidades constituídas na Europa desde quase oito séculos já são velhas mesmo na jovem América.

Transplantaram-se para o hemisfério norte do novo mundo há mais de 3 séculos. Foram seus pioneiros os primeiros colonos inglêses instalados em Massachussets. Cairam as beneses desta dádiva em uma pequenina cidade dos arredores de Boston que recebeu o nome de Cambridge, em homenagem ao grande centro universitário do mesmo nome, nas Ilhas Britânicas. John Harvard immortalizou-se nesta criação. Ofertando sua fortuna e sua biblioteca, permitiu que os escolares da grande universidade inglêsa lançassem o primeiro germe que gerou o rápido e vigoroso desenvolvimento do sistema universitário norte-americano.

Harvard já celebrou o seu terceiro centenário. Vem de 1636. Conta hoje a América do Norte 81 grandes Universidades em uma percentagem de 21% sôbre as 356 existentes no globo. Em relação à população, tem uma para cada 1.628.000 habitantes. E' o país mais rico em Universidades. São também bem antigas as outras Universidades da América. Entre as 14 do Canadá, a mais velha vem de 1800, datando a mais moderna de 1912. No México, a "Universidad Nacional", criada com a denominação de real e pontifícia, em 1553, foi renovada em 1910, tornando-se autônoma em 1922. Das cinco Universidades argentinas, a mais antiga, que é a de Córdoba, formou-se ainda sob o domínio de Espanha. A de Bogotá, na Colômbia, vem de 1622; a de Quito, no Equador, de 1640. Santiago, no Chile, marca a sua fundação de 1838; Montevidéu, de 1849. Mesmo nas repúblicas que resultaram da fragmentação política da América Central, são antigas as Universidades. A de Guatemala, fundada pelo Supremo Conselho das Índias, tem sua origem em 1675; a de Honduras provém de 1847.

São tôdas anteriores ao nosso século.

Fora da América, outros países, novos como o nosso, cuidaram destas instituições desde épocas remotas. Sidney começou em 1850, Melbourne, três anos depois, Adelaide, em 1874.

Na Nova Zelândia a mais antiga é de 1869. Na África do Sul elas se instalaram desde 1881.

O Brasil, com seus 40 milhões de habitantes, só cogitou dêste assunto em 1920. Entre os países da América foi o último a tratar dêste problema. Por isso, hoje só temos 4 Universidades, quando a Argentina, com 13 milhões, tem cinco, o Canadá, com 9 milhões, 13, a Austrália, 6 para os seus 6 milhões e meio de habitantes e a Nova Zelândia, 3 para uma população de 1 milhão e quinhentos mil.

Neste exame comparativo que não desejo prosseguir para não ser fatigante, ficamos sempre mal colocados, tanto em relação às datas de fundação, como no que tange ao número de Universidades por habitantes. Temos, pois, que trabalhar e trabalhar bastante para construir bases sólidas e amplas, capazes de formar um ambiente apropriado ao melhoramento das instituições atuais e ao preparo de organizações futuras. As Universidades não podem surgir como as fadas ou princesas encantadas, por simples criação imaginativa.

*

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

No mesmo esquecimento ficaram as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. Instituições seculares em tôdas as partes do mundo, eram desconhecidas no Brasil, até recente data. Só medraram em São Paulo. Sòmente agora a que fôra organizada no Rio de Janeiro transferiu-se para a Universidade do Brasil e está em fase de organização. As outras Universidades do País não as possuem.

Entretanto tais Faculdades são elemento constante no *curriculum* universitário. Não há uma única Universidade francesa, italiana, espanhola, portuguesa, inglêsa, alemã, holandesa, suiça, belga, australiana ou canadense que não a possua, salvo talvez casos excepcionais de que não me recordo. Nos outros países verifica-se a mesma coisa. Concentrada em uma única organização ou desdobrada em duas, uma abrangendo as ciências e outra as letras, encontramos esta Faculdade representada em todos os países da América sententrional e meridional. Na Argentina, elas aparecem em Buenos Aires, Córdoba, La Plata e Rosário; no Chile, em Santiago; na Colômbia, em Medellin; no Equador, em Quito e Guayquil; no Perú, em Lima; na Venezuela, em Caracas e Mérida.

Encontrâmo-la ainda nas Universidades Imperiais do Japão, na Polônia, na Tchecoslováquia, Iugoslávia, na Hungria, Turquia, Grécia, Rumania, Lituânia, Egito, Islândia, Suécia, Noruega, Síria, Cuba, etc.. Não podia deixar de ser assim. As Faculdades de Filosofia são o *back bone* das organizações universitárias.

Um bom exemplo da influências que as Faculdades de Filosofia exercem em tais organizações têm-lo muito próximo a nós, em um país irmão. Irmão pelos laços de sangue e pelo coração. De onde vem êste

exemplo? De Portugal. Quero referir-me ao que se passou com a fundação das Faculdades de Matemática e de Filosofia, na Universidade de Coimbra.

E' sabido que os estudos de Portugal iam em franco declínio até a reorganização de 1772.

O reino lusitano que assombrara o mundo pelas descobertas e conquistas marítimas, dobrando o cabo das Tormentas, indicando o caminho das Índias, descobrindo novas terras na América, criando colônias na Ásia e na África, chegando ao arquipélago das mil ilhas, no Império do Sol Nascente, entrara, diante de tantas pompas, riquezas e glórias, em um estado de debilidade que o levou ao desastre de Alcácer-Quebir.

As façanhas de Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Cabral, trouxeram, com o fastígio, o afrouxamento da têmpera que fizeram um gigante daquele país pequenino, apertado em um recanto da península ibérica.

O resultado de tantas proezas "foi uma cegueira fatal", que vedou-lhes os olhos e ofuscou-lhes a inteligência.

O dinheiro fácil, o luxo, as grandezas, deram causa ao insucesso que com a perda de D. Sebastião entregou Portugal e colônias ao domínio da Espanha de Felipe II.

A decadência educativa correu paralela à decadência política. Não era de estranhar. A Espanha tinha interesse no retardamento intelectual do país conquistado para lhe assegurar a posse.

Assim, Portugal entrou na sombra de um eclipse que só se desfez com o ato de Pombal, em 1772. Pouco antes, em 1737, ainda se queixava Castro Sarmiento de que a "filosofia experimental de Newton tinha entrado por tôda a Europa menos em Portugal e Espanha". Na frase de D. Antônio da Costa, a Universidade abismara-se durante dois séculos. E que séculos! De Newton, Harvey, Descartes, Leewenhoek, Malpighi, Reamur.

Dessa situação, saiu Portugal com a reforma de 1772. Como reforma ela pouco valeria se não fôsem as novas instituições que criou. A essência do valor que ela representa está na fundação das Faculdades de Filosofia e de Matemática.

Ouçamos as palavras de Simões de Carvalho:

"O gênio assombroso do grande ministro bem previa que a Universidade para surgir cheia de fôrça e de vida do estado de decadência a que a tinham reduzido, não podia prescindir do ensino da Filosofia natural. A velha instituição carecia de sangue novo para se regenerar e robustecer. O impulso vigoroso, que a despertou do letargo em que jazia, dotou-a com elementos novos, que deviam aperfeiçoar e completar o seu organismo, e prepará-la para essa cruzada civilizadora, que é a sua missão gloriosa.

O Marquês de Pombal, com seu talento verdadeiramente admirável, previu que o ensino das ciências filosóficas era o ponto culminante para onde deviam convergir as reformas da instrução pública e que deste ensino, sólidamente organizado e amplamente dotado, haviam de brotar benefícios incalculáveis para a cultura intelectual e progressos materiais da nação."

Aspecto econômico.

Um brasileiro dos mais inteligentes e ativos, o Sr. Raul Bopp, nosso cônsul em Yokohama, acaba de publicar, em colaboração com o Sr. José Jobim, um livro destinado a estabelecer um confronto entre a economia brasileira e a de outros povos de expressão econômica similar, mas de desenvolvimento imensamente maior.

Prefaciando esta obra, o sr. Ministro Leão Veloso, com a autoridade e prestígio do seu nome e do seu cargo, aponta para o seguinte dado comparativo: “A Austrália, com 150 anos de existência, apresenta uma produção de 40 milhões de contos. O Brasil, com 500 anos e uma superfície 7 vezes maior produz cerca de 3 vezes menos”. Por que? Porque ali houve cuidado na preparação do homem. A Austrália tem uma Universidade para cada milhão de habitantes; o Brasil uma para cada dez milhões. Com 150 anos de vida aquêles país erigiu 6 universidades; nós, com a nossa idade, que já vai para cinco séculos, só construímos 4, geralmente incompletas. A nossa primeira instituição foi decretada em 1920. As da Austrália têm as seguintes datas: Sidney, 1850; Melbourne, 1853; Adelaide, 1874; Tasmânia, 1890; Queenslândia, 1911; Western Australia, 1911.

Vê-se, pois, que tínhamos razão quando escrevemos:

“Encarando os diversos países, separadamente, vemos que possuem mais Universidades os que marcham na vanguarda do progresso. O primeiro lugar é dos Estados Unidos, com 81; vem depois o Império Britânico, com 63; o Japão coloca-se no terceiro lugar, com 46; seguem-se a Itália, com 26, a Alemanha, com 23 e a França, com 21.

Fazendo-se o exame do número de universidades em relação às populações, verificamos que a Nova Zelândia, a Suíça e o Canadá estão na frente com cerca de uma Universidade para cada meio milhão de habitantes. Na proporção de um milhão a um milhão e seiscentos mil encontramos a Austrália, Holanda, Japão, Bélgica, Itália e Estados Unidos. Em derredor de dois milhões vemos a União Sul-Africana, França, Suécia, Espanha, Portugal, Hungria. Caminham para três milhões de habitantes, por Universidades, a Áustria, Índias Britânicas, Argentina, Alemanha, Noruega.”

*

O exemplo do Japão.

Tenho apontado, por muito, o exemplo do Japão. É país de formação remota, mas de transformação recente. Há pouco mais de meio século, modelado exclusivamente pela civilização oriental, vivia na quimera dos sonhos, entre *shoguns*, *samurais* e *musumés*. Flôres de cerejeiras e crisântemos molduravam este ambiente onde florescia uma arte notável pela poesia e candura. Resistira à investida de São Francisco Xavier, recolhendo-se ao isolamento. A educação era privilégio da alta nobreza. Nada possuía o país que se pudesse comparar ao aparelha-

mento do mundo ocidental. Nenhum navio de guerra ou mercante. Nenhuma fábrica.

Um dia foi despertado para a dura realidade da vida. Penetrara nas suas águas a esquadra do comandante Perry. Ante o perigo operou-se a mutação. Bastaram para isso pouco mais anos do que nós temos de república. Surgiu, como por encanto, como nos cenários de teatro, um país capaz de ocupar a primeira linha entre as grandes potências do mundo. Deixou de ser o doce arquipélago das mil ilhas para elevar sua voz ao tumultuoso concêrto das nações. Como se operou este milagre? Leiam o rescrito do Imperador Meiji. Está ali a lição que o povo japonês, no seu grande patriotismo, soube pôr em prática.

Considerem só este argumento: cifram-se em 0,4% os analfabetos; o número de Universidades eleva-se a algumas dezenas.

Teve razão o Imperador Meiji. O caminho a seguir foi o que êle indicou: a educação. Sobre esta estrutura constituiu-se o Japão de hoje. Eis a essência do milagre. Um país sem significação no concêrto das nações transformou-se súbitamente em potência respeitável e respeitada. Da viagem ao oriente ficou-me essa impressão indelével.

*

O exemplo dos Estados Unidos.

Que diremos dos Estados Unidos? Tôda sua miraculosa organização social, política e econômica assentou sobre a educação. Fruto de imigração começada antes por motivos espirituais do que para conquista de bens materiais, formou-se a nação com gente de elite. Atraídos por motivos religiosos, foram se constituindo os primitivos focos reformistas entre os quais se estabeleceram os católicos de Lord Baltimore, na graciosa terra de Maria, que é a próspera Maryland de hoje. E assim, construindo o lar, punham-lhe ao lado a igreja e, junto da igreja, a escola. Em duas dezenas de anos já surgiam as primeiras leis escolares, raízes de um sistema que foi logo empolgando a alma da nação. *Colleges*, Universidades fortemente apoiadas pela generosidade do povo, foram se constituindo em grandes centros culturais e técnicos, aperfeiçoados cada ano. Quem já teve a oportunidade de visitar estas grandes instituições e de compulsar seus anuários, certamente ficará maravilhado ao verificar a extraordinária soma de doações, vindas de tôdas as camadas sociais, de dezenas, centenas, milhares, centenas de milhares, milhões de dólares que se registam na história de cada período letivo. Porfiam neste empreendimento, sobremodo, os antigos alunos, por cuja iniciativa são, de tempos em tempos, canalizadas somas astronômicas para a obra de construção, reconstrução ou remodelação educativa. Serão necessários alguns exemplos? Ei-los: Harvard, em duas campanhas sucessivas, recolheu 25 milhões de dólares; Yale, em um biênio, alcançou 9 milhões; John Hopkins, na sua penúltima coleta, 7 milhões. E, destarte, o povo norte-americano vai tirando do seu labor intenso e

industrioso os elementos de uma larga cooperação econômica a fim de que os educadores possam formar e aprimorar as sucessivas gerações de homens de sua raça.

*

As tentativas paa a criação universitária.

Tem sido bem rude a pelêja para criação das universidades no Brasil. A primeira tentativa de organização de um centro dêste gênero vem da éra quinhentista. Não era desarrazoada. Outros países da América, e mesmo da América Latina lograram instalar instituições universitárias naquela época. A Real e Pontificia Universidade do México foi criada em 1553. Era, pois, natural que os jesuítas desejassem fundar uma Universidade brasileira no tempo em que tinham a responsabilidade e direção suprema dos estudos no Brasil. Entre êles haviam, porém, opositores a esta pretensão. Em 1583, como acentúa o Padre Serafim Leite, um relatório enviado para Roma, pelo Padre Miguel Garcia, falava de tais projetos. Como já se tinham estabelecido graus em letras, achava o referido sacerdote que se pretendia “meter ressaibos de Universidade” no Brasil.

O Padre Marçal Beliarte fêz um grande esforço para melhorar os títulos conferidos no Brasil. Visando a grandeza e desenvolvimento do ensino superior em nosso país, deu grande pompa às cerimônias de colação de grau, procurando obter, para êstes, o nível e as prerrogativas dos graus universitários da metrópole. Neste seu entusiasmo “não transformou o Colégio em Universidade de fato foi porque o contrariaram na Bahia e em Roma”.

O Padre Pero Rodrigues foi seu adversário neste empreendimento. Visitador de Angola, estranho ao movimento jesuítico no Brasil, infelizmente passou pela Bahia naquela ocasião. Consultado sôbre o assunto, deu seu parecer contrário. Foi de opinião que não deveriam ser concedidos os graus de licenciatura que já vinham sendo conferidos na Bahia. Para isso, opinou, seria necessário elevar primeiro o Colégio à categoria de Universidade.

Não julgava, porém, essa promoção conveniente atendendo-se ao número de aulas e fraca freqüência verificada no Colégio.

E' interessante, porém, que às mãos dêsse mesmo sacerdote veio ter o provinciado do Brasil. Terminada sua missão em Angola, coube-lhe o cargo de Provincial do Brasil. Substituiu o Padre Marçal Beliarte, cujas idéias a atuação êle hostilizava. Colocado como sucessor de Beliarte, mudou, entretanto, de opinião. Começou a pleitear a mesma prerrogativa de conferir graus acadêmicos no Brasil, que êle antes impugnara. Pediu poderes para conferir graus de Mestre em Artes. Utilizou a mesma argumentação apresentada pelo seu antecessor. “Alegava, diz Serafim Leite, como motivo suficiente, o mesmo que se tinha proposto antes, a saber, a conveniência de dar também êsse grau aos padres da Companhia, que, sendo destinados a professôres, o não tivessem ainda”. Mais feliz do que Beliarte, obteve tais privilégios.

A idéia que não vingou de todo, porém, foi a da Universidade. Foi, entretanto, admirável o esforço dos jesuítas. E' preciso recordar as condições do Brasil naquela época para bem medir o trabalho que êles realizaram. Portugal era pequenino. Grande pelos seus feitos, possuía fracos recursos e escassa gente. Menos de milhão e meio de habitantes, quase tanto quanto a metrópole paulistana de hoje. Os sucessos marítimos trouxeram-lhe demasiada riqueza. Não estava preparado para emprêsas de tamanho vulto. Colheu muito rápida e tumultuariamente os frutos da política avisada da dinastia de Aviz, na curva ascencional que, D. João I e seu filho D. Henrique, quase atinge a vertical pela atuação de D. João II, o Príncipe Perfeito, para chegar ao ápice com D. Manuel, o Venturoso. Lançaram-se tão "dilatadas bases às conquistas de Portugal, que ainda hoje, apesar da ação do tempo, imponentes domínios lhe remanescem" (Yan de Almeida Prado). D. Manuel tinha os olhos fitos na Índia. Era o país das maravilhas, a fonte inesgotável das especiarias que davam bom dinheiro.

"O descobrimento do Brasil acumulou novas e crescentes dificuldades sôbre o Real Erário. A terra provava pobre. Nenhum metal de valia. Nem diamantes, nem rubis, nem pérolas. Papagaios, pau Brasil, escravos poucos e inferiores, por demais acostumados à sua independência para lograrem resistir à perda da liberdade. Em suma, mau negócio."

Eis o quadro pintado por Calógeras. Era o que do Brasil pensavam os seus descobridores. Os de Portugal, porque os que cá antes vieram nem da terra tomaram posse. Não podiam, pois, os portugueses tomar maior interêsse por uma tal colônia. Estavam presos à miragem asiática.

Não convindo abandoná-la pela sua utilidade como posto de refrescamento para as naus que iam ter às Índias, lançou-se a metrópole à exploração agrícola. A lavra da terra e o pastoreiro deveriam ser remuneradores. Surgiam os latifúndios, segundo as normas do regime colonial português. Terras em sesmaria só eram concedidas, porém, aos que tinham posses suficientes para ocupar a sua exploração e fundar engenhos. O comércio, os engenhos e a mascateação deram relativa abundância aos senhores. Os que não podiam conseguir tais privilégios lutavam rudemente pela sua subsistência. Os trabalhadores rurais aboletavam-se

"nas terras dos grandes sesmeiros como "foreiros" ou "rendeiros" e viviam como os nossos sitiantes do interior agrícola, abrigados sob toscas arribanas de sapê e taipa, como o mujik, em sua "ésba" (Oliveira Viana).

Não era melhor a situação dos jesuítas quando aqui chegaram, com Tomé de Souza (1549). Suas primeiras moradas eram

"umas pobres casas de taipa, cobertas de palha; o seu suor e trabalho lhe cusaram acarretando as suas costas a madeira e água" (Serafim Leite).

O próprio reitor, que era o Padre Paiva, "carpintejava". O Governador Tomé de Souza também entrava nas lides, carregando

"aos ombros caibros e madeiros para as casas e muros da cidade". (Serafim Leit.).

Eram escassos os capitais.

“considerando-se que os primeiros colonos lusos que aqui chegaram vinham precisamente reconstituir suas fortunas arruinadas e eram, portanto, homens na sua quase totalidade de pequenos cabedais ou pobres” (Oliveira Viana).

“A moeda só aparecia como medida comum de valores, pois não havia ou era meramente rudimentar” (Calógeras).

Serviam para isso escravos, gado, algodão, ferro, açúcar, tecidos, etc.. O açúcar serviu até de prêmio escolar. O primeiro prêmio conferido no Brasil para estimular estudos foi nesta espécie.

“Ouro e prata eram entesourados com receio dos ataques de piratas na costa ou de bandidos no interior.”

A falta de numerário era ainda agravada pelas exigências dos contratos, pois se ao tempo da frota não pudessem pagar o que deviam, não teriam meios de aparelhamento para a safra vindoura.

Nóbrega e seus companheiros recebiam quatrocentos réis por mês, cada um, num total de 2\$400 para os seis. Com isto deviam prover ao seu sustento. Como ajuda de custo, recebiam arroz, mandioca, roupa e sapatos.

Desde 1549, quando chegaram, até 1576, em que conseguiram uma dotação real, tudo fizeram os jesuítas a custa de esmola. Não podia, pois, ser promissor para a educação no Brasil o primeiro século de seu descobrimento. Nas suas realizações fizeram os jesuítas obra miraculosa.

A segunda tentativa de criação de uma Universidade foi a estabelecida nos planos da Inconfidência Mineira. As referências são encontradas em vários documentos que fazem parte dos “Autos de devassa da Inconfidência Mineira”. Depois essas tentativas se foram sucedendo, sempre sem êxito, tôda a vez que um grande acontecimento se registava na história do país. Com a mudança de sede da monarquia portuguesa, o comércio da Bahia, interessado em que se estabelecesse naquela cidade a sede do govêrno da metrópole, ofereceu-se para construir o palácio real, reservando, ainda, a soma de 80 contos, considerável naquele tempo, para que se fundasse ali uma Universidade. Foi a terceira investida. Não aceitou o Príncipe Regente nem uma, nem outra oferta, fazendo-se de velas para o Rio de Janeiro.

Depois de 1808, apareceu a quarta tentativa, quando o Brasil foi elevado à categoria de reino. Foi ainda uma iniciativa do comércio,

“e quando o ilustríssimo senado da câmara da capital do novo reino acendia luminarias e atacava fogos de artifício para comemorar este ato tardio, que deveria datar da chegada da família real às nossas plagas, êles, os homens do comércio, formaram um capital cujo rendimento fôsse aplicado a um estabelecimento, que promovesse a instrução nacional, fundando-se um instituto de artes e ciências”.

Aceita a oferta pelo aviso de 5 de março de 1816, não foi posto o projeto em execução. Mais tarde, na Assembléia Constituinte, José Arouche de Toledo Rendon propunha que êsse capital fôsse aplicado na criação de uma Universidade na cidade de São Paulo. Nenhuma

solução foi dada ao projeto. Não foi relembrado nem mesmo no dia 11 de maio de 1818, quando se realizou, no paço real, a cerimônia do juramento de protetor da Universidade de Coimbra, juramento prestado pelo rei, nas mãos do bispo capelão-mor em presença dos deputados e da sua côrte.

Veio depois a proclamação da Constituição portuguesa. Um deputado enviado pelo reino às côrtes, o Padre Francisco Muniz Tavares, apresentou o plano de uma organização universitária para o Brasil, não logrando êxito esta sua iniciativa.

Com a independência do Brasil surgiu uma nova esperança. Procedeu dos brasileiros matriculados na Universidade de Coimbra. Queriam — na sua expressão — que o ouro do Brasil servisse para fundir uma casa de ciência. Foi embaixador dêstes moços o deputado José Feliciano Fernandes Pinheiro, depois Visconde de São Leopoldo. Relembrando não haver no Brasil institutos onde os moços (1823) pudessem fazer seus estudos, apresentou a indicação à Câmara em sessão de 14 de julho de 1823. Propunha para sede a cidade de São Paulo, exclamando “o Tietê vale bem o Mondego do outro hemisfério”. Acrescentava que São Paulo oferecia vantagens “pela salubridade e amenidade do clima, feliz posição, abundância e barateza de tôdas as proviões e cômodos da vida”. Remetido o projeto à comissão de instrução pública, rolou na Câmara durante um mês, até que reapareceu relatado pelo deputado Ribeiro de Andrada.

Na discussão da matéria foi acesa a luta regionalista. “Foi longo e caloroso debate”, diz Souza e Silva. Nele “tomaram parte os mais conspícuos oradores da nascente tribuna nacional”. Elevou-se a discussão ao “nível do assunto, mas baixou na arena da acrimonia”. No afã de levar a instituição para a sua província, alguns deputados engrandeciam-na, deprimindo as outras cidades em confronto. Um alegava que no seu Estado o dialeto era mais apurado que o de São Paulo. Outro, da Bahia, reclamava para ali a preferência. Punha na balança a fertilidade do solo. Apregoava que na sua região “a cana dava sóca e resóca, cada ano, sem geral replantação”.

Havia quem pugnassem por Olinda. Era o jardim do Eden. Olinda tinha, realmente, naquela época, uma sociedade florescente. Vivia mesmo com fausto: os homens “trajavam vestes de damasco e sêda”, ostentando as senhoras grandes luxos e grandezas. Veio à baila a riqueza da flora da província do Rio de Janeiro. Êste argumento foi acompanhado de outro curioso. Davam os fluminenses, como responsável pelo desenvolvimento da cidade, o granito aqui existente em profusão. As pedreiras entraram na liça. Opôs-se Montezuma ao Rio de Janeiro. Na côrte, dizia, haveria influência nociva da vontade e arbítrio do govêrno. Propunha que se escolhesse a Bahia. Fernandes Pinheiro acudiu em defesa do seu projeto. Tinha suas razões para propor que a sede fôsse São Paulo. Não estava alucinado “pelo natural pendor para a capital de uma província na qual se honrava de ter tido o berço”. Retrucou Montezuma: “Não sei porque a cidade de São Paulo deva merecer

semelhante preferência. Não sei porque aqui se anda sempre com São Paulo para cá e São Paulo para lá; em nada aqui se fala que não venha São Paulo”. O irascível parlamentar era favorável à Bahia, sua terra de nascimento, não — acrescentava elle — para “puxar a brasa para a sua sardinha”, nem por ser baiano, mas pelo amor da “nação em geral e bem comum de todos”. Apontava a Bahia como centro do Império e melhor para o caso pela qualidade do seu comércio e facilidades de transporte. Silva Lisboa era também contra São Paulo. Preferia o seu torrão natal, a Bahia.

Tornou-se depois conciliador. Votava por uma Universidade na côrte à custa do Tesouro. Facultava, entretanto, a criação de Universidades semelhantes nas capitais das províncias do Império quando requeridas pelos “respectivos povos e governos locais”. Estes “designariam e segurariam os fundos e créditos necessários ao estabelecimento e independentes da renda pública”.

Batia-se, porém, valentemente, pela idéa universitária. Lembrou, na sessão de 27 de agosto (1823), que “continuaram bárbaros os países que não instituíram Universidades nem por elas ensinaram”.

Os de Pernambuco alinhavam dados sobre a produção do pau brasil e algodão. O pau brasil rendia mil cruzados por ano, exclamavam. Manuel Carneiro da Cunha opinava pela Paraíba. Comprovando o seu parecer, apontava para a abundância de víveres e escassez de diversões. Chegou a indicar a sede: os conventos de São Francisco, São Pedro e do Carmo. Antônio Carlos ponderou que a cidade era deserta.

Houve quem condenasse Pernambuco, acusando as suas terras de áridas. Da Bahia se disse que era cidade viciosa.

Várias câmaras municipais aplaudiram a idéa da criação da tão almejada Universidade. Ofereceram os seus municípios: Queluz, São João del Rei, Barbacena, São José, Caeté, Baependí, Pitanguí, Sabará, etc.

Para contornar as dificuldades alvitrou-se a criação de mais de uma Universidade. Para alguns duas seriam suficientes, outros queriam três. Afirmaram-se propostas nesse sentido: uma no Norte, outra no Centro e a terceira no Sul. Fôra Gonçalves Gomide o proponente; o mesmo que se batera valentemente por uma Universidade no Centro para que a luz científica se difundisse como a “luz física em tôdas as direções”. Divergiu, assim, da comissão de que fazia parte, a qual se inclinou finalmente por duas Universidades: uma em São Paulo, outra em Olinda. Êste parecer obteve o voto da maioria: 8 deputados. Foi o voto vencedor. Na sua justificação, o deputado Carvalho e Melo declarou muito sábia e feliz esta deliberação.

Seis legisladores opinaram por uma única Universidade no Rio de Janeiro. Três foram fiéis ao autor do projeto. Queriam uma única Universidade em São Paulo. Dois recusaram a Universidade. Preferiram apenas duas Faculdades, uma jurídica e outra de Filosofia, ambas na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro. Nogueira da Gama propunha somente um curso jurídico. Pedia, porém, que neste curso hou-

vesse também as cadeiras de Economia Política, Estatística, Diplomacia e... até Agricultura. Bittencourt sugeria uma “academia montanística, docimástica e mais doutrinas de metalurgia” para a Província de Minas Gerais. São Paulo, Pernambuco e Maranhão deveriam ter “colégios de Direito que, pelo correr do tempo, se convertessem em Universidades”. Pereira da Cunha propunha duas Universidades, uma no Maranhão, outra na Bahia. Para Olinda, queria uma Faculdade de leis. São Paulo e Mariana teriam Faculdades de Ciências Naturais.

Em meio desta tempestade, José Bonifácio de Andrada e Silva não pronunciou uma só palavra. Limitou-se a propor à comissão de instrução pública que mandasse imprimir um projeto de sua lavra sobre a organização e regime das Universidades do Brasil. Este documento parece perdido.

Aprovado finalmente o projeto de criação de duas Universidades, em 4 de novembro de 1823, morreu novamente esta iniciativa pelo golpe de Estado que se processou oito dias depois (12 de novembro), dissolvendo a Assembléia Constituinte. Nesse dia, surgiu à frente de um corpo de cavalaria, o Imperador, fazendo cercar o Paço da Câmara. Foram presos e deportados os três Andradas, José Joaquim da Rocha, Padre Belchior de Oliveira e Francisco Gê Acaiaba de Montezuma.

Novamente o problema é posto em foco com a Constituição do Império, outorgada por D. Pedro I. E' de 9 de janeiro de 1825 o decreto do Poder Executivo. Criava, porém, apenas um curso jurídico no Rio de Janeiro, por não se poder naquela época, dizia a lei, construir Universidades, as quais só “com o andar do tempo poderão completamente realizar-se”.

Foi, porém, longo e renhido o debate quanto à escolha do local, antes que ela recaísse no Rio de Janeiro. Bernardo Pereira de Vasconcelos defendeu este ponto. Nicolau Vergueiro e o Padre Custódio eram por São Paulo. Francisco de Paula Souza e Melo reviveu a idéia de duas sedes, uma em São Paulo, outra em Olinda.

Formulou o Visconde de Cachoeira os estatutos, mas o curso jurídico ficou no papel. Era um outro *paper dream*.

*

Vitória incompleta.

Finalmente, cinco anos depois, no dia 11 de agosto de 1827, foram criados os cursos jurídicos de São Paulo e Olinda. O de São Paulo inaugurou-se no dia 1.º de março do ano seguinte, e o de Olinda a 15 do mesmo mês. Foi um grande passo. Ficáramos, porém, mais uma vez, sem a Universidade. Esta só veio quase um século depois!

Mantinha-se o “tabu”, oriundo dos tempos coloniais pelo receio de que as Universidades concorressem para o rompimento dos laços que nos uniam às Côrtes de Lisboa.

Fundados os cursos jurídicos, só vinte anos mais tarde aparece um projeto de lei, na Câmara dos Senadores, propondo a criação de uma

Universidade brasileira, na capital do país, sob a denominação de Pedro II. Foi nomeada uma comissão especial para estudar o assunto e com isso morreu a idéia.

Em 5 de julho de 1847, o Visconde de Goiana apresentou um plano geral de reforma de toda a educação nacional. Ficou “sepultado no silêncio das pastas”.

Estamos agora em 1870. Na tribuna, o Conselheiro José Paulino Soares de Souza:

“Julgo, disse o Ministro, de grande alcance para o futuro da instrução superior do Império, a criação de uma Universidade nesta corte. Proponho-a, incorporando nela a Faculdade de Medicina aqui existente e a Escola Central, verdadeira escola de ciências, as quais adiciono uma nova Faculdade de Direito e de Teologia, da qual poderá partir impulso ao progresso intelectual do nosso clero”.

O trabalho foi submetido por João Alfredo, sucessor de José Paulino, às conferências da seção dos negócios do Império. Ficou nisto. Nem foi submetido à discussão.

Só catorze anos depois é o assunto novamente examinado por iniciativa do Barão Homem de Melo, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império. Apresentou Homem de Melo um plano de Universidade que não vingou. Foi a 11.^a tentativa.

Seguiu-se o Ministro Manoel Dantas. Apresentou um plano de educação. Falando da Universidade, dizia:

“A idéia da Universidade não se reduz em sua realização objetiva à concentração em certo e determinado lugar de 3, 4 ou 5 estabelecimentos de ensino superior. Deve ser a tradução da síntese do saber, ligados entre si às partes de cada uma das instituições de que ela se há de compor e relacionadas estas umas com as outras de modo que, constituído um corpo harmônico, animado do mesmo espirito e tendendo ao mesmo fim; deve ser um foco luminoso, cuja irradiação se propague por todo o Império.

O problema da constituição dos estudos superiores, diz o Ministro, resolve-se pela organização das Universidades”.

Querendo implantar a universidade, promoveu o estudo do assunto pelas instituições de ensino e organizações científicas a fim de submeter o caso à Assembléa Legislativa.

Essa tentativa foi mais um sonho desfeito.

*

Congresso de Instrução.

Em 1883 realizou-se um Congresso de Instrução. Presidiu-o o Conde d’Eu. Foram secretários Leôncio de Carvalho e Menezes Dória. O Conselheiro Joaquim Ribas, ao discutir a tese universitária, disse: “Entendo que a Universidade deve constar das faculdades de ciências físicas e matemáticas; de ciências naturais e medicina; de letras ou ciências estéticas; de direito e ciências sociológicas”. Pronunciou-se contra uma faculdade de ciências religiosas, achando que bastaria uma cadeira de história das religiões na Faculdade de Letras. Aceitaria uma

faculdade de Teologia, se para ela fôsse possível obter a instituição canônica.

Queria que a Universidade abrangesse tôdas as faculdades e instituições de ensino superior existentes na côrte e nas províncias. Deveria ser regida por um Conselho de decanos das várias faculdades, de delegados das congregações e outros membros nomeados pelo Governo. Dava para o reitor a denominação de Grão-Mestre.

Carlos de Laet esforçou-se pela criação de uma Faculdade de Letras. Propôs o seu plano de organização. Estabelecia três secções: de Filologia, de História e de Filosofia. Pedia a anexação de uma cadeira de Pedagogia para preparação de professôres de letras destinados ao magistério secundário.

Bandeira de Melo sugeriu a criação de uma faculdade de ciências religiosas. Monsenhor Escobar, membro do Congresso, apoiou a idéia, desde que houvesse intervenção da Santa Sé para a instituição canônica.

O que é certo é não termos adiantado nada, com êste Congresso, para solução de tão protelado problema universitário.

*

As Academias Literárias.

No século XVII surgiu e propagou-se a epidemia das organizações acadêmicas literárias. Tinham denominações, não raro ridículas.

O Brasil não escapou à contaminação. Fundou-se primeiro na Bahia, a "Academia dos Esquecidos" (1724). Vieram depois a dos "Felizes" (1736), a dos "Seletos" (1752), no Rio de Janeiro, a dos "Renascidos" (1759), na Bahia, a "Científica" (1772), a "Sociedade Literária" (1796).

Êste movimento era reflexo do que se passava na metrópole, onde se formaram as Academias dos "Singulares", dos "Generosos", dos "Discretos". Era a dos "Generosos" patrocinada pelo trinchante-mor D. Luiz da Cunha. A dos "Discretos" aninhara-se na biblioteca do Conde de Ericeira. A dos "Singulares" tinha por patrono o inquisidor-mor Pedro Duarte Ferrão. Teve, ainda, Portugal os "Solitários", os "Ilustrados", os "Instantâneos", os "Humildes", os "Ignorantes", os "Insignes", os "Obsequiosos", os "Anônimos". Os temas eram absurdos. Vejam êste: "Uma dama trazendo ao peito um cupido lhe estalou êste aos raios do sol".

Como a Espanha, Portugal pagava, assim, um tributo à influência que lhe vinha da França e da Itália.

Fôra a Itália o berço destas academias originadas do primeiro núcleo formado na casa do florentino Mazualli, em que os seus componentes, sob o pseudônimo de rãs, escorpiões, ou carpas, se reuniam em associação sob o nome extravagante de "Academia dos Húmidos". Cosme de Médicis deu-lhes a mão, hospedando suas secções no seu suntuoso palácio. Daí por diante veio o hábito das sessões palacia-

nas que no Brasil se prolongaram até o tempo do segundo reinado. Eram no Paço que se faziam as sessões da “Academia Imperial”, hoje “Nacional de Medicina”. Lasca, um dissidente entre os “Húmidos”, criou a segunda academia italiana. Chamava-se do “Farelo” (*della Crusca*). Pretendia apurar o toscano como se peneira a farinha. E viu a Itália os “Ociosos”, os “Insensatos”, os “Surdos”, os “Solitários”, os “Gelados”, os “Imóveis”.

À mesmo tempo, abriam-se na França os salões da Marquesa de Rambouillet, cujo “preciosismo” foi tão ridicularizado, no seu segundo período, pela sátira de Molière. A Espanha tivera os “Desconfiados”, os “Generosos”, os do “Bom Gôsto”.

A dos “Esquecidos” da Bahia foi criada para dar a conhecer os talentos que na província floresciam. Foi seu patrono Vasco Fernandes César de Menezes. Na ata da fundação, foi chamado de “incomparável Vice-Rei do Brasil”, “que no seu ínclito nome trazia vinculada com a profissão de ilustrar as armas, a propensão d’honrar as letras”. As reuniões se faziam em palácio.

O seu emblema era o sol: *sol oriens in occiduo*. Vejam esta tirada de um dos acadêmicos:

“Porque vós, como o sol, que d’oriente
ao ocaso passastes a dar-lhe aumento
dos raios que produz vosso talento
um novo sol gerais no continente.”

Eram curiosos os temas: Quem mostrou amar mais fielmente, Clícia ao sol ou Endimeão à lua.

A “Academia dos Felizes”, também palaciana, tinha por empresa Hércules com a clava afugentando o ócio. Era êste o lema: *Ignavia Fugand et fugienda*.

A dos “Seletos” foi criada para entoar loas a Gomes Freire de Andrade.

A dos “Renascidos” renovou a dos “Esquecidos” em 1759. Nasceu para comemorar o restabelecimento do rei. Queriam com isto perpetuar “na memória dos séculos a sua incomparável alegria, alimentada da pureza da sua fidelidade”. Julgavam que era maior a estima do rei “neste obséquio do que levantar-lhe “em cada praça pública uma estátua eqüestre do mais precioso metal”.

Proclamaram seu protetor o rei D. José, “nosso senhor e pai da pátria”, senhor das vidas, da honra e da fazenda dos seus vassallos. Solicitavam para a “Academia” a denominação de Real se porventura Sua Majestade Fidelíssima tivesse a “piedade” de aceitar o “humilde mas sincero obséquio”.

Quanto material para os louvaminheiros de todos os tempos!

Não podia haver crítica entre os acadêmicos de “tão sério, tão respeitável e tão ilustre corpo”, esclareciam os estatutos. Penas de advertência e expulsão como indigno. Tecendo louvores aos grandes da terra, era também uma associação de elogios mútuos.

A “Academia” ainda se propunha a responder a “tôdas as dúvidas que a ela quiser ir propor qualquer pessoa em qualquer matéria”. Procedia assim, por se julgar composta de “sócios muito eruditos e versados em tôdas as faculdades”. Êles mesmos se diziam sábios e imortais renascidos!

A “Academia Científica” foi criada no Rio de Janeiro sob os auspícios do Marquês do Lavradio. Orientava-se para os estudos de física, química, história natural, medicina, cirurgia, farmacologia e agricultura. Há quem afirme que êsse ambiente influiu na “Flora Fluminense” de Frei José Mariano da Conceição Veloso.

Teve apenas oito anos de vida. Desapareceu em 1779. Criou e manteve um horto botânico, no extinto Morro do Castelo. Promoveu a cultura da cochonilha, do bicho da sêda e firmou intercâmbio com academias científicas estrangeiras.

Com o Vice-Rei D. Luiz de Vasconcelos e Souza aparece a “Sociedade Literária do Rio de Janeiro” (1786). Tratava dos assuntos mais diversos de letras, de ciências e até de política. Por isso, foi fechada pelo Conde de Rezende, sucessor de Luiz de Vasconcelos. Os societários foram perseguidos e encerrados em presídios militares.

Tivemos, também, a “Arcádia Ultramarina”, cuja data de fundação é desconhecida. Era uma réplica da Arcádia Romana, que determinou outras arcádias européias. Foram arcadenses: Tomaz Antônio Gonzaga, Frei Conceição Veloso, Basílio da Gama, Silva Alvarenga, Santa Rita Durão, Cláudio Manoel da Costa, Alvarenga Peixoto.

Um fato interessante neste século XVIII foi ter estado a Universidade de Coimbra sob um reitor nascido no Brasil, D. Francisco de Lemos Faria Pereira Coutinho, que reformou aquela instituição portuguesa em 11 de setembro de 1772.

*

Um esforço privado.

Em 1776, porém, formou-se uma instituição privada de estudos literários superiores. Criaram-se os frades franciscanos. Foi aprovada pelo alvará de 11 de junho daquele ano. Modelou-se pelos estatutos do Marquês de Pombal, estabelecidos para a Universidade de Coimbra. Possuía 13 cátedras: retórica, grego, hebraico, filosofia, história eclesiástica, teologia, dogmática, moral e exegética.

Segundo José Veríssimo, foi a primeira tentativa feita no país de um curso de estudos superiores e desinteressados.

*

Os primeiros surtos da Filosofia no Brasil.

Aliás, o primeiro surto dos estudos filosóficos no Brasil ocorreu ainda no século XVI. Segundo Serafim Leite, houve até licenciatura em artes (Filosofia) antes do ano de 1583.

No “Colégio Jesuíta de Olinda”, por volta de 1580 em diante, começou-se a ensinar Filosofia, conforme informações do venerando Padre Cardim, a quem devemos as mais curiosas notícias do Brasil quinhentista.

O ensino da Filosofia já se fazia também na Bahia no século XVI. Como bem esclarece Alcides Bezerra, havia, naquele colégio, além de uma classe de instrução preliminar, duas de letras, uma de Filosofia e as de Teologia, para os de casa (corporação jesuítica) e para os de fora.

Como acentua Bezerra, ainda na éra de quinhentos houve muito debate filosófico nas disputas teológicas dos calvinistas de Villegagnon. Já no século XVI tivemos, entre outros Antônio Vieira, Manuel do Destêrro, autor de um tratado de Filosofia escolástica, além de Diogo Gomes Carneiro, Frei Mateus, etc..

*

O século XIX.

Foi farto o século XIX, século de grandes acontecimentos para o Brasil: chegada de D. João VI, abertura dos portos, Independência, reinados de Pedro I e de Pedro II, proclamação e constituição da República, navegação aérea de Santos Dumont. Século de romantismo e naturalismo, indianismo, condoreirismo.

Para a educação no Brasil foi o século de D. João VI e Pedro II. O primeiro, pela fundação de quase tôdas as grandes instituições do Brasil, o segundo, pelo desvêlo, pelo interêsse, pelo estímulo com que acompanhou todo o movimento intelectual do país, nas ciências, nas letras e nas artes, através de seu longo reinado.

*

O chegada de D. João VI.

Chegamos à época da chegada de D. João VI, acossado pelas hostes de Junot. Fundam-se logo as duas escolas médicas da Bahia e Rio de Janeiro. Datam de 1808. No mesmo ano, transfere-se para o Brasil a Academia dos Guardas Marinhas, de Lisboa. Funda-se a Escola de Engenharia Civil e Militar (1810). Cria-se o Jardim Botânico (1809), a Biblioteca Nacional (1810), o Museu Nacional (1818), a Academia de Belas Artes (1820). Estabelece-se a Imprensa Nacional (Imprensa Régia). Abrem-se aulas de comércio, economia política, música.

Para criação das escolas médicas, teve grande influência um notável médico brasileiro, José Corrêa Picanço, lente jubilado da Universidade de Coimbra, ex-cirurgião mor do reino. Convenceu Picanço ao Príncipe Regente da necessidade da criação de uma escola médica

na Bahia. A 18 de fevereiro de 1808, menos de um mês depois da chegada do Príncipe Regente, era assinada a carta expedida ao governador Conde da Ponte, D. João de Saldanha da Gama de Melo e Tôrres, dando poderes à Corrêa Picanço, cirurgião-mor do Reino, médico da Real Câmara e futuro Barão da Goiana, para fundar a escola e escolher os professôres. Foi rudimentaríssima a escola nos seus primeiros oito anos, com quatro anos de curso e dois professôres apenas. Só em 1815 o *curriculum* modificou-se com a elevação do curso para cinco anos. Houve, então, um professor para cada ano. Reformas se sucederam até chegarmos ao ponto em que estamos.

Da mesma forma criou-se a escola do Rio de Janeiro, de anatomia, cirurgia e medicina, quando aportaram, na Guanabara, os emigrados conduzidos pelo príncipe D. João. Foi o embrião da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Por decreto de 23 de fevereiro de 1808 foi criada a primeira aula de Economia Política, por ser necessário, rezava a carta régia,

“o estudo da ciência econômica na presente conjectura em que o Brasil oferece a melhor ocasião de se pôr em prática muitos dos seus princípios.”

A primeira aula de Comércio surgiu no mesmo ano pela carta régia de 28 de janeiro. Tornou-se necessário com a abertura dos portos do Brasil para que a

“mocidade adquirisse a teoria e prática indispensáveis aos verdadeiros negociantes visto que um horizonte mais vasto se apresentava para as especulações e este era o Universo.”

Não pararam as realizações. D. João VI havia fundado uma fábrica de pólvora. Visitando-a freqüentemente, entusiasmou-se com a beleza da paisagem em derredor. Era a Fazenda da Lagoa Rodrigo de Freitas. Assentou em que ali se deveria formar um “Horto Real”. Isto em 13 de junho de 1808. E’ o nosso Jardim Botânico, onde ainda figura a palmeira imperial ou palmeira mater, plantada pelo rei e de cujas sementes vêm tôdas as outras espalhadas em nosso vasto território. Luiz de Abreu, fugindo da ilha de França, onde estava prisioneiro, foi o primeiro, em 1809, a trazer uma remessa de plantas estrangeiras, em sementes, galhos ou mudas.

Ocorre, então, o decreto de 13 de maio de 1808, criando a “Imprensa Régia”, na rua do Passeio. Dois brasileiros e um português a dirigiam. Nela se imprimiram, de 1808 a 1822, o primeiro jornal brasileiro — a “Gazeta do Rio de Janeiro”; em 1810, a “Marília de Dirceu”, de Tomaz Antônio Gonzaga e a primeira edição brasileira do poema “Uruguai”, de Basílio da Gama. O Rio de Janeiro já possuía, aliás, uma tipografia particular, em 1747. Fundara-a Antônio Isidoro da Fonseca, que para isso obtivera assentimento do Governador Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela. Fonseca é considerado, por isso, o patriarca da imprensa no Brasil. Chegando a Lisboa a notícia de que Gomes Freire permitira a abertura daquela tipografia, vieram

ordens severas para sua destruição. Proibia-se ainda a fundação de qualquer outra no Brasil. Isto mais do dois séculos depois do descobrimento. Não é, pois, de admirar que na véspera da Independência (1821) só possuísse o Rio de Janeiro quatro jornais — a “Gazeta do Rio de Janeiro”, a “Idade de Ouro”, a “Sentinela” e o “Patriarca”.

Em 1809 estabeleceu-se a “Academia de Guardas Marinhas”, no hospício do mosteiro de São Bento “com todos instrumentos, livros, modelos, máquinas, cartas e planos que a mesma academia tinha em Lisboa”. O curso abrangia ciências matemáticas, física e matemática, artilharia, navegação e desenho. Instituiu-se, depois, a “Academia Militar”, *mater* da atual “Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil”. E’ de 4 de dezembro de 1810 a carta régia destinada a “estabelecer um curso regular de ciências exatas e de observação, assim como de sua aplicação aos estudos militares e práticos”. Um regular plano de ensino só se fêz, porém, a partir de 1822, com a nossa independência política. A Academia Militar passou a se chamar Escola Central em 1858 e, mais tarde, Escola Politécnica (1874), hoje Escola Nacional de Engenharia.

Outro fato importante se registou em 1810. Franqueou-se ao público a “Biblioteca Real”. Era a Biblioteca da Ajuda, formada pelos reis de Portugal, para a família real e trazida por D. João VI em 1807.

Na Praça do Rocio, hoje Praça Tiradentes, elevou-se o primeiro palco brasileiro: o “Real Teatro de São João”. A data merece ser guardada — 12 de outubro de 1813. Não foi a primeira casa de espetáculo do Brasil. Houve duas anteriores: a “Casa da Opera”, do Padre Ventura (1767) e o teatro de Manuel Luiz, sendo a primeira destruída pelo fogo durante um espetáculo.

Por decreto de 7 de abril de 1808 foi criado, no Rio de Janeiro, um arquivo central destinado à conservação das cartas e mapas do Brasil e domínios ultramarinos.

Em 23 de outubro de 1824 estabeleceu-se a primeira litografia. Este serviço ficou subordinado ao arquivo que era dirigido por Joaquim Norberto Xavier de Brito, comandante do Corpo de engenheiros.

Duas grandes figuras se projetam neste cenário: o Conde de Linhares e o Conde da Barca.

Não pode deixar de ser mencionada a ação educativa do Conde dos Arcos, na Bahia. Promoveu aulas de comércio, estabeleceu uma biblioteca pública (1814), uma aula de desenho. Fundou o primeiro estabelecimento tipográfico, a “Gazeta” e o “Almanaque”. Deu bolsas a estudantes para irem estudar em Coimbra. Funcionou na organização do Colégio Médico-Cirúrgico.

*

O interêsse pela Arte. A Missão Francesa.

Em 1816 começou o interêsse pela arte. A carta régia de 12 de agosto daquele ano, referendada no Paço do Rio de Janeiro pelo Marquês de Aguiar abria um crédito para pagamento dos compromissos

de uma missão estrangeira que seria incumbida de promover e desenvolver o gôsto artístico no país.

Foi contratada, então, a missão francesa de arte. Vinda do Havre, desembarcou no Rio de Janeiro em 6 de abril de 1816. Era composta de homens de grande valor. Chefiava-a Joaquim Le Breton, secretário perpétuo do Instituto de França. Com êles vieram os dois irmãos Taunay, um pintor, outro escultor, Debret, o pintor histórico e de ornato, Grandjean de Montigny, arquiteto, Pradier, gravador. Além destes, tinha a missão outros membros.

Já os jesuítas tinham realizado os primeiros esforços de implantação da arte no Brasil. Entre os missionários jesuítas viera o arquiteto Antônio Pires, que organizou na Bahia a primeira pinacoteca nacional.

Fora disto, tivemos apenas a influência artística holandesa, com os arquitetos Van Buren e Drewis e os artistas que acompanharam Maurício de Nassau, Post, Wagner e Eckout, tendo o primeiro vivido no Brasil oito anos.

Todavia, até a vinda da missão francesa, o Brasil geralmente “vegetava na mediocridade do barroco e nas algemas da pintura de devoção portuguesa”.

Aliás, como devia acontecer, o Brasil se formou sob influência da vida intelectual de outros países. A Bíblia da Humanidade, disse Ronald de Carvalho, se aperfeiçoa à luz das diferentes raças. Nem podia ser por outra forma no Brasil. A cultura nos veio predominantemente de Portugal e da França. De Portugal nada há a estranhar, pois a colônia era imagem espelhar da metrópole. Quanto à França, diversos fatores diretos e indiretos entraram em jôgo. A via indireta se fêz através do velho reino lusitano. Os elementos diretos se estabeleceram por uma atração, a que não são estranhas a afinidade latina e a evolução histórica da França. Uma das causas mais diretas foi o ensino secundário. Vários colégios franceses se constituíram no Brasil. Tiveram direção leiga ou se orientaram por congregações religiosas.

A língua francesa foi uma das primeiras, senão a primeira, entre as estrangeiras, a ser lecionada no país. Por isso, quase todos os intelectuais brasileiros a falam. Os livros franceses nos chegaram sempre em abundância. Essa transfusão se operou desde os primórdios da civilização brasileira. Os portugueses não eram interessados no comércio de livros no Brasil. Os franceses tomaram essa iniciativa. Uma das primeiras livrarias a se estabelecer em nosso país parece ter sido a de Paul Martin. Funcionou entre 1799-1810. Vieram, depois, Plancher (1824-1834), Garnier (1844-1893), Lanchaud, Briguier. Na Bahia fundaram-se as de Lefèvre e de Masi; em São Paulo, Garraux.

Diversos brasileiros diplomaram-se na França pelas facilidades que tiveram em ali fazer o seu curso. Havia até permissão para viagens gratuitas, nos vasos de guerra franceses, para os moços brasileiros que quisessem estudar na França. Foi por êsse meio que Freire Alemão lá fêz o seu curso. Por intermédio de um ilustre médico francês, Xavier Sigaud,

conseguiu passagem a bordo da nau de guerra “L’Arrière”, que fizera escala no Rio de Janeiro. Freire Alemão foi, depois, professor da Faculdade de Medicina, notável botânico e diretor do Museu Nacional.

Esta aproximação entre a França e o Brasil foi ativada por Pedro II, que naquele país veio, afinal, a exalar o seu último alento. Viagens, contactos com Victor Hugo, Mistral, Pasteur, Franck, Alexandre Dumas Filho, o casamento do Conde d’Eu, estimularam êste intercâmbio de que é nofa comovente o auxílio financeiro do nosso Imperador para que erigisse em Paris o primeiro instituto de defesa contra a raiva. Por isso, o seu busto figura ao lado do túmulo que, no Instituto Pasteur de Paris, encerra os restos mortais do grande homem de ciências, glória não só da França, como de tôda a Humanidade.

Outro laço se estabeleceu por intermémio do positivismo de Augusto Comte, importado da França como filosofia e como religião. Constituiu-se logo no Brasil um grupo de puritanos, os ortodoxos. A doutrina foi ganhando terreno, abrangendo um largo círculo de homens de valor, predominantemente militares e professôres. Atingiu especialmente a capital e o sul do país, compreendendo alguns dos responsáveis pela proclamação da República.

A influência de Portugal não podia ser pequena. De lá vinha quase tudo quanto havia na colônia. Camões foi decalcado sob tôdas as formas e feitios. Aliás, os clássicos portugueses sempre gozaram de grande favor no Brasil. Existirá brasileiro de mediana cultura que não tenha lido pelo menos Herculano, Garret, Castilho, Camilo, Júlio Diniz, Latino Coelho, Guerra Junqueiro, Antônio Nobre, João de Deus ?

*

Os trabalhos em curso.

Nos últimos anos intensificou-se a propaganda universitária. Em 1920, um bom trabalho neste sentido foi realizado pela Associação Brasileira de Educação. Seis anos mais tarde o “Estado de S. Paulo” promoveu um inquérito a respeito. Seguiu-se o *Rotary Club de São Paulo*. Em 1929 retomou o problema, que foi largamente discutido.

Êste esforço em favor do engrandecimento das nossas organizações universitárias tomou grande incremento no ano de 1935. Em um livro, “Estudo sôbre o problema universitário”, editado em 1938, fiz uma exposição resumida destas atividades. Há ali vários capítulos dedicados aos trabalhos realizados por deliberação do Govêrno da República, no Rio de Janeiro, na Bahia e no Rio Grande do Sul e os que se efetuaram por determinação do Govêrno de São Paulo. A parte referente à Universidade do Brasil está tôda reunida em volumes atualmente no prelo, como publicação do Ministério da Educação. Assim, a questão da renovação das instalações universitárias começou a entrar sèriamente na cogitação das esferas administrativas do país.

*

Que precisamos fazer.

As nossas universidades ainda não têm o grau de autonomia que poderiam ter. E' ainda muito limitada a ação da Reitoria.

Uma boa investida foi consignada na lei que criou a Universidade de Minas Gerais. Estabeleceu um patrimônio, convertido em terreno e em apólices do Estado. Bens com existência própria, independentes do que já possuíam as diversas instituições que entraram na formação daquela Universidade. Entretanto, parece ser êste o único caso.

Uma grande tentativa para alcançar os mesmos privilégios foi empreendida pela Universidade do Brasil. Consta de um projeto aprovado unânimemente pelo Conselho Universitário em 31 de março de 1934 e elaborado por uma comissão do próprio Conselho, nomeada pelo Ministro da Educação.

A cooperação é indispensável. Ela se impõe para o bom funcionamento do conjunto. O programa centralizado não deve abranger apenas a obra material e sim, também, a obra pedagógica e didática. Faculdades reunidas, em um mesmo *campus*, departamentos conjugados, eis o fim que devemos colimar. Sem a concentração em um único *campus*, nunca resolveremos os problemas bibliográficos, esportivos e de intercâmbio, tão indispensáveis às organizações dêste gênero. E' a lição que está escrita em cada página dos que construíram e desenvolveram suas Universidades, antes do problema ter sido sequer posto, entre nós.

Estabelecer Universidades sem lhes dar êsse engrenamento, conservando os seus elementos componentes na mesma situação em que se achavam anteriormente é que não nos parece obra recomendável. Mais vale deixar as coisas como estavam, do que criar uma organização em que a única diferença, em relação ao que existia, consiste na interposição de um reitorado entre as autoridades do Govêrno e os diretores das escolas. Mais uma complicação burocrática, mais uma repartição a fazer despesas. Qual o efeito, porém, sob o ponto de vista educativo? O Conselho Universitário? Qual a sua função, porém? Decidir, na heterogeneidade de sua organização, sôbre casos que ocorrem em cada Faculdade? Estabelecer planos educativos? Lembrem-se que estas atribuições são muito limitadas, diante das que possui o Conselho Nacional de Educação e o Ministro.

Não, a maior vantagem da organização universitária consiste na cooperação entre suas faculdades, que se faz principalmente pelas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras.

Aí está, pois, um problema de que devemos cuidar: o de criar estas Faculdades nas Universidades já existentes e em outras que se venham a fundar.

Foi com êste espírito que a emenda Roquette Pinto, na comissão de professôres, exigia para as Universidades, pelo menos três escolas superiores, sendo uma, obrigatoriamente, a de Filosofia, Ciências e Letras. E no projeto do plano de educação formulado pelo atual

Conselho Nacional de Educação esta exigência figura em um dos seus artigos.

Outro ponto importante é o da renovação das instalações. Neste capítulo, um grande esforço está sendo empreendido pelo Sr. Ministro, Dr. Gustavo Capanema. Convocou professôres e altas personalidades do nosso meio intelectual para examinar o assunto.

Sem isso não se teriam organizado os programas sob a mais sábia das orientações, em amplos debates de que saiu o projeto, hoje aprovado, para a Universidade do Brasil. Dêstes trabalhos, cinco volumes estão em publicação. Não se trata de obra cabível de realização em um só período administrativo. O estudo complexo do problema permitiu, porém, um exame detido da questão.

Posto em execução, êste plano constituirá o mais grandioso monumento educativo, na América Latina. Penitenciaremos-nos, assim, de termos tão tarde entrado no grêmio dos universitários de tôda a parte do mundo.

São Paulo também se colocou na linha de frente. Elaborou estudos e planos ao nível dos que temos na capital do país. Êstes trabalhos, porém, parecem ter sido adiados.

Há um estribilho que se repete a cada momento e em cada canto. Refere-se aos males do nosso ensino secundário. A afirmação é unânime. Reclamar contra esta situação, sem lhe dar o corretivo necessário, nada adianta.

Como resolver, pois, êste problema fundamental? Qual é a essência do mal? Também neste ponto há unanimidade. O fator principal está nas falhas do professorado. Há exceções honrosas, mas com elas não podemos contar. Do contrário, o mal não existiria.

Como solucionar êste caso? Organizando novas reformas de ensino? Estabelecendo leis mais rigorosas, cheias de artigos minuciosos, parágrafos, alíneas ou mais que seja? E' a terapêutica que temos empregado, anos em fora, com resultados nulos. Tais reformas têm antes agravado do que beneficiado o nosso sistema educativo. Por êste caminho nunca chegaremos a bom têrmo. O que se faz mister é a preparação do professor.

Como prepará-lo? Criando instituições como esta, capazes de ministrar uma educação de alto nível, nos domínios da filosofia, das ciências e das letras e capazes de dar uma formação cultural e pedagógica que prepare o professor para a elevada missão a que é destinado. Sem uma formação humanística sólida, ampla, disciplinada, não daremos um passo para a frente. Com autodidatas, especialistas sem formação geral ou egressos de outras profissões nada conseguiremos. Já não falarei do professor que faz dêste ofício apenas um "bico", auxiliar das suas finanças, hauridas em outras fontes. Chegamos a um ponto de maturação em que esta prática não deve ser admissível.

Eis, pois, uma das funções das Faculdades de Filosofia. Sòmente por esta ação elas devem ser estimadas, acariciadas, estimuladas, de-

envolvidas, propagadas... Delas nos virão benefícios que o tempo se encarregará de demonstrar.

Não é esta, porém, a única função destas escolas. A outra está no desenvolvimento científico e literário do país. E' uma atividade cultural tão importante ou mais importante do que a outra, porque um povo sem literatura, como disse um dos nossos escritores, é "um povo mudo, sem tradições e sem passado, fadado a desaparecer como reles planta rasteira nascida para ser pisada". Engrandecemos, pois, por intermédio destes institutos, o círculo ainda restrito — se bem que mui seletto — dos nossos homens de letras e de ciências.

Não creio, pois, que possa haver maior serviço, no campo educativo, na hora atual, do que a criação, manutenção e desenvolvimento de instituições como esta, no alto nível que elas merecem e precisam ser.

Vejam os frutos que já vamos colhendo. Para citar apenas dois exemplos, recordarei a vitória de um dos alunos desta Escola em competição honorríssima que o levou à Universidade de Cambridge, ou ainda outro, retido em Roma por Fermi, o detentor do prêmio Nobel de Física. Receberam, ainda, alunos e escolares desta casa, honrosas indicações para altos cargos do magistério superior. Outros encontraram largo campo de ação no ensino secundário. Bastam êstes exemplos.

Façamos, pois, tudo que preciso fôr pela grandeza e glória desta Faculdade e de outras similares que se fundaram no Brasil. Sou de parecer que numerosos benefícios colherá o nosso país, pela formação de boas elites.

Sem elas não poderemos, com eficiência, explorar, dirigir e fomentar nossas riquezas. Os Estados Unidos, com 130 milhões de habitantes, têm quase 400.000 universitários. Com os nossos 40 milhões estamos longe de alcançar os 30% que deveríamos ter para ficarmos no mesmo nível. A França, com quase a mesma população (42 milhões) tem 82.000 universitários. O Canadá, com 9 milhões, possui quase 35.000 e assim por diante.

*

Regime de tempo integral. Associação da pesquisa ao ensino.

E' hoje unânime a opinião sôbre a necessidade de associar a pesquisa ao ensino. Todos os que se têm dedicado ao estudo dos problemas de educação estão de acôrdo neste ponto. No grande inquérito promovido pela Carnegie Foundation, os numerosos educadores que ali fizeram o seu depoimento foram unânimes em apoiar êste princípio. O mesmo fato ocorreu no inquérito promovido pela Associação Brasileira de Educação.

Esta é uma idéia vencedora e já aplicada em tôdas as escolas de renome. Ocupa lugar de honra em quantos escritos ou dissertações se tenham feito, nos últimos tempos, sôbre questões de ensino.

Aliás, é hoje de regra avaliar-se o valor das instituições de ensino pela produção científica que elas oferecem cada ano.

O aluno num ambiente dêsse gênero se habitua a desenvolver as suas qualidades de iniciativa, deixando de ser um simples repetidor do que lê nos livros para se tornar uma personalidade capaz de julgamento próprio.

E' fora de dúvida que a investigação científica é necessária, principalmente nos países como o nosso, cujas condições são tão diversas daqueles de onde nos chegam os ensinamentos, não raro mal adaptáveis ao nosso meio.

Além dos motivos expostos, torna-se natural que tais investigações sejam realizadas nos institutos de ensino, pois precisando êstes ver bem aparelhados técnica e bibliograficamente, por exigência didática, darão um aproveitamento econômico máximo, se êste aparelhamento, que deve ser completo, for utilizado não só para o ensino, como para as pesquisas.

E' certo que nos departamentos de ensino tais pesquisas devem ser bem orientadas, pois têm a seu serviço o professor, cuja amplitude de conhecimentos é seguidamente revista pela necessidade de preparo das aulas, sujeitas como o são à crítica do aluno e de quem as assistir.

Ao aluno não deve ser proporcionado apenas o conhecimento da *ciência já feita*, da ciência que está no livro. Não há diretiva mais nociva para a educação do que o *ensino livresco*.

Não é indispensável que o estudante aprenda fazendo pesquisas. Poderá receber o ensinamento dos seus mestres, porém, de mestres que estejam em contacto direto com a ciência e não daqueles que só têm a a ajuda dos livros para retransmitir e às vêzes retransmitir mal quanto leram e releram. . . E, nesta última hipótese, temos ainda o caso tão conhecido do mestre que recorre aos livros que não estejam ou difíceilmente podem estar ao alcance do aluno. . .

E' claro que o professor não pode desenvolver pesquisas sôbre todos os capítulos da matéria que lhe é afeta. Basta, porém, que êle se dedique a um determinado ramo de investigação original para ter o espírito de crítica e poder, assim, dar as características capazes de imprimir cunho próprio ao seu ensinamento.

Por outro lado, o estudante freqüentando um ambiente onde se *faz ciência*, adquire interesse que não pode ter pelos cursos de *repetição*, pelos cursos *fonográficos*.

Aliás, freqüentando tais departamentos científicos, o estudante não só vai formando seu espírito dentro dêste modelo, como pode, também, em certos casos, ir resolvendo alguns problemas de sua iniciativa. Aprende mais um estudante na solução de uma questão que lhe seja proposta, ainda a mais simples, do que em uma série de aulas ministradas regularmente, porém, baseadas sômente na palavra. . .

O ideal seria que o próprio estudante tivesse a iniciativa do seu estudo, agindo por conta própria, sob o conselho e direção dos mes-

tres. Isto, porém, só é possível com um número muito limitado de estudantes.

E' uma grande perspectiva para o futuro.

Para o momento, porém, já é possível associar êstes três elementos indispensáveis para o ensino de boa qualidade: *regime de tempo integral, numero clausus, pesquisa.*

Ali cerçam-se as nossas considerações principalmente com os resultados que estão sendo alcançados entre nós, onde êste sistema foi posto em prática. Não são mais do que a confirmação do que se tem obtido em matéria de ensino em qualquer escola onde se tenha aliado ao ensino a prática da investigação científica.

O Professor Stephen P. Duggan, diretor do Instituto de Educação Internacional de Nova York, reputado uma das grandes autoridades em matéria de ensino, exteriorizou a sua valiosa opinião a êste respeito, quando convidado para se manifestar sobre a oportunidade da criação da Universidade de São Paulo. São as seguintes as palavras do ilustre educador:

“Nas antigas Faculdades em que já existiu a praxe de se dedicarem os professôres, ao mesmo tempo, ao magistério e ao exercício profissional, pode o sistema continuar, mas para as Faculdades novas, educação, filosofia e letras, seria de máxima vantagem exigir dos lentes o tempo integral.

Ademais, revela ponderar que a pesquisa científica é a principal característica das Universidades modernas e o espírito científico, isto é, a indagação completamente objetiva e livre de quaisquer considerações que não sejam a busca de verdade, só se criará pelo estudo e pela pesquisa da ciência pura. Abrange, portanto, o método de laboratório, nas ciências naturais e o método de seminário, nas ciências sociais.

O método das preleções não tem valor no domínio da ciência pura.”

Fortalecendo, ainda, êsse modo de ver, vêm as opiniões valiosas de educadores de renome mundial, tanto da Europa como da América.

Algumas podem ser citadas pelo conceito que merecem seus autores. O Professor Richard M. Perce, da Universidade de Pennsylvania, cujo modo de ver em assuntos didáticos é acatado com a maior consideração no mundo inteiro, conceituou nos seguintes termos a sua opinião em relação à pesquisa científica aliada ao ensino:

“O estudante que sabe estar trabalhando em um departamento em que se descortinam ativamente novos processos, se tentam a demonstração de verdades novas, sabe que sua instrução é apresentada em base idêntica e assim recebe o estímulo e a inspiração que asseguram a sua orientação profissionnal com melhor apreciação do método científico.

O estudante sem o método de investigação, pelo contrário, não tem outro incentivo que o da aquisição de um saber suficiente para a sua aprovação nos exames.”

Charles Minot, em suas apreciações, baseado numa longa vida de professorado ativo, diz:

“A consideração das nossas necessidades nos força a conclusão que as escolas médicas para serem proficuas não deveriam ser, mas precisam ser centros de pesquisa.”

Pela mesma forma se desenvolvem as apreciações dos grandes mestres, sempre unânimes na afirmativa de valor insofismável da pesquisa científica posta ao serviço do ensino.

Bem fundamentados os motivos que acima se acham expostos, êles se amparam igualmente no critério pelo qual se orientou o governo da União, na organização universitária brasileira e na reforma do ensino.

Na exposição de motivos apresentados ao chefe do governo por ocasião da assinatura da lei que rege a vida universitária do país, lê-se as seguintes palavras:

“Tôdas as cautelas foram tomadas para que o ensino seja ministrado pelos processos mais adequados e mais eficazes; banidas ou reduzidas ao mínimo as preleções e conferências, multiplicados os trabalhos práticos e as demonstrações e ilustrações, de maneira que o aluno aprende observando, fazendo e praticando.”

O espírito de reforma pode ser bem observado nas seguintes considerações da mesma exposição de motivos:

“ A presente reforma procurou subordinar-se ao conceito irrecusável de que no ensino das ciências de aplicação, qual a medicina, é indispensável a participação direta do aluno nos exercícios e trabalhos práticos e a instrução individual em fatos concretos.

O ensino coletivo, de natureza doutrinária, deverá apenas completar o ensino prático e mesmo cumprirá aproveitar todos os elementos de objetivação dos conhecimentos ministrados.

Laboratórios de experiências ou de pesquisas originais, enfermaria e dispensário dos hospitais, salas de autópsias, constituem o ambiente em que se há de exercer a atividade pessoal do aluno, em que se realizará a formação técnica e científica do médico, prático ou do pesquisador produtivo.”

O decreto federal 19.851, que estabelece os termos aos quais se devem subordinar os institutos de ensino, dispõe, no artigo 61:

“O professor catedrático é responsável pela eficiência do ensino da sua disciplina, cabendo-lhe ainda promover e estimular pesquisas que concorram para o progresso das ciências e para o desenvolvimento cultural da União.”

*

Regulamentação do tempo integral.

Tem-se perguntado, muitas vezes, quais devem ser as condições para regulamentação do tempo integral. Só há uma: a *perfeita adaptação do professor ao regime*. Não é apropriado o processo para qualquer professor, principalmente quando já habituado a outro sistema de vida. Nestes casos o resultado pode ser mau. Para aplicação integral de sua atividade é indispensável que o professor esteja, naturalmente, voltado, por vocação própria, para a ciência que cultiva. Não pode nem deve fazer outra coisa. Êste pendor supera as deficiências

financeiras. A não ser assim, só se conseguirá resultado *formando* o professor integral pelo recrutamento entre assistentes postos no regime, logo ao sair da escola, antes do tirocínio prático, em outro campo que, às vèzes pode invalidá-lo para a ciência pura. Nisto tudo se resume. Não é possível nem conveniente adotar um regime integral-horário.

Se há um horário fixado, parece lógico que fora dêsse período, o tempo é livre para qualquer outra aplicação. Ora, o regime integral quer localizar a atenção do professor unicamente na ciência que ensina. Não há, portanto, outro meio senão basear o sistema na ordem moral. Quem a êle se submete é porque tem amor à ciência que abraçou. O regime integral é vocacional. Não há quem seja capaz de determinar isto em lei. Por decreto não se fazem cientistas.

*

Fatôres essenciais do problema educacional.

Em última análise a solução do problema educacional não está nas reformas de ensino. A fórmula capaz de resolver a questão pode ser assim expressa: *professor-assistentes-estudantes-fontes bibliográficas-cooperação-centralização-instalações-aparelhamento-verbas adequadas.*

- I. Professor de alta qualidade, sob regime de tempo integral (quase sempre), exclusivamente dedicado à sua disciplina; capaz de instruir alunos, de criar escolas, de fazer investigação original, ministrar, enfim, ensino de primeira mão no preparo dos estudantes e na formação de discípulos, entre os seus assistentes.
- II. Assistentes, quase sempre em regime de tempo integral, em número amplo ou pelo menos suficiente para o ensino e, principalmente, para constituir o grupo de discípulos que propaguem e desenvolvam a obra do mestre. Constituem o celeiro onde podem ser recrutados os futuros professôres.
- III. Estudantes selecionados, limitados em número.
- IV. Instalações e aparelhamentos adequados a um alto grau de ensino.
- V. Fontes bibliográficas abundantes, visando principalmente jornais e revistas científicas, técnicas ou literárias.
- VI. Centralização e cooperação evitando a multiplicidade de serviços idênticos ou análogos.
- VII. Verbas adequadas ao conjunto.

VIII. Pequeno número de cadeiras ou departamentos para que êles possam ser bem providos.

IX. Cursos completos de cada disciplina lecionada no sentido de ser abrangida tôda a matéria, conduzidos, porém, em diretiva sintética, sem as explicações pormenorizadas e prolixas.

Se uma das rodas dêste mecanismo não funcionar ou funcionar mal, defeituosa será a sua produção. O sistema será ineficiente e anti-econômico pelo seu mau rendimento. E', pois, indispensável um ajustamento bem dosado dêstes fatôres.

Por isso deve ser bem proporcionado o número de cadeiras ou departamentos de cada escola a fim de que possam dispor de amplos meios de ação.

Por outro lado, para o aluno que não pode ser especialista em tôdas as matérias do curso é preferível um conhecimento geral e abrangente de cada uma delas.

Poucas cadeiras, bem aparelhadas, eis o programa.

*

A Faculdade Nacional de Filosofia.

Um grande acontecimento para a educação nacional acaba de ocorrer com o decreto-lei de 4 de abril do corrente ano, que organiza a Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil. Com esta realização, integra-se a Universidade federal na plenitude do sistema universitário onde a Faculdade de Filosofia é elemento nuclear, indispensável, essencial. Corrigiu-se, destarte, uma grande lacuna que apresentava, desde a sua criação, a Universidade mantida pela União, na Capital da República.

Não são, porém, sòmente êstes os benefícios trazidos pelo novo decreto. Há, em suas disposições, um certo número de medidas, de grande amplitude e que — fora da órbita daquela instituição federal — exercerá decisiva e notável influência sôbre todo o mecanismo educativo, nas suas diversas fases, superior, secundário e mesmo primário. Sob êste aspecto a nova lei representa um fato de maior relêvo do que o da fundação dos cursos jurídicos no Brasil. Sua influência não se limita a um só distrito educativo; estende-se a todos.

Efetivamente, a lei determina que

“a partir de 1.º de janeiro de 1943 será exigido, para o preenchimento de qualquer cargo ou função do magistério secundário ou normal o diploma de licenciado correspondente ao curso que ministre o ensino da disciplina a ser lecionada”.

Esta exigência não se restringe apenas aos estabelecimentos mantidos pelos poderes públicos. Alcança, também, as entidades parti-

culares. Assim, salvo o caso da inexistência de candidatos legalmente habilitados, de acôrdo com a nova lei, todo o magistério secundário e primário vai sofrer a influência das Faculdades de Filosofia. O decreto vai além. Permite que seja diminuído o prazo fixado (1943) para tais exigências e ainda estabelece, no parágrafo quatro, que até 1943,

“os diplomas de licenciados serão considerados o principal título de preferência para o provimento dos cargos e funções do magistério, com que se relacionarem.”

Com esta prática será resolvido o problema relativo ao principal fator entre os que constituem o complexo educativo, isto é, a seleção do professorado. E' certamente um método lento, cujos resultados só aparecerão daqui há alguns anos. E' o único, porém, que pode dar resultados seguros e reais.

Neste sentido, não me furto ao desêjo de reproduzir as seguintes palavras do Sr. Ministro da Educação, extraídas da sua exposição de motivos, apresentada ao Sr. Presidente da República. Referindo-se ao ensino secundário, diz o citado documento:

“Ótimo não é e não será sòm nte pelo efeito de reformas de leis e regulamentos, pela mudança dos programas, pela mais abundante e complexa montagem das instalações escolares. Tais coisas, certamente necessárias e valiosas, não resolverão jamais o penoso problema da educação secundária. Neste terreno, a renovação certa, útil e vital só poderá partir de uma base primeira, a saber, da preparação de um vasto corpo de professôres, cientes das disciplinas do currículo e mestres no ofício de ensinar. Sòmte depois da existência dêsses professôres, e mais, sòmte depois de ser vedado que outros professôres, os improvisados, os primários no saber e incautos na experiência, possam professar nas escolas secundárias, é que realmente o ensino das humanidades se desenvolverá com método e primor, com as excelentes qualidades, que deve possuir, para que propicie à juventude aquêle fundamento espiritual sólido e sério, que a torne apta de um modo geral para a vida, e, de modo especial, para o ingresso nas escolas superiores, destinadas à formação dos grupos culturais mais altos e aprimorados. Ora, é a tudo isto que vem atender o presente decreto-lei, submetido à consideração de V. Excia., o qual não apenas estrutura o vasto organismo da Faculdade Nacional de Filosofia, estabelecimento federal, padrão do ensino destinado à preparação do magistério secundário, mas ainda estabelece que, a partir do ano de 1943, não possa mais ser admittido, como professor do ensino secundário, candidato que não tenha passado por aquêle estabelecimento ou por outro congênere reconhecido. Esta obrigatoriedade do magistério adequadam nte diplomado representará o começo de uma nova éra na educação secundária de nosso país.”

Em sua parte final, êste memorial está assim redigido:

“Em último lugar, diremos que a Faculdade Nacional de Filosofia, cujos fundamentos ora se fixam, virá contribuir, de maneira mais decisiva, para aumentar e aprofundar a cultura nacional, no terreno filosófico, científico e literário. Somos, neste particular, um país de au'odidatas. Os nossos pesquisadores e escritores são, em geral, trabalhadores isolados, que formam a própria cultura com o mais angustioso esôrço, desprovido da assistência de mestres experimentados, da colaboração de colegas da mesma vocação e dos recursos técnicos impres-

cindíveis ao eficiente trabalho intelectual. Se grande número dêles consegue chegar às culminâncias, emparelhando-se às vêzes com os mais altos espíritos das outras nações, tal coisa só decorre das admiráveis qualidades inatas dos filhos dêste país. Estamos, porém, longe de ser uma grande nação produtora de cultura. A nossa produção filosófica e literária pode ser um motivo para a nossa ufania e vaidade, mas como me dizia há tempo o professor George Dumas, da Sorbonne, não corresponde aos dons prodigiosos com que a natureza dotou a nossa inteligência. A Faculdade Nacional de Filosofia, constituindo, dentro da Universidade do Brasil, um grande centro de estudos, processados com disciplina e vigor, em todos os domínios da cultura intelectual pura, há de ser, pelos tempos afora, a grande força de animação, de enriquecimento e de orientação de nossos trabalhadores intelectuais. E, desta forma, transcendendo aos estritos limites do ensino, entrará êle a influir, de modo mais amplo, no destino da cultura nacional.”

Por outro lado, é preciso acentuar que a recente organização — à qual se têm de ajustar as outras congêneres — não obstante ter ficado dentro de limites razoáveis, estabeleceu, entretanto, horizontes mais largos dos que os da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Paulo, nos seus primórdios e na sua fase atual.

As disciplinas específicas do curso de filosofia abrangem, agora, três cadeiras, regidas por três professôres quando temos em São Paulo só um. O curso de Matemática, começado aqui com um professor apenas e que agora possui dois, terá três na organização atual. No curso de Física, em que tínhamos só um professor, teremos dois. Química, onde tínhamos, de início, só um professor, passará a ter três. A Geografia, aqui concentrada em uma só cadeira, será subdividida em duas cátedras, uma de Geografia Física e outra de Geografia Humana. Muito me esforcei por esta dicotomia, quando diretor desta casa, pela convicção da diversidade entre os dois cursos, por exigir, cada um, mentalidade diferente, na sua orientação. O mesmo fato se observa no curso de História da Civilização, hoje subordinado a duas cadeiras, condição porque tanto nos empenhamos eu e meu antecessor, o Professor Almeida Prado.

Como elementos novos, surgem, ainda, a Antropologia, a Filologia Românica, a Literatura hispano-americana e anglo-americana, além de outros que compõem a secção de Pedagogia e de Didática. Pela nova organização, a Faculdade de São Paulo terá muito a ganhar. Mantendo a sua função de preparo para o magistério, conservará a sua organização de instituto de alta cultura. Não tínhamos no Brasil faculdades culturais ou de ciência pura. Agora, que elas se formaram e se vão alastrando, precisamos mantê-las em alto nível.

E assim, desta tribuna, com os meus calorosos aplausos pela nova fundação, eu trago a esta Faculdade os meus sentimentos de grande emoção e alegria por ver com esta iniciativa federal consolidada a vida desta grande instituição que é a Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo.

Licenciados de 1938.

Era meu desejo ler hoje um trabalho que para vós escrevi. E' um bosquejo da evolução educativa em nosso país. Em breves traços procurei marcar as fases características do quadro educativo, no desenrolar dos quatro primeiros séculos da história da nossa civilização. Cingi-me ao campo da educação superior. Não entrei no exame das reformas. Descreio delas desde que não atinjam à essência do problema, isto é, da melhoria do professorado, dos métodos de educação, de instalações apropriadas, de dotações convenientes, tudo estabelecido em um equilíbrio harmonioso destes fatores. Limitei-me, pois, a uma sùmula dos fatos principais que têm influido ou promovido a nossa evolução educativa nestes quatro séculos de vida da nação brasileira.

A tribuna da Faculdade de Filosofia é preciosa para assuntos desta natureza. Não poderia, pois, perder tão feliz oportunidade para tratar de um assunto cujo histórico tem sido tão pouco cuidado entre nós.

E' até estranhável que excelentes compêndios sôbre a História da Civilização Brasileira aflorem, neste capítulo, apenas os aspectos literários. Não cogitam de entrosar na sua sistematização histórica, a influência das grandes fundações educativas e científicas que tem formado, pelo menos na sua maior parte, a estrutura do nosso desenvolvimento moral, intelectual e material a partir dos primórdios do século XIX. E' singular que quase sempre nem menção é feita de tais instituições não obstante a sua participação incontestável e considerável na trajetória da civilização nacional. Neste particular restringem-se quando muito à ação jesuítica. A cronologia episódica e individual tem de se combinar com os fatores ambientes que permitem o desempenho da ação.

Não pode, pois, ser omitida a função preponderante das grandes fundações educativas e científicas. Formam elas a base de tôda a evolução da nacionalidade. Desde a primitiva escola do jesuíta até às organizações superiores, o contingente é assaz vultoso para ser descurado na análise histórica. Na Bahia foi certamente muito menor a influência das academias literárias de 1724 e 1759, descontínuas e de pouca duração, do que a exercida pelo antigo Colégio dos Jesuítas e pela Academia Médico-Cirúrgica, hoje Faculdade de Medicina. Não foi menor no Rio de Janeiro a ação da escola médica e da academia militar, hoje Escola de Engenharia, forjada, então, nos moldes de uma escola de ciências. Na mesma época, concorreram como fortes esteios da civilização que começava, a Escola de Belas Artes, o Museu Nacional, o Jardim Botânico, a Biblioteca, a Imprensa Régia. Que vastos focos de irradiação foram as Faculdades de Direito de São Paulo e do Recife! Isto na primeira metade do século XIX. Depois foi maior a contribuição destes centros pela sua ampliação e multiplicidade.

Eis porque vos preparei o trabalho a que aludi.

A pragmática dos cerimoniais como os de hoje, não me permitiria, entretanto, exceder os limites do tempo de que já vos tenho abusado,

em demasia. Dedicar-vos-ei, entretanto, êste estudo entregue ao vosso exame, vossa meditação e vossa crítica. Se alguma coisa vos merecer êste esforço dai o vosso auxílio, precioso, desinteressado e pertinaz pela causa universitária brasileira.

Traçando êste apanhado histórico, em visão caleidoscópica, em uma tentativa de apreciação crítica, eu tive os olhos postos nos meus parainfados de hoje. Sois os mais jovens dos universitários do Brasil. Novos pela idade, pela data de fundação da vossa escola e ainda por serdes discípulos da primeira instituição de filosofia, ciências e letras, no ensino oficial do país. Por vosso intermédio pretendo ser ouvido por tôda a mocidade universitária do Brasil que é uma só família. Com êste exame retrospectivo pretendi dar uma idéia do que já fizemos e do que nos falta fazer pela educação superior no Brasil. Tereis, assim, melhores elementos para trabalhar pelo desenvolvimento da vida universitária brasileira. Se esta obra de todos os brasileiros precisa, melhores serviços espera dos que neste meio têm convivido. Não podemos esperar tudo sòmente dos governos.

DISCURSO DO PROFESSOR AFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY, PARANINHO DA TURMA DE 1939.

A honra que me fizestes escolhendo-me paraninho de vossa turma é o reflexo de velha cordialidade para com o professor que, embora em caráter interino, e durante três anos, se desempenhou do curso de História da Civilização Brasileira na vossa, na nossa tão recente ainda, e já tão prestigiosa Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. E' ela que a vossa presença traz, e à desta assembléia brilhante, alguém cujos dotes tribunícios são da mais positiva deficiência.

Bem o sabeis por larga experiência própria e insististes numa es-côlha generosa e mal inspirada. Razão de sobra para que me confesse duplamente grato ante tão grande benevolência e tão delicadamente expressa.

Para todos nós lentos passam os anos da infância e da adolescência. Escoam-se depois rápida e mais rapidamente. Mas nunca tão aceleradamente como êsses que ocorrem depois de atingida a fase de que tão longe ainda vos achais, a quarta década da existência, para depois chegar a vertiginosa sucessão dos milésimos do ocaso, consoante o pro-lóquio consubstanciador da sabedoria popular em seu critério exato.

Parece-me que ainda ontem estavam vários de vós em meus auditérios, atenciosos e atentos. E no entanto já decorreu assaz largo lapso. O fato de não haverdes olvidado o vosso expositor prova-me quanto a vossa memória de moços ainda não se habituou à velocidade das impressões sucessivas deixadas pelo desenrolar dos dias para o esbatimento das recordações dos homens e dos fatos.

O gênero de saudação a que esta cerimônia obriga é dos que constituem dos mais escorregadios terrenos da oratória.

Escorregadio e inseguro pela necessidade de fugir o orador às frases feitas, aos conceitos já mil e uma vêzes repetidos, anual, decenal, secularmente, desde que a instituição de festas como a nossa provocou a obrigatoriedade de um tipo de discurso, de que muito se espera como fundo e como forma.

Cada vez mais se torna difícil dizer algo de original, por pouco que seja, em matéria de saudação de despedida a graduandos.

As tribunas de nossas numerosas faculdades e escolas superiores, ginásios, liceus e institutos ocuparam, em condições idênticas a esta que nos congrega, quase todos os grandes valores da intelectualidade brasileira de já longínquos milésimos aos nossos dias.

Muitas das peças proferidas trazem a declaração da mais ilustre autoria e algumas se acham incorporadas ao acervo antológico de nossa melhor produção literária.

Eis, pois, a que me levou a vossa benevolência, fazendo subir a esta tribuna quem de sua cátedra apenas trouxe o *unius liber* do programa de seu curso. E passou a vida alheio às competições oratórias pelo fato de (pelo menos em certo setor de sua formação mental) poder gabar-se de praticar o *nosce te ipsum*.

No Brasil, país de novas realizações, há, porém, alguma coisa de objetivo a recordar, tratando-se de uma instituição de ontem como esta nossa Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Só o fato de sua existência e a de sua congênere fluminense é flagrante demonstração do progresso cultural cada vez mais especializado que, também cada vez mais, se acentua em nossa terra e do modo mais veemente.

As velhas faculdades superiores que vieram da colônia, as academias militares de guerra e de marinha, as escolas de medicina e a de belas artes, tôdas ainda de fundação joanina, desdobraram-se na época imperial como se deu com as faculdade médicas, a separação do ensino da engenharia militar do da civil, a fundação dos cursos jurídicos de São Paulo e de Olinda, da Escola de Minas de Ouro Preto.

Veio a República encontrar um aparelhamento de ensino superior constante de um número de órgãos já assaz vultoso e subdividido em diversas especializações. Não poderia por menos ser, dado o imenso progresso de tôdas as ciências no século XIX, que estava a fenecer.

Não havia, porém, em 1889, uma coordenação de institutos sob o regime universitário por tôda a parte vigente, no mundo civilizado ocidental, circunstância que no Exterior causava viva e geral estranheza.

Não que se não houvesse ainda cogitado, no Brasil de semelhante instituição. Com a vinda da Côrte, em 1808, pensou-se, mas muito vagamente, na fundação de uma Universidade no Brasil, afirmam diversos dos nossos ensaistas.

Mas Primitivo Moacyr, o grande especialista da História da Instrução Pública no Brasil, em seus estudos tão probos quanto lúcidos e após a mais acurada pesquisa, insofismavelmente demonstrou que dos boatos recolhidos a tal propósito por alguns escritores, acêrca da intenção régia relativa à fundação brasileira de uma Universidade não subsiste o menor traço na legislação, nem sombra de ato governamental.

E categòricamente conclui: “Até prova em contrário, a Universidade de D. João VI ficará na lenda, até que o desamor às investigações históricas seja substituído por hábito de probidade intelectual”.

Nos fastos americanos já séculos havia no entanto que ao Brasil se podia apontar o exemplo do Perú e do México, do Prata e da Nova Inglaterra.

Acompanhemos, porém, ainda ao guia seguro que é Primitivo Moacyr e rapidamente bosquejemos o que se passou com os projetos de instituição universitária.

Nas instruções dadas por José Bonifácio aos deputados de São Paulo às Côrtes de Lisboa, em destaque figurava a recomendação de que deviam, com afincio, pleitear a criação de Universidades no Brasil.

Com a Independência, voltou a preocupar o espírito dos construtores da nova nação a idéia da fundação de pelo menos uma Universidade.

Reunida a Constituinte em 1823 surgiu na tela dos debates, provocando largas discussões, um projeto mandando criar duas dessas organizações, debates em que se salientaram Martim Francisco, o futuro Marquês de Baependi, o Padre Belchior Pinheiro, Veloso de Oliveira.

Mas tudo se malogrou com a dissolução da Assembléia.

Ao se instaurar o regime constitucional voltou o projeto à baila das preocupações legislativas em 1826 aventado por Lúcio Soares de Gouveia, mas sem consequência alguma.

Durante as Regências a êle se referiram vários ministros da pasta do Império em seus relatórios anuais.

Resultou em 1843 servindo de assunto a um estudo do Conselho de Estado e a novo projeto, o de Manoel do Nascimento Castro e Silva, o notável ministro da Fazenda de Feijó. Mas ambas estas tentativas encontraram positivo tropêço no descaso do Senado. Foi o que também sucedeu com o Visconde de Goiana em 1847.

Decorrido mais de um vintênio, em 1869, retomou-o Paulino José Soares de Souza mas não logrou melhor êxito como se daria com o Barão Homem de Melo em 1881 e a campanha do Conselheiro Antônio Joaquim Ribas em 1882, no Congresso de Instrução no Rio de Janeiro.

Mas vivia sempre latente esta idéia da criação da Universidade Brasileira e torna-se realmente inexplicável que tão pouco por ela se interessasse um chefe de estado apaixonado da cultura como era Pedro II. Fato sobremodo curioso: ainda em sua última Fala do Trono a ela se referiu.

Ao tratar das exigências do desenvolvimento da instrução pública no país, declarou entre elas “sobressair a criação de escolas técnicas adaptadas às condições e conveniências locais e a de duas Universidades, uma ao Sul e outra ao Norte do Império como centro de organismo científico e proveitosa emulação donde partiria o impulso vigoroso e harmônico de que tanto carecia o ensino”.

Curioso é que o imperador magnânimo aí advogava a fundação de institutos do gênero do nosso. Falava em instituir “faculdades de ciências e letras vinculadas ao sistema universitário, assentando tudo livre e firmemente na instrução primária e secundária”.

Na sua *Fé de Ofício de Imperador do Brasil*, nobilíssimo documento datado do exílio, de Cannes e de 23 de abril de 1891, ainda se referiu aos projetos de fundação universitária a que incompreensivelmente jamais dera andamento: “Pensei também no estabelecimento de duas Universidades, uma no Norte e outra no Sul, com as faculdades e institutos necessários e portanto apropriados às diferentes regiões, sendo o provimento das cadeiras por meio de concurso”.

Não há o que explique esta inércia por parte de quem tanto prezava a cultura, como o grande Príncipe americano...

Prosseguiria ainda durante decênios este estado de coisas, esta anomalia brasileira, que entre os povos cultos suscitava gerais reparos.

Desde os primeiros dias da República agitou-se novamente a idéia da fundação da Universidade do Brasil.

Encarregou Benjamin Constant ao Conselheiro Leôncio de Carvalho da confecção dos estatutos da fundação em vista, mas a rápida passagem pelo Governo não lhe permitiu que se objetivasse o que quer que fôsse.

Decorreram muitos anos antes que se voltasse a cuidar do caso, como se deu em 1904 com a incumbência atribuída pelo Dr. J. J. Seabra, ministro do Presidente Rodrigues Alves ao Dr. Azevedo Sodré, de que resultou a redação do projeto a executar-se logo.

Nada se fêz, porém, ocorrendo com o perpassar dos anos a apresentação de novos programas devidos a Gastão da Cunha e Rodrigues Lima.

A reforma da instrução pública, em 1915, decretada na presidência Wenceslau Braz, sob a inspiração do Ministro Carlos Maximiliano, previa a criação da Universidade do Brasil que só foi levada a efeito em 1924, sob a presidência Epi-tácio Pessoa.

Mas esta criação nada mais era do que um esboço de regime universitário.

Sob a presidência Getúlio Vargas, em 1932, caberia ao ministro da Educação Dr. Francisco Campos o grande mérito de dar ao nosso ensino superior a organização ora vigente, sob um estatuto que, sem favor algum, é obra obediente a tão sólido critério quanto elevado conhecimento das condições universitárias universais.

Em virtude desta lei básica da Universidade Brasileira, fundou-se a de São Paulo e com ela a nossa Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

A imperiosidade da diferenciação imposta pelo desenvolvimento da cultura moderna, dominadora de tôdas as grandes organizações do ensino universitário mundial, não podia, pois, deixar de, em nossos dias, ter repercussão brasileira. E uma de suas mais elevadas modalidades se consubstancia exatamente nos moldes de um instituto como este, de que sois os mais recentes graduados.

Assim, o decreto que, há exatamente seis anos, criando a Universidade de São Paulo ao mesmo tempo instituiu a nossa Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, como parte integrante da mesma, com as suas três secções e sub-secções veio corresponder a essa incoercível instigação.

Não era possível, de início, certamente, estabelecer cursos minudentemente especializados como os que constituem os elencos da atividade anual dos aparelhos universitários seculares europeus e notadamente americanos.

Impunham as circunstâncias que os nossos programas abrangessem, sobretudo, as linhas mestras das grandes disciplinas, coordenadas num.

curso de aperfeiçoamento cultural. E êste resultado foi plenamente satisfeito na escôlha e distribuição das 39 cátedras criadas.

Os resultados obtidos nos seis anos de existência da Faculdade foram os mais auspiciosos, preparando-se ambiente tal que, em futuro não remoto, poderemos verificar uma especialização nos moldes ou pelo menos próximo daquele que hoje constitui o padrão e o renome das grandes e velhas instituições congêneres da civilização ocidental.

Não nos era possível encetar tão elevado tentame sem o concurso de representantes da tradição e da consuetude universal, provindos dessa formação e dessa experiência já sedimentada, desde largo lapso de anos e característica das faculdades paradigmas.

Daí o recurso à assistência de representantes do ambiente ultramarino e depositários dos cânones dos colégios plurisseculares evoluídos para as faculdades contemporâneas. Obteve-se êste escopo delicado, e de capital importância, mercê da escôlha excelente de Theodoro Ramos, êsse núcleo sólido dos primeiros professôres contratados no exterior: franceses, italianos, alemães, em que nos vieram várias figuras de alto relêvo.

Ainda não oferecia o nosso meio a disponibilidade da obtenção de docentes versados em diversas das especializações inscritas nos programas da novel fundação. Mas ainda assim, os nossos elementos nacionais concorreram com fração não despicienda de nomes vantajosamente conhecidos pelo prestígio de sua bibliografia e didaticidade.

Vários dêses primeiros professôres alienígenas pouco entre nós permaneceram, pois exíguos eram os prazos da concessão de afastamento obtida de seus governos. Presos se achavam êstes pioneiros do ensino superior pelas obrigações que em suas pátrias haviam deixado, para prestar à nossa Faculdade o concurso da inteligência, preparo e boa vontade.

Assim, de 1935 a 1939, numerosas foram as substituições ocorridas no conjunto da congregação provisória. Partiram definitivamente muitos dêstes mestres, deixando-nos a saudade de suas belas aulas, do vivo interêsse pelo aperfeiçoamento dos cursos e camaradagem cordial com os discípulos.

A um dos mais eminentes dêstes mestres estrangeiros a morte súbitamente arrebatou quando, e com o maior fervor, continuava, ao lado dos trabalhos da cátedra, a série das notáveis pesquisas para a melhor descrição da nossa fauna. Outros contingentes de cientistas e humanistas, filósofos e versadores da ciência sociológica vieram substituir êses mestres da primeira leva. E a Faculdade continuou honrada com o acolhimento de vários homens de reputação dilatada, ao mesmo tempo que aumentava a valia de seu contingente brasileiro, salvo quanto a um de seus novos convocados.

Encetaram-se, em 1937, os concursos para o provimento de titulares e livres-docentes de diversas cátedras, com os resultados brilhantes que estão na memória de todos.

Agora se encerra o nosso sexto ano escolar, verificando-se aproveitamento didático cada vez mais extenso, sob profundidade a cada passo crescente.

No primeiro quinquênio letivo, vemos a contraposição dos 17 candidatos à matrícula de 1934 aos 189 de 1938 e aos 300 de 1939.

E, no entanto, o nível das exigências para a admissão sempre e largamente se alteou, como era aliás natural e por tôda a parte sucede.

Aos primeiros ensaios de abertura de cursos não podia deixar de acompanhar certa indulgência naturalíssima por se tratar de ensaio, jamais entre nós esboçado.

Ocorreu depois, certa depressão no conjunto das matrículas, devida à incerteza reinante por algum tempo, quanto ao direito de inscrição a ser assegurado aos diplomados de nossas escolas normais.

Resolvido o caso pelo Conselho Nacional de Educação, notou-se o mais auspicioso resultado: a elevada afluência de candidatos à matrícula na Faculdade, fator tanto mais frisante quanto por determinação superior fôra suspenso o direito de inscrição direta aos portadores de diplomas de cursos superiores.

Desembaraçado de tropeços, entrou a Faculdade, cheia de vitalidade, a perلustrar a via da consolidação definitiva.

Suas atividades, desde os primeiros dias aliás, produziram grandes e profícuos resultados.

Já em 1934 encetava-se esta série tão bem pensada de cursos públicos, cuja influência foi das mais úteis e prestigiosas.

Temos todos bem presente o apressuramento em que os auditórios se enchem de culta assistência, impaciente pela palavra dos conferencistas.

Os recém-chegados professôres e seus colegas brasileiros expondo as generalidades das suas matérias, a posição moderna das disciplinas, as aquisições mais recentes a elas relativas, ou fazendo a exposição de parágrafos salientes de seus programas, vieram trazer aos ouvintes muita novidade de grande relêvo, apresentar uma *mise au point* de maior utilidade e curiosidade.

Paralelamente também dirigiram a palavra aos auditórios convidados ilustres da Faculdade, como, entre outros, Mendes Corrêa e Luc Durtain, cujos nomes agora me ocorrem.

Daí em diante, prosseguiu e sempre com o melhor êxito a lavragem dêsse campo tão particularmente adequâdo como cenário das demonstrações do espírito que preside às instituições do feitio da nossa.

A essas sessões, ora singulares, ora em pequenas séries de duas ou três palestras, sôbre os mais variados assuntos, em todos os setores dos cursos da Faculdade correspondeu a elucidação de pontos de vista originais, e freqüentemente a tentativa da aproximação inesperada entre fatos antigos e casos modernos, confronto entre problemas estrangeiros e ocorrências brasileiras.

Alargou-se o quadro das sessões públicas; começou o ciclo dos pequenos cursos tão ao sabor do espírito contemporâneo. Ainda recente-

mente se revestiu do maior êxito a série de conferências magníficas que com tamanho brilho e segurança do assunto nos deu Antônio Piccarolo a propósito do bimilenário de Augusto, e a demonstrar, mais uma vez, a enorme erudição que é a sua.

Instituto que não colabore no movimento de bibliografia universal não merece figurar no rol dos estabelecimentos culturais. A nossa Faculdade, desde os primeiros dias de vida, compreendeu êste imperativo cada vez mais exigente.

Solicitou, a princípio, dos docentes, novas provas da sua capacidade, da razão de ser de sua formação e do emprêgo de sua existência. Estendeu depois tal exigência aos seus discentes graduados. E a seguir êste caminho já a sua contribuição conquistou os foros de merecido aprêço não só nacional como extra-brasileiro. Aí estão a documentar a minha asserção os reclamos insistentes da permuta de suas publicações pelas dos institutos dela congêneres, reclamos diàriamente avolumados e partindo dos quatro pontos cardiais.

Auspiciosa a carreira dos nossos boletins de biologia, zoologia e botânica, física e mineralogia, letras, história, etnografia e lingüística brasileira.

Preparam novas contribuições os diversos departamentos da Faculdade.

Catedráticos e assistentes, em larga emulação, avolumam êste acervo que já assumiu, na nossa bibliografia nacional, excelente destaque.

Ao lado dos *Boletins* figuram os *Anuários* que tanto espelham a vida da Faculdade.

Encetou-se sua publicação do modo mais promissor e tem mantido o mesmo e elevado nível.

Dezenas de artigos, maiores e menores, enchem o vultoso número de suas páginas com a colaboração dos professôres e seus auxiliares.

São volumes cheios de valiosas contribuições para quem se queira pôr ao par do estado atual dos conhecimentos das disciplinas professadas na Faculdade, das diretrizes do ensino contemporâneo, da orientação dos estudos e da transformação dos métodos científicos, os rumos das correntes de pensamento de nosso século, as sugestões sôbre a diferenciação e a autonomia das ciências, a delimitação dos seus campos em relação a outras afins, as conquistas da filosofia e da história, da economia, da estatística, do grupo cada vez maior das disciplinas sociológicas. Temas tratados à luz do critério moderno e com o maior empenho, por parte da unanimidade dêstes colaboradores, em informar aos seus leitores e do modo mais esclarecido, o que vem a ser a situação atual de suas respectivas cátedras.

A abertura de nossos cursos veio ao mesmo tempo trazer ao tablado dos estudos em São Paulo a ventilação de grande número de assuntos jamais aqui tratados.

Distribuiram os novos docentes, a seus discípulos, uma série de teses a esclarecer, que os levou à consulta de fontes até então de longe em longe procuradas por um ou outro especialista ou amator.

Assim, penso que pela primeira vez ocorreu verem-se estudantes abeberar-se ao farto manancial do Arquivo do nosso Estado, em busca de dados históricos, geográficos, demográficos, econômicos.

Pelo menos, assim se deu no Museu Paulista, cujo acervo, ainda em formação, de velhos livros, mapas, documentos, etc., se viu avidamente devassado por numerosos rapazes e moças, inteligentes e desejosos de desempenhar, elevadamente, incumbências recebidas de seus mestres.

Tive, então, o ensejo (isto nos primeiros tempos, convém frisá-lo) de verificar quanto vários dos professôres recém-chegados estavam sobremodo distantes das nossas realidades, julgando, por exemplo, que os nossos depósitos arquivais dispusessem de elementos que não poderiam possuir.

Êste nosso Brasil de ontem, imenso e despovoado, não pode comportar o que nas terras velhas existe já por muitos séculos a dentro, graças ao cuidado do recolhimento das peças documentais e à organização dos inventários que lhes dizem respeito.

Assim, me lembro de certa vez em que inteligente aluna a mim se dirigiu, por não saber como e onde encontrar dados sôbre o movimento da navegação nos portos paulistas, sob o govêrno de certo capitão-general setecentista de princípios do século, tema que lhe fôra distribuído.

Desanimada com o resultado das pesquisas iniciadas recorria agora ao acervo do Museu.

Fiz-lhe ver que o seu recém-chegado professor não se achava de todo ao par do que eram os nossos depósitos arquivais e de quanto se mostravam falhas as nossas velhas estatísticas. Em princípio do século XVIII, eram por assim dizer inexistentes.

Lembrei-me depois com pequena malignidade, que quase seria o caso de, por analogia, pedir ela ao distribuidor da tese informações sôbre a tonelagem dos navios em demanda do pôrto de Marselha, lá pelos anos em que, após a cena famosa da entrega da taça feita pela bela Gyptis ao eleito do seu coração, ao audaz navegante Euxenes, se fundara a colônia focense de Marsália, célula-mater da magnífica cidade francesa, marítima, mediterrânea e porta do Oriente.

Eram inevitáveis êstes pequenos enganos iniciais, por parte de mestres que, embora sobremodo cultos, não tinham a menor obrigação de conhecer, logo à primeira vista, a realidade dos problemas brasileiros. Agiam sob o reflexo da sua mentalidade e da experiência de suas velhas terras européias e o hábito de operarem em ambiente de organização longamente sedimentada.

Esperavam aqui encontrar muito mais facilidades do que as realmente existentes. Não podiam ter ainda a percepção nítida de que no Brasil, imenso e deserto, os princípios da centúria setecentista assumem os aspectos das éras medievais das cruzadas, e que o nosso quinhentismo não pode ter documentação muito mais abundante do que a dos séculos de ferro do Velho Mundo.

Ainda é imenso o que se conseguiu preservar de fontes históricas, num país colossal onde esparsas viviam algumas dezenas de milheiros de homens civilizados, sob um clima onde viceja uma fauna entomológica sobremodo hostil aos acervos livrescos e documentais, país ainda por cima diversas vêzes assolado pela devastação impiedosa das invasões estrangeiras.

Mas a não ser um ou outro dêses mal-entendidos pitorescos, e de fácil concêrto, a atuação dos mestres ultramarinos, trazendo-nos o frescor de seus métodos modernos, foi a mais proveitosa.

Em muitas disciplinas, aos nossos estudantes abriram largos e modernos setores de conhecimentos e processos de investigação. Ensina-ram-nos a penetrar numa série de novas vias, infundindo-lhes o gôsto por iniciativas que estão produzindo resultados ótimos.

Além do programa de extensão universitária, que se mostrou efficientíssimo, resultou, das atividades dos diversos departamentos da Faculdade, notável aproveitamento.

À excelente idéia da fundação dos seminários, tão caracteristicamente universitária, corresponderam magnífica movimentação e proveitosos frutos.

Nos seminários, matemático e físico, com sessões públicas e privadas, vieram à tela dos debates numerosos casos sôbre os estudos próprios dos debatedores, ou dos pesquisadores nacionais e estrangeiros. E por vêzes viram-se estas sessões honradas com a presença de verdadeiras sumidades da ciência universal e de passagem por São Paulo, como, para citar um só exemplo, se deu como o ilustre Levi Civita.

Encetou-se a publicação dos boletins, órgãos dos novos centros, como o *Jornal de Matemática pura e aplicada*. Não menos dignos de aplausos os frutos colhidos nos cursos de ciências naturais, física e química.

E as pesquisas realizadas em laboratórios, constantemente melhor aparelhados, permitiram que os resultados obtidos fôssem divulgados, e sob o aplauso de numerosos órgãos científicos brasileiros e estrangeiros.

Na sub-seção das ciências naturais o mesmo espírito de ansiosa investigação promoveu o aparecimento de monografias sôbre os mine-rais, a flora e a fauna brasileiras, a geologia e a paleontologia documentadas em publicações já encetadas.

Amiudadas excursões, por vêzes dilatadas e penosas, efetuavam-se em condições de desconforto e até de sacrifícios como sói acontecer em várias de nossas regiões tão pouco densamente habitadas ainda.

As pesquisas de biologia geral afinaram-se por êste mesmo espírito de proficiência e entusiasmo.

Notável vulto tomaram os estudos de geografia física e humana. O eminente Emmanuel de Martonne, em missão especial do govêrno do Estado, a êles se associou, trazendo o concurso dos admiráveis conhecimentos e larga experiência, num semestre de fecundas realizações.

Multiplicaram-se as excursões tão proveitosas a docentes e discentes para o avanço da ciência em geral, em numerosas irradiações,

em todos os quadrantes, para o melhor conhecimento desta nossa terra de Santa Cruz, ainda tão pouco sabida e onde há imensos campos virgens a explorar pelos especialistas que estudam o solo e seus acidentes, e a gente que sobre êle vive. Isto sem contar estas áreas enormes onde tanta coisa insuspeitada ainda há a devassar.

A mesma orientação se verificou nos cursos de lingüística e etnografia brasileiras, a que veio servir de ótimo complemento um Museu, cuja valia cresce diàriamente e já é preciosa.

Mantiveram-se os cursos de história no alto nível dos demais secções, procurando sobretudo explorar os fenômenos sociológicos dos fastos universais e brasileiros. E não menor brilho coube aos de ciências sociais e políticas, filosofia, letras clássicas, português e línguas estrangeiras.

A instigação dos mestres se viu imediatamente correspondida pelo entusiasmo dos alunos. Formou-se desde os primeiros dias da Faculdade um núcleo de rapazes e moças empolgados pelo programa de seus cursos e de tal modo a êle dedicados que dentro em breve se constituiu em indispensável auxiliar da tarefa dos docentes.

Seu aproveitamento, como professores substitutos e assistentes não só foi ato da mais elementar justiça como da melhor inspiração.

A êste grupo coube a primeira transmissão do facho simbólico da persistência da Faculdade, através dos anos prósperos que se lhe antolham.

Sua curta existência representa uma série de brilhantes conquistas.

Servida pela competência e a dedicação de diretores como Almeida Prado, Souza Campos, Alexandre Corrêa, Alfredo Ellis Júnior não podia e não pode deixar de progredir em acelerado ritmo.

Nos seus ainda resumidos fastos já se incluem muitas realizações profícuas e valiosas aquisições vultosas.

Faltava-lhe sede condigna. E agora vai tê-la.

Sentencia velhíssimo adágio francês: *Quand la batisse va tout va.*

O Sr. Dr. Ademar de Barros que, desde os primeiros dias de governo, se revelou tão incansável quanto bem inspirado *batisseur*, resolveu colocar a nossa Faculdade em acomodações dela dignas pela amplidão e a justa compreensão das necessidades e exigências modernas da Ciência e do Ensino.

E' o projeto do nosso novo edifício simplesmente esplêndido e, como todos sabemos, já se encetaram as obras que a êle se subordinam.

Assim talvez possamos dentro em breve prazo celebrar a instalação do nosso Instituto em seu palácio magnífico como dimensões e acabamento.

Mas é bem possível que, dentro em breve, apenas terminado, com êle ocorra o que se dá com a metrópole para cujo relêvo tanto contribuirá, esta cidade que em meio século passou de sessenta mil a um milhão e duzentas mil almas. E assim se apresente insuficiente ante as necessidades dos seus gabinetes, laboratórios, museus, bibliotecas, o desdobramento das cátedras e o número dos discentes.

E' uma circunstância ponderável, previsível ante o ritmo do progresso de São Paulo.

Inclui-se ela nos vctos calorosos que formulo, pois, se assim succeder, terão a nossa civilização e a nossa cultura novo e soberbo expoente a apresentar, de grande passo à frente.

Imenso tem progredido a cultura brasileira nos últimos decênios. Quem o ignora? Quem terá podido conservar-se alheio a um das mais clamorosas demonstrações da evidência, como êste índice eloqüente do avolumamento extraordinário de nossa produção intelectual, sobretudo de 1925 para cá, crescendo geomêtricamente de ano para ano?

Se é verdade que neste último meio século a população do país triplicou, a sua produção livresca centuplicou. E, sobretudo, tomou um significado brasileiro que até então fôra apagado, muito apagado.

Em princípios de nossa centúria escreveu Coelho Neto engracada *charge* que não deixa, apesar da exageração, de encerrar certa lição. Dizia o ilustre romancista que dos vinte e cinco milhões de patricios, seus contemporâneos, um por cento apenas constituia o público letrado.

Dêstes duzentos e cinqüenta mil leitores, duzentos mil percorriam um livro de longe em longe. Cifravam-se ao consumo dos órgãos da imprensa diária e, quando muito, das revistas ilustradas vulgares. Assim, restavam cinqüenta mil para um escol que constituia o grande estado maior da legião ledora. Mas, infelizmente, dessa massa selecionada, nove décimos votavam verdadeiro horror a tudo quanto fôsse escrito em português. Só queriam saber de livros franceses ou, no máximo, de livros traduzidos para o francês. Estariam prontos a ler o nosso sempre atual *Guarani* e a linda *Iracema*, se acaso lhes fôsem apresentados revestidos de figurinos parisienses, menos rescendentes a índio, como, por exemplo, no *Les fils du soleil* de uma tradução do *Guarani* de não sei quem, e em *La Vierge des Palmeiraies* de outro de *Iracema*, também de não sei quem.

Assim, restavam cinco mil possivelmente interessados pelas coisas brasileiras. Mas, ai de nós! Ainda havia nova redução a fazer-se! Desta pequenina falange, era preciso operar-se a subtração de duas importantes parcelas. A quatro quintos dêste público quintessenciado só interessavam duas correntes de espírito: as que se norteavam pelos ensinamentos de Augusto Comte e Allan Kardec. Assim, reduzido o público leitor à sua expressão mais simples, ficava confinado a um milheiro de pessoas — verdade é que apaixonadas da produção nacional.

Como boa *charge* que é, a resenha de Coelho Neto mostra-se exagerada para fins de se tornar espirituosa e impressionadora. Mas nela reside uma tal ou qual aproximação de uma realidade acêrca da qual também posso depor pelo fato de haver sido o revisor de numerosas edições da obra de meu Pai.

Assim, *Inocência*, publicada em 1872, teve o primeiro milheiro esgotado em doze anos e o segundo, em onze. Muitos parabens recebeu o autor ao se reeditar o romance em 1884. Em 1896, subia a dois mil o número de volumes da novela sertaneja. Nove mil eram de 1910, para

chegar o seu total a sessenta e seis mil em 1939. As mesmas proporções acompanham as tiragens da *Retirada da Laguna*.

De 1925 em diante verifica-se um surto absolutamente notável de renovação livresca e florescência cultural.

Começou, como era de esperar, por atingir as produções da literatura de ficção.

A todos nós bem presente está o que se passou com os livros avidamente procurados dêsse jovem romancista tão cheio de talento e coração, franzino de corpo e robusto de estoicismo católico, cujo desaparecimento, tanto nos enlutou, deixando-nos inapagável saudade. Era a sua poesia grácil, delicada, amável, como o feitio de sua alma mimosíssima. E, no entanto, ao mesmo tempo, com rara e sutil arte sabia fazer falar os homens de ferro, os rudes calções de couro da descoberta e do desbravamento. Após os triunfos de livraria de Paulo Setúbal, vieram os de outros romancistas, cujos nomes imediatamente nos acodem à memória. Mas não falemos de vivos.

Começam as coisas do Brasil a encontrar público e público notavelmente avultado. Os que conhecem as particularidades de nosso mercado de livros sabem como as velhas obras de nossa bibliografia nacional e de nossa xenobibliografia atingem, por vêzes, preços absolutamente fabulosos. Deve-se isto à limitação de suas tiragens, datando de decênios e decênios de anos. A princípio, espedaçadas e atiradas a todos os quadrantes, converteram-se em amontoado de preciosidades.

E' por isto que vemos, por exemplo, as *Memórias* de Pizzaro se marcarem a conto de réis e mais, os *Anais* de Silva Lisboa a dois contos, e assim por diante. Poderia aqui citar exemplos abundantíssimos. E já não referentes a livros de vida secular e sim de obras recentes. A *História Geral* de Pôrto Seguro valia, há bem pouco, quatrocentos mil réis. Da nossa xenobibliografia nem falemos: livros de ontem, por assim dizer, consultadíssimos, conhecidos de todos, como as *Viagens* de Saint-Hilaire eram oferecidos a nunca menos de cem e cento e cinqüenta mil réis por volume.

Encentou-se a salutar campanha de vulgarização de nossa *brasiliانا vetera*, movimento que, em *maxima pars*, se deve a Capistrano de Abreu, ao promover a reedição de Frei Vicente do Salvador, mediante o apóio dos beneméritos Irmãos Weiszflog, da Companhia Melhoramentos de São Paulo.

Não tardaria que, numa série tão auspiciosamente encabeçada, surdissem em seguimento as obras dos velhos e preciosíssimos Gandavo, Antonil, Frei Gaspar da Madre de Deus, Pedro Taques, Bartolomeu de Gusmão, a *História Geral do Brasil* de Varnhagen, anotada e comentada pelo Mestre e seu grande discípulo Rodolfo Garcia.

A êste, em colaboração com o Mestre, já se devia a apresentação dos *Tratados da gente e terra do Brasil* de Fernão Cardim. Ainda em vida de Capistrano, e sob sua direção, apareciam, na coleção Eduardo Prado, os volumes editados por Paulo Prado, inestimavelmente valiosos, das *Visitações do Santo Ofício*, e da obra de Cláudio d'Abbeville, etc..

Contemporâneamente e sob a instigação do alto espírito de um dos de que certamente mais se pode orgulhar o patriotismo brasileiro, o de Afrânio Peixoto, surgiu a *Biblioteca de Cultura Nacional*, a coleção da Academia Brasileira, hoje, por motivo de elementaríssima justiça, apelidada *Coleção Afrânio Peixoto*, série magnífica que inclui os *Diálogos das Grandezas do Brasil*, as Cartas Anchiéticas, as cartas jesuíticas, as obras de Gregório de Matos e Nuno Marques Pereira, além de outros documentos básicos dos nossos séculos primeiros.

Novo e largo alento tomou êste movimento nacionalista literário com a atuação de mais um centro de utilíssima irradiação. Quero referir-me à colaboração da *Brasiliãna*, da Companhia Editôra Nacional, tão brilhantemente dirigida por Fernando de Azevedo.

E' um campo que continuamente se desdobra e onde se encontram implantados muitos e notáveis padrões de nossa bibliografia antiga e contemporânea. Gabriel Soares, Saint-Hilaire, o príncipe de Wied, Spix e Martius, Agassiz e tantos outros se avizinham de Tavares Bastos, Alherito Tôrres, Ruy Barbosa, Calógeras, Nina Rodrigues, Couto de Magalhães, Vicente Licínio, Alberto Faria e quantos mais. E não falemos dos autores vivos que, numerosos, concorrem com monografias, por vêzes esplêndidas, sôbre assuntos novos, lavrando terrenos até hoje virgens de nosso passado e de nosso presente, em matéria histórica, geográfica, econômica, etnográfica, filosófica, sociológica.

Novas séries de edições brasileiras se apresentam sempre a se avolumar, como as do Globo, as dos *Documentos brasileiros* da Livraria José Olímpio, dirigida pela grande autoridade de Gilberto Freyre, etc.

Reina verdadeira febre de trasladação, para o português, das páginas mais célebres de nossa xenobibliografia. Traduzem-se Burton, Gardner, Wallace, Bates e quantos mais, todos os velhos viajantes e tratadistas do Brasil.

Dentro em breve, estarão às mãos dos estudiosos do nosso passado êsses livros até agora inacessíveis e hoje desvendados por uma legião de devotados trabalhadores *ad majorem Brasiliae gloriam*. Se o movimento continuar no ritmo que o regula, dentro em poucos anos terão os tradutores de recorrer aos *poetae minores* de nossa velha bibliografia.

Circunstância altamente animadora: já ampara o público as tentativas generosas de que procedem as edições cuja realização exigiu vultoso dispêndio. Soberba demonstração de tal, acabamos de tê-la, há dias, com o grande êxito da bela tiragem da *Viagem* de Rugendas, tradução de Sérgio Milliet é òtimamente ilustrada, lançada ao mercado pela Editôra Martins, sob a direção de Rubens Borba de Moraes.

E fala-se na próxima aparição de Debret, cujo original se vende por quinze e vinte mil francos, e de Chamberlain, cujas estampas coloridas se trocam a pêso de soberanos e guinéus.

Assim também, o Museu Paulista prepara, para breve, a publicação do livro famoso de Marcgraf, o primeiro tratado de História Natural que sôbre o Novo Mundo se escreveu. Traduzido por emérito

latinista, virá comentado por muitos dos mais reputados naturalistas e etnógrafos brasileiros.

Custosa empreza, para cuja realização precisou o Instituto do Ipiranga recorrer à benevolência dos poderes públicos, merecendo largo subsídio dos Srs. Carlos de Lima Cavalcanti e Agamenon de Magalhães, Interventores Federais em Pernambuco, e o amparo dos Srs. Drs. Ademar de Barros e José de Moura Rezende, a quem apresento meus públicos agradecimentos, assim como aos Srs. Fábio Egídio de Oliveira e Sud Mennucci, pelo muitíssimo com que auxiliaram a iniciativa do Museu Paulista.

E é com real prazer que gratamente aqui consigno quanto encontrei por parte das altas autoridades de São Paulo o melhor acolhimento para a realização de um projeto antigo, desde muitos anos acarinhado e que certamente redundará em grande acréscimo de prestígio para a cultura paulista e nacional.

Outro índice sobremodo auspicioso ao mercado de livros brasileiros se assinala pelas altas extraordinárias das cotações. As brasileiras reunidas na Europa a trôco de largo dispêndio já encontram no país somas que representam o acatamento do seu valor. Vão longe, na bruma do passado, mas em anos recentes ainda, aquêles dias de 1915 e 1917, em que a dispersão de coleções preciosíssimas como as de Alfredo de Carvalho e Eduardo Prado renderam verdadeiras ninharias, em que o acervo riquíssimo de José Carlos Rodrigues se vendeu por duzentos contos de réis. Valeria hoje o décuplo talvez.

Passando a outro ponto de vista, seja-me permitido recordar quanto a produção brasileira se tem avantajado em matéria científica. Para o documentar, aí estão as poderosas séries das monografias e memórias que atestam a vitalidade e a operosidade cheia de emulação dos nossos institutos.

Em todo o Brasil avolumam-se êstes atestados de aprimoramento cultural.

Quão diversos os nossos milésimos atuais daqueles em que a nossa produção se cifrava aos volumes espaçados e escassos de quatro ou cinco estabelecimentos científicos e técnicos! O número dêstes decuplicou e as suas Revistas, Arquivos, Anais, Memórias, cada vez mais valiosos, despejam volumes sôbre volumes, pejados de boa literatura, que os grandes repertórios, do maior crédito universal, registram em suas páginas.

Mais longe me levaria um retrospecto geral brasileiro, obrigando-me a grande resenha. Lancemos os olhos para o que temos em derredor de nós e comparemos o que era em São Paulo a produção livresca, literária, técnica, científica, há dez, há vinte e trinta anos e o que ela hoje representa. E' surpreendente o confronto e o mais reconfortador. Índice sobremodo eloqüente ainda: o da produção dos discentes.

Há alguns anos atrás, as revistas editadas em nossas Faculdades se enchiam de trabalhos dos mestres. Agora é a contribuição dos alunos cada vez maior e cada vez melhor. Por vêzes, digna de maior aprêço.

A êste movimento em que colaboram mestres e discípulos, inspira o nobre mote de Oswaldo Cruz: *Não esmorecer para não desmerecer.*

A láurea que hoje coroa o término de vossa carreira acadêmica, vós a merecestes e a conquistastes com o maior empêno e real esforço.

Ainda não há entre nós grande campo para os que adquirem os títulos de graduação de que agora vos podeis desvanecer, muito embora existam indícios seguros e crescentes de que as atividades meramente intelectuais e especulativas diàriamente encontram maior acolhida nos meios brasileiros, divisando-se-lhes promissor futuro.

Aquêles que escolheram, como carreira, o cultivo puro e simples das coisas da inteligência sabem perfeitamente que os proventos materiais se lhes depararão mediócrs, e a cada passo escassos, seja em que parte fôr do Globo.

Não é isto que procuram como não é isto o que procurais. A Fortuna, essencialmente humana, não dispensa favores a quem não a adora.

Obedeceis ao pendor irresistível de vossas preferências, da mentalidade especial que vos domina. E certamente sabereis ser os arautos da excelência dessas especulações meramente cerebrais que constituem o maior padrão do orgulho legítimo de nossa espécie.

Acompanhareis esta legião, cada vez maior, de pensadores e pesquisadores, analistas e generalizadores que, incansavelmente, nos gabinetes, nos laboratórios, nas aulas, vivem empolgados pelos problemas da defesa da Vida, da melhora da Humanidade e do desvendamento dos mistérios da Criação.

Constituem a verdadeira aristocracia do gênero humano, a mais alta de tôdas, porque nela se incluem a Inteligência, a Filantropia e o Desinterêsse. E o reconhecimento desta situação excepcional cada vez mais se radica, à medida que a Humanidade evolui para a brandura, como diuturnamente ocorre, através de eclipses e retrocessos passageiros, embora por vêzes intensos.

Êste acatamento da inteligência e das suas conquistas procede das gerações já longínquas e cada vez mais se nos apresenta proeminente. Vem avassalando a consciência universal, lenta mas pertinazmente, e dominando frações sempre mais largas da Humanidade. Começou pelo reconhecimento da valia das letras puras e da filosofia, para hoje abranger todos os setores do cultivo do espírito.

Era êste sentimento, ainda em estado nascente, que, num século férreo, ainda de nós próximo, século de preconceitos hipertrofiados sobre a preeminência do nascimento e da aristocratização do sangue, fazia um rei de França declarar a um poeta:

Tous deux également nous portons des couronnes,
Mais roi, je les reçus; poète, tu les donnes,

para depois reconhecer que o estro do seu apostrofado, submetia as almas daqueles de quem êle, dinasta, era apenas senhor dos corpos. E

acabava proclamando altiloqüentemente a excelência desta superioridade:

Elle t'en rend le maître et le fait introduire
Où le plus fier tyran n'a jamais eu d'empire.

Assim tereis de exercer a vossa atividade num campo de espiritualidade pura que é o mais nobre terreno de tôdas as cogitações humanas. Tratai de o lavrar com tôdas as veras da alma e tôdas as energias do vosso trabalho probo.

Complexas como são as circunstâncias em que envolvem as nossas vidas precárias de pobre barro condenado a voltar à condição de pó, conduzidos como nos achamos irresistivelmente pelas determinações da Providência, poucos podem fazer grandes coisas. Raros, bem raros os que conseguem realizar pequena parte daquilo que anelaram produzir.

... Como névoa baça
A incerteza das coisas nos envolve.
Nossa alma enquanto cria, enquanto volve
Em suas próprias rêdes se embaraça

exclama o genial poeta açoriano, num de seus mais gloriosos sonetos.

Bem poucos podem fazer grandes coisas, mas todos podemos fazer alguma coisa, de algum relêvo, embora até em situações das mais penosas, das mais atribuladas.

Dos fastos mais longínquos de nossa civilização, de nossa formação mental greco-latina, de tal nos vêm exemplos extraordinários, como o do grande pintor que jamais esperdiçava as migalhas do tempo do repouso do soldado bravo a defender um trecho da muralha da sua cidade de Rodes, para consagrar alguns minutos à factura de um quadro que temia imenso não poder acabar e sôbre cujo destino nutria a maior apreensão. O amor ao Belo sobrepujava o da vida e o da atroz apreensão da escravidão, sina dos vencidos da época.

E quem ignora o caso do sitiado genial de Siracusa?

E entre a nossa gente portugüesa não se nos apresenta aquêlê que a arriscar mil vêzes a vida, para a maior glória do nome luso, nas terras viciosas de África e de Ásia, e nos mares ainda além da Taprobana, teve

Nu'a mão sempre a espada e n'outra a pena!

A prática do *nulla dies sine linea*, de nenhum dia sem atenção prestada ao trabalho em andamento, por mais reduzida e precária que seja a contribuição, vos habilitará a concorrer com um subsídio mais ou menos valioso, mas certamente sempre elevado, para a maior honra de vossos diplomas e, portanto, de nossa Faculdade.

Conta-se que, por baixo de velha estátua medieval, implantada num pátio universitário, e simbolizadora da Ciência, inscreve-se um dístico de anônimo vate, repassado de atroz desalento: "Amigo, segue-me, que

jamais te abandonarei. Mas terás de aprender a viver na sujeição e a morrer na penúria.”

Era êste, outrora, o prêmio dos que se afastavam dos preceitos da vida exclusivamente material.

Mas imenso caminho venceu a Humanidade, no sentido do reconhecimento e da remuneração dos méritos dos agitadores da inteligência construtiva.

Encontrareis felicidades cada vez maiores, à medida que decorrerem os anos, e a instrução se apoderar das multidões que para ela sedentamente se encaminham.

Nada, pois, de desânimo e ceticismo, que vereis o ângulo de visão de vossos contemporâneos cada vez mais se alargar, em matéria de compreensão da utilidade de vossos serviços.

Cumpre, pois, que como mote de carreira, adoteis uma paráfrase de famoso e a cada passo invocado dístico eciano: Sôbre a inflexível rigidez da Verdade, a excelência das coisas do intelectualismo puro.

Ainda nos ressoam aos ouvidos as palavras cheias de unção e repassadas da maior nobreza com que findou o Santo Sacrifício da Missa de ação de graças pela vossa formatura, o Exmo. Sr. Arcebispo de São Paulo, quando tão eloqüentemente invocou as bênçãos do Altíssimo para as vossas carreiras, em longos anos venturosos, após vos haver recordado a majestade das eternas verdades.

Jamais vos falte esta divina assistência, na faina indefesa com que ideis servir a êste nosso Brasil. Aquêles que, cheios de saudades do vosso convívio de discípulos, de vós agora se separam e despedem-se, apresentam-vos os votos que todos nós formulamos pela felicidade de vossa carreira honesta de portadores do diploma honrosíssimo de graduados pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

DISCURSO DO DR. ADHEMAR PEREIRA DE BARROS,
PARANINHO DA TURMA DE 1940.

Senhores Diplomandos:

Seria injustificável a minha pretensão, se eu quisesse agora, valendo-me do vosso generoso convite, aproveitar a oportunidade para terçar armas convosco, a respeito das disciplinas em que vos especializastes, durante o vosso curso acadêmico. Estou certo de que não me perdoaríeis nunca, tão deselegante atitude. Primeiro, porque, no dia de hoje, dia de festa para vós, para as vossas famílias e para a inteligência brasileira, o que todos nós desejamos é que esqueçais, ante as radiosas promessas do vosso futuro, as preocupações do estudo e da pesquisa; segundo, porque sabeis, tanto quanto eu, que erudição não se improvisa, não sendo possível a um Chefe de Estado, ainda que Chefe de Estado, dominar tôdas as conquistas, tôdas as províncias do pensamento humano.

Deu ao vosso convite uma interpretação que me é muito cara. Fazendo-me participar, em posição de tão grande relêvo, do vosso regozijo pela terminação dos estudos universitários, tendes querido apenas testemunhar o vosso aprêço a um homem que, embora não possuindo conhecimento aprofundado de filosofia, sabe, por experiência própria, que a melhor filosofia é a que ensina a praticar o bem. Direis, naturalmente, que confundo Moral e Filosofia. Não importa. Haveis de me permitir que eu me engane, tanto mais que as fronteiras de ambas igualmente se confundem.

Tenho paraninfado outras solenidades iguais a esta. Deixai, por isso, que eu vos confesse a satisfação com que me vejo, sempre que tais ocasiões se repetem, em presença dos moços. Sinto um prazer especial em falar aos moços, pois descubro neles uma virtude inestimável: o entusiasmo. E' preciso cultivar o entusiasmo. Sem êle nada se pode fazer de aproveitável, nem nada se obtém de positivo. O entusiasmo tem com a bondade êste traço comum: basta-se a si mesmo. Só êle vale por uma fôrça. Entusiasmo quer dizer confiança. O entusiasmo é a coragem do coração e do espírito.

Uma festa de formatura não é precisamente uma prestação de contas. Pode, e deve ser, no entanto, um ajuste de contas com a realidade. A vida só é uma esfinge para aquêles que por deficiência de formação moral e de formação mental, preferem decifrar charadas a resolver problemas. A vida de cada um de nós nada mais é, por conseguinte, do

que um problema que precisamos resolver com os recursos da inteligência. Aquêles que freqüentaram escolas superiores encontram a chave misteriosa no próprio estudo; aquêles que só cursaram a vida, encontram a chave na sua experiência pessoal.

A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras não foi incorporada à organização universitária de São Paulo por mero embelezamento. Os diferentes cursos que a compõem preparam os moços para as finalidades mais diversas e, ao mesmo tempo, mais necessárias. A despeito das mil e uma preocupações da administração pública, nunca deixei de acompanhar o desenvolvimento dos vossos estudos. Estou, por êsse motivo, ao par do vosso trabalho, da vossa dedicação e do vosso esforço, e sei que nenhuma porta se deixará de abrir diante de vós. Podeis bater a muitas. Se preferirdes, por exemplo, o magistério superior, tenho certeza de que a cátedra só terá motivos para envaidecer-se da vossa presença. Se, ao contrário, preferirdes os cargos técnicos, só benefícios ressaltarão para êstes.

Não me furto ao prazer de fazer minhas, nesta hora solene de vossa vida, as palavras recentes do eminente sr. dr. Afonso Pena Júnior a uma turma de diplomandos da Faculdade Nacional de Filosofia: “Levareis a outras idades a mensagem do espírito que a animou (isto é, animou a escola de onde saístes), dos rumos que a orientaram, das suas idéias fundamentais: a livre crítica, inspirada e guiada pelos rigores da verdade; a desassomburada investigação científica, dentro da mais completa e inflexível probidade; e, dominando tudo, o espírito de brasilidade, o amor à nossa terra e à nossa gente, a condicionar o estudo, a pesquisa e o esforço para a grandeza e o bem-estar da Pátria”.

A exemplo do ilustre estadista e professor, quero dizer-vos que também vós abandonais a tutela de vossos mestres numa hora de dor para o gênero humano. O Velho Mundo é hoje uma fogueira. Chega-se a perceber o sofrimento da terra sob a ação dos canhoneios. Tenho, mesmo, a impressão de que, se nos debruçássemos sobre ela, na atitude característica dos nossos aborígenes, ouviríamos o seu coração latejar assustadoramente, sob o tropel dos exércitos em marcha. Campeia a destruição por tôda a parte. Aos gritos e às imprecações misturam-se as lágrimas e os gemidos. E’ o Apocalipse.

Que outro mundo surgirá do Velho Mundo em ruínas? No Velho cadinho da guerra, cheio de carne espotejada, que nova civilização se estará preparando? Oxalá, passada a tormenta e dominado o incêndio, a velha e eterna Civilização ainda tenha forças para reproduzir o milagre da Fênix e ressurgir, assim, do meio das cinzas. “Guerras amaldiçoadas pelas mães” — definiu Horácio. Mas não só as mães amaldiçoam as guerras. Devemos amaldiçoá-las todcs nós, até o momento em que elas, assustadas e perseguidas pelo clamor da nossa cólera, se recolham ao rio do esquecimento, livrando-nos da sua presença incômoda.

Deus tem permitido que o sofrimento do Brasil, em face do presente conflito europeu, seja apenas uma expressão de solidariedade humana. Aos homens de inteligência e de cultura — e eu falo a uma

turma representativa dessa cultura e dessa inteligência — cabe, no entanto, o dever de trabalhar para que o Brasil, que já é um exemplo para a humanidade, no dizer de Stefan Zweig, continui a usufruir as vantagens da paz, fazendo desta, não uma preocupação política, senão uma preocupação social. Só a paz amadurece as vinhas, disse o vate italiano.

Senhores diplomandos:

Não foi com intenção de amedrontar-vos que vos desfraldei aos olhos, numa noite de alegria, um panorama de tragédia. Quis, unicamente, mostrar-vos que a sedução do vosso ofício reside justamente nas dificuldades que o mundo atravessa. A vossa missão tem de ser, precisamente, uma reconquista. Precisais, com efeito, reconquistar para o saber o lugar que os instintos inferiores tentam usurpar-lhe. Técnicos ou professôres, as promessas que se contém no vosso diploma só estarão cumpridas no dia em que tiverdes conseguido restaurar o prestígio da inteligência.

A satisfação de conversar convosco arrastou-me, conforme vêdes, a uma série de considerações a que falta nexo, mas a que sobra sinceridade. Tenho o hábito de falar o que sinto. Assim, em lugar de desenvolver uma tese, deixei falar o coração. E o meu coração está hoje cheio de votos de felicidades para cada um de vós. Diz-me, em verdade, o coração, que haveis de vencer na vida. O largo futuro que se descortina aos vossos olhos eu também o vejo tranqüilo e róseo. Deixais os bancos de uma Escola que, apesar de ser ainda muito jovem, tem prestado à cultura paulista serviços de extraordinário valor. Bastaria o hábito da meditação, que adquiristes durante o vosso curso acadêmico, para garantir-vos, aliás, uma caminhada fácil através de obstáculos. Ser-me-ia fácil desenvolver diante de vós o meu conceito pessoal sobre a função das Universidades. Entendo, por exemplo, que estas têm de ser formadoras de elites intelectuais. Não lhes basta preparar o homem para o exercício de uma profissão. Devem elas, além disso, formar o homem para o mais árduo dos seus ofícios, que é justamente o ofício de homem, no seio da sociedade contemporânea, sob o patrocínio da civilização imortal. Precisamos de profissionais liberais, de técnicos e de pesquisadores, não há dúvida nenhuma. Mas precisamos, antes de mais nada, de homens, ou seja, de indivíduos que não se contentem com a erudição livresca, senão que façam do livro simplesmente um guia para as suas indagações pessoais.

Sei que a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo tem cumprido tão eloqüente finalidade, e por isso vos felicito. O diploma de que hoje sois possuidores e o saber de que hoje sois titulares podem encher-vos de justa satisfação, pois aprendestes a contar com o próprio intelecto, num esforço de iniciativa que pôs em jôgo as vossas faculdades superiores. Continuo convencido de que no embate entre o intelecto e a fôrça, o primeiro dominará o mundo. Os homens têm um destino a cumprir, e na realização desse objetivo só

a razão é fator de vitória. A vossa festa de formatura coincide com duas datas memoráveis: a fundação da Faculdade de Filosofia e a fundação de São Paulo. Com relação à primeira, já vos disse tudo quanto penso. A minha presença nesta solenidade é, por outro lado, um testemunho insuspeito do alto aprêço em que a vossa escola é tida nas esferas governamentais. Tendo sido a última a chegar, fôrça é reconhecer que em breve tempo se integrou no concôrto das demais escolas universitárias, fazendo-se digna das tradições que enfeitam o passado das irmãs mais velhas. Quanto à fundação de São Paulo, tenho certeza de que comungais comigo no entusiasmo que a grande data nos inspira. São Paulo é, no Brasil, uma das mais belas realizações do esforço, do carinho e da tenacidade dos homens. Os primeiros jesuítas que escalaram a montanha, vencendo as surpresas e as insídias da floresta virgem, fincaram no planalto um marco indestrutível. Fundaram uma cidade e moldaram um temperamento. Ergueram o Brasil nas mãos e o colocaram no alto, a dominar as distâncias e os homens. Deram-nos uma cruz e um livro, como a quererem significar, por certo, num milagre de intuição, que São Paulo haveria de crescer dentro da fé, sob a proteção da inteligência. Os séculos, na vida dos povos e das cidades, contam muito poucos. São Paulo, não obstante, tem sabido aproveitar o tempo. A sua situação é hoje, dentro do Brasil unido e próspero, uma situação inegável de domínio absoluto de tôdas as fôrças morais, intelectuais e materiais, tanto que a data natalícia da cidade assume hoje as proporções de verdadeira festa nacional. Haveis de ter sentido, com-efeito, como eu tenho sentido, o calor e a intensidade do afeto que nos rodeia em nossa grande Pátria.

Era o que eu tinha a dizer-vos, senhores diplomandos, em sinal de agradecimento pela vossa escôlha. Em lugar de uma preleção, ouvistes um pouco de confissão e de exaltação. Poderíeis ter escolhido, sem dúvida, uma palavra mais erudita, nunca, porém, mais sincera do que a minha, nos votos de felicidades que ora vos formulo. Desejo que a vida vos receba de braços abertos, de maneira que vos seja fácil colocar os vossos tesouros de bondade e de cultura a serviço de um ideal de beleza e de paz.

DISCURSO DO PROFESSOR JORGE AMERICANO,
PARANINFO DA TURMA DE 1942.

Por que me chamastes para falar, justamente hoje, em que tendes a atenção alternadamente dispersa entre estudos que terminam e planos que começam, o coração pulsando entre dúvida e esperança, confiança e receio, na emocionada hora introspectiva, em que nem me escutareis talvez?

Pensastes que falaria de emoções iguais, porque também uma vez passei? Ou que vos mostraria os caminhos da vida, com os tropeços, as erradas, os atalhos, as encruzilhadas, os pousos calmos depois de longas marchas?

Eu, que venho de mais longos caminhos, e sigo agora a par convosco e nem sequer irei junto até muito, muito longe, também desconheço as embrenhadas vias do futuro.

Mas, ainda que me não escuteis agora, cheios que estais de emoção receosa e de mocidade inquieta, quisestes, ao lado, alguém, que sentistes identificado convosco, enquanto "tendes os olhos voltados para o nascer do sol, à cata de um raio de esperanças no futuro."

Se não posso ensinar o caminho, que não sei (e só vejo o quadro da dor e do preconceito, de ambições que geram angústias, de angústias que geram ódios, de ódios que desencadeiam paixões, de paixões que fazem ruir os mais veneráveis monumentos da civilização), falarei do que pode salvar-se das ruínas para construir o futuro, em que, como vós, confio.

Os vossos mesmos olhos que procuram o raio da luz confortadora, humanamente baixam para o chão que habitamos e a vida que vivemos, vida e chão onde a humanidade achará meios e forças de sobreviver à crise de loucura.

*

O Brasil nascente herdara de Portugal, dilatador do mundo, a coragem audaz, feita da tenacidade heróica da gente portuguesa, premiada entre a Espanha e o mar, e que não podendo estender-se por Espanha, lançou-se pelo mar desconhecido à busca dos confortos básicos para o vicêjo da cultura humana.

Como Portugal, o Brasil premia-se entre o mar e a fronteira, a fronteira do sertão bruto marcado pelas serras. E aquêles pobres e desamparados sêres a quem faltava tudo, não se contiveram na faina estreita, que não cedessem à tentação e ao sonho de galgar as montanhas,

ao longe azuis e docemente sinuosas, de perto escuras, abruptas, ásperas, temerosas, empinadas, terríveis.

E galgaram-nas, lutando contra a selva espessa, a fera traiçoeira, o clima inóspito, a doença minaz, a fome aguda, a morte mísera.

E, além das montanhas, seguiram pelo planalto, de onde os levaram os rios a selvas mais espessas de traiçoeiros índios, de feras mais temíveis, de doenças mais terríveis, de mais dura fome, de morte mais desolada.

Assim, fêz-se esta Pátria. Assim, começou o perpétuo lidar dos que haviam de seguir os bandeirantes lidadores:

E, agora outra vez, toca a vencer a montanha abrupta do destino. Somos chamados, não já, como os nossos maiores, a alargar a terra, preando o índio, buscando esmeraldas, catando ouro.

Mas, como êles, bandeirantes das selvas, nós, bandeirantes da cultura, somos chamados a estruturar a Pátria, dentro do continente, onde a civilização se salvará; pois não há independência política, sem estabilidade jurídica; nem estabilidade jurídica, sem solidez econômica; nem economia sólida, sem ciência objetiva; nem objetividade científica, sem consciência cultural, de cultura humanizada, que conta com os fatores do êrro, da incerteza, da angústia, e propõe-se a melhorar a fragilidade da condição humana, sem paixões, nem misticismo, nem divinizações.

Bandeirantes da cultura, chegou a hora da definição cultural da América Latina. Como estais aparelhados?

Pela história que estudastes, vistes nascer, na Grécia, a civilização mediterrânea, alastrar-se à Roma, às Gálias, à Ibéria. Vistes lá sobreviver às invasões, impor-se aos bárbaros, transpor a Idade Média, florescer na Renascença, estender-se nas navegações, renovar-se na Enciclopédia, prosseguir na Revolução Francesa, objetivar-se no século XIX, sempre dúctil, clara, humana e universalizante.

Vistes, pelas letras clássicas, o amplo sentido humanista em que ela hauriu a expansiva força universalizante, e nas neolatinas, verificastes que o humanismo e a universalização foram as causas de sobreviver às derrotas e impor-se aos vencedores.

Conhecestes, pela sociologia, o porquê das reações, das derrotas que foram vitórias, e soubestes que nenhuma civilização perdura, se facciosa, exclusivista e odienta, porque rebaixa o homem à condição do ser mais miserável.

Estudiosos das letras anglo-germânicas, sabeis como cada expressão latina dos seus vocabulários exprime um passo na influência civilizadora mediterrânea.

Com êstes instrumentos desempenhareis o papel de obreiros bandeirantes da cultura.

Com a graduação de hoje, começa-vos a responsabilidade verdadeira, em que irradiareis o espírito universitário que temperastes.

Mas já estamos no século XX, século da ciência e da técnica ao serviço da cultura.

Então me direis, matemáticos, as extensões universais, e, ampliando o pensamento, adaptá-lo-eis à medida das interações do homem e do meio.

O conhecimento filosófico, aplicá-lo-eis a determinar um sentido da vida renovado, amplo, compreensivo e generoso, sistematizando para melhor abranger, mas abrangendo para alargar o conhecimento. Nunca para estiolar, destruir e matar, mas incentivar o pensamento criador.

Estudiosos de pedagogia, vossas lições não se limitarão a transmitir ciência e aparelhar profissionais, senão também a acondicionar o homem ao meio, despertar-lhe o pensamento reflexivo que o torna apto a modificar-se e melhorar, pela ordenação das interações com inteligência livre, vontade forte e coração generoso.

Vós, físicos-químicos, objetivareis as reações, estudareis e aperfeiçoareis os estudos dos produtos do solo, sub-solo e da atmosfera, de onde os seres tiram o com que satisfazer às necessidades da vida.

Biologistas, vossas pesquisas melhorarão as condições dos seres em si mesmos, e também como elos na interminável cadeia da raça.

Os de vós que estudastes a geografia humana, orientareis as melhores condições de vida e desenvolvimento de populações sadias, trabalhadoras e felizes, quanto comporta a vida na terra.

E todos, ao serviço da humanidade, ensinareis que os homens são falíveis, e dos seus erros tiram-se lições para errar menos; que o lento ou apressado caminhar dos povos, com suas crenças e dúvidas, aspirações e decepções, passos e tropeços, vitórias e derrotas, alegrias e sofrimentos, não comporta linhas rígidas, nem verdades definitivas.

Com o espírito forrado das certezas provisórias que a ciência oferece; das dúvidas salutares que a crítica gera; livre de certezas indestrutíveis, que tornam irreparáveis os erros; servidos pela honesta crítica que corrige os males, não sereis místicos, nem divinos, não alimentareis supostas verdades lógicas, que levantam homem contra homem, grupo contra grupo, nação contra nação, continente contra continente.

E por isso sereis maiores, porque não sereis medíocres nem mesquinhos.

Sabeis que esta guerra é um conflito entre a certeza lógica, que separa e destrói, e a cultura que une e constrói.

Sabeis que nenhum homem culto guia-se pela lógica pura, e por isso falta-lhe o estôfo dos ditadores que possuem as verdades definitivas.

Sabeis que o homem culto jamais provocará as paixões primárias da multidão; jamais incitará a selvagem idolatria da força, a cujo serviço não porá a técnica nem a ciência.

Sua obra é de paz, porque se apóia na força do pensamento.

Jamais instruirá como meio de destruir, porque instrui para educar. Jamais assentará, sobre as paixões da hora, uma glória efêmera, porque edifica em bases que têm a duração dos séculos.

Assim, quando a cultura mediterrânea parece ruir, ainda há os anglo-saxões e os latino-americanos para salvarem-na. No grupo latino-

americano, por que não pensar, e nesse pensamento agir, que o Brasil das idéias generosas tem magna parte de fiel depositário?

E por que não crer, e nessa crença agir, que, no Brasil, quem levanta o estandarte da guarda é êste esforçado e limpo e grande e alto São Paulo que construiu a Pátria?

E por que não confiar, e agir nessa confiança de que, em São Paulo, o porta-estandarte é a Universidade, esta Universidade que, como Faculdade de Direito, nasceu há 115 anos, altruísta, para todos os serviços da Pátria, ansiosa de todos os anseios nobres, sempre combatente de tôdas as idéias altas, sempre batalhadora de tôdas as batalhas generosas?

Esta Universidade acolhedora, em que se misturam aos ágeis espíritos brasileiros, os dos inquietos ibéricos, os dos claros gauleses, os altos espíritos do Lácio, os pesquisadores anglo-saxões, os metódicos nórdicos, os lúcidos eslavos.

Esta Universidade trabalhada por peitos corajosos, incansáveis braços e devotados corações.

Sois obreiros da cultura universal. Conservareis, aperfeiçoareis e acrescentareis o patrimônio recebido.

Vêde o quadro simples da vida: o homem de mãos calosas, a mulher ao lado, o filho ao colo. Com ser tão simples êsse quadro, com estar sempre diante de nossas vistas, com estar repetido sempre, sempre, sempre, já quase não o vemos, nem damos conta dêle.

Quando nas nossas abstrações e doutrinas, chegarmos às fórmulas finais, baixemos os olhos e olhemos como se nunca o tivéssemos visto. O homem de mãos calosas, a mulher ao lado, o filho ao colo, dos quais — não esqueçamos nunca — a humanidade é feita, confiam na ciência em que trabalhais, para seu serviço, na cultura em que vos formastes, para seu progresso. Esperam de vós, geração diretora, que êsse filho cresça, viva e possa servir a uma geração humanizada.

Não lhe prepareis uma vida em que tenha as faces magras de miséria, o peito arfante da tuberculose, o punho crispado pelo ódio do coração; uma vida animalizada, em que, afinal, com o olhar estúpido, seguirá o tropel fanático de algum misticismo. Não. Nisso não consentireis.

Sereis como os bandeirantes, nossos maiores. Bandeirantes da cultura brasileira, para servir à gente lidadora, que desmentiu a crença de que a civilização não viceja na zona tórrida, e prova ao mundo que em qualquer latitude pode haver vida alevantada e nobre, servida por cultura alta e duradoura.

Adaptando, ao homem e ao chão, a agil mentalidade que ora transplanta cultura para afundar raízes em solo fértil e vicejar a fronde em ar puro; cheio o peito da sadia confiança que a terra alimenta e o ar da liberdade inspira, sereis vós, também, como os das nobres gerações passadas, a privilegiada gente, cuja glória perdurará, quando já as fibras da carne, de há muito feita seiva, tiver alimentado as árvores centenárias, e a cinza dos ossos já se houver perdido na poeira dos séculos.

DISCURSO DO PROFESSOR ANDRÉ DREYFUS,
PARANINHO DA TURMA DE 1943.

Senhores Bacharelandos:

Escolhem-se geralmente, para paraninhos, grandes nomes que se tenham imposto por seu valor pessoal e serviços prestados à Universidade. Embora muito envaidecido ficasse com vossa escolha, não perdi ainda tão completamente o uso da razão que me pudesse incluir entre êsses supracitados grandes homens.

Lembrei-me, então, de um extraordinário personagem de Dickens em que talvez tivésseis buscado inspiração. Ao dar conselhos ao jovem David Copperfield, fá-lo o desatinado William Micawber, mais ou menos nestes têrmos: "Meu jovem amigo, os conselhos que lhe dou são úteis e necessários. Por eu não os ter seguido é que me acho no miserável estado em que me vê."

E' ainda de recordar-se o famoso caso do grande médico inglês Dr. Abernethy, se não me engano, que proibindo terminantemente o álcool aos seus doentes, dêle abusava com largueza e freqüência. Interrogado sôbre êsse estranho proceder, respondeu: "Sou o poste que indica o caminho; não me vejo, porém, na obrigação de o seguir".

E' possível, portanto, que não tendo realizado eu senão pequena parte do que sempre desejei fazer, possa vos servir de exemplo, pois não há maior recompensa do que ver-se a gente superada por aquêles a quem teve de orientar.

Seja como fôr, muito obrigado!

Meus caros Bacharelandos! Aqui viestes receber o prêmio de três anos de intenso labor, labor que foi também o de vossos pais. Quantas recordações não levareis, pela vida a fora, dêsse período tão especial de vossa vida!

Estudastes numa Faculdade nova, na qual tivestes Mestres brasileiros e estrangeiros. Nela entrastes com o entusiasmo receoso tão característico do calouro; adotastes, em seguida, o ar de superioridade do veterano, para atingirdes, finalmente, o desdém próprio do bacharel.

Essas etapas, meus caros afilhados, não são apenas necessárias; são da maior utilidade. Por elas passamos todos nós, por elas passarão as futuras gerações. Fazem parte da natureza humana. Aceitêmo-las!

Como não deve ter sido curiosa a conversa de cada um de vós com o próprio espêlho, hoje de manhã. Todos nós havemos de ter afinal algum momento de inteira sinceridade, e ninguém melhor do que nosso espêlho para receber confissões. Muitas delas boas, as dos ideais

realizados. Outras — por que não dizê-lo? — menos reconfortantes, pois desilusões houve também, nesses três velozes anos. Tereis, quem sabe, chegado ao extremo de pensar de algum de vossos examinadores aquilo que um grande humanista já disse: “Nos exames os tolos perguntam o que os sábios não poderiam responder!” Estou certo, porém, de que apesar de seus defeitos e insuficiências, pois uns e outras são a própria característica da obra humana, reconheceréis que a soma algébrica é favorável à nossa Faculdade e que muita coisa útil nela vos foi ensinada. Mais do que isso, adquiristes em nossa Faculdade uma certa forma de pensar, de estudar e de organizar o trabalho científico, que são, em última instância, as verdadeiras finalidades de nosso ensino.

A vida me tem proporcionado a possibilidade de ensinar em quase tôdas as grandes capitais de nossa terra. E é sempre com a mesma admiração que vejo nos estudantes o desejo de aprenderem muito mais do que lhes é ensinado, de possuírem melhores possibilidades de trabalho em bibliotecas maiores e de mais fácil manêjo, em laboratórios mais ricos e mais acessíveis. E’ êsse desejo de progredir, tão característico de nossos moços, que nos permite ter esperanças no futuro de nossa Pátria. Não é de estranhar, portanto, que a mesma ânsia de progresso se manifeste também nos estudantes de nossa Faculdade. Realmente é o que acontece. Não posso senão louvar as qualidades pessoais de meus alunos.

Circunstâncias favoráveis puderam reunir em São Paulo, condições de trabalho que provávelmente não existem ainda em outros centros do País. E’ claro, porém, que muito ainda precisa ser feito, para que possamos, mesmo no limite de nossa inevitável imperfeição, conseguir o máximo rendimento. Estou certo de que com a colaboração de todos, de vós que aqui vos bacharelais, de vossos colegas já formados ou dos que ainda se acham na Faculdade, dos poderes constituídos que tanto empêño vêm pondo no progresso de nossa Escola e até de Instituições estrangeiras como a Fundação Rockefeller, faremos com que o futuro não desmereça do já brilhante, embora curto passado de nossa Faculdade.

Não quero tomar vosso tempo insistindo sôbre a alta missão social que ides desempenhar. Já por várias vêzes e em várias oportunidades, eu próprio me tenho ocupado das funções que devem desempenhar as Faculdades de Filosofia. Por isso, perdoar-me-eis a brevidade.

Sabeis que a Faculdade de Filosofia visa dois fins principais: preparar professorado de carreira para o ensino secundário e estimular a formação de pesquisadores nos vários campos do saber humano. Não temo afirmar que essas duas funções terão destacado papel na formação do espírito do brasileiro de amanhã, na integração, portanto, de nosso País no concêrto das grandes nações.

O ensino secundário pretende plasmar o espírito do adolescente e fornecer-lhe os conhecimentos gerais dos quais vai utilizar-se pela vida a fora. Sabemos todos que a principal causa do mau estado dêsse nosso ensino secundário deriva da inexistência de um corpo de professôres secundários de carreira, que tenham êsse ensino como a própria razão de

ser de sua atividade social e não como uma derivação ou auxílio transitório, enquanto a vitória na profissão desejada não chega. Até hoje não temos tido, senão excepcionalmente, bons professôres secundários. O ensino secundário era, principalmente, o refúgio para os vencidos das profissões liberais. Já pude insistir, públicamente, sobre o essencial para o bom ensino: o bom professor. Se a qualidade do ensino dependesse de programas ou fórmulas, o Brasil teria certamente o melhor ensino secundário do mundo, pois, que eu saiba, em nenhum país tal ensino tem passado por tantas reformas. Reformas podem ser úteis, até certo ponto, simplificando programas e exigências burocráticas, de que tanto se resente nosso ensino. Agora, é claro que reformas de ensino não podem dar competência e dedicação àquêles que de tais predicados são desprovidos! Vem a pêlo lembrar a opinião de famoso pensador inglês, quando disse mais ou menos o seguinte: “Este mundo está ficando super-educado. Pelo menos, todo aquêle que acha muito difícil aprender, descobre logo sua verdadeira vocação. Resolve dedicar-se ao ensino”.

Entreguemos nosso ensino secundário aos licenciados pelas Faculdades de Filosofia. Estabeleçamos um salário mínimo compatível com a importantíssima função social de que se incumbe o professor secundário. Não os transformemos em máquinas de dar aula, à razão de alguns cruzeiros por hora, e trabalhando praticamente o dia inteiro. Demos a nossos professôres secundários tempo suficiente para se aperfeiçoarem e viverem num nível de vida razoável e teremos, em pouco tempo, resolvido o problema do ensino secundário no Brasil.

A função social do professor secundário não foi ainda suficientemente avaliada. Os pais nem sempre se lembram de que aquilo que não se aprende bem na idade mais favorável, só imperfeitamente se consegue mais tarde corrigir. Assim como procuramos dar ao filho doente o melhor médico, devemos procurar dar-lhe, para sua cultura geral, e com maior empenho ainda, o melhor ensino. Se é bom sarar, depois de ter estado doente, não é menos necessário, estando são, desenvolver da melhor forma o corpo e o espírito.

Meus caros Professôres Secundários. Conservai no ensino que ides distribuir pelo Brasil a fora, êsse mesmo entusiasmo que todos nós podemos ver neste momento em vossos olhos! Fazei de cada um de vossos alunos, um amigo. Não vos deixeis deformar-vos pelo ensino livresco e sem contacto com a Natureza. Não permitais que de vós se possa contar o que célebre anedota refere: Indo sisudo professor germânico visitar Paris, depois de vestir a sobrecasaca, saiu pela cidade a procurar divertimentos. Num dado momento, viu-se diante de dois cartazes. Um dêles dizia: “O paraíso terrestre” e, o outro: “Conferência sobre o paraíso terrestre”. Preferiu êste último. Estou certo que isso não acontecerá convosco. Sabereis evitar que vosso ensino se torne um suplício para o aluno. Fareis dêle uma realização viva e agradável.

Nem todos vós, no entanto, sereis professôres. Outros ir-se-ão dedicar a trabalhos técnicos em Institutos especializados e à pesquisa científica. Não desejo insistir, repito, em assunto sôbre o qual já muitas vezes me tenho pronunciado. Dir-vos-ei, apenas, que grandes países são aquêles que possuem grandes artistas e grandes cientistas. Tudo pode passar, civilizações podem ser destruídas e o têm sido, as conquistas territoriais podem ser perdidas e a nação pode até desaparecer. Só uma coisa sobrevive; sua Cultura. Essa é obra de seus artistas e de seus cientistas. Se a civilização helênica ainda nos aparece como a mais admirável que o mundo conheceu, é simplesmente porque dos gregos herdamos o nosso modo de analisar criticamente os homens e as coisas, e porque a Filosofia grega e a Arte grega nunca foram superadas. Atenas contava, no século de Péricles, apenas alguns milhares de habitantes na população masculina livre e foram êstes homens que determinaram o curso de nossa civilização. Milhares ou milhões de anônimos existem, têm existido e existirão em outras regiões e dos quais ninguém guarda memória. Aquêles punhado de gregos, porém, nunca morrerá porque o nosso modo de pensar e de agir foi plasmado nos ensinamentos que êles nos legaram.

Não é possível exagerar o valor de um grande cientista ou de um grande artista. E' coisa que não tem preço. Vivemos numa civilização, cujo traço característico é o de ser uma civilização científica. Gostemos ou não dessa conclusão, ela é verdadeira. Não há um momento de nossa vida que não esteja impregnado de suas conseqüências. As roupas que vestimos, os prédios onde moramos, os transportes de que nos utilizamos, a luz de que nos estamos servindo, o rádio, o cinema, os sôros terapêuticos, as vacinas, tudo proveio dessa forma de civilização que nasceu com Galileu e veio crescendo até hoje, numa progressão geométrica. Tendo como uma de suas finalidades essenciais a difusão e a cultura da Ciência, as Faculdades de Filosofia realizam uma obra de valor excepcional. Países novos precisam começar pela instalação de Faculdades técnicas, pois as necessidades da vida cotidiana não prescindem de advogados, médicos ou engenheiros. A pesquisa científica desinteressada é, porém, indispensável para que novas descobertas, em todos os domínios do conhecimento, sejam estimuladas. Nossas Faculdades técnicas iniciaram essa obra e nela prosseguirão; mas é certo que das Faculdades de Filosofia é que, nesse domínio, devemos esperar o máximo.

O gôsto pela pesquisa científica, mais talvez do que qualquer outra profissão, é uma vocação, e por isso só os que no seu simples exercício puderem encontrar uma suficiente recompensa, deverão tentar essa forma de atividade, por outros aspectos, tão difícil e pouco compensadora. Mas por isso mesmo e, ainda, como nada mais importa para o progresso da civilização do que o aparecimento de grandes artistas e cientistas, todos os recursos disponíveis para estimular êsse aparecimento e despertar essas vocações deverão ser encorajados.

À Faculdade de Filosofia de São Paulo deverá caber um papel decisivo nessa obra. Na verdade, podemos dizer que nossa Faculdade já está mostrando que é capaz de realizar o que dela esperamos. Sabemos todos que essa Escola tem exatamente dez anos de idade. Sabemos que funcionou mal instalada em quatro prédios diferentes. Sabemos que passou em tão curto prazo de vida por várias crises graves. Já teve sete diretores. Muitos de seus professôres nela permaneceram pouco tempo, o que certamente não é recomendável. A função essencial de um professor contratado, especialmente estrangeiro, é formar escola, preparando assistentes que sejam os futuros continuadores de sua obra. E não é possível em um ou dois anos esperar que tão difícil e importante obra possa ser realizada, especialmente quando nos lembramos de que ao professor cabe ainda dar aulas e publicar trabalhos. Se a isso ajuntarmos a necessidade de um período de adaptação para o aprendizado de uma língua nova e integração no meio, compreendemos que a obra grandiosa que nossos professôres estrangeiros nos estão ajudando a levar a cabo, exige longo tempo.

Vejamos, então, apesar de tôdas as deficiências que vos aponteï, e que a meu ver nos foram até certo ponto úteis, estimulando-nos a superá-las, quais as realizações que podem ser seguramente inscritas no haver de nossa Faculdade.

A fim de demonstrar seu sucesso, relativamente ao ensino secundário, não nos poderíamos valer de melhor exemplo do que o resultado do recente concurso promovido pela Secretaria da Educação. Não vos fatigareï com estatísticas, que já são de vosso conhecimento. Salientarei apenas que, de um modo geral, os melhores lugares couberam aos nossos licenciados. Por outro lado, a relação entre aprovados e reprovados nos foi também muito favorável, especialmente quando comparada com essa mesma relação para os não licenciados. Incontestavelmente, êsse concurso foi uma grande vitória para a Faculdade e a demonstração prática de sua eficiência.

Quanto à produção científica, temos também boas razões para louvar nossa Faculdade. Além dos cursos ordinários, a maioria de nossas Cadeiras tem publicado valiosos trabalhos que já firmaram a reputação da Faculdade até nos meios internacionais. A melhor prova disso nos é dada pelos prêmios e bôlsas de estudo que vários de nossos colaboradores têm recebido. Fale bem claro, no mesmo sentido, o auxílio material dado pelo Dr. Harry Miller Jr., diretor da Secção de Ciências Naturais da Rockefeller Foundation e que auxiliou aos nossos Departamentos de Física, Química e Biologia, e além de bolsas de estudo, várias outras estando prometidas. Ora, bem sabeis o cuidado com que a Rockefeller distribui, atualmente, seus donativos. Várias razões ditaram êsse procedimento do Dr. Miller. Uma das mais importantes, além da qualidade de nossos trabalhos de pesquisa, foi o vigorar em nossa Faculdade o regime de tempo integral, ainda não adotado em outras Faculdades similares.

Não sou fetichista dêsse regime a ponto de negar que, fora dêle,

não haja salvação. O que, porém, acredito é que um pesquisador não será um bom pesquisador, se não fôr um especialista. Qualquer assunto é hoje tão complicado, exige tantos esforços bibliográficos e experimentais, obriga o cientista a tal concentração, que duvido da possibilidade de um bom trabalho ser realizado por não especialistas. Nos centros onde a Ciência é largamente cultivada, não me consta que exista a dispersão que, infelizmente, é tão comum entre nós.

Ora, especialmente agora, em consequência da lei da desacumulação, parece pouco provável que se possa trabalhar com sucesso nas Cadeiras fundamentais de nossas Faculdades técnicas e da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, isto é, fora do regime de tempo integral, que assegura a especialização.

Professôres e assistentes unicamente devotados à sua especialidade, meios razoáveis de trabalho material, bibliotecas bem organizadas são os elementos que nos hão de conduzir à posição de destaque que teremos de ocupar muito breve na Ciência internacional. Acima de tudo, naturalmente, estão as qualidades pessoais do pesquisador, pois nem os mais fabulosos meios de pesquisas bastarão por si sós, para se realizar a mais ínfima descoberta. Sabemos que Institutos, grandes por seus edifícios, podem não o ser por sua produtividade. E esta é que importa. Agora, é perfeitamente louvável a atitude de nossos governos, esforçando-se por dotar São Paulo de Faculdades que tenham grandes edifícios, bem instalados e bem organizados. Posto que de todos os requisitos citados, o mais fácil de satisfazer é o prédio grande, é razoável que Faculdades novas, como as nossas, ainda estejam desenvolvendo suas instalações e sua organização.

Disse-vos, há pouco, que julgo ter sido uma felicidade a dispersão de nossa Faculdade em vários prédios, dos quais três pelo menos, são modestos no aspecto e, todos, insuficientes nas instalações. Foi uma felicidade, porque nos permitiu demonstrar aquilo de que somos capazes, mesmo em condições tão desfavoráveis. Penso, no entanto, que já é tempo de cessar essa experiência. Estou certo de que o Governo de São Paulo cumprirá sem demora a promessa que me fêz, quando me empossei na Diretoria: a de que em breve seria iniciada a sua construção.

Juntemos a essa tão promissora realização, a autonomia de nossa Universidade, que em boa hora nos está sendo concedida, e graças à qual poderemos simplificar, consideravelmente o atual sistema administrativo por demais complicado e burocrático. Daí nasce a confiança de que, em um bom prédio, com boas instalações e boas bibliotecas, saberemos realizar a obra que de nós todos esperam: a de colaborar no desenvolvimento das Ciências e das Letras, de sorte a colocar nosso País entre os vanguardeiros da civilização contemporânea.

Senhores Bacharelados!

Estamos atravessando dias tão sombrios, que só recuando séculos encontraremos na história, e talvez imperfeitamente, outros que se lhes comparem.

Desde que o homem existe, foi sempre com angústia e com sofreguidão que desejou saber a significação de sua própria vida. Várias são as respostas que podemos dar a tão indiscreta pergunta. Tôdas elas, filosóficas, religiosas, ou científicas, põem em relêvo a pequenez de nossa condição diante da grandeza do tempo ou da imensidade do espaço; tôdas salientam o muito que desejamos saber e o pouco que nos é dado conhecer; tôdas realçam a fantástica pretensão de nossos sonhos e a incrível insignificância de nossas realizações.

A melhor síntese da história dos homens, da história de todos os homens, parece-me ainda ser aquela da velha história que nos conta Anatóle France:

“Morrera o rei da Pérsia e o jovem sucessor chamou todos os sábios do país e lhes disse: “Sempre me foi dito que melhor governariam os reis, se mais conhecessem a história dos homens. Desejando ser um bom rei, quero conhecê-la, e por isso vos peço para vos reunirdes e escreverdes essa história. Tenho 20 anos; parece-me que ainda é tempo de a aprender”. E assim foi feito. Os 40 maiores sábios da Pérsia, reunidos em Academia, escreveram, escreveram. Finalmente, ao cabo de 20 anos, o Secretário Geral dos Sábios da Pérsia se apresentou diante do Palácio Real, seguido de 100 elefantes, conduzindo 20.000 volumes. Então, o rei lhe disse: “Muito agradeço aos sábios da Pérsia o valioso trabalho que fizeram. E”, porém, claro que aos 40 anos, tendo de resolver as graves questões que tanto afligem meu país, não poderei ler tantos livros. Sejam êles recolhidos à biblioteca real. Voltem os sábios a reunir-se e façam um resumo dessa tão longa história.”

Assim disse o rei e assim foi feito. Os sábios trabalharam mais 20 anos, ao cabo dos quais voltou ao Palácio o Secretário Geral dos Sábios da Pérsia, seguido agora de apenas 50 camelos, sendo levado à presença do rei. “Majestade, disse o Secretário, foi difícil nossa tarefa. Tivemos que fazer uma escôlha, limitando-nos aos fatos essenciais. Em todo caso, aqui estão 2.500 volumes, onde se enfeixam a sabedoria e a loucura, pois tais são, em essência, os dois principais atributos dos seres humanos.” “Agradeço-vos muito êste notável trabalho”, respondeu o rei. “No entanto, não o lerei. Não me seria possível fazê-lo, dada a minha idade e os meus afazeres. Mandarei recolher os livros à minha biblioteca e esperarei por um novo resumo.”

Dez anos mais tarde, voltava pela terceira vez o Secretário Geral dos Sábios da Pérsia, acompanhado de 3 cavalos, puxando um carro com 100 volumes. “Lamento, disse o rei, que não tivésseis começado por onde ter-

minastes. Cem volumes é, por certo, coisa que um homem moço pode ler. Não é êsse, infelizmente, o meu caso. Abreviai a acelerei ainda mais.”

Ao cabo de mais 5 velozes anos, voltou pela última vez a apresentar-se diante do Palácio Real o Secretário Geral dos Sábios da Pérsia. Apoiado numa muleta, doente e cansado, puxava um burrinho, em cujo dorso se via um único e grosso volume. “Se quiserdes ver o rei ainda vivo, disse-lhe o porteiro, andai depressa. Sua Majestade está moribundo!” Tão depressa quanto lhe permitiam seus fracos meios, apoiado numa muleta, foi até a câmara real o Secretário Geral dos Sábios da Pérsia. Aí permaneceu silencioso, até que o rei, virando-se para êle, o reconheceu e lhe disse, com um sorriso amargo: “Chegaste tarde! Morrerei sem conhecer a histria dos homens!” Ao que o Secretário Geral dos Sábios da Pérsia, tão velho e quase tão moribundo quanto o rei, lhe respondeu: “Majestade, se quiserdes conhecer a histria dos homens, vô-la resumirei em três palavras: nasceram, sofreram e morreram!”

*

Nunca a história dos homens pôde ser tão bem sintetizada em nascimento, sofrimento e morte, como em nossos dias. E o aspecto mais espantoso dêsse sofrimento para aquêles que, por dever de ofício, são obrigados a pensar, é sua absoluta gratuidade. Provém êle de desentendimentos que deveriam, devem e principalmente deverão ser evitados no futuro, libertando a humanidade de amanhã de grande parte dos sofrimentos que nos coube suportar.

A guerra é o mais horrível dos males. O argumento de que sempre tem havido e, por isso, sempre haverá guerras, é digno de homens que não acreditam na existência da razão humana. Guerras houve que foram necessárias e nenhuma o é mais do que a presente, que também a nós atinge. Bem sei que os céticos sorrirão quando se disser que esta guerra deve, principalmente, ser uma guerra preventiva. Preventiva de novas guerras. Certamente já se disse isso da guerra de 1914. No entanto, longe de desanimarmos diante da falência daqueles nobres propósitos, maior estímulo deveremos tirar daquela terrível lição, a fim de organizarmos a paz futura em moldes duradouros.

A Universidade de São Paulo bem compreendeu a significação decisiva da presente luta ao criar os Fundos de Pesquisa para a Defesa Nacional. E é com orgulho muito especial que desejo pôr em evidência o papel de nossa Faculdade nesse empreendimento admirável. Até agora os Departamentos de Estatística, Psicologia, Mineralogia, Química e principalmente Física, foram os que maior contribuição trouxeram aos trabalhos científicos ligados à guerra. Da importância de seus trabalhos, sobre os quais não vos posso dar maiores esclarecimentos pela própria natureza dos assuntos de que tratam, dirá o fato de ter sido atribuída, há dias, a soma de 500.000 cruzeiros ao Departamento de Física, para montagem de sua oficina.

Nossa Faculdade, porém, ao trabalhar para a guerra, visa um alvo mais precioso: a paz. Não a paz sangrenta de que tão freqüentemente se ouve falar, mas a paz científica que nos permitirá viver nossa vida, cultivando os maiores bens do mundo: serenidade e paz de espírito, que são a própria essência da sabedoria.

Não descreio da humanidade de hoje, especialmente dos moços. Suas qualidades nos são mostradas por esta guerra, com meridiana clareza. Que o heroísmo não foi apanágio de tempos passados, estão todos os dias a prová-lo os soldados que morrem na lama ou no deserto, os marinheiros sufocados nos submarinos, os aviadores que caem do céu. E se me disserdes que a mocidade só sabe morrer na luta contra o inimigo da Pátria e deixa de lado o heroísmo, quando se trata de melhorar suas próprias condições de vida ou as de seus semelhantes, então serei obrigado a emitir, sobre o homem, juízo tão mau, que me conduziria a prognosticar o fim dessa civilização, que é, afinal, a própria razão de nossa vida.

Não me arreceio de falar em confraternização dos povos nesta hora de guerra. A guerra em que estamos empenhados exige de cada um de nós o máximo de sacrifícios. Sabemos que de sua solução depende nossa própria sobrevivência como nação livre. Sabemos que estamos lutando pelo direito de viver livres e como melhor nos aprouver. Sabemos que é pela dignidade e pelo respeito humano que estamos lutando. Mas, por isso mesmo, cabe-nos o dever de reconhecer a necessidade absoluta de uma reorganização do mundo em termos mais razoáveis. E' certo que em toda a parte há gente boa e gente má, mas não é menos certo que muitos dos homens a que chamamos maus poderiam ter sido ou poderão vir a ser bons se forem adequadamente educados.

Vivemos numa época de propaganda. Dispomos de meios nunca vistos anteriormente, para influir no espírito da mocidade. Sabemos o que pode uma propaganda bem feita, pela imprensa, pelo cinema, pelo rádio. Começemos desde já esta tarefa, para a qual, vós Senhores Bacharelados, sereis chamados e na qual tereis papel decisivo. Aqui temos, reunidos, sociólogos, geógrafos, historiadores, letrados, pedagogos, matemáticos, físicos, químicos, biólogos. Pois bem, deixai-me que vos leia um pouco de um dos mais extraordinários livros que li nestes últimos tempos. Foi escrito por um capitalista, candidato pelo Partido Republicano à presidência dos Estados Unidos da América do Norte. Não o podemos, portanto, taxar de extremista. Os últimos capítulos desse livro deveriam ser traduzidos em todas as línguas e distribuídos a todos os homens. Eu iria mais longe: faria deles uma cartilha para ensinar a ler às crianças e obrigaria os adultos que os decorassem. E' o livro de Wendell Wilkie, *Um mundo só*, cujos últimos quatro capítulos, numa simplicidade e clareza admiráveis, encerram o ideal pelo qual nos batemos. Diz êle:

“Tornou-se vulgar dizer que esta guerra é uma revolução — no modo de pensar e no modo de viver dos homens do mundo inteiro. Mas não é comum ver a revolução a operar-se como eu vi. Nada mais ex-

citante e atemorizante. Excitante, porque é uma prova do enorme poder da criatura humana para mudar o ambiente, para lutar pela liberdade com a intuitiva confiança de que a liberdade é tudo para ela. E atemorizante, porque os diferentes povos das nações unidas, salvo os seus chefes, ideais com que teremos de armar nossos soldados. Por mais importante de nenhum modo chegaram a acôrdo quanto às razões da luta, quanto aos que seja o papel das baionetas e dos canhões no desenvolvimento da humanidade, o papel das idéias é infinitamente maior e o único que no fim preponderará.”

Após salientar que o isolacionismo dos Estados Unidos foi, depois da última conflagração mundial, uma das causas principais da guerra atual, e que não há mais isolamento geográfico, pois o Atlântico é hoje um simples canal sobrevoado com horarios precisos, diz:

“Depois da guerra atual, os Estados Unidos têm de escolher entre um destes três caminhos: 1.º) o do estreito nacionalismo, conducente, no fim, à perda de nossa própria liberdade; 2.º) o do imperialismo internacional, com o sacrifício da liberdade de outras nações; 3.º) o da criação de um mundo em que haja igualdade de oportunidades para tôdas as raças e tôdas as nações. Estou convencido de que o povo americano vai escolher, por esmagadora maioria, o terceiro caminho. Para ganhar a paz, três coisas parecem-me necessárias: 1.º) planejá-la desde já, em termos mundiais; 2.º) assentar que a paz será possível num mundo econômico e politicamente liberto, liberto tanto para os homens como para as nações; 3.º) estabelecer que a América representará parte ativa e construtiva na libertação do mundo e na conservação da paz. E' inexoravelmente exato que não pode haver paz em parte nenhuma do mundo a não ser que os alicerces da paz se firmem em tôdas as partes”.

Senhores! Não é de hoje que os homens de ciência sabem que os trabalhos verdadeiramente notáveis são sempre obra coletiva de homens de muitos países e de muitos povos. Qualquer grande descoberta científica serve para atestar esta verdade, tão evidente que não me deterei em exemplificá-la. Conserve cada povo suas tradições, seus costumes e sua lingua. Esse é o nacionalismo que devemos estimular. Mas que cada um deles colabore com todos os demais no progresso da humanidade. Esse é o internacionalismo que precisa ser adotado.

Deixai-me repetir as pávrias, que desejamos proféticas, do grande General Osório: “A data mais feliz de minha vida será aquela em que me derem a notícia de que os povos civilizados festejam sua confraternização, queimando seus arsenais.”

Senhores Bacharelados! Nosso país já tem sofrido muito com a guerra. Muitas vidas preciosas foram destruídas pela obra dos submarinos do Eixo. Contingentes numerosos de soldados aprestam-se para partir para os campos de batalha. E', no entanto, incontestável, que ao continente americano coube a sorte de ter sido, até hoje, poupado dos horrores de todo gênero e das destruições pavorosas que ensangüentam e enlutam os outros continentes e, mais especialmente, a Europa, esta Eu-

ropa que fôra até hoje o manancial mais importante da cultura e da civilização.

Não sei se já tereis pensado, como convém, sôbre as responsabilidades do continente americano na reconstrução do mundo de após-guerra. E' principalmente aos jovens intelectuais como vós que o mundo apela para que os benefícios da cultura e os progressos da civilização não sejam estancados.

Vós que tivestes a fortuna de vos poder cultivar-vos e instruir-vos num mundo cuja mocidade é destruída do modo mais horrível, representais a reserva e a esperança dos homens que ainda acreditam na civilização. A vós cabe preservar, desenvolver e propagar a cultura.

Estou certo que sabereis cumprir vosso dever, honrando a Faculdade onde estudastes, São Paulo, o Brasil e a Humanidade.

DISCURSO DO PROFESSOR MÁRIO SCHENBERG,
PARANINHO DA TURMA DE 1944.

Exmos. srs. Representantes das autoridades, Magnífico Reitor, Exmo. Sr. Diretor, meus senhores e minhas senhoras.

Acho-me na obrigação de lhes explicar porque aqui me encontro como paraninfo da turma que hoje se forma. A meu ver, a escôlha dum paraninfo não representa apenas uma homenagem prestada pelos bacharelados a uma pessoa de sua simpatia. E' também um convite feito pelos que vão iniciar sua carreira a um homem de maior idade e experiência para dizer algo que lhes possa servir de roteiro pelo caminho a trilhar. Em épocas rotineiras a tarefa do paraninfo é realmente bem simples: basta repetir as diretrizes gerais do pensamento social, apresentando-as com um revestimento retórico que lhes dê um cunho mais pessoal. Mas nestes momentos cruciais que atravessamos, dias em que o mundo do futuro começa a revelar seus lineamentos, tão diferentes dos da época que chega ao seu fim, e sobretudo defrontando-me com uma geração universitária que se impôs à admiração de todos os brasileiros progressistas pela sua impetuosa combatividade e ânimo inflexível, o paraninfo é tarefa para a qual não me considero bastante qualificado.

Ao saber que fôra derrotado na eleição para a escôlha do paraninfo senti um grande contentamento. Primeiro porque, prematuramente, me julgara livre de uma tarefa superior às minha possibilidades e também, pelo acêrto que demonstrastes na escôlha do Sr. Monteiro Lobato, cujo merecimento intelectual e humano é admirado por todos. Desejaria porém salientar algumas razões por que tanto me entusiasmei a vossa sábia deliberação. Monteiro Lobato, além do seu talento como escritor, sôbre o qual é inútil insistir, tem outras qualidades que talvez não sejam tão conhecidas, ou, melhor, tão freqüentemente recordadas. Ele foi um dos primeiros a se insurgir contra a visão idílica e porque-me-ufanista das coisas brasileiras. Chamou a atenção para a mísera condição dos milhões de brasileiros que vivem corroídos pela doença, num estado de total improdutividade econômica e escasso valor cultural. Isto quando todos só usavam da pena para dar vasas a sonhos côm de rosa sôbre uns campos élisios que sabiam perfeitamente não estar entre o Amazonas e o Chuy. Chamar a atenção sôbre a situação real, investir contra os falsos ardores patrióticos dos que vivendo fartos e contentes, se envergonham e indignam ao ouvir dizer que a maioria de seus compatriotas leva uma existência mais triste que a dos *felás* egípcios e *coolies* orientais, é um aspecto da obra do sr. Monteiro Lobato que lhe dá uma

atualidade pungente. Há também outro aspecto menos compreendido, mas sobremodo interessante: Monteiro Lobato é um dos raros espécimes de brasileiro com mentalidade de empreendedor capitalista, isto é, daquele tipo de homens que lideraram a expansão econômica dos Estados Unidos, mas pouco se desenvolveu em nosso país. Dirão muitos, Monteiro Lobato não é um capitalista, é um escritor, talvez o único de nosso país que vive de sua pena. Isto só faria aumentar o interesse de seu depoimento, servindo para nos esclarecer sobre a natureza das forças e circunstâncias que, depois de terem anulado os esforços de um Mauá, impediram que o Brasil saísse do letargo semi-feudal por obra de uma burguesia ativa e realizadora.

Com grande pesar soube que, não tendo podido Monteiro Lobato atender ao convite dos bacharelados, em segunda eleição a escôlha recaíra sobre mim. Não sei que motivos levaram os srs. bacharelados, depois de terem demonstrado tal perspicácia na escôlha de quem lhes indicasse os passos a seguir, a se lembrarem de mim que, pela própria natureza de minhas ocupações, me encontro quase sempre entre o chão e as estrêlas (peço desculpas ao sr. Tito Battini por êste plágio voluntário), quando não perdido entre os eletrons e suas radiações. Ademais, é tão pequena a diferença de nossas idades que de modo algum posso me considerar possuidor de experiência maior. Quero crer que vos lembastes de mim por saber de minha simpatia por vossas idéias, de resto comuns a todos os de nossa geração, como a quantos por êste vasto mundo preferem o justo ao meramente existente. Falar-vos-ei portanto como patrulha avançada do grande exército dos brasileiros jovens que partem para a batalha do mundo de amanhã, não como veterano de muitas lutas. Que a boa vontade me faça às vêzes de experiência.

Talvez nenhuma geração de brasileiros tenha se defrontado com problemas tão graves e numerosos como os encontrados pelos jovens de hoje. Começamos a participar ativamente da vida pública num momento de aguda tensão mundial. Presenciamos os últimos estertores de uma época moribunda, e não apenas entre nós. Nada de semelhante ocorria nos dias da Independência, da Regência ou da instauração do regime republicano. Se ao menos o clima fôsse de amplas e livres discussões, em que todos os pontos de vista pudessem ser debatidos e esclarecidos e se as fontes de informação estivessem ao alcance de quem as procurasse, ter-nos-ia sido infinitamente mais fácil inteirar-mo-nos do que realmente acontecia no mundo e conseqüentemente ajustarmos a nossa atuação de modo mais seguro e esclarecido. Infelizmente, a atmosfera política nacional se caracterizou por um marasmo sem par, que só agora começa a se desfazer. Havia como que um cansaço pelas lutas que se estenderam de 1929 a 1937 e, depois da exclusão compulsória das correntes esquerdistas da vida política nacional, estabelecera-se uma trégua tácita entre democratas centristas esmorecidos e uma direita consciente de sua incapacidade de arraigamento profundo na consciência nacional, sobretudo depois do malogrado *putsch* integralista de 1938. No silêncio paludinoso estrilavam as vozes suspeitas de escribas pro-

curando, numa nova edição apressada do falecido que-me-ufanismo embaixador os simplórios com a afirmação de que o Brasil já resolvera todos os problemas que levaram as nações vanguardistas ao banho purificador de sangue em que até agora continuam mergulhadas. Nós, pobre nação mal saída numa posição econômica e cultural de semi-colônia, já tínhamos resolvido todos os problemas com uns poucos rabiscos de pena. A simbiose de capitalismo e socialismo, de democracia tradicional, de corporativismo fascista, de soviétismo e não sei mais o que, já se processara miraculosamente e era incrível que o resto do mundo não depusesse as armas e não viesse em romaria até estas plagas receber dócilmente os ensinamentos de nossos admiráveis filósofos políticos que já tinham assentado o caminho de amanhã. Honra sobretudo a nossa geração o não se ter deixado iludir, mau grado a sua falta de experiência e de meios de informação. O espírito desta grande era política se insinua e medra nos indivíduos mais desprovidos de informação e tirocinio. Podemos não conhecer as soluções, mas não deixamos de sentir, quando não de compreender, as questões. Precisamos também de encontrar soluções.

Na realidade, a calma impressionante do ambiente político e social brasileiro resultava precisamente da consciência geral de que não estávamos em condições de deslindar o emaranhado, antes de terem chegado a decisões os setores dirigentes do mundo contemporâneo. Era e é tal a nossa dependência do que ocorre noutras terras que, aparentemente, teríamos de esperar o amadurecimento da situação mundial. Mas vivemos na chamada era do imperialismo, caracterizada pela existência de ligações estreitas entre todas as partes do mundo. Deixou de ser possível qualquer localização das crises e conflitos, que agora repercutem por todo o orbe num tempo mais ou menos curto. Não pudemos ficar a espera da decisão no teatro europeu ou asiático, vimo-nos arrastados para a peleja.

A participação de tropas brasileiras nos combates da frente italiana marca definitivamente o fim do suburbanismo sul-americano, como a entrada dos Estados Unidos na guerra de 1914 acabou com o esplêndido isolamento da Norte-América, quer o enxergassem ou não os isolacionistas admiradores do avestruz tão numerosos na grande democracia irmã.

Para compreendermos nossa posição devemos começar pelo exame das grandes questões mundiais, cujas soluções constituem premissas inalienáveis de qualquer atitude em relação aos nossos problemas locais. De um modo bastante esquemático, mas suficiente para uma orientação geral, podemos dizer que os dilemas de hoje são: democracia ou fascismo, socialismo contra ou com capitalismo. Todos os demais problemas por graves que sejam, como os do imperialismo e da autodeterminação nacional gravitam em torno das duas antíteses precedentes.

Democracia ou fascismo.

Antes de mais nada, o que é democracia e o que vem a ser fascismo? E' bastante difícil reduzir esta oposição a termos totalmente precisos, porque tanto a democracia como o fascismo apresentam várias modalidades e outras mais poderão aparecer num futuro imediato. Só as abstrações podem existir fora do fluxo da história. Tôdas as coisas concretas aparecem sempre como realidades históricas e possuem uma dialética inescapável que condiciona sua evolução. A democracia ateniense era profundamente diferente da que houve na Inglaterra vitoriana, assim como esta foi bem diversa da que hoje existe nos Estados Unidos ou das formas democrático-socialistas que começam a se precisar em vários países. Também o fascismo se apresentou de modo diferente na Itália de Mussolini, no nazismo alemão ou nos regimes de Franco e Pilsudski.

Falta-nos tempo para examinar a complexa fenomenologia da democracia e do fascismo, mas podemos indicâr alguns aspectos da filosofia política, do mecanismo estatal e das situações históricas em que a democracia e o fascismo surgiram, suficientes para fixar nosso ponto de vista.

Doutrinariamente, a democracia assenta no pressuposto do valor do indivíduo e na sua liberdade. A idéia do valor individual de cada homem, assim como a da sua liberdade, vieram se constituindo na Grécia e na Judéia e foram formuladas de maneira definitiva pelos filósofos do cristianismo. Por mais que as tenha deformado em várias épocas, o cristianismo transmitiu ao mundo ocidental a crença no valor transcendental da alma humana e na necessidade de sua liberdade. Na filosofia kantiana o valor do indivíduo encontrou formulação incomparável no conceito de que o homem é um fim e não um meio. O fascismo de inspiração machiavélica e nitzcheana nunca reconhece o valor supremo do indivíduo humano e o considera como instrumento de uma entidade superior: o Estado totalitário, representante do espírito da nação ou da raça. Reduzindo o homem a meio ou instrumento da grandeza do Estado, nega sua liberdade individual, substituindo-a por uma fictícia liberdade coletiva da nação ou da raça. Além de negar o valor do indivíduo, a filosofia fascista nega também a igualdade do valor humano. Há o chefe possuidor do carisma divino e os vários chefetes e chefinhos que também o possuem em grau menor. Ao homem comum só resta a prerrogativa de membro da nação ou da raça e, se não lhes pertencer, valor nenhum. Segundo a forma de fascismo, acentua-se mais um ou outro ponto da doutrina, mas há sempre o "chefe" e nunca liberdade para os desprovidos de carisma, que o homem sem ela só a poderia usar malignamente, na opinião dos teóricos fascistas.

Do ponto de vista da estrutura do Estado a democracia se caracteriza pela existência de órgãos eletivos, escolhidos por sufrágio, sempre universal nas democracias contemporâneas. Entre os cargos eletivos, os de supremo magistrado e os de deputados ao parlamento são os

mais importantes. A democracia reconhece sempre direitos individuais inalienáveis, sobretudo o da liberdade de pensamento. No fascismo todo o poder está concentrado no Chefe, que pode delegá-lo, mas nunca provém de mandato popular.

Os critérios ideológicos e orgânicos que acabamos de enumerar bastam para distinguir as variedades atuais de democracia e fascismo. Resta especificar as condições históricas e sociais do aparecimento destas formas políticas. As democracias ocidentais nasceram com o advento da burguesia à posição de classe dominante. O parlamento, órgão característico da democracia, surgiu com denominações diversas em muitos países durante a Idade Média, quando a importância política e social da nova classe burguesa foi se tornando considerável. A princípio suas prerrogativas foram bastante modestas, mas, com a ruína da monarquia absoluta, tornou-se o órgão fundamental do estado burguês. Sua posição começou a periclitar com o surto do movimento socialista, quando a burguesia se sentiu atemorizada.

O temor inspirado à burguesia pelo socialismo ascendente criou as condições de aparição do fascismo. Depois da primeira guerra mundial a estrutura econômico-social de alguns países cambaleava, e na Rússia czarista ruira totalmente. Nestas condições o poder tendia naturalmente a passar para as classes sociais e grupos políticos menos afetados pela *debacle*, formas diversos de socialismo estavam a ponto de emergir em vários países europeus. Mas as classes abastadas não se deixaram afastar do poder sem resistência, sobretudo por causa do apêio militar e econômico que lhes foi dispensado pelas potências vencedoras. Houve intervenção militar de 14 potências na Rússia; o governo de Bela Kun foi deposto pelas tropas rumenas; na Alemanha a revolta espartaquista foi esmagada. Passado o período de convulsões, a Europa entrava rapidamente numa era de paz e reconstrução, mas já estavam lançados os germes do fascismo.

Na Hungria dominava o regime de Horty, na Itália Mussolini formara os seus *fasci* e na Alemanha já existia o partido nacional-socialista. Com o declínio da onda revolucionária a burguesia se acalmava e havia condições favoráveis para o funcionamento de instituições democráticas. Mas os fascistas não dormiam e procuravam amedrontar as classes possuidoras provocando tôda espécie de desordens e conflitos. Basta citar o exemplo da ocupação das fábricas pelos operários italianos, instigada por Mussolini. Na Itália, os fascistas implantaram uma verdadeira guerra civil, assaltando sindicatos operários e não perdendo nenhuma oportunidade de promover conflitos e distúrbios que depois atribuíam aos socialistas e comunistas. Conseguiram o seu objetivo, e apoiados pela monarquia, subiram ao poder em 1922. Na Alemanha, Hitler e Ludendorff desencadearam o *putsch* fracassado em 1923.

Para compreender nitidamente a natureza do fascismo não basta analisar os seus característicos ideológicos e as condições políticas gerais que falicitaram o seu advento. E' preciso estudar o material humano de que se constituíram os partidos fascistas. Neles encontramos

uma galeria completa de aventureiros e fracassados, todos os espécimens de pescadores de águas turvas que, percebendo a aguda tensão social e o pânico da burguesia, se apresentam como instrumentos de repressão violenta das forças populares para poderem se assenhorear do poder com a aquiescência das classes conservadoras. Uma vez conseguido êste objetivo processam uma ofensiva sistemática contra tôdas as fontes de riqueza e tendem a se transformar numa classe *sui generis*, parasitária da economia nacional pelo seu cōntrôle do poder político. O pequeno proprietário, que às vêzes teme o socialismo tanto ou mais do que pessoas de maiores posses, afluí freqüentemente para as fileiras fascistas, atraído por uma demagogia anti-capitalista que lhe promete segurança cōtra os imaginários assaltos do socialismo como os do não menos temido grande capital. Mas, excetuando os seus membros que conseguiram posições na máquina estatal fascista, a classe média se vê totalmente desprotegida e desaparece rapidamente, vítima da espoliação da *clique* fascista e dos grandes trustes a ela associados. O exemplo da pequena burguesia alemã e italiana é demasiado eloqüente.

A utilização do pânico é um dos elementos mais típicos do fascismo. Êle vive de explorar espantalhos: perigo comunista, perigo judaico, conspirações internacionais que visam subjugar determinada nação e coisas quejandas. Métodos semelhantes só poderiam levar as classes conservadoras a se entregarem inteiramente a aventureiros, muitas vêzes reconhecidamente criminosos e *detraquês*, numa época de tanto desequilíbrio psíquico como a nossa. Como castigo merecido acabam sendo arrastadas a situações irremediavelmente catastróficas como aconteceu na Itália e na Alemanha. Por custosas que lhes tivessem saído as reformas sociais necessárias para atender às reivindicações populares, se-lo-iam incomparavelmente menos do que a ruína total a que as levaram os fascismos da Alemanha, da Itália, da Hungria e de outros lugares. Isto começa a ser percebido por muitos conservadores espanhóis que procuram se desvencilhar da Falange e de Franco, voltando ao regime republicano democrático. A atitude de Gil Robles e Maura é altamente significativa.

Capitalismo e socialismo.

Pela primeira vez nos últimos cem anos, encontramos numa situação favorável para julgar equitativamente o caso socialismo versus capitalismo. Isto devêmo-lo a esta guerra e por vários motivos.

Uma apreciação justa do caso era impossível, em virtude dos inúmeros preconceitos tanto de capitalistas como de socialistas. Os partidários do capitalismo o apresentavam como único regime compatível com a natureza humana, que teria existido sempre e não poderia deixar de existir porque decorria de leis naturais tão inescapáveis como as da gravitação. Os socialistas viam o capitalismo como um sistema da mais

irracional e deshumana exploração do trabalho, que cumpria abolir imediatamente substituindo-o por um sistema econômico mais justo e mais eficiente.

Até bem poucos anos, muitos dos mais abalizados economistas insistiram em afirmar que uma economia socialista não podia funcionar porque os seus princípios eram incoerentes. Outros diziam que o socialismo necessitaria de homens de natureza angélica para dirigi-lo, mesmo se fôsse logicamente concebível. Apesar da possibilidade lógica do socialismo já ter sido reconhecida por von Wieser e Pareto e demonstrada teoricamente com todo detalhe por Enrico Barone desde 1908, muitos continuavam surdos a qualquer raciocínio. Quando negavam a possibilidade conceitual do socialismo, argumentando a maneira de von Mises que a base de qualquer organismo econômico racional consiste num sistema de preços oriundo da livre concorrência, achavam, com os professores Lionel Robbins e von Hayek, que a tarefa do órgão central planejador excederia as capacidades humanas, por sua complexidade inextricável.

As possibilidades de funcionamento e de eficiência duma economia socialista só se afirmaram de modo patente e indiscutível com a performance militar da União Soviética, sobretudo em vista do progresso rapidíssimo realizado desde a guerra finlandesa de 1939. Por outro lado, a extraordinária eficiência da estrutura econômica alemã, fruto de uma planificação econômica derivada dos quinquenais soviéticos e só diferindo da russa pelo modo de distribuir as rendas, contribuiu também para dar o golpe de graça nos argumentos tipo Robbins e Hayek acabando de demonstrar, por uma destas ironias do destino, a excelência do que o fascismo viera combater. Agora a situação parece ter se invertido completamente, em vez de fazer pilhéria com a planificação há uma tendência em considerá-la como panacéia para todos os males.

Na realidade, hoje vemos com toda a clareza que o capitalismo é o sistema mais eficaz em certas condições, tornando-se totalmente inoperante noutras. Não é justo afirmar que o capitalismo seja a coisa mais deshumana e irracional que se possa imaginar em matéria econômica. O motivo propulsor da atividade capitalista é certamente frio e antipático: a caça sistemática ao lucro. Mas não se deve julgar um sistema econômico e social pelo princípio propulsor de seu mecanismo e sim, pelos seus frutos. E' inegável que o capitalismo, no seu período ascendente, determinou uma melhoria extraordinária do padrão coletivo de vida em todos os lugares em que as condições geográficas e sociais favoreceram o seu desenvolvimento. Basta comparar o que aconteceu nos Estados Unidos com a nossa economia patriarcal ou com o feudalismo. Por outro lado, em muitas regiões do mundo as condições atuais deixaram de ser favoráveis ao capitalismo, que entrou numa fase de paralisia e declínio rápido, a *panne* da máquina capitalista norteamericana em 1929 nunca foi remediada. Em países como o nosso ainda

há muitas possibilidades para o capitalismo, se bem que outras já tenham desaparecido.

A transição do capitalismo para o socialismo num país altamente industrializado não oferece necessariamente dificuldades extraordinárias. Não há sequer necessidade de uma expropriação violenta. O estado poderia encampar as grandes instalações industriais, os bancos, as minas e as emprêsas de transporte e produção de energia elétrica, indenizando monetariamente os capitalistas ou pagando-lhes uma renda correspondente. Com os altos impostos sôbre a renda introduzidos peia guerra atual e uma forte taxaçoão das heranças, o problema da transição seria resolvido numa, ou, no máximo duas gerações. A própria resistência da classe possuidora talvez não seja tão considerável como teria sido noutras épocas; nos países mais adiantados ela já se habitou a ter enormes capitais imobilizados, sem esperança de inversão produtiva. A desilusão com o fascismo, muito poderá facilitar uma transição suave para o socialismo. O que atualmente acontece na França deveria ser estudado por todos quantos se interessam por problemas sociais e humanos.

Nos países mais adiantados, as maiores resistências ao socialismo provirão dos grupos que auferem enormes dividendos da exploração rendosíssima das colônias e semi-colônias. Isto nos faz compreender muito do que está passando na Bélgica, na Itália e na Grécia. Os interesses imperialistas são o maior entrave para a democracia e o socialismo.

Num país como o nosso, em que não há grande indústria, nem poderoso sistema bancário, o desenvolvimento econômico pode ser planejado de modo a permitir uma transição suave e imperceptível para o socialismo quando êste fôr o sistema mais adequado às necessidades nacionais. Basta que as indústrias pesadas e o sistema bancário central, que ainda estão por serem criados, fiquem sob contrôle estatal democrático.

O Brasil de hoje e de amanhã.

Depois de nossa já prolongada excursão pelos problemas mundiais devemos finalmente chegar ao que mais de perto nos toca. Todo idealismo digno dêsse nome anseia por se traduzir em ação concreta e só se pode agir no meio em que se vive. Vejamos pois alguns dos problemas de nossa terra que estão a exigir a atenção e o esforço dos brasileiros de hoje.

Há um fato que impressiona extraordinariamente a quem examine, por um momento que seja, a situação econômica e social do Brasil: nos seus elementos fundamentais nossa economia não mudou essencialmente nos últimos quatro séculos! Continuamos a ser um país produtor de matérias primas e produtos alimentares para a exportação. Logo

depois da descoberta produzíamos açúcar, depois passamos a produzir café e algodão, mas, a não ser a mudança de gêneros do produto exigido pelo mercado mundial, não houve modificações substanciais.

E' certo que nos últimos vinte e cinco anos houve entre nós um certo desenvolvimento da indústria leve. Desenvolvimento de resto bastante artificial, pois depende essencialmente das barreiras alfandegárias. Mas o fundamento de nossa economia hoje, como há quatro séculos, são os gêneros agrícolas de exportação. E nossa dependência da exportação ainda é maior do que se percebe à primeira vista: o baixo custo de vida que gozávamos até há alguns anos era possibilitado em grande parte pelas sobras da exportação.

O Brasil tem evoluído muito em alguns campos, e neles já podemos nos aproximar das nações de posição mais eminente. Devemos sobretudo destacar o valor da arte contemporânea brasileira. Nossa música, nossa pintura e nossa poesia podem ser comparadas sem desdouro com quaisquer outras de nossos dias, senão em quantidade pelo menos em qualidade. De um modo geral as nossas perspectivas culturais são excelentes. Mesmo no terreno científico temos realizado progressos bem apreciáveis. Basta recordar o valor de obras como "Casa Grande e Senzala" de Gilberto Freyre e "A Formação do Brasil Contemporâneo" de Caio Prado Júnior, os estudos de genética do Prof. Dreyfus, as pesquisas sôbre raios cósmicos dos professores Wataghin, Souza Santos e Pompéia, as contribuições do prof. Lélío Gama à teoria dos conjuntos e inúmeras outras investigações nos ramos mais diversos da ciência.

Nossas metrópoles são grandes centros de vida humana e têm um ritmo de crescimento raramente igualado. Mas não devemos nos contentar tão facilmente, pois basta que nos afastemos um pouco dos grandes centros urbanos, ou, que neles examinemos o nível de vida de suas populações, para nos convenceremos de que há mais brilho aparente do que fundo sólido.

Nenhuma grande cultura pode se desenvolver sem uma base econômica e social ampla e poderosa, capaz de fornecer seiva abundante à bela floração. E' o que nos falta de modo quase alarmante. O exame da renda nacional *per capita* é a melhor maneira de se avaliar a eficiência dum organismo econômico-social. A nossa é de vinte a vinte e cinco vêzes inferior à norte-americana e pelo menos duas vêzes inferior à italiana de antes da guerra. Isto nos dá bem uma idéia da penúria brasileira. Se levarmos em conta outros dados estatísticos, veremos que nossa situação pouco ou nada melhorou nos últimos anos. A produção de gêneros alimentícios vem se mantendo constante há dez anos e há mesmo indícios de que tenha diminuído nos últimos cinco anos. A produção do café é um sexto do que foi noutras épocas. O aumento do valor da produção industrial, descontados os efeitos da inflação, foi bastante modesto.

Uma prova das mais evidentes da debilidade da nossa estrutura econômica é o modo como reagiu ao impacto da guerra. O custo de vi-

da aumentou de 200 a 300 por cento, quando na Inglaterra e nos Estados Unidos não chegou a subir de 20 por cento, apesar do tremendo esforço bélico destes países.

Compulsando todos êstes dados constatamos que nossa situação econômica é bem crítica. Não se pode esperar que medidas desconexas de emergência sejam suficientes para dar um fundamento sólido à vida do país. A era do café parece definitivamente encerrada, o algodão não tem um futuro brilhante e a borracha dificilmente poderá resistir à concorrência dos substitutos sintéticos. A situação de nossa pecuária é conhecida de todos. O equipamento industrial está na maior parte obsoleto e gasto. Mas não devemos desanimar porque há perspectivas favoráveis.

Que perspectivas de solução se nos deparam? Evidentemente a raiz de todo o mal é o problema agrário que exige uma intervenção drástica. O aumento da renda nacional depende essencialmente duma maior produtividade da população rural, pois a imensa maioria da população brasileira vive no campo. Há milhões de brasileiros que devem ser integrados na vida econômica e cultural da nação, ter assegurado um padrão de saúde, alimentação e cultura mais condignos do mundo da Carta do Atlântico.

A produção nacional deve visar o mercado interno e não a exportação. Devemos seguir o exemplo dos Estados Unidos que consomem 91 por cento de sua produção dentro do território nacional. Aliás a criação do mercado interno depende da solução do problema agrário, resolvido êste problema aquêle automaticamente o estará.

O aumento da renda nacional também pode ser produzido pela industrialização, mas a industrialização depende da existência dum mercado interno, porque não podemos ter a veleidade de concorrer com as grandes nações industriais no mercado internacional. Ora, um grande mercado interno significa um aumento do poder aquisitivo das massas rurais, o que só poderá ser conseguido por uma reforma agrária.

A solução dos problemas nacionais depende portanto no trinômio industrialização-reforma agrária-expansão do mercado interno. Mas a expansão de nosso mercado interno não interessa apenas a nós. Os Estados Unidos buscam avidamente mercados para exportar os excedentes de sua enorme produção industrial e compreenderam que êstes mercados devem ser encontrados noutros países. Ainda há pouco, no memorável congresso dos industriais, soubemos que os Estados Unidos estão dispostos a nos abrir créditos até de 100 milhões de cruzeiros para o desenvolvimento de nosso equipamento industrial e de transporte, contanto que ofereçamos as necessárias garantias de constitucionalidade e estabilidade política consubstanciadas num regime de liberdades democráticas.

Diante das perspectivas que se nos oferecem que resta fazer? Aqui entramos novamente no terreno político. Encontramo-nos num *tour-nant* decisivo de nossa existência nacional, complicado, ou talvez facilitado, pela situação mundial. O velho Brasil dos engenhos, casas gran-

des e fazendas de café se dissolve a nossos olhos e nada impedirá que isto aconteça. Quer nos cause alegria ou tristeza, devemos olhar para o futuro e não para o passado, que os que o fizerem terão sempre o destino ilustrado pela lenda da mulher de Lot. Ou tomamos a dianteira sobre o destino e impelimos o nosso barco na direção desejada ou seremos colhidos pelo turbilhão que se aprxima. Uma decisão fundamental sobre os destinos de uma nação pode ser tomada democraticamente, pela unificação voluntária e espontânea de tôdas as correntes, cu deixada ao acaso que fatalmente conduz ao caos e a violência, com seu *karma* sinistro de quem com ferro fere com ferro será ferido. O Brasil precisa de União Nacional, de uma União Nacional cimentada com a adesão consciente e deliberada de todos através de um pleito livre em que participem tôdas as correntes da opinião nacional, todos os brasileiros que pensam e trabalham, todos o que agora aqui se encontram como os que estão no exílio ou nos cárceres políticos. Muitos erros foram cometidos por todos, do centro, da esquerda ou da direita, mas a hora é de decisões e não de recriminações. Tenhamos todos a generosidade de nos perdoar mutuamente os erros do passado e façamo-nos justiça, reconhecendo todos que os erros são muitas vêzes frutos de boas intenções e etapas necessárias para uma realização mais perfeita. Desprendamo-nos resolutamente de tudo o que pertence a uma época acabada, sem tristeza nem lamentos, recordando o dito sublime de Goethe *stirb und werde*: é preciso morrer para existir. O destino de tôdas as coisas humanas está resumido na lenda do passaro Fênix que renasce continuamente de suas próprias cinzas.

Prometendo eleições universais e diretas, o govêrno demonstrou compreender o anseio profundo de todos os brasileiros. Fazemos votos para que o estatuto e o corpo eleitoral sejam apresentados à nação dentro em breve e que os representantes brasileiros à Conferência de Paz possam ser portadores da opinião nacional apurada pelo pleito democrático. Estamos certos de que os juristas encarregados de tão momentosa tarefa saberão encontrar solução rápida e satisfatória para tôdas as dificuldades técnicas que porventura existam.

Desejaria agora vos dirigir algumas palavras, a vós particularmente, bacharelados de hoje. Tudo o que marca decisivamente os destinos humanos é obra da inteligência e do esforço dos homens. O Brasil carece de riquezas acumuladas, de poderosos parques industriais, de lavouras opulentas e de rebanhos inumeráveis. Nunca fomos mais pobres do que hoje, na verdade nunca fomos tão ricos nem se nos deparou futuro tão promissor. A garantia dêste futuro sois vós, jovens que em número crescente saís cada ano de nossas escolas, com o espírito forjado nas duras disciplinas da ciência e que aprendestes na labuta dos laboratórios e das bibliotecas, nas longas horas passadas em convívio com os segredos da natureza e as grandes manifestações do espírito humano a ser justos, imparciais, generosos e infatigáveis. Temos tudo com que se faz a grandeza nas nações.

DISCURSO DO DR. JÚLIO MESQUITA FILHO,
PARANINFO DA TURMA DE 1945.

Faz exatamente nove anos que, em solenidade como esta, eu dirigia a palavra à primeira turma de bacharelados da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras desta Universidade. O meu mandato de então era amplo e irrestrito. Falava na qualidade de paraninfo da primeira turma, o que me conferia, segundo a praxe, plena liberdade de assunto. Hoje, a minha missão é outra. Fui escolhido pelos que neste momento se despedem da vida universitária, não para saudá-los ou aconselhá-los, mas para substituir nesta tribuna aquêles que, por um decreto que certamente figurará na história do pensamento nacional como a sua maior data, fundava em 1934, não apenas o alto instituto de cultura em cujos cursos acabais de diplomar-vos, mas ainda a primeira universidade brasileira. Quer dizer, portanto, que a vossa indicação encerra uma intenção deliberada, uma ordem imperativa. Se bem a interpretei, ela significa que, entre os muitos temas que essa singular personalidade que foi Armando de Sales Oliveira sugere, desejais ouvir neste instante decisivo de vossa vida de estudante aquilo que sôbre a mais bela de suas realizações de estadista vos diria o vosso paraninfo. E andastes bem, pois, que melhor maneira de significar a vossa gratidão por quem tão assinalados serviços prestou à causa da cultura nacional, do que proporcionar ocasiões para que se rememorasse o espírito que presidiu à fundação, tanto da Faculdade de Filosofia, como da Universidade de que aquela é o organismo principal! Que mais adequada homenagem poderíamos prestar ao grande reformador do ensino no Brasil, do que entreter-vos nesta solenidade sôbre o conceito que, a respeito do problema universitário, formava aquêles grande espírito?

O que é uma Universidade.

Porque, para êle, como para os que o ajudaram a erguer esta imponente obra, uma universidade não era, nem pode ser uma simples juxtaposição de faculdades e institutos. A idéia que tinham dêsses magníficos organismos a que a civilização ocidental deve as suas mais belas conquistas, e as nações líderes de hoje a sua fôrça, esconde algo mais complexo e mais amplo. Procedia em linha reta das suas próprias ori-

gens históricas e etimológicas, das remotas éras em que o saber humano era um todo perfeitamente coerente e harmônico. Para êles, como para os que professavam nesses famosos institutos que tanto lustre e renome emprestaram a cidades como Bolonha, Paris, Oxford e Salamanca, um mesmo espírito deveria animar a tôda a comunhão, do mesmo modo como uma mesma doutrina deveria presidir o ensino das diferentes disciplinas.

Viam nas universidades o meio mais eficiente para combater a desintegração dos conhecimentos humanos, que se seguiu ao grande surto das ciências e à proliferação de institutos dedicados ao estudo das disciplinas relativas aos novos setores da natureza desbravados pela inteligência humana. Não se conformavam com o triste espetáculo que oferecia o nosso ensino superior, subdivido em escolas profissionais, as mais das vêzes inimigas entre si e onde imperavam os mais diversos coloridos e tendências doutrinárias. Dedicar-se às ciências biológicas, equivalia, naqueles tempos, a desprezar as ciências sociais, como demonstrar pendores pelo estudo das disciplinas clássicas, significava alimentar o mais absoluto desprezo pela Física ou pela Química. Como já tivemos ocasião de escrever, cada uma daquelas especialidades passava a constituir uma espécie de totem diferenciador, em torno do qual se agrupavam clãs perfeitamente irreconciliáveis entre si. Procurando acentuar a natureza universal das universidades, afirmava Armando Sales:

“Nunca será demais repetir que as universidades, qualquer que seja o lugar do país em que se ergam, devem ser criadas para exercer a sua influência não sôbre uma região, mas sôbre tôda a nação. Essas instituições, que não podem subsistir sem um sólido sistema de educação secundária, têm o objetivo de cultivar as ciências, ajudar o progresso do espírito humano e dar às sociedades elementos para a renovação incessante de seus quadros científicos, técnicos e políticos. Sem êsses focos de pesquisa científica e de alta cultura, sem a rigorosa seleção pelo mérito, em benefício da ciência, pura e aplicada, da política e da produção, e sem uma consciência cada vez mais profunda do interesse geral, não há democracia que resista ao assalto das forças demagógicas e reacionárias”. Imaginava-a o proprio cérebro da nacionalidade, o centro regulador de tôda a sua vida psíquica. Mas, acima das paixões humanas, pois acrescentava: “Por tôda a parte, uma dupla pressão de políticos e de intelectuais procura arrastar as universidades para o tumulto partidário. Dos políticos, quando querem submetê-las aos interesses dos extremismos da esquerda ou da direita; e dos intelectuais, quando, professôres, invés de servir à ciência, se servem, nas suas cátedras, da ciência para fins políticos. Sendo uma função essencial das universidades, a de empregar a inteligência em estudos desinteressados, isentos de finalidades práticas, devemos resguardá-las, sem prejuízo da liberdade de cátedra, das controvérsias políticas e sociais, e dos ruídos e agitações mundanas. A Universidade, segundo a palavra de um eminente professor americano, L. D. Coffman — é Armando de Sales Oli-

veira quem o cita ainda, — ensina política mas não advoga, nem pode advogar pelo fascismo, nem pelo comunismo; ensina comércio sem dedicar-se a negócios; estuda os problemas da assistência, sem envolver-se na administração dos fundos de socorro; instrui sobre tática militar, mas isso não significa que fomente a guerra; informa e pesquisa sobre a paz, mas não funda clubes pacifistas; em resumo, a Universidade estuda tudo que diga respeito ao bem da humanidade, sem quebrar lanças em nenhuma cruzada, exceto a cruzada pela liberdade do ensino. A única liberdade que importa à Universidade é a liberdade do ensino e não a de fazer prosélitos”.

*

A natureza orgânica da Universidade.

Por isso mesmo, o que caracteriza uma universidade e constitui a sua principal razão de ser, é a sua natureza eminentemente orgânica, em uma palavra, é a conjugação das suas partes componentes, de tal modo que a vida dos órgãos participe, íntima e necessariamente, da vida do todo. E para que isso se verifique, indispensável se torna que todos que tenham que cursar determinada disciplina, embora visando fins diversos, o façam sob os mesmos mestres, pelos mesmos métodos e segundamente a mesma doutrina científica. A ninguém escaparão as vantagens que trará um tal sistema para a formação intelectual da juventude universitária: o convívio diário e prolongado entre alunos de diferentes institutos, submetidos à mesma disciplina e à mesma iniciação científica, constituirá elo indestrutível de incalculáveis conseqüências para a formação espiritual da mocidade. E’ justamente nessa formação comum e na consciência de que os conhecimentos humanos são um todo solidário, que consiste o benefício maior do regime universitário.

Felizmente, aquela fase de desagregação antagônica a êste espírito universitário, já se vai tornando uma reminiscência do passado. Pelo menos, nos meios realmente cultos, não há mais quem negue a unidade essencial dos conhecimentos humanos. E quando êste ou aquêlê cultivador da ciência se resigna a limitar suas atividades a um campo estreito da investigação, sabe perfeitamente que a tanto é obrigado pela natureza limitada das suas faculdades e não porque haja, na realidade uma diferenciação substancial entre os vários setores em que a inteligência do homem exerce a sua função especulativa. Ora, é essa consciência da unidade fundamental dos conhecimentos humanos, que constitui a própria essência da formação universitária. Sem que se tenha sempre em mente essa condição básica, primordial, poderá existir, como se disse há pouco, um excelente ensino. Não haverá, entretanto, jamais ensino universitário, propriamente dito. Aquêles que a êle se submeterem, poderão vir a ser razoáveis técnicos de laboratório, ou bons

pesquisadores em qualquer ramo do saber. Só por acaso, porém, tornar-se-ão possuidores daquele alto espírito, que a consciência dos que participam de um esforço coletivo e indivizível, em benefício da comunhão a que pertencem e do progresso geral das ciências, concede aos que a êle se dedicam. E é êsse generoso sentimento — ia dizer, êsse generoso orgulho que constitui o verdadeiro espírito universitário de que tantos falam e tão poucos compreendem:

Pelo rápido esbôço que acabo de traçar, apreendestes perfeitamente tôda a extrema delicadeza do problema que Armando de Sales Oliveira e seus íntimos colaboradores procuraram resolver. Vistes como ao grande homem de Estado aparecia a estrutura interna e doutrinária do instituto de que se enfeixa hoje a poeira de escolas, sem coesão nem eficiência, a que se reduzia o lamentável aparelhamento cultural encontrado pelo chefe do Partido Constitucionalista, no início do seu fundo governo. Pois bem, senhores. A idéia em si, a sua parte conceptual pura, de nada valeria, senão n'acompanhasse a sua superestrutura material. Se não erramos, se o espírito universitário é, realmente, aquêle espírito a que nos vimos referindo, fácil será compreender que só as cidades universitárias poderão criar as condições de meio indispensáveis à sua eclosão, pois é no convívio diuturno que só elas poderão proporcionar, que professôres e alunos se darão conta de que tão indispensáveis para o país são a Filosofia Grega e a "Crítica da Razão Pura", como a Química e a Biologia, a Análise Matemática e a Física Atômica, como a Ciência do Direito.

*

As Faculdades de Ciências e Letras e o espírito universitário.

Desde que a sua estrutura arquitetônica seja concebida de acôrdo com os princípios gerais que vamos enunciando, a cidade universitária tornaria possível a centralização das cátedras que se destinam ao ensino das matérias chamadas básicas, isto é, daquelas que se dedicam às ciências puras, como a Matemática, a Química, a Botânica, a Biologia Geral, a Zoologia, a Fisiologia, a Anatomia etc.. No pensamento do fundador desta Faculdade, e no dos seus companheiros de luta, seriam desagregadas das diferentes escolas em que são, obrigatoriamente, ministradas, para passar a ser exclusivas de uma Faculdade central; da Faculdade a que pertenceis, alma mater do organismo total, organismo que, por definição, deve dedicar-se aos chamados altos estudos desinteressados, os quais são a finalidade precípua de uma Universidade realmente digna dêsse nome, a cuja volta se agrupariam os demais institutos profissionais.

Para que êste pensamento adquira nitidez maior, vejamos um exemplo concreto: admitamos que a Química, a Física, a Biologia Geral, e a Zoologia fôssem matérias ensinadas nos cursos, não sòmente da

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, onde procurariam seus diplomas os que se destinassem ao doutoramento em ciências, mas ainda nas de Medicina, Farmácia e Odontologia. Pois bem, segundo a concepção que presidiu a redação do decreto de 25 de janeiro de 1934, seriam elas eliminadas dêsses diferentes institutos, para que os alunos, tanto de medicina quanto de farmácia e odontologia, as cursassem na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Da mesma maneira, os que se destinassem à Escola Politécnica, deixariam de cursar nela a Análise Matemática, a Física, a Química, para seguí-las nas respectivas subseções destinadas às mesmas disciplinas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. O mesmo aconteceria com a Economia Política, que seria ministrada exclusivamente nesta Faculdade, onde os alunos de Direito, Agricultura, etc., veriam os seus cursos reduzidos exclusivamente de profissionais de Medicina, Farmácia, Odontologia, Engenharia, Direito, Agricultura, etc., veriam os seus cursos reduzidos exclusivamente às cadeiras práticas e técnicas pròpriamente ditas.

Poderia estender-se a regra acima mesmo às Escolas do Exército e da Marinha. O desconhecimento, o quase divórcio existente entre os civis e os militares em nosso país, tem sido causa de um trágico mal entendido entre os primeiros e as classes armadas. A desconfiança mútua e, às vêzes, até a prevenção, fazendo que uns formem dos outros um juízo falso, quase sempre injusto, desapareceriam por completo se, no período universitário, os estudantes da Escola Militar ou da Escola Naval e os dos outros estabelecimentos universitários, tivessem a oportunidade de um convívio estreito que se daria, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, através dos cursos de Matemática, Física, Química e mais disciplinas indispensáveis à carreira das armas.

Creemos não serem necessárias mais extensas explicações, para que quantos tenham o hábito de meditar sôbre coisas do ensino, apreendam o imenso alcance de uma tal sistematização. Para êstes, não escapará a significação decorrente do fato de se submeterem os alunos, que se destinam às diferentes especialidades, a uma formação científica básica uniforme, a um convívio sob o mesmo teto e, portanto, à ação contínua de um mesmo espírito formativo. A passagem da totalidade do corpo discente pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras dar-lhe-ia uma percepção nítida e tangível daquele espírito universitário, a que acima nos referimos, e que se definiu como sendo a própria consciência da unidade do saber humano, e da colaboração de todos na obra comum em prol do progresso, tanto da terra em que nascemos como da ciência em si mesma. A permanência, numa Faculdade, cujo traço diferencial seria o caráter desinteressado dos estudos que nela se fariam, teria ainda, e forçosamente, como resultado, a imediata elevação do nível geral de cultura de todos quantos se dedicassem às chamadas profissões liberais, o que não deixaria de ser uma imensa conquista, sobretudo para os países da América, onde o progresso material, excessivamente fácil, teve como conseqüência uma orientação demasiado pragmática e superficial da cultura. Além disso, não devemos desprezar os efeitos benéfi-

cos que o desenvolvimento do espírito de solidariedade, que os acompanharia quando lhes coubesse constituir, de alto a baixo da hierarquia, social, os quadros dirigentes da nacionalidade.

*

Armando de Sales Oliveira e a Cidade Universitaria.

Êstes resultados, que a Nação tem o direito de exigir de suas Universidades, só poderão ser atingidos, é óbvio, com as cidades universitárias, isto é, com o agrupamento de todos os institutos de ensino superior, segundo um plano geral pré-estabelecido, e cuja estrutura urbano-arquitetônica corresponda, exatamente, aos fins, tanto culturais, como educativos do organismo universitário, na sua totalidade. São, portanto, capitais os frutos que o vosso paraninfo esperava de uma cidade universitária. Mas não são êles apenas de ordem puramente intelectual. A concentração dos institutos culturais tornaria possível, ainda, uma notável economia, tanto de pessoal, como do material destinado ao ensino, o que não é de desprezar, a se levar na verdadeira conta o preço elevadíssimo de um perfeito aparelhamento científico. A unificação de laboratórios, evitando a dispersão de meios, favoreceria a aquisição de um aparelhamento evidentemente muitíssimo mais perfeito e, por isso mesmo, mais eficiente. Neste terreno, não olvidemos as bibliotecas. A cidade universitária resolveria o problema construindo um edifício único para abrigar a biblioteca universitária. Nela se concentrariam as diferentes secções especializadas em que, normalmente, se subdividem. Cada instituto conservaria, dentro de seus muros, apenas os livros de consulta imediata e indispensáveis ao curso do dia e às pesquisas em andamento. Um tal sistema, como se vê, fala por si mesmo sôbre a formidável redução de gastos, tanto em material, como em pessoal.

Na ideação urbano-arquitetônica da cidade universitária prevista pelo govêrno de Armando Sales, constituia preocupação de primeiro plano o problema da educação física da juventude e, portanto, dos parques de esportes. Êste lado da questão diz, sobretudo, respeito à extensão dos domínios de que, normalmente, necessita uma Universidade.

E' evidente que, quanto maior fôr o espaço que lhe possa ser reservado, melhor será. E isso, tanto mais quanto seria de tôda conveniência que a secção de Botânica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras pudesse dispor de amplos hortos botânicos, do mesmo modo que as secções de Biologia Geral e Zoologia só teriam a lucrar se acaso lhes fôssem subordinados o Jardim Zoológico, estações de biologia marítima, museus especializados, etc.. Prevendo esta face do problema, o estadista de longa visão que fundou esta universidade, localizou a futura vila na fazenda do Butantã. A êle, e a mais ninguém, se deve a idéia de ali construir-se a futura sede de nosso mais alto instituto de ensino.

Chegou o momento, agora, de abordar um dos mais interessantes aspectos do delicado e complicado problema. Referimo-nos à questão do estilo arquitetônico a que deverão obedecer as construções. Questão de somenos, dirão alguns. Questão capital, diria Sales Oliveira. Se ti-

vermos bem em mente o espírito geral em que vimos procurando explicar o que entendemos constituir o fundo e a forma do problema universitário, chegaremos, lógicamente, à conclusão de que um único estilo poderá ser adotado na edificação da cidade: aquêlê que lembre, a todos os momentos, tanto a estudantes como a professôres, as nossas origens latinas ou ibéricas, mais particularmente. Uma Universidade valerá pelo espírito que nela venha a palpar, pelo poder nacionalizador de que se mostre capaz, pela fé nos destinos da nação que saiba instilar no coração da juventude. A ciência, bem o sabemos, em si mesma, não conhece fronteiras. Não é menos verdade, porém, que o valor de um povo se mede, antes de tudo, pelo respeito e pelo amor que saiba dedicar às suas origens, às suas tradições. Se isso constitui um imperativo absoluto para todos os países, sem exceção, muito maior o será para os que, por circunstâncias especiais, se vêem procurados por volumosas correntes emigratórias, de todos os matizes, como acontece, particularmente, com o Brasil. Por isso mesmo, impõe-se às suas elites não perder nunca a ocasião de afirmar bem alto a mais intransigente fidelidade ao passado. E que melhor maneira de significar absoluta solidariedade aos nossos maiores, do que construir a cidade universitária de tal modo, que, se lhes fôsse dado volver do seio da eternidade, onde descansam, se sentissem dentro de seus muros como em suas próprias casas?

*

O dever de prestigiarem-se as Universidades.

“Com êsse espírito — são palavras de Armando de Sales Oliveira — devemos orientar o movimento universitário no Brasil, estimulando e prestigiando as Universidades existentes e incentivando a criação imediata de uma Universidade, ao menos, no norte do país.

Se tôdas essas instituições se alargarem e se consolidarem dentro de uma vigorosa organização, teremos realizado, não só uma obra cultural e científica de grande envergadura, mas um progresso político de imenso alcance para a nação. As Universidades criarão, entre os que se destinam aos altos postos do magistério, da administração e de comando, um traço de união, uma comunidade no espírito, nos métodos e no sentimento. Espalhadas pelo país, elas serão os centros de convergência das diferentes mentalidades, tendências e correntes de opinião, nas quais se cristalizem, através da unidade de formação do espírito, os princípios e idéais da vida nacional.

Não se realizará nunca uma obra dêsse vulto, sem a assistência constante e a mão forte do govêrno, para que seja uma realidade a seleção, puramente democrática, dos mais capazes, e não se interrompa, entre essas Universidades e os principais centros culturais do mundo, uma corrente espiritual alimentada por missões de mestres estrangeiros, para professarem cursos no Brasil, e missões de professôres nacionais para se aperfeiçoarem e se especializarem fora do país.

Essas medidas terão de ser articuladas com outras, se quisermos que a Universidade seja, não uma criação artificial, mas um conjunto orgânico, governado pelo mesmo espírito e pelo mesmo idealismo. Devemos instituir condições favoráveis não só para o ensino superior, mas ainda, para o trabalho de pesquisa, que depende tanto das instalações dos laboratórios, quanto das garantias de que se cerque o professor de ensino universitário. Desprovidos dos órgãos de ensino e de informação, que são as bibliotecas devidamente aparelhadas, e dos instrumentos de trabalho científico, o professor, por mais bem preparado que seja, está condenado a uma vida estéril, limitada à cultura adquirida, à transmissão da ciência feita e à rotina. Faltando-lhe os meios e os laboratórios, ele não poderá tirar proveito das inesgotáveis fontes de inspiração que são a ciência experimental e as grandes obras do pensamento contemporâneo”.

Por isso, uma das medidas que a Armando de Sales Oliveira pareceu mais necessária, pela sua pronta repercussão no trabalho científico de pesquisa, e na elevação do nível do ensino superior, era a instituição do tempo integral, com o conseqüente aumento de vencimentos dos professores universitários. Esses vencimentos devem ser correspondentes à importância da missão em que são investidos e que exige uma dedicação sem restrições, com o sacrifício de quaisquer outras ambições fora dos limites das atividades científicas.

O alcance social e político das instituições universitárias avulta nesta época de concorrência, em que as nações procuram aperfeiçoar o seu aparelhamento cultural e técnico, para resolver os problemas internos e vencer nas competições internacionais. A extensão que tomaram as atribuições do Estado; a complexidade da vida econômica moderna, que multiplica para os governos a ocasião de intervir; as novas condições industriais conseqüentes à aplicação das descobertas e das invenções à produção e distribuição da riqueza; a tendência à concentração e, ao mesmo tempo, à especialização dos trabalhos; as mudanças de volume, dos métodos e dos caminhos do comércio internacional, que podem resultar do maquinismo e de outros fatores — tudo isto obriga o Estado a pôr no primeiro plano de uma política de reconstrução, as instituições destinadas a formar, enriquecer e renovar os seus quadros técnicos, para o estudo cabal dos problemas nacionais.

Os países organizados, dispõem de técnicos e especialistas eminentes, e não recorrem a projetos traçados no vago, em improvisações desorientadas, mas às luzes de estudos pacientes e de uma cultura longamente preparada — armadura de defesa dos elementos vitais da nação.

A utilidade prática e imediata das instituições universitárias resulta da necessidade, sobre tôdas urgentes, de criar e alimentar os seus quadros técnicos e culturais. Só por êsse motivo, quando não existissem outros, ainda de maior alcance, nunca seriam excessivas as fadigas nem as despesas que se empregassem na solução de um problema de tamanha relevância para o futuro da nacionalidade.

E' sòmente pela alta cultura, de nível verdadeiramente universitário, que nos desembaraçaremos dessa meia cultura, a que submeteu o país o regime de autodidatismo, de cultura pessoal, empírica, sem base e, quase sempre, sem horizonte; e é só nesses maravilhosos laboratórios de vida espiritual e de atividades científicas, que se formará a nova mentalidade nacional, pela auto-crítica, pela pesquisa desinteressada, e pela constante revisão do pensamento e dos elementos de nossa civilização.

Por isso, o que constitui a medula dos sistemas universitários serão sempre os seus institutos prepostos à pesquisa e é cultura desinteressada: as suas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. Se o Estado, diante da crescente variedade e importância dos seus problemas, não pode prescindir dos técnicos e dos especialistas e dos grupos profissionais para uma ação comum, no interesse coletivo, só por meio da formação dêsse espírito de crítica e de síntese é que se podem completar as noções fragmentárias dos especialistas, adquirir uma visão da história da civilização, compreender-lhe as grandes linhas e as forças que operam na sua elaboração, de maneira a poder situar cada um dos problemas de conjunto de uma política nacional, de acôrdo com a sua importância e suas relações recíprocas.

*

Senhores bacharelados: outras não seriam as palavras de vosso paraninfo Armando de Sales Oliveira, se pudera ter tido a ventura de vir aqui conversar-vos hoje. Que para êle, ventura maior não havia do que falar aos moços.

Eu as transmito, isentas de qualquer cunho que pudesse traír o meu temperamento agreste de homem de luta, demasiadamente açoiado pela vida, mas nem vencido nem conformado.

Um destino miserável e injusto não permitiu que viesse proferí-las aquêle que foi roubado de vós, de nós todos, privando o Brasil de um estadista cuja cultura o nosso país talvez não tivesse compreendido bem, mas que orgulharia qualquer povo altamente civilizado.

Êsse destino miserável e injusto, porém, aí de vós foi quem determinou viesse eu ser o portador do pensamento de Armando de Sales Oliveira, pensamento que conheci nos seus mais íntimos traços, mercê de um convívio de longos anos, estreitado indissolúvelmente até na peregrinação hostil de exílio, onde, mais do que nunca, o homem entra em contacto com a maldade dos outros homens.

Êle não resistiu ao choque de rever o Brasil. O seu espírito, porém, aí está para neutralizar o choque de destruir-se o Brasil. Os seus ensinamentos, sobretudo o seu exemplo inigualável, nos guiarão, nos exercitarão nesta luta suprema, nesta luta heróica, nesta luta divina "para que o Brasil continue".

DISCURSO DO PROFESSOR ANTÔNIO CÂNDIDO DE MELLO E SOUZA, PARANINHO DA TURMA DE 1947.

Meus prezados colegas, bacharéis e licenciados de 1947:

Sejam as minhas primeiras palavras de homenagem e louvor aos nossos mestres da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Elegendo para paraninfo não a qualquer destes mestres, mas a um assistente, isto é, um colega vosso a bem dizer, quisestes, com certeza, ressaltar melhor a dívida que têm para com eles as diferentes gerações de alunos, associando-vos como colegas ao vosso paraninfo para, juntos saudarmos os que nos formaram.

Nas Faculdades jovens, como a nossa, as distâncias entre professores e alunos são, felizmente, pequenas, porque todos têm o sentimento vivo de participar, lado a lado, na construção de alguma coisa que não adquiriu contornos definitivos; a tradição ainda não ergueu, em nossa casa, as barreiras segregadoras do *status*, as pequenas querelas de precedência e as grandes vaidades catedráticas. Os assistentes, continuando discípulos dos seus mestres, querem permanecer colegas dos seus alunos, e esta última participação me permite falar-vos, menos como paraninfo do que como companheiro e camarada. E já que não vos posso dar conselhos — não o faria mesmo que pudesse — tentarei, convosco, abordar alguns problemas que considero importantes para a nossa geração e a nossa Faculdade.

No conjunto das vocações universitárias, pertence-vos a do magistério secundário — condição de grandeza intelectual de um povo. Independente da pesquisa e da criação, que também definem a Faculdade de Filosofia, é como professores que nos apresentamos à comunidade universitária e à sociedade do nosso país, e é nesta qualidade que tanto se espera de nós. Ora, se normalmente a função de ensinar é penosa e cheia de responsabilidade, o que não será em nosso tempo, quando os velhos ideais pedagógicos não mais funcionam, quando não se criaram, ainda, sistemas ideológicos coerentes para substituí-los. O comportamento humano está sempre em defasagem com os padrões ideais, e o afastamento ora é pequeno, — como nas fases de estabilidade, — ora enorme, como nas fases de revolução. Fase de revolução é a nossa, e para este seu caráter desejaria chamar a vossa atenção, meus caros colegas, a fim de meditardes com vigor no imperativo profundo que deverá guiar as vossas carreiras.

Quem fala carreira pressupõe uma série de deveres, e no capítulo dos deveres, desejo lembrar-vos o maior de todos, que paira incessantemente sobre todos nós, alunos e professores. É que somos um grupo de privilegiados a destacar-se da comunidade por vêzes miserável dos nossos patrícios pela oportunidade que tivemos de nos cultivar, — não obstante os eventuais sacrifícios que isto possa ter custado a cada um — em escolas sustentadas pelo trabalho desta mesma comunidade. A ela, portanto, nos devemos em primeiro lugar, e tudo o que fizermos para o nosso progresso pessoal terá alcance realmente humano na medida em que nos cometermos à tarefa de saldar esta grande dívida.

O primeiro problema que temos de enfrentar, portanto, é a maneira por que devemos proceder a fim de transformar em valor humano o que nos foi ensinado e o que ensinamos. Deixai-me dizer, sem rodeio, que no presente momento só poderemos alcançar êste alvo se atacarmos, pela frente, alguns preconceitos universitários que têm ossificado tantas escolas européias e que nos rondam sem cessar, não obstante a mocidade da maioria de nossas instituições de ensino.

Meus caros colegas, convém lembrar que a palavra *pedante* significa etimològicamente *professor*, aquêle que ensina. Deve ter havido, portanto, qualquer transformação no ofício — tão nobre em si — para que todos nós, professores, chegássemos a repelir violentamente esta palavra quando alguém se lembra de nos caracterizar por meio dela. Meditando sobre esta transformação, ganhareis uma noção bastante proveitosa do magistério a que vos destinais — magistério no sentido amplo de ensino pela cátedra, o livro, o jornal, o rádio, a tribuna.

Pedante mudou-se de substantivo em adjetivo graças à anomalia de atribuir ao estudo e à palavra uma finalidade em si mesmos. No tempo de Montaigne — que tem sobre a matéria um ensaio admirável — o pedantismo consistia em valorizar demasiado o exercício da inteligência, em detrimento da arte de viver. Hoje, pedantismo é, além disto, a afetação desnecessária da palavra e da idéia. A acepção atual se funda no ridículo, mas a outra, que define uma atitude mental mais profunda, releva sobremodo em gravidade. De qualquer maneira, sempre que a vossa atividade intelectual estiver ancorada apenas nos vossos livros e, sobretudo, na rotina da vida universitária, estareis em perigo de cair num desses tipos de pedantismo. Quando somos adolescentes, o nosso aprendizado se faz por duas vias difficilmente concordantes. De um lado, temos a vida afetiva e a experiência cotidiana, que representam o nosso centro de gravidade; do outro temos a vida das idéias, a necessidade de explicar e compreender o mundo. Normalmente embriagados pela riqueza da experiência vital, não conseguimos extrair dela normas diretoras de comportamento; somos levados então a pedir aos livros que nos ensinem a interpretar a vida: o resultado é ficarmos entre duas experiências contrárias, sem conseguir equilíbrio. E como os livros nos falam de uma vida que não vemos à nossa volta, de uns padrões ideais que não alcançamos pela experiência, — ou os abandonamos para sempre, renunciando à atividade da inteligência, ou nos

confiamos inteiramente a êles, comprometendo a harmonia desejada, quando não renunciando à participação viva no cotidiano.

Na vida universitária — onde o hábito de ensinar pode conduzir ao dogmatismo e os títulos conquistados à pretensão da omnisciência — acentuam-se geralmente os processos de afastamento da vida com hipertrofia da atividade intelectual, porque não raro a disciplina universitária repousa sobre algumas deformações prévias do espírito. E' preciso antes de tudo, "torturar a mente em borzeguins", como diz Mefistófeles ao Estudante. Ora, desde que o processo intelectual repousa necessariamente sobre uma abstração da vida — sem o que não há especulação — os homens de estudo vão, cada vez mais, desaprendendo os caminhos da vida, e — adolescentes prolongados — perpetuando a incapacidade juvenil de fundir ação e conhecimento. Ao cabo de algumas gerações, estará forjado o arcabouço magnífico de um sistema brilhante e descarnado, graças ao qual se formam intelectuais, não homens — e o "intelectual que não passa de intelectual é um pobre homem", dizia recentemente J. L. Leuret. Se a finalidade mais alta da Universidade é propiciar formas superiores de vida, o seu perigo constante é o pedantismo, isto é, o culto do saber desligado da existência. Não temo o paradoxo ao vos afirmar que, muitas vêzes, — pelo menos nas ciências humanas, mais familiares ao meu trato — aquilo que se chama *método* é uma fórmula pomposa para suprir o instinto seguro da realidade, embotado pelo convencionalismo das noções pseudo-científicas. Esta é a doença que tem ferido as universidades e impedido a sua realização plena; façamos votos para mantê-la afastada da nossa jovem faculdade, pois se nos atingisse o mal seria irreparável, uma vez que, pelo intermédio dos licenciados se propagaria pelas cátedras dos colégios e dos ginásios.

Se me perguntardes quais as causas de tal aberração da inteligência, eu vos direi — sem pretensão à certeza — que ela talvez esteja na substituição cada vez maior da sabedoria pela ciência e dos mestres pelos professôres.

A sabedoria consiste essencialmente em discernir quais as formas mais altas e mais humanas de viver e ensinar a viver; em face da ciência — que é a aventura de descobrimento da natureza — deve comportar-se como têrmo mais amplo e inclusivo, que transforma os seus princípios em outras tantas bases para a especulação reta. Mas como o trabalho científico precisa voltar-se sobre si mesmo a fim de aprofundar os seus métodos e enriquecer o seu patrimônio, vai-se instalando a tendência de considerá-lo à parte da vida. O cientista justifica a sua existência, cada vez mais, pelo discernimento teórico e técnico alcançado na sua ciência, não pela contribuição que poderia trazer à sabedoria. Quando tem de transmitir o conhecimento a outros, fá-lo mediante processos que lembrariam o empilhamento: se o aprendiz é um candidato à aquisição de noções, não à inteligência da vida, procura introduzir no alforge mais ou menos elástico da sua compreensão o maior número possível de fatos e idéias. Longe de ser um mestre, em face

do discípulo, é apenas o professor, o pedante no sentido menos pejorativo, em face do aluno. A formação do homem cede lugar à simples informação; pela lógica fatal dos sistemas universitários, o mais bem *informado* suplanta o mais bem *formado*.

E no entanto, meus caros colegas, a nossa principal missão é *viver* a aventura do pensamento junto com os alunos; procurar enriquecer de tal maneira a nossa sensibilidade e a nossa visão das coisas, que nos seja possível transmitir, ao lado e acima da *noção* e da *idéia*, o sentimento imponderável de calor e de harmonia que permite estender com maturidade os olhos sôbre o mundo e o semelhante. Só esta sabedoria conduz ao discernimento verdadeiro e ao desêjo de encaminhar a nossa atividade para a conquista dos altos padrões de humanidade. E' a falta dela que tem transformado universidades e mais universidades em mecanismos estéreis de acumulação científica e produção seriada de doutôres, tão inocentes em face dos grandes destinos do homem quanto eruditos e proficientes nas suas especialidades. Vemos, então, o quadro impressionador dos sociólogos que tratam as relações humanas como se fôsse relações entre cobaias, dos geógrafos que desconhecem os problemas sociais, dos historiadores que vivem alheios à política, dos filósofos que descuram a inserção humana de suas especulações. E dos físicos, químicos e naturalistas que reduzem o mundo ao detalhe da sua técnica. E dos críticos e filólogos que banem o gôsto artístico dos seus trabalhos com o terror de moralistas ofendidos. Tais homens não serão bons *mestres*, embora a erudição possa torná-los *professôres* competentes. O nosso esforço, meus caros colegas, deverá aplicar-se no sentido de nortear o ensino segundo a compreensão da vida, porque o vivido sobreleva o aprendido, já que êste vale na medida em que se transforma em novas formas de viver.

A tarefa não é fácil, num momento de crise dos padrões, mas é o nosso dever enfrentá-lo todos os dias, a cada instante que subimos à cátedra ou tomamos da pena. Se não conseguirmos desempenhá-la, restar-nos-á o consôlo de não haver cedido. Restar-nos-á a certeza de haver, na medida variável das nossas forças, combatido a perigosa tendência da pedagogia moderna para entronizar a facilidade.

Vimos acima que a instrução moderna confia nas técnicas do acúmulo. O extraordinário desenvolvimento científico dos últimos tempos aumentou de tal forma o campo do saber, que os professôres se viram na contingência de decuplicar o número de noções ministradas; para tanto, a pedagogia desenvolveu uma série de processos para facilitar e controlar o aprendizado, tornando-o mais ameno e eficiente. Não recapitulemos essas conquistas, que tiveram os resultados mais positivos no campo da educação primária. Desejo apenas salientar que as atuais gerações de estudantes — tanto a vossa quanto a minha — se formaram de certo modo sob o signo da facilidade. As cenouras, as bolinhas e os ccelhinhos do curso primário não nos predispõem ao esforço de abstração exigido no curso secundário, nem à elaboração mental que seria de esperar no curso superior. Reforçando esta facilitação pedagógica,

vem a complacência dos ginásios e colégios que, se reprovarem muito terão de fechar as portas, somando-se a isto o desnor-teio que as técnicas modernas de propaganda trazem à atenção do adolescente. O resultado — como ensina a experiência de cada dia — é a incapacidade de o aluno moderno atingir a soma de esforços indispensável à verdadeira assimilação do saber. Meus caros colegas: nesta hora de provações para tôda a espécie humana, lembrai-vos que seria pueril educar os vossos discípulos no enquadramento risonho das cenouras, dos cubos e dos coelinhos. Todo saber duradouro se adquire mediante esforço e disciplina; a pena é a sanção da sabedoria. Quantas vêzes não presenciámos à derrota, no curso superior, de alunos bem dotados que uma pedagogia de complacência tornou incapazes de esforço mais sério. Lutai contra esta complacência, meus caros colegas; lutai contra ela dentro de vós, porque só assim podê-la-eis vencer nos vossos alunos e nos pais dos vossos alunos. Só assim conseguireis resistir à tendência geral do nosso tempo — o século da propaganda desavergonhada, no qual *parecer* é mais importante do que *ser*.

Para atingir o ponto em que nos é possível preferir sempre o que é ao que *parece*, temos de fortalecer a nossa consciência individual. As últimas gerações aceitaram em grande parte a lição de filosofias coletivistas. A grande missão de algumas destas filosofias, como o marxismo — a mais importante de tôdas — foi ensinar que as soluções pessoais da conduta, mesmo sob a sua forma mais elevada, só têm sentido quando conduzem a conceitos e atitudes não pessoais; quando pressupõem, para realizar-se plenamente, uma participação de todos os homens nos grandes valores propostos à ação e à meditação. Mas, por outro lado, ao exaltarem a fusão do indivíduo nas correntes coletivas, abriram caminho para uma perigosa filosofia de aceitação; uma aceitação por vêzes delirante de ideais apresentados de fora para dentro, e que por isso mesmo não brotam da fusão do *ser* com o *conhecer*, mas do *ser* com o *parecer*. Com efeito, o penhor oferecido é um alvo, excelente em si mesmo; não se oferecem todavia, ao mesmo tempo, os recursos para avaliar os meios que a êle conduzem. Os meios são, pura e simplesmente, impostos, e devemos aceitá-los, fiados na transcendência coletiva da finalidade. A ação lucra em eficiência, perdendo em consciência; tornâ-mos, pouco a pouco, simples parcelas arrastadas por energias cegas, uma vez que nos tiram a própria razão de ser de tôda ação verdadeira, ou seja a compreensão do ato.

Contra as tendências anti-pessoais de muitos grandes movimentos contemporâneos, uns reacionários, outros progressistas, devemos procurar, como educadores e cidadãos, definir um humanismo de razão e justiça. Um novo estoicismo para definir as tarefas da consciência individual e prolongar-se na ação coletiva pelo imperativo da justiça social. Desconfiai, meus caros colegas, de certas filosofias em moda, que acentuam as limitações da razão e exaltam líricamente a tragédia e o desespêro. O “sentimento trágico da vida” não pode erigir-se em norma de conduta, pela boa razão de que a tragédia — companheira cons-

tante do homem — é um *dado*, não é um *obtido*. É um dado que encontramos; que seria pueril desconhecer; do qual vem grande parte da nossa dignidade de homens — mas um dado cuja importância vem, precisamente, do fato de ser enfrentado pelo espírito, um dado que devemos e precisamos superar, a fim de alcançarmos padrões mais livres de humanidade, suprimindo a *alienação* do homem.

Bem sei que não é fácil escapar do fascínio do desespêro, já que em nossa época não cabe o puro otimismo com que os nossos pais e avós esperavam, para futuro imediato, a felicidade do gênero humano pelo progresso da ciência. O messianismo fecundo dos grandes idealistas do século XIX — um Michelet, um Karl Marx, um Kropotkine — é de prazo mais longo do que êles esperavam. Sabemos hoje que a democracia e o socialismo — as duas manifestações supremas do humanismo moderno — podem servir para disfarçar a tirania, para acobertar a tortura das consciências, para oprimir vastas porções da sociedade. O nosso ideal implica, portanto, numa substituição do otimismo incondicional — que chega a justificar tudo porque o milênio está às portas — por uma atitude de realismo viril. Em vez de nos perdermos na embriaguez dos esquemas simplificadores, concentremos a nossa capacidade e a nossa energia na tarefa de cada momento, em cuja realização a consciência vai-se aprofundando e amadurecendo. No século da dispersão, da vulgarização e da pressa, procuremos forjar em nós e nos nossos discípulos, por meio de uma nova ascese, a concentração do espírito, a preservação dos valores pessoais e a longa, frutuosa paciência. “A paciência é a mais heróica das virtudes, escreveu Leopardi, precisamente porque não tem aparência alguma de heroísmo”.

Desta maneira, poderemos contribuir para o advento da nova éra, — responsabilidade de que não nos podemos eximir, porque ninguém se exime daquilo que a todos se impõe. Assim como o cristão está ligado ao cristão na culpa inelutável do pecado de origem, o mundo burguês, de que fazemos parte, é — a cada instante de fruição ou acréscimo, de repouso ou conquista — solidariamente culpado da iniquidade sobre que repousa a sociedade moderna. Somos responsáveis, a despeito das intenções em contrário, e só lutando pela justiça e a verdade, resgataremos a culpa de origem.

Meus caros colegas — como vistes, não me quis permitir a pretensão de vos dar conselhos. Sugerir, apenas, algumas reflexões, como qualquer homem de boa vontade em nosso tempo. Fí-las com a maior humildade intelectual, porque tôdas as dúvidas que supus em vós, sinto-as em mim e nos meus contemporâneos de Faculdade. Deixai-me dizer agora que os colegas mais velhos confiam em vós, porque soubestes, mais duma vez, dar provas de coragem e independência durante os anos de estudo. De todos os graduados da Universidade, sois com certeza os que mais dependem do govêrno, já que as vcssas perspectivas de carreira estão delimitadas principalmente pelo magistério oficial. Não obstante, mais de uma vez — em 1945, em 1946 e em 1947 — vos vimos protestar contra o govêrno, atacá-lo, incorrer na ira fácil dos

que detêm o mando; com isto, demonstrastes o vosso amor pela liberdade de expressão e a vossa confiança na crítica democrática, assegurados no direito sagrado de oposição. Não vos mostrando conformistas nem acomodados, meus prezados colegas, destes a melhor garantia do vosso valor; destes um exemplo aos vossos condiscípulos mais jovens e reagistes contra o abuso do poder, que sendo a caricatura da tirania, é freqüentemente o seu prenúncio. Bacharéis e Licenciados de 1947: congratulando-me com vossas mães e vossos pais, eu me congratulo convosco.

DISCURSO DO PROFESSOR LÍVIO TEIXEIRA,
PARANINHO DA TURMA DE 1948.

Senhores licenciados.

Direi com simplicidade estas palavras de despedida a que a vossa gentileza me obriga. É grande, para mim, esta honra. Considero porém que, escolhendo um professor da Secção de Filosofia, quisestes, antes de tudo, pôr em relêvo a importância dos estudos filosóficos que nossa Faculdade foi a primeira a iniciar no Brasil oficialmente. As Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras vieram no momento oportuno. Talvez não devessem vir antes; certamente não podiam tardar mais. Foram o desenvolvimento natural de uma evolução que tem um claro sentido em nossa história.

Nossa cultura de país novo tinha de começar pela aprendizagem das técnicas de mais urgente necessidade. A primeira delas, pela ordem cronológica e pela ordem de importância, foi aquela a que chamaremos de técnica jurídica, não para menosprezar seus aspectos intelectuais, mas para dar relêvo à sua função fundamental de organizadora e estabilizadora do convívio social. Em 1822 tudo estava por fazer no Brasil. Como hoje, mas muito mais que hoje, havia o país imenso a pedir estradas, portos, casas, saneamento e escolas. Mas tínhamos declarado nossa Independência. Importava, mais que tudo, dar à nação uma estrutura jurídica e política. Daí o papel que desempenharam em nossa história as escolas de Direito fundadas durante o Primeiro Império, num gesto que foi uma como que declaração da independência cultural do Brasil. No Primeiro e no Segundo Impérios, homem culto é quase sinónimo de bacharel em Direito. E ainda no fim do Segundo Império e nos primeiros anos da República, Ruy Barbosa é geralmente considerado o representante maior de nossa cultura. Sua ação em Haia, seu discurso em Buenos Aires condenando a neutralidade diante da guerra de agressão, exaltam a vaidade nacional. Ingenuamente, quase poderíamos dizer, se isso não tivesse uma significação bem simples: mostrar que estávamos, juridicamente, à altura do convívio internacional. Como um moço pobre, mas ambicioso, que para entrar na sociedade dos poderosos, começa por mostrar que conhece as regras da civilidade. O prestígio de nossa diplomacia no continente e o halo de gratidão nacional que cercam figuras como as de Rio Branco e Nabuco vêm no mesmo sentido.

Depois vieram os médicos e os engenheiros. Como o de bacharel, esses títulos representam prestígio social. Os filhos de fazendeiros,

quando querem formar-se, já não vêm diante de si unicamente as portas da Faculdade de Direito. E os filhos dos trabalhadores europeus, que se radicam entre nós, não raro, procuram como uma via de promoção social as Faculdades de Medicina e as Escolas de Engenharia. Vivemos ainda essa fase. As razões econômicas dessa preferência exprimem as condições atuais do país: não há, certamente, nada de que tenhamos mais urgente necessidade do que de saúde e de equipamento material.

Mas, estabelecidas que fôsem as escolas destinadas a prover o país dos técnicos de que mais necessitava, convinha pensar na cultura geral e desinteressada, da qual a preparação do professor secundário é um dos aspectos mais importantes. Eis, então, as Faculdades de Filosofia. Contudo, ao passo que as carreiras acima mencionadas se viram sempre amparadas pelo consenso geral, que nelas percebia utilidade imediata, as Escolas de Filosofia ainda lutam, não direi com a má vontade, mas com uma certa indiferença do público. Teriam vindo prematuramente? Acreditamos que não. No caso de nossas escolas de Direito, Medicina e Engenharia, o sentimento da sua necessidade criou o órgão. Pode acontecer que com as Escolas de Filosofia o órgão venha a criar, aos poucos, o sentimento da sua utilidade e necessidade.

Mas, dentro das Faculdades de Filosofia, devemos distinguir entre as Ciências, as Letras e a própria Filosofia.

E' certo que o estudo desinteressado das Ciências há de impôr-se logo no Brasil, como elemento essencial da cultura, porque logo se verá que, nem por ser desinteressado por parte dos que a cultivam, deixa de ser de utilidade e necessidade para o desenvolvimento do país. Quanto às Letras, há a valorizá-las a nossa literatura, pobre quando comparada à dos velhos países europeus, mas que é uma parte da alma do Brasil; e há, também, a necessidade que temos de dominar línguas estrangeiras; veículos indispensáveis de conhecimentos e de cultura artística.

A Filosofia, porém, não encontra a ampará-la quase nenhuma apreciação social. Os que se entregam ao seu estudo são tidos, em geral, como inadaptados e pretenciosos dizedores de coisas que não têm a mínima importância para nós. Na verdade, muitos dos poucos que aqui se deram a estudos filosóficos justificam essa opinião pela maneira como apresentam a Filosofia. Em regra, não fazem mais que refletir de modo extremamente confuso o pensamento francês ou alemão. Na Europa, a atmosfera densa de cultura amadurecida e de espírito crítico constitui um corretivo natural que impede as fantasias e o palavreiro incongruente, que não raro se encontra em nossos jornais e revistas com pretensões a Filosofia. Ademais, há o senso histórico, sempre presente, a estabelecer a relatividade de todos os sistemas. Assim, as doutrinas e os filósofos são sempre vistos como expressão de determinadas tendências ou necessidades, ou de certas situações sociais. Transferidas para o Brasil, sem essas limitações que o meio de origem lhes impõe naturalmente, as doutrinas filosóficas européias, não raro, assumem aqui aspectos estra-

vagantes e ressoam de modo fantástico, como ecos perdidos em grandes salas fechadas e vazias.

Tal é, por exemplo, o existencialismo, de que todo mundo fala, inclusive meninos de colégio e que só pode ser verdadeiramente compreendido quando visto no ambiente europeu, como sintoma de certos estados de espírito característicos das crises sociais, políticas e filosóficas por que tem passado o velho continente.

Como corrigir essas falhas fundamentais das nossas tentativas filosóficas? Como orientar nossos estudos de Filosofia de modo que deixem de ser meras dissertações sobre temas filosóficos, e nos permitam integrar-nos, de modo adequado e consciente, no debate dos grandes problemas, que se faz nos países de mais velha civilização, sem esquecer que vivemos no Brasil?

Sem pretender dar uma resposta definitiva a essa pergunta, entendemos poder afirmar uma coisa, sem dúvida: é que o estudo da História da Filosofia é, no caso, o princípio da sabedoria.

Não se trata, evidentemente, da apologia de uma cadeira a que tenho tido a honra e o prazer de estar ligado, em nossa Faculdade. Trata-se, sim, de assinalar a importância do ponto de vista histórico, fundamental para a compreensão de todos os aspectos da cultura de um povo. Por força de condições geográficas e históricas, o Brasil viveu sempre um pouco à margem das grandes correntes do pensamento. E assim, sempre um pouco atrasados, a única maneira de recuperar o tempo é lançarmo-nos aos estudos históricos, a fim de ver se é possível queimar algumas etapas, como dizem os franceses. Não há nada de paradoxal na idéia de que os países novos, que têm uma história curta, devem fundamentar a sua cultura em estudos históricos. E' assim que poderão integrar-se no grande todo da humanidade, e tomar consciência clara dos seus grandes problemas e ajustar-se ao ritmo de progresso, sem correrem demasiadamente o risco da inexperiência e da falta de medida.

A História da Filosofia nos ensinará algumas lições básicas que devem ser tidas como iniciação ao estudo de tôdas as outras disciplinas filosóficas.

Em primeiro lugar, a compreender que nenhuma filosofia pode ser entendida fora dos quadros históricos em que se desenvolveu. Tirá-las desses quadros é separá-las dos elementos que constituem a sua razão de ser e que, ao mesmo tempo, mostram a sua significação e definem seus limites.

A História mostrará, depois, que a Filosofia tem sido através do tempo um esforço para resolver problemas reais, problemas concretos, precisos, com suas incógnitas bem definidas. A idéia de que a Filosofia é difícil, abstrusa, obrigatoriamente de linguagem rebarbativa, vem em geral do fato de se lerem os autores sem compreender bem a natureza dos problemas que enfrentam.

Finalmente, a História da Filosofia nos libertará da idéia de que a Filosofia é inócua, que por isso é coisa a ser cultivada só a título de di-

letantismo por intelectuais que não têm nada melhor a fazer. Basta uma rápida vista d'olhos pelo campo da História da Filosofia para verificar que os grandes filósofos, os verdadeiros filósofos, longe de serem teóricos distantes da vida real, sempre foram os que levantaram os grandes problemas fundamentais de cada época. A perseguição e o sacrifício de muitos d'elles constituem a melhor prova de que suas idéias não eram meros jogos de palavras, puras abstrações, mas fermentos de renovação e mesmo substâncias explosivas capazes de abalar e até destruir a ordem em que viviam.

Em suma, a Filosofia é uma atividade natural de toda a sociedade que toma consciência de si mesma e, em países novos como o nosso, ela deve começar por aprender o que foi feito no passado ou, por outras palavras, como foram formulados os grandes problemas da humanidade através dos tempos, em que atitudes de espírito foram estudados e quais as soluções históricas que encontraram. Informar-nos da tradição filosófica, é livrar-nos de muitas ingenuidades e de muitos problemas falsos. Mas, nesse esforço, devemos precaver-nos contra o perigo da simples erudição histórica. Conhecer a História da Filosofia como puros historiadores, isto é, só para dizer com mais ou menos exatidão o que tal filósofo ensinou, seria de todo inútil. A História da Filosofia deve ser feita com espírito filosófico. Deve ser um esforço de inteligência e não de memória.

Ora, a primeira prova de inteligência é saber distinguir entre o que tem e o que não tem importância. Por isso, devemos concentrar nossa atenção no estudo dos que foram realmente grandes — Platão, Aristóteles, Descartes e Kant, e uns poucos mais que constituem os grandes pilares da Filosofia e que polarizam em si mesmos os pressentimento dos precusores e o comentário mais ou menos original dos continuadores.

Eles devem ser os orientadores do nosso esforço, os formadores do nosso espírito filosófico. Não quero dizer que devemos repeti-los ou revivê-los, mas aprender com elles a perceber os problemas reais e a aplicar, na sua solução, os métodos que resultam do multissecular esforço que se vem apurando desde os primórdios do pensamento grego.

Ousaria mesmo dizer que, no Brasil, devemos começar pela lição do pai da Filosofia Ocidental: conhecer-nos a nós mesmos, saber que pouco ou nada sabemos; saber que a simples erudição é uma falsidade e pode até ser um obstáculo ao progresso real; saber que a condição dêsse progresso é o nascimento do espírito crítico, sempre alerta no combate ao erro, tanto o erro teórico, como o instituído, do qual, aliás, é mais difícil tomar consciência; saber que a busca da verdade é uma cooperação entre os homens de boa vontade que, por isso, hão de ser irônicos com os pretenciosos e acolhedores só para os sinceros. Em suma, tomar consciência da qualidade moral de todo esforço de cultura.

Perdoai-me se me alonguei a falar sobre o que mais me apraz. E' que considero que se a Secção de Filosofia, por agora, há de limitar-se a tomar consciência plena da Filosofia européia, deve ser, de futuro, com novas gerações de estudantes, o centro e o fulcro de todas as ati-

vidades culturais de nossa Faculdade, condensadora e unificadora dos esforços de uma instituição universitária que seja, realmente, uma universidade de estudos.

Mais que às outras Faculdades, incumbe à de Filosofia a formação de intelectuais, exatamente porque ela se destina à cultura desinteressada e não propriamente à formação de profissionais. É certo que o magistério secundário é, também, uma profissão. Mas é uma profissão que se funda na cultura geral. A cultura geral dos outros profissionais é, ordinariamente, a que eles recebem nas escolas secundárias. A cultura geral dos professores de escola secundária deve ser, pois, mais vasta e profunda. Eis porque aos que passam pelas Escolas de Filosofia, mais que aos outros, deve aplicar-se a designação de intelectuais. Mas a palavra intelectual anda um pouco desprestigiada. Nem sempre é um título de superioridade. Seria necessário distinguir entre o verdadeiro intelectual e o simples erudito. Este é o homem dos livros, de bibliotecas, de boa memória, de conversa brilhante e de pouca utilidade. Em geral é, também, o homem das idéias feitas e o expoente das tradições. Isso é importante, sem dúvida, mas o verdadeiro intelectual deve ser mais que isso. Deve ser, principalmente, o homem capaz de compreender até que ponto nossas idéias, as idéias que temos como verdadeiras e como princípios fundamentais da nossa vida, podem ser determinadas pelo meio em que vivemos, pela classe a que pertencemos. É esta uma lição que já se encontra no velho Sócrates, ou num pensador moderno independente, como Karl Mannheim. Compreendê-lo, é tornarmos-nos verdadeiramente conscientes e capazes de entender o mundo em que vivemos, capazes de julgar, de discriminar entre o que deve e o que não deve ser conservado.

Os verdadeiros intelectuais são homens de idéias claras e não de ideologias. É certo que a época em que vivemos não é uma época de idéias claras, mas de ideologias, isto é, idéias postas ao serviço de interesses políticos, idéias confusas, portanto, que expressam sentimentos e paixões mais que a verdade e a justiça. A mocidade deve estar preparada para operar as transformações exigidas para a solução dos problemas modernos da sociedade. Aos professores do ensino secundário incumbe, precipuamente, essa tarefa.

E não quero terminar esta alocução sem referir-me, especialmente, ao magistério secundário, ao qual muitos de vós vos destinais. Nada dêsses belos sonhos de cultura real, de cultura que tenha sentido para o Brasil, poderá efetivar-se sem uma profunda transformação do nosso ensino secundário. Diretrizes e planos de reforma pouco adiantarão, se não houver professores que estejam realmente à altura de educadores da mocidade. E o magistério não é um ganha pão, é um sacerdócio, deve ser praticado com um amor semelhante ao dos pais e das mães, que nunca pensam em si, senão no destino dos filhos. Não bastam, portanto, o preparo técnico e a competência do professor na matéria que vai ensinar. É preciso um preparo moral, porque aquilo de que a mocidade necessita em primeiro lugar é de formação do caráter.

Nas escolas, isso significa principalmente honestidade intelectual, espírito de justiça, idealismo e interesse esclarecido pelos problemas sociais. Eis coisas que o professor deve inculcar na alma de nossa generosa e bem dotada juventude. Generosa e bem dotada, sim. Não há lugar para um certo pessimismo que às vezes se encontra entre os professores; defeitos e deficiências que apresenta, são resultados dos erros de orientação das instituições políticas e escolares e das condições da vida moderna. A despeito de tudo, a mocidade é sempre um material precioso que devemos tratar com carinho e esmero. Não quero dizer que os professores secundários se ponham a fazer sermões aos seus alunos. O que importa, é dar-lhes um exemplo simples de verdade, honestidade, justiça e idealismo, deixai-me repetir. O que importa é criar a alma da juventude brasileira. Quase diria que o que incumbe ao professor secundário é criar a alma do próprio Brasil. Creio na alma do Brasil, na alma ainda confusa e inconsciente do Brasil. Ela não está, talvez, nem na sua língua, nem na sua religião, nem nos aspectos superficiais da sua cultura atual, que são coisas que temos em comum com outras nações. Estará, talvez, nalgumas das nossas qualidades imprecisas e informes, que, aliás, não raro têm, como reverso alguns defeitos graves. Uma tolerância um pouco excessiva, que é talvez capacidade de compreender; uma hospitalidade um pouco ingênua para o estrangeiro, que é talvez desejo de aprender; um pessimismo um pouco demasiado em relação às nossas coisas que oculta, de certo, possibilidades de auto-crítica; uma certa tendência, aliás grandemente perigosa, para tomar liberdades com a lei, que, entretanto, possivelmente representa o sentimento de que a lei é algo grosseiro que deve ser corrigido pela equidade e pelo senso moral. A alma do Brasil é, enfim, uma alma de adolescente, hesitante e contraditória. Qual o seu destino neste século convulso, nestes duros tempos em que vivemos? Eis o que, em grande parte, está nas mãos dos educadores da mocidade. Vossa missão é grande e alta. Fazemos votos para que possais cumprí-la de modo digno e para que nisso encontreis a vossa própria felicidade pessoal, porque é no serviço prestado à comunidade, não nas honras e proventos recebidos, que o homem realiza o seu verdadeiro destino.

DISCURSO DO PROFESSOR JOÃO CRUZ COSTA,
PARANINHO DA TURMA DE 1949.

Que as minhas primeiras palavras sejam para vos agradecer. Senhores Licenciados e Bacharéis de 1949, a bondade que tivestes ao escolher o meu nome para vosso paraninfo. Quisestes, num movimento generoso de solidariedade e de simpatia, que me toca o coração e que bem expressa o espírito da mocidade da nossa escola. — prestar uma homenagem ao trabalho obscuro, mas constante de quem, já quase ao meio da jornada da vida, não hesitou em vir sentar-se novamente entre os moços, a refazer com êles, o duro aprendizado das disciplinas filosóficas. Quisestes, também, ao escolher o meu nome, trazer a vossa solidariedade ao licenciado que foi, neste último par de anos, na nossa escola, por deferência e bondade de seus mestres, assistente e modesto professor. Não vai nisto fingida humildade, pois — bem sei — faltam-me qualidades para ser um vivo animador de estudos. Mais propenso a reprimir entusiasmos do que a excitá-los, mais inclinado a situar a Filosofia dentro da grande corrente da vida do que a considerá-la nas suas belas, mas frágeis tórris de marfim da especulação pura, não me sobra o ímpeto afirmativo que arrebatava, embora não me falem — sabem disso os que foram meus alunos — as hesitações da dúvida. As muitas falhas do meu espírito, os muitos defeitos da minha formação, o meu feitio, enfim, permitem apenas que eu seja um estudioso mais velho, que procura ser honesto, que se esforça para inculcar nos moços o gôsto por uma vida simples e modesta de trabalho e de estudo.

Dêse modo, ousa julgar, como dizia o abade Antônio da Costa, em uma das suas encantadoras cartas, “que entendo bem umas coisas e outras mal, e assim me parece que as entendem outros, e se as tenho em pouca conta, também me tenho a mim em pouca conta, e (...) se julgo das opiniões dos outros com tóda a liberdade, parece-me que não tomo a mal que os outros façam das minhas o conceito que quiserem” (1). Foi, talvez, êsse meu modo contraditório de ser, ao mesmo tempo cético e crente, mas sempre livre — e mais o vosso natural generoso de moços, — que vos inspirou, com certeza, a lembrança da escóla do meu nome para vosso paraninfo.

(1). — *Cartas do Abade Antônio da Costa*, cadernos da Seara Nova, Lisboa, 1946, p. 69.

Permití agora que eu estenda o meu agradecimento ao meu velho amigo e colega Simões de Paula que, indicado também por vós para a missão da qual ora me desempenho, tudo fêz para que fôsse eu que viesse vos falar nesta solenidade. Aos senhores Bacharéis e Licenciados, assim como ao meu amigo Simões de Paula, aqui expresso o meu sincero e profundo agradecimento por tão cativantes provas de simpatia, de amizade e de gentileza.

Meus amigos:

Há doze anos quase, num velho mundo do qual sobram tantas ruínas, muitos de nós, muitos dos atuais professôres que ali estão a me covir, e êste que ora tem a honra de vos dirigir a palavra, recebíamos, pela vez primeira na história da Universidade de São Paulo, o grau de licenciado que acaba de vos ser conferido. Perante o fundador da nossa Universidade, o grande estadista Armando de Sales Oliveira, também prestávamos nós, como acabais de prestar, o juramento de bem servir e de propagar a cultura intelectual em nossa terra. Coube ao vosso paraninfo de hoje, por gentileza dos seus colegas da primeira turma de licenciados da então muito jovem Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da não menos jovem Universidade de São Paulo, a honrosa e delicada missão de ser orador em solenidade algo semelhante a esta. Disse, em solenidade algo semelhante a esta, porque a emoção, é certo, era então mais forte do que a de hoje. Bem sabeis, meus amigos, que o hábito atenua até as emoções. . .

Na noite de 25 de janeiro de 1937, um punhado de moços brasileiros, recebia, pela primeira vez no nosso país, um grau universitário oficial que não os habilitava para nenhuma das profissões liberais consagradas na tradição do ensino superior do país. Destinavam-se aquêles novos graduados da Universidade de São Paulo à pesquisa científica, à investigação literária, histórica e filosófica e ao magistério secundário. Era alguma coisa de novo que se passava em nosso país e a nossa turma constituia o marco inicial de uma fase nova da inteligência nacional. Tôda uma velha concepção dos problemas culturais ficava para trás, para se iniciar conosco, — assim ingênuamente acreditávamos — uma nova éra na cultura brasileira. Essa vaidade era compreensível e, até certo ponto, desculpável naquele momento. . .

As idéias contidas nos discursos que, naquela solenidade, foram proferidos, traduziam bem a emoção do momento. A oração do nosso paraninfo de 1937, o Sr. Dr. Júlio de Mesquita Filho, constante e valoroso amigo da nossa Faculdade, e as palavras do licenciado de então, que é o vosso paraninfo de hoje, foram dois hinos de esperança, duas profissões de fé nos destinos da nova Universidade. E' sempre assim, parece, que se exprime a alegria originada na confiança que se projeta para o futuro. Aliás, já alguém observou — e com justeza (2), que nós,

(2). — Leopoldo Zea, *Ensayos sobre la Filosofía en la Historia*, ed. Stylo, México, 1948, p. 170.

homens da América, vivemos na projeção do futuro. Desde o século XVI, o nosso Continente é uma terra de projetos, sede daquela tão sonhada Utopia da Renascença que os europeus também nos transmitiram com a sua civilização. Animados, pois, por esse sentimento de esperança que é um misto de incerteza e de desêjo, os discursos de 1937 delineavam, numa vaga veleidade de profecia, os possíveis e esplêndidos resultados que a nova Faculdade estaria destinada a trazer a uma cultura que, aquêle tempo já se arrastava tolhiça e um tanto anêmica...

Volvido êstes tristes anos que se assinalaram pelo apogeu da fôrça e do arbítrio e, depois, pelo esboroar dos sistemas com que essa fôrça e esse arbítrio tentaram amordaçar os povos e, finalmente, por uma guerra que terminou em incerta e angustiosa perspectiva de outras catástrofes, — ao alvorecer de ainda inseguras liberdades, é talvez oportuno examinar novamente convosco, o evolver indeciso da nossa vida universitária e tentar apreender nas suas variadas vicissitudes, o sentido que aquelas velhas esperanças pareciam cu parecem ainda, apesar de tudo, justificar.

Antes, porém, “dado que a cultura pátria não se serve eficazmente, pondo os olhos num cosmopolitismo vão e deserto” (3), permiti que eu volva por um curto momento ao passado para procurar nele melhor compreensão para êste nosso presente.

*

*

*

A Universidade não teve raízes na nossa História. Por isso mesmo, os esforços feitos para implantá-la em nossa terra, foram grandes e generosos. Enquanto as colônias inglêsas e espanholas da América viam surgir em seus territórios, desde o século XVI, estabelecimentos de ensino que lhes permitiriam assentar neles uma tradição universitária, — no Brasil, êsses estabelecimentos faltaram. Não é meu desêjo, nem é meu intento diminuir o esplêndido esforço realizado pela Companhia de Jesús e, principalmente, a importância do célebre *Colégio Real das Artes*, do Salvador, que foi a primeira Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras que o país possuiu e por onde passaram gerações sucessivas de letrados, cuja missão consistiu, creio, em fixar a cultura jesuítica nos séculos XVI e XVII na terra brasileira. Mas, esse esforço dos filhos de Santo Inácio perdeu-se na imensa aventura da colonização, embora tivesse deixado a sua marca na inteligência brasileira. Falhou também, no redemoinho das nossas vicissitudes históricas, o *Instituto Acadêmico* que D. João VI pretendeu criar e entregar à direção de José Bonifácio e falhariam, ainda, em 1870 e 1881, os projetos de uma Universidade Imperial.

(3). — Joaquim de Carvalho, *Estudos sôbre a Cultura Portuguesa do Século XVI*, vol. I, Universidade de Coimbra, 1947, introdução.

Tivemos, porém, a partir dos primeiros anos do século XIX, escolas de formação profissional, como aconselhava aquêlê sentimento bem lusitano e bem brasileiro, a que se referia João Ribeiro, quando dizia que “o nosso idealismo nunca se afasta muito longe da terra” (4) e, logo depois, ditada pelas necessidades da administração do novo Império, a fundação de duas escolas, nascidas à sombra de dois conventos, as duas tradicionais Academias de Direito de nossa terra, cuja influência no desenvolvimento da cultura nacional foi, como sabeis, da mais alta importância. Só na terceira década do nosso século, em face das transformações pelas quais o mundo passou depois da primeira guerra mundial, em face do desenvolvimento da consciência americana e brasileira, que “impunham a criação de um espírito novo e exigiam a reavaliação e, mesmo, a remodelação da inteligência nacional” (5), — foi que reviveu a idéia da fundação da nossa escola e, com ela, a da organização das antigas Faculdades numa verdadeira Universidade.

Animados daquele sentido imperial das Bandeiras que, no dizer de um escritor, constitui a vocação nacional dos paulistas (6), Armando de Sales Oliveira e seus companheiros de 1934, plantaram aqui a flama nova, destinada a iluminar com mais claridade a inteligência brasileira. Com exata consciência dos problemas culturais de sua época, sem esquecer, no entanto, as circunstâncias e as finalidades nacionais do empreendimento, confiantes nas qualidades dos seus jovens patrícios, o eminente estadista e seus companheiros, recorreram, como sabeis, à colaboração estrangeira, a fim de que pudssemos aproveitar dos resultados que as ciências e as letras haviam atingido, em centros de cultura intelectual mais antigos e mais desenvolvidos do que o nosso. Para cá vieram representantes da cultura portuguêsã, que se prende às raízes da nossa vida e da nossa história; para cá vieram os representantes da cultura da França, que, desde o século XVIII, ao mesmo tempo que dá polimento e brilho à nossa inteligência, guia-nos no sentido das generosas lutas pela liberdade; para cá vieram, ainda, representantes da científica Alemanha, a nos ensinar os métodos acurados do seu trabalho científico e os representantes da cultura do povo italiano, ao qual nos prendem, há mais de século, laços profundos de trabalho comum, de convivência e de amizade.

Ao lado de mestres estrangeiros e nacionais, iniciamos o nosso difícil aprendizado nas Ciências, nas Letras, na História, na Sociologia e na Filosofia, — aprendizado êsse que, graças à influência estrangeira e a uma orientação de trabalho, ordenado e metódico, pouco a pouco nos foi propiciando uma consciência mais exata e adequada dos problemas da cultura moderna e, com ela, uma concepção mais clara e mais profunda, embora mais complexa e difícil, da *responsabilidade da cultura e da inteligência*. As sucessivas turmas que passaram por esta escola, nestes quinze anos de sua vida, na convivência diária com os seus

(4). — João Ribeiro, “A Filosofia no Brasil”, in *Revista do Brasil*, n.º 22, ano VI, 1917.

(5). — Mário de Andrade, *O Movimento Modernista*, CEB, Rio de Janeiro, 1942, p. 13.

(6). — Viana Moog, *Uma Interpretação da Literatura Brasileira*, CEB, Rio de Janeiro, 1943, p. 49.

mestres, no trato amigo que com êles mantiveram — puderam perceber e verificar quão longe e afastada estava a seriedade científica, da sonoridade vazia do palavreado e das etiquetas científicas ou filosóficas com as quais, ainda há pouco, muitos de nós — quase todos nós — nos iludíamos e até nos regalávamos. . . Graças à utilíssima influência dos mestres que haviam feito sua formação intelectual em centros onde a cultura universitária possui uma história e conta uma profunda e larga tradição, lentamente — mas ainda não de todo, é preciso confessá-lo — mudar-se-ia a atitude de alguns jovens brasileiros, em face dos problemas culturais. Essa modificação de atitude, essa renovação, e a seriedade com que entraram a ser tratados os problemas das Ciências, das Letras e da Filosofia, desorientaram, desde logo, e chegaram até a irritar muita gente, habituada de preferência à voraz e sibarítica *deglutição de novidades* do que a uma *lenta assimilação* de conhecimentos. Em virtude de mais segura e consciente orientação, os verdadeiros estudiosos puderam despojar-se por exemplo, da vaidade tola das *etiquetas* que um autodidatismo tão apressado quão farfalhante, atribuía — e infelizmente ainda atribui, às vêzes — a certas atitudes filosóficas. . .

Uma consciência mais clara e distinta dos diversos problemas científicos, literários e filosóficos, até então pouco estudados no nosso país, métodos mais modernos, aplicados ao tratamento das questões culturais, determinariam um sensível progresso na nossa inteligência e a aquisição de novos hábitos de trabalho intelectual. Já hoje, a simples retórica dos bem falantes, não consegue obter o crédito que encontrava ainda há poucos anos. A nossa mocidade tornou-se mais exigente e já não se deixa embair pela sonoridade palavrosa. Longe estamos felizmente, creio, de encontrar, hoje, casos como êste, que eu ainda encontrei, já fundada a nossa Faculdade, e que, por serem tristemente sintomáticos e reveladores de uma certa mentalidade, se assim a podemos chamar, eu tomo a liberdade de vos relatar.

Como sabeis, críticas azêdas foram feitas à nossa escola, quando do seu nascimento. Certa vez, encontrei-me com um daqueles indivíduos que não perdoavam aos fundadores da nossa Universidade, o haverem êles contratado professôres estrangeiros. O indivíduo em questão dava-se, dizia, ao estudo de uma importante literatura estrangeira. Era até “professor”. Naturalmente, não direi onde ensinava êsse estimável cidadão. Posso garantir, porém, que na voragem dos variados destinos políticos pelos quais a nossa terra tem passado, êsse indivíduo ocupou cargos de importância. . . Conversando comigo certa vez, o exigente crítico verberava contra o fato de haver o govêrno contratado professôres de literatura estrangeira e dizia-me, à queima roupa, que alí estava êle, cidadão formado, possuidor de excelente cultura, com viagem a Europa, e que bem poderia ter sido nomeado para a cadeira de *literatura universal!!! Excusez du peu. . .* Eu me lembrei então que havia visto nas prateleiras de uma livraria da cidade, um enorme cartapácio editado pela casa Vallechí ou Valardi, já não me lembro bem, que tinha precisamente êsse título. E’ de crêr que aquêle exigenté crí-

tico já se munira, provavelmente, daquele trabalho, com o fito de substituir os “inúteis” professôres de Literatura que, em boa hora haviam sido contratados para a nossa Faculdade. . . Havia gente assim, naquele tempo, meus jovens licenciados e bacharéis das secções de Letras. . . E quantas outras histórias, mais ou menos parecidas com esta, tôdas tristemente ridículas, não ouvi eu! Já agora, assim ousou julgar, não há mais, felizmente, dêses *espíritos universais* e isso nós o devemos, ao menos em parte, ao trabalho que aqui foi feito, nesta tão discutida e tão criticada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

* *
* *

Mas teria sido apenas no limitado âmbito da nossa escola que se realizou êsse progresso de consciência intelectual que podemos notar, talvez com mais nitidez, depois da fundação da nossa Faculdade? Por certo que não, e mal de nós, se assim não tivesse sido. O amadurecimento da consciência americana e brasileira tem raízes mais profundas. Para quem acompanha o evolver do tempo e segue, com carinho, a curiosa e vivíssima história das vicissitudes das idéias em nossa terra, é fácil verificar que há, logo depois de 1914, ou mais precisamente, a partir dos primeiros anos da segunda década do nosso século, um intenso, mas confuso movimento de renovação, de remodelação, como dizia Mário de Andrade, na inteligência brasileira. A fundação da nossa Faculdade correspondeu, precisamente, a exigências previstas por essa renovação de idéias.

Até então, como sabeis, o ensino superior do nosso país era marcado apenas pelo sentido utilitário. Existiam grandes escolas, como a de Direito, a de Medicina, a de Engenharia, a de Farmácia e as utilíssimas escolas de Agricultura e de Veterinária. Faltava, porém, uma Faculdade de Ciências e Letras — aduela de fêcho de uma verdadeira Universidade — onde recebem formação adequada e conveniente os intelectuais, os pesquisadores e os professôres do ensino secundário, peças preciosas que também são, importantes e altamente úteis, ao serviço e à propagação da cultura. Até então, e em estéril isolamento, sem nenhum estímulo e sem êsse órgão coordenador que é uma Faculdade de Ciências e Letras, aqui se estiolavam e perdiam preciosas energias de uma nação. Era mister, de outro lado, que o nocivo autodidatismo tivesse fim, pois, mostrara-se incapaz de resolver problemas graves da educação e da cultura nacional. Impunha-se, dêsse modo, a reorganização dos quadros formadores da intelectualidade brasileira, a abertura e o desenvolvimento de novas perspectivas e de novos horizontes às vocações, e a estimulação e coordenação dos esforços individuais, até então dispersos.

Foi a êsse complexo conjunto de necessidades que exigia mais séria e perfeita formação cultural, que estivesse em relação com o ama-

durecimento da consciência dos povos americanos e principalmente do nosso, que correspondeu, meus caros amigos, a criação da vossa Faculdade e a organização universitária de 25 de janeiro de 1934.

* *
*

A nossa escola apresentava-se agora perante o nosso meio, tímida e incerta, crivada desde logo pelas mais tremendas e variadas críticas, quando não de verdadeiros motejos... Ela destinava-se a substituir, nos hábitos da grande aventura que é a vida intelectual no nosso país, o devaneio da imaginação, aquela “fantasia sem proveito” a que se referia el-rei D. Duarte, pela aspereza do estudo; a facilidade dos dogmatismos, pela hesitação que decorre da análise; a mundanidade vulgar, de sensibilidade postiça e superficial, pelo amor profundo e real das coisas do espírito; o filoneísmo apressado e versátil, pela prudência e constância do exame; a leviandade, pela responsabilidade; a aparência da informação intelectual, pela existência real de formação científica. E’ suficiente esta simples enunciação da tarefa que incumbiu e incumbe à Faculdade para assinalar a dificuldade do empreendimento. Tarefa tanto mais difícil e ingrata, pois que o país vivera entregue, por longo tempo, a profundos hábitos de sibaritismo intelectual, que aqui deixaram, como sabeis, marcado sulco. O problema tomava um aspecto ainda mais grave num país como o nosso, de escassas elites e de imensa massa de analfabetos. A viabilidade de uma autêntica cultura, aí encontrava — e ainda encontra — graves e perigosas dificuldades. Porque, é preciso não esquecer, como escreve Antônio José Saraiva, que “elite e massa são dois têrmos mutuamente dependentes (...) Elite significa que dentro de certo grupo, de certa classe, de certa massa enfim, se seleccionam os representantes mais perfeitos, numa palavra, dessa massa. Isto é muito diferente da idéia de classe à parte, e em certo sentido até é o contrário, porque *classe à parte* não supõe seleção e supõe, por outro lado, impermeabilidade em relação aos problemas de outras classes mais amplas. Elite, representando determinada massa, põe e define os problemas dessa massa: mas isto supõe que recebe dela o sangue que a vivifica e que entre uma e outra há uma capilaridade, uma rêde de vasos portadores da seiva” (7). Foi êste, um dos problemas mais sérios com que se defrontou, desde logo, a nova Faculdade. A rêde de vasos que deveria levar o sangue da massa do povo às suas elites era e é, infelizmente, muito reduzida. As nossas assim chamadas elites, constituíram, por muito tempo, como que “classes à parte”, muito afastadas, senão de todo separadas, da seiva que as devia alimentar. A cultura intelectual, no Brasil, sujeita às vicissitudes da importação e desconhecida da grande massa do povo, tem fracas raízes na terra e foi, até há bem pouco, como sabeis, apanágio das classes afortunadas, detentoras dos privilégios. Assim, a cultura, sobretudo a literária e filosófica, era,

(7). — Antônio José Saraiva, *Para a História da Cultura em Portugal*, p. IX.

para as nossas elites de diletantes e de amadores, uma simples diversão... A mundanidade vulgar que lhes é tão característica, o seu versátil filoneísmo e o seu sibaritismo estetizante ou especulativo revelavam inconsciência e irresponsabilidade perante a situação geral e concreta da terra e do povo. Graças aos seus ócios, podiam essas pseudo-elites deliciar-se nas suas tôrres de marfim, longe do tremendo e trágico quadro de ignorância e de superstição das massas.

A progressiva gravidade dos problemas humanos que a nossa época vem apresentando, e que iria determinar um rápido amadurecimento da consciência do povo brasileiro, impressionou, porém, alguns homens mais sérios que sentiram a necessidade da remodelação dos velhos quadros da formação da inteligência nacional.

O movimento modernista, por exemplo, foi uma revolta contra a inteligência que se fechava às estridências brasileiras. Foi um novo golpe na *pureza do aristocratismo espiritual* da tradição. Sem exagerar a importância desse movimento, que o próprio Mário de Andrade considerou como simplesmente preparatório, é certo que os letrados de 22 representaram, pela sua ação, o advento de uma nova época do pensamento brasileiro.

Façamos a revolução antes que o povo a faça, aconselhava a velha e esperta mentalidade política. A crise econômica de 1929 viria carrear lenha seca para o brazeiro que é sempre, na história da República, o problema da sucessão presidencial. Um inexplicável desencontro de direções e de opiniões e, sobretudo, de interesses, das classes dirigentes, e uma atmosfera propícia à rebeldia, deu-nos a revolução de 30. “1930 principia uma nova fase para a inteligência brasileira: fase mais modesta, mais cotidiana, mais proletária, por assim dizer, de construção” (8).

Entre 1930 e 1935 o país compreendeu, embora êle “ainda não tivesse encontrado o rumo positivo de sua orientação, que alguma coisa de profundo havia sido alterada. Era o marco nítido do fim de uma cultura. A encruzilhada bem viva que devia desvanecer o predomínio duma elite de puros letrados, de diletantes do conhecimento, de amadorismo vago e dispersivo” (9). A fundação da nossa escola coincidiu, precisamente, com o momento em que principiava a se desvanecer o predomínio dessa elite de diletantes e de amadores.

Se me perguntásseis, no entanto, se os graves problemas da cultura e do pensamento brasileiro já tiveram, ao menos, um início de solução, honestamente eu vos responderia que, a meu ver, o que foi feito até agora pelas nossas Faculdades e Universidades foi pouco, muito pouco. Para que possa surgir num país como o nosso, de formação colonial, uma nova cultura, para que tomem vulto e exerçam influência os novos hábitos intelectuais, é mister — estou hoje convencido disso — uma série de reformas que ultrapassam, e de muito, o limitado âmbito das

(8). — Mário de Andrade, *ob. cit.*, p. 43.

(9). — Nelson Werneck Sodré, *Orientação do Pensamento Brasileiro*, Vecchi, Rio de Janeiro 1942, p. 14.

Universidades, reformas essas que vão muito além e atingem os mais importantes setores da vida nacional. Por certo, às nossas Universidades cabe focalizar, com espírito crítico e científico, os principais problemas da cultura e da vida do Brasil. E' evidente que a elas compete, também, ensaiar os meios de resolver esses tão complicados problemas. Mas, infelizmente, na grande aventura nacional, a cultura significa ainda muito pouco, quase nada... E não serão as nossas Universidades, elas também, atraídas pelo gênio da aventura?...

Não é meu intento fugir ao meu assunto, embora se dêle me desviasse, como o acabo de fazer, ainda dentro dêle estaria...

A consciência cultural de um país é a consciência do trabalho que ali se faz, é a consciência da sua história, do seu civismo. E' a afirmação do seu caráter moral. Mas um clima de aventura só pode oferecer o que a aventura criou...

Uma cultura — é preciso não esquecer — não é uma aparição mi-lagrosa. E' produto do esforço honesto que deriva do trabalho. O que nós possuímos, como patrimônio cultural é bem modesto, com certeza, apesar da farelice dos muitos "baleiros" da cultura que por aí se espalham, como diria Silvio Romero. A nossa cultura ainda necessita de muita escolaridade, porque perigosas são, como diz um filósofo argentino (10), tôdas as precocidades — e mais ainda, as da inteligência. O essencial, porém, é que a nova cultura tome consciência de si e procure a sua autêntica expressão. Sem isso, ela tem muito de função de circo. E' muito cêdo para afirmar se a remodelação da nossa inteligência deu resultados positivos. Indícios há dêsses resultados na nossa Escola. Mas, infelizmente, ainda repontam dentro e fora da Universidade, de quando em vez, manifestações sintomáticas que nos relembram a leviandade e a irresponsabilidade do passado... Não era, aliás, possível, apesar dos progressos apreciáveis que foram feitos, obter, em doze anos, uma radical transformação dos velhos hábitos. O evolver das verdadeiras reformas é vagaroso e o das que são profundas e decisivas, como as do espírito, são excessivamente lentas... Dá-se no domínio da inteligência, freqüentemente, um fenômeno que se assemelha ao que se refere o filósofo dinamarquês Harald Hoeffding, e que eu aqui reproduzo porque ilustra bem uma série de considerações que não é mister desenvolver mas apenas referir. Conta Harald Hoeffding que, diante de uma parede de uma igreja protestante de uma aldeia da Dinamarca, verificava-se um curioso e estranho costume: diante dela detinham-se e ajoelhavam-se os passantes. Ninguém conhecia a razão dêsse misterioso fenômeno, até o dia em que, removida forte camada que cobria a tal parede, ali foi encontrada uma pintura representando a Virgem. O costume antigo sobrevivera, de trezentos anos, à religião que o fizera nascer. Era uma parte do antigo culto que a perpetuara. Assim se explica muita coisa... Essa história ilustra, sem que seja preciso acrescentar-lhe comentários, algumas das vicissitudes da renovação cultural

(10). — Francisco Romero, *La Filosofía de la Persona*, Losada, Buenos Aires, 1944, p. 130.

no Brasil, como também êsse pequeno capítulo delas que é o da vida — das grandezas e misérias — da nossa Faculdade...

* *
*

Eu não vos quero cansar, meus amigos, com um enfadonho balanço de pequenas ou, talvez, de grandes histórias. Durante quatro anos, aos quais — é bom lembrar — devem ser descontados muitos feriados, muitos pontos facultativos, muitas “reuniões do grêmio”... — tivestes, alguns de vós, a obrigação regimental de me ouvir. Não devo abusar hoje, dia de festa para vós, e talvez de despedida para mim, da vossa paciência, assim como da boa vontade dos que aqui vieram assistir à vossa festa e que estão ansiosos para vos abraçar.

Todavia, há um ponto para o qual eu ainda vos peço um momento de atenção: é para a grande luta que se travou — e que infelizmente ainda se trava — senhores Licenciados e Bacharéis da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras — em tôrno dos direitos que vos assistem de bem servir e de propagar a cultura intelectual em nossa terra! Tem sido esta a vossa constante e nem sempre bem sucedida vigilância... De todos os lados da estrada, vos assaltam os aventureiros e vos tentam demolir as picaretas dos mais variados empreiteiros, contra-mestres e meia-colheres do despeito e da detração. Os vossos títulos, fruto do vosso esforço e que representam para vós uma carteira de trabalho, são achincalhados. Através dos vossos títulos, é a vossa escola e a própria Universidade de São Paulo atingida pelo camartelo dos que campam de regeneradores... E por que? Porque êles sabem que o vosso triunfo será precisamente, na história da cultura nacional, o fim da aventura e o início de uma época de trabalho sério. Como ainda sois fracos, êles vos atacam, demonstrando o mais completo desrespeito pelo vosso trabalho e pelo vosso esforço, êles que vivem a afirmar a importância do respeito à pessoa humana. Para êles, a decisão que tomastes de ligar vossa vida ao destino incerto e modesto de professôres, cientistas e investigadores, não tem valia. Deixai-os falar, deixai-os cantar as suas variadas, mas conhecidas canções. Não vos mova o espírito que anima a detração e o desrespeito que contra vós se volta, pois êle é fruto da consciência infeliz, do rancor que agita as almas que se estão a perder.

Qual a lição mais importante que tivestes nestes anos de estudo e de trabalho? Não foi a de que é mister compreender, compreender sempre mais? Não vos mova aquêle espírito de desordem e de destruição que contra vós se volta, irado e incontento, a querer despedaçar a obra que Armando de Sales Oliveira e seus companheiros, carinhosamente iniciaram, confiantes na inteligência e na capacidade de trabalho da nossa mocidade. Não vos mova aquêle espírito e tereis conquistado a paz e a serenidade para construir, com o vosso estudo e o vosso exemplo, uma grande obra: *uma autêntica cultura nacional*. Fugi sempre da autossuficiência, do narcisismo e dos sonhos que se transferem para o ama-

nhã. Cumpri a vossa tarefa de cada dia com plenitude, serenidade e alegria e tereis honrado a vossa escola, o vosso título e bem servido à cultura do Brasil. Tais são, senhores Licenciados e Bacharéis de 1949, com os meus agradecimentos, os votos que faço no momento em que iniciais a vossa carreira.

VI. — Encerramento dos Cursos. Discursos dos Oradores das Turmas de Diplomandos da Faculdade (*)

(*) . — A seguir são publicados os discursos dos oradores das diversas turmas de diplomandos da Faculdade. Infelizmente, a *Secção de Publicações* não conseguiu obter os discursos dos Licenciados Antônio Cândido de Mello e Souza (orador da turma de 1941) e Laerte Ramos de Carvalho (orador da turma de 1942). Também deixa de figurar aqui o discurso referente à turma de 1946, porque nesse ano não houve formatura solene na Faculdade, em virtude da reforma de ensino por que ela passou.

DISCURSO DO LICENCIADO CÍCERO CHRISTIANO DE SOUSA, ORADOR DA TURMA DE 1939.

Recebi de meus colegas a incumbência de proferir esta oração de despedida dos três anos que juntos passamos na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, três anos que unificaram nossas idéias sobre inúmeros problemas e que de nós fizeram um conjunto de amigos unidos e sinceros. Minha primeira palavra só pode, pois, ser de agradecimento aos meus companheiros pela amizade de que sempre me deram mostras e pela confiança de que me deram prova, delegando-me o poder de, neste momento, falar em nome de todos nós.

Senhores. Tenho a honra de me dirigir a vós em nome da quarta turma de alunos que passou pela Faculdade de Filosofia, o que indica ser a nossa Escola muito jovem. Não se passaram ainda seis anos de quando foi proferida sua aula inaugural. Se a compararmos com outros institutos universitários brasileiros ou com seus congêneres da Europa ou mesmo da América, verificaremos que ela ensaia seus primeiros passos, que é semente apenas germinada e que os frutos da árvore que ela será não tiveram ainda tempo suficiente de se formarem. Apesar, porém, de ser tão nova, é a mim sumamente prazenteiro, como amigo da Faculdade, verificar que, na medida do possível, vêm sendo preenchidos todos os fins a que ela se destinava, podendo pois estar certo de que, em futuro bastante próximo, muito grande terá sido sua influência nos destinos da cultura nacional.

Das finalidades da Faculdade, a mais imediata, a que devia resolver problema que reclamava solução urgente, era a da formação de professores secundários. A Faculdade de Filosofia é, em primeiro lugar, uma Escola de professores. Não se justificava, com efeito, o regime que, neste campo, vigorava entre nós. Na maioria dos casos, eram os professores secundários pessoas que não tinham preparo especial para a profissão a que se destinavam. Não tinham êsse preparo a não ser quando excepcionalmente dedicados, pois não havia nenhum lugar onde pudessem estudar mais a fundo as disciplinas cujo ensino iriam ministrar. Em virtude também dos baixos salários percebidos dos Ginásios, grande número dêles fazia dêsse ensino apenas uma atividade complementar, à qual não podiam dar todo o rendimento de que eram capazes. Havia, por isso, professores de Ginásio sem curso ginásial, ou então, estudantes de Escolas superiores que davam aulas de disciplinas mais ou menos conexas com as que estavam cursando. Os melhores eram aquêles que, formados em algum curso superior e não tendo obtido grande êxito em suas profissões, se dedicavam a qualquer cadeira, geral-

mente mais de uma, dando aulas e mais aulas para poder reunir um magro ordenado com que viver.

Estou, porém, a vcs falar em tempo passado. Êste quadro, entretanto, é aquêle que ainda existe e que apenas começa a se modificar por influência dos ex-alunos da Faculdade que, com superior preparo especializado e técnico, se vêm colocando em novos cargos de professores criados em Ginásios e Escolas Normais, em todo o Estado de São Paulo. Foi, sem dúvida, a falta de professores a causa mais importante do descalabro do ensino secundário, que chegou entre nós, a nível extremamente baixo. Naturalmente que, ao dizer estas coisas, sei perfeitamente que sempre existiam honrosas exceções, que apenas servem para confirmar a regra.

Para mim, foi ainda motivo de grande júbilo o saber da criação, no presente ano, da secção de Pedagogia que logo começará a funcionar. Essa secção é da máxima importância. Não havia entre nós, até agora, senão o pequeno curso de Educação da Faculdade de Filosofia (hoje chamado de Didática), de apenas um ano, no qual eram ventilados os problemas do ensino secundário. Teremos agora uma secção inteira da Faculdade, especialmente dedicada a êsses estudos. E' dos professores dessa secção, bem como dos alunos que a cursarem, que esperamos uma solução para o grave problema da cultura básica que, encarado aí sob todos os seus aspectos, poderá vir a ser resolvido para o benefício das futuras gerações.

E' outra finalidade da Faculdade a formação de técnicos nos diversos ramos das ciências aplicadas. Neste campo, é evidente, já havia escolas entre nós: as Escolas Politécnicas, as Faculdades de Medicina, de Veterinária, de Agronomia. Por elas passaram alguns dos melhores cérebros do Brasil. Entretanto, numerosos campos científicos não eram cultivados em nenhuma dessas Faculdades ou eram apenas a título complementar. Essas lacunas estão sendo preenchidas pela Faculdade de Filosofia. Essa função de nossa Escola é de capital importância para o futuro da Nação. O aproveitamento econômico mais racional das imensas reservas inexploradas do País, a invenção de novos métodos de trabalho, a melhor aplicação dos esforços só se tornarão possíveis usando em larga escala o método científico que se ensina e se cultiva na secção de Ciências da Faculdade de Filosofia.

Além de resolver êsses dois problemas práticos — o da Educação e o dos Técnicos — tem em vista a Faculdade de Filosofia outro fim muito mais elevado: o puro cultivo da Ciência, bem como a formação de críticos literários e de pensadores. E' a isto que devemos chamar o fim cultural da Faculdade. No terreno da cultura pura, somos obrigados a reconhecer o grande atraso do Brasil. Se enumerarmos alguns nomes, notáveis mais nas aplicações científicas do que nas ciências puras, se dissermos os nomes de um ou outro pensador mais profundo e de alguns raros críticos teatrais e literários de maior valor, teremos tudo dito nesse assunto. E teremos ainda verificado que há inúmeros campos de cultura intelectual em que não temos nem um só representante, mesmo medíocre.

A elevação da cultura nacional é o fim mais nobre, mais nacionalista no melhor sentido, a que se pode destinar uma instituição. Justificaria, por si só, todos os esforços e tôdas as despesas que, com a Faculdade, vem tendo o Governo do Estado. Só quando esta finalidade estiver satisfeita, teremos o direito de dizer que a Faculdade de Filosofia atingiu sua maioridade. Não podemos prever quando chegará esse dia. Temos, porém, desde já, o grato prazer de verificar que muitos ex-alunos têm feito trabalhos de indiscutível valor, apesar de terem há tão pouco saídos da Escola. O aproveitamento dos melhores elementos no corpo docente da própria Faculdade vem demonstrar também que, daqui a algum tempo, pelo menos em certos ramos de conhecimentos, hoje a cargo de mestres estrangeiros, teremos o direito de nos considerar autônomos e em grau de adiantamento tal que poderemos, colocando-nos ao lado das outras terras civilizadas, juntar os nossos esforços para a construção do edifício da cultura humana.

E' este o lugar propício para externarmos a nossa gratidão a todos os professores: aos brasileiros pelo esforço de que demonstraram ser capazes, estudando e aprendendo, antes da fundação da Faculdade de Filosofia, disciplinas que não lhes traziam, em geral, o mínimo benefício material; aos estrangeiros, que nos cativaram com sua cultura, recebida em Universidades mais velhas, e que foram para nós, seguros guias nos campos mais intrincados da Filosofia, das Ciências e das Letras. Dirige-se, também, o nosso reconhecimento aos administradores da Escola: ao atual Diretor que, chegando ao seu posto em momento dos mais difíceis, soube, com mão firme e espírito de conciliação, reorganizar para o bem de todos, a vida da Faculdade; ao digno secretário que, com sua dedicação e urbanidade, fez um amigo de cada um de nós. Os nossos agradecimentos são ainda extensivos ao atual governador do Estado que, com superior visão da importância da Universidade, determinou a construção do prédio que deverá abrigar, dentro de poucos anos, tôdas as dependências da Faculdade, resolvendo assim uma crise muito séria, embora puramente material, da vida de nosso instituto. Compreendeu, com efeito, o atual governador, que a Faculdade de Filosofia não pertence a um homem, a um partido e nem mesmo a uma geração. Pertence à cultura nacional. Assim, dando mostra de uma louvável continuidade de esforços, deu à Faculdade todo o apôio de que ela necessitava.

*

Estou, porém, a fazer o elogio da Faculdade de Filosofia. O que mais caracteriza as atividades do nosso Instituto é o cultivo da ciência. O valor desta é imenso. E' êle, a um tempo, prático e teórico, e este, concomitantemente, lógico, estético e moral.

Seu valor lógico é, naturalmente, o primordial. Procurando a verdade, a Ciência encontrou-a. Sem dúvida, a verdade científica não é a da "coisa em si", como diria o filósofo de Königsberg. O problema crítico continua a ser tão insolúvel como no tempo dos sofistas, e é fora

de dúvida que jamais haverá uma resposta humana à simples mas fria e cortante pergunta de Pilatos a Jesús. Mas a verdade dos fenômenos. pode o cientista orgulhar-se de a haver atingido. Podemos dizer que nos achamos no limiar da Idade da Ciência. Há apenas 300 anos, foram estabelecidos por Galileu os fundamentos da Mecânica: juntamente com Bacon e Descartes, lançou êle as bases do método científico. Três séculos é lapso de tempo relativamente curto, se nos lembrarmos do assunto de que tratamos. De Galileu a nossos dias, passaram pela Terra 10 gerações, número diminuto em face do total das gerações humanas. Devemos ainda considerar que somente com o século XIX teve a Ciência plena aceitação e pôde o seu método penetrar em todos os domínios do conhecimento humano. Pois bem, neste curto lapso de tempo, foi imenso o caminho percorrido pelos cientistas, de maneira que conseguiram transformar por completo o panorama intelectual do mundo. Considere-se ainda que a Ciência só mostrou aquilo de que é capaz como sistema explicativo do Universo, nos últimos 50 anos, período em que, com o grande desenvolvimento das sínteses teóricas, vêu que tudo encobre e obscurece. Só por meio dessas teorias existe a esperança de sair do labirinto em que a Natureza nos colocou.

Ao lado, porém, dêsse valor teórico, possui a Ciência uma utilidade prática incmensurável. E' a única verdadeira arma de que dispõem os homens para melhorar sua vida e torná-la mais cômoda e menos áspera. Sem dúvida, antes de existir uma Ciência organizada como a conhecemos hoje, já havia certas aplicações práticas, certas técnicas. Tais a Engenharia, a Medicina, a Agricultura. E' fora de dúvida, todavia, que com o advento da Ciência, aumentou enormemente o poder do Homem em todos os terrenos. Numerosas práticas, mais ou menos mágicas ou totalmente empíricas, foram substituídas por técnicas racionais. Para termos uma idéia do valor prático da Ciência, é suficiente nos lembrarmos dos benefícios que a Engenharia traz — as residências cômodas e aquecidas, o automóvel, o rádio, a luz elétrica, as estradas, o cinema, a geladeira, o avião — tudo enfim, que concorre para a melhoria material da vida. Recordemos ainda o aproveitamento de terrenos outrora imprestáveis, o espaço ganho sobre os desertos, os gelos, os pântanos e as montanhas, recordemos as novas espécies de vegetais úteis, podendo ser cultivadas em climas diferentes dos originários, bem como as raças de animais melhoradas, e termos visto que, com a aplicação dos métodos científicos, a Agricultura multiplicou por 100 ou mais seu poder de produtividade. Enfim, se lançarmos a vista sobre os imensos benefícios que advêm da Medicina, tanto preventiva como curativa — os soros, a vacina, o salvarsan, a sulfamida, a morfina, os métodos cirúrgicos — veremos que não foi perdido o esforço daqueles batalhadores que se entregaram, nas gerações anteriores, à pesquisa e ao estudo dos problemas que a Natureza nos apresenta.

Para que bem vejais aquilo de que é capaz a Ciência em nossos dias, basta reparar no seguinte fato. Se a organização social e econômica atuais permitisse a aplicação rigorosa dos métodos prescritos pelos higienistas, em menos de meio século poderiam ser suprimidas da

race do planeta a quase totalidade das doenças infecciosas e parasitárias e tôdas as doenças alimentares, o que equivale a dizer que 80 ou mais por cento dos males físicos da humanidade podem ser evitados.

Em nosso dias, acostumados a todos êsses processos, não deixa de ser com certo desagrado que travamos conhecimento com as práticas educacionais e criminológicas ou com os métodos médico-cirúrgicos em uso antes do século XIX. Do ponto de vista prático, como do teórico, transformou a Ciência por completo o panorama do Homem. São tais as possibilidades de melhoria que ela abre em todos os terrenos, que mal podemos prever o que será a Humanidade daqui a poucos séculos, se continuar a trilhar a mesma senda que vem seguindo.

*

Parece, porém, que muitos de entre vós desaprovam o que estou dizendo, e ouço-vos retrucar-me: “E no terreno moral, que benefícios advieram da Ciência? Até hoje foi ela incapaz de trazer uma parcela de felicidade ao homem. Nunca foi a Humanidade mais torturada do que atualmente”. E enumerareis alguns fatos que enegrecem a História de nossos dias: a guerra, o crime, as crises econômicas, as ameaças de revolução, o desemprego. Dir-me-eis ainda que foi sofisticada a enumeração que vos fiz dos benefícios da Ciência. Foi ela com efeito que tornou possível a construção dos submarinos e dos couraçados, de canhões de grande alcance e de metralhadoras, de tanques e de gases tóxicos. Foi a Ciência que permitiu o bombardeio aéreo de cidades, e talvez ainda permita a guerra microbiana. Dir-me-eis que as terras da Picardia e da Champanha foram mais devastadas durante a Grande Guerra, em pleno século XX, do que qualquer país outrora invadido pelos Hunos. E ainda, que neste momento exato em que vos falo, em três diferentes regiões do mundo, campeia a guerra com tôdas as suas conseqüências. E a êste quadro, digno de *Divina Comédia*, juntareis o mal-estar social e, dêle decorrente, a tremenda crise moral de nossos dias.

Todos os fatos numerados são reais. Entretanto, é questão que nenhum espírito mais esclarecido poderá negar, o fato de a sociedade atual estar caminhando para profundas transformações. Todos sentem que algo de novo está para vir.

Algum espírito demasiadamente místico dirá mesmo que estamos próximos da hora do Juízo Final e procurará, como já tem sido feito, identificar as desgraças que afligem a Humanidade com os terríveis cavaleiros do Apocalipse. Alguns, como Spengler, abatidos pela visão das atuais desgraças, prevêm o fim da civilização ocidental. Em realidade, a filosofia de Spengler é perfeitamente comparável à dos místicos ainda agora citados. Outros, porém, místicos de estilo diferente, fanatizados por outras idéias, prevêm como próxima e fatal etapa da nossa civilização, o advento de um dos extremismos — o da direita ou o da esquerda. Sem dúvida, levaram êstes espíritos rude golpe, acharam-se confundidos no dia em que os dois mais lídimos represen-

tantes dêesses extremismos se deram as mãos para empreenderem, aparentemente juntos ao menos, a conquista de todo o orbe terrestre. Ao lado dêestes, alguns, prevendo catástrofes definitivas, outros, pensando em reconstruir a sociedade ocidental sob novos moldes econômico-sociais, um terceiro tipo de idéia ainda aparece. E' Berdiaeff, prevendo para breve o advento de novo e profundo misticismo, mais profundo ainda que o da Idade Média.

Qual poderá ser, diante de tão conturbado panorama, a posição daqueles que se julgam como nós outros, menos místicos, mais frios, lógicos, calmos e equilibrados?

Voltemos porém as vistas para a Ciência, que esta não nos deixará completamente desapontados. E' atualmente objeto de numerosos estudos por parte dos sociólogos a questão do contacto das culturas e de seus resultados. São êstes múltiplos e variados. Dêesse contacto resulta uma miscigenação de raças e de civilizações. O que de mais interessante existe nesses trabalhos, entretanto, é o estudo psicológico do chamado Homem marginal. O Homem marginal é, exatamente, o indivíduo que se encontra no ponto de contacto das duas civilizações. Sente-se igualmente atraído pelos dois sistemas culturais. Como não pode, via de regra, adotar inteiramente nenhum dêeles, estabelece-se longo e penoso conflito em seu espírito. Torna-se hiper-sensível, hiper-crítico, angustiado. Se não for bastante forte, cairá na neurose ou no suicídio. Para o indivíduo humano, é êste o resultado do contacto das culturas no espaço. Entretanto, as civilizações se sucedem num mesmo país e, embora com grandes dificuldades, há lugar para se estabelecerem certas divisões históricas, que permitem separar culturas sucessivas numa mesma região. Tal se deu, por exemplo, no mundo antigo, quando a civilização cristã substituiu a cultura greco-romana.

Podemos asseverar que, nestes momentos de transformação das civilizações, verdadeiros pontos históricos de contactos culturais, aí também surge o Homem marginal. E talvez até com mais razão do que no caso geográfico, pois aqui há, em geral, apenas dois sistemas de atração, enquanto que, lá, vários pontos magnéticos existem. Um dêeles é a cultura dos antepassados. Os outros são os diversos sistemas criados pela imaginação dos místicos ou pela sensibilidade de cada um. Achava Petrônio igualmente absurdo adotar o cristianismo e perseverar no paganismo. Sentia que os deuses romanos estavam mortos, mas não acreditava que outro ou outros pudessem substituí-los, e assim se perdeu no emaranhado das escolas filosóficas de seu tempo. Sentia a transformação social, mas não podendo atinar com sua direção acabou no ceticismo e no suicídio. E' o típico exemplo do Homem marginal.

Encontramos semelhante transformação na sociedade atual. Como Petrônio com o paganismo, sentimos que se acabaram muitas daquelas belas coisas que constituíam o ideal de nossos pais e avós. Entretanto, não nos aparece o futuro tão claro como o desejaríamos. Acontece mesmo êle nos amedrontar. E' dêesse receio que nascem as desencontradas idéias a que há pouco nos referíamos.

Pudemos assim, reconhecendo a nossa como época de transição entre duas culturas, explicar e compreender a razão do estado de incerteza moral em que vivemos. Sabemos o porque dessa inquietação (verdadeira “angústia de espera” como diria um psiquiatra) que penetrou o espírito da maioria dos pensadores contemporâneos.

O só reconhecimento dêsse fato já nos traz certo alívio e alguma confiança. Entretanto, as soluções que a ciência costuma apresentar são muito mais rigorosas e positivas em seus resultados. Porque, então, no presente caso, tanta incerteza continua a existir? Com efeito, não existe uma solução realmente científica para o problema do Homem, e não existe mercê do atraso em que se encontram as ciências chamadas morais.

E’ do avanço das ciências especulativas que depende o progresso técnico. As previsões mais brilhantes e as técnicas mais perfeitas são as que dependem das ciências abstratas mais adiantadas, sobretudo da Física. O desenvolvimento da Biologia já é bastante grande, e as técnicas dela dependentes são das que mais honram o engenho humano.

Quando, porém, passamos para o campo da Psicologia e da Sociologia, diferente é o quadro que se nos depara. Apesar dos grandes esforços feitos por trabalhadores de tôdas as nações civilizadas, provenientes de todos os recantos do pensamento, é relativamente muito pequeno o acervo de conhecimentos a que, nestes campos, se possa, com justeza, denominar científicos. Nestas ciências, estão ainda os trabalhadores na fase de recolher material. Limitam-se quase sempre, e é o melhor que têm a fazer, a descrever com tôda a minúcia um número imenso de fatos. Reunem assim o material com que poderá um dia ser criada uma verdadeira ciência do Homem.

A situação da Psicologia é mais favorável que a da Sociologia. Como estudo positivo da conduta não tem mais de 60 ou 80 anos. As técnicas dela dependentes, entretanto, já com êsse pouco que se sabe, tiveram uma melhoria notável: suas aplicações à seleção e à orientação profissionais, à educação, à criminologia, à medicina mental, bem justificam as energias enormes gastas no estudo, cada vez mais aprofundado, da personalidade humana.

Quanto à Sociologia, seu caso é o mais desfavorável. E’ preciso reconhecer que o que os sociólogos até hoje têm feito de certo, é apenas sociografia. No mais, fizeram Filosofia social. Não estou, com isto, querendo desmerecer seu trabalho que, bem o sei, é o mais difícil de quantos se apresentam a um pesquisador da Natureza. E’ indiscutível, todavia, que a ciência das realidades sociais encontra-se hoje em posição muito semelhante à da Física no período pré-socrático. Então, certo número de pensadores, querendo abraçar sem o necessário preparo, tôda a realidade, emitiram ingênuas teorias que, mais ou menos satisfatórias em sua época, são, à luz dos conhecimentos atuais, completamente infantis. Estas teorias tiveram sua utilidade. Entretanto, maior valor

cabe ao trabalho dos analistas que, esmiuçando todos os fenômenos, permitiram as brilhantíssimas construções teóricas de hoje.

O exemplo da Física ensina que muito bem andam os sociólogos atuais que abandonam as teorias e se entregam ao estudo dos casos concretos e individuais, com suas pequenas leis. Foi, seguindo esta trilha, que em muitas ciências sociais especiais, como a Lingüística, surgiram inúmeros fatos interessantes e com marcado caráter científico. Assim como êste método, aplicado à Lingüística, foi satisfatório, deverá também produzir bons resultados se aplicado a outros ramos da Sociologia. Só depois dêste labor poderão surgir teorias que, baseadas em dados reais e verificáveis, terão valor incontestável. Então, também, as técnicas sociais, até hoje mais ou menos empíricas ou mágicas, poderão ser melhoradas, de maneira a preencher satisfatoriamente os fins a que se destinam. A única esperança de melhores dias para a humanidade, reside portanto no progresso das ciências sociais.

*

Doutra parte, e embora correndo o risco de ser considerado ingênuo, sou daqueles que acreditam no progresso moral da humanidade. E' esta uma tese difícil de ser demonstrada, pois não há uma medida razoável para o *progresso moral*. E' fora de dúvida, todavia, que o individualismo, entendido como autonomia e respeito à pessoa humana, seja uma prerrogativa desejável. Sôbre êste ponto concordam a maioria dos filósofos e moralistas. Ora, nossa civilização se caracteriza exatamente pelo ganho de causa do individualismo. No decorrer da História, aumentou constantemente tanto o número dos direitos individuais — a honra, a liberdade, a vida — como o número de pessoas beneficiadas por êsses direitos — os escravos e servos, os estrangeiros, as mulheres, as crianças. Em sua evolução, tem portanto o Direito, a marca do progresso moral.

Ainda, quem quer que se tenha interessado pela história do Direito Penal, terá verificado o contínuo abrandamento das penalidades. Não há, quase, comparação possível entre as penas antigas, enormes e brutais, e o atual tratamento penitenciário. Em nossos dias, como coroa-mento de longa evolução e como que para demonstrar que ainda há lugar para melhorias, as escolas penais mais adiantadas e mais humanas (sou tentado a dizer, as escolas mais sãs moralmente) desejam substituir o conceito de pena pelo de reeducação social, suprimindo por completo o caráter de castigo que ainda subsiste em quase todos os Códigos Penais. Essa evolução das penalidades é a melhor prova que podemos ter de um aumento dos sentimentos de humanidade, de benevolência, de simpatia, de caridade, de bondade.

*

Senhores. Estamos assistindo à transformação e à substituição da cultura ocidental por outra cultura. Nessa civilização, de que parti-

cipamos, há, todavia, dois elementos que são imperecíveis, que são o legado da Humanidade. São êles, no terreno intelectual a Ciência, e no terreno moral, o Individualismo. De minha parte, estou convencido de que, mercê dessas aquisições, dia virá em que, sôbre o planeta, habitará uma humanidade mais feliz e melhor.

DISCURSO DO LICENCIADO JOÃO CUNHA ANDRADE,
ORADOR DA TURMA DE 1940.

Coube-me a honrosa e delicada tarefa de dirigir-vos algumas palavras em nome dos alunos que compõem a quinta turma de licenciandos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo.

Após mais um laborioso ano letivo, nossa novel Faculdade vem demonstrar, solene e objetivamente, que está cumprindo, com segurança e eficácia, os compromissos que assumiu perante a sociedade brasileira.

Antes de mais nada, cumpre-me dizer-vos que, fugindo a velhas praxes, minha criação, sem qualquer aparato erudito, terá o caráter simples e sóbrio de um gesto de sincera cortesia.

Por isso mesmo, desejamos, em primeiro lugar, expressar nossa gratidão a Sua Excia., o Dr. Adhemar Pereira de Barros, que nos honra com o seu patrocínio e que, sobretudo, não tem faltado com o seu apôio à nossa Faculdade, compreendendo hàbilmente que ela veio preencher uma das lacunas de que mais se ressentia o nosso antigo sistema de ensino superior.

Paraninfandc-nos, Sua Excia. manifesta incontestàvelmente sua simpatia por todos os que trabalham pelo progresso e pela autonomia cultural do Brasil, e vem positivar mais uma vez que o nosso sistema político não comporta dissensões estéreis e está exigindo uma constante e fecunda colaboração entre o Estado e as classes sôbre as quais repousam os destinos espirituais da nacionalidade.

*

Durante os anos de nossa formação, nas diferentes secções e subsecções em que se divide nossa escola, vários cursos nos foram ministrados por competentes professôres brasileiros e estrangeiros, sob a inestimável direção do dr. Alfredo Ellis Júnior.

Perlustramos incansàvelmente o campo de tôdas as ciências. Tivemos a grata oportunidade de nos preparar para futuros estudos mais profundos e mais especializados e, também, nos equipamos de valiosas experiências e métodos pedagógicos que nos permitem o ingresso no magistério secundário como professôres especializados em diferentes disciplinas e como educadores do adolescente.

Certamente, não foi graças unicamente ao nosso próprio esforço que conseguimos vencer tôdas as dificuldades dos cursos e chegar à etapa final criticamente conscientes do nosso valor, das nossas capacidades e dos nossos novos compromissos.

Inegavelmente, devemos tôda a nossa formação à habilidade técnica e aos cuidados dos prezados professôres que souberam estimular, em cada um de nós, o vivo e espontâneo interêsse pela ciência, que torna possível o perfeito aprendizado.

Nossos professôres brasileiros, pelo vigor que imprimem aos seus cursos, tão ricos de conteúdos, patenteiam em cada aula proferida o valor da inteligência nacional e são os índices seguros da contínua e rápida ascensão da nossa cultura universitária.

Êste momento é, para nós, sumamente significativo, por podermos dirigir nossos sinceros agradecimentos aos ilustres professôres brasileiros e estrangeiros que, além dos métodos e conhecimentos científicos, nos transmitiram, cotidianamente, o vivo exemplo das serenas atitudes e das lúcidas intenções, oferecendo-nos, dessa forma, os mais nobres modelos em que se podem inspirar nossas futuras experiências profissionais.

Esperamos, senhores professôres, nunca desmerecer o cuidado e a estima que nos dispensastes, e que, de fato, possamos retribuir todos os benefícios que de vós recebemos, redistribuindo-os pela juventude brasileira, tendo sempre, como vós outros, por superior estímulo pela vida a fora, a grande satisfação e o agradável ensejo de assistir e animar o despertar inquieto das novas gerações para os dramas supremos da inteligência.

Não poderia, senhores, deixar de fazer uma especial referência aos professôres estrangeiros, que, nestes anos amargos e terríveis, longe de suas pátrias que sofrem os horrores da guerra, nos têm dado magníficas provas de serenidade e de abnegação.

Valores incontestes, êles vêm trabalhando fecundamente e com grande empêno, para o nosso enriquecimento cultural, e nunca os sofrimentos morais que a catástrofe européia lhes tem infligido — atingindo-lhes as famílias e os bens distantes — lhes abateram os ânimos.

Há vários anos, êstes ilustres professôres vêm dando à nossa Faculdade, suas valiosas contribuições técnicas, e o prestígio e a experiência de suas formações nos centros universitários da velha Europa, e nem as lutas políticas e nem mesmo a guerra modificaram a serena e objetiva atitude que, entre nós, têm mantido tanto no exercício do magistério como no convívio social.

Colaboradores inteligentes e leais, êstes filhos de pátrias gloriosas e cultas, vão dando ao Brasil seu afeto e seu trabalho como se êle lhes fôsse tão caro como suas próprias terras, e, desta forma, fazem ressurgir nos nossos corações a crença de que o verdadeiro anseio de dignificação nacional não é senão um dos aspectos da fé na dignificação de tôda a Humanidade.

*

Como é sabido, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras foi fundada em 25 de janeiro de 1934, quando se organizou a Universidade de São Paulo.

Segundo os dispositivos aprovados no Plano Nacional de Educação, adotamos, no Brasil, o conceito universal que exige pelo menos uma Faculdade deste gênero, nas organizações com direito ao título universitário.

A Universidade contemporânea, portanto, é constituída por um núcleo fundamental — a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, em torno da qual se agrupam Faculdades, Escolas ou Institutos de Ensino Superior, conferindo êstes últimos, títulos capazes de permitir o exercício específico de profissões de alto nível, como são as profissões de advogado, de médico e de engenheiro.

Nas tradicionais constelações universitárias de outros países, a Faculdade de Filosofia tem uma posição solar, e é em torno dela que gravitam tôdas as outras Faculdades e Institutos que têm uma finalidade especializadora e profissional.

Enquanto que estas últimas se dedicam fundamentalmente às ciências aplicadas e suas artes, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras se ocupa com a ciência pura e as pesquisas originais, realizando, doutra parte, a coordenação e unificação cultural de tôda a Universidade.

Entre nós, as Universidades são de ontem. Contudo, os Estudos de Medicina datam de 1813, quando se criaram as Faculdades de Medicina do Rio de Janeiro e da Bahia, e os Cursos Jurídicos remontam a 1827, data em que se fundou a Faculdade de Direito de São Paulo que tem exercido uma influência preponderante na nossa formação e que, sob suas tradicionais e gloriosas Arcadas, viu passar quase todos os notáveis intelectuais e estadistas do Brasil.

Nossa jovem Faculdade veio colocar-se ao lado de tão tradicionais e robustas instituições, não para com elas realizar competições estéreis e inadequadas, mas, respondendo a novas exigências culturais, com elas pretende colaborar na obra comum que consiste, em última análise, em dar ao homem brasileiro a consciência do seu valor e do valor de sua terra, dando-lhe, ao mesmo tempo, atitudes, capacidades e técnicas que nos garantam a autonomia e o progresso.

*

Respondendo, como disse, a novas exigências culturais, nossa Faculdade tem por objetivos fundamentais tanto a formação de professores secundários como também a preparação de pesquisadores de Ciência pura e técnicos para as Ciências aplicadas.

Formando pesquisadores e técnicos, que se dedicarão à investigação original e inventiva, ela nos coloca na posição de colaboradores no trabalho universal da ciência, e abre novas perspectivas para as indústrias que temos e para aquelas que, brevemente, iremos ver.

Formando professores secundários, — especializados em diferentes disciplinas, conhecedores de todos os problemas bio-psicológicos e sociais que envolvem o nosso adolescente, estando, portanto, aptos para instruir e para educar, eficaz e economicamente, — nossa Faculdade vem sanar uma das maiores falhas do nosso sistema escolar.

Certamente, a escola secundária tem caminhado entre nós, mas sempre imbuída de preconceitos, usando métodos antiquados, retardada nos conhecimentos e com idéias muito vagas a respeito de sua própria finalidade.

Ela tem caminhado graças aos esforços dos nossos tradicionais professores secundários, — auto-didatas uns, médicos, advogados e engenheiros outros, — mas, ainda que pese, seguindo, todos, diretrizes puramente propedêuticas, sem se preocuparem com o papel pròpriamente educacional que a escola secundária deve cumprir e sem terem de fato, a formação profissional adequada que beneficia o rendimento escolar e torna possível o perfeito aprendizado.

Sabemos perfeitamente que, em se tratando de coisas humanas, cada problema resolvido suscita sempre novos problemas, como também, cada problema não pode ser resolvido se não palmo a palmo, por uma série cuidadosa de pesquisas que, muitas vêzes, exigem anos.

Esperamos, contudo, que, formando seus professores secundários, venha a nossa Faculdade resolver a grave crise que, nestes últimos anos, se vem acentuando no setor da educação do segundo grau.

Além das reformas contínuas por que tem passado na prática, o ensino secundário é, teòricamente, um campo fértil em controvérsias que giram em tórno tanto dos problemas de sua organização como daqueles referentes às suas finalidades.

Apesar disso, ainda se mantém entre nós, com vagas renovações, o espírito e a técnica do ginásio clássico, com sua formação livresca e sua intenção de exacerbar a vida interior do adolescente, com processos inibitórios, punitivos ou de sublimação equívoca, — que encarnou o sentido humanístico em fase histórica absolutamente ultrapassada, — entrou em decadência.

Certo, ninguém se recusará a admitir, primeiramente, que a Filosofia e as Artes, da Antiguidade aos nossos dias, receberam contribuições magníficas e originais de muitos séculos de elaboração mental, e, em seguida, que a Ciência, desde Descartes e a revolução galileana até as últimas revisões provocadas pela relatividade generalizada de Einstein, nada mais tem feito que romper os velhos quadros formais e tôdas as noções antigas, e que, conseqüentemente, o atual conceito de cultura humanística é mais preciso, mais rico e humano, e está todo êle impregnado do espírito da Ciência contemporânea.

Por isso mesmo, o ginásio clássico vai sendo substituído, em tôdas as nações civilizadas, pelos ginásios nacionais ou pelos ginásios científicos, trazendo ambos a marca nítida das preocupações fundamentais da nossa época, que deve seu advento às grandes mudanças sociais e econômicas, provocadas pelas máquinas que a ciência inventou.

Intermediária entre a escola primária e as escolas superiores e profissionais, a escola secundária, além dos seus objetivos puramente propedêuticos, tem o papel capital de integrar o imaturo na vida social, formando-lhe o caráter segundo os valores nacionais e humanos.

Escola marginal, — colocada entre uma escola de homogeneização e as escolas de diferenciação profissional, — a escola secundária de-

ve receber no seu seio um ser inquieto que se encontra na crise biopsicológica da adolescência, a fim de prepará-lo convenientemente para uma civilização que se debate num dos momentos mais caóticos de sua evolução.

Analisando-se e aprofundando-se estas considerações, poder-se-á avaliar como são complexos e delicados os problemas apresentados pela educação secundária e compreender-se-á que é da solução desses problemas que dependem a perfeita integração das novas gerações na estrutura social e nacional e a própria evolução cultural do nosso povo.

De fato, nos nossos dias, a escola secundária não tem a intenção unilateral de formar elites ou castas. A tendência democrática domina plenamente toda a sua filosofia educacional. Ela se destina a todos como a escola primária, porque esta última já não satisfaz, por si só, às exigências que os fatores sociais e econômicos engendraram na tessitura da vida contemporânea.

Anima-a o ideal que consiste na ascensão cultural do maior número possível de indivíduos. O peneiramento que ela determina não é senão uma preparação de vocações.

De fato, procurando realizar praticamente os ideais de concórdia e de democratização que estimulam a marcha ascensional da ciência, a escola secundária pretende dar a todos as mesmas oportunidades e por todos repartir os benefícios espirituais e materiais que a Cultura e a Técnica criaram.

Assim, no interior desta escola marginal, nós iremos assistir certamente, a um dos aspectos mais interessantes e significativos do drama cultural dos nossos tempos: a concórdia entre o *homo sapiens* e o *homo faber*.

*

Lentamente se foram resolvendo as antinomias que pareciam irredutíveis e que situavam em campos antagônicos estes dois tipos humanos.

Se quisermos pressentir a convergência ou síntese para a qual tendem, atualmente, estes dois destinos, bastará acompanhá-los através da evolução histórica por que passaram, tomando como índice as interações que se têm estabelecido entre os processos de concepção e de sistematização da Ciência e as técnicas econômicas e as estruturas sociais.

Incontestavelmente, a ciência tem progredido graças à adaptação do espírito à realidade, que exige a criação de noções constantemente renováveis.

A Ciência procura infatigavelmente uma adequação cada vez mais perfeita dos quadros formais do pensamento ao contínuo enriquecimento dos seus conteúdos, e ela tem a justificação do seu valor e da sua eficácia no número incalculável de utilidades que criou.

O conhecimento não tem, pois, o caráter de certeza ou de verdade, mas de probabilidade. À medida que se transformam as perspectivas históricas, o homem vai tomando consciência das circunstâncias sociais

e econômicas que o envolvem, sua visão vai-se tornando mais ampla e sua interpretação da realidade que o cerca e de si mesmo vai-se depurando e atinge o máximo de objetividade.

Desta forma, poderemos verificar que o caminho percorrido pelo espírito, na conquista da moderna atitude científica, é nitidamente marcado, por exemplo, pelas diferentes etapas e pelos diferentes aspectos que tomou a noção de lei.

No período de inter-penetração do cristianismo e do paganismo, as idéias de ordem natural e de natureza foram reimpregnadas de conceitos e interpretações teológicas, e o espírito de jurismo pragmático dos romanos deturpou consideravelmente a noção de lei científica.

A lei que, entre os últimos representantes da inteligência helênica, conserva como característico a noção de sucessão, relação, passagem, mudança, passou a ter um elemento pragmatista e jurídico de norma de comportamento ou de ação, e, além disso, com o espírito ascético do cristianismo, a noção de luta contra a natureza. Daí, resultou a confusão entre os julgamentos de valor e o conceito simples de verificação e existência, que se degladiam até os nossos dias, perturbando o trabalho da Ciência, nos campos dominados pela ética tradicional.

Pelos dados etimológicos e históricos de cada uma das faces em que a lei realiza a sua formação, poderemos evidenciar o papel predominante da ordem social e econômica que, de qualquer maneira, forma o espírito do homem e nele repercute intensamente.

Por outro lado, as mudanças e crises sociais correspondem sempre a mudanças de etapas para as noções científicas. O progresso, portanto, de toda Ciência é marcado sempre por acontecimentos críticos para a sociedade. Há um momento sempre na História em que a sociedade se estabiliza e o espírito conservador entrava qualquer mudança de concepções, porque se pressente que a ordem moral sofre os influxos diretos das mudanças de concepção do mundo.

Certamente, as modificações na estrutura econômica e as da técnica são mais depressa percebidas pelo homem de ciência, e são elas que trazem as descobertas e inovações para o campo teórico, determinando mudanças de interpretação e de conceituação.

O mundo moral e político é, contudo, por sua própria natureza, mais lento e conservador, e opõe sempre diques e formas à maleabilidade do espírito.

Por isto mesmo, também, este mundo moral e político parece fugir constantemente ao estudo científico dos seus problemas. Todas as ciências que se ocupam com os fatos sociais ainda são um campo de controvérsias filosóficas. Tantas e tais são as variáveis que condicionam a morfologia e evolução social que, de fato, não podem ser controladas e medidas convenientemente. Todas as interpretações teóricas, neste terreno, têm sempre o caráter de uma perequação, isto é, os quadros formais não traduzem nunca, de maneira exata, a realidade experimental. Quase sempre a imaginação ou os cálculos de probabilidades vêm suprir as falhas do sistema de observação e a pobreza do material disponível.

“É inegável, por exemplo, — como já notou um admirável pensador patricio (1), — que a realidade presente põe em xeque todos os sistemas de interpretação social e política elaborados pelos teóricos e doutrinadores do século XIX. A crise atual da civilização ocidental decorre, em grande parte, dessa inadaptação da técnica e dos métodos do século passado às contingências e circunstâncias da nossa época.

O resultado desse erro fundamental, isto é, dessa tentativa para encaixar a realidade presente dentro dos moldes rígidos de ideologias definitivamente superadas — foi a criação de regimes artificiais, de problemas sem sentido e de certa mentalidade incapaz de distinguir, sob a confusão das tendências e dos conflitos da vida hodierna, as verdadeiras diretrizes do progresso histórico e político.”

Doutra parte, o *homo faber* nem sempre tem consciência imediata das grandes modificações que a sua atividade provoca no mundo da inteligência, justamente porque a ordem estabelecida impede que sua consciência tome conhecimento das grandes inovações que a técnica determina no terreno da investigação científica.

Foi com o racionalismo grego que se anunciou na história humana a ruptura entre o cérebro e a mão, que se reflete, com seu duplo aspecto intelectual e social, no idealismo platônico e na política aristotélica.

Procurava-se, então, desinteressadamente, saber para saber.

Contudo, a pura e desinteressada especulação da sabedoria clássica, que trazia consigo o aristocrático desprêzo pela experiência e pela técnica, aos poucos foi degenerando em puro formalismo lógico.

Por outro lado, a injustiça social ia transformando o trabalho humano em estigma aviltante, como se poderá evidenciar na política de Aristóteles.

Longos séculos foram necessários para que a Ciência restabelecesse suas relações normais com a experiência e elegeisse a fecunda filosofia de ação que se sintetizou no lema: “saber para prever e prover”.

Longos séculos foram precisos para que o trabalho humano se tornasse livre das imposições bárbaras e dos estigmas de inferioridade e baixaza que herdou das épocas de servidão.

Contudo, o intercâmbio ativo e consciente que, nos nossos dias, se vai estabelecendo entre a Ciência e a Técnica parece prenunciar que o acontecimento auspicioso que marcará o fim da crise em que se debate a civilização ocidental será a plena concórdia entre os cérebros que pensam e as mãos que fazem.

*

Por tudo isso, vivendo intensa e lúcidamente a cultura de nossa época, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, ao lado dos pesquisadores de ciência pura, vai preparando professores e técnicos.

Professores para escola secundária que se preocupa com a integração inteligente e ativa das novas gerações, numa civilização rica de conteúdos espirituais e materiais.

(1). — Eurialo Canabrava.

Técnicos para tôdas as indústrias que procuram, dia a dia, esclarecer-se e progredir segundo os últimos resultados da ciência.

Professôres e técnicos que terão, na sua lide diária, a ocasião mais propícia de preparar soluções pacíficas e inteligentes para os conflitos humanos que têm sido sempre exacerbados pelas místicas violentas.

Professôres e técnicos que, mergulhados na vida ativa, não se esquecerão e não se desligarão jamais da *Alma Mater* que lhes enriqueceu o espírito e os coligou com o compromisso solene de lutarem sempre pela unidade e pelo progresso da Pátria Brasileira.

DISCURSO DO BACHAREL FLORESTAN FERNANDES,
ORADOR DA TURMA DE 1943.

Os originais do discurso do orador da turma de 1943, bacharel Florestan Fernandes, foram entregues a um dos dois redatores da revista Ilustração. Esta revista, como aliás procedeu com os demais discursos de formatura daquele ano, somente publicou alguns trechos da oração. Em o número 29, de fevereiro de 1944, sob o lópico O Pensamento e as Reivindicações da Mocidade (págs. 24-25), eis como a revista Ilustração apreciou aquêlé discurso:

“Discurso do orador da Faculdade de Filosofia

Em nome dos graduados da Faculdade de Filosofia falou o sr. Florestan Fernandes, da cadeira de Ciências Sociais (*sic*), que assim iniciou o seu discurso:

“A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo dá a São Paulo e ao Brasil, neste momento, mais uma turma de intelectuais — professôres, cientistas e pensadores — cuja missão na sociedade brasileira do momento tem tanto maior importância, quanto vive o mundo uma desoladora fase de destruição e incertezas. Formamo-nos acompanhando o desenvolvimento de uma luta sangrenta e angustiante, que leva em sua derrocada muito do sangue, das esperanças e dos ideais da mocidade de todos os continentes, de tôdas as nacionalidades e de todos os países. E nessa catástrofe de gerações e de ideais, ressurgem os homens novos, ainda mais cheios de virilidade, de firmeza e de ideal que antes de participar, direta ou indiretamente, da luta aberta que em tôda a parte divide os sêres humanos em duas facções: os reacionários e os renovadores. Êstes, frutos da inteligência, que procura abrir um caminho mais digno e melhor para o homem; aquêles, produtos da incapacidade individual e mesmo coletiva, que procura opôr todos os obstáculos possíveis ao lento desenvolvimento natural das sociedades”.

O orador passa a examinar, a seguir, as finalidades da Faculdade de Filosofia:

“A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras surgiu — como em outros lugares — como uma necessidade de compreensão universal da cultura. Sua função imediata é fornecer à sociedade os técnicos, os professôres, os cientistas e os pensadores de que ela necessita. Deixando de lado a situação particular do Brasil e a premência, maior entre nós que algures, dêsses intelectuais, por ser de todos conhecida, vejamos o que pode significar uma compreensão universal da cultura e quais as suas conseqüências mais gerais, para nós brasileiros”.

Depois de analisar o problema, conclui o orador com as seguintes palavras:

“Eis aí parte do que recebemos da Faculdade de Filosofia. Ela foi o caminho através do qual chegamos à tomada de consciência de nossa função social. Permanece, ainda, como um meio de defesa, para nós — ou de amparo, diríamos melhor — fornecendo-nos os elementos para enfrentar o lado trágico da transição, sem os perigos representados na negação do evidente pelo efetivo, conforme procuram fazer, nesses períodos, as perigosas forças do reacionarismo proteiforme.

Em síntese: a Faculdade de Filosofia nos deu uma atitude definida diante da vida e uma tradição de trabalho; cumpre-nos, pois, trabalhar para justificá-la e nos justificarmos. E, creiam-nos senhores, é o que tencionamos fazer”.

DISCURSO DO LICENCIADO PAULO EMÍLIO DE SALES
GOMES, ORADOR DA TURMA DE 1944.

Os bacharelados de 1944, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, agradecem a presença das autoridades estaduais e militares, dos representantes das nações amigas, e a de todos vós.

Aos membros da hierarquia universitária, na pessoa do Magnífico Reitor, a nossa saudação.

Aos senhores professôres, dizemos: Esta solenidade vos pertence.

Homenageamos os professôres franceses de hoje e de ontem, filhos de uma cultura sem a contribuição da qual uma universidade no ocidente é um mito, na pessoa do Sr. Jean Maugüé, professor de História da Filosofia da Faculdade, atualmente soldado francês em alguma parte do mundo.

Homenageamos os professôres italianos, a quem a Faculdade deve muito, na pessoa do maior poeta vivo da latinidade, Giuseppe Ungaretti, professor de Literatura Italiana da Faculdade, atualmente na Itália, coroado por ruínas e sofrimentos, trabalhando para revelar à Europa, a poesia popular brasileira.

Na pessoa do Sr. Gleb Wataghin, professor de Física Teórica da Faculdade, homenageamos o povo russo, e na do Sr. Luiz Amador Sanchez, professor de Língua e Literatura Espanhola, saudamos a gloriosa e martirizada Espanha Republicana. Na pessoa do Sr. Urbano Canuto Soares, professor de Filologia Latina da Faculdade, homenageamos a cultura portuguesa, e na do Sr. John Keneth Swann, professor de Língua e Literatura Inglesa, saudamos a Inglaterra.

Saudamos os mestres que introduziram em nossa Faculdade as melhores tradições da cultura científica alemã.

Saudamos os professôres brasileiros nas pessoas dos senhores Reinaldo Saldanha da Gama, professor de Mineralogia, e Eurípedes Simões de Paula, de História Antiga e Medieval, atualmente soldados da Fôrça Expedicionária Brasileira.

Tivemos, durante os três anos de curso, dois diretores: os professôres Fernando de Azevedo e André Dreyfus.

O prof. Fernando de Azevedo, uma das figuras centrais do grande movimento de renovação educacional do Brasil, que se inicia com a reforma do ensino de 1928, e toma vulto com o manifesto de 1932 e a quinta Conferência Nacional de Educação, foi durante êste período, um batalhador intrépido contra as fôrças retrógradas, clericais ou facitizantes, representadas no setor educacional por um Sr. Alexandre Corrêa ou um Sr. Leonardo Van Acker. Escondido por vêzes, atrás de

uma posição talvez excessivamente catedrática diante da vida e seus problemas, transparece na ação do Sr. Fernando de Azevedo, em todos os momentos de sua carreira, o fiel militante da liberdade.

O Sr. André Dreyfus é, por múltiplos aspectos, uma das personalidades mais atraentes da vida intelectual brasileira. Uma das mais perfeitas vocações de professor e conferencista que São Paulo conhece, um expoente na alta divulgação científica, conforme atestou o seu livro "Vida e Universo", alia a isso um trabalho fecundo de pesquisas científicas originais no ramo de sua especialidade. O prof. André Dreyfus tem o seu espírito atraído pelos vários caminhos do conhecimento humano, científico ou artístico, e procura sempre fazer participar de seus entusiasmos por uma música, um romance, um quadro ou um país, os seus alunos, de quem faz amigos, e os amigos, que tende por vezes a transformar em alunos.

Foram êsses os diretores que tivemos. Foi um privilégio para nós o termos sido dirigidos por êsses dois professôres, que souberam sempre demonstrar a maior compreensão e simpatia, pelos problemas universitários e humanos que tivemos de enfrentar e resolver, durante êstes três últimos anos. Ao prof. Fernando de Azevedo, nosso ex-diretor, e ao prof. André Dreyfus, atual diretor da Faculdade, apresentamos nossas homenagens.

Professor Mário Schenberg, nosso paraninfo: Vós sabeis por certo que se processaram êste ano duas eleições para escôlha do paraninfo, e que vosso nome foi o escolhido da segunda vez. Sabeis, ainda, que da primeira saiu vencedor Monteiro Lobato, e estamos certos que teríeis a maior satisfação de, em nossa companhia, homenagear êsse grande e livre escritor e cidadão. Mas acontece que Monteiro Lobato nos enviou uma carta de recusa, na qual êle diz:

"Eu não faço discursos. Nunca os fiz (salvo dois curtinhos que não valeram) e pretendo morrer nessa agradável virgindade. E não faço discursos por uma razão temperamental: acho supremamente cômico o papel dum cidadão que solenemente se erge numa sala cheia de calças e saias para dizer, com a maior elegância do estilo todos os lugares comuns, tôdas as cousas porocas em que êle não acredita mas a Igreja, o Poder, a Men'ira Social, a Conveniência, a Imbecibilidade Humana, a Tradição e tôdas as carunchadas escoras da Ordem Impõe. Não vou paraninfoar vocês, portanto, tirem isso da cabeça, e escolham outro mais conformado com a comédia humana".

Concordamos com a recusa, mas isso não impede, e pedimos não só vossa licença, mas vossa cumplicidade, Sr. Mário Schenberg, isso não impede que invoquemos esta noite o nome de Monteiro Lobato, e que saudemos nele o cidadão que não se submete, e o intelectual que não se corrompe.

Só que não pudemos seguir todos os conselhos contidos na carta de Monteiro Lobato. Não escolhemos como paraninfo "outro mais conformado com a comédia humana". Nós escolhemos a vós, prof. Mário Schenberg. Seria difícil dizer que sois um conformado com a comédia

humana, vós que procurais sempre nos acontecimentos da vida e da matéria, além das aparências, as realidades mais íntimas e profundas.

Caro paraninfo: Menos do oito anos separam o dia de vossa formatura da solenidade de hoje. Neste espaço de tempo, vossa atividade científica e intelectual constitui um motivo de orgulho para nossa jovem Escola, que viu surgir em seus quadros, para depois afirmar-se nacional e internacionalmente, a glória autêntica do moderno pensamento científico brasileiro. Mas não é só no campo de vossa especialidade científica que se exerce o vigor do vosso espírito. Preocupado com as artes plásticas, sois um dos estudiosos mais atentos das manifestações da pintura moderna em São Paulo. Cidadão e intelectual de vosso tempo, dedicastes aos problemas espirituais, políticos e sociais do mundo o ensaio "O Destino das Nações Unidas"; e as questões ligadas à economia, história e cultura do Brasil, foram o assunto de vossa resposta à *enquête*, organizada pelo "O Estado de S. Paulo": as Plataformas da Nova Geração. Nova Geração. Vós pertenceis, como nós, à nova geração. É desta constatação que se pode depreender o significado de vossa escolha para nos paraninfar. Alguns de nossos problemas centrais são também os vossos. Os problemas de jovens entre 20 e 30 anos, no Brasil dos fins de 1944.

Nós achamos a solenidade da formatura ocasião oportuna para uma meditação desapassionada sobre o tempo em que vivemos e a nossa posição dentro dele.

Nosso amigo Monteiro Lobato diz em sua carta que um discurso consiste em se afirmar solenemente e no melhor estilo possível, cousas em que não se crê. Acreditamos que sua observação seja frequentemente válida. Mas queremos dizer que hoje isto não acontecerá. Os bacharelados de 1944 só dirão como verdade o que consideram como tal. Mas não se limitarão a afirmar aquilo em que acreditam. Denunciarão também aquilo em que não acreditam.

É muito difícil o julgamento de qualquer problema brasileiro antes de termos bem claro dentro de nossas consciências um dado fundamental: o Brasil é uma nação pobre. O reconhecimento de nossa pobreza como nação, é que nos dá um sentimento de responsabilidade ao qual não fugiremos. Quando nos referimos aos jovens brasileiros entre 20 e 30 anos, temos sempre presente a existência por um lado da pequena minoria, a que pertencemos, de uns poucos milhares que no Brasil freqüentam uma escola superior, e por outro, a esmagadora maioria de muitos milhões de jovens brasileiros trabalhadores do campo e da cidade. Nós, que terminamos um curso de escola superior, temos consciência de que somos filhos privilegiados da nação brasileira. É isso que para nós significa sentimento nacional, e achamos difícil que fora daí, possa significar alguma coisa mais além de inconsciência ou demagogia. A visão contraditória do Brasil, como país rico e nação pobre, marca o rumo de nossa ação. É preciso que se torne cada vez mais insuportável para nós, seus filhos privilegiados, a situação degradante da nação brasileira, com uma porcentagem de analfabetos das maiores do mundo, e com um índice normal de mortalidade infantil igual ao

de um país em guerra, esfaimado e ocupado pelo inimigo, como a Grécia durante 1943. Destacamos, ainda há pouco, frente aos poucos milhares que são os jovens brasileiros que fazem um curso superior, ou mesmo secundário, os milhões de brasileiros da mesma idade, para os quais é absolutamente impossível atingir qualquer tipo de instrução científica, intelectual, ou técnica. Mas a estes precisamos acrescentar mais milhões — milhões de fantasmas — fantasmas de brasileiros que teriam hoje a nossa idade, mas que morreram antes de completar um ano, ou pouco depois, dizíamos pela sub-alimentação e pelas doenças.

E' essa a nação a que pertencemos. E' essa nação que temos o dever de transformar. Nós, jovens brasileiros com instrução superior, temos uma responsabilidade maior do que a do cidadão médio. Como privilegiados da comunidade, ela exige severamente de nós deveres maiores. De nosso meio surgirão os quadros dirigentes do futuro. Temos nos esforçado em cumprir nossos deveres de cidadão, e em nos preparar para as crescentes responsabilidades que nos esperam. E nem sempre tem sido fácil cumprir o dever.

Éramos crianças quando a Revolução de outubro de 1930 pôs fim à primeira República, a da Constituição de 1891. E a maioria de nós era ainda muito jovem, quando a segunda República, a da Constituição de 1934, foi destruída pelo golpe governamental de 10 de novembro de 1937. De lá para cá é que data a formação ideológica e política da maior parte de nossa geração universitária. Num Brasil sem vida política legal e sem liberdade de imprensa, houve o perigo da esterilização cívica das novas gerações, e uma formação política democrática era conseguida através de dificuldades, algumas vezes penosamente superadas. Foram exigidos esforço e luta, mas as consciências democráticas assim formadas adquiriram a necessária resistência para as provas do futuro.

Mesmo as possibilidades de informação política teórica foram dificultadas pela falta de revistas especializadas e pela escassa publicação de livros. Uma das poucas obras dedicadas a assuntos políticos nacionais, publicada depois de 10 de novembro de 37, foi "A Nova Política do Brasil", em vários volumes e cuja publicação, ainda em curso, iniciou-se em 1938. Seus autores são: o candidato da Aliança Liberal à presidência da República em 1929, o chefe do governo provisório revolucionário, o primeiro presidente da segunda República, e o atual chefe do governo do Estado Novo. E' uma seleção de discursos pronunciados pelo Sr. Getúlio Vargas durante os últimos catorze anos.

Encontramos nestes volumes interessantes aspectos da vida nacional em vários momentos de sua evolução recente. O enfileiramento de trechos, colhidos ao acaso, nos coloca diante de análises e constatações que permanecem válidas, durante um largo período da história política contemporânea do Brasil. Abrimos aspas:

"Apesar de nem sempre terem dos fatos uma visão de conjunto, são, realmente, as classes populares, sem ligações oficiais, as que sentem com mais nitidez, em toda a extensão

situação geral do país sobre as suas condições de vida, a necessidade de modificação dos processos políticos e administrativos.

Vivemos num regime de insinceridade; o que se diz e apregoa não é o que se pensa e pratica.

A “realidade brasileira”, tão exaltada pelos louvaminheiros do atual estado de coisas, reduz-se aos fenômenos materiais da produção da riqueza, adstritos às mais das vezes a censuráveis privilégios e monopólios.” (Volume I, pág. 19).

“A troca recíproca de favores, que constitui o caciquismo, o monopólio das posições políticas; a permuta de ardilosos auxílios que calamfetam tôdas as frestas por onde podem passar um sôpro salutar de renovação — eis o regime vigorante, frondosamente, no Brasil.” (Volume I, pág. 23).

“A carestia da vida, entre nós, resulta, em boa parte, da desorganização da produção e dos serviços de transporte. O fenômeno mundial é, aqui, consideravelmente agravado por êsses dois fatores.

.....

Muitas dessas anomalias decorrem, por certo, da nossa política protecionista; outras devem, antes, ser atribuídas à lacunosa aplicação das leis. A origem de tôdas, em suma, é a desorientação governamental.” (Volume I, pág. 34).

“A convicção da imperiosa necessidade da decretação da anistia está, hoje, mais do que nunca, arraigada na consciência nacional. Não é, apenas, esta ou aquela parcialidade partidária que a solicita. É o país que a reclama. Trata-se, com efeito, de uma aspiração que saturou todo o ambiente.

.....

Pode-se asseverar, sem temor de contradita, que a anistia que será de previdência incompleta, sem a revogação das leis compressoras da liberdade do pensamento.” (Volume I, págs. 20 e 21).

“Com louvável desassombro, a imprensa periódica, no Brasil, clamou contra as injustiças que imperavam e apontou os erros e a incapacidade dos governantes, profligando-lhes os atentados e desmascarando-lhes a hipocrisia

...Ao lado da que assim procedia, expressando fielmente os ímpetus populares, parasitava a imprensa sem opinião própria, subvencionada pelo governo para agredir ou elogiar, conforme a palavra de ordem recebida. Esta, sem exagero, chamada mercenária, desapareceu com a vitória da Revolução. Hoje, o governo não subvenciona jornais, não tem imprensa oficiosa.” (Volume I, págs. 141 e 142).

“..... qual a perspectiva que se nos desenha e que porvir nos espera, com o prosseguimento do atual estado de coisas? Um infinito saara moral, privado de sensibilidade e sem acústica. O povo oprimido e faminto. O regime representativo golpeado de morte, pela subvenção do sufrágio popular. O predomínio das oligarquias e do profissionalismo político. As forças armadas, guardas incorruptíveis da dignidade nacional, constrangidas ao serviço de guarda-costa do caciquismo político. A brutalidade, a violência, o suborno, o malbarato dos dinheiros públicos, o relaxamento dos costumes, e cecroando êste cenário desolador, a advocacia administrativa a campear em todos os ramos da governação pública.” (Volume I, pág. 62).

Fechemos aspas. Aqui termina a citação de trechos de discursos do Sr. Getúlio Vargas.

O Brasil está em crise. Econômicamente: um desenvolvimento industrial sem bases sólidas se choca a uma estrutura agrária retrógrada, enquanto florescem as formas parasitárias do comércio e da usura. Socialmente: nas cidades, uma classe média desenraizada flutua entre uma alta burguesia com escasso sentimento nacional, falho de virtudes dirigentes, prêsa fácil dos imperialismos, e um operariado desorganizado, enquadrado burocraticamente num sindicalismo formal. No campo: entre o setor gasto dos grandes proprietários da terra, da lavoura e do rebanho, e a grande massa dos trabalhadores da terra num estado de sub-humanidade, vegetam as poucas e mirradas pequenas propriedades agrícolas. Politicamente: a dilaceradora contradição entre a permanência de um regime que nasceu no Brasil em 1937 como reflexo das grandes vitórias mundiais do fascismo, e a participação do Brasil na guerra contra o fascismo.

Os grandes e urgentes problemas econômicos e sociais do Brasil, deverão encontrar em breve, formulações políticas, pois, se a sua eclosão natural sofrer impecilhos, haverá o perigo do país ser arrastado a perturbações que poderão culminar numa guerra civil, cujas conseqüências são dificilmente imagináveis. E' preciso encontrar uma solução política para a crise da nacionalidade. Uma solução política que canalise as grandes energias nacionais, para a quebra dos atuais impasses de nossa problemática social.

O govêrno tem se preocupado com essa situação. Mas as soluções que tem insinuado são tímidas, numa desproporção flagrante com a escala dos problemas. Um plebiscito ou a realização de eleições na forma prevista pela Constituição de 1937, seria tentar o reajustamento de uma situação ultrapassada.

As necessidades políticas do momento se exprimem numa palavra: *Democratização*. Democratização significa muito. Significa levar o Brasil a um regime legal, dotado de suficiente dinamismo para tôdas as transformações. Democratização significa abrir o debate mais amplo e livre sôbre todos os problemas políticos, sociais, econômicos e culturais da nação. Democratização significa que êste debate não pode se processar sem liberdade de imprensa, de reunião e de organização de partidos políticos. Democratização significa a completa integração na vida política do país, das fôrças democráticas, conservadoras, liberais ou da esquerda. Democratização significa anistia aos presos e exilados políticos.

Ao nosso ver, são grandes os males que o regime do Estado Novo causou ao Brasil. Mas também achamos que o atual govêrno está em condições de evitar o mal maior: a guerra civil. O atual govêrno ainda pode participar da democratização do Brasil, abolindo a Constituição nascida do golpe de 10 de novembro de 1937 e se transformando em govêrno provisório. Com representação das oposições democráticas brasileiras, o govêrno adquirirá um caráter nacional democratizador, que

lhe dará não só poder, mas autoridade para dirigir um Brasil em guerra, e orientar a nação na volta à legalidade republicana.

Uma sugestão como esta pode parecer a muitos ingênua. Mas nós afirmamos, que fora da Constituição de um Governo Nacional Democratizador que convoque oportunamente a nação para a eleição de uma Assembléia Nacional Constituinte, não vemos outro meio de sairmos, sem graves perturbações, da crise da ilegalidade em que vivemos, para lançarmos os fundamentos sólidos da *Terceira República Brasileira*. E só dessa maneira os brasileiros que lutam na Europa, para a conquista de um mundo humano, não terão sido ludibriados.

Hoje é um dia solene na vida de todos nós. Queremos finalizar com uma afirmação de fé. Cremos na Democracia. Cremos na liberdade cada vez maior para o homem. Cremos na igualdade cada vez maior entre os homens. Sentimo-nos solidários com tôdas as fôrças que no mundo trabalham para a emancipação humana. As tiranias e as explorações do homem serão varridas da face da terra.

Os bacharelados de 1944, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, agradecem a vossa atenção.

DISCURSO DO LICENCIADO CARLOS MARQUES PINHO, ORADOR DA TURMA DE 1945.

Saudação ao Paraninfo:

A atitude serena, tão própria a Armando de Sales Oliveira, sua cultura invulgar, seus trabalhos na criação da Universidade de São Paulo e da Faculdade de Filosofia, fizeram com que o escolhêssemos nosso paraninfo.

De nosso paraninfo, queremos beber os conceitos diretrizes para a vida nova que se nos defronta nos umbrais da Faculdade. Mas como, se Armando de Sales Oliveira é morto?

Não! Armando de Sales Oliveira não morreu! Vive imperecivelmente pelas suas idéias, pelas suas obras, pela sua sábia conduta de líder democrata sincero, na profissão de fé na Democracia e na Honestidade.

Vive o semeador na pujança das searas verdejantes, nos pendões dourados, no fulvo dos grãos, escrínios de fartura e abundância. Armando de Sales Oliveira é o semeador que amanhou a terra ubérrima, o povo paulista, e aí plantou a semente fecunda da Faculdade de Filosofia, que, hoje, esplende na formação de novas gerações. E os frutos de seu trabalho, os bacharéis da Faculdade de Filosofia, não deixarão nunca apagar-se a memória dêsse homem.

Na imponência das linhas arquitetônicas, na justaposição das massas, o construtor foge à destruição da própria morte, e se immortaliza na imperecibilidade da pedra do edifício que ergueu. Armando de Sales Oliveira é o construtor, que, criando a Universidade de São Paulo, se projeta no futuro pelo vigor de suas próprias realizações. Amante verdadeiro da cultura e da ciência, homem público cômico das necessidades reais de seu país, Armando de Sales Oliveira, pela sua obra, saiu do âmbito estreito onde se considera o organismo universitário como simples formador de profissionais, para se atirar à fundação de órgãos que preparem elementos vitais, elementos criadores. A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, núcleo de investigação científica, altos estudos e cultura livre e desinteressada, é a concretização do sonho de um construtor de bases da liberdade e da grandeza de um povo.

Na meditação de sua vida e na virilidade de sua obra, sentimos a grande lição de civismo que Armando de Sales Oliveira nos dá. E o mestre revive no acirrado amor cívico que nos embebeda.

Nem mesmo lhe faltou, para apoteose de seu amor e sacrifício pela Pátria, ser banido, em dias negros, de sua própria terra. E os moços

paulistas, ao recebê-lo de volta do exílio, com prorrompido e entusiástico hino nacional, glorificaram-no.

O preito que, hoje, públicamente, rendemos ao criador da Faculdade de Filosofia é, apenas, uma só expressão do culto que os moços lhe prestam. E no reconhecimento de sua benemerência, na memória indelével que guardaremos por tôda vida do nome evocado nesta cerimônia, está a singela homenagem prestada a Armando de Sales Oliveira pelos bacharéis de 1945.

*

Senhor Doutor Júlio de Mesquita Filho:

Não foram somente os laços de sangue que vos prendem a Armando de Sales Oliveira que nos levaram a pedir-vos para vir representar, nesta solenidade, o paraninfo desta noite. Foi, também, vossa firmeza de caráter, comprovada, entre muitas vêzes, na vossa impoluta atitude quando vos roubaram “O Estado de São Paulo”; foi, também, vosso trabalho na escôlha e organização do corpo docente da Faculdade de Filosofia. Se nossa casa, a Faculdade, está erguida, devemô-la a Armando de Sales Oliveira, Almeida Prado, Fernando de Azevedo, Teodoro Ramos e, também, a vós.

Vós sois, pois, o mais legítimo intérprete, por todos os títulos, do pensamento de Armando de Sales Oliveira, e a homenagem desta noite, também, a vós é tributada.

*

Senhores Professôres:

Muitos dentre aquêles que ocupam as cátedras da Faculdade de Filosofia são filhos de outras plagas, e, estrangeiros, aqui, no Brasil, são expressões fidedignas da cultura européia e americana, que, com tanto zêlo, divulgam e dignificam. São êles franceses, portugueses, italianos, espanhóis, norte-americanos, os pioneiros que lançaram as bases do intercâmbio cultural mais intenso entre o Brasil e as outras nações.

Representam muito para nós os nomes de Pierre Deffontaines, Fernand Braudel, Pierre Hourcade, Pierre Fromont, De Martonne, François Perroux e tantos outros mestres franceses, antigos professôres da Faculdade de Filosofia, que lhes é devedora de eterno reconhecimento e gratidão. E' grata, também, para nós, a lembrança de Jean Gagé, Alfred Bonzon, Paul Arbousse Bastide, Pierre Monbeig e de Fernando de Azevedo, Milton da Silva Rodrigues, Roldão Lopes de Barros, Noemy da Silveira Rudolfer, Roger Bastide, Lívio Teixeira, André Dreyfus, dos quais nos orgulhamos de ter sido alunos. Não podemos nos esquecer, também, da personalidade inconfundível de Jean Maugué, de quem seus discípulos guardam indelêveis recordações.

O convívio diário que convosco mantivemos, caros mestres, durante os anos do curso, semeou e desabrochou em nós as flores da amizade. Nos aprestos da partida, cumpre confessar que nos vamos confiantes de vossas sábias lições, e com o coração pejado de saudades. A vossa recordação sempre nos será grata.

*

Senhores Assistentes:

No corpo docente da Faculdade de Filosofia, nestes últimos anos, injetou-se o sangue novo de novos elementos elaborados nesse organismo universitário, elite intelectual, digna, por todos os motivos, do lugar que ocupa.

São os nossos próprios colegas que ascendem à glória da assistência de cátedras superiores, razão de orgulho para a Faculdade, que os educou, e para os companheiros, com quem conviveram.

E' uma prova de eficiência e real valor do ensino na Faculdade, os bacharéis que coadjuvam os mais lídimos expoentes do pensamento brasileiro e internacional, quer no campo científico, literário ou pedagógico.

Sua colaboração, Senhores Assistentes, para nossos estudos, foi inefável.

*

Senhor Professor Dreyfus:

Vossa simplicidade como homem, seu incomparável valor como cientista, cativaram a simpatia dos alunos da Faculdade, que vos querem ter, sempre, como até agora, amigo e mestre.

*

Meus Senhores:

Há ambivalência nos sentimentos humanos: os moços que, agora, atingem o término de um curso iniciado há três anos, alegrem-se pelo dever cumprido e se entristecem diante do mundo novo que se lhes depara.

Esquecem-se as vigílias, o trabalho diuturno, e o olhar que se volta para os dias que se foram, só encontra as visões de estudantes alegres, vividas num ambiente de franca camaradagem. Da vida universitária, quadra inesquecível pelo espírito de cordialidade predominante, guardamos a mais indelével lembrança, e as recordações vívidas que nos moram n'alma, são mananciais perenes de alegria.

Por outro lado, porém, a geração de jovens é perplexa pela tumultuosidade, pelo volume, pela angústia que oprime os problemas fun-

damentais de sua vida. Não lhes falta tacto suficiente para sentir a tumefacção política, o edema espiritual que se lhes defronta; mas, o que os estarrece, é constatar o hiato aberto entre os costumes, os *mores* e o progresso técnico e científico.

Não evoluíram de maneira geral, paralela e simultâneamente, os elementos materiais e espirituais. Enquanto, sob as contingências do grande cataclisma, o desenvolvimento material atingiu níveis supostos inacessíveis, o progresso espiritual foi lento e retardado. Mas, no Brasil, é muito grande o desajustamento, a demora cultural.

Na esteira de progresso que assoberba cutras nações, na voragem de idéias sadias ou monstruosas, nossa geração vê se arvorarem em defensores da Pátria e até da Humanidade, aquêles mesmos homens que embebedaram as gentes com um misticismo falso, atravancador, cioso de cristalizar a subserviência do servo e o poderio e mando do senhor. Os jovens têm os olhos postos nessa massa que se empola por um esnobismo balofo, sem convicções, que se alardeia na demagogia de ideais extremos, quando, na realidade, quer é pão para viver. A mocidade, consciente de seus deveres, não ignora a falta de escrúpulos daqueles que emprestam soluções alheias para os problemas nossos, e apontam aos companheiros o caminho, não do interêsse nacional, mas o de seu próprio interêsse.

Cultores dos mais diversos campos de estudos científicos, literários, filosóficos e pedagógicos, todos êstes moços trazem um *substratum* comum, fruto, não do acervo de conhecimentos acumulados, mas consequente da atitude no tratamento de seus mais variados problemas. Não é mocidade crédula, nem é mocidade cética. Sua conduta está vincada pela dúvida sistemática que os impulsiona e orienta seus passos. Esse estigma que os diferencia no clima em que vivemos é, naturalmente, a pedra de toque de sua maior adaptação às transformações dos dias que correm. E' índice de sua capacidade para colaborar na reforma que se faz necessária.

São tão efêmeros em nossos dias os padrões de conduta, os valores sociais, que, mais que qualquer outro órgão da Universidade, em razão de seus próprios objetivos, a Faculdade de Filosofia desenvolve-se para educar para uma civilização em mudança. E' o que ela procura e seguramente consegue, é capacitar seus alunos para pensar bem e agir bem.

Na Faculdade, pois, ganhou o espírito dêstes jovens frieza no julgamento de todos os problemas. E êstes moços têm a ombridade, a honestidade moral suficiente para abandonar e combater as idéias que reputam falsas.

Reconhecem que se acentua, agora, muito mais ainda, o caráter relativo da moral que expõe aos olhos dos investigadores tôdas suas raízes adquiridas no dinamismo dos grupos, negando os fundamentos transcendentes que se lhes queira emprestar. Reconhecem que essa derrocada levou de roldão muitos outros preconceitos, que se acreditavam inabaláveis e concatenados entre si como os elos de uma corrente. Reconhecem que, no torvelinho das idéias que morrem e das idéias que

renascem de suas próprias cinzas, firma-se e se levanta do caos a convivência do relativismo social.

Haverá, sem dúvida, quem, de um caturriso irreduzível, nos considere muito plásticos; mas, é que lhes falta, do organismo social, visão mais ampla, mais arejada.

Admite-se que a moral, compreendida dentro dessa ordem de idéias, diferencia-se no tempo e no espaço; mas, entre considerar-se determinados preconceitos meros tabus, e repudiá-los, a distância é grande. Não vai nisso, evidentemente, nenhuma incoerência, já que muitos dêles se nos afiguram necessários ao estado atual. Mas, as sociedades tendem ao processamento de uma revisão de valores éticos e não se pode, sem o perigo de perecer à margem dos fatos, perseverar aferrado a um misticismo arcaico e a um sistema moral feudalizado, verdadeira herança quinhentista.

Nossa geração, por exemplo, viu surgirem e se desenvolverem novos cânones no campo da estética. Fundamentalmente, não lhe repugna o exame das conquistas que se fizeram neste terreno. E' preciso considerar, entretanto, que a apreciação e valorização do Belo, estão condicionadas pela sociedade, através dos trâmites educacionais, em seu sentido mais amplo. Não se pode, portanto, pretender que os moços se desliguem do passado, de onde receberam uma volumosa herança de valores. Neste terreno, como em tantos outros, se constata a angústia que domina as preocupações de uma geração sacrificada, porque se desenvolve entre dois mundos que se chocam.

Os moços, considerando as tendências hodiernas dos movimentos sociais, reconhecem mcribundo o individualismo e confessam, judiciosamente, sua simpatia pelas tendências que aproximam mais o indivíduo do todo, que não sacrificam muitos pela ganância e falta de escrúpulos de poucos, que não deixam ao alcance da ambição os fundamentos básicos do bem-estar geral. As formas políticas têm que se impregnar, pelo amor ou pelo sangue, de maior senso de fraternidade. E o braço viril de muitos homens terá mais repouso, não se estafando mais, inútilmente, para manter a carne flácida dos pontentados.

Apesar de tudo, êstes dias tumultuosos não deixam laivos de ceticismo e pessimismo no coração dos moços, que não se intimidam diante da complexidade dos problemas sociais modernos e, até mesmo, encontram no entrelaço de interesses e opiniões o acicate que os arroja à liça na defesa do justo e na consagração do verdadeiro.

No âmbito de fenômenos e processos que atingem a atividade de indivíduos ou de grupos, duas são as realidades, paradoxalmente distintas e inter-dependentes: a sociedade e o indivíduo. E' mister ponderá-las. Por um lado, sentem-se as imposições de medidas tendentes a produzir efeitos diretos sôbre o todo. E, por outro lado, reconhecem-se a impreteribilidade de soluções adequadas à transformação das células do grande organismo.

Acreditamos que existe uma fórmula mágica para obter êsses resultados miríficos pelos quais se derramaram "sangue, suor e lágrimas". No

labor de três anos, nos meios universitários, cresceu em nós a fé na potencialidade humana para atingir o Bem e a Felicidade.

Mas, na transformação rápida, na conversão imediata dos quadros econômicos, não pode estar a panacéia do mundo. Os homens não são redutíveis a um só aspecto dos fundamentos e de sua multiforme atividade.

Para a conquista do ideal, como lenta crisálida que se apresta para o vôo primaveril, a metamorfose tem que ser gradual, paulatina. As forças latentes no gérmen social, para a eclosão de uma Idade da Paz, devem ser trabalhadas, dirigidas. E ao lado dessa transformação do organismo como um todo, no desenvolvimento adequado de cada indivíduo, na plena liberdade de sua formação de cidadão do mundo para um Novo Mundo, está a chave que abrirá as portas do mundo livre de amanhã.

Esta é a profissão de fé dos bacharelandcs de 1945.

DISCURSO DO LICENCIADO JOSE' CAMARINHA NASCIMENTO,
ORADOR DA TURMA DE 1947.

Nesta tribuna, que é para mim uma satisfação e uma honra, esforçar-me-ei, por certo, para ser o porta-voz altissonante de nossos ideais e de nossa gratidão aos mestres tão queridos.

Da Universidade de São Paulo aqui, hoje, se reúnem os bacharéis e licenciados da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, para, no cumprimento de seu dever, prestar aos seus professores as mais sinceras e cordiais homenagens, bem como receber o prêmio de seus esforços e o título a que fizeram jús.

Esta despedida é um momento de saudade e de reflexão. E aproveitamo-la para reverenciar a figura de nosso paraninfo, a inteligência moça de Antônio Cândido, o amigo que sempre foi de seus alunos e a fonte exuberante de conhecimentos que nos valerão muito e que nos facilitarão o contacto eficiente com nossa cátedra e com os homens que nos cercam.

Não pretendemos falar de Antônio Cândido de Mello e Souza, do crítico, do literato e do sociólogo, porque seria falarmos de nós mesmos porque o nosso paraninfo é uma parcela da Faculdade que nos abrigou e a qual legitimamente pertencemos.

Senhores: quando nos bancos acadêmicos nos era dado sondar a profundidade dos séculos, travando tertúlias com as inteligências fulgurantes da história, profundamente se gravou em nossos corações aquela poeira refulgente de ouro, da mais pura sabedoria, que, das Universidades de todos os tempos se chegava ao nosso conhecimento.

E vimos, então, como aquela gente pensou. E como pensaram as gerações seguintes. Quanta coisa se criou! Quanto bem se distribuiu! E das Universidades, fachos absorventes se estenderam a todos os povos, a todos iluminando com os mais rútilos clarões da fé, de amor à ciência, de procura constante da verdade, de preocupação diuturna no sentido de proporcionar aos homens os melhores elementos e os melhores meios para uma vida feliz e de paz!

Paz! Esta concórdia recíproca e relativa. E já o dissera Vieira, tudo aquilo que é recíproco e relativo, em faltando e se perdendo de uma parte, necessariamente faltará e se perderá também de outra parte. Esta é a nossa preocupação: com os jovens das Universidades, das fábricas e dos campos, unamo-nos à geração que resta da mortalha da guerra. São duas partes que se completam para a garantia da existência.

De nossa Faculdade recebemos a ciência, o aperfeiçoamento e novas conquistas no domínio da técnica e do conhecimento. E' ela que

procura suscitar e desenvolver nos indivíduos que a procuram o gôsto da verdade e a convicção num ideal de beleza, de perfeição, e daquilo que verdadeiramente seja útil à humanidade.

Por isso, esta sessão solene, fala por si, do seu alto e expressivo significado.

Eis porque sentimos a nossa responsabilidade neste mundo de após guerra em cujo cenário se avultam os mais sérios e complicados problemas administrativos, econômicos, políticos e filosóficos.

Senhores, por caminharem-se os séculos em doida correria, avolumando-se o acervo imenso da conquista dos homens, em todos seus setores e domínios, a ciência mais progride e com ela novos rumos se abrem à humanidade que se reveza através das gerações que passam e das gerações que surgem. E cada vez se alteiam os direitos inalienáveis: o direito à vida e ao que é mister para assegurar-lhe o desenvolvimento físico, intelectual e moral;

O direito ao trabalho e aos bens que com êle criamos;

O direito à expansão individual com as limitações sociais que a exigência do bem comum impõe;

O direito de garantia, segurança e defesa de sua liberdade que ora é ameaçada até a escravidão pela total dependência econômica.

Justo é sentirmos esta imensa responsabilidade numa democracia que, para nós, não é uma simples redução de aparências exteriores ou a aplicação de fórmulas legais de organização política. Ela atinge a educação das consciências e visa colocar o cidadão em condições cada vez melhor de ter a própria opinião pessoal e de exprimi-la e fazê-la valer para a felicidade alheia.

Não cruzaremos os braços.

Trazemos uma mensagem de amor, de fé e de esperança.

Acreditamos no afeto como fundamental motivo de vida feliz e produtiva.

Acreditamos na fé que alicerça os mais puros e nobres ideais, capazes, por si, de conduzir os homens à verdadeira glória.

Acreditamos na esperança de um mundo melhor onde os egoísmos se anulem e se extingam os ódios e desapareçam as maldades, a descrença e a miséria.

Acreditamos em ti, ó mocidade:

“Por terra, a túnica em pedaços,
Agonizando a Pátria está.
O’ mocidade, oiço os teus passos!...
Beija-a na frente, ergue-a nos braços,
Não morrerá!

Turba de escravos libertina
Nem ouve os gritos que ela dá...
O’ mocidade, ó louca heroína,
Pega na espada, arma a clavina,
Não morrerá!

Rasga o teu peito sem cautela,
Dá-lhe o teu sangue, todo, vá!
O' mocidade heroica e bela,
Morre a cantar! morre porque ela
Reviverá!

Ei-lo. Renasce um mundo, por tua fôrça, mocidade. E acreditamos na pátria como parcela dêsse mundo!

Acreditamos nos homens que venham a compreender os seus direitos em face dos direitos alheios, integrados em sua terra sem perder a consciência de suas responsabilidades no conjunto dos povos.

Bem disse Wilkie: o mundo é um só. Do espaço azul e imenso onde brilham e refulgem os astros, não se divisam as fronteiras políticas que são convenção dos homens em desrespeito às mais sábias das leis de solidariedade humana!

Por isso, acreditamos na nacionalidade não somente como unidade de raça, de religião, de língua, de território e de estado.

Acreditamo-la como um ser orgânico, uma harmonia que é de idéias e de sentimentos gerais básicos e gerais, implicando, antes de tudo, um ato de vontade e de liberdade. Eis que, fugindo ao conceito jurídico, aceitamos o conceito humanístico. Só é realmente brasileiro, quem quer ser brasileiro.

Esta filosofia precisa ser difundida e vivida, por vós, pelos vossos alunos, por nós, colegas, que recebemos hoje o mais alto e honroso título de educador.

Acreditamos, portanto, no poder da educação, na fôrça dos laboratórios e das oficinas para onde ireis, vós outros, colegas, que se afastarem das cátedras e das escolas. Pois a obra educativa é eficiente pela cooperação; é criadora se impessoal; é sublime se ditada pelo amor e pela dignidade; pela mansidão e sabedoria e pela verdade da ciência que é o apagágio dos que hoje se diplomam por escolas como a nossa.

Convosco, atingiremos a meta que divisamos ansiosos — o cidadão do mundo, cooperador e solícito, forte e viril, bom e paciente, trabalhador e ordeiro.

Chamara Renan de “milagre grego” àquela *sofrosine* e temperança dos helenos, porque, dizia, “Beleza e Verdade foram os dois elementos essenciais dessa civilização”.

E' convosco que se desenvolverão sentimentos universais de beleza e de brasilidade sem participação meramente histórica na tradição brasileira para ser essa brasilidade um espírito, uma filosofia fundamentada nos princípios imutáveis, eternos e gerais que caracterizam a bondade humana, sem fronteiras, sem raça, sem ódios nem exclusivismos.

Tendes a beleza em vossas almas e tôda a pujança capaz de elevar o espírito para a fraternidade universal.

Êstes, que na curvatura dos frascos e na fumaça dos gases analisaram os elementos da vida.

Vós outros, caminhando pela imaginação dos homens, assimilando na literatura e na poesia as mais puras das formas.

Ou, aqui, explorando a matéria e sua fôrça.

Ora lá, buscando na profundidade da inteligência humana, os valores da existência; vós, sim, tendes tôda a beleza em vossas almas!

Pois é nas ciências, nas letras e na filosofia onde se encontram os mais fortes motivos da vida!

Iremos através da verdade, à procura do bem.

Esta é a nossa bandeira que desfraldamos ufanos, cômscios do nosso papel neste mundo conturbado, ainda sangrando pelas feridas de Hiroshima e ainda molhado de lágrimas das vítimas de Buchenfelde.

Tal é a bandeira. A nossa bandeira, promissora esperança de um mundo melhor.

E à luta saímos, pelas asperezas, rumo dos astros.

Sabemos de sombras que impedem a paz porque há falta de brio.

De caráter é a crise, como o é também de uma filosofia da vida.

Em nossos setores, soldados seremos em luta constante contra os males do mundo.

E' esta a bandeira. A nossa bandeira. Estandarte de luz que procura irradiar a todos os cantos o brado bem alto de rumo ao trabalho de paz.

A paz pelo estudo e pela compreensão; por uma ordem social sem injustiças e pela fraternidade.

A paz, por uma mentalidade de paz!

Colegas, senhores:

Quem somos? E para onde vamos? Sempre a mesma pergunta! A mesma dúvida filosófica ou metafísica!

Constituindo-nos em veículos permanentes de aproximação cultural e afetivo entre os indivíduos, através de nossa cátedra e pelos conhecimentos que devemos comunicar a todos que dêles necessitem, visando a superiorização do homem, somos os portadores e executores de uma mensagem de amor, de fé e de esperança.

Para onde vamos?

Com êstes valores, que é a nossa filosofia, nos quais confiamos a formação do homem que será o esteio da segurança universal, caminhamos resolutos para o trabalho que nos exige a sociedade e que nos dita a consciência de homens livres, amantes da paz. Buscamos, cada um de nós, na sua secção, no seu setor e na sua especialidade, não o relativismo das coisas, mas a afirmação de uma verdade que conduza ao bem-estar do mundo!

Colegas, senhores:

Êste momento de despedida também o é de reflexão.

Temos consciência de sérias dificuldades que nos atingem, embaraçando-nos ao livre desempenho de nosso mister. São problemas morais e materiais.

Ainda a grande maioria do professorado secundário não se sente segura no seu cargo. A outra parte desejando ingressar no magistério secundário e normal, encontra dificuldade e obstáculos.

Percebemos, às vêzes, cambalear esta admirável criação de Armando de Sales Oliveira, porém, temos esperanças de que o Govêrno bem esclarecido e bem intencionado como é, saberá resolver os nossos pro-

blemas, de maneira equânime e justa, no sentido de se prestigiar o licenciado e de se lhe dar, bem como ao técnico de educação, as oportunidades que esperam por têrmos de Lei.

Há sérios problemas a vencer, dentre os quais, também a do edificio condigno, necessário, imprescindível à satisfação das finalidades de nossa Casa. E se nos é possível apontar muitos males dêsse fato resultantes, pior, por certo, é a falta de unidade e de cooperação que entre nós existe pelas dificuldades de formação de um espírito universitário, fragmentados e espalhados como estivemos.

Temos problemas, e se proclamâmo-los bem alto, é porque aprendemos a valorizar a ciência e compete-nos zelar pelo seu bem. Pelo nosso bem. Pela herança dos grandes brasileiros. Pelo bem universal!

Colegas: na *Divina Comédia* do sublime Dante, êste pensamento encontrareis, que é um estímulo e uma fôrça:

“Sê como erguida tôrre, inabalável, muito embora açoitada pelo vento.”

Que fique êste pensamento bailando no meio de vós, porque êle resume a vida, o trabalho e a glória.

Colegas: sêde felizes.

Vós outros, queridos pais, que, agora, no silêncio dêste recinto de flôres e de afeto, onde sentis em tumulto o coração, com o beijo de imperecível e eterna gratidão, a nossa alma inteira junta-se às vossas pretendendo pagar-vos, com tão pouco, o imenso desvelo vosso. A vós, queridos pais, numa lágrima luminosa que não se vê mas que se sente, todo o carinho dos vossos filhos diplomandos.

Professôres, sempre lembrados professôres, os nossos mais vivos agradecimentos.

Per aspera ad astra.

DISCURSO DO LICENCIADO RAUL SCHWINDEN,
ORADOR DA TURMA DE 1948.

A altura em que me colocou a generosidade de meus companheiros, deixou-me, por alguns instantes, confuso. Sim, porque não ignoro a responsabilidade que assumi ao aceitar a incumbência de, neste momento de saudade e esperança, expressar o pensamento de meus nobres colegas.

Um gesto de ousadia de minha parte talvez, mas, os moços são ousados e aqui estou para não faltar a êste encontro de glória.

Sr. Paraninfo:

Saudar-vos, em nome dessa plêiade de novos professôres, constitui inefável prazer para mim, porque conheço vossa vida de mestre.

Quer pelo trabalho, quer pela palavra, sempre fostes para aquêles que tiveram a sorte de ser vossos alunos, o guia seguro a indicar-lhes o caminho da retidão e da verdade.

Belíssima, porém espinhosa, é a vossa missão: transportar para êste século de lutas e de angústia, em que cada homem é um mistério para seu semelhante, tôda a história do pensamento humano; como um escafandrista que mergulha nas profundezas das águas em busca de pedras preciosas, vós, Dr. Lívio Teixeira, com a serenidade dos grandes pesquisadores, buscais, na imensidão do passado, as jóias do pensamento humano e as exibis, com tôda a sua história à nossa juventude estudiosa.

Da importância da História da Filosofia, diz-nos Leonel Franca:

“Fortalece a convicção na certeza das verdades fundamentais desta filosofia perene, que é o maior patrimônio intelectual da humanidade, mostrando, dum lado, o acôrdo dos grandes pensadores nas suas teses mais importantes, e apontando, do outro, os erros e as conseqüências funestas das teorias, que, inspiradas numa originalidade malsã, tentaram firmar-se sôbre outras bases caprichosamente arvoradas pelo arbítrio em princípios sistemáticos de Filosofia.

A História da Filosofia é, ainda, de grande importância para a inteligência perfeita da História da Civilização. Do pensamento nascem as ações dos homens. E tôda revolução social ou política tem sua explicação derradeira num movimento de idéias. Por outro lado, os grandes acontecimentos que agitam profundamente a vida dos povos exercem influência poderosa na orientação especulativa de seus pensadores. Daí, esta reciprocidade de ação nesta comunicabilidade de movimento e de vida, em que os pensamentos preparam e dirigem os fatos, e os fatos reagem sôbre os pensamentos. Levar, pois, de par, a análise das ações e das idéias é o melhor meio de compreender umas e outras;

estudar a história civil à luz da História da Filosofia é completar a primeira com a segunda e reunir as duas partes naturais de um mesmo todo — que é a história da humanidade.”

Despertar o gôsto, por estudo tão desinteressado como o é a História da Filosofia, em meio em que predomina a superficialidade e nesta época da tecnocracia é, como dissemos, missão espinhosa. Mas, nós precisamos de homens que procurem a verdade pela verdade, para podermos ser livres.

Trazer, para o seio de nossa mocidade, aquilo que de mais belo nos legaram os grandes pensadores, é apelar para a regeneração das idéias, para o estímulo dos estudos, para o domínio das vontades e para a resurreição moral.

Sr. Paraninfo, dos canteiros de vosso jardim surgirão, amanhã, nossos grandes filósofos.

Srs. Professôres: D. Pedro II, conta a História do Brasil, dizia:

“Se eu não fôsse imperador desejaria ser mestre. Não conheço missão maior e mais nobre que a de dirigir as inteligências juvenis e preparar os homens do futuro.”

A vossa contribuição para o engrandecimento do Brasil, quer no campo da Ciência, das Letras e da Filosofia, é incalculável.

Abnegados propugnadores de nossa cultura, não tendes esmorecido um só instante na árdua tarefa de educar.

Vós, que tivestes a felicidade de nascer neste bendito Torrão e vos elevastes a esta culminância, e vós, que abandonastes a Pátria que vos serviu de berço e para aqui viestes semear, honrais nossa Faculdade, porque lançastes a clara luz de vossa sabedoria às trevas que aqui reinavam.

Procuraremos, na profissão que abraçamos, seguir o caminho que nos indicastes.

A vós, caros mestres, em recompensa ao tesouro do saber que nos franqueastes, nada poderemos dar, senão o nosso sincero “muito obrigado”.

Meus companheiros:

Esta festa não é o ponto final de nossa carreira. Ela é uma dolorosa interrogação, talvez, para muito de nós. O ambiente que nos espera é de insegurança. Os nossos diplomas, os nossos direitos nada valem para determinadas autoridades.

Indivíduos presunçosos, ignorantes, audazes, mascaram-se de amigos da cultura e outra coisa não fazem senão, com seus atos indecorosos, no setor do ensino, desprestigiar nossa democracia nascente.

E' preciso que a Imprensa aponte aos eleitores êsses politiquieiros profissionais, parasitas do erário público, inimigos da educação, a fim de que, nas próximas eleições, sejam selecionados os valores reais, capazes de legislar com inteligência e honestidade.

Ainda há pouco assistimos a um espetáculo que envergonha a qualquer nação civilizada: Deputados alheios ao magistério, sem conhecimento da complexidade do ensino, não vacilaram, diante da tenaz resis-

tência de alguns de seus colegas, menosprezando o valor e a honra de nossos catedráticos, e rejeitando o veto do Sr. Governador, em aprovar professores reprovados em concurso, cuja validade ninguém pode contestar.

Quanto há por aí, que se jactam de seus títulos, que poderiam, em lugar de se imiscuirem no ensino, manejar, útilmente, instrumentos de lavoura.

Por mera vaidade, para que possam vangloriar-se da autoria de alguma coisa, propõem a criação de estabelecimentos secundários em localidades que comportam apenas grupos escolares; propõem a instalação de Faculdades onde são necessários somente colégios.

Pretendem instalar mais uma Faculdade de Filosofia no interior e, entretanto, não dão um prédio à que já existe, naturalmente à espera de que a pedra fundamental, que há alguns anos foi lançada, faça o milagre de se transformar em colossal edifício.

Se fôsem bem intencionados, certamente percorreriam as instalações de nossa Faculdade, alojada em prédios impróprios, muitos dos quais com salas de tal maneira subdivididas, que mais parecem escolinhas particulares do que um estabelecimento de ensino superior.

E' preciso que acabemos com essas realizações de superfície que tanto mal têm feito ao Brasil.

Façamos pouco, mas façamos bem feito.

Instale-se, primeiro, a Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, em prédio próprio, à altura de suas realizações; depois, se as finanças do Estado o permitirem e o meio comportar, criem-se outras Faculdades.

A nossa não possui Ginásio de aplicação, onde os licenciados possam fazer os estágios a que estão obrigados, e no entanto, os pseudos Mecenas de nossa Assembléia, em alguns minutos, "criam" 60 ginásios, que, possivelmente, nada farão em benefício de nossa cultura, mas que, em compensação, darão emprêgo a muitos protegidos políticos.

Não somos contra a criação de ginásios; desejâmo-los por todos os recantos de São Paulo, onde haja elementos humano suficiente para êsse fim.

Instalá-los em localidades, cujos grupos escolares não possam preencher, por meio de seleção, as suas vagas, é rebaixar o grau de nosso ensino, já muito baixo. E' forçar o professor a aprovar alunos a fim de que o número dêles seja o exigido por lei.

A consequência disso é o que já sabemos: adolescentes que se formam, vazios de cultura, incapazes de enfrentar a realidade da vida prática cu de ingressar numa escola superior.

Meus amigos:

Conservemos firmes as velas do barco de nosso ideal; não nos afastemos do caminho do dever; a onda da imoralidade será dominada; o triunfo será nosso.



DISCURSO DO LICENCIADO ROQUE SPENCER MACIEL DE BARROS, ORADOR DA TURMA DE 1949.

Não é, sem dúvida, das mais fáceis a minha tarefa: falar em nome de uma turma de licenciados pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo que hoje, simbolicamente, toma uma nova atitude perante a vida. E não é fácil esta tarefa, porque devo, em grande parte, esquecer-me a mim mesmo, a fim de que minha voz possa ser a de nós todos. Porque, na diversidade de nossas concepções, crenças e aspirações, devo encontrar algo, ao mesmo tempo legítimo e comum, que nos defina como turma, que seja a nossa autêntica tomada de posição diante da vida.

Oriundos de ambientes diversos, de lugares diferentes, acreditando em coisas desiguais, unimo-nos, há quatro anos, na Universidade, com algo que já nos era comum: um patrimônio de ideais, que não é de nenhum de nós e que é de nós todos: a aspiração de encontrar alguma coisa que respondesse aos nossos anseios de saber, ao mesmo tempo que nos fornecesse uma inspiração de vida.

Polarizamo-nos em torno da idéia de Universidade, que era, naturalmente, diversa para cada um de nós, ao mesmo tempo que diversa era da própria realidade universitária que começávamos a viver.

Tínhamos todos, porém, uma firme crença de que entrávamos para um mundo novo, onde não havia lugar para as pequenas vaidades, para os baixos interesses, e onde os homens poderiam chegar a um grau de perfeita compreensão, gravitando todos em torno da idéia da ciência, da beleza e da justiça: No fundo, esperávamos descobrir uma instituição que, embora respondendo às exigências do tempo, fôsse qualquer coisa acima da própria história, além do mutável jôgo de forças da vida.

Aos poucos, fomos sentindo o abismo entre o sonho e a realidade. A Universidade era apenas uma palavra, organismo de fato inexistente, cuja vida se limitava a um decreto e a uma organização administrativa nem sempre razoável. Talvez por sermos de uma das Faculdades pior aquinhoadas da Universidade, pudemos sentir mais de perto a falsidade da instituição. Era ela um amálgama de Faculdades heterogêneas, criadas em épocas diversas, para responder a necessidades diferentes, de Faculdades fechadas em si mesmas, sem sentir a necessidade de uma séria modificação.

Ao mesmo tempo, íamos percebendo que os homens não diferiam muito, em sua grande maioria, pelo simples fato de a ela pertencerem, daqueles que fora dela conhecêramos. Os interesses iam aparecendo claros, os valores primordiais não eram a ciência, a cultura, a justiça, mas sim a sua representação exterior.

Começávamos a perceber que “não era essa a Universidade dos nossos sonhos”.

E, ao mesmo tempo em que as ilusões morriam, os ideais se reforçavam. Cada novo defeito que nos era revelado, permitia que descobríssemos seu oposto: uma nova virtude. Assim, nossa aspiração continuou viva. De nada valeram contra ela os múltiplos erros. Vimos preenchimentos de cátedras, quando estas não poderiam ser preenchidas, vimos subalternos interesses políticos, imediatos e tacanhos, imiscuirem-se com a organização à qual ligáramos nossa própria vida; vimos a vaidade dominar os homens e fazê-los seus escravos e, com isso, adquirimos uma grande experiência: em grande parte, compreendemos o que uma Universidade não deve ser, o que, sem dúvida, não é das menores lições.

E, confrontando a realidade e o sonho, pudemos de fato chegar a um ideal legítimo de Universidade, pelo qual creio estarmos todos dispostos a lutar, ainda que árdua seja a nossa luta.

Compreendemos, de início, que a Universidade, no Brasil, continua ainda uma aspiração, não um fato. Que êsse reino de justiça e de razão deve ser construído com sacrifício e persistência, com luta e desprendimento. Porque êle, indubitavelmente, é uma necessidade para o destino cultural e moral do País, como o compreendeu, no momento oportuno, aquêle que foi grande demais para ter continuadores: Armando de Sales Oliveira.

*

Mas, creio já ser tempo de procurar definir o que é essa Universidade ideal.

Homens que somos, sentimo-nos criaturas ligadas ao passageiro, ao momentâneo. “Os homens passam como as folhas caem”, dizia o verso do poeta grego, ligando o destino do ser humano à geral mutabilidade das coisas. Mas, efêmero, o homem sonha a vitória sôbre a mutabilidade; sonha poder banhar-se eternamente nas águas do mesmo rio, contrariando a sábia lição do filósofo de Êfeso. Finito, aspira o homem à eternidade; mutável, sonha com a imutabilidade; histórico, deseja a universalidade. E, de certa forma a encontra, porque se sente ligado, ao mesmo tempo que ao passageiro, ao mundo ideal da razão. Sente-se numa “comunidade de todos os fins”, mundo que, embora destruído pelo tempo a cada instante, não pode ser por êle desmentido.

A Universidade pertence aos dois mundos: ao racional e ao sensível e passageiro. A êste, porque tem uma origem, um desenvolvimento; porque é condicionada pela realidade, ganhando a fisionomia da época. Mas, pertence também àquêle, enquanto aspiração. “Universitas” é a tentativa de reunir, numa instituição, um patrimônio comum, é uma definição do mundo que os homens, uma vez realizada ela, procuram defender, evitando a destruição. E’ a cultura do tempo fixada, na sua universalidade, em uma entidade ideal que, como todo o ser, segundo a lição de Spinoza, deseja perseverar no seu ser. Criando a Universi-

dade, deseja o homem possibilitar essa concepção do Universo, coroada por uma filosofia, vencendo o curso mutável da História. Nesse sentido, a Universidade chega a ser uma violentação da vida, uma tentativa de transformar a História em eternidade.

Claro é que essa concepção orgânica do mundo, que é o fundamento da Universidade, não pode sustentar-se indefinidamente; a vida, movimento perpétuo, exige a transformação. Contudo, a todo momento, essa entidade é uma fixação da vida, o que há de mais legítimo nas aspirações de uma época, transformado em aspiração universal, no que se refere à ciência, à arte, à moralidade. Tinham razão os positivistas, quando diziam ser as Universidades instituições ligadas ao passado: de fato, a vida caminha e a Universidade procura persistir, lutando contra o novo. Mas, enganavam-se em ser contra essa instituição, pois o que nela há de mais legítimo não é a concepção imperante num momento, mas o próprio fato de ser ela, sempre, uma aspiração de universalidade. Muda a sua matéria, permanece a sua forma, porque, esta sim, está indissolúvelmente ligada ao anelo humano de eternidade. E anelar eternidade é ficar no passado, contra o presente, contra o futuro.

Assim, na sua forma, a Universidade é sempre um ideal de saber universalmente válido, de moralidade absolutamente incontestável, contra a precariedade e o efêmero do que em nós existe de sensível.

Esta Universidade ideal, que se funda num imperativo moral, a fim de chegar a uma universal concepção do mundo, não a temos.

Êsse organismo que deve dar uma real educação superior aos homens, preparando-os para a tentativa de realizar, uma vez fora dela, um mundo tão perfeito quanto o que deve lá existir, é, para nós, somente uma aspiração.

Embora ainda não o soubéssemos bem definir, era o mundo que esperávamos encontrar e que não encontramos.

* *
*

Nessa Universidade ideal, desempenha um papel básico a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, porque cabe a esta — e não a outra qualquer — definir as linhas teóricas fundamentais de uma concepção do universo.

De acôrdo com êsse esquema, devem as Faculdades de Filosofia, ser um todo organizado e coerente, onde, respeitada a liberdade indispensável para a indagação filosófica, a pesquisa científica e a criação artística, predominará um mesmo espírito: a “consciência da época”, não só no que tem de real, mas também na sua idealidade.

As várias secções em que, numa Universidade moderna, por exigências de ordem técnica, se subdivide uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, respondem à própria dilatação desse universo que se quer conceber. O “progresso” das ciências, o crescimento contínuo do passado filosófico e literário, exigem essa divisão de trabalho. A uni-

dade, entretanto, precisa de ser mantida, a fim de que êsse organismo possa preencher suas funções, dentro da entidade à qual pertence.

Deve, pois, essa Faculdade, chegando a uma visão unitária do universo, inspirada por sua secção de Filosofia, que fornece os princípios e os ideais da instituição, ser o fundamento da Universidade. As outras Faculdades relacionam-se mais diretamente ao mundo que convencionamos chamar sensível. Nelas, o indivíduo aprenderá as formas pelas quais pode aproximar o real do ideal: isto é, a de receber o ideal, constituído numa Faculdade de Filosofia, a fim de cuidar de sua aplicação prática, no terreno do sensível.

Todavia, não pôde, até hoje, nossa Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras desempenhar o papel que lhe cabe de direito, seja em virtude das deficiências gerais da Universidade, seja devido às suas próprias deficiências. A Universidade, como acentuávamos há pouco, é composta de Faculdades totalmente separadas, que têm vida própria e não se reconhecem a si mesmas enquanto partes de um organismo mais vasto. Por sua vez, as várias secções da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, praticamente, ignoram umas às outras. Falta-lhes uma unidade pedagógica que as oriente num sentido único, falta-lhes um ideal comum. Os alunos das diferentes secções de nossa Faculdade só se encontram no fim do curso, não para receber uma legítima filosofia da educação que, só ela, poderia dar essa reclamada unidade de ideais, mas para tomar contacto com as funções especificamente práticas que lhes são atribuídas.

Assim, constituída de compartimentos estanques, nossa Faculdade não chega a tomar real consciência de sua unidade de fins. Os conhecimentos especializados, que se aprendem nas diversas secções, não chegam a ser travados numa direção única. Falta-nos, de um lado, uma unidade de fundamentos, de outro, uma unidade de objetivos. Porque, de nada adianta que as leis assim o estabeleçam, se essa visão orgânica não se incorpora ao nosso sentimento da vida, a nossa concepção do universo e do homem.

Mas, não é só por isso que a Faculdade de Filosofia não pôde cumprir totalmente sua missão. Como nos demais organismos universitários, embora nesse ponto estejamos bem mais adiantados, não se tomou ainda consciência, em nossa Faculdade, dêsse espírito que deve dirigir tôdas as nossas ações. E é por isso que assistimos nela a um espetáculo semelhante ao de outras escolas superiores. E' a prematura realização de concursos, antes da estruturação de uma carreira e de um espírito universitário; é o desejo dos títulos, mais do que o saber; é a intromissão de interesses estranhos à vida do espírito.

Mas, trabalhando contra o êxito de nossa Faculdade, existem também — e em muito maior escala — a incompreensão e os desserviços dos poderes públicos. Exigimos um prédio na Cidade Universitária — coisa que as nossas autoridades não conseguem, por estreiteza mental, compreender — e nos dão um alojamento que, se resolve provisoriamente alguns problemas, não chega sequer a contribuir para a solução das questões fundamentais. Reclamamos bibliotecas especializadas, in-

dispensáveis à realização de trabalhos melhores do que os até agora realizados, e recebemos a resposta de que não há verbas, essas mesmas verbas distribuídas para todos os fins possíveis, desde que sejam eleitoralmente interessantes. Lutamos pelo estabelecimento da carreira do professor e nos respondem com concursos ilegais, que violam uma legislação de ensino mais do que clara. Pugnamos pela melhoria de nosso ensino secundário e a resposta dos poderes públicos é fazer nomeações a granel de professôres, sem perguntar pela sua formação e competência, obedecendo apenas a injunções político-partidárias. Procuramos mostrar os erros e vícios de nosso ensino médio, e os nossos pedagogos, por delegação do Ministério da Educação, elaboram um projeto de “Diretrizes e Bases da Educação Nacional” que, uma vez aprovado, talvez venha a constituir-se no maior inimigo dêsse ensino. Lutamos pelo estabelecimento do tempo integral, para alunos e professôres, com o conseqüente fornecimento de bolsas de estudo aos estudantes capazes e necessitados, a fim de que a Universidade possa render o máximo, e os nossos deputados, numa prova de sua total ignorância a respeito dos problemas educacionais, criam uma ridícula e absurda Universidade noturna, para quem não tem tempo para estudar.

* *
*

Ora, em tal clima, não é possível à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras cumprir sua missão. Internamente, impera o desentendimento entre suas secções, a ponto mesmo de algumas delas chegarem a propôr o desdobramento de nossa escola; externamente, encontramos a má vontade e a incompreensão dos poderes públicos, aliadas a seus interesses exclusivamente políticos, não no sentido mais nobre dessa palavra, mas na sua acepção mais vulgar e rasteira.

Aquela Universidade ideal que definíramos — e com ela a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras — diante dessa realidade que apresentamos, se distancia, se perde no futuro, ao lado de outras muitas aspirações. Não é ela qualquer coisa de imediatamente realizável.

Contudo, não é isso razão para que desistamos. No longínquo amanhã em que atingiremos êsse ideal, ainda que só de maneira aproximada, realizando essa Universidade, certamente lutaremos para impô-lo ao mundo do sensível e passageiro. Hoje, que êsse ideal é ainda semente à procura de solo para germinar, necessário se faz que batalhe-mos para submeter a êle a instituição que o deve realizar. E’ preciso, dentro da Universidade e fora dela, pugnar por essa aspiração, constituir essa personalidade moral e êsse centro de saber universalmente válido.

* *
*

Mas, ao mesmo tempo, se impõem a nós, que nos juntamos hoje aos demais licenciados pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, tarefas concretas, que precisamos de realizar sem temor ou vacilações.

Em nossas mãos estão os jovens que devem receber, no ensino secundário, uma concepção de vida, necessária para fazê-los cidadãos conscientes no amanhã. E, diante da grandeza dêsse objetivo, devemos inclusive, se necessário, esquecer nossos direitos postergados, as injustiças de que certamente iremos ser vítimas e a eventual incompreensão daqueles que não se elevaram até êsse ideal de justiça e de moralidade, pondo, acima de tudo, nossa missão. Sim, é verdade que temos direitos. Mas, é mais verdadeiro ainda que temos deveres, que importam mais do que êsses direitos. Desde que sintamos em nós, intensamente, essa fé universitária, ao mesmo tempo em que a compreendamos, perceberemos que ela se impõe a nós como um *dever ser*, como um imperativo categórico a regular nossas ações. Nossos direitos deverão nascer dos nossos deveres, pois, no universo racional que reclamamos, só o dever cumprido cria o direito.

Não há de ser sem luta que as gerações futuras poderão ser melhores do que as nossas. E luta supõe sacrifícios, decepções e tristezas, antes que os resultados apareçam radicais, como a manhã que se vai esboçando aos poucos na madrugada, até nascer numa floração de luzes.

Precisamos de infundir na juventude essa messiânica confiança no futuro, fazendo-a, ao mesmo tempo, compreender que o amanhã só será diverso do hoje se o construirmos a cada instante. Precisamos de dar a essa juventude uma concepção de vida de acôrdo com o mundo moderno, sem esquecer-nos de que neste mundo há sempre uma exigência para o melhor: a universalidade da razão, impondo-se como forma de conduta a todos os homens.

E' necessário fazê-los compreender, como acredito que compreendamos, que uma nacionalidade não é um esquema geográfico, mas uma tradição que se acrescenta e se renova, voltada para o futuro. E que só esta autêntica nacionalidade pode, inclusive, fazer-nos superar a estreiteza dos nacionalismos para, adquirida uma personalidade cultural como povo, darmos a nossa contribuição para o estabelecimento de uma humanidade racional, aspiração que o século XVIII nos legou como a maior de suas conquistas. Uma utopia, talvez, mas que responde aos ideais mais autênticos que carregamos todos, nessa ânsia de "humanização" dos homens.

Somos, por excelência, educadores. Nossa missão, pois, é fornecer à juventude a concepção do universo e do homem que responda aos ideais do nosso tempo e, paralelamente, como pesquisadores, dilatar êsse universo, empurrando sempre as fronteiras do desconhecido até onde o permitir a condição humana.

Professor João Cruz Costa: escolhêmo-lo para paraninfo, porque V. Excia. é uma expressão dêsse ideais. Foi V. Excia. a primeira pessoa que, acreditando sinceramente na recém-fundada Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, matriculou-se, no já longínquo ano de 1934, como o seu primeiro aluno. Uma vez licenciado, continuou V. Excia. a fazer desta escola o motivo central de sua vida, procurando, na secção em que leciona, criar um ambiente propício à investigação filosófica.

Escolhêmo-lo para paraninfo porque V. Excia. representa muito bem a probidade intelectual, tão rara em nossa terra onde pululam os aventureiros, os improvisados, sem formação e sem caráter, que acreditam ser a vida intelectual uma forma de subir no conceito público e na escala social. Porque V. Excia. representa o trabalho honesto e o amor à pesquisa, condições essenciais para que cheguemos àquela Universidade ideal, tal como a concebemos.

Escolhêmo-lo para paraninfo, Professor João Cruz Costa, porque V. Excia. nos deu uma lição de modéstia e de bom senso, ensinando-nos entre outras coisas, um pessimismo que é sadio, porque serve para equilibrar o nosso idealismo, às vêzes quixotesco.

Escolhêmo-lo para paraninfo, Professor João Cruz Costa, porque V. Excia. é o símbolo de uma geração intimamente ligada à nossa, que nos está transmitindo ainda uma experiência, legando-nos um patrimônio de problemas e estabelecendo uma tradição cultural a ser continuada.

Por tudo isso, Professor João Cruz Costa, foi que o escolhemos. Porque tudo isso é o exemplo vivo daquilo que queremos atingir, não como norma de vida de uma pessoa apenas, mas, como modelo de uma geração que acredita no futuro e reconhece esta crença intimamente ligada à idéia de uma verdadeira Universidade.

Professor Eurípedes Simões de Paula: decidimos homenageá-lo porque V. Excia. também representa êsse ideal. Porque V. Excia. tem sido, quer como professor, quer como vice-diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, um modelo de dignidade moral e intelectual. Aluno da primeira turma de nossa Faculdade, pôs V. Excia., da mesma forma que o professor João Cruz Costa, a vida a serviço dela. A fé que tem V. Excia. na Universidade e em nossa Faculdade, que continua viva apesar de tôdas as decepções que temos sofrido todos, é algo que se nos impõe, como modelo a imitar, nos momentos de desânimo e fraqueza. Sim, é um modelo a imitar, porque V. Excia. nunca teve momentos de fraqueza ou de desânimo, mantendo sempre essa fé, que vale mais que a nossa, porque venceu já uma longa experiência que ainda não vencemos.

Decidimos prestar-lhe uma homenagem para mostrar que reconhecemos em V. Excia. um dos grandes defensores da Universidade: uma pessoa digna, que da dignidade faz a sua maior força, não transigindo com as situações, coisa rara em homens que ocupam cátedras e cargos.

Decidimos homenageá-lo, ao mesmo tempo que convidávamos o Professor João Cruz Costa para paraninfo, a fim de mostrar que sabemos escolher símbolos.

Sim, que sabemos escolher símbolos, porque Vv. Excias., Professôres João Cruz Costa e Eurípedes Simões de Paula, representam, nesta solenidade, mais do que os lentes que nos acostumamos a admirar.

Vv. Excias., da mesma forma que outros professôres de igual estirpe, representam para nós a própria Universidade: não esta que conhecemos, com suas imperfeições e misérias, na qual Vv. Excias. são exceções, mas aquela Universidade ideal, que se projeta no futuro, e na qual homens assim não hão de ser exceções e acascs, mas a regra verdadeira de um verdadeiro mundo de saber e de justiça: realização da "Universitas" que sonhamos e que até agora não pudemos contemplar.

VII. — Movimento Escolar.

CONCURSO DE HABILITAÇÃO

1939

<i>Cursos.</i>	<i>Inscritos.</i>	<i>Aprovados.</i>
Filosofia	40	20
Ciências Matemáticas	35	21
Ciências Físicas	9	3
Ciências Químicas	52	16
Ciências Naturais	23	15
Geografia e História	52	26
Ciências Sociais e Políticas	45	21
Letras Clássicas e Português	37	25
Línguas Estrangeiras	48	30
Total	<u>341</u>	<u>177</u>

1940

<i>Cursos.</i>	<i>Inscritos.</i>	<i>Aprovados.</i>
Filosofia	9	7
Matemática	35	14
Física	3	2
Química	41	22
História Natural	15	8
Geografia e História	53	22
Ciências Sociais	45	18
Letras Clássicas	27	23
Letras Neolatinas	31	24
Letras Anglo-Germânicas	7	6
Pedagogia	6	5
Total	<u>272</u>	<u>151</u>

1941

<i>Cursos.</i>	<i>Inscritos.</i>	<i>Aprovados.</i>
Filosofia	4	0
Matemática	22	10
Física	3	1
Química	48	11
História Natural	13	3
Geografia e História	31	6
Ciências Sociais	29	6
Letras Clássicas	25	7
Letras Neolatinas	28	9
Letras Anglo-Germânicas	14	6
Pedagogia	5	4
Total	<u>222</u>	<u>63</u>

1942

<i>Cursos.</i>	<i>Inscritos.</i>	<i>Aprovados.</i>
Filosofia	10	6
Matemática	68	14
Física	7	3
Química	79	26
História Natural	43	12
Geografia e História	95	25
Ciências Sociais	48	14
Letras Clássicas	53	23
Letras Neolatinas	50	28
Letras Anglo-Germânicas	55	24
Pedagogia	37	19
Total	<u>545</u>	<u>194</u>

1943

<i>Cursos.</i>	<i>Inscritos.</i>	<i>Aprovados.</i>
Filosofia	9	4
Matemática	40	11
Física	3	3
Química	42	19
História Natural	21	10
Geografia e História	55	13
Ciências Sociais	30	7
Letras Clássicas	50	9
Letras Neolatinas	39	13
Letras Anglo-Germânicas	28	6
Pedagogia	21	14
Total	<hr/> 338	<hr/> 109

1944 (*)

<i>Cursos.</i>	<i>Inscritos e Matriculados.</i>
Filosofia	5
Matemática	33
Física	8
Química	20
História Natural	21
Geografia e História	29
Ciências Sociais	22
Letras Clássicas	20
Letras Neolatinas	24
Letras Anglo-Germânicas	20
Pedagogia	17
Total	<hr/> 219

(*) — Neste ano foram admitidos nos cursos da Faculdade todos os candidatos ao Concurso de Habilitação, em consequência do Decreto Federal 6.247 de 5-2-44 e portarias 3 e 4 da Divisão do Ensino Superior, da mesma data, que determinou exame de seleção apenas para os cursos em que o número de inscrições excedesse o de vagas.

1945

<i>Cursos.</i>	<i>Inscritos.</i>	<i>Aprovados.</i>
Filosofia	9	9
Matemática	27	4
Física	29	3
Química	82	10
História Natural	15	7
Geografia e História	8	1
Ciências Sociais	8	6
Letras Clássicas	10	6
Letras Neolatinas	16	5
Letras Anglo-Germânicas	9	6
Pedagogia	3	3
Total	<u>216</u>	<u>60</u>

1946

<i>Cursos.</i>	<i>Inscritos.</i>	<i>Aprovados.</i>
Filosofia	19	15
Matemática	12	2
Física	12	4
Química	52	18
História Natural	19	13
Geografia e História	78	4
Ciências Sociais	13	9
Letras Clássicas	8	8
Letras Neolatinas	33	14
Letras Anglo-Germânicas	15	14
Pedagogia	4	3
Total	<u>265</u>	<u>114</u>

1947

<i>Cursos.</i>	<i>Inscritos.</i>	<i>Aprovados.</i>
Filosofia	18	8
Matemática	15	7
Física	19	10
Química	48	15
História Natural	18	10
Geografia e História	14	10
Ciências Sociais	17	17
Letras Clássicas	13	8
Letras Neolatinas	31	23
Letras Anglo-Germânicas	24	18
Pedagogia	6	6
Total	<u>223</u>	<u>132</u>

1948

<i>Cursos.</i>	<i>Inscritos.</i>	<i>Aprovados.</i>
Filosofia	14	9
Matemática	35	8
Física	27	10
Química	41	16
História Natural	34	20
Geografia e História	47	29
Ciências Sociais	18	13
Letras Clássicas	27	18
Letras Neolatinas	57	29
Letras Anglo-Germânicas	23	17
Pedagogia	17	8
Tctal	<u>340</u>	<u>177</u>

1949

<i>Cursos.</i>	<i>Inscritos.</i>	<i>Aprovados.</i>
Filosofia	34	23
Matemática	48	15
Física	39	11
Química	42	6
História Natural	50	21
Geografia e História	33	29
Ciências Sociais	33	26
Letras Clássicas	17	10
Letras Neolatinas	60	36
Letras Anglo-Germânicas	47	30
Pedagogia	31	17
Total	<hr/> 434	<hr/> 224

R E S U M O .

Total geral das inscrições de 1939 a 1949: 3.415.

Total geral das aprovações de 1939 a 1949: 1.620.

*

M A T R Í C U L A S

1939

Nas três séries e no Curso de Didática.

<i>Cursos.</i>	<i>Masc.</i>	<i>Fem.</i>	<i>Total.</i>
Filosofia	23.	8	31
Ciências Matemáticas	27	10	37
Ciências Físicas	11	1	12
Ciências Químicas	32	14	46
Ciências Naturais	20	11	31
Geografia e História	21	47	68
Ciências Sociais e Políticas	26	7	33
Letras Clássicas e Português	20	21	41
Línguas Estrangeiras	10	28	38
Didática	15	17	32
Total	205	164	369

1940

Nas três séries e no Curso de Didática.

<i>Cursos.</i>	<i>Masc.</i>	<i>Fem.</i>	<i>Total.</i>
Filosofia	19	11	30
Matemática	28	10	38
Física	8	2	10
Química	32	26	58
História Natural	25	22	47
Geografia e História	22	51	73
Ciências Sociais	33	15	48
Letras Clássicas	24	35	59
Letras Neolatinas (1.º ano de funcionamen- to). Línguas Estrangeiras (2.º e 3.º anos)	13	42	55
Letras Anglo-Germânicas (1.º ano de fun- cionamento)	3	3	6
Pedagogia (1.º ano de funcionamento) ..	2	3	5
Didática	19	17	36
Total	228	237	465

1941

Nas três séries e no Curso de Didática.

<i>Cursos.</i>	<i>Masc.</i>	<i>Fem.</i>	<i>Total.</i>
Filosofia	14	7	21
Matemática	30	8	38
Física	6	4	10
Química	33	21	54
História Natural	19	12	31
Geografia e História	14	37	51
Ciências Sociais	29	13	42
Letras Clássicas	21	39	60
Letras Neolatinas (1.º e 2.º anos) e Línguas Estrangeiras (3.º ano)	14	46	60
Letras Anglo-Germânicas (1.º e 2.º anos)	3	8	11
Pedagogia (1.º e 2.º anos)	2	5	7
Didática	66	68	134
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
Total	251	268	519

1942

Nas três séries e no Curso de Didática.

<i>Cursos.</i>	<i>Masc.</i>	<i>Fem.</i>	<i>Total.</i>
Filosofia	10	3	13
Matemática	32	10	42
Física	5	2	7
Química	31	21	52
História Natural	6	16	22
Geografia e História	20	30	50
Ciências Sociais	16	23	39
Letras Clássicas	17	40	57
Letras Neolatinas	6	52	58
Letras Anglo-Germânicas	4	26	30
Pedagogia	9	17	26
Didática	13	14	27
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
Total	169	254	423

1943

Nas três séries e no Curso de Didática.

<i>Cursos.</i>	<i>Masc.</i>	<i>Fem.</i>	<i>Total.</i>
Filosofia	6	3	9
Matemática	24	16	40
Física	6	1	7
Química	34	23	57
História Natural	7	18	25
Geografia e História	19	40	59
Ciências Sociais	7	19	26
Letras Clássicas	15	27	42
Letras Neolatinas	4	48	52
Letras Anglo-Germânicas	4	42	46
Pedagogia	11	25	36
Didática	34	53	87
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
Total	171	315	486

1944

Nas três séries e no Curso de Didática.

<i>Cursos.</i>	<i>Masc.</i>	<i>Fem.</i>	<i>Total.</i>
Filosofia	11	5	16
Matemática	36	26	62
Física	12	2	14
Química	35	29	64
História Natural	14	28	42
Geografia e História	23	50	73
Ciências Sociais	13	28	41
Letras Clássicas	20	35	55
Letras Neolatinas	3	59	62
Letras Anglo-Germânicas	7	50	57
Pedagogia	16	31	47
Didática	34	44	78
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
Total	224	387	611

1945

Nas três séries e no Curso de Didática.

<i>Cursos.</i>	<i>Masc.</i>	<i>Fem.</i>	<i>Total.</i>
Filosofia	15	5	20
Matemática	18	25	43
Física	18	2	20
Química	37	24	61
História Natural	11	23	34
Geografia e História	15	36	51
Ciências Sociais	12	18	30
Letras Clássicas	14	24	38
Letras Neolatinas	4	42	46
Letras Anglo-Germânicas	5	32	37
Pedagogia	10	30	40
Didática	51	104	155
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
Total	210	365	575

1946

Nas quatro séries e no Curso de Didática.

<i>Cursos.</i>	<i>Masc.</i>	<i>Fem.</i>	<i>Total.</i>
Filosofia	42	12	54
Matemática	15	16	31
Física	14	2	16
Química	32	20	52
História Natural	9	23	32
Geografia e História	13	23	36
Ciências Sociais	26	16	42
Letras Clássicas	16	21	37
Letras Neolatinas	11	42	53
Letras Anglo-Germânicas	4	38	42
Pedagogia	5	19	24
Didática	40	89	129
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
Total	227	321	548

1947

Nas quatro séries e nos Cursos de Didática e Especialização.

<i>Cursos.</i>	<i>Masc.</i>	<i>Fem.</i>	<i>Total.</i>
Filosofia	33	14	47
Matemática	18	14	32
Física	19	5	24
Química	40	31	71
História Natural	13	28	41
Geografia e História	23	38	61
Ciências Sociais	23	28	51
Letras Clássicas	18	26	44
Letras Neolatinas	9	58	67
Letras Anglo-Germânicas	7	52	59
Pedagogia	4	39	43
Didática	9	9	18
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
Total	216	342	558

1948

Nas quatro séries, no Curso de Didática, e no Curso de Especialização

<i>Cursos.</i>	<i>Masc.</i>	<i>Fem.</i>	<i>Total.</i>
Filosofia	27	18	45
Matemática	23	13	36
Física	30	4	34
Química	33	34	67
História Natural	19	30	49
Geografia e História	24	51	75
Ciências Sociais	26	33	59
Letras Clássicas	28	27	55
Letras Neolatinas	10	77	87
Letras Anglo-Germânicas	8	53	61
Pedagogia	6	36	42
Didática	6	9	15
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
Total	240	385	625

1949

Nas quatro séries, no Curso de Didática, e no Curso de Especialização

<i>Cursos.</i>	<i>Masc.</i>	<i>Fem.</i>	<i>Total.</i>
Filosofia	36	21	57
Matemática	34	9	43
Física	34	3	37
Química	26	28	54
História Natural	26	30	56
Geografia e História	28	65	93
Ciências Sociais	40	30	70
Letras Clássicas	41	25	66
Letras Neolatinas	15	99	114
Letras Anglo-Germânicas	12	69	81
Pedagogia	3	49	52
Didática		2	2
Total	<u>295</u>	<u>430</u>	<u>725</u>

TOTAIS DAS MATRÍCULAS ENTRE 1939 E 1949.

	<i>Masc.</i>	<i>Fem.</i>	<i>Total.</i>
1939	205	164	369
1940	228	237	465
1941	241	268	509
1952	169	254	423
1953	171	315	486
1944	224	387	611
1945	210	365	574
1946	227	321	548
1947	216	342	558
1948	240	385	625
1949	295	430	725
	<u>2.426</u>	<u>3.468</u>	<u>5.894</u>

QUADRO GERAL DAS MATRÍCULAS, DE 1939 a 1949.

ANOS	1939	1940	1941	1942	1943	1944	1945	1946	1947	1948	1949	Total
FILOSOFIA	31	30	21	13	9	16	20	54	47	45	57	343
MATEMÁTICA	37	39	38	42	40	62	43	31	32	36	43	443
FÍSICA	12	10	10	7	7	14	20	16	24	34	37	191
QUÍMICA	46	55	54	52	57	64	61	52	71	67	54	633
HISTÓRIA NATURAL	31	36	21	22	25	42	34	32	41	49	56	388
GEOGRAFIA E HISTÓRIA	68	74	51	50	59	73	51	36	61	75	93	691
CIÊNCIAS SOCIAIS	33	48	42	39	26	41	30	42	51	59	70	481
LETRAS CLÁSSICAS	41	59	60	57	42	55	38	37	44	55	66	554
LETRAS NEOLATINAS	38	59	60	58	52	62	46	53	67	87	114	696
LETRAS ANGLO-GERMÂNICAS	—	6	11	30	46	57	37	42	59	61	81	430
PEDAGOGIA	—	5	7	26	36	47	40	24	43	42	52	322
CURSO ESPECIAL DE DIDÁTICA	32	45	134	27	87	78	155	129	18	15	2	722
T O T A L	369	465	509	423	486	611	575	548	558	625	725	5.894

Total geral das matrículas | 5.894 |

VIII. — Concursos para a cátedra.

CONCURSOS PARA PROVIMENTO DE CARGOS DE PROFESSOR CATEDRÁTICO.

Criada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em 1934, foram tôdas as suas cadeiras, como aliás não poderia deixar de ser, providas por professôres contratados. Todavia, já em 1937 realizou-se o primeiro concurso para o provimento efetivo de uma cátedra, cabendo essa prioridade à Cadeira de Biologia Geral, regida, desde o início dos cursos, sob regime de contrato, pelo Prof. André Dreyfus. Aberto o concurso, inscreveu-se apenas um candidato, o próprio professor interino da Cadeira. Realizadas as provas do concurso de 22 a 24 de setembro de 1937, tornou-se o Prof. André Dreyfus professor catedrático da Faculdade, nomeado por decreto de 19 de outubro e empossado a 30 do mesmo mês. As provas dêste concurso foram acampanhadas pelo Conselho Universitário, funcionando como Congregação da Faculdade. Constituíram a comissão examinadora dêste primeiro concurso os Profs. Álvaro Osório de Almeida, Altino de Azevedo Antunes, Lauro Travassos, Carvalho Lima e Ernest Marcus. A tese apresentada pelo candidato — “Contribuição para o estudo cromosômico e da determinação do sexo em *Rhabdias Fülleborni*, Trav. 1926” — aprovada com distinção, veio a constituir o *Boletim* n.º 1 de Biologia Geral (1).

*

No ano de 1939 realizaram-se os concursos para o provimento de mais quatro cadeiras — Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani, História da Civilização Brasileira, Fisiologia Geral e Animal e Filologia Portuguesa.

Todos êsses concursos foram realizados antes que a Faculdade tivesse seu próprio regimento de concurso; regeram-nos as mesmas normas adotadas pelos demais institutos universitários. Só em 1943, pelo decreto n.º 13.426, de 23 de junho, foi baixada a regulamentação dos concursos para professor catedrático e para a livre-docência. Os primeiros concursos sob êsse dispositivo legal tiveram lugar em setembro de 1944 para provimento das Cadeiras de Mecânica Racional e Análise Matemática.

De 1939 a 1949, 14 cadeiras foram providas por concurso, a saber, pela ordem cronológica: Etnografia Brasileira e Língua Tupi-Guarani, História da Civilização Brasileira, Fisiologia Geral e Animal, Filologia

(1). — Notícia mais pormenorizada sôbre êsse concurso poderá ser encontrada no *Anuário* de 1937-1938, nas páginas 122-126.

Portuguêsa, Mecânica Racional e Mecânica Celeste, Análise Matemática, Literatura Brasileira, Zoologia, Geografia do Brasil, Mineralogia e Petrografia, História da Civilização Antiga e Medieval, História da Civilização Americana, Química Orgânica e Biológica, e Geologia e Paleontologia.

Tal como no caso do concurso de Biologia, todos os atos relativos a êstes concursos tiveram de ser submetidos ao Conselho Universitário, que funcionou como Congregação, visto não possuir a Faculdade número suficiente de professores efetivos para deliberar sobre atos desta natureza.

Para êstes concursos contou a Faculdade com a colaboração, nas comissões examinadoras, de professores de outros institutos universitários, bem como de pessoas de notório saber nos domínios de suas especialidades.

Assim, ao encerrar-se o ano letivo de 1949, contava a Faculdade com 20 professores catedráticos, sendo 15 mediante concursos realizados na própria Faculdade e 5 por transferência do Instituto de Educação, extinto em julho de 1938.

Na relação que se segue, figuram indicações mais precisas sobre os concursos realizados: datas, nomes dos candidatos inscritos, títulos das teses, composição das bancas examinadoras e indicações bibliográficas referentes às teses publicadas pela própria Faculdade sob a forma de Boletins.

*

1. — ETNOGRAFIA BRASILEIRA E LÍNGUA TUPI-GUARANI.

Data: 23 a 27 de março de 1939.

Candidato: Plínio Marques da Silva Ayrosa.

Tese: "Dos índices de relação determinativa de posse no tupi-guarani" (Boletim n.º XI, Etnografia Brasileira n.º 1 — 1939).

Comissão examinadora: Professores Afonso d'E. Taunay, Venâncio Malta Machado, Bernardino José de Souza, Basílio de Magalhães e Herbert Baldus (indicados pelo Conselho Universitário).

*

2. — HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA.

Data: 24 a 29 de março de 1939.

Candidato: Alfredo Ellis Júnior.

Tese: "Meio século de bandeirismo" (Boletim n.º IX, História da Civilização Brasileira n.º 1 — 1939).

Comissão examinadora: Professores Ernesto de Moraes Leme, Afonso d'E. Taunay, Basílio de Magalhães, Pedro Calmon e Max Fleiuss (indicados pelo Conselho Universitário).

*

3. — FISIOLOGIA GERAL E ANIMAL.

Data: 25 a 30 de setembro de 1939.

Candidato: Paulo Sawaya.

Tese: "Sôbre a mudança de côr nos Crustáceos — Contribuição para o estudo da fisiologia dos Cromatóforos e dos Hormônios dos Invertebrados" (Boletim n.º XIII, Zoologia n.º 3, pp. 1-110 — 1939).

Comissão examinadora: Professôres Zeferino Vaz, Max de Barros Erhart, André Dreyfus, Ernest Marcús e J. E. Santos Abreu (indicados pelo Conselho Universitário).

*

4. — FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUÊSA (2).

Data: 18 de outubro a 18 de novembro de 1939.

Candidatos: 1. — Francisco da Silveira Bueno. *Tese:* "O Auto das regateiras de Lisboa, composto por hum frande loyo, filho de hūma dellas".

2. — José de Sá Nunes. *Tese:* "Comentários à 'Réplica' de Rui Barbosa, visando exclusivamente os arcaísmos".

3. — José Guedes de Azevedo. *Tese:* "Jornada Filológica".

Comissão examinadora: Professôres Jorge Americano, Luciano Gualberto, Mário Pereira de Souza Lima, Urbano Canuto Soares e Américo de Moura (indicados pelo Conselho Universitário).

*

5. — MECÂNICA RACIONAL E MECÂNICA CELESTE.

Data: 29 de agosto a 5 de setembro de 1944.

Candidato: Mário Schenberg.

Tese: "Princípios da Mecânica".

Comissão examinadora: Professôres Paulo Menezes Mendes da Rocha e Telêmaco van Langendonck (indicados pelo Conselho Universitário) e Carlo Tagliacozzo, Achille Bassi e F. M. de Oliveira Castro (indicados pelo Conselho Técnico Administrativo).

*

6. — ANÁLISE MATEMÁTICA.

Data: 25 a 30 de setembro de 1944.

Candidato: Omar Catunda.

(2). — Dos três candidatos inscritos, o terceiro desistiu durante as provas e, os dois restantes foram habilitados, tendo sido o prof. Francisco da Silveira Bueno indicado para a regência da Cátedra e o prof. José de Sá Nunes para a livre-docência.

Tese: “Sôbre os fundamentos da teoria dos funcionais analíticos”.
Comissão examinadora: Professôres Paulo Menezes Mendes da Rocha e Telêmaco van Langendonck (indicados pelo Conselho Universitário) e Carlo Tagliacozzo, Achille Bassi e F. M. de Oliveira Castro (indicados pelo Conselho Técnico-Administrativo).

*

7. — LITERATURA BRASILEIRA (3).

Data: 23 de julho a 4 de agôsto de 1945.

- Candidatos*: 1. — Antônio Candido de Mello e Souza. *Tese*: “Introdução ao método crítico de Sílvio Romero”.
2. — Antônio Salles Campos. *Tese*: “Origem e evolução dos temas da primeira geração de poetas românticos brasileiros”.
2. — Manuel Cerqueira Leite. *Tese*: “Do fato literário, do ponto de vista funcional”.
4. — Mário Pereira de Souza Lima. *Tese*: “Os problemas estéticos na poesia brasileira do parnasianismo ao modernismo.”
5. — José Oswald de Souza Andrade. *Tese*: “A Arcádia e a Inconfidência”.
6. — Jamil Almansur Haddad. *Tese*: “O romantismo brasileiro e as sociedades secretas do tempo”.

Comissão examinadora: Professôres Jorge Americano e Gabriel de Rezende Filho (indicados pelo Conselho Universitário) e Afonso Arinos de Mello Franco, Leonel Vaz de Barros e Guilherme de Almeida (indicados pelo Conselho Técnico-Administrativo).

*

8. — ZOOLOGIA.

Data: 10 a 18 de agôsto de 1945.

Candidato: Ernest Marcus.

Tese: “Sôbre Catelunida brasileiros” (Boletim n.º LXXI, Zoolo-gia n.º 10 — 1946).

Comissão examinadora: Professôres Zeferino Vaz e Paulo Sawaya (indicados pelo Conselho Universitário) e Renato Locchi, Oliveiros de Oliveira Castro e Hugo Souza Lopes (indicados pelo Conselho Técnico-Administrativo).

(3). — Todos os candidatos inscritos foram habilitados, tendo sido o Prof. Mário Pereira Souza Lima indicado para a regência da Cátedra pelo Conselho Universitário e os demais para a livre-docência.

*

9. — GEOGRAFIA DO BRASIL.

Data: 22 a 26 de outubro de 1945.

Candidato: Aroldo Edgard de Azevedo.

Tese: "Os subúrbios orientais de São Paulo".

Comissão examinadora: Professôres Ernesto de Moraes Leme e Francisco Borges Vieira (indicados pelo Conselho Universitário) e Octavio Barbosa, Francis Ruellan e Alberto Ribeiro Lamego (indicados pelo Conselho Técnico-Administrativo.)

*

10. — MINERALOGIA E PETROGRAFIA.

Data: 16 a 19 de julho de 1946.

Candidato: Reynaldo Ramos de Saldanha da Gama.

Tese: "Estudo de jazida de wolframita de Inhandajara" (Boletim n.º LX, Mineralogia n.º 8 — 1946).

Comissão examinadora: Professôres Paulo Menezes Mendes da Rocha e Adriano Marchini (indicados pelo Conselho Universitário) e Ettore Onorato, Viktor Leinz e Djalma Guimarães (indicados pelo Conselho Técnico-Administrativo).

*

11. — HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO ANTIGA E MEDIEVAL (4).

Data: 22 a 26 de julho de 1946.

Candidatos: 1. — Eurípedes Simões de Paula. *Tese:* "Marrocos e suas relações com a Ibéria na Antiguidade" (Boletim n.º LVII, História da Civilização Antiga e Medieval n.º 4 — 1946).

2. — José Ferreira Carrato. *Tese:* "Uma vereda romana ao caminho da democracia".

Comissão examinadora: Professôres Gabriel de Rezende Filho e Ernesto de Moraes Leme (indicados pelo Conselho Universitário) e Francisco Isoldi, Jayme Coelho e Eremildo Luiz Viana (indicados pelo Conselho Técnico-Administrativo).

*

12. — HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO AMERICANA (5).

Data: 30 de julho a 7 de agosto de 1946.

Candidatos: 1. — Astrogildo Rodrigues de Mello. Tese: “Os ‘serviços pessoais’ na fainas agrícolas em Nova Espanha” (Boletim n.º LXIX, História da Civilização Americana n.º 3 — 1946).

2. — Odilon Araujo Grellet. Tese: “A escravidão na América Espanhola”.

3. — Alice Piffer Canabrava. Tese: “A indústria do açúcar nas ilhas inglesas e francesas do mar das Antilhas, 1697-1755”.

Comissão examinadora: Professôres Jorge Americano e Zeferino Vaz (indicados pelo Conselho Universitário) e Jayme Ccelho, Eremildo Luiz Viana e Sérgio Buarque de Holanda (indicados pelo Conselho Técnico-Administrativo).

*

13. — QUÍMICA ORGÂNICA E BIOLÓGICA

Data: 31 de agosto a 5 de setembro de 1946.

Candidato: Heinrich Hauptmann.

Tese: “Sôbre alguns mercaptóis esteróidicos” (Boletim n.º LXXIX, Química n.º 2 — 1947).

Comissão examinadora: Professôres José de Mello Moraes e Linneu Prestes (indicados pelo Conselho Universitário) e Quintino Mingoia, Renato Fonseca Ribeiro e Jayme A. Cavalcanti (indicados pelo Conselho Técnico-Administrativo).

*

14 -- GEOLOGIA E PALEONTOLOGIA.

Data: 30 de novembro a 3 de dezembro de 1949.

Candidato: Viktor Leinz.

Tese: “Contribuição à geologia dos derrames basálticos no sul do Brasil” (Boletim n.º CIII, Geologia n.º 5 — 1949).

Comissão examinadora: Professôres Reynaldo Ramos de Saldanha da Gama e Octavio Barbosa (indicados pelo Conselho Universitário) e Othon Leonardos, Rui de Lima e Silva e Luciano Jacques de Moraes (indicados pelo Conselho Técnico-Administrativo).

(5). — Todos os candidatos foram habilitados, tendo sido indicado para a Cátedra o Prof. Astrogildo Rodrigues de Mello e os demais para a livre-docência.

DISCURSO PROFERIDO PELO PROF. PLÍNIO AYROÇA, DE SAUDAÇÃO AOS NOVOS CATEDRÁTICOS, PROFESSÔRES EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA, REYNALDO RAMOS DE SALDANHA DA GAMA, ASTROGILDO RODRIGUES DE MELLO E HEINRICH HAUPTMANN, QUANDO DA SUA RECEPÇÃO SOLENE PELA CONGREGAÇÃO EM 25 DE OUTUBRO DE 1946 (*).

A honrosa e alta missão de apresentar aos novos catedráticos e velhos amigos as saudações fraternais da nossa Faculdade, dá-me oportunidade, não só para demonstrar, de público, o quanto os estimo e admiro, como também para tecer alguns breves comentários acêrca da posição social e da conduta magisterial do professor universitário.

Não, é claro, para insinuar o que quer seja, a quem quer que me ouça, mas para expor, sòmente, as minhas idéias, rigorosamente pessoais, sobre tão contravertido assunto, decorrentes de mais de trinta anos de aluno e professor. E ao receber professôres, julgo, não soarão elas muito mal, podendo dar-se o caso de serem ouvidas com algum proveito.

Mas, antes disso, quero pedir licença para focalizar três acontecimentos que me parecem sobremodo memoráveis, todos dêste ano, dêste ano de 1946, que ficará entre os doze outros já decorridos desde a fundação desta Casa, marcado pelo encanto e pelo brilho das datas festivas inesquecíveis.

Díspares e aparentemente desarticulados, têm a meu ver, unidade impressionante e articulação perfeita.

Todos provém de anseios de independência, de ordem e de moralidade, em busca da liberdade, da segurança e da disciplina.

Partindo de pontos diferentes, todos atingem, direta ou indiretamente, a nossa esfera universitária.

Se não, vejamos:

* * *

A Constituição, que é um diploma de maturidade nacional e um título de hierarquia social, foi, neste ano, outorgada ao Brasil.

Já podemos, por isso, invocar a letra da lei magna, — votada e assinada pelos eleitos do povo — para afirmar que, em nossa Pátria, “a educação deve inspirar-se nos princípios de liberdade, e nos ideais de solidariedade humana; que, para o provimento das cátedras, no ensino secundá-

(*) . — Dêsse discurso falta um trecho em que o Prof. Plínio Ayroça dá alguns dados biográficos dos homenageados. Em nome dêstes, falou o Prof. Reynaldo Ramos de Saldanha da Gama. Infelizmente a *Secção de Publicações* não pôde publicar o discurso de agradecimento, em virtude dêle ter sido feito de improviso.

rio oficial, e no superior, oficial ou livre, exigir-se-á concurso de títulos e provas”. E mais, que “é garantida a liberdade de cátedra”.

Quantos povos dêste mundo atual compreenderão bem essa linguagem nova, que nos parece estranha à fôrça de vivermos afastados dela? Onde está o homem de estado, o juiz, o sacerdote ou o professor brasileiro que se não sinta ofuscado em face de tanta luz e aturdido diante de tanta tolerância legal? Que significam, entretanto, “princípios de liberdade, ideais de solidariedade humana e liberdade de cátedra”, para nós?

Apenas o direito de praticarmos, em nome da lei, o que sempre procuramos praticar, em nossa Universidade, em nome da dignidade de homens livres.

Tanto e tão pouco. Tanto para os que se iam quase conformando com a própria servidão; pouco para os que nunca puzeram em hasta pública a sua própria consciência.

Em todo caso, vitória do bem eterno sôbre o mal passageiro; da liberdade sôbre a opressão; da cordura que propicia entendimentos entre desentendidos, sôbre a violência que gera ódios irredutíveis entre irmãos. Que os homens dignos e livres de todo o mundo se rejubilem conosco por êsse acontecimento de 1946!

*

A recente “crise universitária”, que não foi planejada por ninguém, e que a ninguém procurou ferir, eclodiu com a fôrça insopitável da conjugação de sentimentos nobres e justos, recalcados; surgiu do fundo da consciência de cada um de nós, professôres e alunos universitários, com o irradiante fulgor dos gestos expontâneos, e com ímpeto irresistível de um princípio em marcha, quando é impelido pela união de todos a serviço de uma causa comum.

Não visou tal movimento senão a dignidade da Universidade, que há de existir sempre em função da dignidade de cada um de nós. Abastardem-se os seus professôres e desmereçam-na os seus alunos e ela cairá rapidamente no descrédito do povo, que a sustenta economicamente, e no desdem dos que podem honrá-la culturalmente.

Mantê-la bem no alto, bela pela sua unidade e altiva pela altivez de seus membros, parece-me, foi a razão única dêsse confortador e formoso movimento de opinião universitária. Que os universitários do Brasil se rejubilem conosco por êsse acontecimento de 1946.

*

A ocorrência da efetivação de quatro novos catedráticos de nossa Faculdade não foi, como não o foram as duas ocorrências referidas, planejada, e nem prevista, por ninguém. E’ apenas consequência lógica de um desêjo que há dez anos acalentamos, e que há dez anos nos enche de esperança e de alegria: esperança de dar à nossa Faculdade o direito de viver por si, e a alegria de senti-la livre no âmbito largo da Universida-

de, com a sua Congregação capaz de todos os atos que a lei garante às Congregações das suas irmãs mais velhas.

Desde há muitos anos, por isso, pacientemente, vagorosamente, conscienciosamente, estamos a preencher as nossas cátedras, uma a uma, com os cuidados, aparentemente excessivos, de quem teme alguma surpresa no caminho. O que para muitos poder-se-ia fazer num ou dois anos, vamos realizar talvez em dois decênios. Não importa, porque realmente tememos surpresas e emboscadas. O terreno que a Faculdade de Filosofia palmilha é novo e áspero e é perigoso. E sabemos que todos os cuidados não bastam para garantir o sucesso de uma empresa qualquer e, conseqüentemente, muito menos desta, que é complexa e decisiva.

Daí a singularidade dêste instante, que por certo não mais se repetirá tão cêdo. Quatro novos catedráticos, de uma só assentada, vêm reforçar, hoje, o núcleo inicial de nossa Congregação, constituído exatamente por quem dirige os nossos destinos. E ninguém mais ansioso que o ilustre Diretor da Faculdade — Prof. Dreyfus — por vê-la definitivamente constituída, mas ninguém mais temeroso, também, de mal servi-la.

De público faço questão de testemunhar êsse desêjo e êsse temor. patentes nas simples conversas soltas de amigo, e nítidas nas reuniões do nosso Conselho Técnico-Administrativo. Ao propósito de aumentar o número de catedráticos, sempre no espírito do Prof. Dreyfus e, felizmente, no de seus antecessores, sempre se sobrepôs o de só completá-lo quando fôsse oportuno, e da melhor maneira possível.

Assim, os quatro doutores que hoje tomam a borla e o capelo azul-turqueza, podem exhibi-los de cabeça erguida e de coração sossegado. Contra a posse digna e altamente honrosa das cátedras que vão honrar e dignificar não há, por mínimo que seja, argumento algum. Vieram de onde devem vir todos os professôres universitários, passaram pelos longos caminhos de um longo noviciado professoral, e submeteram-se a tôdas as provas a que se submetem os que confiam com serenidade no próprio esforço, e aos quais repugna ser mais do que podem ser, para ser, em verdade, muito mais do que simples decretos podem dizer que são. Que os universitários de São Paulo se rejubilem conosco por êste acontecimento de 1946.

*

Srs. Professôres: À tranquilidade dêste instante, que sobrevem às aflições e ao atropêlo das provas por que passastes, sucedem-se, inelutavelmente, aquelas “secretas preocupações diuturnas” que povoam a consciência dos magistrados e dos professôres, ao arbítrio dos quais está o destino de um seu semelhante.

Julgar, para condenar ou absolver, ou para aprovar ou reprovar, foi sempre a mais nobre e a mais torturante das missões que as sociedades humanas concedem a uns poucos privilegiados.

Ter diante de si um moço, isto é — uma promessa e uma esperança, um futuro e um ansêio — a esperar de nós um *sim* ou um *não*, é positivamente, e no campo moral, função que só encontra símile na frieza de Átupos, a cortar o fio das existências humanas.

E não há, parece-me, sôbre a terra, quem julgue com relativo acêrto, sem que se tenha primeiro julgado a si mesmo no tribunal da própria consciência, capaz de julgar, isto é, isento do que reprova e, do que aprova, possuidor.

E também me parece, que para bem julgar, quem se julgue em condições de ser juiz, é condição primeira manter-se livre de paixões, tanto quanto a vida lhe permita; que, no círculo das restrições mínimas impostas pelo grupo social de que faça parte, seja livre, completamente livre de quaisquer influências sectárias, sempre restrictivas e prepotentes. Não tenho dúvida alguma sôbre a justeza e validade da lei moral que impõe, ao professor, seja apenas professor.

E para os verdadeiros professôres não há delícia maior, nem maior felicidade, que viver entre os seus livros, no seu laboratório; entre os seus alunos, na sua sala de aula.

Os que apregoam a necessidade de professôres universitários cuidarem de política, envolverem-se em questões administrativas do Estado, meterem-se na indústria, no comércio e na lavoura, são apenas os que pretendem, com generalizações perigosas, enquadrar situações pessoalmente convenientes.

Para bem servir à Humanidade, à Pátria ou à cultura basta, e basta mesmo, que cada um cumpra rigorosamente o seu dever, no seu lugar, de acôrdo com a sua época. Que o professor fique na cátedra, o fazendeiro na fazenda e o político no Parlamento, porque todos, a seu tempo, serão igualmente recompensados pelo respeito dos contemporâneos e pela gratidão dos vindouros.

Julgo, enfim, que tanto quanto permitirem as nossas fôrças e nossas peculiaridades mentais, devemos ter sempre diante dos olhos o exemplo inestimável de Erasmo de Roterdão, que nos serve, sobretudo, por ter resistido ao desgaste de quatro séculos e à limagem de críticos de todos os portes; dêsse Erasmo de Roterdão, "doctor universalis", tão distante e tão próximo de nós, que na palavra sensata e luminosa de Alcântara Machado, foi o humanista insigne, cuja obra traz o sinal específico das obras de eleição: a oportunidade constante, a modernidade perene, o privilégio magnífico de parecer contemporâneo da posteridade mais remota.

Realmente, ninguém mais do que Erasmo saboreou a doce volúpia de saber.

"Onde quer que procuremos situá-lo, em qualquer dos pousos de sua existência errante, em que tentemos surpreendê-lo, na Holanda como na França, na Inglaterra como na Bélgica, em Roma como em Friburgo, Basiléia ou Constança, não podemos imaginá-lo, senão talqualmente nô-lo mostra o estupendo retrato de Holbein: grave, calmo, tranqüilo, junto à escrivaninha em que trabalha, com o barrete doutoral à cabeça, a pena entre os dedos e um livro aberto diante dos olhos claros".

"Dar-se-á que, continua Alcântara Machado, abismado na meditação criadora ou embebido na admiração dos tesouros da Antiguidade, êle se mantenha indiferente aos interêsses imediatos, insensível à sorte da civilização ocidental, nesse instante dramático, em que a Europa se vê amea-

cada externamente pela invasão otomana e internamente pela quebra da unidade religiosa?

“Não. Porque ninguém como êle se empenha em colocar a erudição ao serviço da vida, em função do momento. É certo que se recusa teimosamente a sair de sua célula, em que vive, cercado de pergaminhos e de códices, para se envolver nesses tumultos, de que fala com horror, e tomar o partido de uma das facções em luta, que lhe parecem cabeças diferentes da mesma hidra, ou metades de um monstro só: a intolerância. Mas, na imagem de Stefan Zweig, vêmo-lo subir de quando em quando às ameias da torre de marfim, onde se abriga, contemplar o mundo com o olhar penetrante e lúcido, no sincero esforço de compreendê-lo, e dizer afinal, desassombradamente, a palavra serena da razão. Para denunciar um abuso, interrompe a reconstrução de um texto evangélico. Deixa em suspenso o livro iniciado, para condenar a luta armada entre povos e aconselhar que se entregue a um tribunal composto de sábios, sacerdotes, magistrados, a decisão dos conflitos internacionais. Arranca-se ao convívio saboroso dos clássicos, para dar combate ao preconceito, à superstição, ao fanatismo, onde quer que se estadeiem, orgulhosos de seu veneno, ou se dissimulem, conscientes de sua monstruosidade.

“Desapaixonada e serena, conciliatória e pacífica, a voz de Erasmo ressoa de modo estranho naquele meio trepidante de quærelas e controvérsias, naquele ambiente trespairado pelas paixões.

“O que desconcerta a imensa maioria dos seus contemporâneos, que o acusam de ceticismo e covardia, é, entretanto, o que mais o recomenda à nossa admiração.

Não perde jamais o sangue frio na tormenta e, no terremoto, o equilíbrio.

“Repugnam-lhe os desatinos a que leva o orgulho dos que se arrogam os direitos de únicos senhores e possuidores da verdade, quando o certo é que ninguém a possui e que todos a procuram, cada qual à sua maneira.”

Não pactua, nem com as doutrinas que lhe parecem condenáveis, nem com as perseguições que se desencadeiam para extirpá-las da consciência alheia.

Numa palavra, que não é minha: procura compreender quase sempre e quase nunca afirmar.

Entre as lições que lhe devemos, outra não há mais luminosa, nem mais salutar e oportuna do que o exemplo, que nos deixa a nós, e aos discípulos que devemos formar, de compreensão, serenidade e independência.

Sei que sois, senhores Professôres, veteranos do ensino, de caráter firme e de consciência clara; sei que não sou quem deva aconselhar-vos, mas sinto que sou, pela cordialidade fraternal que sempre nos uniu, quem vos pode dizer, sem eivas de suspeição, o que almejo para a nova fase da vossa carreira, nesta Faculdade.

São contingências inevitáveis da vida, eu sei, que levam, às vêzes, alguns Professôres a afastar-se das cátedras ou a tê-las por simples refor-

çadoras de orçamentos precários; mas sei, também, que nem sempre é essa a razão do afastamento. . .

Para obviar a infidelidade forçada há remédio, e êle tem sido dado razoavelmente pelo Governo: é o regime de tempo integral. Contra a infidelidade magisterial, filha da ambição ou da vaidade, poçanga não há em mãos de ninguém, senão na própria consciência do infiel; e dela não é de esperar-se que desça para corrigenda do êrro.

Até pelo contrário, é de supor-se que o crescimento da ambição e o embalonamento da vaidade — que por definição crescem a recrudescem sem cessar — acabem por deixar a cátedra tão diminuída e humilhada que, a quem a procure custará encontrá-la, e quando a encontre, crê-la-á anônima e sem dono.

Que os nunes tutelares de cada um de vós permitam que continueis, como catedráticos que sois de óra em diante, a servir com desassombro, com paciência e com exatidão os vossos árduos e altíssimos deveres; que, como Erasmo, só deixeis a cátedra para combater — pela palavra independente e sábia, no momento oportuno — a intolerância, a violência, o desrespeito à dignidade humana, em prol dos princípios de liberdade, que é, para nós, o supremo bem.

Só para isto, sem compromissos com quem quer que seja estranho à Universidade, e sem interêsses pessoais de qualquer espécie, fora do ambiente salutar e amável do ensino.

Sr. Prof. Reinaldo Saldanha da Gama, Sr. Prof. Eurípedes Simões de Paula, Sr. Prof. Astrogildo Rodrigues de Mello, Sr. Prof. Heinrich Hauptmann, — em nome de nossa Faculdade de Filosofia, eu vos saúdo afetuosamente, como colega e como irmão.

IX. — Concursos para a livre-docência

CONCURSOS PARA A LIVRE-DOCÊNCIA.

Tal como nos casos dos concursos para provimento de cargos de professor catedrático, os primeiros concursos para a livre-docência foram realizados antes mesmo que a Faculdade tivesse sua própria regulamentação. Coube a prioridade à Cadeira de Zoologia, para cuja livre-docência foi candidato o Prof. Paulo Sawaya, na época (1937) assistente científico da Cadeira. Realizaram-se as provas de 22 a 25 de outubro daquele ano e a comissão examinadora assim esteve constituída: Professôres Benedito Montenegro, Flamínio Fávero, Ernest Marcus, Paulo de Toledo Artigas e Renato Locchi. A tese apresentada pelo candidato — “Sôbre o gênero *Siphonops* WAGLER, 1828 — *Amphibia-Apoda*, com descrição de duas variedades novas *S. annulatus* (Mikan) var. *marmoratus* e *S. paulensis* BOETT. var. *maculatus*” acha-se publicada no Boletim n.º 1 de Zoologia (1).

*

Na relação que se segue, figuram indicações mais precisas sôbre os concursos realizados de 1940 a 1949: datas, nomes dos candidatos inscritos, títulos das teses, composição das comissões examinadoras e indicações bibliográficas referentes às teses publicadas pela própria Faculdade sob a forma de Boletins.

*

1. — DIDÁTICA GERAL E ESPECIAL.

Data: 18 de outubro a 7 de novembro de 1940.

Candidata: Dora Caldeira de Barros.

Tese: “Função didática do plano no ensino: plano de curso e plano de aula”.

Comissão examinadora: Professôres Alfredo Ellis Júnior, Jorge Americano, Luciano Gualberto, Linneu Prestes e Zeferino Vaz (indicados pelo Conselho Universitário).

*

2. — LITERATURA PORTUGUÊSA.

Data: 22 a 30 de novembro de 1947.

Candidato: Antônio Augusto Soares Amóra.

Tese: “El-rei D. Duarte e o ‘Leal Conselheiro’” (Boletim n.º XCIII, Letras n.º 5 — 1948).

(1). — Notícia mais pormenorizada pode ser encontrada no *Anuário* de 1937-1938, nas páginas 126-132.

Comissão examinadora: Professôres Luiz Amador Sanchez e Francisco da Silveira Bueno (indicados pelo Conselho Universitário) e Américo de Moura, J. F. de Almeida Prado e José Soares de Mello (indicados pelo Conselho Técnico-Administrativo).

*

3. — ECONOMIA POLÍTICA E HISTÓRIA DAS DOCTRINAS ECONÔMICAS.

Data: 14 a 21 de agosto de 1948.

Candidato: Dorival Teixeira Vieira.

Tese: "A obra econômica de Amaro Cavalcanti".

Comissão examinadora: Professôres Paul Hugon e Theotonio Monteiro de Barros (indicados pelo Conselho Universitário) e J. J. Cardoso de Mello Neto, Tullio Ascarelli e Alexandre Kafka (indicados pelo Conselho Técnico-Administrativo).

*

4. — POLÍTICA.

Data: 24 a 29 de outubro de 1949.

Candidato: Lourival Gomes Machado.

Tese: "O 'Tratado de Direito Natural' de Tomaz Antônio Gonzaga".

Comissão examinadora: Professôres Charles Morazé e Fernando de Azevedo (indicados pelo Conselho Universitário) e Hildebrando Leal, Vicente Rao e Sérgio Buarque de Holanda (indicados pelo Conselho Técnico-Administrativo).

*

5. — FILOLOGIA ROMÂNICA.

Data: 24 a 28 de novembro de 1949.

Candidato: Theodoro Henrique Maurer Júnior.

Tese: "A unidade da România ocidental" (Boletim n.º 126, Filologia Românica n.º 2 — 1951).

Comissão examinadora: Professôres Urbano Canuto Soares e Mário Pereira de Souza Lima (indicados pelo Conselho Universitário) e Ernesto de Faria, Antenor Nascentes e Jorge Bertolaso Stella (indicados pelo Conselho Técnico-Administrativo).

X. — Doutoramentos.

DOUTORAMENTOS

O regimento que estabelece o processo de doutoramento na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, foi aprovado pelo Conselho Universitário em sessão de 9 de dezembro de 1941 e publicado no "Diário Oficial" de 4 de janeiro de 1942. Todavia, desde os primeiros anos de atividade da Faculdade, o problema do doutoramento, como etapa necessária da carreira universitária, foi considerado pelos órgãos diretores da Faculdade, que contou com a colaboração, indispensável aliás, dos Professores das diversas Cadeiras. Dessa colaboração, resultou o regulamento aprovado, pelo qual vem se regendo, desde 1942, as provas para a obtenção dos graus de Doutor em Filosofia, em Ciências, em Letras e em Pedagogia. Constam essas provas de defesa de uma tese, elaborada sob a orientação do professor da Cadeira sobre a qual versar o assunto e dos exames de duas matérias subsidiárias, livremente escolhidas entre cinco indicados pelo orientador da tese e versando programas apresentados pelos respectivos professores. A partir de 1947, ligeira modificação foi introduzida no processo de doutoramento, visando facultar aos diplomados pelos cursos de especialização a substituição dos exames das matérias subsidiárias pelos referidos cursos de especialização. Esta proposta de modificação foi aprovada pelo Conselho Técnico-Administrativo e pela Congregação da Faculdade.

Embora, de acordo com o regulamento da Faculdade, somente os assistentes sejam obrigados ao doutoramento, numerosos são os licenciados ou bacharéis que, espontaneamente, têm se submetido às provas para a obtenção do grau de Doutor, numa atividade que constitui como que um complemento dos estudos realizados na Faculdade.

Até 1949, 66 licenciados ou bacharéis já se doutoraram, mediante defesa de teses inéditas, versando quase sempre assuntos do mais alto interesse e quase todas já publicadas pela própria Faculdade sob a forma de Boletins. Para esses doutoramentos, a Faculdade contou sempre com a colaboração, nas bancas examinadoras, de professores de outros institutos universitários, bem como de pessoas de notório saber nos domínios de sua especialidade.

E' a seguinte a distribuição desses doutoramentos pelas diversas especialidades: Química, 15; Zoologia, 8; História, 7, Geografia, 5; Botânica, 4; Biologia, 3; Geologia, 3; Filosofia, 2; Matemática, 2; Psicologia, 2; Estatística, 2; Mineralogia, 2; Filologia, 2; Física, 2; Sociologia, 2;

Política, 1; Economia Política, 1; Antropologia, 1; Literatura Portuguesa, 1; Língua Tupi-Guarani, 1.

Cronologicamente, assim se distribuem os doutoramentos realizados: 1942, 13; 1943, 3; 1944, 11; 1945, 9; 1946, 8; 1947, 5; 1948, 13; 1949, 4.

Na relação abaixo publicada, em ordem cronológica, dos doutoramentos realizados até 1949, figuram os nomes dos doutorandos, os títulos das teses e a composição das comissões examinadoras e as indicações bibliográficas referentes às teses já publicadas.

*

1942.

1. — SIMÃO MATHIAS.

Data: 12-1-1942.

Tese: "Sôbre mercaptanas bivalentes e sulfeto-dimercaptanas" (Boletim n.º XIV, Química n.º 1, pp. 75-142 — 1942).

Comissão examinadora: Profs. Heinrich Rheinboldt, Heinrich Hauptmann, Gleb Wataghin, Giuseppe Occhialini e Venâncio Malta Machado.

2. — JANDIRA FRANÇA.

Data: 12-3-1942.

Tese: "Sôbre o cafesterol e alguns de seus derivados" (Boletim n.º XIV, Química n.º 1, pp. 143-180 — 1942).

Comissão examinadora: Profs. Heinrich Hauptmann, Heinrich Rheinboldt, Paulo Sawaya, Dorival Fonseca Ribeiro e Henrique Tastaldi.

3. — PASCHOAL ERNESTO AMÉRICO SENISE.

Data: 17-4-1942.

Tese: "Sôbre a natureza dos ácidos coléicos" (Boletim n.º XIV, Química n.º 1, pp. 35-74 — 1942).

Comissão examinadora: Profs. Heinrich Rheinboldt, Heinrich Hauptmann, André Dreyfus, Mário Domingues e Milton Estanislau do Amaral.

4. — MICHEL PEDRO SAWAYA.

Data: 24-4-1942.

Tese: "Sôbre a cloaca dos Siphonops" (Boletim n.º XXV, Zoologia n.º 6, pp. 3-56 — 1942).

Comissão examinadora: Profs. Ernest Marcus, Felix Rawitscher, Heinrich Hauptmann, André Dreyfus, Renato Locchi.

5. — EURÍPIDES SIMÕES DE PAULA.

Data: 19-9-1942.

Tese: "O comércio varegue e o Grão-Principiado de Kiev" (Boletim n.º XXVI, História da Civilização Antiga e Medieval n.º 3 — 1942).

Comissão examinadora: Profs. Jean Gagé, Plínio Ayrosa, Alfredo Ellis Júnior, Pierre Monbeig e Conde Emmanuel Bennigsen.

6. — JOÃO CRUZ COSTA.

Data: 11-11-1942.

Tese: "Ensaio sobre a vida e a obra do filósofo Francisco Sanchez" (Boletim n.º XXIX, Filosofia n.º 1 — 1942).

Comissão examinadora: Profs. Jean Maugüé, Bráulio Sanchez Saez, Roldão Lopes de Barros, Paul Arbousse Bastide e Jean Gagé.

7. — CÂNDIDO LIMA DA SILVA DIAS.

Data: 12-11-1942.

Tese: "Sobre a regularidade dos funcionais definidos no campo das funções localmente analíticas".

Comissão examinadora: Profs. Omar Catunda, Fernando Furquim de Almeida, Milton da Silva Rodrigues, Gleb Wataghin e Mário Schenberg.

8. — ALICE PIFFER CANABRAVA.

Data: 13-11-1942.

Tese: "O comércio português no Rio da Prata de 1580 a 1640" (Boletim n.º XXXV, História da Civilização Americana, n.º 2 — 1945).

Comissão examinadora: Profs. Jean Gagé, Plínio Ayrosa, Pierre Monbeig, Alfredo Ellis Júnior e E. Simões de Paula.

9. — LOURIVAL GOMES MACHADO.

Data: 13-11-1942.

Tese: "Alguns aspectos atuais do problema do método, objeto e divisão da Ciência Política" (Boletim n.º XXXI, Política n.º 1 — 1943).

Comissão examinadora: Profs. Paul Arbousse Bastide, Radcliffe-Brown, Fernando de Azevedo, Roger Bastide e João Cruz Costa.

10. — CICERO CHRISTIANO DE SOUZA.

Data: 13-11-1942.

Tese: "Introdução ao estudo de alguns problemas metodológicos da Psicologia".

Comissão examinadora: Profs. Noemy S. Rudolfer, Jean Maugüé, Paul Arbousse Bastide, Paulo Sawaya e João Cruz Costa.

11. — FRANCISCO BERTI.

Data: 14-11-1942.

Tese: "Estudos sôbre sistemas binários orgânicos".

Comissão examinadora: Profs. Heinrich Rheinboldt, Heinrich Hauptmann, Henrique Tastaldi, Paulo Sawaya, Felix Rawitscher.

12. — ASTROGILDO RODRIGUES DE MELLO.

Data: 14-11-1942.

Tese: "As *encomiendas* e a política colonial de Espanha" (Boletim n.º XXXIV, História da Civilização Americana, n.º 1 — 1945).

Comissão examinadora: Profs. Jean Gagé, Alfredo Ellis Júnior, Bráulio Sanchez Saéz, Emílio Willems e E. Simões de Paula.

13. — EDUARDO ALCÂNTARA DE OLIVEIRA.

Data: 14-11-1942.

Tese: "A concentração demográfica no Brasil" (Boletim n.º XLVII, Estatística n.º 1 — 1944).

Comissão examinadora: Profs. Milton da Silva Rodrigues, Paul Hugon, Roger Bastide, Walter Leser e Authos Pagano.

1943

14. — BENEDITO CASTRUCCI.

Data: 4-8-1943.

Tese: "Sôbre uma nova definição de cúbica plana".

Comissão examinadora: Profs. Omar Catunda, Fernando Furquim de Almeida, Cândido Lima da Silva Dias, Gleb Wataghin e Abrahão de Moraes.

15. — JOSE' QUERINO RIBEIRO.

Data: 12-11-1943.

Tese: "A *Memória* de Martim Francisco sôbre a reforma dos estudos na Capitania de São Paulo" (Boletim n.º LIII, História da Civilização Brasileira n.º 5 — 1945).

Comissão examinadora: Profs. Alfredo Ellis Júnior, Roldão Lopes de Barros, Paul Arbousse Bastide, Astrogildo Rodrigues de Mello e João Cruz Costa.

16. — ROSINA DE BARROS.

Data: 19-11-1943.

Tese: "O parênquima de Triclades do gênero *Euplanária*" (Boletim n.º XXXVI, Biologia n.º 4, pp. 73-118 — 1943).

Comissão examinadora: Profs. André Dreyfus, Ernest Marcus, Zeferino Vaz, Felix Rawitscher e

1944

17. — MÁRIO GUIMARÃES FERRI.

Data: 20-4-1944.

Tese: "Transpiração de plantas permanentes dos "cerrados" (Boletim n.º XLI, Botânica n.º 4, pp. 155-224 — 1944).

Comissão examinadora: Profs. Felix Rawitscher, Ernest Marcus, Paulo Sawaya, Zeferino Vaz e Theodureto de Camargo.

18. — RUI RIBEIRO FRANCO.

Data: 26-5-1944.

Tese: "A faixa estanífera do Rio Grande do Sul" (Boletim n.º XLIV, Mineralogia n.º 6 — 1944).

Comissão examinadora: Profs. Reynaldo Ramos de Saldanha da Gama, Heinrich Rheinboldt, Heinrich Hauptmann, Felix Rawitscher e Rui de Lima e Silva.

19. — JOSUE' CAMARCO MENDES.

Data: 27-5-1944.

Tese: "Lamelibrânquios triássicos de Rio Claro" (Boletim n.º XLV, Geologia n.º 1, pp. 41-76 — 1944).

Comissão examinadora: Profs. Luciano Jacques de Moraes, Ernest Marcus, Heinrich Hauptmann, Octavio Barbosa e Matias G. de Oliveira Roxo.

20. — LÍVIO TEIXEIRA.

Data: 14-7-1944.

Tese: "Nicolau de Cusa" (Publicada na *Revista de História*, n.ºs 5-6-7 — 1951).

Comissão examinadora: Profs. Jean Mangüé, Paul Arbousse Bastide, João Cruz Costa, Jean Gagé e Roldão Lopes de Barros.

21. — TEODORO HENRIQUE MAURER JÚNIOR.

Data: 24-7-1944.

Tese: "A morfologia e sintaxe do genitivo latino" (Boletim n.º LV, Filologia Românica n.º 1 — 1948).

Comissão examinadora: Profs. Urbano Canuto Soares, Otoniel Mota, Mário Pereira de Souza Lima, Fernando de Azevedo e Francisco Silveira Bueno.

22. — ERASMO GARCIA MENDES.

Data: 3-8-1944.

Tese: "Contribuição para a fisiologia dos aparelhos respiratório e circulatório de *Siphonops annulatus*" (Boletim n.º XLVIII, Zoologia n.º 9 pp. 25-68 — 1945).

Comissão examinadora: Profs. Paulo Sawaya, Ernest Marcus, Heinrich Hauptmann, Franklin de Moura Campos e Paulo Enéas Coluão.

23. — WILLIAM GERSON ROLIM DE CAMARGO.

Data: 24-8-1944.

Tese: "Sôbre a gênese da jazida de molibdenita de Vacacaí, Rio Grande do Sul" (Boletim n.º XLIX, Mineralogia, n.º 7 pp. 29-74 — 1945).

Comissão examinadora: Profs. Rui Ribeiro Franco, Luciano Jacques de Moraes, Othon H. Leonardos, Heinrich Rheinboldt e Alceu Fábio Barbosa.

24. — MARIA DE LOURDES PAULA MARTINS.

Data: 18-10-1944.

Tese: "A influência indígena no português do Brasil".

Comissão examinadora: Profs. Francisco da Silveira Bueno, Plínio Ayrosa, Mário Pereira de Souza Lima, Américo de Moura e Juan Francisco Recalde.

25. — OLGA PANTALEÃO.

Data: 11-11-1944.

Tese: "A penetração comercial da Inglaterra na América Espanhola de 1713 a 1783" (Boletim n.º LXII, História da Civilização Moderna e Contemporânea n.º 1 — 1946).

Comissão examinadora: Profs. Jean Gagé, Alfredo Ellis Júnior, Astrogildo Rodrigues de Mello, Pierre Monbeig e Kenneth J. Swann.

26. — CRODOWALDO PAVAN.

Data: 14-11-1944.

Tese: "Os peixes cegos das cavernas de Iporanga e a evolução" (Boletim n.º LXXIX, Biologia n.º 6 — 1945).

Comissão examinadora: Profs. André Dreyfus, Frederico Brieger, Carlos Krug, Luciano Jacques de Moraes e Ernest Marcus.

27. — MARIA DA CONCEIÇÃO VICENTE DE CARVALHO.

Data: 23-11-1944.

Tese: "Santos e a geografia humana do litoral paulista".

Comissão examinadora: Profs. Pierre Monbeig, Alfredo Ellis Júnior, Roger Bastide, Aroldo de Azevedo e Emílio Willems.

1945

28. — ANNITA DE CASTILHO É MARCONDES CABRAL.

Data: 23-4-1945.

Tese: "O conflito dos resultados dos experimentos sôbre a memória de formas" (Boletim n.º LXXIV, Psicologia n.º 2 — 1946).

Comissão examinadora: Profs. Roger Bastide, Emílio Willems, Lourival Gomes Machado, João Cruz Costa e L. Ombredanne.

29. — LAVÍNIA COSTA VILELA.

Data: 4-5-1945.

Tese: "Algumas danças populares no Estado de São Paulo".

Comissão examinadora: Profs. Roger Bastide, Emílio Willems, Fernando de Azevedo, Pierre Monb

30. — LUCILLA HERMANN.

Data: 12-6-1945.

Tese: “Evolução da estrutura social de Guaratinguetá num período de 300 anos” (“Revista de Administração” n.ºs 5-6, março-junho de 1948).

Comissão examinadora: Profs. Roger Bastide, Pierre Monbeig, João Cruz Costa, Fernando de Azevedo e Emílio Willems.

31. — DORIVAL TEIXEIRA VIEIRA.

Data: 31-8-1945.

Tese: “Evolução do sistema monetário brasileiro” (“Revista de Administração” n.º 2, julho de 1947).

Comissão examinadora: Profs. Paul Hugon, Roger Bastide, Alfredo Ellis Júnior, Eduardo Alcântara de Oliveira e Abelardo Vergueiro César.

32. — MARTA VANNUCCI MENDES.

Data: 3-9-1945.

Tese: “Hydroïda Theraphora do Brasil”.

Comissão examinadora: Profs. Ernest Marcus, Paulo Sawaya, André Dreyfus, Felix Rawitscher e Kenneth E. Caster.

33. — PEDRO MOACYR CAMPOS.

Data: 29-9-1945.

Tese: “Alguns aspectos da Germânia antiga através dos autores clássicos” (Boletim n.º LXIV, História da Civilização Antiga e Medieval n.º 5 — 1946).

Comissão examinadora: Profs. E. Simões de Paula, Jean Gagé, Pedro de Almeida Moura, Alfredo Ellis Júnior e Pierre Monbeig.

34. — EGON SCHADEN.

Data: 26-10-1945.

Tese: “Ensaio etno-sociológico sobre a mitologia heróica de algumas tribos indígenas do Brasil” (Boletim n.º LXI, Antropologia n.º 1 — 1946).

Comissão examinadora: Profs. Emílio Willems, Fernando de Azevedo, Herbert Baldus, Plínio Ayrosa e Roger Bastide.

35. — ARY FRANÇA.

Data: 16-11-1945.

Tese: “Estudo sobre o clima da bacia de São Paulo” (Boletim n.º LXX, Geografia n.º 3 — 1946).

Comissão examinadora: Profs. Pierre Monbeig, Aroldo de Azevedo, João Dias da Silveira, Francis Ruellan e Felix Rawitscher.

36. — EDUARDO D'OLIVEIRA FRANÇA.

Data: 22-11-1945.

Tese: “O poder real em Portugal e as origens do absolutismo” (Boletim n.º LXVIII, História da Civilização Antiga e Medieval n.º 6 — 1946).

Comissão examinadora: Profs. E. Simões de Paula, Jean Gagé, Alfredo Ellis Júnior, Astrogildo Rodrigues de Mello e Lourival Gomes Machado.

1946

37. — EDMUNDO FERRAZ NONATO.

Data: 14-6-1946.

Tese: "Sôbre sanguessugas do gênero *Liostoma*" (Boletim n.º LXXX, Zoologia n.º 11 — 1946).

Comissão examinadora: Profs. Ernest Marcus, Paulo Sawaya, Olivério Mário de Oliveira Pinto, Odorico Machado de Souza e André Dreyfus.

38. — WALDOMIRO PREGNOLATO.

Data: 19-2-1946.

Tese: "Análise térmica de sistemas binários de compostos orgânicos".

Comissão examinadora: Profs. Heinrich Rheinboldt, Heinrich Hauptmann, Simão Mathias, Paschoal Senise e Alexandre Vancolle.

39. — GIUSEPPE CILENTO.

Data: 12-10-1946.

Tese: "Isosterismo, Isologia e Isomorfismo".

Comissão examinadora: Profs. Heinrich Rheinboldt, Heinrich Hauptmann, Rui Ribeiro Franco, Simão Mathias e Giorgio Renato Levi.

40. — GERMÍNIO NAZÁRIO.

Data: 26-10-1946.

Tese: "Estudo sôbre a substituição isomorfa dos halogênios e pseudo-halogênios na posição beta da molécula da Naftalena".

Comissão examinadora: Profs. Heinrich Rheinboldt, Heinrich Hauptmann, Simão Mathias, Jandira França e Paulo Guimarães da Fonseca.

41. — ANTÔNIO AUGUSTO SOARES AMÓRA.

Data: 30-10-1946.

Tese: "O Nobiliário do Conde D. Pedro de Barcelos" (Boletim n.º XCII, Letras n.º 4 — 1948).

Comissão examinadora: Profs. Fidelino de Figueiredo, E. Simões de Paula, Luiz Amador Sanchez, João Cruz Costa e Astrogildo Rodrigues de Mello.

42. — CARLOS DRUMOND.

Data: 8-11-1946.

Tese: "Da partícula *hab.a* do tupi-guarani" (Boletim n.º LXVI, Etnografia n.º 12 — 1946).

Comissão examinadora: Profs. Plínio Ayrosa, Aluísio de Faria Coimbra, Alfredo Ellis Júnior, Aroldo de Azevedo e Jara Troché.

43. — JOÃO DIAS DA SILVEIRA.

Data: 21-11-1946.

Tese: "Estudo geográfico dos contrafortes ocidentais da Serra da Mantiqueira".

Comissão examinadora: Profs. Pierre Monbeig, Astrogildo Rodrigues de Mello, Alfredo Ellis Júnior, Aroldo de Azevedo e Felix Rawitscher.

44. — NICE LECOCQ MÜLLER.

Data: 22-11-1946.

Tese: "Tipos de sitiantes em algumas regiões do Estado de São Paulo" (Boletim n.º 132, Geografia n.º 7 — 1951).

Comissão examinadora: Profs. Pierre Monbeig, Roger Bastide, Emílio Willems, Aroldo de Azevedo e João Dias da Silveira.

1947

45. — RUY OZÓRIO DE FREITAS.

Data: 7-5-1947.

Tese: "Geologia e petrologia da Ilha de São Sebastião" (Boletim n.º LXXXV, Geologia n.º 3 — 1947).

Comissão examinadora: Profs. Kenneth E. Caster, Reynaldo Ramos de Saldanha da Gama, Rui Ribeiro Franco, Aroldo de Azevedo e Alceu Fábio Barbosa.

46. — GABRIELLA ZUCCARI.

Data: 3-6-1947.

Tese: "Condições de divisão e regeneração de Naididae" (Boletim n.º LXXX, Zoologia n.º 12 — 1947).

Comissão examinadora: Profs. Ernest Marcus, Paulo Sawaya, Olivério Mário de Oliveira Pinto, Kenneth E. Caster e Zeferino Vaz.

47. — MERCEDES RACHID.

Data: 11-6-1947.

Tese: "Transpiração e sistemas subterrâneos da vegetação de verão dos campos cerrados de Emas" (Boletim n.º LXXX, Botânica n.º 5 — 1947).

Comissão examinadora: Profs. Felix Rawitscher, André Dreyfus, Ernest Marcus, Theodureto de Camargo e Karl Silberschmidt.

48. — MADELEINE PERRIER.

Data: 14-11-1947.

Tese: "Estudo sistemático sobre a substituição isomorfogênica dos átomos e pseudo-átomos halogênicos e de grupos pseudo-halogênicos na posição 1 da 2,4-dinitrobenzena".

Comissão examinadora: Profs. Heinrich Rheinboldt, Heinrich Hauptmann, Simão Mathias, Rubens S. Pereira e Henrique Tassaldi.

49. — ERNESTO GIESBRECHT.

Data: 22-11-1947.

Tese: “Estudo sistemático sobre o isomorfismo de éteres, sulfetos e teluretos acíclicos”.

Comissão examinadora: Profs. Heinrich Rheinboldt, Heinrich Hauptmann, Simão Mathias, Quintino Mingoja e Karl Slotta.

1948

50. — LINDO FAVA.

Data: 23-3-1948.

Tese: “Contribuição para o estudo das séries estatísticas a duas dimensões”.

Comissão examinadora: Profs. Milton da Silva Rodrigues, Eduardo Alcântara de Oliveira, Omar Catunda, Frederico Brieger e Pedro Egídio de Carvalho.

51. — DOMINGOS VALENTE.

Data: 9-4-1948.

Tese: “O mecanismo da respiração do *Trichodactylus petropolitanus* (Goeldi)” (Boletim n.º XCIII, Zoologia n.º 13 — 1948).

Comissão examinadora: Profs. Paulo Sawaya, Ernest Marcus, Paulo Galvão, José Ribeiro do Vale e Michel Pedro Sawaya.

52. — DIVA DINIZ CORRÊA.

Data: 13-4-1948

Tese: “A embriologia de *Bugula flabellata*” (Boletim n.º CXIII, Zoologia n.º 13 — 1948).

Comissão examinadora: Profs. Ernest Marcus, Paulo Sawaya, Zeferino Vaz, Olivério Mário de Oliveira Pinto e Flávio Fonseca.

53. — ERIKA ANNA LUISA RAWITSCHER.

Data: 29-4-1948.

Tese: “Improcedência da potometria em medidas de transpiração” (“Anais da Academia Brasileira de Ciências”, tomo XXI, n.º 2 — 1949).

Comissão examinadora: Profs. Felix Rawitscher, Ernest Marcus, Heinrich Rheinboldt, Karl Silberschmidt e Agésilau Antônio Bittancourt.

54. — WALTER LOEWENSTEIN.

Data: 4-5-1948.

Tese: “Estudo sobre o conteúdo em háfnio dos minerais de zircônio da região de Poços de Caldas”.

Comissão examinadora: Profs. Heinrich Rheinboldt, Heinrich Hauptmann, Simão Mathias, Reynaldo Ramos de Saldanha da Gama e Francisco João Humberto Maffei.

55. — SETEMBRINO PETRI.

Data: 15-9-1948.

Tese: "Contribuição para o estudo do devoniano paranaense" (Boletim n.º 129 do Departamento da Produção Mineral — 1948).

Comissão examinadora: Profs. Viktor Leinz, Kenneth E. Caster, Reynaldo Ramos de Saldanha da Gama, Ernest Marcus e Octavio Barbosa.

56. — RENATO DA SILVEIRA MENDES.

Data: 23-10-1948.

Tese: "Paisagens culturais da Baixada Fluminense" (Boletim n.º CX, Geografia n.º 4 — 1950).

Comissão examinadora: Profs. Pierre Gourou, Aroldo de Azevedo, João Dias da Silveira, Alfredo Ellis Júnior e Eduardo Alcântara de Oliveira.

57. — ALFREDO LEVY.

Data: 30-10-1948.

Tese: "Estudos sôbre a influência do comprimento da cadeia carbônica na formação de soluções sólidas em compostos orgânicos".

Comissão examinadora: Profs. Heinrich Rheinboldt, Simão Mathias, Heinrich Hauptmann, Theodureto Souto e Paulo Krumholz.

58. — WALDEMAR SAFFIOTI.

Data: 13-11-1948.

Tese: "Sôbre compostos de adição de sulfóxidos e senelóxidos".

Comissão examinadora: Profs. Heinrich Rheinboldt, Simão Mathias, Heinrich Hauptmann, Francisco Berti e Rui Ribeiro Franco.

59. — LUCY LACERDA NAZÁRIO.

Data: 16-11-1948.

Tese: "Sôbre alguns constituintes das folhas de *Cassia Alata*".

Comissão examinadora: Profs. Heinrich Hauptmann, Simão Mathias, Heinrich Rheinboldt, Ricardo Wasicky e Jayme A. Cavalcanti.

60. — HANNA A. ROTHSCHILD.

Data: 20-11-1948.

Tese: "Ácido anacárdico, Anacardol e substâncias correlatas".

Comissão examinadora: Profs. Heinrich Hauptmann, Simão Mathias, Heinrich Rheinboldt, Klaus Neiser e Paschoal Senise.

61. — ANTÔNIO BRITO CUNHA.

Data: 26-11-1948.

Tese: "Contribuição à análise do polimorfismo".

Comissão examinadora: Profs. André Dreyfus, Paulo Sawaya, Ernest Marcus, Theodozius Dobzhansky e Carlos Arnaldo Krug.

62. — BERTA LANGE DE MORRETES.

Data: 27-11-1948.

Tese: "Ciclo evolutivo de *Pilacrella Delectans*" (Boletim n.º C, Botânica n.º 8 — 1950).

Comissão examinadora: Profs. Felix Rawitscher, Ernest Marcus, André Dreyfus, Floriano de Almeida, Edgar Barroso do Amaral.

1949

63. — BLANKA WLADISLAW.

Data: 19-3-1949.

Tese: "O comportamento de compostos de enxofre em presença de níquel de Raney".

Comissão examinadora: Profs. Heinrich Hauptmann, Simão Mathias, Heinrich Rheinboldt, Paulo Krumholz e Maurício da Rocha e Silva.

64. — MARIA DOLORES UNGARETTI.

Data: 4-6-1949.

Tese: "Sôbre a fisiologia da digestão e da respiração das *Temnocephala*" (Boletim n.º XCIX, Zoologia n.º 14 — 1949).

Comissão examinadora: Profs. Paulo Sawaya, Zeferino Vaz, Maurício da Rocha e Silva, Ernest Marcus e José Ribeiro do Vale.

65. — PAULUS AULUS POMPEIA.

Data: 17-10-1949.

Tese: "O problema estatístico das ocorrências casuais e os contadores Geiger-Mueller".

Comissão examinadora: Profs. Gleb Wataghin, Marcelo Damy de Souza Santos, Cândido Lima da Silva Dias, Abrahão de Moraes e Omar Catunda.

66. — PAULO TAQUES BITTENCOURT.

Data: 29-11-1949.

Tese: "Esquema de desintegração do Te. 121".

Comissão examinadora: Profs. Marcelo Damy de Souza Santos, Oscar Sala, Hans Stammreich, Abrahão de Moraes e Leon Rubin.

XI. — Congregação e Conselho Técnico-Administrativo (*)

(*) — Em face da enorme documentação existente nos *Livros de Atas*, resolveu a *Secção de Publicações* imprimir apenas as atas de instalação da Congregação e do Conselho Técnico-Administrativo, por serem documentos de alto valor histórico para a Faculdade.

ATA DA SESSÃO DE INSTALAÇÃO DOS TRABALHOS DA CONGREGAÇÃO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.

Aos sete dias do mês de agosto de 1941, na sala da Congregação, instalada no 3.º andar do edifício da Escola "Caetano de Campos", sede provisória da Faculdade, realizou-se, com início às dezesseis horas, a primeira sessão da Congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, constituída na forma do decreto estadual n.º 12.038, de 1.º de julho de 1941, e convocada pela circular n.º 32/41, de 4 de agosto. Presidiu a sessão o Diretor da Faculdade, Prof. Dr. Fernando de Azevedo, secretariando os trabalhos o Secretário da Faculdade, Dr. Ruy Bloem. Compareceram à sessão os seguintes professôres: João Cruz Costa, professor contratado da 1a. Cadeira (Filosofia); Jean Maugué, professor contratado da 2a. Cadeira (História da Filosofia); Roger Bastide, professor contratado da 4a. Cadeira (Sociologia); Paul Arbousse-Bastide, professor contratado da 5a. Cadeira (Política); Luigi Galvani, professor contratado da 6a. Cadeira (Estatística Geral e Aplicada); Fernando Furquim de Almeida, professor contratado da 7a. Cadeira (Crítica dos Princípios e Complementos de Matemática); Omar Catunda, professor contratado da 8a. Cadeira (Análise Matemática); Giacomo Albanese, professor contratado da 9a. Cadeira (Geometria Analítica, Projetiva e Descritiva); Heinrich Hauptmann, professor contratado da 14a. Cadeira (Química Geral e Inorgânica e Química Analítica); André Dreyfus, professor catedrático da 17a. Cadeira (Biologia Geral); Ernest Marcus, professor contratado da 18a. Cadeira (Zoologia); Paulo Sawaya, professor catedrático da 19a. Cadeira (Fisiologia Geral e Animal); Felix Rawitscher, professor contratado da 20a. Cadeira (Botânica); Otorino De Fiore di Cropani, professor contratado da 21a. Cadeira (Geologia e Paleontologia); Reynaldo Ramos de Saldanha da Gama, professor contratado da 22a. Cadeira (Mineralogia e Petrografia); João Dias da Silveira, professor contratado da 23a. Cadeira (Geografia Física); Pierre Monbeig, professor contratado da 24a. Cadeira (Geografia Humana); Eurípedes Simões de Paula, professor contratado da 26a. Cadeira (História da Civilização Antiga e Medieval); Jean Gagé, professor contratado da 27a. Cadeira (História da Civilização Moderna e Contemporânea); Alfredo Ellis Júnior, professor catedrático da 28a. Cadeira (História da Civilização Brasileira); Plínio Ayrosa, professor catedrático da 29a. Cadeira (Etnografia e Língua Tupi-Guarani); Paul Hugon, professor contratado da 31a. Cadeira (Economia Política e História das Doutrinas Econômicas); Urbano Canuto Soares, professor contratado da 32a. Cadeira (Língua e Li-

teratura Latina); Vittorio De Falco, professor contratado da 33a. Cadeira (Língua e Literatura Grega); Francisco da Silveira Bueno, professor catedrático da 34a. Cadeira (Filologia e Língua Portuguesa); José Maria Marques da Cruz, professor contratado da 35a. Cadeira (Literatura Portuguesa); Mário Pereira de Souza Lima, professor contratado da 36a. Cadeira (Literatura Brasileira); Alfred Bonzon, professor contratado da 38a. Cadeira (Língua e Literatura Francesa); Bráulio Sanchez-Sáez, professor contratado da 40a. Cadeira (Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana); Douglas Redshaw, professor contratado da 41a. Cadeira (Língua Inglêsa e Literatura Inglêsa e Anglo-Americana); Pedro de Almeida Moura, professor contratado da 42a. Cadeira (Língua e Literatura Alemã); Cícero Christiano de Souza, professor substituto da 43a. Cadeira (Psicologia Educacional); Onofre de Arruda Penteado Júnior, professor catedrático da 46a. Cadeira (Didática Geral e Especial); Maria de Lourdes Batista dos Santos, professora substituta da 48a. Cadeira (Biologia Educacional, Fundamentos Biológicos da Educação e Higiene Escolar) e Fernando de Azevedo, professor catedrático da 49a. Cadeira (Sociologia Educacional) — num total de trinta e cinco professôres. Compareceu ainda o sr. prof. Emílio Willems, livre-docente e professor contratado da disciplina de Antropologia, sem direito de voto nas deliberações. Deixaram de comparecer por motivo justificado os srs. professôres Marcelo Damy de Souza Santos, professor contratado da 12a. Cadeira (Física Geral e Experimental); Gleb Wataghin, professor contratado da 13a. Cadeira (Física Teórica e Física Matemática); Heinrich Rheinboldt, professor contratado da 15a. Cadeira (Química Orgânica e Química Biológica); Giuseppe Ungaretti, professor contratado da 39a. Cadeira (Língua e Literatura Italiana); Roldão Lopes de Barros, professor catedrático da 45a. Cadeira (História e Filosofia da Educação) e Milton da Silva Rodrigues, professor catedrático da 47a. Cadeira (Estatística Educacional). As Cadeiras n.ºs 3 (Psicologia), 10 (Complementos de Geometria e Geometria Superior), 11 (Mecânica Racional e Mecânica Celeste), 16 (Físico-Química e Química Superior), e 44 (Administração Escolar e Educação Comparada) não se fizeram representar, por não terem ainda professor catedrático ou contratado, sendo os respectivos cursos ministrados, no corrente ano, inteiramente, pelos seguintes professôres: João Cruz Costa e Jean Maugué (Psicologia); Giacomo Albanese (Complementos de Geometria e Superior); Gleb Wataghin (Mecânica Racional e Mecânica Celeste); Heinrich Rheinboldt e Heinrich Hauptmann (Físico-Química e Química Superior); e Milton da Silva Rodrigues (Administração Escolar e Educação Comparada). As Cadeiras ns. 25 (Geografia do Brasil), 30 (História da Civilização Americana) e 37 (Filologia Românica) achavam-se vagas, só devendo funcionar no próximo ano de 1941, quando se instalar a 3a. série dos cursos a que se refere o decreto 12.038. Abrindo a sessão, o Sr. Diretor congratulou-se com os srs. professôres por motivo da instalação dos trabalhos da Congregação, cujas atribuições, até o presente, em virtude da legislação anterior, eram

exercidas pelo Conselho Universitário. Tendo o Decreto 12.038, de 1.º de julho do corrente ano, constituído a Congregação da Faculdade, da qual fazem parte todos os seus professores, catedráticos ou contratados, apressou-se em convocar a presente reunião, antes mesmo da instalação solene que projetava realizar, a fim de ouvir a Congregação a respeito de assuntos urgentes a deliberar. Não podia, contudo, deixar de manifestar a sua satisfação em ver reunida a Congregação da Faculdade porque, em consequência do Decreto 12.038, a administração do estabelecimento será exercida pela Diretoria, pelo Conselho Técnico-Administrativo e pela Congregação, o que representava para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras a sua carta de maioridade.

*

* * *

ATA DE INSTALAÇÃO DO CONSELHO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO DA FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS.

Aos vinte e cinco dias do mês de agosto de 1941, na sala da Diretoria da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, compareceram, devidamente convocados pelos ofícios n.ºs 878 a 881, de 21 do mesmo mês os Srs. Professores Milton Camargo da Silva Rodrigues, Paulo Sawaya, Plínio Ayrosa e André Dreyfus. Presentes no mesmo local, às 15,30 horas, o senhor professor Fernando de Azevedo, Diretor e Ruy Bloem, Secretário da Faculdade, usou da palavra o Professor Fernando de Azevedo, para comunicar que, de acôrdo com a indicação da Congregação da Faculdade haviam sido pelo Sr. Secretário da Educação nomeados os quatro mencionados professores para constituírem o Conselho Técnico-Administrativo, nas seguintes condições, conforme ato daquele titular publicado no *Diário Oficial* de 20 de agosto: Os professores Milton Rodrigues e Paulo Sawaya, pelo prazo de dois anos, e os professores Plínio Ayrosa e André Dreyfus, pelo prazo de um ano, a fim de ser possível a renovação periódica do Conselho Técnico-Administrativo, na forma regulamentar. Prosseguindo, o Sr. Diretor declarou empossados os referidos membros do Conselho Técnico-Administrativo, com os quais se congratulou, por que a instalação do Conselho Técnico-Administrativo correspondia ao último passo para a conquista da autonomia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, cuja direção, depois de sete anos, passará a ser exercida, em conjunto, pela Diretoria, pela Congregação e pelo Conselho Técnico-Administrativo, como os demais institutos universitários.

